

**Figurações e Transfigurações: prostitutas acompanhantes e homens
clientes em processo de construção de si.**

Bernardo Marques Soares da Cruz Coelho

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de
Doutor em Sociologia

Orientador(a):

Professor Associado (com Agregação), Miguel Vale de Almeida, ISCTE-IUL

Coorientador(a):

Professora Catedrática Anália Torres, ISCSP-ULisboa

Outubro, 2019

Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Departamento de Sociologia

**Figurações e Transfigurações: prostitutas acompanhantes e homens
clientes em processo de construção de si.**

Bernardo Marques Soares da Cruz Coelho

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de
Doutor em Sociologia

Júri:

Doutor José Fernando Bessa Ribeiro, Professor Associado c/ Agregação, Universidade do Minho

Doutora Alexandra Maria da Silva Oliveira, Professora Auxiliar, Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação, Universidade do Porto

Doutor Octávio José Rio do Sacramento, Professor Auxiliar, Escola de Ciências Humanas e Sociais,
Universidade de Trás os Montes e Alto Douro

Doutor António Manuel Hipólito Firmino da Costa, Professor Catedrático, ISCTE – Instituto
Universitário de Lisboa

Doutora Anália Maria Cardoso Torres, Professora Catedrática, Instituto Superior de Ciências Sociais e
Políticas, Universidade de Lisboa

Outubro, 2019

Agradecimentos |

Visto à distância. Olhando a partir do fim, este percurso é partilhado com quem comigo se cruzou ao longo deste tempo; pessoas cruciais para que o caminho não fosse tão solitário como se imagina à partida.

Visto à distância. Do outro lado deste longo percurso sou profundamente devedor dos incentivos, das discussões, dos questionamentos e dos estímulos à imaginação dos meus orientadores, Anália Torres e Miguel Vale de Almeida. Uma dívida que não se salda, obviamente, nestes curtos agradecimentos. À Anália Torres tenho ainda a agradecer um mundo imenso de aprendizagem, de abertura, de solidariedade, de confiança e responsabilidade que sempre depositou em mim ao longo de todo este tempo e muito para além da orientação deste trabalho. Um privilégio que é também um universo de gratidão que nenhuma palavra, nem todas as palavras juntas, podem descrever.

Ao CIES-IUL agradeço o acolhimento institucional deste projeto de investigação e a possibilidade de trilhar este percurso de investigação de forma sempre estimulante. À Fundação para a Ciência e Tecnologia, que através de uma bolsa, permitiu que me dedicasse a este projeto.

Visto à distância. Do outro lado do que fui capaz de escrever estão as mulheres e os homens que me escolheram para contarem as suas vidas. Sem eles nem uma linha teria sido possível escrever.

Visto à distância. Visto desde o carrocél de desafios que se foram sucedendo ao mesmo tempo que corria esta pesquisa, agradeço as todas as pessoas que, apesar da intensidade e exigência dos projetos em que estávamos envolvidos, sempre foram capazes de me incentivar e de me dar tempo.

Visto a distância. A partir da vida de todos os dias, agradeço às minhas colegas e amigas Diana Maciel, Clara Oliveira e Patrícia São João, o tempo que me ofereceram para ir avançando e terminando este trabalho. Sempre que este percurso se cruzou com a intensidade de outros projectos ou com as contracurvas da vida, elas tornaram feliz a constatação de que a solidariedade é central para a vida.

Visto à distância. Vislumbrando o ponto de partida, agradeço à Sofia o apoio do tempo inicial deste percurso, bem como a solidariedade na tarefa de cuidar e fazer crescer a M. e a S.

Visto a distância. Olhando do fim para o princípio, talvez nada disto tivesse sido possível sem as amizades que me souberam resgatar à intensidade do trabalho e das coisas da vida e que nunca me faltaram apesar de eu ter estado ausente demasiadas vezes. Agradeço, por isso, ao André, ao Paulo, ao João e ao Rui, a incorrigível presença e a dedicação que me ajuda a percorrer a vida acompanhado e seguro. À Maria que numa fase conturbada me acolheu sem reservas. Ao João Afonso que me lançou um desafio levando-me a conhecer outro continente e todo um hemisfério de pessoas, de experiências e de novos entendimentos sobre a relevância social da sociologia. À Patrícia pelas conversas sem fim, pelas discussões acaloradas que me obrigam sempre a pensar mais, seja sobre o tema deste trabalho ou

outro qualquer (porque as conversas são como cerejas). Pelos abraços, e por tudo o que ela sabe que lhe devo.

Visto a distância. A partir dos olhos de quem vê mais longe, todo este tempo tem de ser dedicado à Margarida e à Sara sempre disponíveis para me exigirem viajar pelos seus dias e pelos seus sonhos sempre diferentes e cheios de emoção. A elas devo-lhes os futuros que me acrescentam todos os dias.

Visto à distância, este percurso não teria sido possível sem a vida vivida com a Rosário. A ela devo o constante encorajamento, a sabedoria das observações e a permanente confiança naquilo que eu fazia. Mas mais do que isso, a ela devo a partilha da vida, o mundo que me oferece e tudo o que inventamos, o cuidado, o companheirismo e o humor desarmante.

Resumo |

A análise sociológica da prostituição e dos seus protagonistas implica definir e gerir um objecto cujo excesso de visibilidade social se fundamenta num conjunto de imagens e discursos que dão forma a uma *prostituição imaginativa*.

Assumindo como referente empírico um tipo abrigado e selectivo de prostituição e os seus protagonistas - mulheres prostitutas acompanhantes e homens clientes -, e seguindo uma estratégia metodológica que conjuga etnografia e a biografia (histórias de vida multidimensionais), o centro do interesse desloca-se do fenómeno para os seus protagonistas. São as mulheres e os homens autores e actores desta parcela da realidade social e sexual que constituem o interesse central desta pesquisa.

Entendem-se estas mulheres e homens como indivíduos com uma existência social que ultrapassa a prostituição e que essas outras dimensões da vida terão, necessariamente, alcance explicativo sobre a realidade prostitucional de que são protagonistas.

O esforço teórico e analítico é orientado pela preocupação de explicar a forma como as estruturas sociais surgem internalizadas nestes protagonistas, explicando como se estabelecem vasos comunicantes entre essas estruturas e a capacidade de acção reflexiva destas mulheres e homens. Neste caminho define-se o lugar desta forma de prostituição no universo do trabalho sexual; conhecem-se as condições de existência que afectam o quotidiano destas mulheres e homens; entendem-se os percursos biográficos que fizeram destas pessoas prostitutas acompanhantes ou clientes; enquadram-se as suas histórias pessoais no contexto das desigualdades estruturais entre homens e mulheres; finalmente, dá-se espaço para melhor conhecer a sexualidade e a intimidade em contexto prostitucional

Palavras-chave |

Prostituição. História de vida. Acompanhantes. Clientes. Classes sociais. Género. Sexualidade. Intimidade.

Abstract |

The sociological analysis of prostitution and its protagonists implies defining an object whose excessive social visibility is based on a set of images and discourses that form an *imaginative prostitution*.

Assuming as an empirical referent a sheltered and selective type of prostitution and its protagonists – escort girls and male customers - and following a methodological strategy combining ethnography and biography (multidimensional life stories), the scope shifts from the phenomenon to its protagonists. The central concern of this research is constituted by the women and men authors and actors of this realm of the social and sexual reality.

These women and men are understood as individuals with a multidimensional social existence that goes beyond the prostitution realm, at the same time, these other dimensions of life provide explanatory possibilities about these particular prostitutional reality.

The analytical and theoretical effort is concerned with the explanation of how social structures are internalized by these protagonists, clarifying how connections between those structures and the capacity for reflexive action of these women and men are established. On the scope of this, we define the borders of this type of prostitution taking into account the universe of the sex work; we comprehend the objective living conditions that affect the daily lives of these women and men; we understand the biographical pathways that made these women escorts, and these men clients; we analyse their life stories in the context of structural inequalities between men and women; finally, we assess sexuality and intimacy in this prostitutional context.

Key-words |

Prostitution. Life stories. Escort-girls. Male clientes. Social Classes. Gender. Sexuality. Intimacy.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1 Os meios de pesquisa	18
1.1 Desigualdades, prostituição e feminismos: a importância das classes sociais	19
1.2 Contexto e agência, modos de vida e quadros de interacção	30
1.3 Feminismos, sexualidade e sociologia	34
1.4 Dinheiro e intimidade	41
1.5 Metodologia	42
Capítulo 2 Quadros de interacção	54
2.1 As fronteiras externas e a circunscrição de um objecto	58
2.2 Morfologia física, espacialidade e co-presença	65
2.3 Os sítios da prostituição e a realidade erótica	72
2.4 Expansão do quadro interaccional no ciberespaço	74
2.5 Não se nasce acompanhante, nem se nasce cliente: sintonização disposicional ou a aprendizagem de mulheres e homens na prostituição	92
2.6 Prostituição, quadro de interacção e redes de confiança	99
Capítulo 3 Classes sociais e atributos estruturais de acompanhantes e clientes	115
3.1 O carácter mediador e os protagonistas sociais	115
3.2 <i>As times goes by fundamental things apply</i>	117
3.3 Protagonistas e indicadores base de classe social	122
Capítulo 4 Modos de vida, mudar de vida e prostituição	140
4.1 Trajectórias sociais contínuas: modos de vida, projectos e dramaturgias individuais	143
4.2 Sossego desassossegado: prostituição como plataforma de mobilidades sociais	152
4.3 Desenganar a vida: a prostituição como alternativa radical	180
4.4 Excitação estável: prostituição como sinal exterior de sucesso social	191

Capítulo 5	Na cama com...	235
5.1	Género e o estatuto problemático do sexo para homens e mulheres	237
5.2	Realidade erótica, ilusão e taylorização do sexo	251
5.3	A híper-sexualidade que se expande	260
Capítulo 6	Prostituição, dinheiro e intimidade	272
6.1	Intimidade circunscrita	278
6.2	Intimidade como trabalho	291
Notas conclusivas		305
Bibliografia		321
 Lista de figuras		
Quadro 2.1 	Tabela de preços e serviços (sexuais e não sexuais)	67
Quadro 2.2 	Estrutura de um site de anúncios de acompanhantes	78
Quadro 2.3 	Sistema pessoal de monitorização de contactos/clientes (excerto i)	84
Quadro 2.4 	Glossário	98
Quadro 2.5 	Definição do quadro de interacção - síntese	114
Quadro 3.1 	Situação na profissão por grupos profissionais	128
Quadro 3.2 	Mapa de perfis de classe de acompanhantes e clientes	129
Quadro 3.3 	Profissão principal e domínio de conhecimento	136
Quadro 3.4 	Classe social individual	136
Quadro 4.1 	Características dos modos de vida	152
Quadro 4.2 	Modo de vida sossego desassossegado	153
Quadro 4.3 	Modo de vida desenganar a vidad	181
Quadro 4.4 	Modo de vida excitação estável	191
Quadro 5.1 	Sistema pessoal de monitorização de contactos/clientes (excerto ii)	253

INTRODUÇÃO |

Diferentes gerações de pensamento imaginaram que o aumento progressivo da participação das mulheres no mercado de trabalho (tendencialmente em condições igualitárias com os homens) e o declínio do duplo padrão sexual (manifestação objectiva da ordem de género na sexualidade) eliminariam as razões sociais da prostituição (Bernstein, 2001, 2007a e 2007b). Contudo, a indústria do sexo não só não desvaneceu como tem crescido e diversificado os seus mercados, áreas de actuação e formas de actividade (Bernstein, 2007a e 2007b; Sanders, 2005a e 2008; Sanders et al, 2009; Earl e Sharp, 2007; Attwood, 2006 e 2009).

O trabalho que aqui se apresenta resulta de um longo processo de pesquisa no terreno que articula as abordagens etnográfica e biográfica ao fenómeno da prostituição e a um tipo específico de prostituição: aquele protagonizado pelas mulheres acompanhantes e pelos homens seus clientes. Por um lado, baseia-se numa etnografia salpicada, na medida em que o objecto não tem um terreno físico e aquele que existe parece fugir sistematicamente debaixo dos pés do sociólogo (Coelho, 2009a). Por outro, fundamenta-se na construção cuidadosa de biografias longas e multidimensionais que permitem enquadrar e entender a vida narrada e vivida por mulheres acompanhantes e homens clientes no conjunto mais vasto das suas sociabilidades, bem como contextualizar criticamente a biografia contada na forma como estes protagonistas da prostituição incorporam a sociedade em cada momento e cenário da sua existência social.

A análise tem como referente empírico um tipo específico, abrigado e selectivo de prostituição e os seus protagonistas: mulheres prostitutas acompanhantes e homens que recorrem a esta forma de prostituição. Estas mulheres e estes homens autores e actores de uma parcela específica da realidade social, sexual e prostitucional constituem o interesse central desta pesquisa. Deste modo, o esforço analítico e teórico é orientado pela preocupação de descrever e explicar a forma como as estruturas sociais surgem internalizadas nestas mulheres e nestes homens, bem como explicar como se estabelecem os permanentes vasos comunicantes entre essas estruturas e a capacidade de agencialidade e de acção reflexiva destes protagonistas.

De forma mais clara, trata-se de conhecer as suas condições de existência, os problemas, dificuldades e constrangimentos que os afectam no quotidiano de vida, entender os percursos biográficos que fizeram destas mulheres prostitutas acompanhantes e destes homens clientes. Trata-se de enquadrar estas histórias pessoais no contexto das desigualdades estruturais entre homens e mulheres e também da necessidade de conhecer melhor a sexualidade e a intimidade não esquecendo os discursos ideológicos que formatam os actuais debates em torno da prostituição (Bernstein, 2007a) – preocupação com as estruturas sociais simbólico-ideológicas. Finalmente trata-se de entender que

estas mulheres e homens têm uma existência social para além da prostituição, e que essas outras dimensões da sua vida e também a forma como elas e eles actuam estratégica e reflexivamente terão, necessariamente, alcance explicativo sobre a realidade prostitucional de que são protagonistas.

Mas importa ter claro que a prostituição, as mulheres acompanhantes e os homens clientes constituem um objecto com excesso de visibilidade social. Mais, essa visibilidade sedimenta-se num conjunto de imagens que povoam o olhar comum, mas que também se constituem como referências com as quais o investigador se tem de confrontar. Deste modo, devemos ter em consideração que os discursos de senso comum, as apropriações artísticas da realidade prostitucional e os discursos das ciências sociais contribuem para a noção de *prostituição imaginativa* que – adaptada da noção de geografia imaginativa (Saïd, 2004) - designa uma colecção de sonhos, imagens e vocabulários disponíveis para todos aqueles que tenham tentado pensar ou falar acerca da prostituição e dos seus protagonistas.

Prostituição imaginativa

Tal como no trabalho de Saïd (2004) onde geografias imaginativas e arbitrárias opõem o ocidente ao oriente numa lógica etnocêntrica e colonialista, a pesquisa sociológica em torno da prostituição obriga ao confronto com um conjunto de fantasias, imagens, idealizações e representações acerca da prostituição, das mulheres prostitutas e dos homens clientes que nos fazem crer na existência de uma prostituição (fenómeno) imaginativa e arbitrária, bem como na presença de prostitutas e clientes (protagonistas) imaginados.

Deste modo, a noção de prostituição imaginativa designa a colecção de sonhos, imagens e vocabulários disponíveis para todos aqueles que tenham tentado pensar ou falar acerca do fenómeno ou dos seus protagonistas. Na produção desta colecção, o mundo exterior à prostituição é que se desloca para o interior, e não o movimento contrário. A visibilidade da prostituição é produto de uma colonização que a partir do exterior tece os contornos através dos quais pensamos conhecer a realidade prostitucional. Nesta lógica, os significados produzidos a partir dos protagonistas, sobretudo se falamos das mulheres prostitutas, tendem a ser desvalorizados (Alexander, 1997, 1998; Coelho, 2009a; Nagle, 1997; O’Neil, 1997 e 2001; Scambler e Scambler, 1997).

A prostituição imaginativa assenta na produção da divisão geométrica entre exterior e interior da prostituição, no afastamento geográfico entre o ‘lá’ e um ‘cá’, finalmente, assenta na construção de uma clivagem social. A divisão geométrica traduz-se na oposição hostil entre interior e exterior, implicando uma dialéctica de esartejamento entre inclusão e exclusão, entre ser e não-ser (Bachelard, 2003): esartejamento entre a inclusão e a exclusão da prostituição, entre o ser ou não ser uma mulher prostituta ou um homem cliente. A geometrização do espaço antropológico e das relações sociais determina espaços onde os indivíduos podem ou não entrar, lugares e contextos sociais a que

desejam pertencer ou dos quais pretendem fugir. No plano geográfico, produzindo o cá e um lá, um mundo próximo e um continente afastado, o mundo que é o nosso (um ‘cá’ que se vive) fica transformado numa realidade ilusoriamente distante de um ‘lá’ que se aponta e acusa. Aquele outro mundo, o interior da prostituição, as pessoas que o habitam e nele produzem uma complexa encruzilhada de relações e significados. A este outro mundo são atribuídos valores como vazio, perda, imoralidade, decadência, desastre, impureza, devassidão, desregramento, crime, desvio, etc.

A clivagem social, corolário desta construção imaginativa e arbitrária da prostituição e dos seus protagonistas, é melhor entendida enquanto forma activa de produção de desigualdades existenciais (Therborn, 2006). Isto é, a colonização da prostituição torna evidente a existência de um reconhecimento desigual dos indivíduos. Uma desigualdade que segrega as mulheres prostitutas das não prostitutas, os homens clientes dos não clientes: as mulheres prostitutas surgem como mulheres desprovidas de agencialidade (são mulheres prostituídas, coagidas e forçadas), reprodutoras do sistema de dominação masculina que as oprime, em contraponto, as outras fora do comércio sexual, são emancipadas, livres e assumem uma posição de ruptura crítica como uma economia simbólica masculina (Coelho, 2009a; O’Neil, 1997 e 2001). Os homens aparecem cindidos entre os violentos que recorrem à prostituição e os outros que escapam a esta acusação (Sanders, 2008). Desta forma, a prostituição imaginativa e o movimento colonizador que lhe subjaz revela-se a base para a criação de desigualdades existenciais, que por seu turno distribuem liberdade ou falta dela para os indivíduos lutarem pela concretização dos seus projectos de vida pessoais, ou distribuem de forma iniqua direitos e proibições de agir, ou ainda distribuem desigualmente a afirmação ou a negação de reconhecimento social e de respeito (Therborn, 2006).

A desigualdade existencial envolve categorizações e interações inigualitárias entre indivíduos produzidas no exercício colonizador da prostituição imaginativa. A prostituição imaginativa concatena um conjunto de fantasias, imagens, idealizações e representações, uma colecção de sonhos e vocabulários disponíveis, formando uma densa muralha representacional, ideológica, conceptual e teórica que faz da prostituição violência e imoralidade, das prostitutas vítimas desprovidas de capacidade de inteligir a sua situação e mulheres desregradas. Ao mesmo tempo, percebe os homens clientes como agressores e predadores sexuais. Uma muralha que veda o olhar e a problematização como se, por um lado, não fosse possível pensar a prostituição fora de um cenário que a retracta como intrinsecamente violenta e associada a fenómenos criminais e ao desvio, como lugar da opressão das mulheres, da sua exploração económica e da sua redução à condição de objectos mercadorizados e explorados pelos homens. Ou, por outro lado, como se fosse impossível compreender a prostituição e os seus protagonistas centrais (sobretudo as mulheres prostitutas) longe do desvio, da imoralidade, da ruptura com códigos morais e sexuais sobre o que deve ser e como deve comportar-se uma mulher. Finalmente, olhar para a prostituição imaginativa é não conseguir encontrar os homens clientes, é

descobrir um déficit de problematização em torno dos homens que se traduz na sua redução essencialista ao estatuto de opressores, agressores, violadores e exploradores das mulheres.

Tais categorizações inigualitárias determinam que estar no exterior ou no interior ou pertencer ao mundo do ‘cá’ ou do ‘lá’ da prostituição signifique coisas bem distintas. De forma genérica, estar no exterior ou no mundo de cá significa usufruir de liberdade, direitos, reconhecimento e respeito. Por oposição, estar ‘lá’ no interior, significa ficar sujeito às opressões e restrições de liberdade, às discriminações, estigmatizações e humilhações.

No contexto das sociedades contemporâneas em que a luta pelo reconhecimento e as formas como esse reconhecimento é negado ou a maneira como o reconhecimento é distribuído são preocupações recuperadas (Therborn, 2006) e recolocadas no centro do debate da construção dos sentidos da vida pessoal no mundo social (Taylor, 2002). Assim, o estigma associado à prostituição será o processo central através do qual se nega o reconhecimento às mulheres e homens envolvidos no mundo da prostituição (Pheterson, 1996; Sanders, 2004a, 2005a e 2008; Bernstein, 2007a). Isto, por que o estigma é o oposto do reconhecimento (Therborn, 2006) e a estigmatização se traduz no processo básico de produção e reprodução de desigualdades existenciais (Goffman, 1967 e 1988; Elias e Scotson, 1994; Therborn, 2006).

Destá forma, as categorizações inigualitárias dão espaço para interacções inigualitárias. As relações entre os potencialmente estigmatizados (mulheres prostitutas acompanhantes e homens clientes) e os outros parecem ser marcadas por uma atitude de reserva e por uma estratégia de encobrimento que resulta do receio de passar da situação de desacreditável à de desacreditado, do reconhecimento social positivo da sua vida e do sentido moral que a ela dão ao reconhecimento negativo daquilo que fazem e são (Taylor, 2002). O que está em causa não é a simples manipulação da tensão gerada nos contactos sociais, mas a manipulação de material bem mais sensível, trata-se da manipulação de informação sobre o ‘defeito’ (Goffman, 1988), a manipulação daquilo que deve ser mantido em segredo (Coelho, 2009a; Scambler, 1997). Mulheres prostitutas acompanhantes e homens clientes estão permanentemente obrigados a decidir entre exhibi-lo ou ocultá-lo, contá-lo ou calá-lo, revelá-lo ou escondê-lo, mentir ou não mentir, sempre ponderando a quem, como, quando e onde (Goffman, 1988).

A prostituição imaginativa coloniza a prostituição e encapsula-a no interior dos vocabulários, imagens e representações prontas a serem consumidas e a resolverem a questão: o que é a prostituição e quem são os seus actores? Neste animatógrafo, as projecções do pensamento comum, artísticas e ficcionais ou as das ciências sociais estabelecem um ciclo de suporte mútuo que sustenta a muralha representacional, ideológica e conceptual de que falamos.

Prostituição imaginativa no pensamento comum.

As representações que guardamos na nossa cabeça, as representações comuns (Becker, 1997 e 2007) transformam as representações da prostituição imaginativa em formas práticas, automáticas, impensadas, universais e explícitas de explicar, justificar e tornar evidente a prostituição. Subitamente, no quotidiano, é como se a prostituição fosse uma noção auto-evidente que se explicasse pela sua simples evocação.

A naturalização desta desigualdade ora é feita através da apresentação da prostituição como a mais velha profissão do mundo, como se a longevidade histórica justificasse a desigualdade existencial, ora é produzida por via da sua transformação num mal necessário (O'Neil, 1997). Partindo do princípio comumente difundido de que a prostituição será a mais velha profissão do mundo, duas notas se tornam indispensáveis. Em primeiro lugar, a longa história de um fenómeno implica a história dos indivíduos que a fazem, dos protagonistas: as prostitutas e os homens dispostos a pagarem os seus serviços. Em segundo lugar, a longevidade, a permanência e a persistência da prostituição ao longo do tempo histórico não deve servir para a produção de visões trans-históricas ou a-históricas da prostituição e dos seus protagonistas (Scambler e Scambler, 1997). Será por aqui que podemos começar a situar esta pesquisa.

O estatuto e as representações das mulheres prostitutas na imaginação pública são mantidos através de uma série de discursos que persistem nas sociedades de modernidade avançada ou tardia apesar dos processos de parcial des-tradicionalização que as caracterizam (O'Neill, 1997 e 2001).

Apesar dos movimentos de sexualização da cultura (Attwood, 2006 e 2009) ou de erotopização (Plummer, 1997), ou mesmo da consolidação de sexualidades plásticas (Giddens, 1995) ou ainda de cidadanias sexuais (Weeks, 2007), os actos sexuais continuam a transportar consigo um excesso de significado. As formas de transgressão sexual, onde podemos incluir a prostituição, atraem uma atenção desproporcionada, que geralmente se associa a condenação, policiamento ou vigilância ou mesmo opressão e repressão (Rubin, 1975 e 1984; Sanders, 2004a, 2005a e 2008; Sanders et al, 2009; Pheterson, 1996; Bernstein, 2007a; Agustín, 2002 e 2005a). Por um lado, as mulheres prostitutas são, a maior parte do tempo, mulheres normais sistemática e ideologicamente representadas como algo de extraordinário (Coelho, 2009a; Oliveira e Coelho, 2010; Scambler, 1997).

A visibilidade social da mulher prostituta está baseada na excepcionalidade da sua sexualidade, no seu carácter disruptivo, o que tende a ofuscar outros aspectos das suas vidas, nomeadamente os processos e dinâmicas de construção da sua existência. Por um lado, a prostituta é transformada numa pessoa moralmente repreensível, uma vítima, uma mulher impura, uma depravada, uma mulher sob a alçada acusatória e marginalizante do estigma de puta. Por outro, a mulher prostituta é um corpo objecto de fascínio e desejo (Coelho, 2009a; Pheterson, 1996; Scambler, 1997; Scambler e Scambler, 1997; O'Neill, 1997 e 2001; Oliveira, 2004 e 2011; Corbin, 1978 e 1990).

Ao nível das representações comuns, simultaneamente condicionadas e reprodutoras de uma prostituição imaginativa, o estatuto dos homens clientes é essencializado. Esse processo decorre tanto pelo recurso a argumentos de teorias biologistas e funcionalista que justificando o recurso à prostituição com a necessidade de satisfação dos impulsos sexuais naturais dos homens acabam também por complementar a noção de prostituição como mal (funcionalmente) necessário. Mas, a essencialização também passa pela incorporação, historicamente mais recente, da noção dos homens clientes como indivíduos violentos, perturbados, agressores e particularmente misóginos. Contudo, os homens clientes e as suas vidas serão tão mundanas como a de outros homens (clientes ou não) e como das mulheres (prostitutas ou não). São homens normais sistemática e ideologicamente representados como extraordinariamente violentos, agressivos e misóginos. Ou de forma alternativa, os homens são, por acção de uma economia ideológica de pesquisa, frequentemente esquecidos enquanto protagonistas centrais do fenómeno prostitucional (Sanders, 2008).

Prostituição imaginativa nas apropriações artísticas e ficcionais.

Parte importante das apropriações artísticas da realidade prostitucional faz da prostituição um fenómeno integrante do complexo que vê as cidades como lugares de particular degradação (p.e: as prostitutas de Havana no trabalho fotográfico de Walker Evans, 1933), desregramento e violência. Esta imagem alicerça-se, pelo menos em parte, na permanente ligação que a ficção estabelece entre a prostituição e o submundo do crime e da marginalidade, colando a prostituição ao crime (p.e. os filmes: *Dead End*, 1937; *Stagecoach* 1939; *Taxi Driver*, 1976; *Eight Million Ways to Die*, 1986) ou ao desespero e à morte (p.e: *Leaving Las Vegas*, 1995). São frequentes as narrativas cinéfilas que nos mostram a prostituição como lugar de exposição das mulheres à violência, contexto que as transforma nas suspeitas do costume ou nas testemunhas atormentadas (Klute, 1971), que faz delas cúmplices de grandes ou pequenas intrigas e de maiores ou menores ilícitos (*Stagecoach* 1939; *Flamingo Road*, 1949), em mulheres criminosas ou vingativas (p.e. os filmes: *Madame X*, 1929; *Heat*, 1987; *Monster*, 2003) ou em vítimas de diferentes formas de violência e abuso (p.e. os filmes: *Taxi Driver*, 1976; *Nuts*, 1987; *Heat*, 1987; *Leaving Las Vegas*, 1995; *Deceiver*, 1997; *Nightwatch*, 1998; *Eight Million Ways to Die*, 1986; *Monster*, 2003).

Em linha com parte do pensamento feminista, a prostituta surge como vítima das sociedades capitalistas e patriarcais em que a destituição material das mulheres se torna causa incontornável da entrada na prostituição. Ao invés de se conseguirem distanciar desses cenários de pobreza, a prostituição enreda as mulheres cada vez mais na condição de dominadas, associando à destituição de recursos económicos, uma feminilidade em perda (p.e. os filmes: *Anna Christie*, 1930; *Dead End*, 1937), um quotidiano de opressão, de exploração em que se vêem reduzidas à condição de objectos mercadorizados e explorados pelos homens (p.e: *Taxi Driver*, 1976).

Em boa parte, o retrato artístico da realidade prostitucional torna impossível a compreensão das mulheres prostitutas afastadas das imagens e de uma retórica da imoralidade, da mulher em perda e em decadência moral, física, económica (p.e: Waterloo Bridge, 1940). Uma série de seis telas de William Hogarth (*The Harlot's Progress*) retrata a prostituição como fonte de desregramento e de decadência das mulheres, uma porta de entrada privilegiada para o alcoolismo, para a miséria e para a morte¹. Na mesma linha de representação da prostituição, a ficção também escreve a partir de uma moral preocupada com o controlo da sexualidade, definindo o desejo e uma sexualidade orientada pela experimentação e prazer como factores decisivos para a entrada na prostituição (Abbé Prévost, *Manon Lescaute*). A imoralidade associada às prostitutas, que resulta da forma prática como rompem com uma visão da feminilidade que limita a sexualidade à passividade e ao recolhimento (p.e. os filmes: *A Girl in Every Port*, 1928; *Belle de Jour*, 1967; *Miss Sadie Thompson*, 1953), faz delas mulheres perigosas e que devem ser mantidas à distância. Tornam-se alvo de repressão, perseguição, estigmatização, controlo (patente na forma como *Toulouse-Lautrec* retrata a humilhação no olhar e nos corpos das mulheres semi-nuas aguardando a inspecção médica: *The Medical Inspection*, 1894), exclusão e expulsão das suas comunidades (p.e: *Stagecoach*, 1939). As mulheres prostitutas são dilaceradas no processo de definição do interior e do exterior da prostituição, no processo de criação de uma geografia da acusação que vive entre o 'cá' e do 'lá'.

Mas, na ficção, as prostitutas também são mulheres perigosas pela sua beleza e capacidade de atracção, sedução e manipulação dos homens. As prostitutas são apresentadas como mulheres irresistíveis que colocam em risco a vida e a reputação dos homens que por elas se apaixonam (*The Blue Angel*, 1930; *Shanghai Express*, 1932; *I'm No Angel*, 1933; *Nana*, 1934; *Camille*, 1936; *Klute*, 1971; *The Angel Wore Red*, 1960; *Ada*, 1961; *Irma La Douce*, 1963; *The Best Little Whorehouse in Texas*, 1982; *Mona Lisa*, 1986; *Boxing Helena*, 1993; *Chinese Box*, 1997; *Nathalie*, 2003). A sua motivação será a mobilidade social ascendente e a exploração económica dos seus clientes e amantes (Oscar Wilde e o *Leque de Lady Windermere*), que acabam por abandonar deixando-os na ruína (*Nana*, romance de Zola). Ao mesmo tempo, ao melhor estilo impressionista, o homem permanece por problematizar. Por um lado, desaparece e limita-se a ocupar o lugar da observação, da contemplação desejante da beleza da mulher prostituta (tal como em *Olympia* de Manet); por outro, surge como o seduzido aos pés da mulher prostituta (o retrato de *Nana* fe por Manet).

Para além de um cenário de exploração económica dos homens, as relações amorosas das prostitutas são apenas concebidas num contexto em que o homem acaba por desempenhar o papel de salvador da mulher em apuros, resgatando-a da decadência moral e económica (*Cover Girl*, 1944; *Cheyenne Social Club*, 1970; *Klute*, 1971; *Mona Lisa*, 1986; *Never on Sunday*, 1960; *Pretty Woman*, 1991; *Mighty Aphrodite*, 1995); ou quando surge como forma de redenção de um casal perdido na

¹ Esta sequência de telas pintadas no século XVIII deu origem a uma série televisiva produzida pela BBC em 2006.

marginalidade (Stagecoach, 1939). Contudo, o carácter intrinsecamente violento da prostituição, a natureza imoral das prostitutas e o perigo que representam para os homens, ou o destino torna impossível que o amor e a intimidade possam fazer parte da vida destas mulheres, são produtores e reprodutores da prostituição imaginativa auxiliando a sua capacidade colonizadora (No universo da cinematografia: Anna Christie, 1930; Paisà, 1946; From Here to Eternity, 1953; Waterloo Bridge, 1940. No universo literário, destaca-se: Splendor and Misery of the Courtesans, romance de Balzac que integra a grande antologia da Comédia Humana).

Para além da (re)produção de imagens e vocabulário da prostituição imaginativa, as apropriações artísticas da realidade prostitucional também mostram novas dimensões analíticas e novas possibilidades interpretativas e de teorização que a sociologia ignora à partida (Becker, 2007). Um desses pontos será uma pista de investigação que podemos designar como a prostituição enquanto entreposto de mobilidade social (Costa, 1999) ou a prostituição como alavancagem social (Corbin, 1978 e 1990). A sociologia, as ciências sociais e o pensamento feminista em geral, têm deixado impensada esta dimensão, preocupadas fundamentalmente com o problema do poder, da dominação masculina e da opressão e exploração das mulheres (Corbin, 1978 e 1990). Em contraponto esta pista é frequentemente explorada como cenário literário, dramático e cinematográfico.

A prostituição como entreposto de mobilidade social é o argumento central de um conjunto de clássicos, Roxana: the Fortunate Mistress de Daniel Defoe, A Dama das Camélias de Alexandre Dumas, ou Nana um dos mais radicais romances de Zola, bem como Fanny Hill de John Cleland. Um tipo de enredo que se mantém até à contemporaneidade e que passou da literatura para o teatro e para o cinema. Mulheres que fazem da prostituição veículo da sua autonomia financeira e fonte fundamental para garantia do bem-estar dos seus filhos é o argumento central da peça de Bernard Shaw (Mrs. Warren's Profession), bem como dos filmes Let No Man Write My Epitaph (1960), Mamma Roma (1962). Uma forma de mobilidade social que é também constatada por Proust em *A Busca do Tempo Perdido*. Explorando a pista da mobilidade social das mulheres por via da prostituição, Jorge Amado atribui lugar central às prostitutas nos romances *Tereza Bastista Cansada de Guerra* e *Tieta do Agreste* (ou caso pontual de personagens de Gabriela), porque nelas percebe a figura do anti-herói a quem deve ser dado o estatuto de protagonista, pela luta que quotidianamente travam por melhores condições de vida, pela autonomia financeira e pela conquista de reconhecimento social. É, precisamente, neste sentido que em *Cem Anos de Solidão* Gabriel Garcia Marquez representa a prostituta como a mulher da modernidade, uma mulher-indivíduo (Torres, 2001 e 2002) que luta pela sua vida pelos seus sonhos, desejos e projectos. Isto é, a mulher prostituta surge como contraponto às mulheres legítimas, fracas, sem opinião, frágeis e dependentes.

A capacidade de análise social contida na literatura revela-se importante na abertura de trilhos para a problematização dos homens clientes longe da retórica da violência e da exploração sexual. Talvez a mais importante pista seja a de que a intimidade não é algo longínquo dos encontros

prostitucionais, pelo contrário será procurada pelos homens clientes. Em *Cem Anos de Solidão* a prostituição e o bordel surgem como lugares de amor, felicidade e intimidade nem que seja momentânea. E, a prostituta é o sujeito que permite aos homens ir ao encontro da felicidade, da tranquilidade e da autenticidade. Em *Memória de Minhas Putas Tristes*, um homem velho quer provar a si mesmo e aos outros que ainda está vivo, fazendo a sua prova de vida e da sua masculinidade passando uma noite com uma jovem prostituta e evocando a sua hiperssexualidade. Revive a vida a partir dos seus encontros com prostitutas. No fundo, temos o homem que se despe de todas as suas máscaras e que se mostra na sua intimidade mais profunda no contexto prostitucional. Isto será outra forma de dizer, que a prostituição é, fundamentalmente, um espaço de intimidade, de partilha de si, da sua vida. Ao limite, é outra forma de escrever e descrever a importância dos encontros prostitucionais na busca da autenticidade de si que Baudelaire exalta.

Prostituição imaginativa nas ciências sociais.

A construção de uma muralha conceptual como se não fosse possível pensar a prostituição fora do contexto criminal, do tráfico de seres humanos, do trabalho forçado, da opressão das mulheres, da sua exploração económica e da sua redução à condição de objectos mercadorizados e explorados pelos homens (Weitzer, 2000a, 2005 e 2007; Agustín, 2002 e 2005a). A prostituição seria, por si mesma, uma forma de violência. A violência é intrínseca à prostituição e os encontros sexuais pagos são orientados por práticas sexuais violentas, abusivas e degradantes. A prostituição está na base do tráfico de mulheres e será sempre uma forma coerciva de sexualidade, pelo que, não têm cabimento noções de prostituição baseadas na ideia do consentimento.

No fundo, esta muralha conceptual produz uma confusão ou fusão entre prostituição e violência, legitimando dessa forma posições teórica e ideológicas de carácter abolicionista. Este posicionamento faz parte de uma retórica mais alargada que se constitui em torno de uma coligação de opostos ideológicos: uma parte do pensamento feminista e os movimentos religiosos conservadores (Weeks, 1985 e 1995; Weitzer, 2000b, 2007 e 2010). Esta coligação, que persiste desde o século XIX, é fundamental na criação de cruzadas morais em torno de formas não convencionais de sexualidade (Weitzer, 2000b, 2007 e 2010). A prostituição é um dos mais recorrentes e duradouros alvos desta inesperada coligação de interesses. Neste sentido, não será de estranhar que a história da prostituição seja a história de tentativas de repressão e repreensão moral das mulheres envolvidas na prostituição (O'Neil, 1997) e dos homens que são seus clientes (Scambler, 1997; Scambler e Scambler, 1997). Em parte do pensamento feminista a unidimensionalidade analítica centrada na exploração sexual das mulheres leva a um deslize do pensamento em direcção a posições moralistas, renovando um aparelho de controlo da sexualidade das mulheres e dos homens (Weeks, 1985 e 1995). A moralidade passa a estar no centro do discurso e a prostituição é concebida como comportamento desviante, uma causa de

desorientação moral e uma ameaça a uma arquitectura simbólica que tende a conjugar de forma rígida amor e sexualidade (Weitzer, 200b, 2007 e 2010).

Ou melhor, a prostituição é entendida como lugar de uma sexualidade objectivadora das mulheres por que nele entra ou persiste o dinheiro no lugar do amor. A entrada do dinheiro no circuito da sexualidade, substituindo o lugar do amor na determinação do encontro sexual, faria da actividade prostitucional o expoente de objectificação e degradação da mulher e a mais forte forma de alienação. As prostitutas são vistas como vítimas do sistema patriarcal capitalista, pelo que não é concebível a possibilidade de projecto emancipatória através da prostituição (Scambler, 1997).

Contudo, este quadro teórico estruturalista-objectivista acaba por deixar a sexualidade comercial inexplorada e inexplicada, na medida em que é percebida como um dado adquirido: a prostituição é um mecanismo produtor de opressão das mulheres.

Importa, por isso, perceber a sexualidade (paga) como uma esfera da vida, que embora possa ser ordenada por processos estruturais e institucionais criadores de divisões e desigualdades, é muito dificilmente enquadrável numa análise puramente estrutural (Jackson 2006a e 2006b; Jackson e Scott, 2010).

A visão abolicionista da prostituição defende que a indústria do sexo, nomeadamente a prostituição, deveria ser erradicada porque se fundamenta na objectivação e na opressão das mulheres, reiterando formas de violência e dominação masculinas, reproduzindo uma matriz patriarcal nas sociedades contemporâneas (Ribeiro et al, 2008; Silva, 2009; Oliveira, 2004 e 2011; Weitzer, 2000b, 2007 e 2010). A prostituição seria por inerência uma forma de institucionalização da dominação masculina e de exploração das mulheres. A prostituição seria, desta forma, colocada no lado das causas da opressão das mulheres, ficando-lhe reservado o lugar onde se fundem todas as imoralidades e desigualdades. Assim, a prostituição torna-se um alvo ideológico e político (Sanders et al, 2009), porque na sua erradicação estaria contido o desaparecimento de uma sexualidade produtora de relações de género patriarcais.

Ou seja, este posicionamento teórico-ideológico faz da sexualidade (paga) uma estrutura social que condiciona e determina a existência das mulheres no mundo social, por isso, confunde prostituição e opressão das mulheres.

Mas, ao fazer esta fusão limita a prostituição ao problema das mulheres, apresentando-a como parte de um sistema de dominação masculina e patriarcal; impedindo o entendimento da complexidade da prostituição enquanto fenómeno social de que fazem parte indivíduos independentemente do seu sexo biológico, da sua identidade de género, ou da sua orientação sexual. Tal enquadramento torna-se insuficiente para entender um fenómeno complexo que inclui a possibilidade da prostituição masculina (direccionada para mulheres e/ou homens), de pessoas transexuais ou de casais heterossexuais ou homossexuais. A prostituição deixa de ser vista como forma última de dominação, exploração e violência sobre as mulheres (Gil, 2008).

O feminismo abolicionista produz uma distinção radical entre a mulher legítima e a prostituta, essencializando as mulheres prostitutas como vítimas e como indivíduos relativamente inaptos a intiligr as situações do quotidiano e da vida, incapazes de perceber e refletir sobre a sua condição de dominada (Gil, 2008) e, do mesmo modo, essencializando os homens clientes como violentos, opressores e misóginos.

Este posicionamento revelará, seguramente, capacidades analíticas e de teorização de formas de prostituição mais expostas à violência, ou de fenómenos onde se intersectem formas de violência e trabalho sexual.

Contudo, no contexto desta pesquisa, este posicionamento falha, por um lado, na capacidade de captar a agência das mulheres prostitutas o que é, desde logo, evidente na formulação ‘mulheres prostituídas ou traficadas’. O argumento é que as mulheres trabalhadoras do sexo não fazem escolhas informadas quanto à sua entrada ou permanência na actividade prostitucional. Falha na capacidade de captar a complexidade das respostas subjectivas das mulheres à situação vivida no contexto das suas relações íntimas (Jackson e Scott, 2010). Por outro, falha ao fornecer uma visão caricatural dos homens clientes (Weitzer, 2000a), limitando-se a identifica-los aprioristicamente como predadores sexuais, violentadores das mulheres e agentes activos de incentivo ao tráfico de mulheres para o trabalho sexual.

O problema da economia de pesquisa: os homens desaparecidos.

Apesar das narrativas pessoais e das biografias serem uma marca indelével das sociedades contemporâneas (Plummer, 1996, 1997 e 2001), a verdade é que as histórias dos homens que procuram serviços sexuais não têm sido contadas nem exploradas (Sanders, 2008). Existe um desequilíbrio analítico na pesquisa sobre a prostituição que faz dos homens clientes desaparecidos (Earl e Sharp, 2007). Os homens clientes de prostitutas continuam na periferia da pesquisa, têm sido marginalizados ou negligenciados na produção de conhecimento (Sacramento, 2006; Sanders, 2008; Ribeiro et al, 2008; Hart, 1998; Marttilla, 2003 e 2008). Embora protagonistas centrais da prostituição, os clientes são sistematicamente colocados numa zona sombria de conhecimento acerca do fenómeno prostitucional, vivendo numa invisibilidade social que o conhecimento científico teima em não romper. Os homens que recorrem à prostituição são frequentemente esquecidos enquanto potenciais objectos de estudo ou como sujeitos sexuais (Bernstein, 2001 e 2007a).

O escrutínio dos homens clientes sempre esteve protegido, por uma doutrina religiosa, pelos discursos médicos e pela lei, porque a sua procura por sexo pago foi sendo legitimada como uma necessidade biológica (Sanders, 2008). O recurso masculino à prostituição foi recorrentemente naturalizado como uma forma de libertação das pulsões sexuais incontroláveis dos homens, sendo tratada como uma questão de saúde pública ou mesmo como função inerente ao equilíbrio funcional

do mundo social; ideias sucessivamente produzidas e reproduzidas pelas visões biologicistas e funcionalistas. Pelo contrário a sexualidade feminina tornou-se um alvo dos discursos normativos, pela sua natureza duvidosa. Trabalhar como prostituta significa para uma mulher ir contra as determinantes de uma feminilidade adequada. Mais, no século XIX e início do século XX, esta visão desviante é reforçada pelos discursos médicos e políticos que percebem nas mulheres prostitutas perigos e riscos para a saúde pública e moral (Sanders, 2008). Tradicionalmente, as mulheres sempre foram percebidas como o problema. Mais do que os chulos ou do que os homens que as procuram, as mulheres tornaram-se objectos de pesquisa, de regulação, e de vigilância (Earl e Sharp, 2007).

As trabalhadoras do sexo são facilmente localizáveis, identificáveis e estão visíveis nas ruas, nos anúncios de jornais, nos anúncios na internet e noutras formas de publicitação (Earl e Sharp, 2007, Coelho, 2009a). Em contraponto, os homens permaneceram ocultos (Weitzer, 2000a), não estão em lado nenhum e estão em todo o lado, não são localizáveis nem identificáveis, tornando muito complicado aos investigadores acederem até eles (Earl e Sharp, 2007).

Nos últimos anos tem crescido a visibilidade social dos homens clientes (da procura por sexo pago). Mas, esta visibilidade social, produto de cruzadas morais abolicionistas e proibicionistas da prostituição e da indústria do sexo em geral, não significa maior conhecimento acerca destes protagonistas centrais da prostituição. Pelo contrário, tal visibilidade significa tão só uma reorientação reducionista do problema do sexo pago: o enfoque passa das mulheres prostitutas para o problema dos homens e da procura. Sob o foco moral, político e criminal, os homens acabam por voltar a ser silenciados na pesquisa sobre a prostituição através de um mecanismo perverso de economia ideológica do esforço de pesquisa. Uma poupança no esforço de conhecimento motivada pela identificação apriorística dos homens no lado da violentação e exploração das mulheres. Os homens que procuram este tipo de relações sexuais comerciais são vistos como autores de actos opressores ou como responsáveis pela aceitação da violência sobre as mulheres. Estes homens são pré-concebidos como indivíduos que procuram relações sexuais pagas enquanto exercício de poder, revelando e marcando uma distinção devida à sua posição social e económica dominante. Esta visão extremada acaba por legitimar o não estudo dos homens clientes da prostituição, porque estes são desde logo percebidos como uma espécie de criminosos e perigosos cidadãos (Sanders, 2008). Desta forma, os homens clientes não chegam assumir o estatuto ilegível de objecto empírico, serão antes objecto de repressão policial, de sanção criminal e de intervenção médica especializada. De facto, os homens clientes apenas são percebidos como um objecto de estudo legítimo se o objectivo for a erradicação da prostituição por via da perseguição e criminalização destes homens problemáticos e violentos (Sanders, 2008).

Tem sido feito um enorme esforço de desocultação dos homens clientes no seio da pesquisa sociológica em torno da prostituição (Sacramento, 2006; Sanders, 2008; Monto, 2000, 2004 e 2010; Ribeiro et al, 2008). Mas estes esforços esbarram em problemas de diferente natureza:

Por um lado, encontram problemas de natureza metodológica no acesso a estes protagonistas que se habituaram a viver no segredo e no silêncio. Formas de resistência à desocultação da condição de cliente da prostituição, na medida em que nas sociedades contemporâneas e no actual contexto cultural e sexual pagar por sexo é uma actividade altamente descredibilizante para um homem (Earl e Sharp, 2007). Nas sociedades contemporâneas marcadas pela individualização, pelos processos reflexivos de construção de si (Giddens, 2001), pela plasticidade sexual (Giddens, 1995), pela afirmação de estilos de vida sexuais que ajudam a consolidar a ideia da existência de uma cidadania sexual (Weeks, 2007; Richardson, 2000a, 2000b e 2017), pelo centramento dos afectos, das emoções e do amor na vida dos indivíduos (Giddens, 1995 e 2001; Torres, 2001 e 2002; Therborn, 2006) – por uma arquitectura simbólica que afasta interesse, património, dinheiro, por um lado; e amor, emoções, intimidade e sexualidade, por outro – neste contexto, pagar por sexo torna-se uma actividade desacreditada e descredibilizante e aqueles envolvidos na venda de sexo, bem como outros envolvidos na indústria do sexo, tendem a ser considerados desviantes (Sharp e Earle, 2003), ou de alguma forma assumindo comportamentos patológicos (Giddens, 1995).

Por outro, estes trabalhos sofrem, muitas vezes, de limitações analíticas que derivam de opções por uma desocultação parcial e indirecta destes protagonistas através das representações e do conhecimento que as prostitutas têm acerca dos seus clientes (Ribeiro et al, 2008);

Não podemos deixar de referir, ainda, as dificuldades que advêm de um quadro teórico insuficiente para tratar e compreender a realidade dos homens clientes, reduzindo frequentemente a problematização à hierarquização das motivações sexuais para o recurso à prostituição (Monto, 2000, 2004 e 2010).

Finalmente, assumir os homens como objecto de estudo deixa os investigadores numa posição particularmente desconfortável. Torna-se alvo fácil das duas versões polarizadas da prostituição imaginativa. Por um lado, a pesquisa dos homens clientes é vista como algo que anda de mãos dadas com uma postura de legitimação e legalização da prostituição. Pelo que, frequentemente, os pesquisadores que assumem os homens clientes como seu objecto de estudo são considerados como anti-feministas ou como pessoas moralmente questionáveis (Sanders, 2008). Ou, pelo contrário, são vistos como alguém que pesquisa os clientes tendo à partida definido o ponto de chegada: mais criminalização e controlo sobre os homens clientes (Sanders, 2008).

A pesquisa que aqui se desenha insiste na necessidade de não fazer economia da pesquisa, nem ceder às tentações ideológicas ou alteridades naturalistas que se podem traduzir pela suposição de que os dominantes são o reverso dos dominados (Torres, 2010). Trata-se, precisamente, de questionar quem e em que circunstâncias e através de que recursos vai ocupando e desocupando as posições relativas de dominação e subordinação neste contexto prostitucional específico. Porque, a invisibilidade do cliente significa uma visão limitada do fenómeno da prostituição e um olhar enviesado sobre uma determinada ordem de género. Deixar de lado o estudo dos homens clientes

significa uma boa dose de aceitação dos discursos essencialistas da distinção e desigualdade de género e das possibilidades de experimentação da sexualidade por homens e mulheres (Sanders, 2008).

Importa resistir a uma corrente de pensamento que percebe, aprioristicamente, os homens como problemáticos, seja pela sua violência, poder ou sexualidade. É importante tentar perceber as experiências íntimas e emocionais dos homens para lá destes discursos de tendência essencialista (Bernstein, 2007a). Porque, a negligência dos homens clientes enquanto objecto de estudo determina a incapacidade do seu entendimento enquanto sujeitos sociais e sexuais, das suas vidas e de como estas se cruzam com os seus desejos e prazeres (Bernstein, 2007a).

Para além do inegável interesse sociológico da inclusão dos homens clientes como objecto de estudo e pelo enorme desconhecimento que sobre eles paira, o estudo dos clientes masculinos da prostituição tem uma pertinência prática e política: um melhor conhecimento acerca destes homens, quem são, que histórias têm e que razões os levam a procurar este tipo de sexualidade profissional, permite o desenho de políticas mais adequadas à realidade e encarar o fenómeno prostitucional de forma mais completa e longe das abordagens naturalizantes ou criminalizantes.

Do excesso de visibilidade ao ponto de vista sociológico

O excesso de visibilidade social do objecto torna inultrapassável a clarificação do posicionamento do investigador no campo de lutas sociais, políticas e morais, onde se afirmam visões do mundo específicas (Almeida e Pinto, 1975 e 1990). Isto é, implica a ruptura com hábitos de pensamento e obriga a conceber como parte essencial da pesquisa a explicitação do ponto de vista. Este ato de esclarecimento será tão relevante quanto mantivermos límpida a ideia de que o ponto de vista cria o objecto (Lahire, 2002 e 2004; Myrdal, 1969) e será essa construção científica que permite aceder a uma nova versão ou novo conhecimento da realidade (Myrdal, 1969).

O ponto de vista a partir do qual se olha, se interroga, se tecem argumentos, análises e interpretações da realidade social de um tipo de prostituição selectiva protagonizado pelas prostitutas acompanhantes e pelos clientes, passa por assumir uma posição alternativa à ideia da prostituição imaginativa. Essa nova posição pode apresentar-se através de três vectores:

Primeiro vector, as prostitutas acompanhantes e os seus clientes são mulheres e homens do seu tempo histórico, pelo que, conhecer e explicar a forma de prostituição de que são produtores e actores implica reconhecer-lhes o estatuto de indivíduos socialmente reflexivos (Mead, 1963; Giddens, 1984 e 2000). A prostituição, enquanto parcela da realidade social, não vive isolada do mundo social mais vasto. Pelo contrário, a prostituição é trespassada por processos sociais mais abrangentes, sendo as guerras morais (Weitzer, 2000a, 2000b e 2010; Weeks, 1985 e 1995) de que é alvo e que ajudam a formar a prostituição imaginativa exemplo disso mesmo. Na verdade, devemos entender a prostituição como um contexto social e sexual permeável ao exterior, não só por que enquanto dimensão específica

da realidade social está exposta aos efeitos estruturantes das grandes narrativas culturais e sociais e aos processos de mudança social; mas também por que os seus protagonistas circulam constantemente entre diferentes esferas do mundo social, entre interior e exterior da prostituição, colocando as suas inserções estruturais e múltiplos cenários de referência, socialização e actualização disposicional ao serviço da permanente produção social deste tipo de prostituição e da criação reflexiva das suas vidas enquanto sujeitos do mundo social. Será esta permeabilidade a formas de constituição importadas dos mundos sociais exteriores à prostituição que justifica, pelo menos em parte, a permanente capacidade de actualização e inovação da prostituição e em particular a prostituição praticada pelas acompanhantes (nos serviços prestados, nas formas individualizadas de gerir os encontros sexuais pagos, na forma de apresentação e anúncio da actividade, na utilização das novas tecnologias ou ainda na manipulação de indústrias e serviços auxiliares). Mas, importa não negligenciar o facto desta forma de prostituição ser também constituída por dinâmicas interiores específicas produto das ritualidades, regras e imperativos, interaccionalmente negociados e implementados.

Segundo vector, este trabalho rompe com a economia de pesquisa que esquece os homens clientes como objecto de estudo. Já percebemos que os homens são frequentemente esquecidos enquanto potenciais objectos de estudo, deste modo, contextualizar as suas histórias pessoais e sexuais no contexto global da industria do sexo, das desigualdades estruturais entre homens e mulheres e a necessidade de melhor conhecer a sexualidade e a intimidade estando informado dos discursos ideológicos que formatam os actuais debates em torno da prostituição e das prostitutas (e do eterno protagonistas esquecido: o cliente) (Bernstein, 2007a). Assim, o posicionamento desta pesquisa face aos hábitos de pensamento sobre a prostituição significa contrariar o entendimento de que os homens clientes são naturalmente problemáticos, seja pela sua violência, poder ou sexualidade. Pelo contrário, este trabalho afirma a importância de perceber as experiências íntimas e emocionais dos homens para lá destes discursos de tendência essencialista (Bernstein, 2007a).

Terceiro vector, prostituição é uma forma particular de trabalho e isso significa a devolução da cidadania aos seus protagonistas: às mulheres prostitutas mas também aos homens clientes. Trata-se de um ponto de vista que pretende ultrapassar desigualdades existenciais que fazem das mulheres prostitutas e dos homens clientes pessoas potencialmente desacreditadas e estigmatizadas. É um lugar que diverge das visões polarizadas, porque, desde logo, recentra a prostituição como uma questão de cidadania afastando-a de um foco que a reduz a um problema das mulheres ou à dominação masculina. Um ponto de vista que percebe a prostituição e os seus protagonistas como parte integrante de um mundo social abrangente: as prostitutas acompanhantes e os clientes como pessoas com múltiplas pertenças sociais e não como indivíduos isolados num submundo oculto, marginal e potencialmente violento.

O entrelaçamento entre este ponto de vista e a função de comando ocupada pela teoria na pesquisa sociológica torna-se mais claro, sobretudo mas não apenas, no primeiro capítulo onde se apresenta a caixa de ferramentas teórica e metodológica usada nesta pesquisa.

A definição do ponto de vista – e a sua consolidação teórica e metodológica desenvolvida no primeiro capítulo - permite levantar questões que fazem esta pesquisa orientada de pela imaginação sociológica (Mills, 2000) que não se faz sem perguntas. As interrogações que balizam este trabalho podem ser organizadas, ainda que num plano muito genérico, em dois grandes planos distintos.

Num plano mais genérico esta pesquisa regressa de forma adaptada às interrogações clássicas acerca da prostituição levantadas ainda na década de 1930 em Chicago (Davies, 1937) e que permanecem por responder: como é que uma prática tão profundamente rejeitada e reprovada, em tantos contextos criminalizada, permanece e floresce? Como se poderá explicar a vitalidade da prostituição numa contemporaneidade marcada pela crescente liberdade de expressão e experimentação sexual?

Num plano mais específico aquelas interrogações iniciais desdobram-se em cinco conjuntos de interrogações que tentam ser respondidas ao longo dos cinco capítulos seguintes e através da activação de diferentes ferramentas teóricas e conceptuais.

No segundo capítulo é activado o conceito de quadros de interacção (Costa, 1999) na tentativa de responder a conjunto de questões: de que falamos quando falamos de prostituição, de que falamos quando falamos de prostitutas acompanhantes e dos homens que são seus clientes? O que caracteriza esta forma de prostituição? Isto é, devemos interrogar-nos quanto à explicação para as novas configurações da prostituição nas sociedades contemporâneas. De forma mais concreta, quais as fronteiras morfológicas e simbólicas de distinção entre esta forma particular de prostituição feminina e outras formas de trabalho sexual? Quais os mecanismos internos e interaccionalmente criados que permitem a produção, manutenção e transformação dessa realidade? Serão estes mecanismos e características muito distintas de outros que marcaram este fenómeno noutros tempos históricos?

No terceiro capítulo, o esforço de análise e teorização centra-se na localização dos protagonistas no espaço social, permitindo um retrato mais rigoroso às desiguais formas de acesso a recursos, poder e prestígio social por parte das mulheres e homens envolvidos nesta forma de prostituição. Esta análise permite responder a um conjunto de interrogações em torno das causas e dos factores objectivos e materiais estruturantes da existência deste tipo de prostituição. Qual a estrutura social da parcela de realidade que procuramos perceber e explicar? Quais são os seus principais componentes e de que forma se relacionam?

O quarto capítulo, dedicado aos modos de vida destas mulheres e homens, revela-se o espaço para enfrentar os porquês ou para tentar identificar uma gramática dos motivos (Mills, 1940) para a entrada e recurso à prostituição contextualizada nas biografias socialmente enraizadas. Porquê é que as mulheres se tornam prostitutas acompanhantes e porque é que os homens recorrem a esta forma de

prostituição? De outro modo, como é que ser mulher prostituta ou homem cliente surge no contexto da biografia socialmente localizada destas pessoas? Trata-se de tentar responder à pergunta sobre quem são e como se organizam os protagonistas? Quem são os homens e as mulheres, quais as suas histórias pessoais e sociais e os seus atributos estruturais? Isto é, de que forma a localização e o percurso biográfico e estrutural das mulheres acompanhantes e homens clientes (a forma o mundo social e as suas condições estruturais vão sendo individualmente internalizadas e geridas) contribui para a identificação de uma gramática dos motivos (Mills, 1940)?

O quinto capítulo – na cama com – procura responder a três questões centrais em torno da sexualidade prostitucional: primeiro, em que medida os encontros prostitucionais se revelam cenários eróticos da construção ou consolidação de identidades de género? Isto é, de que modo e em que grau estes encontros permitem a produção de convergência ou divergências entre, por um lado, as masculinidades e feminilidades produzidas na interacção sexual entre acompanhantes e clientes e, por outro, as formas de masculinidade e feminilidade dominantes ou adequadas? Em segundo lugar, a questão que se coloca é a de que forma a prostituição autoriza ou inviabiliza a produção de consistência interna entre fantasias sexuais de si (Kimmel, 2000, 20005a; Kimmel e Plante, 2005), exigências e expectativas normativas de género sobre a sexualidade, crenças sobre como actuar sexualmente, por um lado, e a posse dos meios concretos e objectivos para concretizar o imaginado (Lahire, 1998, 2004 e 2005), por outro. Em terceiro, como se explica o recurso à prostituição ou a entrada na atividade prostitucional como acompanhante num contexto de alargada sexualização da cultura (Attwood, 2006 e 2009; Plummer, 1997) e de eventual expansão da hiper-sexualidad e ruptura de duplo padrão moral na organização da sexualidade?

No sexto e último capítulo – prostituição, dinheiro e intimidade – as interrogações que se levantam giram em torno da possibilidade de construção de intimidade ou de uma forma específica de intimidade no âmbito de encontros prostitucionais. De forma mais concreta, de que modo as mulheres e homens envolvidos nestes encontros comerciais transportam para esses momentos exigências em torno da intimidade? Será possível identificar possibilidades de intimidade em contexto prostitucional? Será esta forma de intimidade diferente daquela que ocorre fora de encontros sexuais comerciais? Quais as suas características específicas?

Capítulo 1 | OS MEIOS DE PESQUISA

António Sérgio

in Adérito Sedas Nunes, Sobre o problema do conhecimento nas ciências sociais

“A verdade não se nos oferece: inventa-se (...) e a palavra descobrir, em vez de inventar (que é a palavra que nós empregamos: inventar), cremos que patenteia um universal engano acerca do carácter do labor científico – que não é de descoberta, mas sim de invenção, de suposição de coisas que não são sensíveis.”

A prostituição enquanto palco social específico onde se movimentam mulheres prostitutas acompanhantes e homens que procuram encontrar-se com elas, constitui-se como um lugar estratégico de investigação (Merton, 1973 e 1987). Isto é, esta forma de prostituição e os seus protagonistas constituem casos empíricos particularmente favoráveis ao estudo de um fenómeno complexo, difícil de abordar, mas que permitem análises esclarecedoras, ao mesmo tempo que facultam o avanço do conhecimento abrindo novas pistas para pesquisa e teorização.

Assim, a pesquisa é encarada como um jogo que se joga na fronteira do desconhecido, uma rectificação do saber ou o alargamento dos quadros de conhecimento (Bachelard, 2003). Trata-se de compreender o que não se tinha compreendido, contribuindo para o campo da pesquisa sociológica em torno da prostituição, ao mesmo tempo que se procura fornecer um modelo teórico que permite avançar o conhecimento (Merton, 1973, 1981 e 1987).

A construção de uma problemática teórica é a afirmação da prioridade das perguntas sobre as respostas, base fundamental para o surgimento do problema científico (Almeida e Pinto, 1975 e 1990). Desta forma, o primado da interrogação é condição para a definição de prioridades de pesquisa e para a selecção dos enigmas mais urgentes (Almeida, 2007). De forma mais simples, importa constituir uma problemática teórica enquanto delimitador de um espaço de visibilidade das condições de surgimento da prostituição enquanto problema sociológico. Será este o momento responsável pelo recenseamento de espaço de desconhecimento interno (Almeida, 2007), revelando contradições ou anomalias que obrigam à inovação conceptual e permitem a construção de novos objectos de conhecimento (Almeida e Pinto, 1975 e 1990).

O fio condutor teórico é definido pela conjugação de diferentes planos que se referem aos meios de trabalho sociológico convocados no contexto desta pesquisa. Isto é, trata-se da articulação de um determinado corpo de conceitos accionados nas actividades de investigação. Os meios de trabalho teórico são assim, neste sentido, os elementos propriamente instrumentais das condições teóricas de produção científica (Almeida e Pinto, 1975 e 1990).

A apresentação desta caixa de ferramentas do sociólogo (formada pelo corpo de conceitos, métodos e técnicas accionados no contexto desta pesquisa) não dispensa a discussão de um conjunto de questões de ordem teórica e metodológica. Contudo, optou-se por localizar essas discussões mais

densas nos momentos em que se tornam relevantes para a análise. Neste capítulo identificam-se os eixos de orientação teórica e metodológica da pesquisa que toma como referente empírico uma forma específica de prostituição e os seus protagonistas centrais: as mulheres prostitutas acompanhantes e os homens que a elas recorrem.

1.1 | Desigualdades, prostituição e feminismos: a importância das classes sociais

Para Marx e Engels, a prostituição era vista como metáfora da exploração inerente à venda da força de trabalho, representando a mercadorização da mais inalienável das capacidades humanas. Marx percebia uma ligação entre o trabalho pago e a prostituição, uma ligação baseada num princípio comum: a venda de tudo o que é pertença do indivíduo, o utilitarismo do corpo e da sexualidade (Bernstein, 2007a).

Engels declarava que apenas com a dissolução do capitalismo seria possível terminar com as instituições gémeas da opressão das mulheres: a monogamia capitalista e a prostituição (Bernstein, 2007a). Para Engels (1964) a primeira forma de propriedade privada incarnava-se na posse da mulher, reduzida ao papel de escrava doméstica e objecto sexual no seio da família. O pensamento de Engels sobre a prostituição terá um efeito teórico-ideológico a longo prazo, revelando-se a base estruturante de uma parte importante do pensamento feminista sobre o tema (Ribeiro et al, 2008). Esta incorporação feminista do pensamento materialista deve-se em grande medida à criação de uma encruzilhada entre a sexualidade paga e as condições objectivas de vida, mostrando como aqueles que procuram e aquelas que disponibilizam serviços sexuais ocupam posições desequilibradas no acesso aos recursos e a formas de poder.

“A prostituição é uma instituição social como qualquer outra. Mantém a antiga liberdade sexual a favor do homem. Não só tolerada de facto mas frequentemente praticada, sobretudo pelas classes dirigentes, ela é apenas condenada por palavras. Mas esta reprovação não atinge de forma alguma os homens, apenas as mulheres. Estas são postas à margem da sociedade, desprezadas, a fim de proclamar mais uma vez, como lei fundamental da sociedade, a supremacia do homem sobre o sexo feminino” Engels (1964:81).

Neste quadro analítico materialista aplicada ao trabalho sexual mostra-se a capacidade das mulheres utilizarem o trabalho prostitucional como uma forma de alavancagem da vida, conseguindo recursos necessários para traçarem trajectórias de mobilidade social ascendente (Corbin, 1978, 1990)².

² Em 1893, George Bernard Shaw escreve a peça ‘Mrs. Warren’s Profession’. A história da trajectória de mobilidade social de uma mulher da pobreza à riqueza através da prostituição, que após a retirada da actividade, continua a beneficiar directamente da manutenção de uma rede de bordéis na Europa. Subitamente esta mulher vê-se confrontada com a descoberta do seu passado e presente na actividade prostitucional pela filha, uma filha cuja licenciatura em Cambridge fora financiada pelas ocultas actividades da mãe. A peça é censurada por Lord Chamberlain em 1894 e sobe ao palco pela primeira

Ao mesmo tempo, escapavam a este rápido olhar de Marx e Engels todas aquelas mulheres de origem não operária que se dedicavam à actividade prostitucional (Corbin, 1978; Gérard, 1990); mulheres, pelo menos parcialmente, responsáveis pela sofisticação das formas de prostituição e pela emergência de novos tipos de prostitutas (Gérard, 1990).

Uma preocupação central do feminismo de segunda vaga foi perceber as condições da nossa própria existência, ligando-as a uma análise abrangente da subordinação das mulheres (Jackson, 1999a, 1999b, 2001 e 2011; Jackson e Scott, 2010). Por isso, as variantes materialistas e estruturalistas herdeiras do pensamento de Marx e Engels forneceram um importante suporte ao pensamento feminista e, obviamente, às suas explicações em torno da sexualidade feminina e da prostituição em particular. Na medida em que oferecem uma leitura do real como um espaço de opressão sistemática baseada numa estrutura de desigualdades sociais, económicas, de género e de poder. Desta forma, a subordinação das mulheres podia ser entendida com uma origem social, abandonando as ideias essencialistas que justificam as desigualdades entre homens e mulheres numa pertença diferença ontológica (Jackson e Scott, 2010).

Neste quadro de influências, a teorização feminista foi dominada por uma análise estrutural centrada na sistemática opressão das mulheres; sendo esta opressão atribuída ao sistema capitalista, ao patriarcalismo, ou à combinação dos dois. O que se torna claro nestes argumentos feministas acerca da prostituição é a concepção da sua natureza social, afastando-se das ideias psico-biologicistas que constroem a noção da prostituta natural que patologiza todas as mulheres sexualmente expansivas (consideradas históricas); ao mesmo tempo que apresentam o homem sexualmente controlado - reprimindo os seus impulsos sexuais naturais - como alguém com a saúde em risco. O afastamento do essencialismo determina também a rejeição das teorias funcionalistas da prostituição, que vêem na prostituição um mal necessário ou uma válvula de escape da sociedade (Davis, 1937). Ideias funcionalistas que assentam em duas premissas naturais: as pulsões sexuais dos homens e a existência das mulheres naturalmente prostitutas. As últimas cumpriam, naturalmente, a função de satisfazer as necessidades naturais dos primeiros. Mary McIntosh (1978) apresenta uma visão crítica dos modelos patológicos e funcionais, e fornece uma análise sociológica mais rigorosa

Com efeito, por um lado, este quadro teórico adequa-se à transposição dos problemas das mulheres vividos no silêncio do privado e geridos como experiências individuais para a agenda pública, colocando em evidência que *o pessoal é político*. Por outro, revela-se insuficiente para problematizar os diferentes níveis da realidade da vida pessoal. Importa, por isso, olhar para alguns dos limites destas propostas.

Friedan (2001), figura incontornável da segunda vaga do feminismo, tem uma visão contingente da sexualidade, problematizando-a apenas no contexto de uma crítica mais vasta e

vez em 1902, em Londres. No mesmo ano de 1893, Óscar Wilde faz publicar 'O Leque de Lady Winderemere'

pluridimensional à posição das mulheres na família e na sociedade: serão as mulheres felizes com uma vida que as remete para a domesticidade, para a família e para o cuidado dos filhos e do marido? Serão as mulheres felizes com uma vida virada para os outros que se esquece de pensar a si própria e os seus desejos e vontades?

Estamos perante um olhar pouco preocupado com a transformação da sexualidade numa esfera política, ou na sua problematização enquanto espaço de potenciais transformações das relações de género. Pelo contrário, Friedan assistia com alguma reserva e conservadorismo a movimentos de transgressividade sexual feminina³ (Ehrenreich et al, 1986). Friden secundariza a sexualidade transgressiva dos modelos normativos da feminilidade enquanto forma de ruptura de desigualdade de género, centrando-se na necessidade das mulheres preencherem de significado íntimo a sua sexualidade (Ehrenreich et al, 1986). No fundo, está preocupada com o cumprimento de uma sexualidade definida pela arquitectura moral feminista herdada do século XIX. Seguindo a linhagem do eixo sufragista-abolicionista, define uma posição balizada pela idealização da sexualidade como espaço de intimidade quase sacralizada (experiência individual, quase espiritual, vivida e sentida no corpo e gerida subjectivamente). Neste sentido, Friedan (2001) demonstra preocupação como o que entende ser a excessiva sexualização da vida das mulheres. Preocupa-se com a incorporação pelas mulheres de uma sexualidade física mecânica, exagerada e afastada da intimidade e das emoções, como o resultado do quadro mais abrangente da neurose das suas vidas quotidianas domesticadas (ausência de vida para lá da casa, dos filhos e do marido): uma sexualidade de carácter compensatório das frustrações com a vida.

Associando uma análise estruturalista da situação das mulheres, uma visão da sexualidade como estrutura de opressão, e uma visão subjectivista da percepção e dos efeitos da sexualidade nos indivíduos, o feminismo de segunda vaga desenha um duplo condicionamento teórico. Por um lado, pela subjectivização da experiência sexual fica refém da psicologia e sobretudo da psicanálise para compreender os significados da sexualidade, tal como durante o século XIX e início do século XX ficara preso na linguagem das ciências bio-médicas e da sexologia. Por outro, este cativo teórico e provoca um segundo aprisionamento, porque o quadro teórico da psicanálise, fortemente devedor de Freud, tece uma teia essencialista que situa as mulheres num lugar subsidiário no mundo social e no espaço da passividade em contexto sexual (Freud, 2000).

Impossibilitado de entender os processos subjectivos de significação da sexualidade para mulheres e homens e incapaz de compreender a sexualidade como dimensão da vida onde se vivem e negociam desigualdades estruturais (de género e outras), o feminismo desta época reinveste na defesa do controlo racional da sexualidade (Weeks, 1985 e 1995). Tornando-se comum ao pensamento

³ É sob reserva que Friedan aceita a incorporação de movimentos feministas assentes na ideia de libertação sexual no NOW (National Organization of Women), organização feminista norte-americana que ajuda a fundar (Ehrenreich et al, 1986). Exemplo desta dificuldade é processo lento de integração e legitimação do COYOTE, movimento de defesa dos direitos de prostitutas nos EUA, como membro do NOW.

feminista perceber a dominação masculina como uma forma de apropriação e controlo da sexualidade feminina (Jackson e Scott, 2010), localizando o problema da subordinação feminina num quadro do controlo das relações reprodutivas (Segal, 2015; Segal e McIntoch, 1992; Pateman, 1980, 1983, 1988 e 1999; MacKinon, 1982, 1987 e 1989). Isto significa também a reificação da sexualidade como aspecto central na manutenção da dominação patriarcal (Millett, 1971). Ideia que recupera a antiga noção de patriarcado de Weber (1968) - estrutura em que os homens mais velhos detêm autoridade sobre os mais jovens e sobre as mulheres – expandindo a sua autoridade para o nível societal, para uma forma de regime de organização do mundo social (Millett, 1971). Uma forma mais sofisticada deste tipo de argumentos é avançada por Catherine MacKinon (1982, 1987 e 1989), defendendo que a sexualidade funciona da mesma forma que o trabalho funciona para o Marxismo. Se o trabalho é o grande mediador na construção de desigualdades, a sexualidade passaria a ocupar esse lugar estrutural na organização das relações sociais de género, na definição da masculinidade e feminilidade, e ainda na construção do mundo social. Desta forma, a sexualidade passa a estrutura social (Jackson e Scott, 2010).

“[sexuality] a social process which creates, organizes, expresses and directs desire, creating the social beings we know as women and men, as their relations create society” (MacKinon, 1982: 515).

Ou seja, sempre que a sexualidade é incluída neste quadro analítico fica implicada em processos de manutenção de um particular ordenamento social das relações de género (Jackson e Scott, 2010). Isto é, a sexualidade passa a ser entendida como uma estrutura integrante do enorme aparelho de dominação simbólica e objectiva que actua sobre as mulheres.

Nesta perspectiva, a cultura heterossexual masculina categoriza inferiormente as mulheres, reduzindo-as a meros objectos do seu desejo sexual, o que faz da prostituição a epítome da dominação masculina e da exploração das mulheres, dos seus corpos e da sua sexualidade (Barry, 1979 e 1995; Dworkin, 1981, 1993 e 1997; MacKinon, 1987 e 1989; Pateman, 1988; Barry, 1995 e Jeffreys, 1997 e 2008, Overall, 1992). Mais, pela contaminação da sexualidade pelo dinheiro, uma mulher prostituta nunca poderia ser percebida como uma trabalhadora. Porque, a natureza do que faz, transforma-a num objecto sexual transaccionável (MacKinon, 1982, 1987 e 1989; Dworkin, 1981, 1993 e 1997) entre homens. E, essa objectivação aparece como a principal forma de exploração e dominação de género (Bersntein, 2007a, Sanders et al, 2009) e de reprodução de desigualdades de género (Farley, 2004 e 2005).

A prostituição é entendida como exemplo extremo de como a sociedade concebe a sexualidade feminina enquanto objecto do desejo masculino (Sanders et al, 2009) e o carácter comercial da prostituição uma forma de sexualidade imoral.

‘There is some intrinsic property of sex that makes its commodification [prostitution] wrong’ (Satz, 1995: 70).

Seguindo os argumentos económicos de Pateman (1980, 1983 e 1999), estamos perante uma concepção da prostituição num contínuo de trocas económico-sexuais (Sullivan, 1995), no qual todas as mulheres dominadas pela manutenção das relações de dependência material em relação aos homens, transformam o sexo na sua principal moeda de troca, ou melhor, no acesso a recursos económicos (Pinto et al, 2010). A prostituição seria uma extensão do contrato sexual patriarcal que o casamento significa; ou seja, uma extensão da opressão das mulheres através da garantia de acesso dos homens aos corpos femininos e aos actos sexuais (Pateman, 1988). Pateman tem uma visão contratualista da prostituição, significando que o contrato entre a prostituta e o cliente é comparado, numa perspectiva marxista, como outros contratos de trabalho mais convencionais. Contudo, o contrato da prostituição será paradigmático de tudo o que de pior haveria no mercado de trabalho (Sanders et al, 2009). Contrariando a ideia de contratualismo de inspiração hobbesiana em que envolvidos estariam em posições de igualdade perante a transacção, Pateman (1988) reafirma um posicionamento marxista e crítico demonstrando como nas relações de tipo contratualista as prostitutas (ou as mulheres casadas não prostitutas) estão sujeitas a uma profunda desigualdade.

Desta visão unidimensional da prostituição resulta um conjunto de problemas teóricos fundamentais que procuraremos dar conta.

Em primeiro, deparamo-nos com uma análise reducionista da prostituição (Sanders, 2008; Sanders et al, 2009; Bersntein, 2007), limitando a complexidade da realidade prostitucional (e os seus múltiplos planos e tipos) a uma questão de violência sobre as mulheres (Hamner e Maynard, 1987, Hamner e Sauders, 1984; Hamner, Rdaford e Stanko, 1989; Segal e McIntosh, 1992). Com este enquadramento ideológico a exploração, a subjugação e a violência contra as mulheres tornam-se características ontológicas da prostituição (Farley e Kelly, 2000, Farley, 2004 e 2005; James e Meyerding, 1977; McKeganey e Barnard, 1996). A natureza da prostituição é a violência e a mercadorização da sexualidade e do corpo feminino. Ou de outra forma, a prostituição é uma actividade desviante e uma forma de exploração sexual feminina (Barry, 1979 e 1995; Dworkin, 1981 e 1993, Hoigard and Finstad, 1992).

A prostituição é vista como uma violação dos direitos humanos (Raymond, 2004), porque todas as formas de prostituição seriam implicitamente forçadas e as mulheres teriam sempre de ser vítimas da indústria sexual e dos homens clientes (Dworkin, 1981, 1993 e 1997; MacKinon, 1987). A distinção entre formas de prostituição coagidas e consentidas seria um mito (e o consentimento uma impossibilidade), porque há sempre constrangimentos envolvidos no recrutamento das mulheres para a prostituição (Jeffreys, 1997 e 2008). Neste sentido, erradicar a prostituição é uma questão inultrapassável, porque se trata do simples cumprimento dos direitos humanos: acabar com uma forma de escravatura. Como tal, qualquer forma de regulamentação da actividade prostitucional é percebida como institucionalização da violência sobre as mulheres, da reprodução da dominação masculina, e como uma forma de proxenetismo dos estados (Jeffreys, 2008).

Em segundo lugar, a concatenação de prostituição com violência afecta a forma como são concebidas as mulheres prostitutas e os homens que a elas recorrem. A essencialização das mulheres prostitutas ao estatuto de vítimas, e aos homens clientes ao carácter de agressores (Coelho, 2009a). As mulheres que trabalham na actividade prostitucional são designadas por *mulheres prostituídas* ou *sobreviventes* (Jeffreys, 1997), indicando de forma clara que a prostituição é algo feito e exercido contra as mulheres. Estaríamos, portanto, perante mulheres destituídas de agência e de subjectividade, despossuídas de instrumentos cognitivos suficientes para se pensarem e para pensarem o mundo onde vivem. A venda de serviços sexuais alienaria as mulheres de si mesmas, provocando efeitos nocivos nas suas capacidades enquanto indivíduos autónomos. Esta visão moralista pretende proteger as mulheres de si mesmas e funciona como uma forma de controlo e vigilância sobre a sexualidade feminina (Kesler, 2002). O fim da alienação apenas será conseguida no momento em que as mulheres decidam retirar-se/sejam resgatadas da actividade prostitucional (Weitzer, 2007). Os clientes são percebidos como alguém que usa e abusa (Weitzer, 2005, 2007 e Weitzer, 2010). São os violadores que pagam para poderem violar. Com uma posição tão claramente definida, a pesquisa em torno dos homens clientes torna-se irrelevante pesquisar sobre eles, sobre as suas vidas, sobre as suas motivações. Os clientes tornam-se um item da lista das economias do esforço de pesquisa. Ao limite, a sua posição do lado da violentação e exploração das mulheres é tão evidente que não terão lugar como objecto empírico, serão antes objecto de repressão policial e de intervenção médica especializada⁴.

Ao limitar a sexualidade a uma estrutura de dominação patriarcal este posicionamento teórico e ideológico considera a subjectividade sexual das mulheres, nem a sexualidade como um campo cujo principal orientador e organizador será o género (Almeida, 1995); ou que será um campo onde pode acontecer negociação e mudança de ordenamentos e regimes de género. É, precisamente, por isto que Pateman⁵ vê a necessidade de construção de uma barreira defensiva que evite a colonização e abuso da unidade corpo-self das mulheres pelos homens. No caso da prostituição, esta barreira funcionaria através da venda de uma ilusão: as prostitutas venderiam a ilusão de que os clientes as possuem quando na verdade elas deixam de estar presentes naquilo que estão a fazer.

Finalmente, será a partir da associação entre a noção da prostituição como uma actividade que implica necessariamente a coacção com a ideia mercadorização do corpo feminino, que se produz a

⁴ Estas são aliás consequências dos modelos abolicionistas aplicados nos aparelhos jurídicos normativos: repressão e criminalização dos clientes (por exemplo: Suécia, Noruega e alguns estados dos EUA). A repressão policial e criminal dos clientes leva muitas vezes a penas de reeducação sexual e social (na Califórnia por exemplo). Para mais ver: Monto (2000 e 2010).

⁵ *'Pateman insists on dictating to prostitutes what their experience is, although the voice of prostitute women is nowhere to be found in her theorizing'* (Kesler, 2002). Kari Kesler é uma prostituta retirada, trabalhando neste momento como investigadora. Este comentário revela: a) a relação tensional e a incompreensão entre feministas não prostitutas e prostitutas; b) problemas metodológicos recorrentes em muitos trabalhos de pesquisa sobre a prostituição que se organizam a partir da conclusão abolicionista (as vidas das mulheres e homens envolvidos na actividade prostitucional são pouco escutadas; ou sofrem de enviesamentos na selecção dos informantes, recrutados muitas vezes entre instituições anti-prostituição no terreno). Para mais ver: Weitzer (2000b, 2005 e 2010).

contemporânea confusão ou justaposição entre actividade prostitucional e o tráfico de seres humanos. Esta confusão faz parte de um conjunto mais alargado de argumentos que constituem uma estranha coligação entre opostos ideológicos: o feminismo e o puritanismo religioso (Weeks, 1985 e 1995; Weitzer, 2000b, 2005, 2007 e 2010). Esta coligação, que persiste desde o século XIX, é fundamental na criação de pânico morais em torno de formas não convencionais de sexualidade (Weitzer, 2007 e 2010). A consequência teórica desta luta ideológica é a construção de uma enorme muralha conceptual como se não fosse possível pensar a prostituição fora do contexto criminal, do tráfico de seres humanos e do trabalho forçado.

Em síntese, do ponto de vista da produção de conhecimento sociológico sobre a prostituição este tipo de posição produz limitações: a definição de prostituição não deixa de estar intimamente relacionada com a violência sobre as mulheres, o lugar das prostitutas é, por consequência, o da vítima e o do homem, o de agressor. Com tal enquadramento que espaço sobra para nos deixarmos surpreender pela realidade e para desvendarmos os seus mecanismos geradores?

As classes sociais

Nas concepções da prostituição imaginativa, frequentemente influenciadas por correntes feministas estruturalistas-objectivistas, a dimensão estrutural permanece afinal inexplorada. A estrutura social desta parcela da realidade social, os princípios organizadores desse espaço de posições relativas e os atributos estruturais das mulheres prostitutas e dos homens clientes são percebidos como dados adquiridos e deixados impensados. O risco de deixar estas condições e posições sociais não problematizadas é que elas se tornam naturais, reificam as vidas e as condições de vida das mulheres prostitutas acompanhantes e dos homens clientes, na exacta medida em que as desigualdades sociais no acesso, experimentação e significação desta forma de sexualidade paga tendem a tornar-se o padrão normal (Taylor, 2011 e 2013, Jackson, 2011).

De forma mais concreta, aquilo que deveria ser o produto de análise cuidada, transforma-se em dois postulados fundamentais: primeiro, a existência da prostituição e as razões para a entrada das mulheres na actividade radicam na destituição económica, na pobreza efectiva ou potencial em que as mulheres vivem como consequência de sociedades capitalistas patriarcais (Pateman, 1980, 1983 e 1999). Em segundo lugar, a dimensão económica da dominação masculina reflecte-se directamente na estruturação da prostituição, funcionando como a aquilo a que alguns chamam de mecanismo de desigualdade por meio da exploração (Therborn, 2006). Isto é, as fortes assimetrias sociais e económicas entre homens (clientes) e mulheres (prostitutas) são entendidas como produtoras de relações de poder fortemente desequilibradas que fazem da prostituição um terreno de opressão e exploração das mulheres (Pateman, 1980, 1983 e 1999; O'Connell Davidson, 1998 e 2002; Engels, 1964; Heyl, 1977, 1979a, 1979b). Ou seja, a prostituição revela-se, a si mesma, como uma estrutura de produção e reprodução da dominação masculina.

As teses da sociogénese objectivista e materialista da prostituição inaugurada por Engels (1964) e Marx apresentam um conjunto de problemas: em primeiro lugar, determinar que as condições objectivas de vida fazem de algumas mulheres prostitutas revela-se insuficiente para explicar por que nem todas as mulheres em iguais situações de precariedade e escassez material se tornam prostitutas (Corbin, 1978; Gérard, 1990). É, precisamente, aqui que devemos fazer nossa a perplexidade de Davis (1937), se as motivações para a entrada na prostituição são a escassez de recursos económicos, o risco de pobreza ou a pobreza efectiva das mulheres, o estranho não será haver tantas mulheres na prostituição, mas o facto de serem tão poucas.

Em segundo lugar, olhar para a relação entre homens clientes e mulheres prostitutas como um cenário de profundas desigualdades sociais, de distribuição inigualitária e penalizadora do estatuto das mulheres revela-se míope para perceber a pluralidade de origens sociais das mulheres que se dedicam à prostituição (Corbin, 1978; Gérard, 1990), bem como os fenómenos de transformação da actividade prostitucional iniciados pela coexistência de tão plurais origens, nomeadamente, a sofisticação das formas de prostituição e emergência de novos tipos de mulheres prostitutas (Bershtein, 2007a e 2007b; Gérard, 1990). Isto é, uma análise objectivista e estruturalista da prostituição e das relações sociais e sexuais que se passam em contexto prostitucional, torna-se incapaz de descortinar as formas através das quais se produzem e revelam formas específicas de subjectividade sexual e social, formas através das quais as mulheres trabalhadoras sexuais se afirmam como mulheres-indivíduo (Torres, 2001 e 2002).

Em terceiro lugar, perpetuam o desequilíbrio analítico ou a economia de pesquisa que se recusa a atribuir aos homens o estatuto de objecto de estudo, inviabilizando a análise do sistema de diferenças sociais presentes na estruturação da prostituição porque se esquecem de problematizar parte dos seus protagonistas.

Em quarto lugar, a confusão entre a persistência nas sociedades contemporâneas de uma ordem de género que organiza o trabalho e a distribuição da riqueza produzindo e reproduzindo desigualdades de recursos entre homens e mulheres (Connell, 1987 e 2002) com uma elaboração tautológica que ora faz da prostituição causa - assumindo o papel de estrutura reprodutiva dessas desigualdades - ora a concebe como consequência dessas desigualdades económicas de género.

Por tudo isto, torna-se fundamental assumir uma posição distinta, uma posição que permita ir além da muralha conceptual criada pela prostituição imaginativa. Confrontamo-nos com a necessidade de ganhar distância em relação ao que parece evidente, rompendo com evidências provenientes de formulações teóricas que, apesar de frequentemente repetidas e reproduzidas por diferentes tipos de discurso sobre a realidade prostitucional (comum, artísitico, ficcional), se tornaram insuficientes quanto à respectiva capacidade explicativa. Trata-se, pois, de uma condição para se passar a novas construções conceptuais, à exploração de novas interrogações e hipóteses orientadoras de caminhos críticos de pesquisa (Almeida, 2007). Inspirada por Wright Mills (2000), esta pesquisa orienta-se pela tentativa de responder a um conjunto de questões fundamentais: qual a estrutura social da parcela de

realidade que procuramos perceber e explicar? Quais são os seus principais componentes e de que forma se relacionam? Quem são os protagonistas? Quem são os homens e as mulheres, quais as suas histórias pessoais e sociais e os seus atributos estruturais?

Com a preocupação de que o trabalho sociológico não seja um esforço improdutivo, esta pesquisa esforça-se para que a análise da parcela da realidade ocupada por este tipo de prostituição faça articular a biografia dos seus autores, as estruturas sociais e a sua inserção estrutural (Mills, 2000). Esta pesquisa situa-se num renovado interesse na análise e teorização da intersecção entre classes sociais, género e sexualidade (Skeggs, 1997 e 2004; Henessy, 2000, 2006; McDermott, 2006, 2010 e 2011; Taylor, 2010, 2011 e 2013). Isto é, nesta pesquisa torna-se indispensável situar a prostituição e os seus protagonistas centrais no contexto das dinâmicas sociais actuais reveladoras do carácter transversal das desigualdades sociais contemporâneas, da forma como elas se manifestam nos diversos aspetos da vida social (incluindo esta forma de sexualidade paga), assim como da complexidade das suas causas e da diversidade dos seus impactos (Costa, 2012a e 2012b).

A activação do conceito de classes sociais permite proceder a uma caracterização estrutural dos protagonistas sociais (Almeida, 1981; Costa, 1999), porque se interessa em conhecer as configurações que as distribuições desiguais de recursos, poderes e oportunidades temporária, histórica e contextualmente assumem (Almeida, 1981 e 1984; Costa et al, 2007; Taylor 2011, 2013). Isto é, a um nível estrutural devemos identificar a rede de dimensões relevantes que estruturam tais sistemas de desigualdades e distinções sociais, bem como as dinâmicas que influenciam a sua reconfiguração. Porque será por essas dimensões que se torna possível a análise das condições sociais de existência (Almeida, 1981; Costa et al, 2007). O conceito de classes permite articular as regularidades observáveis dos processos sociais com os seus princípios básicos de organização (Almeida, 1981).

De um ponto de vista relativamente genérico podemos dizer que a análise se situa no plano das desigualdades de recursos (Therborn, 2006) e das condições e existência. A preocupação é perceber que os protagonistas deste tipo de prostituição podem estar em posições muito desiguais para poderem actuar no mundo social (dentro e fora das fronteiras do contexto prostitucional). Os recursos adequados para actuar no mundo social incluem não só recursos de natureza económica, como também o conhecimento e a educação ou as redes sociais (Therborn, 2006). De outra forma, dependem do património acumulado dos capitais (Bourdieu, 1979 e 2001) e das condições de existência.

A exploração da intersecção entre classes sociais e sexualidade permite a pesquisa da produção e das consequências das desigualdades de acesso a recursos e poderes na vida sexual seja ela vivida em contexto comercial ou fora dele. Isto significa problematizar o ordenamento e estruturação social da sexualidade (Jackson, 1999a, 2001, 2005 e 2006 e 2011; Jackson e Scott, 2010), rompendo com o estado impensado da estrutura desta forma de prostituição, dos princípios organizadores do espaço de posições sociais relativas e dos atributos estruturais das mulheres prostitutas e dos homens clientes.

Importa ainda situar a prostituição, as suas dinâmicas e protagonistas no mundo em que vivemos. E, esse mundo encontra-se em mudança, no meio de transições incompletas e profundas que criam novas possibilidades de experimentar a diversidade sexual e criar novas formas de organizar a vida íntima (Weeks 2007; Richardson, 2000a, 2000b, 2007 e 2017; Plummer, 2008; Giddens, 1995). Mudanças e transições incompletas que deixam antever novas possibilidades de enquadramento da prostituição e dos seus protagonistas. Por outro, também somos obrigados a situar estes sujeitos sexuais, interrogando a relevância, a transmissão e a acumulação, de desvantagens ou vantagens de classe (Taylor, 2011). Porque, tais processos de acumulação estão implicados na estruturação da vida e da forma como os indivíduos experimentam a sua sexualidade (Hockey et al., 2007). A activação do conceito de classes sociais na análise e na teorização da sexualidade paga permite seguir a pista das interrogações em torno de quem vive tais experiências de transformação, quem são os autores e actores dessas novas possibilidades para a prostituição. Não podemos negligenciar as implicações das classes sociais e da estrutura de distribuição desigual de recursos e poderes (Taylor, 2010, 2011 e 2013; McDermott, 2010 e 2011), porque, as oportunidades não são igualmente distribuídas pelos indivíduos e as pessoas vivem estas transformações sociais de forma diferente e de acordo com os recursos a que a sua localização no espaço social permite aceder.

As classes sociais funcionam, também, como um conceito mediador entre os constrangimentos estruturais, condições de existência desiguais, e as possibilidades de acção na vida quotidiana. Permitindo avaliar o grau e o modo como as condições objectivas condicionam e potenciam a existência, o pensamento e a acção dos protagonistas sociais. Assim como, em sentido inverso, permitem investigar o grau e o modo como a acção individual dos protagonistas sociais vai contribuindo para reproduzir ou transformar as relações assimétricas de poderes e as distribuições desiguais de recursos e oportunidades.

No âmbito da preocupação de ruptura como uma prostituição imaginativa, o conceito de classes sociais representa também uma virtualidade operatória, na medida em que o seu carácter mediador entre agência e estrutura permite ultrapassar uma visão polarizada sobre a prostituição. Através desta análise supera-se a cisão entre as visões estruturalista-objectivista e a accionalista-subjectivista; ou de outra forma ultrapassa-se o fosso entre uma posição que vê na sexualidade, sobretudo na sua versão comercial, uma forma de perigo, de opressão e de exploração das mulheres (prostituição imaginativa) e outra que a situa exclusivamente no plano do prazer, da afirmação individual e da emancipação (prostituição imaginativa emergente).

Adicionalmente, a análise de classes aplicada a este tipo de prostituição, significa a ruptura definitiva com a ideia da sexualidade enquanto estrutura social que condiciona e determina a existência no mundo social. Pelo contrário, a sexualidade que se vive em contexto prostitucional passa, necessariamente, a ser entendida como uma das múltiplas esferas da realidade estruturada pela distribuição e acumulação de vantagens e desvantagens.

Na verdade, colocar as classes sociais no centro da pesquisa mais não será do que superar uma ausência indetectada, uma zona cinzenta do conhecimento sociológico ou uma ignorância específica (Merton, 1973 e 1987) acerca da realidade prostitucional: a ausência de uma análise do sistema de diferenças sociais presentes na estruturação da prostituição; a ausência de um quadro de pesquisa estratégico da realidade social (Almeida, 1981). Esta ausência na pesquisa sociológica sobre a prostituição integra-se numa ausência, mais generalizada, do conceito de classes sociais nos debates teóricos em torno da sexualidade (Hockey et al., 2007). As classes sociais têm sido negligenciadas na análise e problematização teórica em torno da sexualidade e dos seus múltiplos objectos substantivos. De forma homóloga, a sexualidade aparece sistematicamente ausente das teorizações das classes sociais (Taylor, 2011 e 2013). Apesar da prometida interseccionalidade analítica e teórica (Plummer, 2008; Jackson, 2011; McDermott, 2010 e 2011, Rahaman e Jackson, 2010; Taylor 2010, 2011 e 2013), são raros os trabalhos a fazer a conexão entre estruturas sociais, as classes sociais, género e sexualidade (Plummer, 2008).

Esta lacuna deve-se em boa parte a um momento histórico que fez coexistir e conjugar as teorias do fim das classes sociais, as teorias da individualização radical e o pensamento pós-estruturalista baseado numa noção ambígua de poder enquanto formulação discursiva (performativa), que está tanto à disposição de repressores como de transgressores. Por um lado, com as perspectivas pos-estruturalistas e o afastamento da problematização das classes sociais, a teorização das relações sociais de género e as problematizações em torno da sexualidade ficam parcialmente reféns de abordagens culturalistas (Crompton, 2003; Jackson, 1999b, 2001 e 2011). As teorias da inflexão cultural (cultural turn) oferecem lugar central à afirmação performativa da pluralidade das identidades de género e sexuais (Butler, 1990 e 2004), insistindo numa análise da diversidade que negligencia as desigualdades (Plummer, 2008; Jackson, 2006; McNay, 1992 e 2000). Daqui resulta pouco espaço teórico para a problematização das condições materiais da sexualidade e a negligência da importância das desigualdades sociais, económicas e políticas na definição e experimentação da sexualidade (Jackson, 1999a, 1999b, 2001 e 2011; McDermott, 2010 e 2011; Taylor, 2010 e 2011; Seidman, 2011). Por outro lado, a sexualidade é frequentemente situada nos processos de individualização reflexiva radicalizada, processos em que os indivíduos se constroem e reconstróem tendo em consideração as suas escolhas e preferências, num processo de auto-construção (McDermott, 2010 e 2011; Giddens, 1992; Heaphy 2008). Mas, as respostas encontradas no seio das teorias da inflexão culturalista mostram-se incapazes de entender o poder distribuído de forma inegalitória pelos indivíduos; isto é, inviabilizam a análise das relações de poder envolvidas na estruturação sistemática de desigualdades tal como acontece na formação das classes sociais (Jackson, 1999a, 1999b, 2001, 2005 e 2011). As escolhas e os processos reflexivos operam-se em contextos estruturalmente constrangidos (Adkins, 2002; Armstrong, 2010; Skeggs, 2004; Wilson-Kovacs, 2010).

1.2 | Contexto e agência, modos de vida e quadros de interacção

Se num ponto de ancoragem teórica anterior o esforço de problematização se situava ao nível da relação entre a capacidade de acção dos indivíduos, percebendo como se encontram as intencionalidades de indivíduos socialmente reflexivos e as condicionantes ou catalisadores estruturais (Giddens, 1984 e 2000; Archer, 2000, 2003 e 2007b). Agora o esforço situa-se na compreensão contextual do indivíduo, da acção pessoal e da intersubjectividade (Almeida, 1981). Trata-se de encontrar um espaço teórico capaz de fazer emergir a experiência social que fica guardada no quotidiano onde estão escondidos os mecanismos generativos dos fenómenos sociais. Teorizações devedoras de duas tradições diferentes, o pragmatismo filosófico norte-americano reelaborado pelo interaccionismo simbólico (Mead, 1963; Goffman, 1967 e 1993; Becker, 1997; Collins, 2004), e a fenomenologia tal como apresentada por Schutz (1967). Seguindo Mead e depois dele Berger e Luckman (1998), Goffman, Becker (1997) e Collins (2004), ou mesmo Giddens (1984 e 2000) e Archer⁶ (2000), o objectivo será olhar com especial atenção para o presente da interacção onde as estruturas sociais se instanciam, onde se jogam as capacidades de acção e os poderes estruturais; olhar para o quotidiano onde tudo se passa como se nada se passasse (Pais, 2002). Um tempo presente que será de reprodução social, mas também onde se jogam as possibilidades de criação e transformação. Na verdade, este ancoradouro teórico marca a quebra definitiva do monolitismo do social (Velho, 1999). A estrutura social deixa de ser homogénea e fixa e passa a representar a acção social de agentes diferentemente e desigualmente situados no processo social. Portanto, representa a permanente margem de manobra onde podem surgir comportamentos divergentes e contraditórios e a permanente possibilidade de transformação de um ordenamento social (Velho, 1999).

Uma análise que parte deste ponto de vista obriga a uma teoria da agência que permita perceber três aspectos fundamentais da interacção. Em primeiro lugar, como os agentes concebem reflexivamente os seus projectos; em segundo, como a busca desses projectos activa, suspende ou circunscreve os poderes de constrangimento das estruturas sociais; finalmente, em terceiro, como os actores monitorizam reflexivamente as circunstâncias sociais e a si mesmos na tentativa de atingir os seus objectivos e projectos.

De forma operatória, este esforço analítico é operacionalizado através dos conceitos de modos de vida e de quadros de interacção.

⁶Giddens desinteressa-se da teorização da interacção enquanto esfera autonomizada da realidade social, identifica-a como locus da instanciação das estruturas sociais (Giddens, 1984 e 2000). A teorização da agência desenvolvida por Margaret Archer é fortemente devedora dos contributos do interaccionismo simbólico (em primeiro lugar de Herbert Mead, mas também de Erwin Goffman) e da fenomenologia (Merleau-Ponty, 2003) Para mais ver: Archer (2000).

Os modos de vida: à procura dos porquês.

A grande interrogação que algumas vezes é concretizada como objectivo de pesquisa, mas que na maior parte dos casos apenas paira sobre toda a pesquisa como um enorme implícito, é a dos porquês. Por um lado, saber por que é que as mulheres iniciam a actividade prostitucional sabendo que a essa actividade acresce um enorme risco de estigma? Por outro, por que razões os homens recorrem aos seus serviços sexuais pagos num quadro geral de transformações da sexualidade e de ruptura com o duplo padrão moral no sentido da igualdade entre homens e mulheres na experimentação da sexualidade?

Responder a estas questões envolve uma tarefa aparentemente simples, mas nunca conseguida na sua plenitude. Porque implica perceber o olhar sociológico sobre a prostituição e os seus protagonistas centrais como a prática de uma sociologia dos motivos. A análise dos motivos e razões para a entrada na actividade prostitucional tem sido um terreno fértil de discussões, sendo um dos pilares onde assenta a polarização das visões sobre a prostituição e as mulheres prostitutas. Uma disputa entre uma visão das mulheres prostitutas como objectos e vítimas sexuais e outra que as concebe como trabalhadoras (Weitzer, 2000a e 2000b).

Aqui rejeita-se a busca dos ‘motivos verdadeiros’ para lá dos meros exercícios de racionalização da acção e do comportamento, na medida em que isso significaria enredarmo-nos numa visão metafísica e essencialista, dependente da crença de que existe uma qualquer verdade escondida e que, ao melhor estilo positivista, deve ser descoberta (Almeida e Pinto, 1975 e 1990; Mills, 1940 e 2000; Sedas Nunes, 1980).

Trata-se, antes de identificar os motivos percebidos enquanto os termos através dos quais os protagonistas verbalizam e racionalizam os seus actos e os acontecimentos em que se vêm envolvidos, formando um vocabulário de motivos histórica e situacionalmente localizados. Os motivos não são elementos fixos que se encontram no interior dos indivíduos, não são uma espécie de essência dos seus comportamentos (Mills, 1940). Os motivos devem ser vistos como vocabulários que os indivíduos utilizam para justificar as suas acções ou as suas posições perante os outros e no contexto situacional específico (Mills, 1940). Uma gramática que perde qualquer valor quando extraída do quadro societal delimitado em que emerge e onde encontram a sua pertinência. A tarefa deve ser, portanto, localizar tipos particulares de acção, o seu quadro normativo e os conjuntos de motivos socialmente situados.

Regressando a Mead (1963), percebemos que os motivos e as acções são originados não pela vontade interior do indivíduos mas pelas situações em que os indivíduos se encontram, permitindo responder à questão dos ‘porquês’ com os ‘comos’. Isto é, por um lado, as estruturas motivacionais dos indivíduos dependem dos seus enquadramentos sociais e dos enquadramentos de inteligibilidade prática (Mills, 1940), que para uns toma a forma de habitus (Bourdieu, 1979, 2001 e 2002), para outros de sentido prático (Giddens, 1984 e 2000) ou de reportório disposicional plural (Lahire, 1998,

2004 e 2005). Por outro, os motivos usados para justificar um determinado comportamento ligam-se imediatamente a uma situação social, integrando essa acção num quadro relacional mais vasto e alinhando o comportamento com as normas que potencialmente o avaliam (Mills, 1940).

É, precisamente, por causa deste duplo carácter da gramática dos motivos que se torna pertinente a activação do conceito de modos de vida, funcionando como verdadeiro auxiliar numa sociologia dos motivos da prostituição. Porque, os modos de vida localizam o acontecido, cruzando trajectórias biográficas com mobilidades sociais no cenário da luta quotidiana pela vida e com as condições objectivas de existência. Ao mesmo tempo, os modos de vida fornecem o esclarecimento da relação entre a capacidade de acção das mulheres prostitutas e dos homens clientes e as contingências estruturais que os afectam, percebendo como se conjugam as intencionalidades individuais e as condicionantes ou catalisadores estruturais. Ou de outra forma, permite avaliar em que medida a concepção reflexiva dos projectos individuais das mulheres acompanhantes e dos homens clientes e a luta pela sua concretização, activa, suspende ou circunscreve os constrangimentos estruturais. Resumindo, recorrendo aos modos de vida torna-se possível articular a biografia dos autores e actores desta forma de prostituição, as estruturas sociais e a sua inserção estrutural (Mills, 1940 e 2000).

Uma sociologia dos motivos (Mills, 1940) aplicada a esta forma de prostituição e apoiada operacionalmente pelo conceito de modos de vida (Certeau, 1998; Capucha, 2005) apresenta um conjunto adicional de virtualidades teóricas e analíticas.

Em primeiro lugar, através de uma narrativa que contextualiza a acção e os acontecimentos, o conceito de modos de vida permite responder às questões fundamentais sobre quem são estes homens e estas mulheres, quais as suas histórias pessoais e sociais e como é que elas se articulam com os seus atributos estruturais. Mais, permite responder a estas interrogações escapando à lógica de reprodução dos discursos da prostituição imaginativa que aponta às mulheres prostitutas razões de carácter estrutural, não só sedeadas num sistema de desigualdades simbólicas-ideológicas de género, mas também nas desigualdades sociais e económicas típicas das sociedades de capitalismo avançado; e aos homens imputa motivos para o recurso à prostituição que derivam de uma matriz biologicista que apenas consegue razões de ordem sexual, mais ou menos impulsivas ou compulsivas e mais ou menos patológicas (Giddens, 1995).

Em segundo, desoculta a existência uma paleta diversa de razões e justificações para os homens recorrerem à prostituição. Algumas delas estarão obviamente relacionadas com fantasias sexuais, busca de prazer, e o desejo por sexo (Sanders et al, 2009; Monto, 2000, 2004 e 2010; Månsson, 2001 e 2006). Mas, uma análise abrangente das motivações, que não fica presa na dimensão erótico-sexual, obriga a perceber o processo de constituição de um homem como cliente como algo que vai além dos desejos físicos e sexuais, percebendo o potencial explicativo noutras razões sociais e pessoais. As razões do recurso à prostituição enraízam-se profundamente nas histórias de vida e nas suas múltiplas dimensões e cenários de socialização (Nencel, 2001; Sanders, 2008). Quem são? Por

que recorrem a estes serviços sexuais pagos? Que vidas têm? De que forma o recurso à prostituição se encaixa nas suas vidas?

Num terceiro plano, traz para a luz a possibilidade das trajectórias de entrada e de iniciação na actividade como prostituta deixarem de ser uma consequência directa da pobreza no feminino, como durante muito tempo se pensou (Bernstein, 2001, 2007a e 2007b; Coelho, 2009a; Scambler, 1997; Scambler e Scambler, 1997). De facto, ao contrário do imaginado por várias gerações de pensadores, o aumento progressivo da participação feminina no mercado de trabalho, tendencialmente em condições igualitárias com os homens, e o declínio do duplo padrão sexual (Earle and Sharp, 2007; Jackson e Scott, 2004 e 2010) – manifestação objectiva da ordem de género na sexualidade -, não só não eliminaram as razões sociais da prostituição, como não evitaram o crescimento e diversificação da prostituição, dos seus mercados, áreas de actuação e formas de actividade (Bernstein, 2007a e 2007b). Temos portanto de nos questionar sobre que mulheres são estas que trajectórias biográficas e sociais tiveram até à entrada na prostituição? Que caminhos percorrem hoje? Como fazem encaixar a actividade prostitucional nas suas biografias?

O que está em causa não é negar as causas objectivas e materiais do ingresso na actividade prostitucional, mas antes centrar o enfoque na importância de teorizar e explicar a emergência económica enquanto factor de incentivo à entrada na prostituição no quadro das pequenas narrativas (Scambler e Scambler, 1997) através das quais as acompanhantes dão sentido à história pessoal. Desta forma, levamos teoricamente em consideração o passado incorporado, as experiências socializadoras anteriores (Lahire, 1998), mas longe de conceber o presente situacional como uma fórmula síntese do passado vivido, uma espécie de resultado causal do vivido ou numa espécie de imutável homologia entre as condições objectivas de vida, social e historicamente internalizadas, e a capacidade de acção.

Finalmente, o recurso ao conceito de modos de vida significa um esforço teórico e analítico no sentido da superação da cisão entre objectivismo e subjectivismo na análise da natureza social das acompanhantes e dos clientes, isto é, das condições sociais e da forma como elas são internalizadas, geridas e naturalizadas individualmente. Em parte, esse esforço passa por considerar que os cenários de precariedade ou escassez material são condições tão objectivas como aquelas comumente percebidas como particulares, subjectivas ou individuais. Assim, supera-se a incapacidade de descortinar as maneiras através das quais se produzem e revelam formas específicas de subjectividade sexual e social, ou as formas através das quais as mulheres trabalhadoras sexuais se afirmam como mulheres-indivíduo (Torres, 2001 e 2002): produtora do mundo social e cidadã sexual (Weeks, 2007) sujeito do seu corpo, da sua sexualidade e dos seus desejos. Uma mulher que se afirma no centro de uma feminilidade alternativa e provocadora (Coelho, 2009b; Jackson e Scott, 2004 e 2010), de uma feminilidade sexualmente empreendedora (Harvey e Gill, 2011). Ao limite, uma mulher que não vive oprimida pela existência da indústria do sexo; pelo contrário poderá ver nela novas possibilidades de experimentação e expressão sexual (Attwood, 2006 e 2009), ou simplesmente uma forma legítima de ganhar a vida (Coelho, 2009a). Ilumina-se a capacidade das mulheres prostitutas utilizarem o trabalho

sexual como alavancagem da vida, obtendo os recursos fundamentais para financiarem o seu bem-estar quotidiano mas também para traçarem trajectórias de mobilidade social favorável (Corbin, 1978 e 1990).

Quadros de interacção

O conceito de quadros de interacção proposta por António Firmino da Costa (1999) permite analisar simultaneamente os contextos sociais e as relações de interacção. Trata-se de não negligenciar a importância, desde logo destacada por Durkheim (2002), da densidade relacional como parâmetro decisivo para a organização ou dos processos de efervescência colectiva produto de relações de interacção como agregadores.

Trata-se de entender um nível específico de estruturação social, permitindo clarificar os quadros contextuais das relações de interacção que constituem, quer como produto quer enquanto produtoras parciais, esta forma particular de prostituição. Deste modo dá-se atenção sociológica às relações interpessoais que apenas aparentemente são indivíduo a indivíduo mesmo que ocorram numa esfera da realidade percebida como particularmente íntima, privada e escondida como é a sexualidade paga.

O quadro de interacção (desta forma particular de prostituição) constitui uma unidade social delimitável, contudo, essa circunscrição não se restringe ao aspecto espacial mas sim a um conjunto de dimensões sociais enquadradoras de regimes específicos de processos interaccionais. Por isso, importa não só fazer a anatomia descritiva mas também aquilo que se contém e circunscreve no interior destas fronteiras espaciais. No fundo, interessa-nos o que se produz nesse reduto de efervescência interaccional: são os contextos e a intensificação interaccional onde ocorre o encontro prostitucional entre acompanhantes e clientes que configuram as propriedades específicas fundamentais desta actividade prostitucional.

1.3 | Feminismos, sexualidade e sociologia

A luta política em torno da sexualidade é marcada, por um lado, pela busca da autonomia sexual das mulheres, por outro, pela luta contra a coerção e exploração. Tem, por isso havido enorme tensão no interior do feminismo entre a análise dos constrangimentos da sexualidade, a busca de liberdade sexual, e a opressão das mulheres através da sua objectivação e exploração sexual (Jackson e Scott, 2010).

As lutas políticas e as disputas ideológicas estendem-se à ciência, constituindo particulares condições ideológicas de produção de conhecimento. A sexualidade e a prostituição, enquanto campos de problematização teórica e como objectos de estudo, tornam-se espaços férteis para disputas

ideológicas que se organizam em torno de dois pólos ou eixos que se opõem ideologicamente. Para alguns, este será o binário prazer/perigo⁷ (Vance, 1984).

Um dos problemas já aqui detectado é a exclusiva identificação da sexualidade como fonte da subalternidade feminina nas sociedades modernas. Mas, havendo a necessidade da defesa da superação de uma moralidade sexual que determinava uma sexualidade feminina condicionada pelas orientações racionais-económicas e masculinas e a afirmação do nexos amor-sexualidade⁸. Também será verdade que este novo protagonismo das mulheres significa a produção de uma nova moral sexual, com novos referentes de controlo à acção feminina (e masculina), determinando novos possíveis (práticas morais) e novos interditos sexuais (práticas imorais). Desse ponto de vista, a definição de moralidade e imoralidade sexual faz-se pela dupla fronteira: por um lado, aquela separa dinheiro e sexo. Uma fronteira que permanece activa na contemporaneidade, persistindo a incapacidade conceptual e analítica de perceber ligações entre as esferas económicas (interesses materiais dos indivíduos) e a intimidade, os vínculos afectivos e a sexualidade, que não seja pela lógica da contaminação (Simmel, 1999, 2006a e 2006b; Giddens, 1995; Jamieson, 2005. Zelizer, 2002 e 2005). Por outro, ergue-se uma fronteira moral na distinção entre sexualidade física e sexualidade amorosa ou íntima.

Desta forma, ordena-se a sexualidade em torno de dois vectores isotópicos. O primeiro é dominado pela moralidade a quem se juntam emoções, amor, sexualidade íntima, protecção sexual (contra violência masculina), direito ao corpo, emancipação das mulheres. Em contraste, o segundo vector tem na imoralidade a sua força agregadora. A partir dela encadeiam-se racionalidade económica, dinheiro, sexualidade física, exploração, opressão, dominação masculina.

Esta posição tem consequências teóricas para a prostituição, conferindo-lhe um duplo estatuto: em primeiro lugar, para a prostituição fica reservado o lugar da confluência de todas as imoralidades e

⁷ Este binário será o centro das denominadas *sex wars* que marcaram os anos 1980. As linhas de batalha foram definidas por libertárias (que se definem como sexualmente positivas e pro-prazer) e por feministas radicais que se centram no combate à exploração sexual e à violência sexual (Jackson e Scott, 2010). Apesar da origem desta cisão do pensamento feminista remontar ao final do século XIX e início do XX, a verdade que é do ponto de vista paradigmático se regista nas visões actuais. Isto é, nenhum dos pólos da discussão alterou significativamente o seu posicionamento, limitando-se a fazer actualizações linguísticas e terminológicas. A importância das *sex wars* reside no debate, tanto ou mais ideológico e moral como científico, em torno de comportamentos sexuais, de formas de transgressão sexual, da indústria do sexo e da prostituição. Para mais ver, por exemplo: Ferguson et al (1984), Duggan e Hunter (1995), Vance (1984).

⁸ Com origem nos movimentos sufragistas do século XIX que, para além das lutas em torno da participação das mulheres na esfera política e económica, reivindicam o direito da mulher ao seu corpo, bem como o acesso aos meios para as mulheres se protegerem de sexo indesejado e da violência dos homens (Bland, 1996); defendendo o primado da intimidade na organização das relações sexuais (Bland, 1996 e 2002), ou a ruptura com uma visão patrimonialista das relações amorosas e do casamento (Torres, 2001 e 2002). Ainda que esta reivindicação possa parecer a conservação dos ideais do amor romântico que destina à mulher uma posição contemplativa da sexualidade, nesta proposta está contido potencial emancipatório: supera-se a lógica património-casamento-reprodução, identificada por Engels (1964) como a natureza do capitalismo, e cria-se uma orientação radicalmente diferente assente no nexos amor-casamento. Assim, a noção de amor deixa de ser contemplativa; o amor torna-se sinónimo de escolha e incorpora a permanente possibilidade de mudança.

desigualdades. A prostituição torna-se na forma mais pura de agressão dos homens. Ao mesmo tempo, enreda-se num contexto transaccional da economia capitalista masculina que lhe destina o lugar da escravatura e da exploração (Tavares, 2011). Em segundo, porque a prostituição está contida na estrutura da sexualidade, torna-se maginalizante da condição das mulheres pela sua simples existência. Ou seja, a prostituição é colocada no lado das causas da opressão das mulheres. Assim, passa a alvo político deste eixo do feminismo: a abolição da prostituição é um dever feminista, porque na sua erradicação está contido o desaparecimento de uma sexualidade produtora de relações de género patriarcais.

Mais, a sexualidade revela-se um espaço problemático, preenchido por posicionamentos hesitantes e alianças surpreendentes: eram frequentes os apoios feministas a campanhas de movimentos puritanos ou a legislação de controlo da sexualidade. Alianças tácticas com adversários ideológicos com o objectivo pragmático garantir legislação na defesa das mulheres contra a violência sexual (Weeks, 1985 e 1995).

Do outro lado do espelho...

Outra visão da feminista da sexualidade e da sexualidade paga (prostituição) – com origens históricas naquilo que podemos considerar o vanguardismo cultural do final do século XIX e início do século XX – começa, desde logo, a elaborar a distinção entre as esferas estético-expressivas e cognitivo-instrumentais, sendo que a cada uma delas corresponde uma lógica de organização específica. Uma consequência desta distinção da realidade será a abandono da noção da sexualidade enquanto estrutura, passando a ser concebida como uma esfera do social; diferença fundamental para se poder analisar a sexualidade. Desta forma, não será a sexualidade que determina as relações de género. Pelo contrário, serão as desigualdades entre homens e mulheres produzidas, fundamentalmente mas não exclusivamente, no sistema produtivo que configuram a forma como a sexualidade pode ser vivida.

Se a dependência económica em relação aos homens pode ser um factor determinante para a relação das mulheres com a sua sexualidade, obrigando-as à passividade e à repressão dos seus desejos como estratégia de vida, garantindo o cumprimento das suas necessidades objectivas⁹. Também será verdade que esse jogo se joga numa dimensão da realidade com princípios de organização particulares. É, precisamente, na autonomia parcial da sexualidade e no hiato entre lógicas internas e os efeitos estruturais, que se fundamenta o pensamento e a agenda reivindicativa deste eixo do feminismo¹⁰.

⁹ Praticamente todos os números da revista *The Newfreewoman* de 1913 discutem esta condicionante estrutural da vida sexual das mulheres. Esta discussão surge em quatro moldes diferentes: a) através de artigos originais; b) por meio de respostas a leitoras; c) em comentários à imprensa da época; d) ou em acutilantes críticas a posições feministas adversas.

¹⁰ Podemos designar como *eixo cidadania-subjectividade sexual*: organiza-se em torno do paradigma da emancipação que tem origem num movimento feminista (Freewoman circle), onde se regista profundo debate interno entre: a) a discussão entre a visão quase espiritual da sexualidade e a sexualidade e o erótico dissociados da reprodução, incorporando prazer físico, libertação e emancipação

Trata-se do entendimento da sexualidade como uma dimensão fundamental da vida nas sociedades modernas, cujos princípios de orientação podem ser negociados à medida que se joga o jogo erótico e sexual em movimentos, ora de reprodução, ora de resistência ou de transformação de normatividades de género.

De forma simples, na dimensão social da sexualidade existe potencial de transformação das relações de género, a mudança passa por dar acesso às mulheres a uma sexualidade activa (Bland, 1996). Fazendo da sexualidade um palco político e antecipando um futuro que era ainda longínquo imaginavam uma feminilidade, que não se esquecendo das desigualdades objectivas que a afectam, não deixa de se querer afirmar através de uma subjectividade sexual ou cidadania sexual (Weeks, 2007): pela expressão da sexualidade, do corpo, e dos desejos e vontades sexuais (Bland, 1996). Isto é, a possibilidade das mulheres *serem sexuais* e puderem experimentar uma *sexualidade física*, dentro e/ou fora de contextos amorosos, em encontros hetero ou homossexuais (Bland, 1996 e 2002). Entre as pioneiras deste eixo de pensamento (no início do século XX)¹¹ concebe-se pela primeira vez no pensamento feminista a sexualidade afastada do risco. O sentido da noção de controlo total das mulheres sobre o seu corpo vai para além da resistência à violência e centra-se na legitimação do desejo de usar o corpo sexualmente em direcção ao prazer (Bland, 1996, 2002). Transformando-se num eixo que tenta conjugar a preocupação em não abandonar um cenário de protecção sexual (resistência e direitos jurídicos-normativos) com a busca de prazer (agencialidade sexual), formatando um feminismo esperançado na emancipação (Dubois e Gordon, 1983).

Ao mesmo tempo que a preocupação com as condições estruturais de existência se mantém no centro das preocupações¹², a prostituição é – na perspectiva destas feministas do século XIX - desde logo, enquadrada no problema mais vasto da liberdade das mulheres, uma liberdade que passa, necessariamente, pela independência económica. A independência económica das mulheres significa não só a ultrapassagem da circunscrição da sua vida à família e aos homens, como também a criação das condições para evitar a pobreza das mulheres. De forma simples, o combate à prostituição é o

feminina; b) a sexualidade física como forma de afirmação da mulher moderna e a ruptura com o duplo padrão sexual; c) a homossexualidade e a sua definição patológica; d) o questionamento do poder normativo da sexologia e a utilização dos seus conhecimentos como norma; e) criação de uma linguagem feminista na produção de uma problemática em torno da sexualidade. Para mais ver: Dubois e Gordon (1983); Bland (1996, 2002).

¹¹ Não sendo suficientemente competente na análise histórica, limitei-me a situar a constituição do eixo cidadania-subjectividade sexual no momento do aparecimento da revista *Freewoman* (Novembro de 1911), mais tarde chamada *The New Freewoman* (1913). Ainda que o eixo seja inaugurado em torno da actividade editorial destas revistas não deve com ele confundir, até porque a pujança do debate é interrompida com a I Guerra Mundial. No período entre guerras assiste-se à emergência da teoria psicanalítica de Freud que coloniza os discursos, científicos e comuns, acerca da sexualidade e da posição das mulheres na sexualidade. Desta forma, os debates em torno da constituição de uma subjectividade sexual feminina estão afastados, enquanto campo de produção teórica sistemática, do pensamento feminista e das ciências sociais até à contemporaneidade.

¹² Só numa fase muito mais recente, a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, é que se assiste a uma deriva parcial do feminismo para incursões pós-estruturalistas. Em grande medida, esse tipo de movimento dá-se sob influência do pensamento de Michel Foucault.

combate contra a desigualdade entre homens e mulheres no acesso a recursos económicos e faz-se pela luta pelo direito ao trabalho.

De forma sintética, este eixo distribui a sua produção intelectual em dois tabuleiros distintos: ao nível estrutural, não perde a memória das desigualdades objectivas, defendendo a independência económica das mulheres. A uma escala individual produz uma visão da sexualidade como esfera de acção transformadora do lugar passivo reservado para as mulheres. Desta forma, a esfera da sexualidade é percebida como um lugar de mudança social e sexual, obrigando a ver social e sexual de forma articulada. Ou de outra forma, neste eixo do pensamento feminista congregam-se contributos, desde o início do século XX até à actualidade, que transforma a sexualidade num campo analítico (e de lutas políticas) que articula as dimensões subjectivas e estruturais da existência social.

A insatisfação com as análises do tipo estruturalista pela sua incapacidade de darem conta dos aspectos subjectivos da experimentação das relações de género e da sexualidade, obriga o pensamento sociológico e feminista a encontrar novas soluções teóricas para o aparente beco sem saída (Jackson e Scott, 2010).

Destacam-se, por exemplo, os contributos teóricos que pretendem, num passo teoricamente arriscado, articular o estruturalismo com os quadros da psicanálise, onde se destacam os de Reich (1951) e Marcuse (1955, 2007), que perceberam na repressão da sexualidade uma forma de manutenção da ordem social capitalista. Ou de outra forma, que a repressão sexual seria fundamental para a opressão social. Neste sentido, libertar a sexualidade humana da repressão seria uma forma de luta política contra a exploração capitalista¹³. Ou ainda, o trabalho de Gayle Rubin¹⁴ (1975) que utiliza uma grelha de pensamento que separa os níveis económico e ideológico e que cruza a visão de Lacan e Lévi-Strauss. Deste modo, ‘explicar a utilidade da mulher para o capitalismo passa a ser diferente de dizer que esta utilidade explica a génese da opressão da mulher’ (Almeida, 1995:85), contrariando as visões feministas que viam nas relações de género um modo de reprodução conjunta de dois sistemas de dominação inseparáveis, o capitalista e o patriarcal. Rubin identifica a cisão analítica entre produção de uma estrutura de desigualdades e os efeitos estruturantes dessas desigualdades¹⁵: primeiro, explica como a crise edipiana se torna o mecanismo de produção de desigualdades precoces entre homens e mulheres. Depois, clarifica a forma como tais distinções se tornam num sistema organizado de desigualdades visível, por exemplo, na capacidade de configuração e organização da sexualidade.

¹³ Fundamento teórico para as ideias discutidas de forma relativamente solta pelas feministas do eixo cidadania-subjectividade sexual no final do século XIX e início do século XX.

¹⁴ Destacamos aqui Rubin quer pelo lugar de intersecção que ocupa entre o pensamento feminista, a sociologia e a antropologia, quer pelos efeitos duradouros da sua teorização. Contudo, na mesma linha de articulação entre psicanálise e marxismo não podemos esquecer a influência do trabalho filosófico de Irigaray (1985).

¹⁵ Este tipo de cisão analítica continua na actualidade da teorização das relações sociais de género. A completa e sofisticada proposta de Connell (1987 e 2002) constitui-se com base nesta cisão analítica primordial: as estruturas e os regimes de género.

Por tudo isto, importa assumir uma posição que reforça a distinção fundamental entre sexualidade e género. A sexualidade enquanto contexto social e não tem qualquer significado ou não atribui qualquer sentido às diferenças ou distinções sociais de género. O género refere-se a todos os aspectos da divisão, diferença e desigualdade entre homens e mulheres, trata-se fundamentalmente uma divisão social e uma distinção cultural. A sexualidade é uma esfera da vida social e percebê-la enquanto tal autoriza: (i) a análise de ordenamentos sociais da sexualidade mais amplos, nomeadamente da centralidade do género como eixo fundamental em torno do qual se ordena a vida sexual; (ii) a enquadrar as formas disruptivas da sexualidade na ideia geral de que o sexo e a sexualidade são dimensões fundamentais da vida e que devem ser vividas e experimentadas em liberdade (Jackson e Scott, 2010); (iii) entender a sexualidade com potencial emancipatório num desafio à dicotomia bad girl/good girl (Weeks, 1995 e 2007)¹⁶ e a criar espaço para se conceber a possibilidade das mulheres desafiarem o duplo padrão sexual e questionarem as normatividades sexuais instituídas (Weeks, 1995 e 2007).

Assume-se uma perspectiva sociológica sobre a sexualidade que pretende dar uma nova centralidade ao social e à sexualidade, percebendo como esta se entrecruza com esferas mais alargadas do mundo social (Jackson e Scott, 2010). Este posicionamento passa por entender a sexualidade paga como uma sexualidade quotidiana, explicando e dando-lhe sentido enquanto uma realidade mundana da vida social e sexual. Ou seja, pela tentativa de teorização da sexualidade paga que questione o carácter especial ou excepcional da sexualidade (paga) e as formas como é sistematicamente colocada do lado de fora das rotinas de sociabilidade (Jackson e Scott, 2010).

Será um esforço de análise e teorização da prostituição com inspiração construtivista e interaccionista¹⁷ que se define pela preocupação em analisar o carácter rotineiro (quotidiano ou mundano), processual e contingente da experiência prostitucional e como dele resultam significados relevantes para a vida das mulheres prostitutas, percebendo (i) de que forma a actividade prostitucional se articula com os seus projectos de vida; (ii) em que circunstâncias pessoais, sociais e económicas a prostituição se tornou solução de vida; (iii) que capacidades têm para construir e reconstruir o significado daquilo que fazem para as suas vidas; (iv) os efeitos simbólicos e objectivos da actividade prostitucional na vida destas mulheres (Gray, 1973; Bryant e Palmer, 1975, James, 1977; Foltz, 1979; Bernstein, 2007a; Coelho, 2009a; Oliveira, 2004 e 2011; Ribeiro et al, 2008;

¹⁶ Para o feminismo enquadrado no paradigma da opressão, esta é uma visão celebratória da sexualidade em que todas as formas de desejo sexual se tornam legítimas à custa da exploração das mulheres. Esta posição antagónica estrá na origem de um conflito visível entre estes dois eixos feministas: as *sex wars*. Em grande medida com combate político e ideológico em torno da constituição de moralidades sexuais.

¹⁷ Este posicionamento teórico entre o feminismo e a sociologia de influência interaccionista tem consequências metodológicas importantes. Transformação que ecoa as preocupações de Nikki Roberts (1992), admitindo que o feminismo não soube perceber e acolher a prostituição no seu pensamento e acção. Desta forma, a pesquisa passa a ter como objectivo dar voz às mulheres prostitutas, vozes que estão ausentes das discussões feministas acerca da prostituição (Nagle, 1997; O'Neil, 1997 e 2001).

O'Neill, 1997 e 2001; Chapkis, 1997 e 2000; Weitzer, 2000a; Day, 2007; O'Connell Davidson, 1998 e 2002).

Isto torna-se apelativo na definição de uma abordagem sociológica feminista da prostituição porque procura desvendar os processos sociais generativos da sua existência (Jackson, 1999a). Desta forma, torna-se possível uma imaginação sociológica feminista capaz de perceber que os problemas individuais vividos na esfera da sexualidade e associados a regimes e ordenamentos de género têm uma origem social e um potencial de mudança.

Se Reich, Marcuse e Althusser permitem transformar a sexualidade num campo de luta ideológica, não só sobre a forma de organização da sexualidade mas também acerca do significado do que é ser-se homem e mulher e de como isso se revela e se negocia na dimensão sexual da vida social. Este embasamento construtivista da sexualidade tem a capacidade de fazer entender que essas lutas ideológicas (lutas pela instanciação da realidade e da organização do mundo social) não se dão em planos meramente abstractos da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições objectivas de vida (Althusser, 1985), nem ficam limitadas às reais possibilidades de revolução (Reich, 1971 e 1974; Marcuse, 1955 e 2007). Pelo contrário, são lutas pela constituição do real que têm lugar na dimensão interaccional da vida de todos os dias¹⁸; a realidade social constrói-se na e pela acção dos indivíduos em sociedade (Mead, 1963; Berger e Luckman, 1998; Becker, 1997; Collins, 2004).

A plasticidade da sexualidade, a sua imensa variedade e inventividade demonstra que não pode ser apenas uma resposta natural inscrita nos corpos, tem de ser o resultado da invenção humana (Berger e Luckman, 1998)¹⁹. Explorando esta pista, Simon e Gagnon (1986 e 1999) avançam com uma teoria da sexualidade em que as interacções sexuais deixam de ser simplesmente respostas naturais e biológicas. Esta posição contraria a ideia psicanalítica da repressão, não existe nenhuma forma de sexualidade pré-definida e disponível a ser reprimida ou actuada. Aquilo que é sexual é um assunto de definição social, uma construção e uma aprendizagem (Jackson, 1999b). Os indivíduos tornam-se sexuais através de processos interaccionais. Na verdade, esta é uma teoria da sexualidade enquanto espaço interaccional, onde se negociam acções possíveis e interditas, articulando guiões sexuais individuais (intrapíquicos), culturais e do presente do encontro interaccional (interpessoais) (Simon e Gagnon, 1986 e 1999).

Ainda que a teoria proposta por Simon e Gagnon não seja muitas vezes utilizada na análise do fenómeno prostitucional, a noção do encontro sexual como momento interaccional de negociação

¹⁸ Será, precisamente, no seio destas lutas pela instanciação do real que podemos colocar as disputas ideológicas entre diferentes visões feministas acerca da prostituição: Por um lado, a emergência da ideia de trabalho sexual e da possibilidade de resignificação simbólica da prostituição e da conceptualização da prostituição como uma actividade potencialmente emancipatória. Visão que não deixa de incorporar os contributos construtivistas e interaccionistas. Por outro, a resistência do feminismo estruturalista radical, que significa a rejeição das teorias construtivistas e interaccionista da sexualidade.

¹⁹ Esta ideia de Berger e Luckman não será alheia a pesquisa de Ford e Beach (1951) sobre as formas como a sexualidade humana é percebida, sobre aquilo que é considerado erótico em diferentes culturas e como são iniciados e performados os actos sexuais.

entre diferentes guiões sexuais revela-se de particular importância porque permite: (i) criar uma grelha de leitura dos acontecimentos sexuais possibilitadora da compreensão do confronto entre os desejos dos clientes e as barreiras impostas pelas prostitutas (Rubin, 1975 e 1984; O’Neil, 1995, 1997 e 2001; O’Connell Davidson, 1998 e 2002; Chapkis, 1997 e 2000; Nagle, 1997; Coelho, 2009a; Oliveira, 2004 e 2011); (ii) desvendar processos de divergência, transgressão e de transformação que são silenciosamente negociados e vividos pelos indivíduos na gestão prática dos seus guiões sexuais (intrapíquicos, culturais e interpessoais) (Gagnon, 2004); (iii) entender como as mulheres prostitutas não são mulheres feitas objectos sem qualquer tipo de poder (Scambler, 1997; Scambler e Scambler, 1997; O’Neil, 1995 e 1997; Rubin, 1975 e 1984; Oliveira, 2004 e 2011); (iv) perceber como no quadro da sexualidade comercial se constitui um ordenamento específico dos acontecimentos sexuais que não difere muito dos encontros sexuais convencionais (Bernstein, 2007a, Lever e Dolnick, 2000), ou como a descoberta do guião sexual do outro (num encontro comercial) pode ser uma fonte de erotização e prazer (Coelho, 2009a; Oliveira e Coelho, 2010).

No âmbito deste trabalho, trata-se de tentar fazer uma análise da prostituição através de um olhar que avalia os encontros sexuais de acordo com a forma como os parceiros se tratam, de acordo com o nível de respeito e consideração mútuos, de acordo com a presença ou ausência de coerção, bem como pelo prazer conseguido (Rubin, 1984). Através deste olhar permite-se a emergência dos significados que as mulheres prostitutas atribuem àquilo que fazem e à relação social sexual e emocional que mantêm com os homens seus clientes.

Ou seja, é uma abordagem teórica pela agência social sexual que desfaz um dos principais mal entendidos (dos discursos feministas, académicos e comuns) acerca da prostituição, a ideia de que a prostituição envolve a compra do corpo da mulher para o uso sexual indiscriminado, determinando a sua completa objectivação (Chapkis, 2000; Petherson, 1996). Na verdade, muitas mulheres prostitutas controlam e determinam os principais aspectos da transacção (Chapkis, 1997 e 2000; Sanders, 2002, 2004a, 2005a, 2005b e 2008; Bernstein, 2007a; Coelho, 2009a; Oliveira, 2004 e 2011; Scambler, 1997; Day, 1994 e 2007).

1.4 | Dinheiro e intimidade

A contaminação das relações sociais pelos interesses económicos e pelo dinheiro, que se baseia numa visão dissociada entre intimidade e os vínculos afectivos, por um lado, e os interesses materiais e económicos, por outro. A constituição destes dois mundos separados e a consolidação da noção dos interesses materiais (o dinheiro) como substância poluente que deve ser estancada num dos lados (Zelizer, 2002 e 2005; Illouz, 1997 e 2007) coloca a prostituição numa situação de particular fragilidade quanto à possibilidade de construção de intimidade. A sua natureza transaccional coloca-a inevitavelmente no lado da objectivação da inexistência de vínculos. Aqui reside o risco determinista

da impossibilidade de conceber as relações entre mulheres prostitutas e homens clientes como espaços de intimidade.

De forma concreta, esta será uma abordagem que permite mapear o papel desempenhado pela prostituição enquanto recurso sexual disponível na sexualidade enquanto dimensão quotidiana, ritualista e repetitiva da vida de todos os dias. As mais recentes dinâmicas da sexualidade nas sociedades contemporâneas têm sido descritas como processos de sexualização da cultura (Atwood, 2006), como uma escalada de intensificação da mercadorização do sexo e do consumismo sexual (McNair, 1996 e 2002) e como uma preocupação de expressão de si e de partilha profunda de si (Plummer, 1997; Weeks, 1995 e 2007). Estas tendências abrem a possibilidade para formas mais visíveis de produção de intimidade e sexualidade e concebem um enquadramento normativo (o que se pode ou não fazer) nas rotinas íntimas. Contudo, sabemos muito pouco acerca destas rotinas. Por isso é relevante colocar a prostituição na discussão acerca da comercialização do desejo sexual (Atwood, 2002, Arthurs, 2003), ou enquanto fenómeno por onde também passa um movimento mais alargado de des-traditionalização das relações de género, da sexualidade e da intimidade (Beck e Beck-Gernsheim, 2002) ou enquanto plano onde se constituem activamente novas formas de cidadania sexual (Plummer, 1997, Weeks, 1995 e 2007; Richardson, 2000a, 2000b, 2007 e 2017).

1.5 | Metodologia

O fenómeno multiforme e plural da prostituição tem-se prestado a múltiplas reflexões orientadas por diferentes eixos teóricos e por visões polarizadas sobre a prostituição e pelas guerras morais e ideológicas que as enredam (Bernstein, 2007a; Sanders, 2005a; Weitzer, 2000a, 2005 e 2010). O sexo como perigo ou como prazer, a prostituição como exploração das mulheres ou como factor de emancipação são fórmulas polarizadas que se tornaram recorrentes e que fazem da tensão estrutura vs acção social um debate central de ordem teórico-metodológica quando se faz pesquisa sobre a prostituição. Mas como nenhum destes tradicionais posicionamentos dá, por si mesmo, conta da complexidade do fenómeno prostitucional, são exigidas várias bússolas conceptuais e metodológicas (Silva e Ribeiro, 2010).

Temos vindo a clarificar a orientação teórico-conceptual da pesquisa e as forças motrizes deste trabalho, desvendando a vontade de atribuir um cunho humanista à prática sociológica, resgatando as pessoas ao conflito e à contradição central na sociologia entre agência e estrutura (Plummer, 2001). Genericamente, esse resgate é conseguido através do entendimento de que o mundo social, ou parcela específica da realidade onde coexistem acompanhantes e os seus clientes, é reproduzido e transformado na vida de todos os dias (Bhaskar, 1989). Isto é, os indivíduos não inventam sociedade, mas estas estruturas que pré-existem aos indivíduos são reproduzidas ou transformadas através da actividade em que os indivíduos se engajam quotidianamente. A sociedade e as suas estruturas não existem de forma independente da agência humana, mas a existência de estruturas sociais é condição

necessária para qualquer actividade humana. A sociedade fornece os meios, os recursos e as regras para tudo o que os indivíduos fazem (Bhaskar, 1989).

De facto, ao conjugar diferentes planos teórico-conceptuais (o interaccionismo com uma perspectiva construtivista da sexualidade, bem como uma visão anti-essencialista das relações de género e da sexualidade conjugada com uma análise do tipo social estrutural), esta pesquisa permite a articulação de uma posição materialista-objectivista e a utilização de sociologias mais sensíveis iluminando aspectos diferentes da realidade prostitucional: o primeiro actua sobretudo ao nível da análise macro e o segundo é útil na análise das práticas sociais quotidianas.

Mas, a pesquisa em sociologia não se resolve magicamente. A prática da sociologia implica a articulação entre os problemas metodológicos e teóricos (Bertaux, 1980, 1986; Bourdieu, 1989 e 2001; Pais, 2002, Almeida e Pinto, 1975 e 1990). A pesquisa obriga a definir uma abordagem específica ao objecto, a clarificar uma postura, a desenhar uma estratégia, a esclarecer um método, manter uma atitude vigilante sobre a sua aplicação e sobre os efeitos dessa aplicação no objecto e na realidade. A metodologia enquanto crítica das práticas de investigação ocupa precisamente esse lugar, não se confundindo com os trilhos da pesquisa, com a lógica em acto da investigação a fazer-se, nem com as práticas críticas da investigação que constituem os métodos (Almeida, 2007; Almeida e Pinto, 1975 e 1990)

A metodologia é uma construção estratégica que articula teoria e experiências para abordar um objecto. Mas este objecto não é passivo à manipulação técnico-instrumental, nem imediatamente evidente à observação (Almeida e Pinto, 1975 e 1990). O objecto é uma construção limitada pelos recursos teóricos inventados e acumulados (Almeida e Pinto, 1975 e 1990; Bourdieu, 1989 e 2002) e aquilo que as pessoas (determinantes do objecto de estudo em ciências sociais) deixam ver e se dispõem a mostrar. Ou de outra forma, o objecto não é um sólido vazio, mas um nó de uma teia de condições (Fernandes, 2002a). Por isso, torna-se impossível pensar a metodologia como um conjunto de receitas (Almeida e Pinto, 1975 e 1990; Caria, 2002), pois, tais receitas conduziriam necessariamente a aplicações automatizadas, impensadas, rituais e abstractas, cujo rigor não deixaria de ser ilusório (Almeida e Pinto, 1975 e 1990).

Será, portanto, na triangulação entre teoria, objecto e a experiência no terreno que se define uma postura metodológica assente em três pilares basilares.

Em primeira instância, a postura metodológica que aqui se adopta preocupa-se com a manutenção da fidelidade à materialidade do objecto de estudo (Coelho, 2009a; Fernandes, 2002a) ao longo do processo de pesquisa. Esta fidelidade obriga a adequar posições perceptivas de acordo com os planos de materialidade do objecto (Fernandes, 2002a), de acordo com as formas como a prostituição, as acompanhantes e os clientes se deixam entrever e onde e sob que condições se deixam ver. Isto é, trata-se de conhecer a realidade desta forma de prostituição desde o interior, a partir do acesso que nos foi permitido ter pelo ponto de vista e pela voz dos actores e das suas práticas (Fernandes, 2002a). Tomando esta opção e apesar de não nos demitirmos do ofício crítico que é a

sociologia, o que se apresenta é, parcialmente, a realidade que os autores criam pela sua própria interpretação da sua experiência (Becker, 1997). Mais, a fidelidade à materialidade do objecto (a teia das suas condições) consiste em adequar o método às curvas de nível e às sinuosidades que se vão descobrindo no objecto (Fernandes, 2002a, 2002b). Por exemplo o confronto com uma realidade que se organiza fortemente em torno do princípio sacralizado do secretismo da actividade prostitucional (Coelho, 2009a) ou do recurso ao sexo comercial, determinando obstáculos no acesso aos protagonistas desta parcela da realidade. Ou ainda, a necessidade do sociólogo fazer um trabalho longo e consumidor de tempo na construção de um quadro relacional com as pessoas-objecto de estudo de forma continuada para que se estabeleça a confiança necessária (Becker, 1997).

No segundo pilar, a postura metodológica desenha-se para resgatar os indivíduos do silêncio empenhando-se numa sociologia à escala individual. Apesar do alargamento, da intensificação e da crescente pluralidade de abordagens teórico-metodológicas no âmbito da pesquisa sobre a prostituição (Sanders et al, 2009; O'Neill, 2001; Bernstein, 2001, 2007a e 2007b), devemos sublinhar a inexistência de trabalhos que estudem as mulheres prostitutas e/ou os homens clientes – e sobretudo estes - tendo em consideração a pluralidade de contextos que os constituem enquanto indivíduos socialmente reflexivos (Lahire, 1998 e 2004; Mead, 1963; Mouzelis, 2008). Este trabalho situa-se, precisamente nesse espaço desconhecido, procurando responder à necessidade dos investigadores deduzirem a partir de análises sobre dimensões particulares da vida quotidiana dos indivíduos disposições ou relações com o mundo em geral (Lahire, 1998 e 2004), que permitam trazer novas interpretações e explicações para o fenómeno da prostituição nas sociedades contemporâneas.

A prática de uma sociologia à escala individual permite entender os indivíduos na sua possível complexidade disposicional que se manifesta na diversidade de domínios nos quais esses indivíduos inscrevem a sua acção (Lahire, 1998, 2004 e 2005). Com este posicionamento mulheres e homens não surgem reduzidos a uma das suas características, ao facto de serem, entre outras coisas, prostitutas e clientes. Cada uma destas mulheres e destes homens se define pelo conjunto de relações, engajamentos, pertenças e propriedades, passadas e presentes. Em cada um deles se sintetizam ou se combatem, se contradizem ou se articulam, elementos e dimensões que são geralmente estudados em separado (Lahire, 1998, 2004 e 2005).

Finalmente, no terceiro pilar, a postura metodológica define-se através de uma tripla preocupação e pela necessidade de trabalhar de forma continuada a biografia, a estrutura e a história (Wright Mills, 2000; Plummer, 2001). Esquecer este triplo enfoque significaria a rejeição do sujeito humano e o reforço de uma das contradições centrais da sociologia: a tensão interminável entre o indivíduo subjectivamente criativo que actua no mundo social e as estruturas sociais objectivas que o constroem nessa acção criativa (Plummer, 2001).

Desta postura metodológica, posicionamento estratégico entre teoria e objecto de estudo, derivam exigências sobre os métodos enquanto práticas críticas de investigação que incidem sobre as operações concretas de pesquisa, seleccionando as técnicas e supervisionando a sua utilização

(Almeida e Pinto, 1975 e 1990). Torna-se clara a necessidade de optar por métodos calmos, lentos e modestos (Law, 2004) que permitam desvendar as relações em contínua transformação entre as dimensões subjectiva e objectiva que constituem a realidade social da prostituição vivida por acompanhantes e clientes. Isto é, que permitam aproximarmo-nos dos outros, dos seres humanos, conseguindo captar as formas como eles se expressam acerca de si e do mundo que os rodeia, criando entendimento sobre o indivíduo subjectivamente criativo que actua no mundo social e sobre as estruturas sociais objectivas que o constroem nessa acção criativa (Plummer, 2001).

Optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, usando métodos intensivos, conjugando uma aproximação etnográfica ao objecto de estudo e às pessoas com uma abordagem biográfica preocupada em produzir histórias de vida multidimensionais. Porque cada ciclo teórico não pode ser nem meramente repetitivo nem inteiramente novo, a reinvenção contida nesta opção e no conjunto dos procedimentos que dela derivam foi desenvolvida por referência à teoria enquadradora (Almeida e Pinto, 1975 e 1990).

Trabalho etnográfico

Na aproximação etnográfica o objectivo é descrever, redescrever, compreender e explicar uma parcela da realidade social complexa e cuja abordagem e acesso se revelam particularmente desafiantes porque os seus protagonistas constituem uma população oculta (Coelho, 2009a; Oliveira, 2004 e 2011) que, desta forma, pretende escapar à descredibilização social e à estigmatização.

A pesquisa etnográfica em torno deste tipo específico de prostituição fica limitada a uma etnografia intermitente ou salpicada (Coelho, 2009a) que se caracteriza por uma prática observacional e por uma imersão no terreno marcadas pelo permanente on-off, ligamento-desligamento. Uma etnografia intermitente acaba por se revelar um método lento e ponderado (Law, 2004), permitindo que a realidade e as suas dimensões mais ocultas pudessem surgir de forma menos imposta e ao seu próprio ritmo: as revelações intensificam-se progressivamente à medida que a relação de pesquisa garante confiança e intimidade entre investigador e pessoas-objecto. O permanente oscilar entre on e off permite ganhar espaço de respiração, evitando a saturação mútua de sociólogo e das pessoas e permite que cada um se engaje no seu próprio processo auto-reflexivo. Cada novo encontro significou um ganho de intimidade e proximidade entre investigador e entrevistados.

As vantagens de enquadrar uma estratégia metodológica baseada na etnografia orientada por um posicionamento realista permitem elucidar relações estruturadas (May, 1997), iluminando a relação entre acção e estrutura. O realismo crítico fornece uma plataforma que permite fazer descolar a etnografia da análise de instâncias sociais específicas, permitindo olhar o contexto estrutural mais geral que enquadra essas instâncias (May, 1997). O material etnográfico é usado para contar algo mais vasto e profundo acerca da vida social, algo que vai para além das experiências particulares das pessoas-objecto do trabalho etnográfico (May, 1997). Ou seja, envolve a ultrapassagem do olhar sobre

os fenómenos observáveis para os mecanismos generativos (Bhaskar, 1989): as estruturas de relações sociais. Ao contrário de uma etnografia puramente fenomenológica que dá primado à consciência individual das acções sobre as estruturas, reduzindo-as ao estatuto de epifenómeno das subjectividades (Schutz, 1967), aqui a utilização da etnografia é orientada para o entendimento das ligações entre a subjectividade individual, as acções e as posições estruturais em que esses indivíduos estão localizados (May, 1997). Contudo, da tradição fenomenológica herdamos a capacidade de entendimento e avaliação dos sentidos subjectivos da acção social, percebendo que este grau de consciência não será garantia de que toda a actividade possa ser explicada a partir da consciência individual. Em primeiro lugar, porque o contexto social em que os indivíduos vivem fornece as condições da sua consciência. Em segundo, porque os efeitos sociais das acções não são necessariamente conscientemente previstos. Isto é, as pessoas, através da sua acção consciente, na maior parte das vezes reproduzem de forma não consciente (ou transformam) as estruturas que governam as suas actividades produtivas da realidade (Bhaskar, 1989).

A orientação do trabalho etnográfico é de tipo exploratório (Hammersley e Atkinson, 2007). Por isso, é marcado pela activação de uma caixa de ferramentas suficientemente alargada. A etnografia dá corpo a grande paleta de práticas de pesquisa, mas de forma minimalista podemos descrever como a tentativa de perceber outro mundo social através da experiência do próprio pesquisador, o pesquisador como instrumento de conhecimento (Atkinson, 2015 e 2017). Assim, a etnografia é um processo corporal localizado no tempo e no espaço. Será esta corporalização do trabalho de investigação, fazendo da pesquisa sociológica um trabalho corporal, físico, de um para um num terreno estranho e fugidio (Coelho, 2009a) que autoriza oferecer à observação e aos sentidos um lugar central.

O corpo situado no terreno de pesquisa e em confronto com as pessoas-objecto é a ferramenta de pesquisa que permite activar “(...) formas de observação directa sistemática, sobre situações sociais pontuais e localizadas ou sobre organizações (...) dando particular atenção às dimensões interactivas e comunicacionais do relacionamento social, às representações e aos fenómenos de sentido nele presentes” (Costa, 1986: 131).

No quadro desta pesquisa o investigador viu-se envolvido em práticas de pesquisa que remetem para duas formas distintas de observação. Por um lado, as características morfológicas do objecto de estudo obrigaram a períodos de observação dissimulada, consistindo em práticas de pesquisa em que deliberadamente o pesquisador não revela a sua identidade enquanto tal, apresentando-se de qualquer outra forma de maneira a conseguir obter a informação desejada (Davies, 2005). Este tipo de observação acontece durante a navegação pelo ciberespaço para onde se expande o quadro de interacção deste tipo de prostituição, intensificando-se no olhar, na recolha e na análise dos anúncios das acompanhantes; ou centrando-se na deambulação etnográfica oculta por um fórum digital de homens clientes. Este tipo dissimulado e oculto de observação terminou no momento em que as

mulheres acompanhantes e os homens clientes são contactados para colaborarem no trabalho. Nesse momento, o investigador revela a sua identidade, a sua pesquisa e os seus objectivos.

Por outro lado, o corpo do investigador no terreno e no contacto com prostitutas acompanhantes e homens clientes é instrumento de observação participante. A observação participante é a consequência da deslocação a apartamentos/bordeis, da permanência relativamente prolongada nesses espaços descortinando as suas ritualidades e rotinas. Mas, esta observação também ocorre, necessariamente, nas conversas mantidas com as mulheres e homens objecto de estudo, quer em contexto formal de entrevista quer em conversas em momentos de maior informalidade. Sintetizando, a observação é participante na medida em que ela própria resulta de um momento criador de um contexto de interacção com estas mulheres e homens, pela criação de um presente e de um quotidiano etnográfico e pela criação de uma relação social de pesquisa.

A fronteira entre uma e outra observação está no conhecimento das pessoas tomadas como objectos dessa sua condição. Na primeira forma de observação, acompanhantes e clientes desconhecem estar a ser observados, desconhecem o seu estatuto de objecto de olhar sociológico. Na segunda forma de observação está implícita a informação cabal da pesquisa e a sua vontade expressa em cooperar. Este preceito deontológico através de dois passos essenciais: primeiro, informar os participantes acerca da natureza e das consequências da sua participação na pesquisa de uma forma que lhes seja compreensível; segundo, obter o seu consentimento, um consentimento que seja baseado no seu entendimento desta explicação e livre de qualquer tipo de coerção ou influência (Davies, 2005). O consentimento não é um momento único, é um processo que pode necessitar de renegociação ao longo do tempo da pesquisa

Sendo o trabalho etnográfico um trabalho corporal, onde o investigador entra num determinado terreno e em situações interaccionais de um para um, sendo o objecto de estudo a prostituição que convoca necessariamente a condição corporal – capital físico e erótico - das mulheres e dos homens envolvidos incluindo o investigador), sabendo-se que as pesquisas em torno da sexualidade sexualizam e erotizam o processo de pesquisa e as relações que se estabelecem nesse quadro (Coelho, 2009a), importa activar ferramentas que complementem a observação. Neste sentido, destaca-se a criação de um diário de campo visual.

A este diário de campo incomum associa-se outro de natureza mais comum que se organiza por forma a garantir a recusa de posições polarizadas que reduzam a etnografia a uma arte, ou que a afirmem no quadro de uma norma de naturalismo observacional. Enquanto instrumento de pesquisa, este diário pessoal ajuda a fazer coexistir a linguagem da experiência, de estar e pensar no trabalho de campo com a linguagem e a teoria que permite objectivar e racionalizar o que aconteceu (Caria, 2002; Atkinson, 2015 e 2017). Isto implica que o diário seja um espaço onde, de forma mais ou menos automática, se registre a emergência de pistas de investigação ou de pistas de teorização ao estilo generativo das ‘grounded theory’ (Glaser e Strauss, 1967).

O diário de campo assegura a consciência de que os terrenos não são espaços a colonizar, ou disponíveis para a colonização, são feitos de gente como nós e que, ainda que de forma dissemelhante da nossa, nos sabem observar e avaliar, produzindo interpretações intersubjectivas sobre o nosso papel nas suas e sobre as nossas vidas (Raposo, 2002). Determinando, que o sociólogo deve analisar não só a informação produzida, bem como os contextos interaccionais em que tal informação foi produzida (Davies, 2005). Por isso, não será de estranhar que este jornal da experiência com o objecto seja lugar, por exemplo, de desabafos do investigador queixando-se das dificuldades do terreno, das tensões na relação com as acompanhantes e com clientes. Ou, de forma alternativa, espaço para descrição que variam entre o impressionismo e o carácter mais reflexivo.

O diário de campo é um auxiliar na gestão da inultrapassável dimensão biográfica do trabalho etnográfico. O investigador está preocupado em observar, em reconstruir e em escrever e descrever vidas e experiências de outros. Ao escrever e representar o mundo social, o investigador mais não faz do que analisar e reproduzir vidas (Stalnley, 1993, May, 1997). Neste contexto, o investigador será o biógrafo dos outros. Mas, está também envolvido num trabalho biográfico sobre si próprio. Se pensarmos do ponto de vista temporal e histórico, o investigador e as pessoas-objecto de pesquisa são contemporâneos e estão juntos no mesmo ciclo hermenêutico. A etnografia produz um presente específico, aquele tempo em que se cruzam pesquisador e pessoas-objecto de pesquisa, fazendo da pesquisa um tempo de coexistência dos tempos biográfico do investigador e dos tempos biográficos das pessoas-objecto (Spradley, 2016). O diário de campo é usado como lugar de expressão de sentimentos, emoções e de trabalho individual de redefinição de sentidos da vida que se desenvolvem em processos de pesquisa no terreno (Sanjek, 1990, May, 1997). A narrativa pessoal (do investigador sobre si mesmo) tem-se desenvolvido como uma preocupação entre aqueles que expõem estratégias de investigação qualitativas (Atkinson e Silverman, 1997).

No fundo, a manutenção de um diário de campo, com entradas de natureza generativa, impressional e reflexiva, funciona como garantia de que o trabalho etnográfico produz um entedimento da realidade social através da riqueza e da descrição rigorosa. Porque, a preocupação permanente com a produção de uma descrição densa da realidade social (Geertz, 1993; Lahire, 2002; Danermark et al, 2002) que se pretende explicar é o centro do posicionamento etnográfico (May, 1997; Lahire, 2002). A etnografia pretende documentar e perceber os mundos do quotidiano, da vida de todos os dias, iluminando o significado de práticas sociais, rituais e interacções à medida que estas acontecem. Isto é, preocupa-se em desocultar o tempo do presente (Atkinson, 2015 e 2017) e em produzir descrições densas do presente congelado no tempo que autoriza a revelação do carácter contingente e construído daquilo que tomamos como pré-existente.

A pesquisa etnográfica produz enormes quantidades de informação que requerem uma dose substancial de tempo para filtrar, ponderar a importância e analisar (Hammersley e Atkinson, 2007, Atkinson, 2015 e 2017). O diário de campo e as suas anotações organizadas segundo diferentes planos revelam-se fundamentais no momento de dar sentido a determinados acontecimentos e observações.

Estas notas são sobretudo contos instantâneos, no momento em que são escritos podem tomar a forma de desabafo, funcionando como indicação de uma qualquer pista de pesquisa ou teorização ou apenas como auxiliares de contextualização da pesquisa na vida do investigador. Mas, funcionam sobretudo como memória escrita num presente etnográfico, enquanto a pesquisa decorre, que são lidas como auxiliares de contextualização no momento análise.

Precisamente, porque a redução da observação e da etnografia às anotações no diário de campo ou à entrada das imagens erotizadas e sexualizadas das acompanhantes (pessoas-objecto de estudo) no diário de campo visual se traduzem em informações contextuais ou em instrumentos de ponderação reflexiva sobre a estadia do investigador no terreno e as relações sociais de pesquisa, preferiu-se situar a sua activação nos momentos analíticos e de teorização em que cada uma das situações contextuais e interaccionais de pesquisa se revelaram importantes.

Método biográfico

Thomas e Znaniecki (1958: 1832–3) “In analysing the experiences and attitudes of an individual, we always reach data and elementary facts which are not exclusively limited to this individual's personality, but can be treated as mere instances of more or less general classes of data or facts, and can thus be used for the determination of social becoming. Whether we draw our materials for sociological analysis from detailed life records of concrete individuals or from the observation of mass phenomena, the problems of sociological analysis are the same. We are safe in saying that personal life records, as complete as possible, constitute the perfect type of sociological material, and that if social science has to use other materials at all it is only because of the practical difficulty of obtaining at the moment a sufficient number of such records to cover the totality of sociological problems, and of the enormous amount of work demanded for an adequate analysis of all the personal material necessary to characterise the life of a social group. If we are forced to use mass phenomena as material, or any kind of happenings taken without regard to the life histories of the individuals who participate in them, it is a defect, not an advantage, of our present sociological method.”

As histórias de vida são material sociológico por excelência (Thomas e Znaniecki, 1958), contendo na sua prática desafios epistemológicos, virtualidades metodológicas e potencialidades teóricas.

Convocar o método biográfico e as histórias de vida, enquanto método de pesquisa, torna-se apropriado quando, como nesta pesquisa, o objectivo é procura do entendimento que as pessoas têm dos mundos sociais em que vivem (Plummer, 1997 e 2001). Quando a prática sociológica recentra a importância da experiência humana e passa a ter em consideração o anónimo e silencioso património de cada indivíduo (Conde, 1993a e 1994), num regresso ao humanismo sociológico (Bertaux, 1980, 1981, 1986 e 2014; Plummer, 2001).

Numa entrevista de história de vida, o entrevistado é o contador da história, o narrador da história que está a ser contada, por seu lado o entrevistador não será mais do que o seu guião, o orientador, o facilitador deste processo de narração. Os dois são colaboradores, compondo e construindo a história (Atkinson, 1998, Spradley, 2016).

A biografia apresenta valor heurístico e valor existencial. O primeiro conquista-se pela análise de populações marginais, marginalizadas ou especialmente ocultas como é o caso das prostitutas acompanhantes e dos homens clientes. O segundo é capitalizado porque se dá voz ao sujeito dominado, fazendo falar para ouvir aqueles que permanecem vezes demais em silêncio quando se fala das suas vidas (Conde, 1993a, 1993b e 1994; Ferraroti, 1980): vidas anónimas e ausentes, as vidas das mulheres prostitutas acompanhantes e dos homens clientes. Mas também vidas que exigem ao sociólogo saber ou pelo menos vontade de apreender e de conhecer. No acto de dar a palavra, permitindo a auto-expressão e a obtenção e consolidação de capacidades subjectivas a franjas da população esquecida, ocultas ou especialmente marginalizadas reside o potencial emancipatório da palavra e das histórias de vida (Conde, 1993a, 1993b e 1994; Ferraroti, 1980).

As histórias de vida revelam a movimentação persistente dos indivíduos através da história e das estruturas sociais (Plummer, 1997 e 2001), funcionando como como mapas ou guias das pessoas no tempo, no seu tempo (Plummer, 1997 e 2001). O indivíduo e a sua história pessoal no mundo social devem ser entendidos como resultado das estruturas sociais e do contexto histórico em que vive; ou o indivíduo e a sua biografia como lugar de confluência, mediação e transfiguração da relação entre indivíduo e sociedade (Conde, 1993a, 1993b e 1994). Deste modo, situar o sujeito significa restituí-lo e restituir a sua história ao quadro da sua experiência social, ao quadro social da sua subjectividade (Conde, 1993a). Situar o sujeito significa reencontrá-lo no quadro específico. Situar o sujeito implica colocá-lo nos múltiplos quadros de interacção (Costa, 1999) ou contextos sociais e de socialização a que pertence alternada ou em simultaneamente no seu quotidiano e ao longo da vida (Lahire, 2002 e 2004). A pesquisa baseada em histórias de vida tem sempre um enfoque na mudança histórica, movendo-se entre a história mutante que faz a biografia individual e a história social contemporânea às experiências de vida do actor (Plummer, 2001). O enfoque central da abordagem das histórias de vida é explorar a relação entre as dinâmicas sociais e as mudanças históricas, decifrando a relação entre as práticas individuais e as transformações históricas (Bertaux, 1981).

Procedimentos operatórios do método biográfico

O dispositivo metodológico que sustém o trabalho de pesquisa é inédito, devemos por isso evitar esquecer o que frequentemente é negligenciado: os aspectos logísticos e operacionais em torno das entrevistas biográficas (Plummer, 2001).

No lugar de centrar o foco das histórias de vida parciais produtoras de uma visão minimalista do indivíduo, exclusivamente na dimensão sexual da vida sexual (comercial) (Coelho,), optou-se pela produção de histórias de vida totais, com objectivos mais abrangentes e inclui outras esferas da vida para lá do domínio da prostituição, através de uma série de longas entrevistas, sobre domínios da vida muito diferentes (Lahire, 2002). Será através deste tipo de histórias de vida que se torna mais fácil restituir os traços constitutivos de uma particular visão do mundo (Conde, 1993a).

Ao contrário de histórias de vida curtas, que se estabelecem em encontros muito circunscritos no tempo e cujo objectivo é a ilustração (Plummer, 1997 e 2001), aqui opta-se por histórias de vida longas produzidas através de sucessivos encontros, entrevistas longas, conversas informais. Podemos apontar duas razões fundamentais para esta opção: primeira, por que cada indivíduo é o depositário de disposições de pensamento, de sentimento e de acção que são produto das suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duráveis e intensas, nos diversos colectivos e nas diferentes formas de relações sociais em que se envolve simultânea ou sucessivamente (Lahire). Este stock disposicional individual será transportado para a realidade prostitucional, condicionando a forma como nela se inscrevem os indivíduos. Segunda, porque só através destas biografias lentas, longas e multidimensionais é possível o confronto com a singularidade dos indivíduos portadores de uma determinada cultura subjectiva (Conde, 1993; Velho, 2002; Lahire, 2002), que não será alheia à forma como concebe, vive e produz a realidade prostitucional.

Para se captar as múltiplas dimensões de vida e de socialização dos protagonistas desta forma de prostituição as história de vida foram organizadas em seis grandes planos analíticos: (i) vida familiar e autonomização; (ii) percurso amoroso; (iii) percurso escolar e profissional; (iv) contexto prostitucional; (v) sociabilidades (amizades e tempos de lazer); (vi) corpo e sexualidade.

A ordem segundo a qual os diferentes temas foram abordados não terá sido indiferente para o sucesso da construção das narrativas biográficas. Essa sequenciação temática dependeu, fundamentalmente, de cada uma das pessoas-objecto: num primeiro encontro, cada uma delas foi confrontada com a globalidade dos temas da vida a serem retratados, mas a sequenciação destes temas é um puzzle cuja responsabilidade é exclusivamente da mulher acompanhante ou do homem cliente.

Mantendo-nos fiés ao princípio de uma pesquisa teoricamente orientada, as diferentes dimensões por onde as mulheres acompanhantes e os homens clientes são convidados a construir as suas narrativas biográficas operacionalizam, consistentemente, cada uma das dimensões teórico-conceptuais que orientam este trabalho.

A construção das narrativas biográficas implica a uma sucessão de encontros que ganham carácter formal, primeiro, pela presença do gravador e de um guião aberto organizado como facilitador da memória (Burgess, 1997) sobre as grandes dimensões da vida. Em segundo lugar, pela transformação do investigador em narratário e das pessoas-objecto em narradores das suas vidas. Finalmente, para a constituição do carácter formal destes momentos de pesquisa também contribui a escolha consciente e estratégica dos locais de encontro: lugares reservados, relativamente intimistas, silenciosos e acolhedores, permitindo a revelação e da vida.

Em cada encontro para entrevista não foi abordado mais do que duas dimensões da vida, pelo que, para a produção das histórias de vida de cada acompanhante e cliente, foram no mínimo necessários seis encontros e dezenas de horas de entrevista gravada. Neste sentido e para minorar o risco de perda de informantes ao longo deste longo processo, as histórias de vida foram organizadas como uma aproximação progressiva: num primeiro instante é pedido aos informantes que façam um

relato genérico das suas vidas de acordo com os temas centrais da vida (pré-seleccionados) – um grand-tour pela sua vida. Mais tarde, pede-se que entrem em maior detalhe, revelando a sua vida em pormenor acerca de cada uma das dimensões da vida – micro-tours pela vida. Uma forma mais intensiva de construção das histórias de vida, também acompanhada pela intensificação da relação de pesquisa entre pessoas-objecto e investigador (Wernder e Schoepfle, 1996; Spradley, 2016; Plummer, 2001). Este procedimento foi repetido com todas as pessoas-objecto de estudo: 14 mulheres acompanhantes e 12 homens clientes.

Riscos e condicionantes do método biográfico

Convocar o método biográfico significa também ter de enfrentar um conjunto de obstáculos, problemas e riscos. Nas sociedades contemporâneas, contar histórias de vida tornou-se num hábito generalizado, ao ponto de podermos pensar na existência de uma sociedade biográfica ou autobiográfica (Plummer, 2001). Numa sociedade em que as histórias de vida estão em todo o lado e numa sociedade da entrevista (Silverman, 2013a e 2013b), parte do sentido da existência reside na história que os indivíduos podem contar sobre si próprios, sobre os acontecimentos que viveram e as experiências que tiveram. Os indivíduos são a história que contam de si mesmos (McAdams 1997 e 2001, Plummer, 2001).

Ao mesmo tempo, pode dar-se o fenómeno da construção de histórias de vida por mimesis e a narração de vidas cliché: pessoas que vivem as suas vidas através das histórias de outros, repetindo e ensaiando o que os outros contam como se fossem as suas próprias aventuras. Tal como Walter Benjamin (1969 e 2008) alertou acerca da possibilidade crescente de reprodução das obras de arte e da perda de ligação ao original, tornando apenas numa pluralidade de cópias, nas sociedades contemporâneas as histórias de vida podem transformar-se neste emaranhado de cópias de um original cujo paradeiro é incerto, porque as histórias das pessoas proliferam por todo o lado e nos mais variados meios: dos livros confessionais, às redes sociais.

Por tudo isto, quando ouvimos uma história de vida será sempre prudente questionarmo-nos porque é que está a ser contada desta forma, de onde partirá o guião daquilo que ouvimos (Plummer, 2001). Até porque, o risco do positivismo e do neo-empirismo, muitas vezes associado ao método biográfico, reside na demissão do socólogo do seu trabalho de análise crítica daquilo que ouve (Bourdieu, 2001; Conde, 1993b).

De forma breve estes riscos e condicionantes podem ser superados através de dois princípios fundamentais: o do mosaico e o do caleidoscópio.

Mosaico biográfico rede progressiva de biografias onde cada uma enriquece a visão de conjunto (Becker, 1997; Conde, 1993a e 1994), ao contrário de abordar cada biografia, cada indivíduo, como um caso isolado, eles são colocados lado a lado, fazendo transparecer as relações entre eles e configurando a realidade de acordo com a óptica subjectiva dos agentes. Se ouvir uma vida permite ao

investigador ver o mundo a partir do ponto de vista das pessoas-objecto, daqui decorre uma inovadora e reforçada capacidade de teorização e conceptualização acerca do real (Plummer, 2001). A constituição de um mosaico biográfico, mais do que uma opção técnica e metodológica, tem virtualidades teóricas, permitindo a emergência de propriedades diferentes mas reveladoras de processos ainda não revelados (Becker, 1997; Conde, 1993a e 1994) acerca desta forma de prostituição.

O trabalho biográfico assemelha-se a um caleidoscópio, porque de cada vez que olhamos vemos algo de diferente composto por combinações infinitas dos mesmos elementos – as configurações (Stanley, 1993 e 1995). Neste sentido não podemos dizer que exista uma história de vida fixa, mas antes um conjunto de elementos, acontecimentos, acidentes biográficos, sociais e históricos do momento em que os indivíduos vivem que permitem produzir diferentes configurações da vida: o passado, que é sempre contado nas histórias de vida, tal como o presente, é o resultado de negociação entre versões antagónicas acerca daquilo que aconteceu, das razões para os acontecimentos, bem como acerca das consequências dessas experiências vividas (Stanley, 1993 e 1995). A construção de biografias permite-nos perceber de forma mais clara que a vida (vivida ou contada) é uma composição (Plummer, 2001). As biografias não serão mais do que as vidas compostas e recompostas (Plummer, 2001). A história de vida abandona por completo as noções neo-positivistas de busca pela verdade e pela essência ontológica dos indivíduos, pelo contrário, as histórias de vida são percebidas como um artefacto, uma criação que depende do tempo, do espaço e da audiência a quem se dirige (Plummer, 2001).

Ao contrário de posições de tipo neo-positivistas que imaginam as biografias e o processo de adensamento dessas histórias de vida como uma aproximação à essência ontológica dos indivíduos ou à descoberta da verdade fundamental acerca do narrador, na realidade, não haverá verdade ontológica pronta a ser descoberta pelo trabalho biográfico (Stanley, 1993 e 1995; Plummer, 1997 e 2001). O que se produz é informação densa e complexa que resulta de um processo de racionalização que os narradores fazem acerca de si mesmos, das suas vidas e de episódios marcantes das suas biografias. Por um lado, esse processo é fortemente condicionado pelas dinâmicas interaccionais que se estabelecem com o investigador e pelas perguntas que ele faz. Por outro, o sociólogo não se pode esquecer de fazer o seu trabalho, isto é, de analisar criticamente – com o auxílio das suas ferramentas teóricas – esses discursos e racionalizações sobre a vida dos indivíduos e sobre a realidade que quer explicar (Bourdieu, 2001).

Capítulo 2 | QUADROS DE INTERACÇÃO

Do ponto de vista teórico e analítico o conceito de quadros de interacção, tal como é elaborado por António Firmino da Costa (1984 e 1999), apresenta um conjunto de virtualidades não negligenciáveis. Num primeiro instante, permite dar visibilidade à dimensão contextualizada das práticas sociais que formatam este tipo específico de prostituição abrigada e selectiva promovida pelas acompanhantes e pelos seus clientes. Num segundo momento possibilita o desvendamento da lógica específica dos processos de interacção que ocorrem nos encontros entre acompanhantes e clientes. Isto é, a formação de sistemas de relações sociais delimitados e dependentes da interacção que se passa em co-presença nos encontros físicos, eróticos e sexuais, bem como em formas de interacção criadas por dispositivos tecnológicos que se revelam fundamentais na formação deste tipo de prostituição. Em terceiro, retira opacidade à estruturação social desses sistemas interaccionalmente regulados de regras, condições e padrões da acção social-sexual.

De forma breve, o conceito de quadros de interacção coloca em evidência determinados aspectos na produção das práticas sociais, aquilo a que se poderia chamar de forma menos precisa de contextos sociais. Trata-se de um afinamento teórico e conceptual que se produz tendo em consideração duas dimensões: por um lado, os processos de interacção, com as suas dinâmicas constitutivas próprias, irredutíveis a outros planos de estruturação social. Por outro, os quadros contextuais onde tais processos de interacção se desenrolam; quadros cuja configuração influencia os padrões interaccionais mas que são, simultaneamente, resultado dessas práticas (Costa, 1999). Neste sentido, o conceito de quadros de interacção aproxima-se da teoria das configurações sociais avançada por Elias (1990, 1994a, 1994b, 2001, 2006 e 2008), permitindo problematizar a relação entre indivíduos que se encontram ligados entre si de forma interdependente, sendo que as acções dos envolvidos interdependem e interferem, formando estruturas entrelaçadas de poderes e tensões. Trata-se de atribuir espaço teórico para a análise da intensidade das redes relacionais enquanto propriedade que, por um lado, envolve domínios de interesse comum, geradores de solidariedades e conflitualidades; e, por outro, implica a existência de códigos simbólicos partilhados e que promovam as práticas sociais.

Importa distinguir dinâmicas de interacção e quadros de interacção enquanto contextos específicos de densificação e intensificação relacional e interaccional, pontos nodais de interacção onde se verifica o adensamento interno de relações interactivas, configurando propriedades específicas fundamentais quer para a efectivação quer para a regulação da interacção (Elias, 1990, 1994a, 1994b, 2001, 2006 e 2008).

O recurso ao conceito de quadros de interacção será uma forma de sofisticar a proposta feita noutro tempo em que se privilegiou a influência da teoria de Bourdieu para analisar este tipo de prostituição como um campo social específico (Coelho, 2009a). A necessidade de sofisticação conceptual e analítica decorre de dois aspectos fundamentais: em primeiro lugar, o conceito de campo reporta-se a domínios sociais específicos que se estruturam segundo um conjunto de regras próprias e estanques, e de acordo com posições relativas desiguais e pelo confronto de interesses e pelas relações de dominação internas ao próprio campo. Mas, esta forma de prostituição protagonizada por mulheres acompanhantes e homens clientes não cobre toda extensão daquilo que se designa como trabalho sexual, nem sequer tem toda a amplitude do campo prostitucional, terreno onde se inscreve uma pluralidade de formas de prostituição, uma diversidade de protagonistas, uma quantidade considerável de lugares, uma variedade de regras. Esta é apenas uma forma específica de prostituição. Em segundo lugar, o conceito de campo não remete para os aspectos mais contextualizados e interactivos das práticas sociais que se pretendem captar com o conceito de quadros de interacção, aprisionando a análise do que aí ocorre e se produz a uma articulação relativamente rígida entre sistemas de disposições e campo, acabando por perceber este tipo de prostituição enquanto aglomerado específico de práticas sociais-sexuais originadas na convergência entre habitus e campo.

De forma breve, sendo o conceito de quadros de interacção menos extenso e abrangente do que o de campo, a sua activação possibilita a compreensão dos aspectos mais contextualizados e interactivos deste tipo particular de prostituição e das práticas sociais e sexuais que aí ocorrem. Ao mesmo tempo, trabalhar com o conceito de quadros de interacção autoriza o entendimento de que as regras e os recursos que regulam esta forma de prostituição possam ser, pelo menos parcialmente, tratados como importações de outros domínios sociais por onde circulam estas mulheres e homens.

Entender esta forma de prostituição como quadro de interacção também se inscreve no esforço de compreensão contextual do indivíduo, da acção individual e da intersubjetividade (Lahire, 1998 e 2004; Mouzelis, 2008). Trata-se de encontrar espaço teórico para a experiência social do presente, percebendo a sexualidade comercial vivida por acompanhantes e clientes como mais uma dimensão da vida social, como uma esfera do quotidiano da vida individual e social (Jackson, 2008; Jackson e Scott, 2004 e 2010; Lahire, 1998, 2004 e 2005). Daqui decorrem importantes consequências substantivas.

A primeira dessas consequências será o afinamento da definição de um tipo de prostituição e a consolidação do objecto de estudo. A construção do objecto não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de acto teórico inaugural (Bourdieu, 2001), nem tão pouco pela definição circunscrita do campo analítico enunciando simplesmente o objecto de estudo: as mulheres prostitutas acompanhantes e os homens seus clientes. Pelo contrário, o objecto encontra-se em permanente construção durante o processo de pesquisa como resultado da intensidade da interferência mútua entre investigador e pessoas-objectos de estudo, ou entre a experiência de vida no terreno e a função de comando da teoria e toda a paisagem teórica e conceptual que condiciona o olhar do investigador. Ao

limite, o objecto apenas estará definido no final da pesquisa. Talvez, por isso, este tenha sido o último capítulo a ser escrito, contrariando o gosto especial dos investigadores pelo acabado, pelo resultado, pelos *soundbytes* dos resultados chave e pela linearização dos processos de produção do seu trabalho (Bourdieu, 2001; Cohen e Taylor, 1998). Frequentemente, essa vertigem transforma-se, por um lado, em pressa na apresentação de definições e delimitações simplificadas do seu objecto de estudo e no esquecimento dos esclarecimentos teóricos e metodológicos que se escondem no permanente trabalho para a consolidação do objecto enquanto decorre a pesquisa. Por outro, na ocultação ou na dificuldade em assumir as relações particulares que se estabelecem entre investigador e objecto de estudo.

De facto, não deve ser feita uma economia da pesquisa nem deve haver preguiça ou vergonha em revelar as sinuosidades do trabalho. A convocação do conceito de quadros de interacção permite construir o objecto longe da passividade empirista. Ao compreendermos a forma de prostituição a que acompanhantes e clientes dão corpo como um ponto nodal de interacção (Costa, 1999) ou como lugar de adensamento interno de relações interactivas que configuram propriedades específicas fundamentais quer para a efectivação quer para a regulação da interacção (Elias, 1990, 1994a, 1994b, 2001), contribuímos activamente para a clarificação e definição desta forma de prostituição enquanto particular contexto delimitável não só no âmbito do trabalho sexual mas também no contexto mais alargado das sociabilidades quotidianas. Desta forma, tornam-se mais evidentes as fronteiras simbólicas, objectivas e físicas relativamente a outros tipos de trabalho sexual e a outras formas de actividade prostitucional.

Deste modo, conceber esta forma de prostituição enquanto quadro de interacção clarifica o modo como ela se constitui em contextos espaciais particulares onde se processa a trama interaccional, isto é, revela-se que tem uma morfologia própria. Adicionalmente, a anatomia descritiva deste tipo de prostituição, a descrição dos seus múltiplos sítios de co-presença produtores de elevada intensidade relacional e dos lugares tecnológicos para onde se expande a interacção permite, não só, localizar e distinguir esta forma de prostituição nas cartografias mais genéricas, quer da prostituição, quer do trabalho sexual. Como também, oferece visibilidade às condições para o exercício da actividade prostitucional – produto do adensamento interaccional e da emergência das formas de regulação da interacção - onde radica um inultrapassável potencial distintivo e definidor desta forma prostituição.

Daqui resulta que a segunda consequência substantiva da ativação do conceito de quadros de interacção seja a preocupação com a necessidade de elaborar uma anatomia descritiva deste tipo de prostituição, possibilitando a identificação do carácter plástico desta morfologia, entendendo as suas variações. Tomamos tal quadro de interacção como a matéria cuja plasticidade e multiplicidade de formas pretendemos descrever e entender. O quadro de interacção deste tipo de prostituição comporta aspectos de morfologia física, de espacialidade e exige co-presença. Mas não fica preso a esta fisicalidade. A plasticidade morfológica deste quadro interacção passa, no essencial, pela conjugação de dois planos de materialidade onde se intensificam as relações interaccionais. Num primeiro plano, os lugares, os sítios, a fisicalidade em que este quadro de interacção ganha forma e onde os encontros

comerciais entre acompanhante e cliente têm lugar. Num segundo plano, a morfologia desta prostituição não será apenas física é também tecnológica e remete para espaços de interação e de intensificação interaccional e erótica longe de cenários de co-presença, mas produtores de elevada intensidade relacional e emocional (Collins, 2004). As novas tecnologias de informação e comunicação expandem os espaços e as possibilidades de sociabilidade e de intensificação relacional à distância entre acompanhantes e clientes: o ciberespaço (Earle and Sharp, 2007; Sanders, 2005a; 2005c e 2008; Bernstein, 2007a, 2007b; Sanders et al, 2009).

A terceira consequência enreda-se no dever de dar conta que neste tipo de prostituição se produzem padrões de interação, ritualidades, regras, repetições e rotinas resultantes do quadro de interação que se estabelece e que se revela criador de um conjunto específico de práticas. Ainda que estes padrões e ritualidades quotidianos não possam ser plenamente compreendidos sem se entender os modos de vida em que os protagonistas envolvidos se inscrevem. Embora não possam ser explicados sem entender as estruturas sociais, as relações com essas estruturas, as trajetórias de mobilidade. Isto é, sem entender as estruturas e processos sociais que são incorporados não só no percurso social, mas também no contexto relacional e interaccional deste tipo específico de prostituição. Na medida em que este tipo de prostituição não seria o que é sem a sua específica composição de classe, sem os atributos estruturais individuais dos seus protagonistas, sem os diferentes modos de vida, sem as formas de orientação biográfica e os tipos de traçado de mobilidade social. Apesar de tudo isto, não se deixa de constatar que os processos de produção continuada das ritualidades que se encontram nesta forma de prostituição decorrem, não apenas das condições estruturais internalizadas pelos protagonistas, mas também das características específicas do quadro de interação que aí se constitui. Por isso, não nos dispensamos de investigar as estruturas e os processos específicos da ordem da interação, porque eles não são redutíveis a outros níveis das relações e das dinâmicas sociais (Collins, 2004; Costa, 1999; Goffman, 1983). Não se pode reduzir a ordem específica da interação a outros planos, mais abrangentes e aglutinadores, da estruturação social. Da mesma forma, não seria prudente tentar entender todos os processos históricos de produção e transformação social assentes em micro-relações interaccionais.

Por isso, importa não só fazer a anatomia descritiva mas também nos interessa o que se produz nesse reduto multiforme de intensificação interaccional. Isto é, são nossa preocupação os padrões de interação, a ritualidade, as regras, as repetições e as rotinas que se constituem na combinação entre, por um lado, os sistemas de disposições incorporados pelas acompanhantes e pelos clientes e, por outro, o quadro de interação prostitucional específico onde se instanciam. De forma relativamente genérica podemos dizer que estes dois princípios geradores produzem estruturas e os processos específicos que se materializam em: (i) formas particulares de sincronização disposicional fortemente dependentes do permanente trânsito entre diferentes dimensões e contextos de sociabilidade por onde circulam estas mulheres (acompanhantes) e homens (clientes). Aqui destacam-se os processos práticos de aprendizagem e a incorporação e criação de definições e representações sobre o que é ser uma

acompanhante ou um cliente. (ii) redes de confiança e socialização sexual que funcionam como redes de condicionamento e regulação à distância; (iii) rituais e rotinas específicas de selecção, sedução e monitorização dos parceiros e parceiras encontradas em contexto prostitucional; (iv) uma particular realidade erótica que pretende evadir os seus protagonistas da vida mundana.

A quarta consequência da ativação do conceito de quadros de interacção é, tal como o primeiro, de ordem teórica-metodológica. Perceber a prostituição como quadro de interacção permite ao investigador olhar para si próprio e para o seu trabalho de forma situada, possibilitando um processo de reflexividade teórica e metodológica revelador da elevada interferência do trabalho sociológico sobre a realidade prostitucional analisada. Mais concretamente, o investigador fica autorizado a pertencer ao processo de análise e teorização, não porque isso seja um exercício narcísico, mas antes porque o quadro de interacção também não deixa de ser o quadro onde ocorrem as relações sociais de pesquisa. A noção da prostituição praticada pelas prostitutas acompanhantes enquanto quadro de interacção depende e sobrepõem-se ao quadro mais particular de interacção que o investigador foi capaz de estabelecer com as pessoas-objecto de estudo, bem como depende dos sítios prostitucionais a que acedeu ou daquilo que lhe foi dado a ver, a sentir e a escutar.

Ainda no campo das consequências metodológicas, importa assumir que ao entender esta forma de prostituição como um quadro de interacção o sociólogo amarra todo o trabalho de interpretação, abertura de pistas explicativas e de teorização à prévia necessidade de descrição. Ou seja, o conceito de quadros de interacção permite fazer o exercício base de descrição teoricamente orientada (Lahire, 2002; Danermark et al, 2002). Porque, a apresentação da anatomia descritiva desta forma de prostituição, bem como daquilo que lá se produz e reproduz é, fundamentalmente e antes de tudo, um exercício descritivo da realidade:

Sintetizando, esta forma de prostituição, com as estruturas e processos que a constituem e com as práticas sociais que nela se inscrevem, não teria esta configuração sem as características de natureza morfológica, relacional e simbólica do quadro de interacção e que configuram propriedades fundamentais para a efectivação e para a regulação da interacção (Elias, 1990, 1994a, 1994b e 2001).

2.1 | As fronteiras externas e circunscrição de um objecto

Ainda que a prostituição seja uma forma transaccional e comercial de sexualidade, funcionando em grande medida numa lógica da dívida e do pagamento, a verdade é que ultrapassa esse regime estritamente utilitário e instrumental (Bernstein, 2001, 2007a, 2007b; Sanders, 2005a e 2008). Pelo que, imaginar a cartografia do trabalho sexual e, em particular, da prostituição a partir de noções exclusivamente mercadológicas seria insuficiente. Assim, para a identificação do lugar da prostituição no universo do trabalho sexual e para a definição das prostitutas acompanhantes e dos seus clientes, partimos não dos mercados mas sim dos contextos morfológicos de interacção de que mulheres acompanhantes e homens clientes são actores e autores.

A forma mais prudente de começar a anatomia descritiva da prostituição que acompanhantes protagonizam talvez seja mostrar as suas fronteiras, aquilo que não é e os contornos que a distinguem de outros tipos de trabalho sexual e de outras formas de prostituição. Esta atitude será tão prudente quanto as trabalhadoras sexuais não são a categoria homogénea que frequentemente se presume serem (Vanwesenbeeck, 2001; Chapkis, 2000; Weitzer, 2000a, 2007 e 2010). Em parte, esta dificuldade resulta do facto da designação trabalho sexual ser demasiado abrangente e nela caberem uma série de serviços e actividades sexuais que são comercializadas e que nada têm a ver com a prostituição. A prostituição será um dos muitos serviços que são trocados por dinheiro, prendas, ou outras formas de remuneração directa ou indirecta, imediata ou deferida no tempo.

Para localizarmos as acompanhantes e os seus clientes no quadro do trabalho sexual devemos, em primeiro lugar, proceder à cisão da noção de trabalho sexual em dois estratos fundamentais: (i) trabalho sexual indirecto; (ii) trabalho sexual directo (Sanders et al, 2009; Harcourt e Donovan, 2005b).

Trabalho sexual indirecto

O trabalho sexual indirecto refere-se a um conjunto alargado de serviços sexuais que não envolvem necessariamente contacto físico entre a trabalhadora sexual e os seus clientes, apesar da troca ser por definição sexual. Esta forma de trabalho sexual interior pode ocorrer em contextos de co-presença marcados pela forte intensificação interaccional e erótica, ou em contextos expandidos pelas novas tecnologias, assumindo o carácter de trabalho sexual à distância. No primeiro conjunto localizamos actividades que se baseiam, fundamentalmente, na performance ou actuação mediada por um palco, transformando a interacção sexual comercial numa relação entre actor-espectador. A interacção é fortemente regulada e pretende, por um lado, evitar o contacto corporal, impedindo os clientes de tocarem nas trabalhadoras sexuais. Por outro, pretende marcar uma distância (muitas vezes imprecisa e não cumprida) entre estas actividades e a prostituição, impedindo os clientes de fazerem propostas às trabalhadoras sexuais. De forma concreta, neste estrato do trabalho sexual encontramos actividades como o strip-tease, lap dancing, sexo ao vivo, etc.

Ainda no âmbito do trabalho sexual indirecto, identificamos os trabalhos sexuais performativos à distância desenvolvidos em contextos erótico-sexuais expandidos pelas novas tecnologias. Trata-se de trabalhos que têm lugar, por exemplo, em linhas telefónicas eróticas, em chats e vídeo-chats na internet ou noutras formas de pornografia difundida pela internet ou por outros meios mais tradicionais e menos tecnológicos.

Adicionalmente verifica-se que as formas de trabalho sexual indirecto sejam elas desenvolvidas em co-presença ou em contexto de interacção tecnológico são, fundamentalmente, exercidos por trabalhadoras em regimes de trabalho por conta de outrem, com vínculos precários, relativamente mal remuneradas quando comparados com alguns outros trabalhos na indústria do sexo, e com escassa ou nenhuma autonomia na organização do seu trabalho. Estas condições para o

exercício da actividade são, pelo menos parcialmente, responsáveis pelo estabelecimento de uma particular porosidade entre os diferentes estratos do trabalho sexual. Isto é, algumas trabalhadoras do sexo protagonizam a quebra de fronteiras entre o trabalho sexual indirecto e directo. De facto, não são incomuns os casos de bailarinas e strippers que encontram no local de trabalho uma plataforma de angariação de clientes para serviços sexuais directos, metamorfoseando o seu posicionamento no universo do trabalho sexual: de performers passam a prostitutas acompanhantes casuais.

Apesar destas situações configurarem a quebra das normas explícitas de funcionamento, os proprietários e gestores destes estabelecimentos acabam por condescender com a sua existência por razões pragmáticas e instrumentais: em primeiro lugar, autorizar esta forma de complemento remuneratório às trabalhadoras permite manter o nível salarial mais baixo; em segundo, contenta uma parte importante dos homens que frequentam estes estabelecimentos.

Entrar neste terreno de pesquisa é, fundamentalmente, estabelecer relações com o outro desconhecido, com outras pessoas: mulheres prostitutas acompanhantes e homens que a elas recorrem. De facto, para que o investigador se sinta autorizado a descrever o contexto morfológico de interacção desta forma de prostituição tem de encontrar estas pessoas, tem de ser escolhido por elas e iniciar um processo de pesquisa, em grande medida, feito em co-autoria (Coelho, 2009a). Mas, o carácter esquecido dos homens enquanto objecto de estudo em pesquisas sobre a prostituição (Bernstein, 2007a; Sanders, 2008) fez do investigador um equilibrista entre, por um lado, o medo de nunca ser capaz de os encontrar ou de ser incapaz de estabelecer o consenso necessário ao processo de pesquisa (Coelho, 2009a; Moscovici e Doise, 1991; Spradley, 2016). Por outro, esta insegurança inicial obrigava a encontrar um lugar confortável onde pudesse circunscrever ou encurralar estes homens e convence-los a participar na pesquisa. Porque, apesar da experiência anterior de etnografia salpicada com prostitutas acompanhantes (Coelho, 2009a), os medos e o desconhecimento etnográficos persistiam relativamente ao trabalho de pesquisa e à gestão das relações de pesquisa com os homens clientes.

Neste cenário, a porosidade entre estratos do trabalho sexual parecia abrir um atalho para o encontro com os homens clientes. Os bares de striptease pareciam conter em si a solução mágica para um investigador que não conseguia encontrar o seu terreno de pesquisa nem parte das pessoas-objecto de estudo. Aparentemente, estes lugares forneceriam condições para ultrapassar as inquietações, hesitações, medos e inseguranças etnográficas, porque o seu espaço recheado de espelhos, varões, sofás de veludo criando pequenas salas em estilo panóptico com vista para o palco e para as trabalhadoras sexuais, parecia confinar os homens clientes num território pequeno e controlável. Contudo, o contexto interaccional dos bares de striptease revelou-se uma rota de acesso interdito a estes protagonistas da prostituição.

Na verdade, o trabalho de terreno deve seguir, sempre que possível, as curvas de nível da realidade (Fernandes, 2002a e 2002b; Coelho, 2009a): se a prostituição vivida pelas mulheres acompanhante e pelos seus clientes faz parte de um tipo de trabalho sexual directo, não haverá outra forma de aceder a essa realidade que não seja de forma directa. Ou seja, elidindo contextos mediadores que prometem à primeira vista maior conforto ao investigador.

Trabalho sexual directo, prostituição e a fronteira entre exterior e interior.

O trabalho sexual directo refere-se a tipos de comércio sexual onde o contacto físico de natureza sexual é trocado por dinheiro ou outros benefícios materiais. Trata-se de uma forma de trabalho sexual que se processa em co-presença e em interacção corpo-a-corpo. É neste estrato do trabalho sexual que se localiza a prostituição nas suas múltiplas formas. Existe uma grande diversidade de actividades que frequentemente são colocadas sob o termo prostituição, bem como uma notável diversidade de experiências vividas pelos seus protagonistas (Monto, 2000, 2004 e 2010). De facto, as experiências das mulheres prostitutas, as suas situações específicas e as circunstâncias variam significativamente (Chancer, 1993). Ainda que deixemos a análise das classes e dos atributos estruturais incorporados pelas acompanhantes e clientes para um momento posterior (mostrando clivagens e vizinhanças sociais entre os protagonistas deste quadro de interacção), importa não negligenciar o facto desta forma de prostituição ser fortemente condicionada pela existência de uma hierarquia dos mercados dos serviços e produtos sexuais baseada nas condições e características do trabalho sexual (Vanwesenbeeck, 2005). Mais, é fundamental conceber a morfologia desta forma de prostituição enquanto quadro de interacção como um aspecto central na produção de traços de demarcação e distinção entre a actividade prostitucional protagonizada pelas acompanhantes e outras formas de prostituição e mulheres prostitutas.

A morfologia deste quadro interaccional prostitucional alargado define-se, em primeira instância, por uma geografia que separa a prostituição entre o exterior e o interior. Verificam-se diferenças significativas entre a prostituição que passa no exterior seja na rua ou na estrada e a prostituição de interior; mas também entre as prostitutas de rua, as trabalhadoras de bordéis, as mulheres que trabalham em casas de alterne e as acompanhantes, quer em termos das racionalizações em torno da satisfação com o trabalho, com a significação e racionalização daquilo que fazem, com a auto-estima, com a saúde física e mental, bem como em torno das práticas profissionais e organização do trabalho (Exner, Wylie, Leura e Parrill, 1977; Lever e Dolnick, 2000; Perkins, 1991; Perkins e Lovejoy, 1996; Perkins e Bennett, 1985; Prince, 1986).

No espaço prostitucional exterior encontramos duas formas fundamentais de prostituição. Uma ocorre no estreito caminho entre a berma da estrada e o carro, outra desenvolve-se no pendulo entre a rua e a pensão. Na estrada encontramos uma forma de prostituição de visibilidade imediata e de acesso não intermediado do cliente à trabalhadora sexual. Aqui tudo se passa entre a estrada, que sendo via de passagem funciona também como montra onde as prostitutas se colocam visíveis para os seus potenciais clientes circulantes e o interior do carro do cliente. A prostituição de rua-pensão localiza-se em determinadas artérias da cidade, junta mulheres prostitutas em determinadas esquinas e apresenta uma dinâmica pendular entre a rua e a pensão (Oliveira, 2004; Oliveira e Coelho, 2010). Ao contrário da prostituição de estrada, para a montagem da actividade prostitucional rua-pensão contribuem outras indústrias ou serviços auxiliares (Sanders, 2005a), como seja a industria hoteleira (pensões e residenciais), a restauração e outro comércio local que serve de apoio logístico ao dia-a-dia, bem como de garantia de segurança a estas mulheres prostitutas (Oliveira, 2004 e 2011). Seja na estrada ou na rua, as mulheres prostitutas vêm-se na contingência de pagar um *fee* a um chulo que lhes deveria garantir a segurança mínima.

A geografia que demarca o espaço da prostituição entre exterior e interior, reforçada pela crescente privatização ou interiorização da prostituição (Bernstein, 2007a; Sanders et al, 2009; Weitzer, 2010), determina a construção da prostituição de rua e de estrada como formas particularmente desvalorizadas de prostituição. Essa desvalorização actua simultaneamente ao nível simbólico e objectivo. Do ponto de vista simbólico verifica-se que nas formas de prostituição exterior, seja na estrada ou entre a rua e a pensão, a visibilidade instantânea e o acesso imediato torna as mulheres prostitutas mais vulneráveis e expostas ao estigma e às sanções sociais e morais associadas àquilo que fazem. Em segundo lugar, a desvalorização simbólica destas formas de prostituição está associada a uma visão das mulheres enquanto objectos sexuais, a uma forma de prostituição em que apenas se exigem competências sexuais básicas e cujos encontros sexuais comerciais são de curta duração. Em terceiro lugar, as mulheres prostitutas que trabalham em contextos exteriores são entendidas como mulheres particularmente destituídas de competências e recursos para integrarem o movimento de interiorização da prostituição que implica novas exigências ao nível do trabalho sexual: no lugar de relações de curta duração e sexualmente mecanizadas, a prostituição passa a ser também lugar de esforços que misturam emoções, afectos e elevado investimento erótico e sexual (Bernstein, 2001, 2007a e 2007b; Sanders, 2005a e 2008; Weitzer, 2007; Coelho, 2009a).

As formas de desvalorização simbólica têm consequências objectivas. Assim, à visibilidade instantânea e ao acesso imediato destas formas de prostituição corresponde uma diminuta capacidade de selecção dos clientes por parte das prostitutas. À redução destas mulheres prostitutas à condição de objectos sexuais sempre disponíveis para os homens de passagem, à construção de uma imagem destas mulheres como emocional e intelectualmente destituídas corresponde a desvalorização objectiva dos valores dos encontros sexuais pagos: os valores exigidos e exigíveis pelo encontro sexual são os mais baixos no universo das actividades prostitucionais.

De forma sintética, a morfologia que separa a prostituição de exterior daquela praticada pelas acompanhantes passa não só pela diferença dos lugares em que ocorrem os encontros comerciais, mas também por um conjunto de significados e valorações associados a esses espaços específicos.

Adicionalmente importa referir que a geografia que distingue a prostituição entre exterior e interior não demarca apenas fronteiras entre tipos de prostituição e mulheres prostitutas. Também afasta espaços de conhecimento de zonas de desconhecimento. De forma simples, à maior visibilidade e facilidade de acesso às formas exteriores de prostituição corresponde uma maior profusão de trabalhos, pesquisas e conhecimento. Pelo contrário, e apesar da prostituição de interior ter uma enorme importância e peso relativo no universo da actividade prostitucional nas sociedades ocidentais (Weitzer, 2000a, 2005 e 2010), é nesta prostituição interiorizada que se verifica a maior área cinzenta de conhecimento. É em torno destas formas de prostituição afastadas do olhar directo que as perguntas continuam sem resposta ou onde nem se quer chegam a ser feitas (Bernstein, 2007a; Sanders, 2005a e 2008; Sanders et al, 2009 Day, 2007; Ribeiro et al, 2008).

As acompanhantes e a prostituição de interior

No mapa da prostituição de interior, a morfologia da prostituição praticada pelas acompanhantes afasta-se de outras formas de prostituição abrigada, nomeadamente, da prostituição de alterne ou daquela que se desenvolve nas versões contemporâneas dos bordéis.

Antes de mais, a prostituição praticada pelas acompanhantes afasta-se a actividade prostitucional desenvolvida em bordeis, apartamentos ou centros de massagens onde as prostitutas exercem a sua actividade por conta de outrem com pouco ou nenhuma autonomia e independência no exercício da sua profissão ou no estabelecimento de regras, restrições, rotinas, ritmos e organização do dia-a-dia de trabalho.

Se por um lado, a uma escala mais global, se verifica um movimento de transformação da prostituição pela desvalorização progressiva da prostituição de rua marcada pela perda de peso relativo desta forma de prostituição no universo da actividade do sexo comercial (Weitzer, 2000a; Sanders et al, 2009; Bernstein, 2007a e 2007b), determinando a saída das prostitutas da rua e a entrada em apartamentos ou outros espaços sem visibilidade directa. Por outro lado, verifica-se que as mulheres prostitutas neste tipo de movimento tenta reinventar-se, passando frequentemente a utilizar o termo acompanhante para anunciarem os seus serviços sexuais. Contudo, o movimento de interiorização associado a uma tentativa de reinvenção daquilo que fazem e do seu estatuto n o mundo da prostituição pela utilização do termo acompanhante resulta apenas numa transformação formal: abandonam o pendulo rua-pensão e passam a trabalhar no eixo anúncio no jornal-pensão, mas as características essenciais da organização e das condições de exercício da actividade prostitucional mantêm-se inalteradas:

Estas formas de prostituição apresentam uma morfologia rígida porque a territorialidade bem definida desempenha uma função determinante na localização das prostitutas em lugares fixos, sejam esquinas, pensões ou apartamentos bordel.

A passagem da rua para espaços interiores sem visibilidade directa ou a utilização do termo acompanhante não determina que os valores praticados por estas mulheres prostitutas se aproximem daqueles cobrados pelas acompanhantes – que teremos oportunidade de perceber mais à frente. Na verdade, os valores dos serviços sexuais mantêm-se muito próximos dos que eram cobrados na rua.

Entre as mulheres prostitutas que passam rapidamente da rua para espaço mais privatizados o tipo de serviços prestados permanece inalterado. O sexo comercial que passou apressadamente da rua para o interior é muito diferente daquele que se encontra no segmento da prostituição de interior praticada pelas acompanhantes. Na rua, na pensão ou no apartamento bordel, as mulheres estão geralmente menos tempo com os seus clientes e os encontros são orientados por exigências eminentemente sexuais. Por seu turno, os serviços oferecidos pelas acompanhantes são mais elaborados e prolongados, implicando encontros em lugares públicos e noutros mais privatizados, envolvendo exigências sociais, emocionais e sexuais.

No caso dos bordéis, o exercício da actividade prostitucional caracteriza-se por um reduzido grau de autonomia e independência e desenvolve-se num quadro laboral próximo do trabalho por conta de outrem. Ao contrário das acompanhantes, mulheres prostitutas transferidas da rua para o interior mantêm baixa capacidade de selecção dos clientes, na organização do dia-a-dia de trabalho, e a definição de horários e ritmos de trabalho depende de terceiros (proprietários e gestores de pensões ou apartamentos bordel).

A persistência destas características deve-se ao facto da passagem da rua para o espaço interior não ser feita sem dificuldades. Uma das mais importantes dificuldades reside na falta de disposições das prostitutas que trabalhavam na rua para corresponderem às exigências desta prostituição de interior. Por outro lado, as mulheres habituadas a trabalhar na rua acabam por se sentir mais seguras na rua do que num ambiente fechado e sem vigilância de terceiros (Bernstein, 2007a; Oliveira, 2004 e 2011). Na rua sabem como estar seguras, na rua sabem com quem contar: as colegas; as pensões e comércio local (Oliveira, 2004 e 2011). Nesta nova lógica interior sentem-se mais vulneráveis, sobretudo, quando trabalhando numa lógica de agência, apenas recebendo uma morada e partindo para o encontro com o desconhecido (ainda por cima escondido entre quatro paredes) (Bernstein, 2007a).

Assim, torna-se evidente a invulgaridade ou a inexistência de trajectórias de mobilidade implícitas na transição da prostituição de rua ou estrada para o exercício da actividade prostitucional como acompanhante (Weitzer, 2000a; Bernstein, 2007a). De outra forma, a base de recrutamento da prostituição de interior, e em particular da prostituição praticada pelas acompanhantes, ultrapassa as capacidades de fornecimento que se podem encontrar na prostituição de rua. Sendo, por isso, expectável que nem todas as mulheres que se encontrem em formas privatizadas de prostituição e,

mais concretamente, que a generalidade das prostitutas acompanhantes, nunca tenha passado pela rua (Weitzer, 2000a).

Aquilo que as mulheres prostitutas acompanhantes fazem também difere da prostituição de alterne. A prostituição de alterne encontra em bares e dependências anexas (onde se situam os quartos) o seu território de existência (Ribeiro et al, 2008). O alterne é uma forma de prostituição particularmente desafiante, na medida em que se encontra num espaço de intersecção entre os dois diferentes estratos do trabalho sexual. As trabalhadoras de alterne desenvolvem actividades que correspondem, simultaneamente, a formas de trabalho sexual indirecto e directo. Por um lado, apresentam-se de forma cénica e em performances eróticas no palco, fazendo actuações de striptease. Por outro, são protagonistas de trabalho sexual directo, não só quando aceitam ir para o quarto (geralmente situado em dependências anexas ao bar) com um cliente do bar, mas também nas conversas de sedução e excitação que antecedem esse instante (Ribeiro et al, 2008).

Existe, no entanto, um espaço de intersecção entre as prostitutas de alterne e as acompanhantes que importa não negligenciar. Este espaço comporta não só algumas exigências erótico-sexuais como também requisitos disposicionais não directamente sexuais, como sejam as capacidades de estar e de conversar, de escutar o outro e de criar um ambiente de partilha das emoções e da vida. Contudo, ao contrário do enclausuramento da prática prostitucional das prostitutas de alterne, as acompanhantes exercem a sua actividade no quadro de uma alargada plasticidade morfológica. Uma plasticidade que faz variar os lugares que circunscrevem os encontros comerciais entre lugares que remetem para a esfera privada e outros que abrem o encontro entre acompanhantes e clientes ao espaço público e ao olhar dos outros. O enclausuramento ou a plasticidade morfológica dos quadros de interacção destas duas formas de prostituição interior têm consequências específicas. No enclausuramento do alterne, as mulheres prostitutas têm um ritmo de trabalho condicionado pelo bar, pela obrigação de induzirem os homens no consumo de bebidas alcoólicas e pela necessidade de rapidamente concretizarem a dimensão sexual dos encontros (Ribeiro et al, 2008). De forma breve, ao enclausuramento parece justapor-se uma orientação racional económica para a facturação. Por seu turno, as acompanhantes podem, muitas vezes, fazer navegar os encontros com os seus clientes por diferentes espaços, uns mais públicos e outros mais privados, prolongando o tempo de encontro e fazendo aproximar o encontro comercial de guiões de sedução mais alargados e standardizados. Sinteticamente, a plasticidade da morfologia do quadro interaccional das acompanhantes remete para a mascarada da racionalidade e da natureza comercial dos encontros através da replicação de guiões de sedução e conquista sexual.

2.2 | Morfologia física, espacialidade e co-presença

A actividade das acompanhantes constitui-se como um tipo específico e sofisticado de prostituição de interior. De forma relativamente genérica, as acompanhantes são elas próprias agentes de transformação e sofisticação do universo da prostituição, estando no epicentro do movimento de

privatização, interiorização e emocionalização da prostituição que tem marcado as últimas décadas da indústria do sexo (Bernstein, Sanders, 2005a e 2005b; Sanders et al, 2009).

O tipo de prostituição interior que as acompanhantes protagonizam diverge de outras formas de prostituição que assumem uma territorialidade própria. A constituição da morfologia física do quadro interaccional prostitucional das acompanhantes caracteriza-se pela porosidade entre os lugares públicos e visíveis aos outros e os sítios privados e reservados dos olhares de terceiros, entre a exposição e a ocultação do casal comercial cliente-prostituta.

O movimento de privatização e interiorização da prostituição protagonizado pelas acompanhantes e pelos seus clientes não corresponde nem a um regresso aos bordéis nem a uma lógica de segregação (espacial ou higienista), nem tão pouco determina a sujeição destas mulheres a formas de trabalho prostitucional desprovidas de qualquer autonomia e independência no exercício da actividade. Ao contrário das formas mais comuns de prostituição de interior (em que a actividade prostitucional está condicionada ao interior de uma casa, de um apartamento, de um centro de massagens ou de um bar de alterne), esta forma de prostituição abrigada não está, necessariamente, na redoma de quatro paredes isoladas de contextos públicos e de sociabilidade mais vastos. Os encontros sexuais comerciais entre as acompanhantes e os seus clientes apresentam uma territorialidade difusa, dispersa e de difícil delimitação. Enquanto quadro de interacção esta forma de prostituição apresenta-se multiforme: os encontros prostitucionais ocorrem em qualquer ponto da cidade, num apartamento de um qualquer prédio, num dos muitos hotéis ou motéis da cidade, em casa do cliente (que pode ser o nosso vizinho da frente) ou no apartamento onde trabalha a acompanhante (que pode ser a nossa vizinha de baixo), ou ainda na mesa ao lado da nossa no restaurante onde jantamos ou no bar onde habitualmente nos encontramos com os nossos amigos. Ao limite, o casal temporário e comercial constituído pela acompanhante e pelo cliente é tão banal como qualquer outro com que nos cruzamos no dia-a-dia, no elevador do nosso prédio, na rua, ou no café da esquina.

O polimorfismo do quadro de interacção não pode ser confundido com a inexistência de espaços particulares. Enquanto quadro de interacção esta forma de prostituição constitui-se em contextos espaciais específicos onde se processa a trama interaccional. Os encontros entre acompanhantes e clientes são delimitados no espaço, acontecem em determinados espaços e não noutros. Ao fazer a anatomia descritiva dos lugares deste tipo de prostituição não podemos negligenciar que se destacam determinados sítios de intensificação interaccional que exigem co-presença. São sítios de encontro.

Por um lado, nesta forma mais sofisticada de prostituição de interior, os encontros entre clientes e trabalhadora sexual podem ocorrer ou desenvolver-se, pelo menos parcialmente, em espaços públicos, tornando o encontro comercial visível. Este tempo público do encontro prostitucional – período em que o casal acompanhante-cliente está visível - remete para a pluralidade de exigências que o campo prostitucional coloca às mulheres prostitutas acompanhantes, revelando que elas não são simplesmente prestadoras de serviços sexuais ou eróticos. A elas são exigidas outras competências e

recursos, nomeadamente, que detenham competências e recursos disposicionais de saber-estar, saber-falar e escutar, por exemplo. No fundo, autorizando entender esta atividade e estes encontros como formas particulares de trabalho emocional que implica, entre outros requisitos, a posse de recursos suficientes para criar rapidamente um ambiente de intimidade que permita responder a um desejo do par cliente-acompanhante ser percebido como um casal amoroso, implicando a visibilização de actos de afecto, de carícias e beijos em público. Disposições para pensar, avaliar o momento e agir que permitem conduzir um trabalho emocional capaz de fazer da natureza comercial e prostitucional da sua relação um segredo mantido a dois: cliente e prostituta acompanhante protegem-se mutuamente e protegem o segredo do seu estatuto.

Quadro 2.1: Tabela de preço e serviços (sexuais e não sexuais)

	Tempo	Euros
companhia (jantar)	1h	100
companhia (café)	30m	50
<i>carinhos sem sexo sem beijo na boca (lugar público)</i>	<i>1h</i>	<i>120</i>
<i>carinhos sem sexo sem beijo na boca (lugar público)</i>	<i>30m</i>	<i>90</i>
carinhos sem sexo com beijos (lugar íntimo)	1h	150
carinhos sem sexo com beijos (lugar íntimo)	30m	120
Sexo	1h	250
Sexo	30m	180
Rapidinha	15m	140

Fonte: Mafalda

Estes sítios públicos de encontro remetem, necessariamente, para a valorização e centralidade da dimensão emocional nos encontros comerciais entre acompanhantes e os seus clientes: o encontro não é apenas sexo, também será aquilo que o circunscreve, o conhecimento mútuo e a partilha de emoções, de situações da vida, ou simplesmente de gostos e hábitos.

Interessa-nos, por outro lado, de forma mais concreta os espaços da interacção sexual. Por vezes dão-se em casa dos clientes, outras vezes em hotéis ou motéis, também podem ter lugar em apartamentos que funcionam como local de trabalho das acompanhantes (numa lógica similar aos bordeis ou numa lógica de arrendamento de local de trabalho colectivo estilo co-working). À aparente diversidade dos sítios dos encontros sexuais entre acompanhantes e clientes corresponde uma paradoxal homogeneidade na forma como são concebidos, decorados e estilizados no sentido do confinamento dos protagonistas numa espécie de redoma erótica que deixa o resto do mundo e da vida no seu exterior. Independentemente da natureza comercial ou residencial do sítio do encontro ele é escolhido porque está desenhado para estimular a concentração nos acontecimentos eróticos e sexuais, está desenhado para se tornar um lugar de intensificação interaccional sexual (Collins, 2004). Em casa do cliente, num quarto de hotel, num motel com as paredes preenchidas por espelhos ou num apartamento, torna-se evidente a internalização de narrativas culturais sobre a sexualidade. As imagens produzidas pela indústria do sexo, a sexualização da cultura (Attwood, 2006 e 2009) e o crescente movimento erotopização (Plummer, 1997) fazem com que os lugares de encontro se afastem da noção

de não-lugares (Augé, 1994) ou de lugares vazios, passando a estar preenchidos de significados marcadamente sexualizados: espaços que indicam, sinalizam, abrem pistas para o que pode acontecer. Estimulam a imaginação erótica, a produção e a encenação de guiões sexuais interpessoais (Simon e Gagnon, 1986 e 1999). Ao limite, são lugares específicos de rituais de interacção, mecanismos que visam permitir a repetição de um momento especial (Collins, 2004).

Diário de campo O quarto de André revela a preocupação de articular gosto estético, elementos decorativos de design consagrado com a definição daquela divisão como espaço particularmente sexualizado. A cama de enormes dimensões, a cor quente e suave das paredes, a iluminação indirecta e difusa e o espelho que olha para a cama são elementos chave para a intensificação dos encontros sexuais.

Diário de campo “ (...) elas referem-se frequentemente a determinados motéis como espaços fashion e especialmente promotores de erotismo, quartos que obrigam a uma concentração exclusiva na actividade sexual e fazem desejar a sua intensificação (...) Perco algum tempo a pesquisar na internet alguns destes lugares e percebo que são desenhados como verdadeiros palcos para a performance erótico sexual. Os quartos são fechados sobre si mesmos, as janelas quando dão para o exterior são pequenas, mas a maior parte das vezes abrem para pátios interiores e de uso exclusivo do quarto. Não é incomum encontrarmos nos seus quartos varões para dança de varão, duches duplos e com paredes de vidro abertas sobre o quarto, permitindo ver o que lá se passa, jacuzzis onde cabem várias pessoas, camas de grandes dimensões, jogos de espelhos nas paredes e tectos, fazendo reflectir o que se passa na cama em diferentes ângulos, bancos, cadeiras e sofás desenhados para determinadas práticas sexuais, televisões com canais e filmes eróticos e pornográficos (...) Tudo isto é complementado por pacotes adicionais de estadia que incluem fruta, vinhos, champagne, chocolates, flores, etc.”

Diário de campo “Ter lá passado todo o dia [num apartamento], ter estado no backstage do atendimento, ter partilhado o tempo de espera das mulheres que lá trabalham, ter com elas matado o tempo à conversa, permiti-me também ter acesso e conhecer a casa e os seus espaços mais reservados, os quartos onde atendem os clientes (...) percorri um corredor foi entrando nas diferentes portas, a antiga sala do apartamento está transformada no quarto principal e especial, tem um cama redonda de tamanho king size, um varão para danças eróticas, uma televisão de grande dimensão, um sofá e espelhos nas paredes e no tecto sobre a cama. Os outros quartos pareciam uma versão miniatura, sempre equipados como uma televisão, com uma cama redonda ou rectangular mas sempre de tamanho considerável, todos tinham os espelhos virados para o palco da acção (a cama).”

Neste momento estaremos em condições de perceber que as mulheres que trabalham como acompanhantes desenvolvem a sua actividade num grupo relativamente restrito de locais (Sanders et al, 2009), e que estes locais são seleccionados seguindo dois princípios relativamente genéricos: em primeiro lugar, a dimensão sexual dos encontros deve ocorrer em contextos interiores, afastados da rua, abrigados do risco de acusação, desvalorização social e de estigma. Em segundo, a selecção dos espaços tem como critério fundamental a fidelidade aos tempos da produção de uma realidade erótica (Coelho, 2009b) capaz de fazer evadir mulheres e homens do seu quotidiano e da sua sexualidade rotineira.

Mas, fazer a anatomia descritiva deste quadro de interacção implica entender que estes critérios relativamente abstractos se conjugam, necessariamente, com as condições objectivas com que cada mulher acompanhante exerce a sua actividade prostitucional. Isto é, os lugares abrigados do estigma e da acusação onde se procura evadir de uma sexualidade rotineira assumem distintas características.

Apartamentos

Será mais comum encontrarmos as acompanhantes mais destituídas de independência e autonomia no exercício da sua actividade em apartamentos ou casas arrendados por terceiros que funcionam como estabelecimentos de prostituição estruturados e organizados em torno da figura do/a

gestor/a, recepcionista e do patrão/patroa com quem as mulheres prostitutas têm um contrato ou acordo informal (Sanders, 2005a). Nestes sítios de prostituição a figura do/a gestor/a assume a responsabilidade de toda a organização do trabalho, determinando regras, procedimentos, valor dos serviços e horários de trabalho. Nestes regimes laborais as mulheres acompanhantes têm muito pouca autonomia e independência no exercício da sua actividade. Pouca autonomia, porque não têm capacidade de decisão sobre os clientes que aceitam ou rejeitam, o contacto é filtrado e gerido por uma recepcionista que atende todos os telefonemas, as suas regras e normas devem em primeiro lugar submeter-se aos regulamentos e à cultura organizacional da agência para quem trabalham. Pouca independência, porque toda a sua actividade enquanto prostitutas se desenvolve num espaço controlado onde se submetem a uma lógica de homogeneização dos preços e dos serviços.

Parece contraditório encontrar acompanhantes a trabalhar neste tipo de locais e sob estes regimes, mas a verdade é que estes lugares se apresentam relevantes em situações particulares: numa fase inicial de ingresso no mundo da prostituição, caracterizada por inseguranças e desconhecimento, a presença de uma terceira pessoa é vista como garante da segurança num mundo desconhecido (Sanders et al, 2009) e como fonte de aprendizagem. Segundo, quando, num contexto profundamente marcado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, as acompanhantes não detêm as competências tecnológicas necessárias a terceira pessoa é entendida como um facilitador da atividade, gerindo as diferentes plataformas tecnológicas de contacto e publicidade (anúncios, sites, blogs, redes sociais) e multiplicando os potenciais clientes e garantindo o rendimento necessário no fim de cada mês (Sanders, 2005a, 2005c e 2008; Sanders et al, 2009).

Clara

“O que os clientes querem é chegar a um sítio e ter lá uma mulher para atender e não ter mais despesas, nada de quartos de hotel (...) Nós estamos... estamos sete (...) Nós temos mais movimento durante o dia a partir das dez e tal da manhã, quando se começa a aproximar o final do dia as coisas começam a ficar mais arriscadas, nós habitualmente no máximo às nove e tal [noite] fechamos, à noite as coisas são muito, muito mais calmas (...) Esta casa não tem meias-horas, temos apenas um valor único por hora. Neste momento é a única casa em Lisboa que não tem meias-horas. Por isso, há que oferecer um pouquinho mais... e um bocadinho mais são esses cuidados todos, não é ter um grande corpo e ser muito bonita, porque isso há aí às centenas, mas tem de ter qualquer coisa de diferente... Para as pessoas que não vão à procura de meias-horas e de valores mais baixos, esse tipo de detalhes é muito importante e sabem identificar esse tipo de detalhe (...) Aqui elas levam todas 100€ por uma hora. (...) desses 50% [comissão que cobra às mulheres que exercem actividade no seu apartamento] eu pago uma batelada de dinheiro com todas as outras despesas, eu acabo por ganhar menos do que elas... eu pago a renda, eu pago os anúncios que são caríssimos, pago gás, água, as duas recepcionistas [para atenderem grande fluxo de telefonemas]... eu pago tudo (...) As recepcionistas trabalham também [como prostitutas], mas é um dinheiro extra que eu lhes dou (...) É muito trabalho para uma pessoa só... a roupa tem que estar em ordem, está constantemente as máquinas a lavar e a secar, as limpezas... elas é que fazem isto, por isso é que eu lhes pago esse extra, para elas fazerem também isto (...) Elas não trabalham para mim, eu trabalho para elas (...) Eu já fiz isto a tempo inteiro, sei o que é, por isso proporciono-lhes condições que elas não têm noutros sítios (...) têm direito a veto, se entrar por aí um gajo e elas disserem que não eu não me mexo, noutra casa metem-lhes as malas à porta para elas irem embora (...) Qualquer destas mulheres que está aqui há este tempo todo tem as capacidades suficientes para ser independente, elas não são porque não querem. Porque são desorganizadas, completamente desorganizadas, ou eu lhes organizo as coisas muito organizadinhas ou elas não sabem... assim que se tornarem independentes despistam-se (...) Qualquer profissional tem o direito de decidir se quer trabalhar por conta própria ou por conta de outrem, sendo que por conta própria é mais autónomo e recebes tudo, mas se recebes tudo depois também tens as despesas, tens mais risco, tens mais responsabilidade (...) aqui o que elas ganham é lucro, se forem independentes têm de pagar apartamento, água, gás, luz, publicidade (...) Eu tenho aqui duas ex-independentes porquê? Não tinham sítio e por causa das despesas, trabalhar nisto dá muitas despesas... só um site pode custar 230 euros mensais (...) a maior parte das pessoas que estão nesta situações têm muito pouca capacidade de gestão, é raríssimo apanharem alguma com alguma capacidade de auto-gestão (...)”

“A maior parte destes apartamentos são muitíssimo assaltados, porque é dinheiro, porque as pessoas não apresentam queixa (...) É fácil assaltar, porque as pessoas nem sequer fazem uso dos direitos que têm, nem sequer fazem queixa à polícia, escondem-se (...) há profissionais para assaltar casa destas verdadeiramente especializados nisto. Trazem arma, aponta a arma e recebem dinheiro vivo. É um dos motivos pelo que as casas estão sempre a mudar de sítio (...)”

“Claro que há sempre aquela fricção [com os vizinhos] porque é uma casa de putas, mas até temos boas relações com os vizinhos... nós estamos aqui há quatro anos, eles percebem o que se passa, mas matem uma relação cordial, isto com educação e elegância (...) antes embirravam muito porque nós passamos o dia em saltos e somos muitas, o dia todo pum-pum-pum, agora andamos com cuidado (...)”

Apartamentos em co-working

Há prostitutas acompanhantes que localizam a dimensão sexual dos seus encontros comerciais em apartamentos e casas alugadas colectivamente por um grupo de mulheres que ganham o estatuto de co-trabalhadoras. Em regimes laborais de co-trabalho, as acompanhantes encontram-se numa situação mista. Por um lado, não são independentes, na medida em que trabalham no mesmo espaço, criam regras e normas comuns, e estabelecem uma política de preços comum (cartelização do preços) evitando a criação de concorrência interna. Nalguns casos podem ainda ter uma estratégia de comunicação ou divulgação e publicidade relativamente uniformizada e a gestão e as decisões em torno da organização da casa são colectivamente decididas. Por outro lado, a actividade de cada uma destas mulheres é feita num regime de completa autonomia: cada uma é responsável pela selecção dos seus clientes, pelas regras e restrições que coloca na interacção sexual com os seus clientes, cada uma tem o seu telefone privado, e cada uma pode estabelecer os seus horários.

Diário de campo

Passei uma tarde nos bastidores do apartamento (...) Fiquei no apartamento entre as 12h e 20h de uma quinta-feira chuvosa (...) Durante aquela tarde estavam 4 acompanhantes (...) O apartamento situa-se num dos principais eixos comerciais e residências de Lisboa. O apartamento tem uma sala e três quartos e uma zona de serviço. A zona de serviço é constituída por uma pequena antecâmara que distribui para a cozinha e aquilo que originalmente terá sido o quarto da criada. Este quarto está agora transformado numa exígua sala de estar. A cozinha estava transformada num enorme centro de comunicação – uma espécie de apoio ao cliente. A bancada serve como secretária de trabalho onde estão dois computadores portáteis com acesso à internet. É através deles que as acompanhantes gerem os seus anúncios, contactam os seus clientes ou promitentes clientes. Para além dos portáteis, em cima das bancadas da cozinha estão também um número inacreditável de telemóveis. Eram tantos que demorei a contar quantos eram ao certo. Mas seriam seguramente 12 (...) Aquele espaço que fora concebido como os bastidores da vida familiar (a cozinha) (...) continua a ser o espaço onde se desenvolvem actividades rotineiras, que se tornam invisíveis, mas que são fundamentais para a manutenção da vida quotidiana das pessoas que dão vida à casa. Dantes espaço de tratamento da roupa e de confecção das refeições; agora espaço onde as acompanhantes fazem o que nunca se vê (contactos, anúncios, blogues e outras tarefas rotineiras da vida que têm de ser mantidas ao mesmo tempo da actividade profissional).

A cozinha é o local em que as acompanhantes esperam, às vezes quase desesperam, por clientes (...) A cozinha é espaço de sociabilidades entre elas (...) Comentam clientes, o que eles querem, o que desejam mas elas não aceitam, o que aceitam fazer, o desempenho sexual, as características físicas, as características pessoais que fazem de um homem um cliente agradável ou desagradável, previnem-se sobre determinados clientes, etc. (...) Riem-se dos homens, clientes ou não clientes. São mordazes. E muitas vezes a sua ironia ataca directamente uma das bases fundacionais da masculinidade: a sexualidade e o corpo.

(...) é estar num terreno sexualizado (...) sentado a um canto na cozinha apercebo-me da entrada e saída dos clientes (...) ouço os ruídos produzidos nos quartos distantes do apartamento (...) sem entrar nos quartos acabo envolvido por aquilo que lá acontece (...) não sou um voyeur, sou tão participante daquela realidade como as acompanhantes que me fazem companhia na cozinha (...) interajo directamente com a prática prostitucional destas mulheres, ouço-as com os seus clientes e vejo-as a trabalhar antes deles chegarem (...) Algumas regressam aos bastidores e começam imediatamente a comentar o que aconteceu no quarto, tanto pela positiva como pela negativa (...) não têm problema em admitir que sentem prazer (...) ou ironizam sobre as competências ou incompetências sexuais dos clientes (...) mostram-me os seus anúncios na net, pedem-me sugestões para os melhorar (...) mostram-me as fotografias, pedem-me a opinião avalizada por ser homem (...) Perguntam-me sobre a minha vida, sobre aquilo que faço, porque escolhi aquilo que elas fazem como tema de pesquisa. Perguntam-me se já experimentei estar com alguma acompanhante, provocam-me e aliciam-me a experimentar. Sexualizam a nossa relação.

Mas o tempo passado no interior deste apartamento, ou melhor o tempo passado remetido à cozinha (bastidores) da actividade prostitucional, não é apenas tempo passado em torno do trabalho (...) há outros assuntos de conversa entre estas mulheres: as suas famílias, sobretudo os seus filhos. O facto de ser pai criou um particular elo de ligação (...) sentem-se na posição de me aconselhar (...) As rotinas mais repetitivas da vida têm um lugar de destaque nas conversas tidas naquela cozinha. Enquanto as mulheres esperam para ir para o quarto falam das compras que ainda precisam de fazer antes de irem para casa, do que vão fazer para jantar ou da necessidade de se dedicarem um pouco mais aos cuidados com a casa (arrumação, limpeza).

Deslocações: hotéis e a casa dos clientes

Para outras mulheres, o trabalho totalmente independente e autónomo apresenta-se como a melhor solução, recusando a possibilidade de trabalharem por conta de outrem ou em alternativa escapando a soluções de co-trabalho. Estas trabalhadoras independentes podem trabalhar a partir da

sua própria casa ou numa casa que alugam especificamente para atender os seus clientes, ou podem desenvolver a actividade através de deslocações a hotéis, motéis ou a casa dos clientes. Mas também não será incomum encontrar acompanhantes que integram os hotéis como uma plataforma essencial no modus operandi da sua actividade, fazendo dos hotéis a sede da sua actividade profissional: reservam um quarto por um ou mais dias e é aí que vão recebendo os seus clientes (open day); frequentam determinados hotéis, circulando pelos seus espaços comuns (bares, restaurantes, piscina, spa, etc) seduzindo e conquistando homens para seus clientes ou esperando um contacto da recepção ou de algum funcionário do hotel que a direcione para algum hóspede.

Filipa “Perguntam-me como é que atendo, se tenho apartamento se não tenho apartamento. Acabo por perder muitos clientes por não ter apartamento próprio, porque não querem estar a pagar um hotel de quatro ou cinco estrelas (...) Eu acho mais constrangedor na casa da pessoa do que num hotel (...) um hotel não é a nossa casa, mas eu acabo por estar mais à vontade num hotel apesar de ser uma cena íntima do que entrar directamente em toda a intimidade da pessoa que é a casa e todo o resto, porque a casa tem objectos pessoais, tem fotografias (...) Acho que nos hotéis nem dão conta [do que se passa são encontros sexuais pagos] (...) eu não aparento aquilo que faço, como podes ver... é a máxima discrição, e depois também tenho este ar de menina que também me encobre um bocado (...) aconteceu um dia estar num hotel à noite e no dia seguinte ter um cliente que estava lá hospedado, eu só rezava para que as pessoas da recepção fossem outras (...) estava cheia de medo, duas noites seguidas no mesmo hotel (...) O hotel dá-me segurança. Porque está cheio, porque tem câmaras de vigilância, porque alguma coisa estranha que se passe ninguém passa despercebido (...) posso sempre sair da porta do quarto para fora e gritar [risos]”

Rita “(...) eu só vou para hotéis de quatro estrelas até para oferecer melhor requinte e qualidade ao cliente (...) o facto de atender em hotel atesta o meu profissionalismo, às vezes perguntam-me porque é que eu não atendo em apartamento, porque o hotel é mais discreto tanto para mim como para o cliente (...) Para mim não há melhor opção de trabalho do que o hotel (...) Eu estou no hotel e o cliente desloca-se ao hotel onde eu estou, é assim que eu funciono (...) Ele vem ter comigo, eu já estou no quarto, o quarto já está quente por causa do ar condicionado, tenho sempre música ambiente, tenho as luzes do quarto ligadas para ele não entrar no escuro... quando eu recebo dentro do quarto, recebo sempre em lingerie com uma sandália de salto alto, porque o salto alto tem a ver com a sedução... um lingerie sensual e provocante.”

“(...) os recepcionistas... nem sequer se apercebem do que estou lá a fazer, eu chego com a minha mala de viagem, quando chego já tenho a minha reserva feita pela internet, chego à recepção digo que tenho uma reserva faço o check in... vou para o quarto, vou lá a baixo, saí, recebo visitas, vamos cá baixo ao bar para um cafézinho (...) Mesmo que percebam deixam, não fazem nenhum comentário, são educados, fecham os olhos... porque também há clientes que vão à recepção pedir acompanhantes. Cada vez mais em qualquer hotel já começa a ser uma prática muito comum a entrada de acompanhantes, desde que saibam estar não há problema (...) Sei que cada vés mais os recepcionistas têm contacto com as acompanhantes por causa dos pedidos dos clientes (...) muitas vezes é o rececionista que contrata a acompanhante para o hóspede (...) normalmente o valor que o rececionista cobra é 200 euros, os meus, os dois com quem trabalho... depois dou-lhes 50 euros. Não considero chulos, porque para mim foi ótimo, ganhei logo 150 euros com um cliente. Eu gosto de pagar pelo serviço que eles me prestam, eles estão a divulgar-me a um cliente hóspede.”

Victória “Neste momento tenho o cartão de acesso do Sheraton, entro pela garagem e tenho acesso aos dois últimos pisos pelo elevador de serviço que só funciona com cartão. Tenho dois contactos de empresas multinacionais que requerem os meus serviços de acompanhamento como golpes de marketing (...) estou presente nas reuniões e almoços/jantares de negociação importantes (...) só tenho sexo com quem quero, porque se não me apetecer apenas os oriento para as meninas que estão disponíveis mas que eu nem conheço nem fazem parte do meu relacionamento (...) Funciona assim, "contratam-me" por 8 a 10 horas, o meu papel é de isco, como se fizesse parte da empresa, converso, sou simpática e deixo-os com água na boca, falam dos negócios, assinam os contractos, nesta altura já está uma ou mais meninas a prepararem-se no quarto, chega o momento de os informar que a empresa tem um miminho para lhes oferecer, eles com água na boca aceitam, a/as meninas são informadas que está na hora, são-lhes apresentadas e vão fazer o seu trabalho.”

Por que estas mulheres apresentam particulares condições económicas e de controlo sobre a sua vida profissional (Coelho, 2009a; O’Connell Davidson, 1998 e 2002; Sanders, 2005a e 2005b), verifica-se que para elas cartografia dos sítios por onde passam os encontros é definida por maior plasticidade: podem organizar o dia-a-dia de trabalho baseado em deslocações a hotéis, motéis e a casa de clientes. Ao mesmo tempo, para assegurarem um rendimento mínimo garantido nada as impede de manterem parte da actividade sediada num apartamento de co-working. Ao limite, podem recorrer a terceiros que são facilitadores da sua actividade e que lhes criam novas oportunidades de trabalho e angariam novos clientes.

Na descrição da morfologia física deste tipo de prostituição torna-se notória a presença de dois tipos fundamentais de indústrias, serviços ou profissionais auxiliares (Sanders, 2005a) ao desenvolvimento da actividade de acompanhante: em primeira instância, os senhorios e proprietários de casas que são arrendadas às prostitutas acompanhantes. Em segundo lugar, os hotéis que se revelam facilitadores destes encontros comerciais.

Temos vindo a perceber que a morfologia específica deste quadro de interacção prostitucional, a sua plasticidade e maleabilidade, garante às mulheres acompanhantes e aos homens clientes a visibilidade que os torna ocultos. Escondem-se à vista de todos, evitando o ingresso em situações acusação e estigmatização.

Mas o investigador implicado numa pesquisa baseada numa etnografia salpicada (Coelho, 2009a) e na activação do método biográfico com a construção de histórias de vida multidimensionais (Lahire, 2002), vê-se necessariamente na contingência de aprender as regras e linguagem específica deste jogo. O investigador ora se esconde, ora se expõe e tenta a todo o instante desocultar os outros pessoas-objecto de estudo. O carácter movediço deste terreno é parte constituinte da própria morfologia desta forma de prostituição.

Do ponto de vista do processo de pesquisa, a morfologia desta forma de prostituição revela-se um terreno cuja familiaridade com os nossos próprios territórios quotidianos, dificulta a sua delimitação enquanto objecto de estudo. Esta prostituição está longe de configurar um terreno etnográfico tradicional onde o investigador possa entrar e criar habituações e laços relacionais com o passar do tempo de presença. Pelo contrário, o terreno desta forma de prostituição escapa por baixo dos pés de quem o pisa (Coelho, 2009a). A incapacidade do investigador encontrar um lugar específico onde apoiar o seu trabalho, onde possa entrar e começar a pertencer à realidade que ambiciona compreender (Coelho, 2009a); a intranquilidade que toma conta investigador por querer ir para o terreno mas não o encontrar, mais não serão do que o resultado do confronto com uma característica fundamental deste tipo de prostituição enquanto quadro de interacção: a produção de uma morfologia que protege a identidade e mantém o anonimato tanto de mulheres acompanhantes como de homens clientes.

2.3 | Os sítios da prostituição e a realidade erótica

A selecção do espaço dos encontros sexuais entre acompanhantes e clientes revela-se fundamental para a concretização bem sucedida da fuga à rotina aumentando o isolamento do resto do mundo e criando a sensação de se viver, pelo menos temporariamente, numa esfera extraordinária da realidade social e sexual. Isto é, a importância do local de encontro e dos investimentos cénicos que acompanhantes e clientes aí aplicam reside no facto disso constituir uma realidade erótica em que homens clientes e mulheres acompanhantes mergulham.

A realidade erótica define-se através da luta pela experimentação de uma forma distinta de sexualidade, fazendo desses instantes uma dimensão específica da realidade social (Jackson e Scott, 2004 e 2010), onde homens e mulheres pretendem localizar as experiências eróticas e sexuais que consideram mais disruptivas da normalidade quotidiana (Coelho, 2009b; Weitman, 1999). a realidade erótica sujeita o sexo a uma lógica particular, um regime de regras constitutivas, cuja violação determina a retirada desta dimensão de realidade alternativa e fantasiada e obriga ao regresso dos protagonistas à vida comum, às práticas e acontecimentos sexuais de todos os dias (Weitman, 1999).

A pertinência teórica do imperativo da produção de uma realidade erótica relaciona-se com a ritualidade que se esconde por detrás das tentativas de fuga à rotina sexual. Uma ritualidade que revela os encontros prostitucionais como produtores de uma sexualidade de alta intensidade (Collins, 2004), isto é, uma forma de interacção capaz de produzir aquilo que Durkheim (2002) chamava eferescência social, solidariedade, um vínculo e o desejo de repetição.

Duas das mais importantes dimensões ritualizadas e padronizadas situam-se no processo de selecção e sedução e na construção do cenário erótico para o encontro. Porque, esse acto deliberado e consciente orienta-se pela necessidade destes homens e mulheres se manterem fiéis a guiões intrapsíquicos que cristalizam imaginários sensuais contextualizadores da interacção sexual. Por seu turno, a fidelidade a um imaginário que descreve detalhadamente os locais, os cenários e o ambiente dos encontros sexuais traz, inevitavelmente, para o centro da análise as variáveis tempo e espaço, fazendo delas elementos fundamentais para constituição do encontro comercial entre acompanhante e cliente numa forma específica de realidade erótica. O tempo e o espaço revelam-se variáveis essenciais na busca e reprodução de meta-narrativas culturais que persistentemente fazem da sexualidade uma dimensão extraordinária da vida (Jackson e Scott, 2010).

O encontro entre estes protagonistas da prostituição constitui uma realidade finita e delimitada, que se esgota no tempo e na experimentação de actividades específicas²⁰. Quando se esgota esse tempo experimental os protagonistas regressam às suas vidas mundanas (Weitman, 1999). É uma realidade deliberadamente construída no tempo, produzida em diferentes etapas e entre tempos sagrados e pessoais e outros profanos que são marcados nos calendários, nas agendas pessoais e nos relógios (Hall, 1989).

Esta forma de prostituição é uma realidade erótica que tem um tempo prefixo e outro sufixo. Isto é, tem um tempo anterior à interacção sexual que se destina a jogos de sedução, encantamento e excitação. Para concebermos o encontro prostitucional como uma realidade erótica temos de perceber que ela começa a desenhar-se num tempo solitário que os clientes dedicam a pesquisar no ciberespaço as acompanhantes com quem gostariam de estar. Ou, no tempo que as acompanhantes investem na visibilização da sua actividade e do seu corpo enquanto objecto de erotização e fantasia, na produção

²⁰ Deixamos para um pouco mais tarde a análise daquilo que se experimenta na interacção sexual comercial, como se experimenta e sob que condições tudo isso pode acontecer.

de sessões fotográficas de natureza erótica mais ou menos explícita e na montagem dos seus anúncios. E tem, também, um outro tempo posterior ao encontro sexual que permite às acompanhantes e aos clientes a manutenção do contacto e prolongamento daquilo que viveram ou o reinício de todo o processo até a um eventual reencontro sexual. Mas, os encontros prostitucionais também se dão de acordo com o tempo profano do calendário, das agendas e dos relógios (Hall, 1989). Neste sentido, trata-se de uma realidade erótica que se efectiva em encontros mais ou menos cronometrados, com duração determinada à partida, e que acontecem em períodos específicos do dia e da semana: nas pausas de almoço ou no final de um dia de trabalho antes de se regressar a casa, à noite ou aos fins-de-semana seguindo uma lógica celebratória dos tempos livres.

2.4 | Expansão do quadro interaccional no ciberespaço

Descrever, analisar e teorizar a relação entre sexualidade e ciberespaço implica perceber como estas duas dimensões se tornam compatíveis.

Apesar de grande parte da vida social se passar em contexto de co-presença, envolvendo formas de interacção face-a-face, nas sociedades contemporâneas altamente tecnologizadas, existem muitos aspectos da vida social que se desenvolvem a outros níveis. Contudo, estas formas de interacção tecnologicamente mediada não se passam num vazio contextual. Torna-se equívoco pensar as tecnologias de comunicação como formas de diluição do plano interaccional ou da importância dos contextos de interacção. Pelo contrário, tais formas de comunicação e conexão permitem a expansão dos espaços e dos tempos de sociabilidade, ampliação das redes relacionais e de interdependência e permitem o alargamento das possibilidades de interacção, complexificando os contextos em que ocorrem.

A procura e a prestação de serviços sexuais pagos relacionam-se intimamente com outros processos de mudança que alteram as estruturas económicas das sociedades da modernidade tardia (Bernstein, 2001 e 2007a). A emergência e crescimento acelerado das novas tecnologias desempenham um papel determinante na definição do comércio sexual na contemporaneidade (Bernstein, 2007a e 2007b; Sharp e Earle, 2003; Sanders, 2004b, 2005a, 2005c e 2008). Tal como noutros contextos da vida social, podemos falar da tecnologização da prostituição, isto é, um processo que expande de forma significativa as possibilidades de interacção e de erotização que precedem e ou se seguem aos encontros sexuais comerciais. Porque, nem a prostituição vive fora do mundo social, nem as acompanhantes ou os clientes são mulheres e homens fora do seu tempo histórico ou impermeáveis aos processos de mudança social e de tecnologização da contemporaneidade.

Não será exagero dizer que as novas tecnologias de informação e comunicação tiveram uma influência revolucionária na indústria do sexo. A natureza dos mercados do sexo foi transformada com os avanços tecnológicos, primeiro com a introdução dos telemóveis e o aumento de autonomia e independência das trabalhadoras do sexo (Coelho, 2009a), depois com a democratização do acesso à

internet e agora com a emergência dos smartphones que possibilitam a permanente conectividade com o mundo e com os outros (Sanders, 2008). Este complexo tecnológico (de informação e comunicação) fornece novas ferramentas e novas plataformas, logo, novas condições para o desenvolvimento do comércio sexual e do consumo destes serviços (Bernstein, 2007a e 2007b; Sanders, 2008).

Como, na generalidade dos casos, o recurso à prostituição e a manutenção da actividade prostitucional são dimensões secretas da vida dos homens clientes e das mulheres acompanhantes, o complexo tecnológico que se constitui, por um lado, pela internet e, por outro, pelo conjunto de instrumentos e gadgets tecnológicos pessoais (telemóveis, tablets, computadores portáteis, computadores em casa e no trabalho, etc.), mostra-se uma ferramenta facilitadora crucial para a existência desta forma de prostituição. Este complexo tecnológico que expande o quadro interaccional desta forma de prostituição apresenta um conjunto características fundamentais que fazem os clientes e as acompanhantes preferirem o ciberespaço como dimensão preferencial para explorarem, negociarem e agendarem encontros sexuais comerciais (Sanders, 2008).

Primeiro, as práticas comerciais em torno do sexo têm sido transformadas, afastando-se de uma temporalidade linear, irreversível, mensurável e previsível (Sanders, 2008), produzindo um *timeless time* (Castells, 1996). Tal como os gadget tecnológicos pessoais ou o acesso ao ciberespaço, a exploração e o contacto com o mundo prostitucional das acompanhantes apresenta-se permanentemente acessível, independentemente do lugar e do tempo (Cooper et al, 2000). A internet fornece aos homens clientes a possibilidade de acesso às mulheres prostitutas, mesmo quando elas não estão disponíveis. A internet significa que os clientes deixam de estar dependentes da disponibilidade em tempo real das trabalhadoras do sexo para entrarem em contacto com elas: podem enviar *e-mails* fazendo questões e propondo encontros a qualquer hora do dia ou da noite (Sanders, 2005c e 2008). Por seu turno, as acompanhantes podem responder a qualquer momento do dia às solicitações e propostas dos seus potenciais clientes. As novas tecnologias permitem às acompanhantes encaixar a sua actividade prostitucional na lufa-lufa do seu dia-a-dia; um quotidiano que para algumas implica a permanente articulação da actividade prostitucional com uma exigente profissão principal a tempo inteiro. A internet, os mails, permitem que os contactos com potenciais clientes possam ser feitos depois do dia de trabalho, ou nos intervalos do trabalho, nos momentos mais insuspeitos do dia e nos locais menos previsíveis.

Segundo, a sua utilização é de custos reduzidos, quer para quem procura a companhia das acompanhantes, quer para as mulheres que pretendem anunciar os seus serviços (Cooper et al, 2000. Bernstein, 2007a, 2007b; Sanders, 2004b, 2005a, 2005c e 2008).

Terceiro, este ambiente tecnológico, social e sexual apresenta às mulheres e homens não só a oportunidade para participar no mercado sexual (como prostituta ou como cliente), como também expõe factores que promovem aprendizagem sobre a indústria do sexo, permitindo a sua exploração e a criação de familiaridade através das novas tecnologias (Brents e Hausbeck, 2007; Bernstein, 2007a, 2007b).

Finalmente permite a manutenção do anonimato enquanto ele for desejado (Cooper et al, 2000).

O virtual tornou-se num dimensão do real para a indústria do sexo, particularmente para o trabalho sexual independente, como aquele que é desenvolvido pelas prostitutas acompanhantes, e assume-se como um espaço de encontro ou de preparação de encontros entre homens que pagam serviços sexuais enquanto forma de expressão e construção das suas identidades sexuais e pessoais (Sanders, 2008). Contudo, a expansão do quadro de interacção desta forma de prostituição para o ciberespaço produz importantes consequências, entre as quais se destacam: a emergência de uma nova montra para a publicidade das acompanhantes; a entrada do ciberespaço e das tecnologias de comunicação nos processos de atracção, sedução e selecção inerentes aos encontros prostitucionais; a possibilidade de constituição de comunidades imaginadas e virtuais de clientes; condições objectivas para o exercício da actividade prostitucional.

Publicidade

A comunicação, a publicidade e as formas que as acompanhantes encontram para contactar com os seus potenciais clientes são aspectos centrais para o desenvolvimento da actividade prostitucional que estão a assumir novos contornos (Bernstei, 2007a, Sanders, 2008; Sanders et al, 2009). A bolha económica e financeira das tecnológicas, sobretudo as associadas à internet e outras formas de comunicação e informação, foi acompanhada por uma outra bolha de crescimento do trabalho sexual, dando enorme visibilidade à prostituição praticada pelas acompanhantes (Bernstein, 2007a e 2007b; Weitzer, 2000a).

A conjugação da publicidade com o complexo tecnológico formado pela multiplicidade de gadgets que possibilitam a permanente conectividade ao ciberespaço funciona como um mecanismo de desenvolvimento e crescimento da prostituição desenvolvida pelas acompanhantes, formando um ciclo de retroalimentação: por um lado, o desenvolvimento e democratização das novas tecnologias servem como uma bolha para o crescimento das prostitutas e trabalhadoras sexuais independentes (Bernstein, 2007a e 2007b), na exacta medida em que o ciberespaço e as tecnologias conexas criam as condições necessárias para a emergência e multiplicação de sites exclusivamente dedicados a anúncios de acompanhantes ou para o incremento de agências mediadoras entre acompanhantes e clientes que funcionam exclusivamente no ciberespaço. Por outro, as trabalhadoras sexuais vêm nestes novos meios tecnológicos uma possibilidade de ganharem mais dinheiro, dispensando a presença e o pagamento a terceiros através da publicação de anúncios pessoais em *sites* especializados e/ou pela criação de sites e blogues pessoais onde anunciam a sua actividade e da gestão directa dos contactos de potenciais clientes através dos meios tecnológicos ao seu dispor (telemóveis, computadores, etc).

A expansão dos anúncios na internet destinados a serviços sexuais directos e em especial dos anúncios das prostitutas acompanhantes, bem como a alteração dos métodos através dos quais os

homens chegam até elas e negociam os encontros é uma consequência da prevalência das novas tecnologias (Earle e Sharp, 2007; Soothill e Sanders, 2005; Sanders, 2004b, 2005c e 2008). Da mesma forma que o movimento de privatização obriga a prostituição a deixar de ser essencialmente baseada no contacto na rua, o movimento de tecnologização promove um afastamento das acompanhantes de meios de comunicação e publicitação mais tradicionais, como por exemplo os anúncios nos jornais, passando para uma base digital e para o ciberespaço (Sanders, 2008).

Aqui chegados, importa distinguir três tipos de plataformas de publicidade das acompanhantes no ciberespaço:

Apartamentos onde trabalham prostitutas acompanhantes com menor autonomia no exercício da sua actividade e que utilizam o ciberespaço e as suas potencialidades tecnológicas e comunicacionais para apresentarem a sua existência e publicitarem as acompanhantes.

As agências que prestam serviços de mediação entre as mulheres prestadoras de serviços sexuais e os potenciais clientes. As acompanhantes pagam a estas agências não só o trabalho de intermediação como também pelo alojamento do anúncio e pelas sessões fotográficas. Verifica-se que as agências orientam o esforço de promoção das acompanhantes para clientes estrangeiros, homens que se encontram em Portugal de passagem. Os anúncios são acompanhados por mensagens e descrições das acompanhantes em inglês. Neste tipo de agências, as acompanhantes são seleccionadas para poderem anunciar os seus serviços. A selecção passa, fundamentalmente, pela certificação da beleza física, das competências sexuais e posse de determinados recursos não sexuais.

Sites de alojamento simples de anúncios apresentam-se como espaços preferenciais para as acompanhantes anunciarem a sua actividade. O negócio central deste tipo de sítios na internet é o acolhimento pago dos anúncios das acompanhantes. Estes sítios na internet têm enorme preocupação com a novidade, ou pelo menos com a criação da aparente novidade (Bernstein, 2007a). Por isso, todas as semanas é colocada uma acompanhante em destaque, podendo figurar na página de entrada: a primeira imagem que é vista por quem acede ao *site*. A ordem de apresentação dos anúncios vai mudando todas as semanas. Para além disso, na página de selecção existem secções específicas que orientam a pesquisa dos clientes: espaços dedicados às acompanhantes mais recentes (novidades), às acompanhantes com novas sessões fotográficas, ou ainda aquelas que estão disponíveis em tempo real. Para quebrar a monotonia, a lista das acompanhantes é dinâmica, mudando regularmente o seu ordenamento (na página de selecção). Finalmente, depois de seleccionada uma acompanhante, encontram-se as páginas individuais ou os anúncios de cada acompanhante. Estes anúncios apresentam a mesma estrutura interna: uma foto de background, álbuns de fotografia, vídeo, um *poster* e informações acerca da idade e do tipo de corpo (peso, altura e outras medidas corporais: ancas, pernas, seios). Em regime complementar estes *sites* de anúncios fornecem serviços de fotografia e vídeo profissionais (sessões fotográficas e de vídeo pagas à parte e que envolvem os conhecimentos técnicos e periciais de outro tipo de profissionais: fotógrafos e realizadores, profissionais da imagem, maquilhadores, cabeleireiros, etc) (Bernstein, 2007a).

Quadro 2.2: Estrutura de um site de anúncios de acompanhantes

Página de entrada

Destaque



Página individual

Fotos
Vídeos
Poster
Idade
Tipo de corpo

Página de selecção

Destaque
Acompanhantes disponíveis
Novidades
Lista de Lisboa



Blogues, sites pessoais e páginas do facebook apresentam alguma complexidade e na generalidade dos casos ostentam um grau de sofisticação mais elevado do que os anúncios. A complexidade e sofisticação passam pela combinação de conteúdos de natureza distinta que contribuem para uma apresentação de si mais densa que funde dimensões expressivas e dimensões de carácter instrumental. Desta forma, estes espaços de apresentação mais extensa permitem revelar competências não sexuais que funcionam como atractores adicionais de clientes, criando ou revelando afinidades electivas (Bourdieu, 1979) e espaços de comunalidade entre acompanhantes e clientes.

As acompanhantes tendem a colocar mensagens sobre a sua vida do dia-a-dia, como se abrissem as portas para a sua personalidade ou para a sua vida mais íntima e privada (Bernstein, 2007a), dando a conhecer a mulher que se esconde por detrás das fotografias altamente sexualizadas dos anúncios mais comuns. As pequenas narrativas escritas sobre si colocam a nu competências incorporadas e encorporadas (capital físico) que não são necessariamente sexuais, mas que funcionam como pontos de contacto, atracção e afinidade com os clientes. Estes textos ou contos de si funcionam como dispositivos de apresentação da sua existência enquanto mulheres-indivíduo-reflexivos que se observam, que se pensam no mundo e pensam o mundo em que existem (Mead, 1963; Mouzelis, 2008), não sendo invulgar encontrar apontamentos e opiniões sobre a actualidade ou, de forma mais particular, sobre a prostituição.

Os gostos, os consumos e as práticas culturais mais diversas apresentam-se como fortes indicadores de pertença social (Bourdieu, 1979 e 2001; Lahire, 2004 e 2005), de forma intuitiva as acompanhantes fazem da sua expressão um instrumento adicional apresentação de si e de filtragem e selecção dos seus clientes, na medida em que permitem a percepção gostos e afinidades comuns entre elas e eles: afinidades electivas (Bourdieu, 1979). Através de pequenos textos e imagens reveladores dos seus gostos, as acompanhantes criam ou revelam um mosaico multifacetado e plural de gostos musicais, na literatura, cinéfilos, gastronómicos (o tipo de comida que gostam ou os restaurantes que frequentam ou desejam conhecer), lúdicos (os locais que frequentam para diversão nocturna, hotéis,

viagens que fizeram ou gostariam de fazer), desportivos (o desporto que praticam), de beleza (os cuidados que têm consigo e com o seu corpo), na moda (a roupa ou os acessórios de moda que mais apreciam, as marcas de lingerie que usam). Para além do carácter expressivo imediatamente apreensível, estas revelações sobre si assumem uma importante dimensão instrumental e operatória na montagem de encontros sexuais comerciais. Por um lado, a exposição dos gostos e desejos traduz-se em exigências dirigidas aos potenciais clientes, induzindo o tipo de gratificações ou presentes adicionais. Por outro, os gostos e desejos revelados funcionam como filtro dos clientes, na medida em que conseguir um encontro com estas mulheres acompanhantes pode ser muito mais do que ter capacidade financeira para pagar o valor/hora do encontro. Este tipo de partilha de si enreda o sucesso do encontro comercial na necessidade dos clientes deterem os recursos disposicionais para lerem e entenderem que a exposição dos gostos significa um convite à sua satisfação. E, consequentemente implica que os homens detenham os recursos materiais necessários para satisfazer essas exigências indirectas.

Mas, como o trabalho das acompanhantes que elas anunciam em blogues, *sites* pessoais ou páginas do facebook não deixa de ser uma forma de prostituição, a imagem e as fotografias continuam a assumir uma enorme centralidade nesta forma de publicitação da actividade. Estas plataformas de visibilização de si e de anúncio da actividade prostitucional permitem uma mais completa apresentação visual, através da organização de álbuns de fotografias multifacetados que contém para além de colecção de fotos de carácter erótico, também colecções de fotografias que retractam parcialmente o quotidiano destas mulheres. No fundo, imagens que atestam a sua existência em diversos planos da vida e que ilustram a narrativa que fazem de si que colocam *on-line*.

A tecnologização desta forma de prostituição e a sua expansão para o ciberespaço determina a emergência de um conjunto de novas indústrias ou serviços auxiliares (Sanders, 2004b, 2005c e 2008) ao desenvolvimento da actividade prostitucional das acompanhantes. Ou de outra forma, implica um conjunto de novos investimentos por parte das prostitutas acompanhantes para que desenvolvam a sua actividade profissional com garantias de sucesso. Podemos distinguir estas indústrias, profissionais auxiliares ou necessidades de investimento em três grandes blocos. No primeiro situa-se, não só, o pequeno empresariado – muitas vezes formado por antigas trabalhadoras do sexo – com a iniciativa de criação dos espaços de publicidade destinados às acompanhantes. Mas, também todos os profissionais técnicos nas áreas das novas tecnologias de informação e comunicação (web-designers, web masters, etc.). A este primeiro bloco de indústrias e profissionais auxiliares corresponde a necessidade das acompanhantes investirem regularmente na publicação de novos anúncios, não sendo incomum o investimento na publicação de anúncios em diferentes sites desta natureza ou na compra de espaços de destaque nos sites de mediação comercial.

No segundo bloco encontramos os profissionais da imagem que podemos dividir em três tipos diferentes: (i) os fotógrafos e técnicos de captação de imagem responsáveis pela produção dos álbuns fotográficos e pelos pequenos filmes (incluindo montagens efeitos de embelezamento final das

fotografias) que acompanham os anúncios das acompanhantes; (ii) os/as stylists que são responsáveis pela produção dos cenários e pela escolha dos guarda-roupa e acessórios das sessões fotográficas; (iii) os/as maquilhadoras. Este segundo bloco de auxiliares ao desenvolvimento da actividade de acompanhante representa o investimento constante na visibilização dos seus serviços pela produção de novas sessões fotográficas e novos anúncios que garantam a sensação de novidade aos olhos dos potenciais clientes que navegam pela internet.

No terceiro bloco cabem as indústrias e profissionais ligados à estética, beleza, moda e corpo. Aqui situa-se a preocupação acrescida destas mulheres com a sua apresentação e com o investimento permanente no seu capital físico e erótico (Hakim, 2011): manutenção e modelação dos seus corpos através da inscrição em regimes corporais (ginásio e dietas) ou intervenções estéticas de transformação do corpo; compra de roupa, lingerie e acessórios.

Filipa

“Eu começo a achar que há uma nova vertente de chulos. Na prostituição de rua há os chulos, não é? Depois, há os bares de alterne que os chulos são os donos. Nós somos independentes mas os nossos chulos acabam por ser quem constrói os sites onde nós vamos anunciar. Nós temos uma mensalidade para pagar, acabam por ser os novos chulos. É um meio que está a crescer bastante (...) Alguns têm equipas grandes, equipas constituídas por comerciais, por Web-designers, por fotógrafos, várias profissões que estão ligadas à construção do site. Alguns [sites] até dizem que mandam newsletter para as maiores empresas do país para atingirem o público-alvo, que são os executivos, não é? (...) Há sites grátis, mas são poucos. A maioria deles só se consegue entrar se se fizer a sessão fotográfica com o fotografo deles por causa da veracidade das fotografias. Os valores mais altos são por volta dos 200 ou 250Euros [por mês].”

Ciberespaço, atracção, sedução e selecção

A conjugação da publicidade com o complexo tecnológico formado pela multiplicidade de gadgets que possibilitam a permanente conectividade ao ciberespaço revela-se um dispositivo crucial para atrair o olhar e fazer fantasiar os homens que procuram mulheres prostitutas acompanhantes.

Por um lado, os anúncios das acompanhantes no ciberespaço são fortemente orientados por aquilo que poderíamos denominar de imperativo da atracção do olhar. Esta atracção é produzida e cultivada através de técnicas de apresentação de si e de visibilização do corpo e das suas características físicas. As imagens que assumem o protagonismo dos anúncios das acompanhantes centram-se no corpo como ferramenta de marketing fundamental (Sanders et al, 2009). Mas este corpo que atrai o olhar não é um corpo qualquer, pelo contrário, trata-se de um corpo que por corresponder ideais de beleza restritos e bem definidos (juventude, firmeza, magreza, etc.) se torna num objecto de fantasia.

Por outro lado, a forma intencional como são erotizadas e sexualizadas as imagens dos corpos das acompanhantes (através dos cenários, das poses, das roupas, da lingerie, ou da nudez) que são difundidas nos anúncios na internet possibilita a criação de tempos solitários de erotização. As novas tecnologias produzem um *timeless time* (Castells, 1996) que autoriza a existência de um importante tempo pessoal e sagrado (Hall, 1989) em que os homens individualmente fantasiam o que poderia acontecer no encontro com as acompanhantes a partir das fotografias que vêem. Trata-se de um tempo dedicado à avaliação das promessas do que pode acontecer, através de uma conversa interna onde os homens clientes confrontam os seus desejos e guiões sexuais intrapsíquicos (Simon e Gagnon, 1986 e

1999) com as imagens das acompanhantes. Este é um processo que ocorre num *tímeles time* na medida em que a erotização se dá num espaço expandido de interacção entre clientes e acompanhantes, mas que não implica co-presença embora signifique o contacto de um para um e a intensificação dessa relação: os homens pesquisam, vêm as acompanhantes, erotizam a navegação pelo ciberespaço, fantasiam acerca das possibilidades sexuais dos encontros com estas mulheres, mas não precisam de estar em contacto directo com elas. As acompanhantes estão presentes nesse espaço interaccional e através dos seus corpos atraem os seus clientes mas não têm de estar disponíveis no exacto momento em que isso acontece.

A passagem da prostituição e do anúncio da actividade das acompanhantes para o ciberespaço resulta num alargamento do espaço interaccional e na criação de novos sítios de atracção. Esta inovação tem efeitos directos na constituição morfológica deste tipo de prostituição enquanto quadro de interacção, determinando que a intensificação da interacção e a sua erotização não ocorrem apenas em contexto de co-presença ou em cenários de contacto corpo-a-corpo, mas que também se processam em novos e expandidos espaços interaccionais marcados pela distância e pela manutenção do contacto de um para um mesmo que esse contacto seja diferido no tempo.

A base tecnológica não dispensa o contacto face-a-face como momento em que acompanhantes e clientes se avaliam mutuamente, nem tão pouco a expansão do quadro de interacção prostitucional para o ciberespaço substitui o encontro sexual corpo-a-corpo. Mas até lá, os protagonistas dependem de diferentes plataformas tecnológicas comunicacionais²¹ para colocarem em acção um jogo interaccional e erótico de um para um onde se definem os parâmetros e as condições para o encontro comercial. É neste jogo que se estabelece a confiança básica para o encontro entre acompanhante e cliente. De facto, a prostituição passa em grande medida por um jogo de confiança (Coelho, 2009a; Sanders, 2005a) habitualmente mascarado pela inscrição de homens clientes e mulheres acompanhantes numa lógica de sedução: uma alternância entre o sim e o não, entre o visível e o oculto, entre o conhecido e o desconhecido (Simmel, 1969 e 2008).

Ou seja, o crescimento do número de mulheres que colocam os seus anúncios como prostitutas independentes e os métodos através dos quais os homens chegam até elas, negociam os encontros e estabelecem a confiança básica (Moscovici e Doise, 1991) é uma consequência da relevância das novas tecnologias (Bernstein, 2007a; Earle e Sharp, 2007; Soothill e Sanders, 2005). Os espaços tecnológicos que expandem as possibilidades interaccionais traduzem-se em novas possibilidades de sedução que não passam pela co-presença (Earle e Sharp, 2007) e onde alternativamente se estabelece a confiança, se controla o risco e se aposta no outro desconhecido que se deseja conhecer ou se produzem dissensões inultrapassáveis que inviabilizam o encontro (por exemplo: a linguagem

²¹ Entre estas plataformas comunicacionais têm particular relevância os *e-mails*, messenger, skype, facebook, twitter. Plataformas que possibilitam de forma instantânea a troca de mensagens de texto, a troca de imagens e fotografias, bem como conversar à distância com imagem.

utilizada pode ser considerada ofensiva, bloqueando de imediato qualquer possibilidade de encontro; ou os desejos sexuais explicitados pelos clientes podem ser considerados particularmente hostis).

Se no caso do imperativo da atracção as imagens eram aspectos fundamentais, no caso destes processos de sedução e selecção tecnologicamente mediados estabelece-se o imperativo das palavras. A linguagem e as palavras devem ser cuidadosamente escolhidas mantendo a conversação a fluir e evitando quebrar o encanto, cada palavra e frase assumem uma importância determinante para o desenrolar da relação. Porque a sedução e a selecção se estabelecem inicialmente numa conversa que tanto pode acontecer ao telefone ou através da escrita e da troca de *e-mails* e mensagens de chat na internet.

Em grande medida, a importância da linguagem deve-se ao facto de que as acompanhantes percebem praticamente que a forma como os homens falam e escrevem quer dizer mais do que as palavras ditas, revela inscrições sociais profundas, formas como as estruturas sociais são incorporadas e se manifestam através da escrita, da voz, entoações, sotaques, expressões, ritmos (Bourdieu, 1998). Ao telefone as acompanhantes estão particularmente atentas à linguagem, ao correcto uso da língua, ao tom de voz e a outras formas de falar como as entoações, nasalações ou ritmos de conversa. Quando trocam mensagens escritas com os potenciais clientes a atenção desloca-se para a correcção sintáctica, gramatical e ortográfica, bem como para a utilização abusiva de linguagem e forma de escrita digital (linguagem kx).

Filipa

“A maioria é por telefone (...). Há uma muito importante, a maneira como me tratam ao telefone, como falam, as expressões que usam, a maneira como põe o assunto na mesa. Uma expressão que usaram e eu não gostei e recusei o cliente foi ‘ó filha’, porque já me estão a tratar de uma maneira diferente, como uma putazinha, percebes? Só me vêem como objecto, não vêem outra parte de mim, para isso vão buscar outra, vão à rua buscar! (...) há quem ligue a tentar baixar o preço e a dizer que aquele valor não é... está muito acima do budget e tentam baixar o preço. Eu costumo dizer, ‘estamos em época de saldos lá fora mas eu não estou em saldos’ [risos] (...) Não baixo, porque é assim, eu sei que o dinheiro não faz as pessoas, há pessoas com dinheiro e que não são educadas e há pessoas que não têm dinheiro e que são bem educadas, só que ao optarmos por estas pessoas [com capacidade para pagarem valores elevados] dá-nos mais segurança, mesmo que a segurança seja fictícia, não é uma segurança a 100%. Acaba por ser um meio que me faz sentir mais segura.”

Adicionalmente, os contactos escritos permitem mais facilmente às acompanhantes perceberem a consistência das informações que os potenciais clientes lhes vão dando, testando assim de forma mais precisa até que ponto um encontro pode ser arriscado ou se adequa àquilo que pretendem. Na medida em que estas conversas são orientadas por um misto de erotização das mensagens com recolha de informações fundamentais acerca dos potenciais clientes que são induzidos (ou seduzidos) a identificarem-se (Lowman, 2000). Se durante estas conversas os potenciais clientes se recusam ou negligenciam este tipo de informações acabam por ser rejeitados pelas acompanhantes (Sanders, 2005a, 2005c e 2008).

Temos vindo a perceber que para as mulheres acompanhantes a sedução se revela uma forma de excluir aqueles que poderiam trazer riscos acrescidos à sua prática profissional, afastando cenários de potencial violência física, assaltos ou práticas sexuais não desejadas, ou ainda formas mais subtis de exercício de violência e dominação simbólica como a má educação, o insulto, a acusação e a

humilhação. Por outro lado, a selecção dos clientes permite ir ajustando os homens a quem direccionam preferencialmente os seus serviços conseguindo ganhar mais dinheiro em menos tempo, em menos encontros sexuais, com menos parceiros e em ambientes mais agradáveis e revestidos de encenação erótica e com a possibilidade de produção de formas de intimidade limitada. Finalmente, e não menos importante, a selecção criteriosa dos clientes garante um maior alinhamento do encontro sexual com uma lógica orientada pela busca do prazer sexual.

Por seu turno, para os homens clientes a análise da linguagem utilizada pelas acompanhantes reveste-se de uma dupla importância, na medida em que no contacto telefónico ou por mensagens escritas, as acompanhantes devem tornar visível a pertença social, a posse de recursos não sexuais (níveis de educação, dos seus saber-estar e saber-falar) e demonstrar capacidade de erotização quase imediata da conversa inicial. Porque, para eles os critérios de selecção têm sobretudo uma importância enquanto forma de evitação de riscos de desilusão sexual. A sua preocupação central é evitar o encontro com acompanhantes mercenárias (mulheres de grande beleza física mas cujo desempenho sexual fica aquém das expectativas; mulheres que usam a sua beleza para atrair clientes mas que no momento do encontro sexual são frias, ríspidas e querem despachar o cliente), paraquedistas (mulheres que entram na actividade prostitucional sem saber muito bem o que estão a fazer, têm falta de competências sexuais e, sobretudo, revelam pouco à-vontade com aquilo que estão a fazer: inibições e constrangimentos morais marcam os encontros sexuais pagos), peixes mortos (desempenho sexual desagradável, frio e sem qualquer tipo de envolvimento por parte da acompanhante).

O que temos vindo a descrever permite-nos dizer que estamos perante uma racionalidade específica. No caso dos homens clientes esta racionalidade passa pela criação de um sistema relativamente intuitivo e informal de avaliação das acompanhantes, uma base de dados que existe formatada como base de dados num caderno ou numa folha de excel, onde se listam contactos e avaliações de atributos físicos e competências sexuais. Esta racionalidade orienta-se para o evitamento de situações de fraude: surpresas desagradáveis do ponto de vista físico (acompanhantes que não correspondem às expectativas criadas pelas fotografias dos anúncios) e do ponto de vista do desempenho sexual e da entrega no momento do encontro.

No caso das mulheres acompanhantes, a racionalidade reveste-se de uma importância particular, porque ela organiza o dia-a-dia profissional. Neste sentido, não é incomum que estas mulheres desenvolvam sistemas de monitorização e avaliação dos seus clientes ou dos seus potenciais clientes.

Victória “(...) tenho uma tabela de excel de todas as minhas colaborações, onde coloco informações detalhadas, onde gera o somatório do mês, mas especialmente onde tenho duas colunas cómicas; a da pontuação (sim confesso) e a da consideração/avaliação psicológica.”

Mafalda “(...) aponto as conversas que tenho com eles, aponto se me dizem as datas dos aniversários deles ou dos filhos por exemplo, assim posso sempre mandar o sms ou um mail com os parabéns... sei lá, aponto coisas importantes das vidas deles que eles me contam... isso ajuda a manter a proximidade e ficamos sintonizados... Eles ficam super contentes com isso, que eu me lembre deles (...) dá para que a relação seja mais do que aquele tempo do sexo no quarto do hotel, passa a ser mais uma amizade que se passa cá fora também, eles passam a ser meus amigos e é sempre importante termos amigos para o futuro, pessoas com quem podemos contar no futuro mesmo que agora não

se percebe muito bem como (...)"

Estes *Sistemas pessoais de monitorização de contactos/clientes* podem tomar diversas formas. As mais simples traduzem-se na organização de uma agenda telefónica e de contactos complementada por um sistema de organização dos contactos feitos via e-email, organizando as mensagens recebidas em pastas dedicadas a cada cliente. As mais complexas funcionam como bases de dados sobre os seus clientes efectivos ou de todos os contactos que vão recebendo. Nestas bases de dados a informação é organizada segundo quatro categorias fundamentais: (i) identificação rápida do cliente (nome e contacto); (ii) caracterização e avaliação do potencial do cliente (caracterização social a partir de indícios ou de informação específica revelada/avaliação do interesse da proposta do cliente); (iii) observações e avaliação após encontro com o cliente (incluindo avaliação do desempenho sexual); (iv) valor cobrado em cada encontro, permitindo manter a monitorização permanente do rendimento obtido.

Estes sistemas de monitorização funcionam como plataforma onde ficam se fazem anotações acerca das conversas prévias ao encontro e onde se avalia objectivamente a linguagem, a correcção ortográfica, as características físicas, as habilitações, a profissão, ou propostas concretas para o encontro comercial. Para além disto inclui ainda uma série de *e-mails* padronizados com respostas a dar aos contactos recebidos: aquilo que os clientes imaginam ser uma resposta relativamente personalizada e que muitas vezes é factor de erotização, é afinal um produto estandardizado, produzido para facilitar a gestão da quantidade avassaladora de contactos e propostas que as acompanhantes recebem.

Este tipo de organização do trabalho sexual (monitoriza os contactos e os clientes, calcula dividendos financeiros da actividade) agiliza procedimentos. Contudo, este tipo de base de dados não tem apenas um carácter pragmático e funcional, este sistema é uma forma específica de documentos para memória futura acerca das suas vidas e das suas experiências. A consciência de que se faz isto como experiência radical da vida, implica que se façam registos do que se viveu. Na verdade, são os seus diários de campo, tal como eu produzi o meu.

Quadro 2.3: sistema pessoal de monitorização de contactos/clientes (excerto i)

Nome	E-mail	Notas [conversas antes do encontro]	Observações	Valor
*	*	Não sabe escrever. Erros ortográficos. Linguagem KX.	Recusei	
*	*	Demasiado apressado para marcar encontro.	Recusei.	
*	*	Consultor. Bom vivant. Interessante. Divertido.	MUITO BOM	250
*	*	Casado. Empresário. Stress.	FRACO. Não gostei. Não repetir.	250

Fonte: Nicole

E-mail tipo resposta a contactos

Eu sou uma mulher normal, com uma vida profissional normal, casa e marido. Simplesmente gosto de ter os meus amigos, que conheço por aqui, com quem tenho sexo. O que tenho em mente... Não procuro muitos clientes, gosto de criar empatia e de me envolver no momento (por isso levo 250 euros por 1 hora). Sou desinibida, gosto realmente de sexo e excita-me particularmente ter sexo com desconhecidos. Não sei se correspondo de algum modo ao que procuras. Mas tu dir-me-ás....

Fonte: Nicole

Onde está o sociólogo neste processo contínuo de atracção, erotização, sedução e selecção?

Esta forma de prostituição apresenta-se ao investigador da mesma forma como aparece aos olhos de qualquer pessoa, homem ou mulher. O sociólogo confronta-se com imagens erótico-sexuais daquelas que serão pessoas-objecto de pesquisa. Isto é, o seu primeiro olhar para estas mulheres é, inevitavelmente, de carácter erótico e sexual.

O investigador fica obrigado a uma constante tradução do olhar. Este exercício é feito com auxílio de um diário de campo visual que, por um lado, permite recolher de forma automática as imagens das acompanhantes que maior interferência produzem no processo de pesquisa, fazendo o olhar sociológico navegar para o imaginário erótico-sexual. Por outro, partir dessas imagens para um exercício auto-reflexivo que permitisse traduzir a interferência erótica no processo de pesquisa em preocupações de carácter metodológico sobre o trabalho de terreno, nomeadamente em torno da forma como se delimita esse terreno e se condiciona a selecção de pessoas-objecto. De forma concreta, o diário de campo visual é um instrumento que ajuda a responder a perguntas simples mas a que o investigador não deve fugir: serão as imagens um obstáculo à pesquisa ou uma forma de motivação? Terão as imagens das acompanhantes capacidade de atracção, determinando quem ele irá contactar? De que forma a erotização inicial a partir dos anúncios afecta a relação de pesquisa?

Diário de campo

Sempre que pesquiso mais um anúncio de uma acompanhante, sempre que procuro chegar ao contacto com mais uma acompanhante sou vítima da capacidade de atracção que estas mulheres e os seus anúncios têm sobre mim: homem, heterossexual e sociólogo. Muitas vezes dou por mim a navegar na net, passado de anúncio em anúncio, de site em site, percebendo que para além da motivação sociológica e da necessidade de encontrar parte dessa navegação é feita à luz do meu olhar sobre o corpos das acompanhantes – minhas potenciais futuras acompanhantes. Por que não dizê-lo, este é um olhar guiado pela atracção física, um olhar orientado pelo desejo e pela fantasia. Neste sentido, o sociólogo não será muito diferente do comum dos homens (clientes).

Mas, os anúncios, as fotografias, os vídeos e o seu potencial erótico ou a sua interferência erótica na investigação, são apenas a porta de entrada para a realidade. Se, por um lado, as imagens formatam e dão consistência ao terreno de pesquisa e à realidade prostitucional vivida quotidianamente por acompanhantes e clientes, por outro, “os temas que se deixam revelar pela fotografia possuem um estatuto ontológico muito matizado, e qualquer tentativa para legislar quanto à ordem da realidade assim representada arrisca-se a sofrer uma desilusão” (Goffman,1999: 155). As imagens enquanto objectos significantes revelam e congelam um instante de uma realidade. Neste sentido, as fotografias das acompanhantes contam uma realidade contida, congelada e captada num determinado instante, são um instantâneo, uma *snapshot* que conta alguma coisa acerca de dimensão

sexual da realidade. O que é diferente de assumir que as imagens reflectem fielmente essa dimensão da realidade.

A fotografia em si não interessa o que importa é a vida, diria Cartier-Bresson. Por isso, devemos olhar para estas imagens como quem olha indiscretamente para uma janela, percebendo que os anúncios e as imagens das acompanhantes são como os quadros de Edward Hoper que retractando a realidade quotidiana e dessacralizando o vivido, vivem permanentemente na angústia de olhar o interior e a intimidade a partir do exterior. Um olhar interrogativo sobre uma situação mundana que a torna intrigante e nos deixa indagar sobre as pessoas, o que vivem, o que fazem, o que pensam.

Será da dificuldade de relacionar interior e exterior que emerge a necessidade de entrar no objecto. Como acontece entre acompanhantes e clientes também para o sociólogo a base tecnológica desta forma de prostituição não substitui o encontro face-a-face e a interacção em co-presença no processo de pesquisa. Porque, só a entrada no terreno nos permite, quando voltamos ao ponto focal inicial, compreender aquilo que víamos. A etnografia acompanhada pelo método biográfico significa, precisamente, essa passagem do exterior para o interior. Isto é, da contemplação para o encontro com os outros, para a entrada na sua vida.

A entrada do sociólogo no terreno de pesquisa e o contacto inicial com as mulheres acompanhantes não difere muito da forma como clientes e acompanhantes estabelecem os seus primeiros contactos. Tal como eles, eu sou homem. Tal como eles, eu soube da existência destas mulheres porque as vi mais ou menos nuas em anúncios na internet. Tal como eles, entro em contacto com elas por telefone ou e-mail.

Literacia tecnológica e condições objectivas de trabalho

O recente desenvolvimento tecnológico e na sua utilização no comércio sexual tem sido frequentemente percebido uma nova forma de abuso e violência (Gillespie, 2000; Hughes, 2004). Estas posições descrevem o crescimento da prostituição facilitada pelo uso da internet como um meio global de abuso e exploração sexual das mulheres e de normalização do abuso e da violência (Hughes, 2001 e 2004). Contudo, este tipo de visões não permitem ver outros aspectos fundamentais, talvez os mais relevantes para os actuais desenvolvimentos da indústria sexual, e onde podem estar alojadas algumas das explicações para a persistência e surgimento de novas formas de trabalho sexual na prostituição, como é o caso específico das acompanhantes. De forma mais concreta, são posições que se tornam míopes para verem como a relação entre a indústria do sexo e a internet permite às mulheres acompanhantes controlarem o seu trabalho, as interacções com os clientes e, em certa medida, imporem as suas regras e padrões de actuação em contexto de uma sexualidade profissional (Sanders et al, 2009; Bersntein, 2007a; Coelho, 2009a; Oliveira e Coelho, 2010).

A tecnologização da actividade prostitucional tem consequências não só ao nível da expansão interaccional e erótica mas também ao nível das condições objectivas para o exercício da actividade ou

ainda no que diz respeito ao estabelecimento de novas bases de recrutamento de mulheres prostitutas e de homens clientes.

De forma genérica, podemos dizer que a internet veio alterar os padrões predominantes do comércio sexual, possibilitando novas oportunidades e benefícios para algumas trabalhadoras do sexo. As novas tecnologias oferecem novas possibilidades às trabalhadoras do sexo, sobretudo porque se afirmam como ferramentas de organização do trabalho e de otimização da sua actividade e remuneração. Para as acompanhantes tornou-se mais fácil trabalhar sem a intervenção de uma terceira pessoa, permitindo um elevado grau de independência na actividade e afastando alguns riscos associados à exploração económica, e aumentando os dividendos da actividade.

Continuando a um nível relativamente genérico podemos considerar que, por um lado, o mercado do sexo baseado na internet cresceu consideravelmente muito pelo efeito da entrada de novas e mais jovens mulheres para a actividade prostitucional. Estas mulheres, no momento da sua entrada na prostituição, decidiram usar a internet como plataforma privilegiada de divulgação da sua existência profissional. Isto é, as transformações tecnológicas e no modo de funcionamento podem ser entendidas como uma razão para a entrada no universo do trabalho prostitucional de mulheres das novas classes médias intelectuais (Bernstein, 2007a e 2007b), ou pelo menos, como atractivo para mulheres com origens sociais e backgrounds escolares e culturais disruptivos das teses que entendem a prostituição como um efeito da destituição material das mulheres. Por outro, é possível entender que esta forma de trabalho independente e discreto (por via das novas tecnologias) atrai clientes detentores de mais recursos económicos (Bernstein, 2007a, 2007b; Sanders, 2005a, 2005c e 2008; Sanders et al, 2009) dispostos a pagar valores mais elevados pelos seus serviços. Selecionar homens com maior disponibilidade financeira tem outras vantagens, nomeadamente no que respeita às suas condições de segurança (Sanders, 2005a). Na medida em que, os anúncios situados na internet têm mais possibilidades de captar audiências masculinas das novas classes médias, dada a facilidade de acesso e o carácter comum da utilização destes meios tecnológicos por indivíduos nestas posições sociais (Sanders, 2005a).

O que se torna claro é que não conseguimos entender a forma como as novas tecnologias se conjugam com o trabalho sexual e, em particular, com as condições objectivas para o exercício da actividade das acompanhantes, sem percebermos que essas mudanças tecnológicas e a expansão desta forma de prostituição para o ciberespaço é socialmente situada.

Primeiro, a possibilidade de exercício da actividade prostitucional com graus de independência e autonomia mais alargadas e a emergência e consolidação do trabalho por conta própria de que as prostitutas acompanhantes são exemplo paradigmático (Bernstein, 2007a; Sanders, 2005a; Sanders et al, 2009) resulta, pelo menos parcialmente, da conjugação deste recrutamento junto das classes médias e da posse de competências e literacia tecnológica que tornam possível dispensar o envolvimento de terceiros, conduzindo a sua própria actividade com interferência mínima e aumentando o rendimento

do trabalho prostitucional e permitindo especializarem-se em tipos de clientela específica – homens-alvo (Bernstein, 2007a e 2007b; Sanders, 2005a).

Segundo, a literacia tecnológica e o acesso quotidiano às novas tecnologias de informação e comunicação são profundamente marcados por dimensões sociais e económicas estruturais que actuam de forma estruturante sobre as vidas de mulheres acompanhantes e homens clientes. De forma breve, a capacidade de aceder às tecnologias é determinada por razões objectivas, pela inserção no espaço social e pela posse de recursos económicos, escolares (Sanders, 2004b, 2005c).

Terceiro, como a literacia tecnológica é um recurso desigualmente distribuído e como essa desigualdade distributiva revela importantes clivagens sociais, o exercício independente e autónomo da actividade prostitucional baseada nas tecnologias traduz-se num indicador objectivo não só das condições de trabalho mas também de desigualdades entre as mulheres acompanhantes. As mulheres desprovidas de competências tecnológicas são excluídas dos lugares centrais desta forma de prostituição, ficando subalternizadas pelo exercício da actividade prostitucional como acompanhantes em regimes laborais por conta de outrem (espécie de assalariamento de base).

Clientes reunidos em comunidades imaginadas e virtuais

Uma das mais importantes transformações introduzidas pela expansão do quadro de interacção prostitucional para o ciberespaço está fortemente associada a processos de construção e consolidação de comunidades virtuais (Rheingold, 1993) ou comunidades imaginadas (Anderson, 1983). A internet permitiu o crescimento do comércio sexual não apenas pela possibilidade de fornecer aos clientes um acesso mais rápido e directo, mas também por facilitar a constituição de uma comunidade entre indivíduos que de outra forma seriam percebidos (e percebiam-se a si mesmos) como marginais ou inscritos em actividades desacreditadas (Bernstein, 2007b Sanders, 2005c e 2008; Lane, 2000; Sharp and Earle, 2003).

A internet permite aos clientes a criação de sites especializados na avaliação de acompanhantes e no debate de assuntos do interesse da clientela masculina (Bernstein, 2007b; Sanders, 2005c; 2008). Será na órbita deste tipo de *sites* que se consolidam as comunidades de homens clientes. Os homens clientes, em Portugal²² como noutros países, criaram e têm à sua disposição um fórum orientado pela vontade de promover a troca de informação acerca da prostituição, de mulheres prostitutas, de agências ou bordeis. Como na generalidade dos fóruns na internet, as discussões são livres e abertas, podendo qualquer membro fazer o *upload* de comentários, avaliações ou sugestões acerca da prostituição ou de determinadas mulheres prostitutas, o debate é moderado pelos

²² Em Portugal segue-se a tendência internacional inaugurada no Reino Unido em 1999 com a criação de um site e fórum de clientes chamado ‘*punternet*’. Tal como noutros países europeus, no caso português, este site original funciona como referência primordial.

administradores do fórum. Importa registar que as mulheres prostitutas acompanhantes também têm direito de acesso e participação no fórum, tendo espaços específicos para a sua apresentação comercial, mas também podendo participar em qualquer discussão activa ou lançar temas para debate.

Podemos pensar que este espaço virtual ganha o carácter de comunidade imaginada (Anderson, 1983) a partir do momento em que se torna significativa para quem nele participa. Enquanto comunidade imaginada, este fórum de homens clientes torna-se significativa ao permitir pensar o que é ser cliente, definir o que é ser um homem que recorre a acompanhantes, ou debater anonimamente com outros desconhecidos os problemas, desafios, dúvidas e angústias que afectam cada um de forma individual: do prazer sexual ao desgosto sentido com determinada acompanhante, a dúvida em torno de quem é verdadeiramente explorado (elas ou eles que pagam elevados valores pelos encontros?), do sentimento de instrumentalização e objectivação das mulheres ao medo de se apaixonarem por elas. O que estes debates revelam é que não haverá nada mais social do que os problemas pessoais, na exacta medida em que eles não são um exclusivo de um homem cliente mas antes algo partilhado e comum a outros indivíduos (Lahire, 2002 e 2004).

Ao mesmo tempo, este espaço de partilha anónima entre homens clientes, pode ser entendido como uma comunidade virtual, na medida em que o fórum de clientes se constitui como uma plataforma onde ocorrem interacções *on-line* com um carácter repetido entre homens que têm interesses comuns ou cujas identidades são particularmente contestadas (Rheingold, 1993). Mais, as discussões que aqui têm lugar duram o tempo suficiente para a formação de redes de relações pessoais no ciberespaço (Rheingold, 1993). Porque, em primeira instância, estes homens conhecem-se pelas suas alcunhas. Em segundo lugar, reconhecem-se porque partilham experiências semelhantes (Jones, 1995). Finalmente, porque percebem neste espaço interaccional no ciberespaço a segurança necessária para que a comunicação se desenrole sem terem de ser postas em prática estratégias de ocultação ou negação na indústria do sexo (Jones 1995), porque sabem que o anonimato relativamente às suas identidades fora do contexto do ciberespaço prostitucional está garantido.

Se no processo de narração das histórias sexuais, o processo de contar é tão importante quanto o conteúdo daquilo que se conta (Plummer, 1997), também não será menos verdade que não podemos ficar pelas ferramentas facilitadoras do discurso. Quando olhamos aquilo que se produz, a comunidade revela-se um lugar onde, paradoxalmente, coexistem movimentos de desconstrução e reprodução do que é ser cliente, mas sobretudo, do que é ser-se homem.

Por um lado, os homens clientes desconstroem premissas fundamentais da sua socialização masculina, rompendo com a ocultação das suas emoções (Aboim, 2010a; Seidler, 2006; Kimmel, 1996, 2005b e 2012; Connell, 1987 e 1995; Connell e Messerschmidt, 2005) e deixando de temer os outros homens com quem competem no espaço das masculinidades e aproveitando o anonimato do espaço interaccional aberto pelas novas tecnologias para exporem as suas emoções, sentimentos e incertezas. As conversas *on-line* onde homens clientes trocam experiências protegidos pelo anonimato, tornam-se numa forma de partilha e revelação dos aspectos emocionais implícitos nas relações sexuais

por dinheiro. Isto é, a comunidade virtual e imaginária revela-se um espaço onde se desmascaram as lutas que os homens têm com os seus próprios sentimentos por estarem a pagar por sexo. Na verdade, a comunidade virtual e imaginária revela-se produtora de ferramentas para os homens lidarem com o potencial estigma de se ser cliente, permitindo que o recurso a este tipo de serviços sexuais pagos possa ser experimentado sem a incorporação da culpa associada à ideia de que um cliente é um violador e explorador das mulheres, sem o sentimento de que estão a fazer a pior coisa do mundo. De igual forma, esta comunidade é também o espaço para alguns homens colocarem entre parênteses a sua incapacidade de encantamento e sedução de mulheres sem que tenham de lhes pagar.

Para o investigador, encontrar este tipo de discurso indagador e desconstrutivo indicia a abertura de um trilho de acesso aos homens clientes sempre tão inatingíveis no processo de pesquisa. Se os homens eram difíceis de encontrar, a verdade é que demonstram desejo de partilhar a sua vida, as suas emoções e este lado secreto da sua existência quotidiana (recurso a prostitutas acompanhantes).

Por outro lado, a comunidade virtual e imaginada dos clientes encerra em si um enorme potencial normativo e regulador que, em última análise, funciona como mecanismo de reprodução . O carácter conservador e normativo desta comunidade de clientes esconde-se em narrativas sobre experiências e encontros com prostitutas acompanhantes: os ‘field reports’ ou ‘test drives’. Estes relatos são escritos na primeira pessoa num estilo impressionista tendo, aparentemente, apenas como preocupação informar, partilhar o que aconteceu (incluindo descrições explícitas ao estilo de um conto pornográfico), com quem (identificação da acompanhante e as suas características físicas), onde (sítio de encontro, localização na cidade, facilidade de estacionamento), como (qual o valor do encontro, duração do serviço e outras condições, regras e restrições para o encontro) e porquê (quais as competências sexuais ou outras que fazem o encontro com uma determinada acompanhante recomendável).

A potência normativa contida nestes relatos deve-se, pelo menos em parte, ao facto deles fornecerem dicas sobre as maneiras gerais de comportamento de um homem com uma trabalhadora sexual (Sanders, 2005c), definindo referências para o comportamento, etiqueta e padrões gerais da interacção sexual entre cliente e prostituta. Isto é, a produção destas narrativas sexuais confessionais são uma parte significativa dos mecanismos de normalização dos comportamentos e desejos sexuais que os clientes utilizam. Esta normalização passa fundamentalmente pela construção do recurso à prostituição como um acto aceitável, não ameaçador e normal no quadro dos guiões sexuais masculinos. Num cenário largamente não regulamentado, esta capacidade normativa da comunidade virtual e imaginária de homens clientes ganha particular importância, revelando-se uma das poucas possibilidades para clientes e prostitutas de forma colectiva regular o mercado (Sanders, 2005c), ou simplesmente, definirem aquilo que são e aquilo que fazem ou devem fazer enquanto acompanhantes ou clientes. Desta forma, entender estes relatos como uma forma de ciber-exploração, como descrições

degradantes, personificando a mercadorização e objectivação das mulheres (Hughes, 2001), revela-se uma interpretação apressada (Sanders, 2008; Sharp e Earle, 2003).

Mas, a capacidade normativa não se restringe a isto. Estes relatos pessoais fornecem prescrições sobre a sexualidade masculina, reforçando o vínculo entre sexualidade e masculinidade. Os ‘field reports’ ou ‘test drives’ acabam por ser mais sobre os próprios homens do que sobre as mulheres prostitutas acompanhantes que pretensamente avaliam, traduzindo-se em são narrativas textuais de selfs sexuais, funcionando como lendas de excitação sexual, prazer, vergonha, estigma, romance, experimentalismo, perigo, desapontamento e entusiasmo. São narrativas pessoais sobre a intimidade que encontram voz e audiência no ciberespaço.

Os relatos das experiências prostitucionais (field reports ou test drives) assumem contornos de narrativas de auto-afirmação em que os indivíduos criam o seu próprio mundo, ou uma esfera em que afirmam a sua existência pelo relato das experiências sexuais – eu existo pela sexualidade. São uma forma de exposição que implica um processo em que os indivíduos se transformam em objectos biográficos socialmente organizados, construindo lendas e contos em torno da sua intimidade – narrativas destinadas a serem lidas ou ouvidas por outros como testemunhos de complexos mundos sociais (Plummer, 1997).

Estes relatos pessoais são formas de afirmação da sua pertença a uma forma de masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Connell e Messerschmidt, 2005) através da publicitação das suas competências sexuais e dos seus encontros sexuais. Estas performances públicas dos actos sexuais promovem auto-narrativas das performances sexuais num cenário aberto a quem quiser ler. São narrativas da vida real, contudo torna-se muito difícil distinguir as dimensões ficcionais, ou que derivam de fantasias sexuais, ou que correspondem a narrativas ideais para a construção de uma masculinidade adequada e bem posicionada no quadro competitivo das masculinidades, daquilo que realmente se passou no encontro entre homem cliente e mulher prostituta.

Muitos clientes, pese embora a sua prática possa assumir um registo contra-hegemónico, continuam, paradoxalmente, a reproduzir o sistema ideológico dominante por via de narrativas ficcionadas, através das quais omitem e/ou a manipulam, com algum sentido estratégico, elementos factuais e situações das suas vivências reais no contexto da prostituição. Nestes casos, os relatos das experiências no terreno prostitucional assumem o carácter de ‘punter fiction’ (O’Connell-Davidson, 2002) cujo objectivo é camuflar ou rearranjar tudo que possa ser alvo de uma apreciação social negativa, sobretudo por parte dos outros homens, e por relevar aspectos, muitos deles meramente virtuais, que possam contribuir para a projecção duma identidade masculina valorizada – masculinidade como discurso híper-sexualizado. Neste processo de construção da identidade masculina, cada indivíduo, como forma de potenciar a supremacia da sua própria masculinidade, procura causar mácula na imagem identitária dos demais, em particular no que diz mais directamente respeito aos comportamentos e performances sexuais. Na medida em que estes homens percebem na descrição dos seus desempenhos sexuais com acompanhantes uma forma de demonstração de

virilidade que tem sempre associado “o desafio indirecto à integridade masculina dos outros homens” (Bourdieu, 1999: 17), os quais se apresentam como “rivais potenciais na competição pela masculinidade” (Almeida, 1995: 185, 186).

Em síntese podemos dizer que a pertinência de olharmos para expansão interaccional para o ciberespaço e a constituição desta comunidade virtual e imaginária de homens clientes situa-se em dois planos distintos. Em primeiro plano, tem importância analítica e teórica, pelo menos, a dois níveis: (i) a reunião virtual ultrapassa os julgamentos sociais que estão por detrás do segredo do recurso à prostituição, ultrapassa o medo e o risco de estigmatização e descrédito social (Goffman, 1967, 1988 e 1993), permitindo que estes indivíduos vivam num espaço desestigmatizado (Sanders, 2005c); (ii) temos vindo a perceber pela descrição desta comunidade virtual e imaginada de homens clientes que os homens não nascem clientes, têm de se construir como clientes e esta comunidade será uma plataforma fundamental nesse processo de construção e aprendizagem. Num segundo plano, a expansão interaccional enquanto característica central deste quadro de interacção tem consequências de natureza metodológicas no desenvolvimento do trabalho de terreno. A existência desta comunidade imaginária e virtual de homens clientes é tão importante quanto se revelou improvável encontrar (tantos) homens que frequentem os mercados do sexo fora do contexto do ciberespaço, em grande medida, porque ser cliente é uma actividade eminentemente secreta e eles desejam que assim permaneça.

2.5 | Não se nasce acompanhante nem se nasce cliente: sintonização disposicional ou a aprendizagem de mulheres e homens na prostituição

A forma explícita e de acesso simplificado como as acompanhantes anunciam os seus serviços sexuais na internet contrasta com a exigência inicial de aquisição de instrumentos de descodificação de uma linguagem e gramática específicas que organizam a acção e a interacção social, sexual, erótica implícita aos encontros comerciais com homens clientes. Paralelamente, a aparente facilidade de contacto e de marcação de um encontro com uma prostituta acompanhante contrasta com a insegurança e hesitação dos homens clientes (medo de serem defraudados com a acompanhante escolhida). De forma genérica, podemos dizer que tais chaves de descodificação só podem ser adquiridas pela experiência vivida e pela participação continuada no quotidiano prostitucional.

Assim, as mulheres que se tornam acompanhantes, os homens que passam a clientes, ou o sociólogo que se enreda temporariamente nesta realidade, têm de adquirir particulares códigos de reconhecimento, sistemas de comunicação específicos e secretizados, processos de controlo social que remetem a experiência na prostituição para uma dimensão ritualista.

Mulheres (acompanhantes) e homens (clientes) para conseguirem desenvolver as suas estratégias de existência neste universo codificado precisam de se dotar rapidamente de um conhecimento, em parte consciente e reflexivo, em parte implícito e automático, das formas adequadas

de proceder e interagir nas várias cenas em que se vêm envolvidos pelo quotidiano prostitucional. Necessidade de aprendizagem e sintonização disposicional directamente correlacionada com as exigências do quadro de interacção – aprende-se aquilo que se desconhece e que é absolutamente necessário para que se consiga viver nesse contexto.

Verifica-se que entre as mulheres acompanhantes e os homens clientes a aquisição de sistemas de disposições sintonizados desde o início com as exigências do quadro contextual prostitucional são raras. Este tipo de sintonização apenas se encontra entre aqueles homens cuja socialização sexual inicial é precocemente feita através do recurso à prostituição e que mantêm de forma permanente o recurso à sexualidade paga. Para todos os outros protagonistas, sejam acompanhantes ou clientes, o ingresso na actividade prostitucional traduz-se numa exigência de reconfiguração e num esforço de sintonização tardio do sistema disposicional individual. Esse efeito de ressocialização pode ser mais ou menos profundo e pode também resultar numa sobreposição de novas competências e orientações a outras anteriores, que não desaparecem. Na verdade, o ingresso na prostituição, quer seja como acompanhante ou como cliente, implica a configuração de um sistema de disposições complexo que se fundamenta na necessidade de negociação e vive na permanente possibilidade de divergência e conflitualidades interna (Lahire, 1998, 2004 e 2005), estimulando a reflexividade criativa de si (Kaufmann, 2004).

O exercício da actividade prostitucional ou o recurso a acompanhantes implica um processo de aprendizagem que permita de forma célere resolver conflitos disposicionais e permita ultrapassar uma concepção da vida que dissocia mundo interior da prostituição e o universo externo à actividade prostitucional. A importância de entendermos esta forma de prostituição como um quadro de interacção específico também reside no facto de nele podermos situar nódulos de intensificação interaccional onde se produzem a aprendizagem e sincronização disposicional. De forma genérica, destacam-se duas formas básicas de orientação e sedimentação dessa aprendizagem e actualização, estando ambas disponíveis para mulheres acompanhantes e homens clientes: a sintonização disposicional mediada e a sintonização disposicional imediata.

Ciberespaço e a sintonização disposicional mediada.

Em primeiro lugar, podemos referir a aprendizagem mediada e anónima definida pelo investimento em processos mais ou menos longos, mais ou menos exaustivos, de pesquisa acerca do mundo da prostituição, do que significa ser acompanhante ou a elas recorrer. Esta forma de sintonização disposicional tem, sobretudo, lugar no ciberespaço. A expansão interaccional para o ciberespaço significa também a expansão das possibilidades de aprendizagem das regras, rotinas, normas e linguagem específica deste quadro interaccional híper-codificado e de sincronização disposicional das mulheres e homens que aí passam a pertencer.

Esta comunidade virtual de homens clientes deste tipo de prostituição (Bernstein, 2007a, 2007b; Sanders, 2005c e 2008) revela-se para os iniciantes no recurso à prostituição um importante instrumento de aprendizagem e de sintonização disposicional: os homens que se iniciam no recurso às acompanhantes aprendem através do contacto com homens mais experientes.

Primeiro, permite sincronizar divergências e conflitualidades internas do sistema disposicional, na medida em que fornece interpretações e códigos de leitura sobre o que ser cliente que afastam os homens de ideias fortemente sedimentadas que o recurso à prostituição representa, necessariamente e sempre, uma forma de violência e exploração das mulheres. Os homens aprendem a perceber o recurso a acompanhantes como uma actividade afastada da marginalidade e, necessariamente, desacreditada. Isto é, anulam um potencial conflito disposicional que faria de si mesmos pessoas inscritas numa actividade desacreditada (Bernstein, 2001, 2007b Sanders, 2008; Lane, 2000; Sharp e Earle, 2003).

Segundo, esta comunidade virtual de clientes significa uma forma de institucionalização de um guião sexual específico que pode ser seguido de forma mais ou menos estrita. Trata-se de uma matriz de organização da interacção sexual entre cliente e acompanhante que estabelece parâmetros de avaliação aplicáveis tanto às acompanhantes como aos homens clientes. Ainda que estes guiões sejam em grande medida reprodutores da hipersexualização masculina, verifica-se que a principal preocupação desta matriz de orientação e avaliação da interacção entre clientes e acompanhantes é a criação de encontros sexuais comerciais que rompam definitivamente com visões degradantes da prostituição e descredibilizantes das prostitutas e dos clientes. Desta forma, actos de violência verbal, física ou sexual são considerados inaceitáveis; a negociação dos valores exigidos pelas acompanhantes é tendencialmente entendido como um acto rude e ofensivo para a mulher prostituta. Inversamente, nestes guiões para interacção sexual com as acompanhantes são frequentes as indicações para preocupação com prazer mutuo, produção de intimidade circunscrita (Bernstein, 2001, 2007a) quase como premissa para o sucesso do encontro e como mecanismo gerador de emoções fundamentais para uma mais global satisfação com o encontro prostitucional.

No fundo, a sintonização disposicional passa pela aprendizagem de disposições para pensar e para agir (Lahire, 2005) que contribuem activamente para a normalização daquilo que estes homens fazem, colocando entre parenteses o potencial de descredibilização social (Goffman, 1967 e 1993) inerente a uma actividade socialmente condenada e alvo de cruzadas morais (Weitzer, 2000a; 2005 e 2010; Weeks, 1985, 1995 e 2007): recurso a prostitutas acompanhantes. Ser cliente não é pagar para ter sexo com uma mulher que disponibiliza comercialmente encontros sexuais, mas ser um cliente não é mais do que ser um homem normal (Bernstein, 2001, 2007a, 2007b; Sanders, 2008).

Hélder "Eu acho que não diferença, porquê? Só porque eu vou e aquele não vai (...) Um gajo que vai às putas é putanheiro. É um cliente."

João "É um gajo perfeitamente normal, de qualquer idade, que é de qualquer classe, que porque foi educado nesse sentido ou porque lhe deu na cabeça, começa a fazer isto [recorrer à prostituição]. Depois, cada um vai até onde a carteira o deixa ir, porque há prostituição e prostitutas para todas as carteiras e gostos, as acompanhantes são das mais caras. Por

isso, nem todos conseguem lá chegar... hummm... mas essa também é a ideia delas, é filtrar as pessoas (...) ainda bem, porque não me imaginava com uma mulher que fosse com qualquer um!”

Manuel “Isto que os clientes das acompanhantes têm de ser só homens não é bem assim! Para mim, que tenho a experiência de um mercado das acompanhantes mais evoluído e menos conservador [Londres], as acompanhantes são procuradas também por mulheres que querem experimentar estar com outra mulher, por casais para terem experiências a três...hummm... por isso, um cliente pode ser homem, mulher ou casal, que com mais ou menos vergonha recorre aos serviços de uma trabalhadora do sexo.”

Miguel “Pode ser tudo e mais alguma coisa. Pode ser qualquer pessoa. Em geral são casados. Em geral tem por volta dos trinta e tais quarentas. São pessoas a quem falta alguma aventura na vida (...) Até é melhor ali [num apartamento com acompanhantes] porque não há envolvimento, não se pode dizer que haja traição”

Para as mulheres acompanhantes a aprendizagem mediada transforma a entrada na actividade prostitucional numa decisão informada e ponderada. A entrada na actividade prostitucional reveste-se, para estas mulheres, de processos de reflexão e racionalização individual mais ou menos longos (Chapkis, 1997 e 2000; Phoenix, 2000 e 2001; Sanders, 2005a; Sanders et al, 2009), acompanhados pelos relatos mais ou menos tentadores acerca da actividade que recolhem junto de outras mulheres acompanhantes mais experientes (Sanders et al, 2009). O processo racional que faz da entrada na actividade prostitucional uma decisão informada (Chapkis, 1997 e 2000) caracteriza-se por ser um período em que as mulheres activamente pesquisam e se informam acerca da actividade, escutam e lêem os relatos de mulheres prostitutas e observam como vivem e como trabalham e fazem contas aos eventuais dividendos económicos da actividade.

Filipa “Fui logo directamente para acompanhante (...) Já conhecia histórias à volta deste mundo, como funcionava. Porque na revista onde eu trabalhava foram feitos muitos artigos à volta deste tema... não conhecia interiormente, mas já tinha lido muito... e comecei a fazer pesquisa, assim como a tua [risos], comecei a fazer pesquisa de sites onde poderia ter o anúncio, depois escolhi aquele que tinha a mais a ver comigo. Vi muita coisa má e pouca coisa boa [sites]. E pronto... As primeiras vezes, sim... tinha receio. Uma coisa é eu saber como funciona por pesquisa e por ler, outra coisa é eu estar metida nisto... eu não sabia o que é que as pessoas me iam dizer, não sabia a reacção das pessoas, estava assim com medo de avançar. Mesmo muito medo. Agora não, nada, normal (...)”

A pesquisa mediada anónima sobre esta forma particular dos serviços sexuais pagos pode ser mais ou menos rigorosa e exaustiva, mas é sempre processo que passa pela leitura de notícias, reportagens e outras informações documentais e indirectas acerca da realidade prostitucional. O processo de aprendizagem passa pela navegação no ciberespaço na busca de sites, blogues e outras plataformas de anúncio da actividade, fazendo prospecção de mercado e percebendo a forma e os mecanismos de entrada e de estada na actividade prostitucional como acompanhantes. E, as novas tecnologias possibilitam o contacto directo com acompanhantes no activo e a recolha de testemunhos acerca da actividade e da vida, na esperança de encontrarem respostas às suas dúvidas. Desta forma, não só estimam se a actividade poderá responder às suas reais necessidades de emergência económica, como também recolhem elementos suficientes para responderem à interrogação se serão ou não capazes de manter encontros sexuais a troco de dinheiro, se serão ou não capazes de enfrentar e romper os constrangimentos morais incorporados que sempre as afastaram da prostituição.

Dado o nível de reflexividade social das sociedades contemporâneas o investigador não se pode excluir a si nem ao seu trabalho da análise destes processos de sincronização disposicional e de aprendizagem mediada. O efeito da teoria sobre a realidade é um acontecimento que se torna

particularmente notado e o investigador vê-se frequentemente confrontado com a apropriação e interpretação dos produtos-conhecimento acerca da prostituição que as ciências sociais produzem. Por um lado, a disseminação de resultados de investigação muitas vezes feita através da colaboração com o media e com jornalistas é consumida pelas pessoas (onde se incluem acompanhantes), acabando por ajudar a desenhar posicionamentos e ou reposicionamentos face à actividade prostitucional e aos debates ideológicos e morais que rodeiam a prostituição. Por outro e ao mesmo tempo, os produtos conhecimento (artigos e livros de carácter científico) também são de muito mais fácil acesso, sobretudo, para aquelas mulheres acompanhantes mais escolarizadas. Daqui resultam uma consequência de carácter metodológico e processual com influência directa e operatória no desenvolvimento do trabalho de terreno: da exposição pública e da disseminação do trabalho de pesquisa anterior (Coelho, 2009a, Oliveira e Coelho, 2010) resulta um reconhecimento que se revela facilitador dos contactos, na medida em que esse trabalho e exposição, bem como as posições publicamente assumidas resultam, aos olhos das pessoas-objecto de estudo, numa legitimidade acrescida para a pesquisa.

Co-presença e sintonização disposicional imediata

A pesquisa imediata passa fundamentalmente por fases auto-impostas de aprendizagem acerca dos modos de funcionamento da actividade através de curtos estágios em formas aproximadas de prostituição. Trata-se de uma entrada directa, muitas vezes ditada por situações de emergência económica, na actividade prostitucional sem outra forma de aprendizagem ou pesquisa mais sistemática, longa ou aprofundada. Geralmente, a porta de entrada dá-se através de apartamentos ou bordeis, isto é, por meio de uma inserção precária no mercado de trabalho prostitucional e por formas de trabalho sexual por conta de outrem. Estes estágios revelam-se importantes para angariar capital de experiência antes de se iniciar a actividade como acompanhante, sobretudo, no que diz respeito ao modos de funcionamento, formas de angariação de clientes e gestão dos encontros

Ao contrário do comumente imaginado, a actividade prostitucional desenvolvida pelas acompanhantes implica a aquisição e consolidação de conhecimento e competências específicas, um conjunto de saberes essencialmente práticos que se adquirem com a experiência na actividade, no confronto com as exigências do contexto prostitucional (Coelho, 2009a), e ou através do ensinamento informal com mulheres prostitutas mais experientes (Oliveira, 2004). A formalização e transmissão destes saberes práticos não são explícitos nem explicitados (Pryen, 1999; Oliveira, 2004). As formas e práticas de aprendizagem não estão muito distantes daquelas apontadas por Bourdieu (1979 e 2000): a escuta do trabalho realizado e a assimilação das instruções e das acções colocadas em prática pelas colegas mais experientes e conhecedoras. Ou seja, a aprendizagem do trabalho de acompanhante é feita através da reprodução de saberes práticos, baseados no contacto quotidiano entre as prostitutas mais experientes e as iniciantes.

Os relatos feitos, os conselhos dados e a partilha de experiências desabafada ou contada de forma humorística (Sanders, 2005c e 2008) por parte das prostitutas com maior experiência na actividade às que estão a iniciar a actividade respondem a dois eixos de interrogações fundamentais: como lidar com impacto emocional e com o choque moral inerente ao início da atividade prostitucional? Como gerir praticamente o dia-a-dia como acompanhante, antes, durante e depois do encontro com um cliente (procedimentos operatórios da actividade e organização do trabalho)?

Mas, as mulheres acompanhantes vêm-se na contingência de aprenderem e incorporarem as regras do ofício. A aprendizagem não apenas sobre os saber fazer sexuais. Pelo contrário, a sintonização disposicional inclui aprender sobre os saber estar profissionais: os modos de estar e agir incluindo o saber estar, o saber fazer, o saber falar e quando estar em silêncio; o conhecimento preciso do que é permitido fazer, dos discursos e das posturas a adoptar. A incorporação de uma postura corporal adequada, implicando: vestuário, maquilhagem, mímica corporal e uma linguagem que remete para a erotização do corpo.

Clara “(...) a maior parte do trabalho é de formação, é ensiná-las, é ensiná-las a usar o computador, é ensiná-las a não usar perfume, ensiná-las a atender telefones (...) é casado, estás com uma mulher cheia de perfume, vais para casa com perfume dela, depois como é que explicas à mulher... toda a gente sabe que prostituta que se preze não usa perfume, porque dá cabo do matrimónio, perfume feminino em roupa de homem é muito detectável (...) A maior parte do trabalho que tenho aqui é ensiná-las, é ensinar... é ensinar a não dizer ‘prontos’, a não dizer ‘bués’... a tratar das unhas, do cabelo, nada de maquilhagem a mais, roupa de puta está fora de questão (...) eu ensino-lhes a roupa para as fotos, as posições para a fotos, o vocabulário, a linguagem... a mim ninguém me ensinou. Eu costumo dizer que vou abrir uma escola para acompanhantes (...) Eu ensino-lhes tudo o que sei, estive 14 anos a aprender.”

Rita “Entre por aquilo que é mais comum, é o mais comum... até porque o serviço de acompanhantes não é o mais comum.. hummmm... quando comecei fui ao jornal (...) aquilo não me agradou, comecei a fazer pesquisa na net (...) vi lá algumas casas de massagens a pedir massagistas, pensava eu que era só massagens [risos] (...) fui lá fazer uma entrevista, ganhava 50 euros por massagem (...) tinha que levar lingerie, comecei a achar estranho ter de levar lingerie para fazer massagens [risos] (...) Lá apareci no dia seguinte vestida normalmente com algumas lingeries minhas nada muito sexy, entretanto ela [dona da casa/bordel] mandou-me despir, pôr a lingerie e uma bata branca... chega o primeiro cliente e lá vou eu fazer a apresentação, e uma das coisas que me chamou a atenção foi que eu tinha de tirar a bata para fazer a apresentação [risos] (...) depois ensinaram-me como era a apresentação e eu sobre vermelha, super corada (...) a apresentação é... o cliente está numa sala de espera com uns sofazinhos e um espelhinho, eu entrava, cumprimentava com beijinhos na cara, tiro a bata, depois eu saio e entram as outras, depois vai a madame, aquela que está a gerir o espaço, e pergunta qual das meninas o cliente pretende (...) Tive logo sorte, fui logo escolhida no primeiro dia de trabalho, comecei a fazer massagem e a uma dada altura o senhor disse ‘olha, não dá para nós pararmos de fazer massagem?’ e eu ‘dá, mas o senhor pagou a massagem e agora já não quer a massagem, mas o que é que o senhor pretende?’ (...) o cliente pagava adiantado à madame antes de ir para o quarto, neste caso 100 euros, 50 para mim, 50 para casa (...) Entrava todo o tipo de clientes! Já que estou com alguém, tem que ser alguém que me dê alguma coisa, gosto... O cliente chega e é ele que selecciona, se não formos ainda temos que pagar à casa (...) Fiz algum dinheiro nesse primeiro dia, fiz até um bom dinheiro, fiquei contentíssima, fiquei meu deus isto é óptimo o dinheiro está a vir a sim (...) No segundo dia pensei, isto é tão baixo e casa fica com metade do dinheiro... não, vou fazer as coisas de outra maneira., isto não pode ser assim! Voltei a fazer pesquisa na net e vi os sites de acompanhantes.”

Finalmente, importa referir os potenciais efeitos de longo prazo na vida as mulheres acompanhantes destas formas de aprendizagem e sincronização disposicional. A incorporação em modo imediato das disposições para agir e pensar e das exigências específicas para o desenvolvimento da actividade de acompanhante pode autorizar o ingresso destas mulheres em carreiras mais ou menos prolongadas e complexas na prostituição, incluindo reconversões parciais do estatuto ocupado no mundo do trabalho sexual. Porque, dominar os saber-fazer com os clientes e modos de organizar a actividade possibilita, por exemplo, a reconversão da actividade de acompanhante em gestora ou proprietária de um apartamento.

Clara

“Geralmente quando se começa é por casas. Na altura em que eu comecei as coisas eram um bocadinho diferentes do que são agora, porque não existia internet... eeeee... e todas as acompanhantes na altura, quase, quase todas... numa percentagem muito superior do que hoje eram acompanhantes do chamado bordel. Funcionavam por anúncios no Correio da Manhã e no Diário de Notícias, sem fotos, sem nada, com aqueles textozinhos... Como as coisas eram assim havia pouca possibilidade das acompanhantes serem independentes (...) comecei por uma casa... só há relativamente pouco tempo é que me tornei independente (...) comecei com 18 anos na altura estive um mês e meio, na altura ganhava-se muito mais do que agora, incomparavelmente mais, nós éramos muito menos, não havia brasileiras, não havia tantas mulheres portuguesas, não havia russas, eram essencialmente mulheres portuguesas e poucas (...) Na altura [há 14 anos atrás] estive cerca de um mês e meio [na actividade] e chegou para resolver os meus problemas durante muito tempo (...) Eu sou uma pontual, estou durante algum tempo, depois saio, tenho outros empregos, outras profissões e volto quando tenho necessidade (...) estive noutros empregos (...) call-centers... hummm... o normal que os estudantes trabalhadores fazem, telemarkting, apoio ao cliente, essas coisas todas. Depois voltei... hummm... para uma casa, nunca por conta própria. Quando não há internet é difícil, tem que se ter um sítio, tem que se ter clientes, sobretudo quando se é pontual não se tem uma carteira de clientes, quando se desaparece os clientes também desaparecem, não se volta a contactar pessoas ao fim de dois anos. Voltei. Nessa casa onde estive para além de ser acompanhante...hummm... o dono da casa achou que era uma pessoa responsável e organizada estava lá como... ganhava um x por mês para gerir a casa, para receber os clientes, para fazer as apresentações porque nas casas eles escolhem [a prostituta com quem vão estar], fazia essas coisas todas. Nessa fase estive mais tempo, devo ter estado 9 ou 10 meses. Depois saí (...) Voltei para uma casa, o mesmo sistema... tive alguma sorte porque as pessoas das casas onde estive... estive mesmo numa casa onde fazia apenas gestão e recepção... as pessoas onde estive achavam-me excepcionalmente organizada e pontual, tendo tido outros empregos eu estou habituada, assumo responsabilidades, já estava habituada a ter patrões (...)”

“Eu estava numa casa e lá para além de atender fazia recepção porque a patroa raramente lá aparecia, atendia um ou outro, e ganhava mil euros por mês e tinha o trabalho todo, todo, todo. Fazia tudo que faço aqui e aquilo era grande e trabalhava mais horas, tinha mais mulheres... uma trabalhadeira descomunal, andava sempre exausta e a mulher só aparecia para ir buscar o dinheiro... Um dia disse que não dava mais e vim-me embora (...) Entretanto eu fui trabalhar para um emprego normal e as pessoas [mulheres prostitutas] começaram ‘abre qualquer coisa, abre qualquer coisa’ (...) E elas começaram ‘quando é que abres, quando é que abres’... Olha, isto é muita estranho, mas eu abri uma casa por pressão, quando me dei conta tinha um apartamento escolhido, lembro-me de andar a correr para o ikea e para a loja do cidadão porque tinha de abrir porque tinha duas pessoas que queriam vir trabalhar comigo e não queriam mais ninguém.”

Linguagem híper-codificada

O quadro de interacção desta forma de prostituição revela-se um ambiente híper-codificado, obrigando mulheres e homens, acompanhantes, clientes e também o sociólogo, a adquirirem de forma acelerada particulares códigos e sistemas de comunicação específicos. Essa aquisição tanto pode ser feita de forma mediada ou imediata através processos de controlo social que remetem a experiência na prostituição para uma dimensão ritualista.

Mulheres (acompanhantes) e homens (clientes) para conseguirem desenvolver as suas estratégias de existência neste universo codificado precisam de se dotar rapidamente de um conhecimento, em parte consciente e reflexivo, em parte implícito e automático.

Quadro 2.4: Glossário.

A-Level Sexo anal

		GFE	Girl Fried Experience. Encontro orientado pelo afecto, pela construção de intimidade e pela troca de carícias, beijos, e pela entrega total da acompanhante na interacção sexual (demonstrando vontade, desejo, prazer, etc); bem como por dimensões não sexuais típicas dos encontros entre namorados (idas ao cinema, jantares românticos, demonstração de afecto e troca de carícias em locais públicos, etc.). Um encontro que reproduz o imaginário dos encontros entre casais de namorados.
ATM	Ass to Mouth. Expressão equivalente: COMPLETA. Prostituta cujos serviços contemplam penetração vaginal, sexo oral e anal.	GP	Garota de Programa. Expressão de brasileira que designa acompanhante. Em sentido depreciativo significa Grande Puta .
CFM	Cum Fuck Me. Expressão utilizada por clientes para designar uma prostituta cuja apresentação e aparência são explicitamente sexuais.	BLS	Ball licking and sucking.
CIF	Cum in Face. Ejaculação na cara. Prática sexual muito difundida pela indústria do sexo, sobretudo pela pornografia heterossexual. Ver também: COF.	MERCENÁRIA	Prostituta apenas interessada no dinheiro e com pobre desempenho sexual, que promove um encontro frio e sem intimidade. Expressão depreciativa das prostitutas e reveladora da insatisfação dos clientes.
CIM	Cum in Mouth. Ejaculação na boca.	MSOG	Multiple Shots on Goal. A acompanhante permite que o cliente ejacule várias vezes num único

		encontro sem cobrar mais por isso.		
CIT	Cum in tits. Ejaculação nas mamas.		O-Level	Sexo oral
COF	Cum on Face. Ejaculação na cara. Sinónimo de: CIF.		DINNER AND CLUB WEEKENDS	Jantar e saídas à noite
COB	Cum on Body. Ejaculação sobre o corpo da acompanhante.		NIGHTS	Fins-de-semana. Possibilidade da acompanhante passar o fim-de-semana com o cliente: entre 6Feira à noite e 2Feira de manhã.
COM CAPOTA	Sexo oral com preservativo.		COUPLES	Noites. Significa passar a noite com o cliente. Passar a noite significa que estão incluídos serviços sexuais e não sexuais. A duração deste tipo de serviços é variável, tendo também preços variáveis: pode ir das 6 às 12 horas de acompanhamento. Este serviço não significa que a acompanhante durma (este é um outro serviço, geralmente designado por OVERNIGHT).
COMPLETA	Acompanhante cujos serviços sexuais contemplam penetração vaginal , sexo oral e anal . Muitas acompanhantes anunciam este tipo de serviço apenas como estratégia de marketing, como uma forma de corresponderem às expectativas iniciais dos potenciais clientes, contudo, durante o encontro promovem guiões sexuais que lhes permitam evitar a prática do sexo anal.			Casais. Atendimento a casais. Significa que a acompanhante é aberta a participar em práticas bissexuais.
BBBJ	Bare Back Blow Job. Sexo oral sem protecção (sem preservativo). A expressão Bare Back refere-se originalmente a montar a cavalo sem cela. No contexto prostitucional remete para práticas sexuais desprotegidas (sem o uso de preservativo).		OWC	Oral With Condom. Sexo oral protegido (com preservativo). O contrário de OWO.
BDSM	Bondage, Discipline and Sado-Masochism		OWO	Oral Without Condom. Sexo oral sem protecção (sem preservativo). Sinónimo de: BBJ. O contrário de OWC.
DATY	Diner at Y. A letra Y simboliza o corpo de uma mulher de pernas abertas. Sexo oral praticado pelo cliente à acompanhante.		DFK	Deep French Kissing. Beijo na boca com língua.
DFE	Dead Fish Experience. Expressão utilizada por clientes (sobretudo em contexto do fórum da internet) para designar prostitutas que se comportam de forma indiferente durante o acto sexual. Indiferentes em relação ao que se passa e ao cliente/homem com quem estão a ter relação sexuais. O contrário de: GFE.		HR	Hand release. Masturbação.
FIGHT	Luta ou combate. Expressão utilizada por clientes para descreverem os encontros sexuais com as acompanhantes.		TD	Test-Drive. Expressão utilizada entre clientes membros de fóruns de clientes para designar relatórios de avaliação dos encontros com as acompanhantes. Forma de crítica ao serviço e às competências das acompanhantes.
FLIGHT	Voo. Sinónimo de FIGHT . Descreve um encontro sexual com uma acompanhante considerada especialmente bonita e atraente (um avião).		WF	Whisper Friendly. Expressão originalmente utilizada em conversações de chat. Significa abertura para receber e trocar mensagens privadas de carácter íntimo. Uma forma de flirt que se prolonga para além do encontro comercial.
FOTC	Fuck of the Century. Expressão mais comumente utilizada pelos clientes para designar uma acompanhante especialmente competente nos saberes-fazer sexuais. Algumas acompanhantes também utilizam a expressão quando falam quer dos seus clientes.		69	Sexo oral simultâneo. O número 69 simboliza a posição dos corpos durante esta prática sexual.

2.6 | Prostituição, quadro de interacção e redes de confiança

As redes de relações sociais apresentam-se como dimensão decisiva da estruturação do desta forma de prostituição enquanto quadro de interacção por duas razões fundamentais.

Em primeira instância as relações sociais de que acompanhantes e clientes fazem parte constituem-se como redes de confiança daquilo que fazem. Partilhar a intimidade e o segredo não será uma opção casual. O acto de falar sobre a sexualidade na primeira pessoa, confidenciar que se trabalha como prostituta acompanhante ou que a elas se recorre, implica uma postura reflexiva e a verbalização e exposição de si aos outros (Aboim, 2010b; Plummer, 1997; Foucault, 1994). Daqui derivam consequências importantes. Esta postura indicia, por parte destas mulheres e homens, a incorporação de ideias de liberdade e expressividade sexual contemporâneos (Giddens, 2001; Weeks, 1985, 1995 e 2007) que tem seguramente efeitos na forma como percebem, racionalizam e avaliam a

prostituição e aquilo que fazem nesse mundo (ser acompanhante ou ser cliente). Por outro lado, a postura reflexiva e a capacidade de se situarem a si e aquilo que fazem no mundo social mais alargado produz particulares condicionantes para a confiança deste aspecto oculto das suas vidas, determinando se se revela, a quem se pode revelar e como se revela.

Em segundo lugar, as redes de relações sociais não fornecem apenas outros disponíveis para escutarem aquilo que temos para contar acerca da vida, nem são simplesmente laços de solidariedade potencial, são também produtoras de múltiplos contextos de socialização sexual. Isto é, as redes que podem influenciar os comportamentos sexuais, funcionando como lugar de ancoragem e recriação de discursos reguladores da sexualidade. Interessa, por isso, compreender os condicionamentos normativos – constituindo morais sexuais – que emergem destas redes de relações sociais: de que forma essas ligações funcionam como suporte, constrangimento ou orientação das suas biografias sexuais, nomeadamente como se cruzam com o universo prostitucional.

Estas mulheres e homens estão inseridos em redes diversificadas quanto ao seu conteúdo, dimensão e efeitos. Contudo, as redes estabelecidas que vão para lá da prostituição conectam-se de forma decisiva com este contexto: os amigos e os familiares podem ter conhecimento ou podem ser actores decisivos na entrada no universo prostitucional (quer para as acompanhantes, quer para os clientes). Os amigos e a família são constituintes primordiais de redes de confiança, avaliação e constrangimento recíproco, funcionam como indutores de comportamentos e certificam-se que homens e mulheres cumprem o que deles é esperado. No fundo estas redes de conhecimento e de confiança resultam em contextos específicos de socialização sexual reveladores da força normativa, repressora e condicionadora da acção do capital social (Putnam, 2000).

O que se identifica como particularmente assinalável quanto ao modo como as redes relacionais de confiança contribuem para a constituição do quadro de interacção em torno desta forma de prostituição é que se estabelecem três nós relacionais onde se debatem fortes tensões entre interior e exterior: (i) os amigos, as amigas e as tensões entre ocultação e o desejo de afirmação como elite sexual; (ii) a família e a tradição prostitucional; (iii) a relação de pesquisa e o investidor como confidente.

Amigos e confidentes?

As relações de amizade, a rede de amigos e confidentes a quem as mulheres acompanhantes e os homens clientes partilham as suas aventuras e desventuras sexuais, funcionam também como um pequeno colectivo dentro do qual se estabelece uma hierarquia sexual-social (Collins, 2004). Uma hierarquia que tem como princípios organizadores a experiência acumulada (contabilidade sexual), a intesidade e a radicalidade da vida sexual. De forma breve, homens e mulheres desejam estar entre a elite sexual dos amigos ou ser o representante dessa vanguarda sexual entre os seus amigos.

A necessidade de aceitação daquilo que se faz por outros relevantes não desaparece pelo facto da prostituição se situar num plano secreto da vida. Frequentemente homens clientes e mulheres prostitutas acompanhantes revelam parcialmente aquilo que fazem. Ou melhor, recontam ou reconstruem as suas experiências no âmbito do sexo comercial através de verdadeiras ficções sexuais (Plummer, 1997) que transformam a natureza comercial dos encontros em casualidade e, implicitamente, o dinheiro em capacidade de sedução e conquista. Desta forma, contam as suas experiências relacionais, íntimas e sexuais em contexto prostitucional como se se tratassem de aventuras acontecidas fora do contexto sexual pago. Esta ficcionalização dos acontecimentos funciona como uma espécie de gabarolice que autoriza confidenciar aos amigos aquilo que se vive, as emoções, os sentimentos, mas também consente o reconhecimento social daquilo que se faz capitalizando ganhos simbólicos.

No meio da heterogeneidade e da complexidade das redes relacionais dos amigos, os homens clientes e as mulheres prostitutas encontram espaços de apoio, aprovação, suporte ou admiração. Os seus comportamentos encontram possibilidades de legitimação e até de valorização num cenário de relações sociais. Os homens clientes e as mulheres acompanhantes pela forma como vivem a sua sexualidade, pela forma como revelam os seus comportamentos sexuais, passam a ocupar posições de destaque no interior do ciclo de amigos como produtores e actores de uma espécie de vanguardismo sexual que se torna referência entre aquele círculo social.

Para as acompanhantes os amigos homens são apresentados como portadores de visões liberais e aparentemente igualitárias sobre a sexualidade. Entre os amigos encontram tolerância e mesmo admiração e respeito pela forma como vivem e exprimem a sua sexualidade. Os amigos homens, quer das acompanhantes quer dos clientes, raramente apresentam posições abertamente críticas à forma como vivem a sexualidade.

Nicole

“Sim, entre as amigas. Comento com as amigas sim, Mas, comentava os encontros como acompanhantes como se fossem outras aventuras sexuais, sexo casual (...) Sim, é verdade, acho que ganhei um espaço especial entre os amigos. Mais uma vez, o sexo dá power, mesmo entre os amigos (...) Os meus amigos homens que me conhecem, mesmo que não saibam da minha situação como acompanhante sabem que sou muito aberta sexualmente, acho que me admiram, admiram a minha postura e maneira de ver e agir na sexualidade. As minhas amigas também (...) Eles não criticam tanto. Elas são sempre mais negativas (...) Eles não. Para eles é o máximo e só desejam que as mulheres deles também fossem assim. É uma maravilha falar com eles (...) dou mais importância à [opinião] dos amigos homens. Acho sempre que as mulheres são muito complicadas e vêem mal as coisas.”

Apesar da confiança sexual poder produzir ganhos simbólicos associados à vanguarda sexual, as amizades podem tornar-se problemáticas para os homens obrigando a uma gestão cuidadosa e criteriosa do que se diz e do que se deixa por contar acerca da vida sexual. As confidências são sempre limitadas, porque entre os homens o sexo deve ser secretizado (Kimmel 1996, 2000 e 2005b) sobretudo, se aquilo que se quer relatar pode indiciar fragilidade na competição no campo das masculinidades. No fundo, o cuidado com aquilo que se partilha com os amigos homens traduz-se na garantia de que os seus confidentes terão posições menos críticas acerca da forma com o são homens e o revelam pela sexualidade.

- André Eu só contei a um grupo muito restrito de amigos, muito restrito mesmo... só àquelas pessoas que tenho total confiança e que sei que também confiam em mim, que sei que vão estar sempre comigo a vida toda (...) Ter-lhes contado este lado da minha vida acho que ainda veio aumentar a confiança que temos, fortaleceu a amizade, ficámos mais próximos (...) Não, jamais contaria à minha família, aos meus pais nunca, acho que tinham um ataque porque não me educaram assim (...).”
- João “Isto é mesmo um grande segredo. Talvez seja o maior segredo da minha vida... não conto isto a ninguém, ninguém sabe que ando nesta vida, ninguém mesmo (...) contar isto, mesmo que fosse aos meus amigos mais próximos, aos amigos do peito, seria contar uma coisa demasiado pessoal... eu conto a minha vida a esses meus amigos, tudo da minha vida menos isto. Tenho medo da forma como reagem e não quero desiludi-los nem correr o risco de perder a amizade deles (...) ia contar-lhes uma coisa muito íntima e eles também não contam esse tipo de coisas da vida deles, acho que há coisas que nem entre gajos se contam. Não vou dar o flanco...tas a perceber não tas?!”
- Jorge “Eu mantenho tudo no máximo dos segredos, mas acho que não tenho nada a esconder, não faço nada mal (...) se dissesse para aí que estou com acompanhantes caiam-me todos em cima... no trabalho, no trabalho nem sei se não seria despedido que isto nos escritórios de advogados são todos muito conservadores e moralistas e têm uma imagem a proteger. Na minha relação a coisa também não iria cair muito bem, e tenho muito medo de perder a relação que tenho agora, por isso não arrisco nada (...) Se se soubesse que pago a acompanhantes era uma vergonha, acho que ficava sem saber o que fazer... queria era um buraco onde me meter [risos]... seria complicado para enfrentar a namorada e as pessoas no trabalho e tudo isso (...) acho que não fica assim muito bem a um homem saber-se que paga para estar com mulheres... fica-se com aquela ideia que tipo de homem é este que tem de pagar para conseguir estar com uma mulher (...).”

Entre os homens clientes o reconhecimento ou a aceitação daquilo que fazem (ser cliente) apenas está garantindo entre homens amigos com quem partilham alguns desses episódios sexuais em contexto comercial. Isto é, a confiança desprovida de vigilância sobre o que diz apenas ocorre num contexto em que os homens clientes assegurem igualdade no acesso a informação potencialmente constrangedora; neste caso, quando asseguram que os seus confidentes também experimentam os mesmos acontecimentos.

- Miguel “Partilho com alguns, poucos... com alguns até fui com eles! (...) foi com eeses que comecei esta aventura das acompanhantes (...) a sugestão partiu de dois deles, são pessoas que são amigos de infância, sei que com eles não tenho problemas (...) mas hoje em dia isso já esmoreceu [idas conjuntas a apartamentos] (...) Às vezes damos umas dicas uns aos outros sobre acompanhantes [risos]. Outros amigos sabem mas não partilham a aventura. Ouvem as histórias, mas têm imenso preconceito e acham uma idiotice fazer isso (...) Uns acham chocante e um desperdício, outros divertem-se imenso mas não vão.”

A família e a prostituição

Os nós familiares das redes de relações sociais são percebidos e descritos como conservadores, defensores de velhos padrões morais e normativos da sexualidade. Viver a sexualidade de forma livre e relativamente aventureira, emocionante ou experimentalista, depende em grande medida nas formas de inserção em círculos sociais exteriores à família (Aboim, 2010b), numa lógica de densificação e complexificação dos círculos sociais que permite a construção de uma existência social inimitável e constituição enquanto indivíduo singular (Simmel, 1995 e 2009). Ou seja, o corte com o controlo familiar é base fundamental para a expressão de uma sexualidade liberta. A complexificação da teia relacional e a perda do monopólio relacional por parte da família e dos laços institucionalistas torna-se fundamental para a afirmação das vontades e desejos pessoais quer das mulheres (acompanhantes) quer dos homens (clientes).

A experiência prostitucional é percebida por uma parte das acompanhantes como uma conquista do carácter aventureiro e expansivo da vida sexual. A revelação daquilo que fazem, da

sexualidade comercial a que dão corpo, a elementos das famílias de origem representa uma forte ruptura com um padrão moral e como uma visão da sexualidade feminina segundo o qual foram educadas e que obriga ao afastamento das mulheres da prostituição e de comportamentos sexuais experimentalistas. Mas, este conflito disposicional e familiar é superado por uma visão de tipo utilitário que os familiares fazem desta sexualidade comercial.

Rita “A quem é que já revelei o segredo... à minha mãe e à minha irmã (...) Elas tinham a completa noção do meu estado de degradação a nível financeiro e... e quando tomei esta atitude disse que ia entrar nesta área... porque estava a precisar do dinheiro e não tinha (...) a minha mãe disse, ‘eu não gosto, eu não quero, mas eu não te posso ajudar mais do aquilo que já te dou só quero é que corra tudo bem’”

Clara “(...) a minha mãe sabe que eu tenho a casa, mas não sabe que eu também atendo (...) Houve um dia que bateu aqui [apartamento/bordel] de surpresa e viu um ambiente normal, elas receberam-na na sala, conversaram com ela com conversas normais e viu que elas não correspondiam ao estereótipo e começou a encarar isto como uma coisa normal. As pessoas têm de ver um bocadinho para perceber o que é (...)”

Para alguns homens o carácter conservador de velhos padrões morais e sexuais dos nós relacionais familiares está associado à imposição de uma tradição familiar de recurso à prostituição e de iniciação sexual pelo recurso a mulheres prostitutas. Para eles, a entrada no universo prostitucional das acompanhantes significa, finalmente, a fuga a normas, moralidades e condicionamentos da experimentação sexual que se iniciaram pela imposição de uma tradição familiar. Mais, significa a descoberta de que a prostituição (as acompanhantes) pode significar um quadro de interacção onde se joga mais do que o sexo, onde se pode experimentar formas específicas de intimidade.

A iniciação sexual faz-se por influência directa de familiares ou de redes masculinizadas de relações próximas de familiares: são acompanhados pelos pais, tios, primos ou amigos dos pais, na ida a um bordel. Estas primeiras experiências sexuais e prostitucionais apanham estes homens (ainda jovens) de surpresa e é uma experiência marcada pela confusão, a excitação e o desconhecimento. O papel dos homens mais velhos da família é fundamental na preparação desse acto inaugural, organizando previamente o que acontecerá. A linhagem masculina da família destes homens clientes abre as portas a um período marcado pelo desejo de aprendizagem e pelo estabelecimento da confiança necessária nas suas competências sexuais. Numa forma de cumplicidade silenciosa (raramente falando abertamente do que acontece e do que fazem), os pais e tios introduzem os filhos e sobrinhos no circuito da sexualidade comercial, permitindo que estes homens clientes passem a dominar desde jovens determinados *modus operandi* da prostituição e das mulheres prostitutas. Finalmente, esta forma familiar de recurso à prostituição acaba por ser fundamental para a aquisição de disposições específicas para as experimentações e gestão da sexualidade. Uma visão que cruza sexualidade e relações de género produzindo uma dissonância clara entre a sexualidade lúdica e experimentalista e uma sexualidade enquadrada numa relação amorosa. Isto é, uma visão que separa por um lado, experimentalismo, aventura, loucura; e por outro, o casamento, a seriedade, a responsabilidade e a família. Ao limite, separa as mulheres castas das devassas.

Vitor

“O meu pai... o meu pai não, um amigo dele levou-me a uma casa! Era uma coisa discreta e relativamente requintada (...) esse amigo do meu pai e a senhora da casa é que combinaram tudo, escolheram a rapariga com quem estive e tudo (...) foi estranho, muito estranho... Foi bom, muito bom, sentia que ia tornar-me homem naquele momento e isso era a coisa mais importante da vida! Ia passar a ser homem! Mas não sabia nada do que me esperava e por isso estava confuso, também não percebia nada daquele ambiente da casa (...) nessa altura frequentei a prostituição durante algum tempo, era a tentativa de ganhar experiência, de aprender mais e estava admirado com o sexo e com as mulheres! Queria mais e mais!”

Para outros homens clientes o carácter conservador das relações familiares tem um significado bem distante daquele que descrevemos. Neste caso, o conservadorismo está fortemente associado a visões ideológicas e morais que fazem da prostituição um problema de violência contra as mulheres, uma forma de degradação social e sexual das mulheres para qual não deveriam contribuir. Estes homens foram socializados no sentido da incorporação de disposições e de ideias de rejeição e crítica à prostituição. Ideais e disposições que se baseiam essencialmente nas ideias feministas de tendência abolicionista. Neste sentido, o facto de se tornarem clientes significa um confronto ideológico particular entre as disposições e os ideais incorporados duradouramente e novas disposições adquiridas para conseguir jogar o jogo social e sexual do campo social das acompanhantes.

Investigador como confidente

O investigador vai lentamente passando de intruso que força o relato da vida a membro desta rede de confiança. Contudo, o estatuto do investigador enquanto confidente é especial. O seu estatuto deriva em grande parte da instrumentalização de que é alvo pelas pessoas-objeto de estudo passando a ser visto como uma espécie ouvido psicanalítico (Coelho, 2009a). O investigador passa por um processo de construção de confiança fundamental que se intensifica gradualmente, permitindo atingir aspectos mais reservados, preservados, omitidos e ocultados dos protagonistas. Nesta altura, o investigador é transformado num repositório: nele se descarregam acontecimentos, narrações de episódios da vida, muitas vezes a ele se revelam aspectos nunca contados nem mesmo aos confidentes e amigos mais próximos. O carácter temporário da presença do investigador na vida dos protagonistas poderá, contra-intuitivamente, favorecer o relato destes aspectos secretos da vida. Porque, o investigador desaparece e não implica a confrontação sistemática do narrador com aquilo que narrou e com o facto do outro saber o que foi vivido. Ou seja, não existe constrangimento e desfaz-se a potencial relação de poder associada à partilha de informação potencialmente perturbadora da vida.

Apesar de transformado em ouvido psicanalítico (Coelho, 2009a), a relação não será a típica de um encontro de natureza terapêutica, fundamentalmente porque basear a pesquisa numa sociologia à escala individual (Lahire, 1998, 2004 e 2005), sensível (Pais, 2003) e produtora de narrativas biográficas multidimensionais (Lahire, 2002; Conde, 1993a, 1993b e 1994) obriga à reciprocidade na partilha da vida (Conde, 1993a, 1993b e 1994; Plummer, 1997). Os lugares de narratário e ouvinte vão sendo ocupados alternadamente ao longo do processo pesquisa por sociólogo e pessoas-objeto de estudo. A inevitabilidade da reciprocidade será, em grande medida, uma consequência do método

biográfico. Porque, a auscultação da vida do outro tem efeitos interrogativos e catalisadores de reflexividade sobre a vida de quem ouve. Ao limite, todo o exercício biográfico, a recollecção de si, a reorganização da vida, a reconstrução do vivido e sentido, a imaginação ou a remontagem dos acontecimentos passados, do presente vivido e dos projectos de futuro, será em grande medida feito a dois. Ao mesmo tempo, as pessoas-objecto de pesquisa estão curiosas acerca do próprio pesquisador e das suas motivações e objectivos de pesquisa (Plummer, 1997). Tendo de se apresentar aos seus interlocutores, o investigador entra num processo de conto e montagem da sua própria história de vida. No fundo, apercebe-se da necessidade de aplicar a si mesmo as questões que coloca aos seus informantes. Será o investigador capaz de montar a sua própria história de vida? Será capaz de organizar os acontecimentos da sua vida? Será o investigador capaz de montar a sua vida de acordo com os grandes temas da vida por onde quer que os outros desenhem as suas? Estará disposto a essa abertura?

No fundo, a pesquisa depende e produz uma forma particular de intimidade entre o investigador e as acompanhantes e entre o investigador e os clientes. Construir histórias de vida profundas e multidimensionais (Lahire, 2002) compreende a associação entre as pessoas e a criação de laços temporários e orientados pelos objectivos da pesquisa mas que não deixam de configurar formas de conhecimento íntimo e compreensão do outro que incluem a troca mais ou menos recíproca de informação delicada sobre acontecimentos passados ou sobre o dia-a-dia do presente, o desabafo, a confiança, a abertura de si ao outro, a partilha de segredos, a expressão de sentimentos, conhecimento das fragilidades pessoais, e/ou a criação de memórias de experiências vividas em conjunto (Jamieson, 2005; Zelizer, 2002 e 2005).

Contudo, importa tornar claro que este estatuto não é um dado adquirido. Pelo contrário é o produto de relações sociais marcadas por tensões, discussões, dissensões e alguns consensos temporários (Coelho, 2009a). Na verdade, o sociólogo começa por ser percebido como o intruso ou como uma espécie de colonizador. As pessoas percebem antecipadamente que a sua participação no processo de pesquisa implica a confiança de aspectos da vida que lutam para manter ocultos da generalidade dos outros significantes do mundo social. A visão do sociólogo como intruso e colonizador assenta no preconceito de que o interesse académico sobre a prostituição (e seus protagonistas) reside na curiosidade pelo exótico, pelo estranho e numa espécie de voyeurismo intelectualizado. Isto é, o investigador entraria numa realidade que não é a sua protegido por uma capa que o torna hermético e que o protege e afasta do terreno (vendo apenas aquilo que quer sem perceber o que vê), desejando apenas retirar a matéria-prima para o seu trabalho de gabinete e abandonando as pessoas assim que vê satisfeitas as suas pretensões exploradoras. Por outro lado, parte importante das resistências sentidas reside no medo de que o investigador se revele um confidente como os outros. Isto é, alguém que não se limita a escutar mas que produz julgamento acerca do comportamento e aplica uma matriz normativa que resulta numa avaliação negativa e estigmatizante daquilo que fazem, pensam ou sentem.

Daqui resultam dois tipos de reacções de resistência. Por um lado, o investigador confronta-se com a acusação de que será um elemento activo de guerras morais (Weeks, 1985 e 1995; Weitzer, 2000a; 2005 e 2010) que avaliam de forma parcial e errada a prostituição e os seus protagonistas, estando apenas interessado em captar argumentos para sustentar a sua posição moral. Por outro, as pessoas-objecto tentam limitar os efeitos da intrusão e da colonização através da híper preparação dos contactos, das conversas e das entrevistas iniciais.

Diário de campo Apresentou-se bem preparado para o confronto comigo (...) conhecia o meu trabalho (...) criou um particular efeito de deseabilidade social nos tópicos de conversa (...) tentativa de aproximação ao jargão específico utilizado pela sociologia no tratamento deste tema (...) Num certo sentido falava com as minhas próprias palavras (...) Este tipo de preparação prévia tem o efeito de reforço dos estereótipos acerca da sociologia enquanto saber pertencente à segunda divisão de utilidade para o mundo e para a vida prática e objectiva. Uma visão situada no lugar da economia e da prática profissional nos mercados financeiros (...) aquilo que faço é muito teórico (...) não acrescenta nada de novo e os resultados são evidências (...) não é produtivo, não produz riqueza (...)

Diário de campo (...) toca o telemóvel (...) Ela [Clara] queria falar comigo de viva voz, queria perceber melhor o meu trabalho e os meus objectivos. Estranhamente o tom da conversa azedou rapidamente (...) tecia comentários, verdadeiros juízos de valor sobre a pesquisa em sociologia e a academia (...) colocava-me na posição de quem pretende extrair informações à força e ainda por cima orientado por ideias e ideologias pré-construídas. Alguém que pesquisa com os resultados definidos à partida e olha para a realidade com os olhos fechados (...) eu seria uma espécie de moralista (...) vi-me acusado de criar uma imagem demasiado glamorosa da prostituição, insinuou que incentivando jovens mulheres a procurarem a prostituição como forma de ganharem a vida (...) questionou a seriedade do meu trabalho (...) Ai, foi a gota de água! A minha dose de condescendência com o terreno terminou aí! (...) a conversa sofreu uma reviravolta (...) a passagem de uma postura de total abertura para alguma arrogância e para uma linguagem mais sociologicamente hermética, fez com que ela se subalternizasse (...) A conversa acabou com ela a prometer que leria o meu livro e que entraria em contacto comigo se ficasse interessada em colaborar. Não tenho esperanças que isso aconteça (...) A realidade supera sempre a ficção. As pessoas são mesmo imprevisíveis. A Clara está a revelar-se uma pessoa extraordinária. Solidária com o meu trabalho e dedicada. Preenche parte do seu tempo contactando alguns dos seus clientes, apresentando o meu trabalho e convidando-os a participar. Fantástico!

Na relação de pesquisa com os homens clientes as resistências são particularmente agudas. A sucessão de encontros em co-presença, a construção de narrativas biográficas, o esforço auto-reflexivo exigido, a recolção do passado nem sempre fácil de recordar, a racionalização do percurso de vida e dos seus momentos decisivos, fazem do processo de pesquisa com os homens clientes um contexto homosocial com particulares tensões na interacção de um para um.

Tal como a generalidade dos encontros dos homens clientes com os seus amigos e confidentes se revela uma forma de homosociabilidade e um aspecto fundamental para a manutenção de uma masculinidade adequada e da proximidade ao arquétipo da masculinidade hegemónica (Almeida, 1995; Bird, 1996). Também o processo de pesquisa e a relação entre sociólogo e cliente está contaminado por um ambiente de competição entre homens de um para um. Tal como no contexto de homosociabilidade os homens estão em constante escrutínio por parte de outros homens que observam, avaliam, hierarquizam, e têm nas mãos o poder de aceitação ou rejeição. Também na relação de pesquisa, o sociólogo é durante demasiado tempo entendido como esse outro homem avaliador. Por isso, é temido. Mas, não será apenas isso. O investigador também está sob escrutínio. E a avaliação de que é alvo é particularmente avassaladora e visa menoriza-lo enquanto homem e, pelo caminho, descredibilizar o seu trabalho. Neste quadro de interacção o sociólogo é um alvo fácil, porque pesquisar um tema oculto como a prostituição, ser homem e eleger outros homens como parte do objecto de estudo, fazem do investigador um homem estranho e potencialmente subalternizável no quadro das masculinidades (ou de forma mais directa e prosaica na interacção em co-presença, nos

sucessivos encontros e entrevistas) sendo alvo fácil de interrogações e desconfianças acerca da sua sexualidade e da sua competente adequação ao modelo hegemónico do que é ser homem.

Diário de campo

Se os olhares de soslaio de que sou alvo quando me exponho perante as mulheres prostitutas acompanhantes são ultrapassados pela emergência de uma lógica de sedução; no caso da relação de pesquisa com os homens clientes o caso muda de figura. O olhar indagador sobre mim reveste-se de particular agressividade, tensão e competição. Sou definitivamente aquele tipo estranho, esquisito, que quer saber coisas absolutamente naturais que qualquer homem que se preze tem inscritas na sua natureza.

De forma simples, na relação de pesquisa com os homens e no processo de integração temporária do investigador na sua rede de confiança o que está em causa é uma coisa simples: os homens têm medo dos outros homens (Kimmel, 1996, 2005b e 2012). Isto é, os homens clientes têm medo do homem sociólogo e do que ele possa pensar e escrever sobre si e sobre a sua sexualidade. Mas, também não será mentira dizer que o sociólogo teme esses outros homens e o que eles possam pensar de si.

As redes de confiança homosocial em que os homens clientes participam ou a relação homosocial de pesquisa são fortemente condicionadas e orientadas pela ideia de que ser homem se trata de uma demonstração – uma performance – dirigida ao reconhecimento por parte dos outros. Pelo que não será de estranhar que quer entre amigos confidentes quer com o sociólogo, a masculinidade se torne para os homens clientes (e para o homem sociólogo) uma defesa para ameaça de se ser humilhado perante outros homens, um resguardo contra o medo de ser considerado um homem menor, incompleto, ou de forma simples o medo de ser considerado ‘maricas’ – medo que domina as definições do que é ser-se homem (Kimmel, 1996 e 2005b).

A gestão desse medo e do anseio de reconhecimento dos outros homens passa, em grande medida, por uma visão da sexualidade enquanto instrumento de competição e afirmação da masculinidade adequada mas também como dimensão da vida a manter protegida dos outros. A socialização masculina fornece os guiões que os homens irão colocar em marcha (Aboim, 2010a). Os guiões sexuais masculinos ensinam os homens que o sexo é um segredo mas que é uma fonte de prazer (Kimmel, 2000). Para os homens e entre os homens, o sexo deve ser escondido deve ser uma operação secreta e privada (Kimmel, 2000). Esta exigência de secretização do sexo, do que realmente se passa nos encontros sexuais, evitando expor as competências ou incompetências perante outros homens, permite que a sexualidade vivida em contexto prostitucional seja facilmente ocultada dos outros. Neste sentido, será apenas mais um conjunto de experiências sexuais que se ocultam ou semi-ocultam. Porque é importante dar a entender que se pertence a uma elite sexual e se é sexualmente competente na conquista de mulheres, mas sem nunca falar demais, falando por implícitos.

Diário de campo

Nas conversas com homens clientes sou confrontado com uma expressão recorrente: “Sabes como é, tu sabes como é... és homem sabes do que estou a falar... não é?!” Eu fico aprisionado na retórica da pergunta. Se digo que sei do que falam sem que eles digam uma única palavra sobre o que pensam ou sentem, posso eventualmente consolidar uma linha de partilha criando comunicações entre mim e eles. Em contrapartida, fico na ignorância sobre o que falam de forma silenciosa. Porque, de facto, temo que não saiba ao que se referem. Se peço para explicarem, admitindo que não faço ideia do que falam, escavo um enorme fosso entre nós. Não sendo um homem como eles causo-lhes desconfiança, volto a estar sob escrutínio.

(...) Em todos estes encontros tenho dado conta de que quer elas quer eu estamos vigilantes com os nossos corpos, com a nossa postura, com a gestão da proximidade dos nossos corpos, com a forma como estamos sentados e como nos olhamos enquanto conversamos (...) A sedução é permanente. Elas querem que eu esteja atento a elas e àquilo que contam e usam o corpo como tecnologia para me manter atraído. Eu uso o meu corpo para mostrar que estou interessado no que dizem.

Os desafios encontrados no terreno e na relação com os homens clientes e com as mulheres acompanhantes são superados através de uma navegação à vista que se vai adaptando aos acontecimentos que vão surgindo no presente etnográfico (dia-a-dia da pesquisa) (Fernandes, 2002a e 2002b; Coelho, 2009a) e que se fundamenta numa postura sensível (Pais, 2003). De forma genérica, isto traduz-se numa visão do trabalho etnográfico, da observação, das descrições e interpretações do diário de campo, das entrevistas biográficas, da análise de documentos pessoais, não só como instrumentos de produção e recolha de informação, mas também como ferramentas de produção de intimidade no seio das relações de pesquisa. Porque, a pesquisa baseada na etnografia e em histórias de vida implica o estabelecimento e a manutenção de relações próximas e íntimas com as pessoas-objectos de estudo. Caso exista alguma desconfiança, hostilidade ou falta de empatia tal relação de pesquisa torna-se impossível de estabelecer (Plummer, 1997). Importa, por isso, clarificar como se estabelece a intimização da relação social de pesquisa neste quadro interaccional prostitucional ou como o investigador passa a confidente de mulheres acompanhantes e homens clientes.

A intensificação da interacção e constituição de uma forma singular de intimidade com clientes e acompanhantes estabelece particulares condições para que o pesquisador possa justificar a sua presença, respondendo à permanente curiosidade, escrutínio quando não desconfiança das pessoas que toma como objecto de estudo (Foote-Whyte, 1993). Isto é, a intimização das relações de pesquisa, a reciprocidade da revelação da vida inerente ao processo de construção de biografias densas (Plummer, 1997) é diferente da imersão total do investigador no terreno. Pelo contrário, será pela intimidade vivida que se torna possível a todo o instante a reafirmação da diferença do investigador em relação às pessoas-objecto de estudo.

Em primeira instância, para o investigador a marcação desta distinção no seio de uma relação de pesquisa marcada pela intimidade e pela produção de histórias de vida revela-se um balão de oxigénio fundamental para evitar a ilusão biográfica (Bourdieu, 2001) e manter a prudência sociológica que obriga o investigador a não se demitir do seu ofício analítico, olhando criticamente aquilo que lhe é dito e as relações de pesquisa em que se vê envolvido.

Em segundo lugar, é particularmente importante para as mulheres acompanhantes, na medida em que o investigador não se confunde ou funde com outros homens que as conhecem por serem acompanhantes. Isto é, o investigador não será um parceiro sexual e o permanente jogo de sedução e erotização da relação de pesquisa é apenas valorizado como quebra-gelo.

Em terceiro, perceber que a intimidade não significa fusão ou simbiose com as pessoas-objecto de estudo e com seus hábitos quotidianos permite problematizar as motivações destes interlocutores: por que é que mulheres acompanhantes e homens clientes estão dispostos a contar a sua

vida e a revelar detalhes íntimos e potencialmente embaraçosos sobre si? Podemos imaginar que seja na tentativa de encontrarem autojustificação para a vida que vivem; poderá ser por exibicionismo; pode ser por que pretendem testar a sua perspectiva pessoal acerca da realidade; desabafar, perceberem no processo de pesquisa uma espécie de processo terapêutico; uma visão confessional; desejo de ajudar a ciência e de contribuir para o conhecimento público da realidade (Plummer, 1997).

As pessoas não esperam nem desejam que o sociólogo seja igual a elas, ou sequer parecido a alguma das pessoas que eles conhecem, elas estão interessadas naquilo que na diferença e na singularidade do investigador (Foote-Whyte, 1993). Porque será a singularidade deste intruso que coloca entre parênteses as condicionantes morais que determinam a ocultação da prostituição à rede de confidentes, isto é, permite desocultar aquilo que se faz sem os medos da acusação e do estigma. Porque, paradoxalmente, será a percepção da existência de desigualdade categorial e de desigualdade existencial (Therborn, 2006) reside a possibilidade dos informantes verem satisfeitas as suas expectativas relativamente à participação na pesquisa, legitimarem as suas posições, as suas visões sobre a prostituição, autenticarem as suas vidas, projectos e existência social ou, simplesmente, a sua sexualidade.

Diário de campo A participação dos homens está, em grande medida, associada a uma visão utilitária daquilo que faço e a uma instrumentalização da minha presença. Eu represento a possibilidade de falar sobre um aspecto secreto da sua vida ouvindo as suas racionalizações e justificações sem emitir juízos morais. Ou seja, eu significo a legitimação do recurso à prostituição. Como se as nossas conversas tornassem mais legítimo a sua prática prostitucional, produzindo uma interpretação científica dos seus actos. Ao limite, sou percebido como instrumento de desestigmatização do que é ser cliente.

Diário de campo Sou instrumentalizado muito para além da transformação em confessorário mudo ou ouvido psicanalítico, elas [acompanhantes] vêm em mim uma forma de elogio, reconhecimento e legitimação da radicalidade com que imaginam viver a vida e do carácter experimentalista e expressivo que oferecem à sua sexualidade. Passo a agente que valida a sua pertença a uma qualquer elite sexual e que certifica o vanguardismo com que pretendem perceber as suas vidas e as suas experiências sexuais comerciais.

Surpreendentemente algumas histórias de vida das acompanhantes são construídas em rede, são biografias em rede (Conde, 1993a e 1994) que resultam da articulação de narrativas autoproduzidas e hétero-produzidas por outros próximos da pessoa-objecto. Tratam-se de biografias montadas a partir do ponto nodal das vidas vinculadas (Elder, 1985) em relações amorosas estabilizadas, em formação ou em dissolução. Ao introduzirem os seus companheiros amorosos na produção vinculada das suas biografias estas mulheres revelam, por um lado, que a relação de pesquisa é produtora de laços de confiança e compreensão mutua entre elas e o investigador. Por outro e ao mesmo tempo, as acompanhantes conferem ao investigador um estatuto que potencialmente interfere e influencia o desenvolvimento das suas vidas amorosas: querem saber a sua opinião sobre o início de uma relação amorosa com um ex-cliente, obtendo respostas às suas incertezas ou a validação das suas opções; desejam que ele valide os mecanismos encontrados pelo casal na gestão de uma relação amorosa; ou procuram no investigador uma almofada de conforto e de desabafo para a turbulência de uma relação amorosa em estado de dissolução.

O investigador pode sentir-se privilegiado por aceder a esta dimensão reservada da vida das acompanhantes. Mas, ao mesmo tempo, confronta-se com outra forma de instrumentalização: passa a conselheiro sentimental e a guardador de segredos entre os membros do casal.

Diário de campo Oiço as acompanhantes, oiço o que eles [namorados, maridos] me contam, sinto-me como um terapeuta do casal. Oiço os dois lados de uma relação amorosa marcada pela actividade prostitucional, oiço a forma como cada um deles gere o amor, o sexo e a existência do sexo comercial. Não aceitar a participação inesperada destas pessoas teria sido desperdício de riqueza informativa, mas ter aceitado revela-se angustiante. Coloquei-me numa posição em que tenho de gerir o que cada um me diz e os segredos que cada um tem em relação ao outro: eles relatam acontecimentos, sentimentos e posições críticas relativamente áquilo que elas fazem que não têm coragem de admitir à sua frente. Elas querem sempre perceber sobre o que nós conversámos e o que eles contaram. Por outro lado, tenho de falar com eles sem lhes revelar aspectos da vida das suas companheiras que elas desejam manter em segredo (...) Serei eu um mediador entre elas e os seus namorados? Sou eu quem as ajuda a gerir o dia-a-dia de uma relação de amor e serem acompanhantes? Eu não quero este papel para mim. Não tenho respostas para as angústias e incertezas que eles têm.

O estabelecimento da reciprocidade na partilha da vida e das suas coisas mais mundanas permite a identificação de gostos e hábitos comuns, como por exemplo: os filmes que se vêem, os livros que se lêem, a música que se ouve, os concertos a que se vai, os sítios onde se gosta de estar com os amigos, o desporto que se pratica, as viagens que se fizeram e as que se gostaria de fazer, o gosto pelo futebol e a preferência clubística, etc. Aparentemente, estes gostos serão insignificantes no contexto desta pesquisa, mas na verdade estabelecem e consolidam afinidades electivas e proximidades sociais que facilitam o entendimento e o estabelecimento de confiança entre pessoas-objecto de estudo e o investigador.

Diário de campo É fantástico como coisas tão simples podem mudar tudo na relação com estes homens. De facto, todos temos em nós um bom treinador de bancada, todos gostamos de comentar a jornada passada e os casos do jogo (...) o Benfica revela-se um enorme quebra-gelo nas conversas. Mais uma vantagem em ser benfiquista.

A reciprocidade na desocultação do passado ou na expressão de sentimentos permite desvendar proximidades onde aparentemente apenas existiam diferenças entre investigador e pessoas-objecto de estudo, permitindo o estabelecimento de compreensão mútua e cumplicidade.

João “(...) as melhores recordações que eu tenho do meu pai é quando ele me levava aos jogos no estádio da Luz, era uma emoção incrível, ir ver o Benfica com o meu pai!”

Diário de campo Quando ouvi o que João disse parecia que me estava a ouvir a mim (...) O desaparecimento dos nossos pais das nossas vidas, para ele pelo corte de relações e para mim por causa da doença e da morte, deixam viva a memória de pequenos acontecimentos carregados de fortes emoções, deixando perceber que para ambos [investigador e homem cliente] os vínculos afectivos se estabelecem magicamente através de coisas tão simples e básicas como irmos ao futebol levados pelas mãos dos nossos pais (...) Não ter tido vergonha de admitir a semelhança da vida e das emoções pode ter sido embaraçoso por breves instantes mas parece ter estabelecido um laço mais profundo entre nós (...) despedimo-nos com um abraço e com a promessa de que iríamos juntos ver o Benfica (...) Nunca chegámos a ir ao futebol (...) a partir daquele dia os nossos encontros passaram a ser marcados pela cumplicidade (...) facilitou a revelação da vida.

A história desta pesquisa cruza-se com outra mais longa de trabalho sobre o tema da prostituição e sobre as prostitutas acompanhantes em particular (Coelho, 2009a) e intersecta-se ainda com aquilo que vai acontecendo na vida do investigador e dos outros que elege como objecto de estudo. Por isso, a intimização da relação de pesquisa é singularmente intensificada em situações de revisitação. Isto é, quando o trabalho significa reatar uma relação iniciada noutra pesquisa e noutro tempo. A revisitação autoriza, por um lado, a actualização da biografia contada no passado. Por outro,

permite a avaliação da relação de pesquisa anterior, dissipando constrangimentos e diminuindo os silêncios e os interditos.

Joana “A vida passa depressa e nós fazemos mais coisas do que damos conta e mudamos muito mais do que imaginados que estamos disponíveis para mudar, não é verdade?! Você lembra-se de como eu era e do que eu dizia... que nunca ia casar, que queria sempre a minha independência, que a última coisa que queria era um trabalho típico, que a última coisa na vida era perder o tempo que tinha para cuidar de mim, para ir ao ginásio e ao spa... lembra-se disso, não lembra? E agora vivo com um homem que adoro, tenho um tablho fantástico e que me preenche... continuo a fazer isto [acompanhante] mas mais espaçadamente (...) E o Bernardo, o Bernardo tem uma filha! Isso é uma mudança brutal na vida, não acha?!”

“Eu sei, eu sei... e agora, olhando para trás sinto imensos remorsos, imensos remorsos e sentimento de culpa por não ter sido completamente honesta consigo da primeira vez. Na altura não quis falar dos meus pais de propósito, escondi de forma evidente isso, não queria falar da morte, da morte não, do suicídio da minha mãe e de tudo o que isso implicou com alguém que não conhecia e que não sabia muito bem o que iria fazer com o que contasse... era demasiado íntimo (...) estrou mais madura, mais segura, já consigo analisar melhor as coisas, com outra ponderação... a ferida continua aberta, mas consigo falar nela (...)”

“É estranho mas agora, passados estes anos todos em que nunca mais nos falámos, parece que ainda ontem estivemos à conversa. Parece que tenho consigo uma enorme cumplicidade (...) Neste momento sinto-me muito à vontade para falar consigo, muito mais do que dos naquela altura.

O processo de pesquisa, a sucessão de encontros, de conversas, de momentos mais formais de produção biográfica, faz do tempo e da relação entre investigador e pessoas-objecto um tempo criador de memórias futuras de uma experiência vivida em conjunto, de um para um.

Na verdade o que temos vindo a entender é que importa encarar a pesquisa como uma forma específica de intimidade, que tendo origem na estratégia metodológica e nos instrumentos de pesquisa utilizados, produz alta interferência na realidade que se pretende descrever e explicar. Não negligenciar o investigador enquanto membro temporário da rede de confiança ou enquanto membro temporário de um quadro de interacção prostitucional, porque ele representa uma figura que coloca acompanhantes e clientes em permanente contacto com o interior e o exterior da prostituição. Porque estabelece vasos comunicantes entre este quadro de interacção e outras dimensões da vida e do mundo social em que estas mulheres e homens participam – exercício reflexivo acerca das importações e exportações importância na constituição deste quadro de interacção

Diário de campo No final da última conversa, depois de ter agradecido a sua colaboração, Ricardo diz-me: “Então agora é a minha vez de te fazer um elogio. Não sei se conheces as etapas dos narcóticos anónimos... bem, mas a quarta etapa diz-nos que temos que ser totalmente sinceros na elaboração de uma lista de todas as nossas virtudes e defeitos morais. Bem, tu ajudaste-me nesta parte, porque me fizeste pensar nesta parte da minha vida [recurso à prostituição e sexualidade] e na forma como ela se liga com o resto da minha vida. Quando a Clara me pediu para falar contigo eu pensei: por que não, faço o favor ao rapaz e pronto. Sem stress. Mas agora, acho que tenho que te agradecer, acho que tu é que me fizeste um favor”. Este balanço que o Francisco fez da nossa relação de pesquisa, das nossas conversas e da forma como elas foram acontecendo, não podia senão deixar-me emocionado. Emocionado, porque a prática sociológica pode de facto ser uma prática sensível: no sentido em que se preocupa com os outros que são nossos objectos de estudo, que vai ao encontro dos outros e das suas vidas sem ser apenas intrusivo e explorador, significa que se pode dar alguma coisa em troca.

Diário de campo Olho para trás e percebo que só a imaturidade e insegurança sociológica e etnográfica (e mesmo imaturidade enquanto pessoa) justificam que numa primeira abordagem ao tema tenha tido tantas reservas em revelar a minha vida e tenha condicionado e vigiado apertadamente a lógica de reciprocidade. Agora, assumo o risco de entender a pesquisa etnográfica e a produção de histórias de vida de acompanhantes e clientes como um processo baseado na consolidação não só de confiança básica mas, sobretudo, de intimidade e reciprocidade (...) Assumi o risco da reciprocidade e poderei ter perdido alguma privacidade ao revelar sentimentos e emoções em determinados acontecimentos da vida, ao ter partilhado percursos, ao ter mostrado a minha família de origem ou ao ter expressado a felicidade e as angústias de ser um país recente. Mas não sei como seria possível conhecer os outros sem me dar a conhecer, como seria expectável que os outros se entregassem a mim sem nada dar em troca. Sei que há instrumentos de pesquisa que higienizam as relações de pesquisa – os questionários ou as entrevistas estruturadas – mas eles não se adequam a uma realidade como a prostituição e a uma população oculta com as acompanhantes e os seus clientes. Podia ter feito da pesquisa uma sucessão de entrevistas biográficas mais ou menos estruturadas, mas a rigidez desses guiões conduziria a mais tensões, dissensões e à consolidação de zonas tabu da vida destas mulheres e homens. Assumi o risco da reciprocidade e da intimidade e ganhei histórias de vida densamente descritas e narradas pelos protagonistas, ganhei potencial explicativo sobre a prostituição, sobre o que é ser acompanhante e cliente. Ganhei porque a complexidade da vida destas pessoas enriqueceu o meu stock de interrogações sociológicas não só sobre a prostituição mas também

sobre aspectos mais vastos do mundo social, porque na relação de um para um se percebe como o social se revela em toda a sua complexidade à escala individual. Ganhei, porque sem ter feito economia de pesquisa, sem ter deixado de fazer perguntas potencialmente incômodas, respeitei as pessoas que tomei por objecto de estudo. Ganhei, sobretudo, porque aprendi e cresci no contacto com estas pessoas.

Quadro 2.5: Definição do quadro de interacção – síntese

	Morfologia de interacção		Organização genérica dos encontros	Condições de exercício da actividade				Protagonistas					
				Indústrias auxiliares	Competências	Autonomia	Independência		Valor dos serviços				
Trabalho sexual directo Performance sexual corpo-a-corpo	Exterior	Rua – pensão	Visibilidade mediata na rua. Acesso imediato do cliente à prostituta.	Visíveis a partir do carro e no espaço público. Preços baixos e actos sexuais básicos. Em Portugal, este tipo de prostituição articula-se com as pensões. Encontros de curta duração.	Industria hoteleira: pensões e residenciais. Outro comércio local que serve de apoio logístico ao dia-a-dia e de garantia de segurança.	Sexuais	Chulo determina ou co-determina necessidades de trabalho	Pagamento de fee a terceiros.	Baixos. A partir dos 25€.	Prostitutas de rua			
		Estrada – carro		Seleção de determinado ponto na estrada. Atendimento no carro do cliente. Encontros de curta duração.	-	Sexuais		Pagamento de fee a terceiros.	Baixos. A partir dos 25€.	Prostitutas de estrada			
	Interior	Bordel	Visibilidade mediada. Acesso mediado à prostituta. Apresentação via anúncios na imprensa e internet	Instalações destinadas apenas para sexo onde trabalham várias mulheres, com rececionista. Encontros prostitucionais em espaço privado. Intimidade é um efeito não esperado do encontro prostitucional.	Senhorios. Empresas tecnológicas e profissionais das tecnologias Web. Fotógrafos	Sexuais	Trabalho por conta de outrem. Supervisão do trabalho sexual por terceiros. Existência da figura do/a rececionista/gestora/proprietário	Trabalho por conta de outrem. Pagamento de fee a terceiros: proprietários e/ou gestores de apartamentos/bordel.	Baixos a moderados. Entre os 25€ e os 60€.	Prostitutas de bordel.			
		Apartamento	Visibilidade mediada. Acesso mediado à prostituta. Apresentação via anúncios na imprensa e internet.	Instalações destinadas apenas para sexo onde trabalham várias mulheres. Existência da figura do/a rececionista, gestor/a ou patrão/patroa. Encontros prostitucionais em espaço privado. Intimidade é um efeito não esperado do encontro prostitucional.	Senhorios. Empresas tecnológicas e profissionais das tecnologias Web. Fotógrafos		Trabalho por conta de outrem. Supervisão do trabalho sexual por terceiros. Existência da figura do/a rececionista/gestora/proprietário	Trabalho por conta de outrem. Pagamento de fee a terceiros: proprietários e/ou gestores de apartamentos/bordel. Sujeição a regras definidas por terceiros.	Moderados. 60€ meia hora 120€/hora	Acompanhantes			
		Apartamento regime de co trabalho	Visibilidade mediada: anúncios na internet.	Apartamentos arrendados para a actividade prostitucional. Ambientes informais. Trabalho individual ou existência de co trabalhadoras. Encontros prostitucionais em espaço privado. Intimidade é um efeito não esperado do encontro prostitucional.	Senhorios. Empresas tecnológicas e profissionais das tecnologias Web. Fotógrafos		Cartelização dos preços entre co trabalhadoras. Organização colectiva do modo de funcionamento do apartamento e divisão das despesas do espaço.	Definição das regras de actuação. Capacidade de selecção de clientes.	Moderados a elevados.	Acompanhantes			
		Deslocações	Visibilidade mediada: anúncios na internet. Algumas mulheres não estão formalmente no mercado do sexo: o cliente surge através de uma rede de contactos.	Residência dos clientes; Hotéis e motéis, Viagens, Jantares, festas e saídas para diversão nocturna Encontros prostitucionais em espaço privado e público. Orientação dos encontros para a produção de intimidade. Orientação dos encontros para a produção de prazer recíproco.	Indústria hoteleira: hotéis e funcionários. Empresas tecnológicas e profissionais das tecnologias Web. Fotógrafos Agências de angariação de clientes.	Sexuais e eróticas Capital físico Capital social e competências de cultivo e celebração de relações sociais.	Inexistência de supervisão de terceiros. Inexistência de supervisão de terceiros. Autoras dos modos de organização do trabalho sexual. Acordos de atendimento individualizados entre a trabalhadora e o cliente	Trabalho por conta própria (trabalhadoras independentes). Independentes. Capacidade de selecção	Elevados. Entre os 250€/hora e os 500€/hora. Valores especiais para serviços extraordinários (fins de semana, viagens, etc). A este valor, acresce o valor do hotel 4 ou 5 estrelas)	Acompanhantes			
		Misto: deslocações + apartamento + hotel									Independentes. Capacidade de selecção. As agências funcionam como instrumento ao seu dispor na captação de clientes adicionais.	Elevados. Entre os 150€/h e os 500€/hora.	Acompanhantes
		Hotel (open day)		Utilização de hotéis de 4 e 5 estrelas como local de atendimento dos clientes. Rotação por diferentes hotéis durante a semana. O valor da diária é pago pela trabalhadora. Encontros prostitucionais em espaço privado.							Independentes. Capacidade de selecção. As agências funcionam como instrumento ao seu dispor na captação de clientes adicionais.	Elevados. Entre os 150€/hora e os 500€/hora. Valores especiais para serviços extraordinários (fins de semana, viagens, etc.).	Acompanhantes
		Alterne		Bares de alterne								Trabalho por conta de outrem.	Baixos a moderados.

Capítulo 3 | CLASSES SOCIAIS E ATRIBUTOS ESTRUTURAIS DE ACOMPANHANTES E CLIENTES

Neste momento o foco analítico centra-se na importância de teorizar as condições, os lugares sociais que determinam vantagens e desvantagens na experimentação da vida social e da construção de formas particulares de conceber e viver esta forma de sexualidade comercial. Particularidades estruturais que tornam a sexualidade comercial num contexto de interação onde se cruzam posições no espaço social da distribuição desigual de recursos e poderes, permitindo, por um lado, evitar a tentação de atribuir propriedades antropomórficas a indivíduos, acontecimentos, relações, imputando qualidades agenciais àquilo que devia ser percebido como distribuições de variáveis, quadros de condições, posições relacionais, a efeitos de mecanismos sociais (Costa, 1999). Por outro, as desigualdades sociais no acesso e experimentação da sexualidade, comercial ou não comercial, deixam de ser tomadas como um padrão normal e inevitável (Taylor, 2011, Jackson, 2011), reificando as vidas e as condições de vida das mulheres prostitutas acompanhantes e dos homens clientes.

3.1 | O carácter mediador e os protagonistas sociais.

Falar de classes sociais é falar de uma equação, nela as classes sociais são a incógnita que se define no resultado das conjugações temporárias e contextuais entre dois termos fundamentais: por um lado, as estruturas sociais objetivadas nos seus efeitos; por outro, os indivíduos e as suas ações. Isto é, olhando de outra forma, as classes são um instrumento conceptual de mediação entre o conjunto das estruturas sociais e um conjunto de práticas socialmente significativas (Almeida, 1981). As classes sociais apresentam-se como uma ferramenta sociológica de análise e avaliação das relações entre estrutura e ação (Costa, 1999), caracterizando estruturalmente os protagonistas das práticas sociais através da articulação entre aquilo que fazem e as condições (temporárias, contextuais, por isso, sujeitas a reprodução ou transformação pela ação dos agentes) em que o fazem (Almeida, 1981 e 1984, Costa, 1999).

Neste sentido, as estruturas sociais devem ser entendidas como o conjunto de propriedades ordenadoras da ação social com o estatuto de realidade apenas reconhecível pelos seus efeitos objetivos (Pires, 1988). Isto é, seguindo um posicionamento realista, as estruturas sociais apenas revelam a sua existência pelas atividades que definem e orientam. Desta forma, não podem ser empiricamente identificadas independentemente dessas atividades. As estruturas serão uma entidade, simultaneamente, irredutível aos seus efeitos mas apenas presente nessas manifestações evidentes (Bhaskar, 1989).

As propriedades que constituem as estruturas sociais manifestam-se constringendo ou potenciando a ação em dois planos distintos: por um lado, ordenando e delimitando as possibilidades de ação a partir do exterior; por outro, ordenando diretamente a ação a partir de uma posição internalizada ou incorporada que sustenta generativamente o desenvolvimento da ação dos indivíduos (Pires, 1988).

Problemas analíticos e incompreensões entre modelos teóricos das classes resultam, em grande medida, da elisão de um dos termos da equação (Almeida, 1981; Costa, 1999) e do confronto entre opções exclusivistas entre os planos em que se manifestam os efeitos das estruturas sociais. As propostas holistas, típicas do pensamento estrutural-funcionalista, ou as concepções estruturalistas limitam duplamente o seu olhar: em primeiro lugar, porque omitem um dos termos da equação, transformando a equação numa identidade; em consequência, concebem as estruturas sociais como entidades externas aos indivíduos mas que a eles se sobrepõem. Desta forma, os efeitos de estruturação são pensados como constringimentos, como limitações do potencial da agência humana, como limitadores da imprevisibilidade e da mudança (Pires, 1988).

O estruturalismo tende a hipertrofiar as condicionantes estruturais e a fazer dos agentes simples avatares das estruturas preexistentes, invariáveis e indiferentes à sua acção. Conhecer a realidade social reduzir-se-ia a uma decifração das estruturas enquanto maquinaria da produção social; um exercício desempenhado a partir dos factores económicos reificados, ou do lugar no processo produtivo como motor único das desigualdades existenciais (Almeida, 1981; Silva, 2009). Neste quadro, são excluídas do conhecimento social as dimensões interaccionais e contextuais, os protagonistas dos processos sociais, os significados que eles dão àquilo que fazem, os mecanismos específicos da sua acção, os campos de alternativa e a ambivalência das situações (Almeida, 1981 e 1984; Silva, 2009). Daqui resultando a incapacidade em perceber o desajustamento analiticamente criado entre a posição objectiva na estrutura de produção e a classe vivida (Silva, 2009).

Não ignorar nenhum dos termos da equação, implica perceber que falar de classes sociais é, simultaneamente, falar de protagonistas dos processos sociais, que, na relação com os outros, vivem, produzem e reproduzem as condições sociais que definem a sua existência (Almeida, 1981; Costa, 1999) É entender que a acção social é constitutiva e reveladora das relações sociais e das estruturas sociais (Bashkar, 1986). Ou de outra forma, é perceber que falar de protagonistas de processos sociais é falar das estruturas que delimitam o espaço em que esses processos ocorrem (Almeida, 1981), porque estas estruturas não se constituem ou transformam por si próprias. Pelo contrário, supõem a acção humana e os seus protagonistas (Costa, 1999; Giddens, 1973 e 1984): práticas sociais realizadas a partir de lugares que os indivíduos ocupam no espaço social estruturado (Almeida, 1981).

Os agentes pensam o que é socialmente pensável e fazem o que é socialmente possível (Almeida, 1981; Costa, 1999). Pensar e agir depende, em grande escala, do conjunto de propriedades sociais que definem e situam os indivíduos em posições distintas, constituídas com desiguais poderes, recursos, oportunidades e disposições (Almeida, 1981).

Partindo do entendimento de que as estruturas sociais apenas se materializam através das práticas sociais e das acções que condicionam (Pires, 1988; Giddens, 1984 e 2000), importa resistir a tentações de amálgama que promovem um estatuto incerto para o conceito de classes sociais.

3.2 | *As times goes by fundamental things apply*

As principais teorias contemporâneas da sociologia das classes sociais definem a análise multidimensional das relações de classe como base das suas propostas (Costa, 1999), pretendendo identificar e articular as constelações de factores que descrevem e qualificam as classes sociais (Almeida, 1981). Mas, simultaneamente, nelas se identifica com clareza o primado do domínio económico. Influência do pensamento de Marx que via a produção da vida material dominando as outras esferas da vida social. *As times goes by*, esta determinação em última instância pelo económico permanece visível em autores tão diversos como Poulantzas, 1975 e 1978; Wright, 1997 e 2015; Bourdieu, Giddens ou mais recentemente em Scott, Atkinson e Sørensen. Mas, tal como no passado mais longínquo dos escritos de Marx, também nas mais contemporâneas propostas das classes sociais a importância atribuída ao económico não significa postular uma qualquer monocausalidade ou determinismo histórico (Almeida, 1981).

A importância atribuída à dimensão económica deriva de um princípio heurístico e de uma proposta de hierarquização dos factores e processos de causalidade estrutural (Almeida, 1981). Desta forma, a realidade social surge como uma totalidade estruturada, mas cujos processos e factores de estruturação assumem desiguais importâncias na determinação ou produção causal dessa organização do mundo social (Almeida, 1981).

A conjugação da importância heurística do domínio económico com a concepção da multidimensionalidade estrutural produz importantes nuances teóricas no campo das classes sociais. De forma breve podemos ordenar as propostas de acordo com a restrição ou amplitude da multidimensionalidade constitutiva das classes sociais. Para alguns a multidimensionalidade é mais restrita: a situação de classe – nas suas diferentes dimensões (económica, política, ideológica) - é entendida como estruturalmente determinada pelas relações de produção (Poulantzas, 1975 e 1978; Costa, 1999, Almeida, 1981 e 1984); ou, os lugares de classe definidos pelas relações de produção entre detentores de recursos em meios de produção, recursos organizacionais e recursos qualificacionais (Wright, 1997 e 2015). Para outros, a concepção multidimensional das classes ultrapassa as fronteiras das relações de produção ou da divisão social do trabalho (Bourdieu, 1979 e 2002).

Estas análises e teorizações no campo das classes sociais tentam ultrapassar a unidimensionalidade²³ daquilo a que Crompton (1998) denominou de abordagem dos agregados ocupacionais ou de emprego - categorização dos indivíduos em classes sociais de acordo com as suas ocupações profissionais (Savage et al, 2005). Apesar das diferenças, os contributos de Bourdieu (1979 e 2002) e Sørensen (2000) concentraram-se na tentativa de compreenderem os mecanismos de produção de desigualdades sociais, activando conceitos como o de bens, capitais e recursos na tentativa de explicar como as desigualdades entre classes sociais são construídas (Savage et al, 2005).

Os conceitos de classe se quiserem ser analiticamente satisfatórios têm de identificar os mecanismos que produzem a pertença de classe, os conflitos de classe ou as suas diferenças de estilos de vida (Sørensen, 2000). Utilizando um conceito alargado de direitos e controlo de propriedade, é proposto um conceito de classe social baseado na riqueza pessoal, isto é, nos bens que as pessoas controlam. Dada a diversidade daquilo que pode constituir a riqueza pessoal dos indivíduos e dos seus modos de constituição e controlo, acabamos por assistir a uma bifurcação do conceito: as classes sociais como condições de vida, baseadas no total da riqueza pessoal dos indivíduos. A classe social como forma de exploração, conceito baseado no controlo dos indivíduos sobre os bens que produzem os seus rendimentos económicos (Sørensen, 2000). A primeira noção parece-nos devedora do pensamento weberiano, e faz-nos lembrar a noção de volume global de capital de Bourdieu (1979). A segunda deriva do pensamento marxista e neo-marxista. Mas, o controlo dos bens produtores de rendimento parece também herdar alguns traços da conceptualização de Bourdieu de estrutura dos capitais e da relação dessa propriedade com os campos sociais específicos.

A teoria do espaço social das classes avançada por Bourdieu trás avanços teóricos e operatórios fundamentais na conceção multidimensional das classes sociais, não só pela identificação de diferentes propriedades e fatores, mas também pela forma como concebe a sua articulação na produção de distinções fundamentais nas condições de existência e ação. Uma classe é definida não só pela sua posição nas relações de produção tal como pode ser identificada através de indicadores como a profissão, pelos rendimentos ou pelo nível de instrução; indicadores que se associam entre si de forma cada vez mais evidente e estruturante nas sociedades contemporâneas (Bourdieu, 1979; Costa et al, 2000 e 2007; Eder, 1993). Mas também por conjunto de características auxiliares que funcionam como princípios de selecção (Bourdieu, 1979). Desta forma, a classe social não é definida unidimensionalmente por meio de uma propriedade, nem tão pouco por uma cadeia de propriedades organizadas a partir de uma propriedade fundamental (a posição nas relações de produção) num nexo de causalidade. A classe social resulta da estrutura e dos sistemas de relações entre todas as

²³ Esta unidimensionalidade é produzida por uma relação, muitas vezes, demasiado automática entre posição nas relações de produção e as classes sociais ou as classes dos agentes. Esta unidimensionalidade ou automatismo conceptual e operatório produz algumas dificuldades de entendimento da forma como as classes sociais são vividas na vida de todos os dias (Silva, 2009). Isto é, produzem-se dificuldades analíticas e explicativas dos lugares contraditórios ocupados pelos indivíduos.

propriedades pertinentes, ou melhor, dos efeitos produzidos pelo conjunto desses fatores (Bourdieu, 1979, 2001 e 2002). É esta noção relacional e multidimensional da constituição das classes sociais que permite a elaboração da teoria do espaço social das classes. Um espaço estruturado pelas relações entre todas as propriedades pertinentes relativas às distribuições desiguais de várias espécies de capitais: económico, cultural e social (Almeida, 1981 e 1984; Costa, 1999). Estamos, portanto, perante uma estrutura social concebida como externa e de tipo relacional e distributivo. Mais, esta geometrização da estrutura social permite também a concepção e visualização de trajectórias de mobilidade social, que podem ocorrer em diferentes sentidos (ascendente, descendente ou estacionário) e são determinadas pelo volume total e pelas características dos capitais detidos ou perdidos pelos indivíduos ao longo da sua biografia.

A relevância atribuída ao capital económico (Bourdieu, 1979 e 2001) na constituição da classe objectiva remete, necessariamente, para a permanência da predominância da dimensão económica na proposta teórica multidimensional de Bourdieu. Os efeitos estruturantes de outros factores não directamente económicos, não deixam de fazer das classes sociais um conceito profundamente económico (Crompton, 2003).

Contudo, o primado heurístico da dimensão económica na definição dos processos de estruturação do social está na base da emergência de discursos de desvalorização das classes sociais na análise sociológica (Crompton, 1998; Skeggs, 1997, McDermott, 2011). Porque, no quadro de transformação paradigmática das sociedades contemporâneas – sociedade de risco (Beck, 1992, 2000, 2007), modernidade líquida (Bauman, 2000 e 2007), modernidade reflexiva (Lash, 2000; Lash e Urry, 1994) - as classes sociais passariam a ser instrumentos de análise e explicação particularmente anacrónicos, tornando-se incapazes de capturar as complexidades do mundo social (Clark e Lipset, 1991; Gorz, 1982; (Lash e Urry, 1994; Crook *et al.*, 1992).

Nas teorias do fim das classes é dada extrema importância aos processos de individualização reflexiva e ao papel estruturante do consumo (Crompton, 1998; Atkinson, 2010), pelo que a tensão com as teorias das classes se dá em dois níveis distintos.

Primeiro, no confronto entre o primado heurístico do económico e o primado culturalista. Desta tensão resulta uma visão que elide a dimensão estrutural em favor da hipertrofia teórica e analítica de uma agencialidade e individualização voluntaristas (Bauman, 1999, 2000 e 2007; Lash, 2000; Pakulski e Waters, 1996). Sendo atribuídas propriedades antropomórficas a acontecimentos sociais e históricos ou a um conjunto de condições ou a posições diferenciais e desiguais, podendo estas propostas ficar enquadradas por aquilo a que Archer (2000) designou de teorias da conflagração ascendente.

Depois, e em consequência do ponto anterior, as relações de produção seriam substituídas pelo consumo. Os principais eixos de diferenciação social deixariam de se encontrar nas relações de produção, para se passarem a situar entre aqueles que são capazes de satisfazer as suas necessidades de consumo (Pakulski e Waters, 1996; Saunders, 1990; Lash, 2000; Lash e Urry, 1994). Ou seja, tomam-

se as formas evidentes das desigualdades (a forma como as estruturas se revelam no estado incorporado pelos indivíduos e se manifestam nas suas vidas vividas quotidianamente) como se fossem mecanismos geradores de novas formas de organização social. De forma breve, tomam-se as características pelas quais a realidade se torna evidente como mecanismos geradores da realidade social²⁴.

Estas concepções têm dois efeitos teóricos inultrapassáveis: primeiro, fornecem as ferramentas teóricas para o afastamento do pensamento feminista da problematização das classes sociais, ficando a teorização das relações sociais de género e as problematizações em torno da sexualidade parcialmente reféns de abordagens culturalistas (Crompton, 2003; Jackson, 1999). Segundo, deixam pouco espaço teórico para a problematização das condições materiais da sexualidade, negligenciando a importância das desigualdades sociais, económicas e políticas na definição e experimentação da sexualidade (Jackson, 1999a, 1999b, 2001 e 2011; McDermott, 2011; Taylor, 2011; Seidman, 2011). Desta forma, a sexualidade é frequentemente situada nos processos de individualização reflexiva radicalizada, processos em que os indivíduos se constroem e reconstroem tendo em consideração as suas escolhas e preferências, num processo de autoconstrução (McDermott, 2010 e 2011).

Por tudo isto, devemos rodear-nos de precauções sociológicas de sentido contrário, reafirmando que a escolha e os processos reflexivos, onde se inscrevem as ações e as interações da sexualidade comercial, devem ser entendidos como um recurso distribuído de forma diferenciada, enquadrando vidas sociais e sexuais numa estrutura social específica (Adkins, 2002; Armstrong, 2010; Skeggs, 2004; Wilson-Kovacs, 2010). Porque, contrariando as teses do fim das classes, os trabalhos de reelaboração conceptual permanente, fundamentado em pesquisa empírica aprofundada, demonstram a pertinência analítica das classes sociais para o entendimento das sociedades contemporâneas fortemente tecnologicadas, baseada nos serviços e nas qualificações e profundamente globalizada (Goldthorpe e Marshall, 1992; Hout et al, 1993; Lee e Turner, 1996; Atkinson, 2010; Sørensen, 2000; Bertaux e Thompson, 1997; Scott, 1996, 2002 e 2007; Costa, 1999, 2012a e 2012b; Costa et al, 2000, 2007; Almeida, 1981; Almeida et al, 1992; Machado et al, 2003) Ao mesmo tempo, as classes sociais não fornecem quadros explicativos holistas, nem os processos de estruturação do mundo social são todos explicáveis através da análise de classes (Costa, et al, 2000; Dubet e Martuccelli, 1998).

Podemos imaginar que a produção e o consumo se separam, e que as atitudes e os modos de vida das pessoas possam a ser organizados segundo outras variáveis para além da posição nas relações de produção, que o trabalho permanecendo uma dimensão fundamental das experiências sociais passa a partilhar a capacidade estruturante do mundo social com outras dimensões da vida (Dubet e

²⁴ Só no âmbito da ilusão criada pela mascarada através da qual a realidade se torna evidente ao olhar é que podemos compreender a proposta de Lash (2000): o acesso às tecnologias de informação, ou aos fluxos financeiros (nomeadamente através do crédito ao consumo e à habitação) e consumos individualizados como factores causais da estruturação social, produzindo vencedores e vencidos nas sociedades de modernidade reflexiva.

Martuccelli, 1998). Da mesma forma, podemos conceber que o processo de individualização coloca o indivíduo no centro do mundo social, tornando a relação entre a estrutura e indivíduo numa fábrica de psicologização, pessoalização dos constrangimentos e dos conflitos sociais (Dubet e Martuccelli, 1998), de conversas internas (Archer, 2003), ou reflexividade (Mead, 1963). Mas, não podemos confundir a forma incorporada e subjectiva das condições objectivas de existência (Bourdieu, 1979, 2001 e 2002; Lahire, 1998, 2004 e 2005) com a natureza social dos sistemas de desigualdades (Casanova, 2004). Isto é, as condições de existência dos indivíduos – e a forma como vivem a sua vida - não estão livres dos constrangimentos produzidos por relações assimétricas de poderes e por distribuições diferenciadas de recursos e oportunidades.

Ainda que as classes não se vislumbrem claramente, escondendo as suas fronteiras à luz de estilos de vida fundados no consumo criativo e recreativo de si (Bauman, 2000, 2005 e 2007; Chaney, Saunders, 1990; Pakulski e Waters, 1996), será igualmente verdade que nas sociedades contemporâneas não deixam de estar presentes as relações estruturais que orientam as distribuições desiguais de recursos, poderes e oportunidades, afectando as condições objectivas de existência, os sistemas de disposições e as práticas sociais. As classes sociais, enquanto materialização de sistemas estruturados de desigualdades e distinções sociais não deixaram de ser elementos constitutivos fundamentais (Costa et al, 2000).

Precisamente porque as localizações de classe estão fortemente vinculadas ao tecido económico das sociedades (Crompton, 1998 e 2003; Eder, 1993; Costa, 1999; Costa et al, 2000 e 2007), as transformações económicas e sociais, independentemente da sua radicalidade, não resultam na perda de capacidade hermenêutica do conceito de classes mas antes na sua actualização (Hout et al, 1993; Lee e Turner, 1996; Atkinson, 2010), determinando novas avaliações conceptuais ou originando, por exemplo, novos retratos das estruturas de classe das sociedades afectadas por tais processos²⁵. As transformações aceleradas do tecido económico globalmente integrado, altamente financiado, baseado em permanentes desenvolvimentos tecnológicos, no crescimento das exigências educacionais e qualificacionais e assente numa lógica de utilização intensiva do conhecimento²⁶, estão longe de significar a perda de relevância das relações de produção (Louçã e Freeman, 2002; Hodgson, 1999; Castells, 1996, 1998 e 2001; Kovaks, 2002, 2005 e 2006; Lyon, 1992). Pelo contrário, transformam-nas, dão-lhe novos contornos e criam novas morfologias para as

²⁵ Exemplo deste segundo tipo de esforços será o trabalho de Costa e al (2000) sobre a estrutura de classes na Europa (União Europeia). Trabalho que coloca em evidência a forma como transformações de carácter global e local (nacional) afectam a constituição da estrutura de classes na União Europeia.

²⁶ As teorias pós-modernas que advogam o anacronismo do conceito de classes sociais ou aquelas que afirmam o fim das classes, inscrevem-se também numa visão tecno-optimista (Kovaks, 2006). Aliás será esse optimismo que permite imaginar a perda de centralidade do trabalho, pois numa sociedade tecnológica e pós-industrial generaliza-se o trabalho inteligente, o trabalho torna-se imaterial, mais complexo, exigindo conhecimentos de nível mais elevado, autonomia, iniciativa, responsabilidade, criatividade, capacidade de aprendizagem contínua, autocontrolo, investimento subjectivo e a mobilização da inteligência.

desigualdades²⁷. Em grande medida, as desigualdades associadas a categorias socioprofissionais em conjugação com as formações escolares não só não desapareceram da paisagem social como intensificam os efeitos na vida das pessoas e na organização das sociedades, acentuando clivagens sociais (Atkinson, 2010; Costa et al, 2000 e 2007; Reich, 1993; Bourdieu, 1979; Rifkin, 1995). *As times goes by fundamental things apply.*

3.3 | Protagonistas e indicadores base de classe social

Para procedermos a uma caracterização estrutural dos protagonistas, torna-se incontornável a necessidade de especificar os conteúdos substantivos que configuram o espaço relacional e distributivamente estruturado das condições de existência. Neste sentido, temos vindo a perceber como é heurísticamente fundamental a dimensão económica da estruturação social. Na exacta medida em que os efeitos do campo económico se estendem a outros domínios da vida social, definindo clivagens de competências profissionais (Eder, 1993), escolares (Bourdieu, 2004; Bourdieu e Passeron, 1970; Vieira, 2003), culturais (Bourdieu, 1979, 2001, 2002 e 2004; Costa, 1999), mas também das referências simbólicas globais das práticas (Bourdieu, 1979 e 2002); em termos de poder e autoridade (de direcção, de controlo – Wright, 1997 e 2015; Giddens, 1973 - de autonomia das tarefas, mas também de dominação/subordinação política – Poulantzas, 1975); em termos dos géneros/modos/estilos de vida (Pais, 1990 e 1996), das relações do prestígio, da respeitabilidade, do gosto, dos tipos de consumo (Bourdieu, 1979).

As relações de produção e a divisão social do trabalho constituem uma matriz de complexos efeitos no conjunto do espaço social. É, precisamente, por isso que o indicador socioprofissional pode funcionar com eficácia na pesquisa (Almeida, 1981). A importância persistente e o carácter nuclear dos indicadores socioprofissionais (Costa, 1999; Crompton, 1998; Eder, 1993) reside na sua capacidade de leitura e entendimento dos contornos da composição social, os seus traços mais marcantes e as suas diferenciações mais significativas (Costa, 1999). Isto acontece porque permitem combinar diversas dimensões essenciais de estruturação das relações sociais de classe contemporâneas (Costa et al, 2000): em primeiro lugar, através destes indicadores temos acesso ao espaço de intersecção através da qual os processos sociais são traduzidos para características individuais/grupo doméstico, um lugar de confluência que é cada vez mais significado pelo papel ocupacional nas

²⁷ Neste sentido são particularmente interessantes as ideias de Jeremy Rifkin (1995): Na economia *high-tech* o único sector em expansão seria o do conhecimento. Contudo, o conhecimento não se distribui igualmente pelos indivíduos, nem essa distribuição tem uma base meritocrática-funcional como defendiam as teses funcionalistas. Esta nova economia *hightech* garante emprego apenas para uma elite cosmopolita. Neste sentido, produzem-se clivagens acentuadas entre, por um lado, uma elite qualificada detentora de competências-chave exigidas pelo trabalho *high-tech* com acesso ao emprego bem pago, estável e garantido. E, por outro, uma massa de trabalhadores sujeita ao trabalho incerto, mal pago e socialmente degradado.

sociedades avançadas (Eder, 1993). Em segundo, a construção das classes sociais baseada nestes indicadores leva em consideração a relevância crescente das qualificações formais e os seus efeitos nas possibilidades e distribuição do trabalho, rendimento, prestígio, privilégio, autoridade e poder, pelos indivíduos (Eder, 1993; Costa, 1999; Costa et al, 2000).

Estas preocupações teórico-operacionais são vertidas na forma como se concebem estes indicadores socioprofissionais de classe, bem como na tipologia classificatória que sustentam e operacionalizam. A este respeito, importa referir que seguimos a tipologia classificatória do modelo de classes ACM (Almeida Costa Machado). Neste sentido, o indicador socioprofissional utilizado assume um carácter compósito integrando duas variáveis principais: a profissão e a situação na profissão. Desta forma, a tipologia classificatória resulta de uma matriz que cruza as linhas das profissões com as colunas das diferentes situações na profissão, a cada uma das células corresponde um lugar tipológico, identificando uma classe objectiva [ver matriz].

O indicador *situação na profissão* operacionaliza o conceito de localização nas relações sociais de produção, na medida em que se define em termos gerais em relação à posse e controlo dos meios de produção. Num primeiro instante, a compartimentação da sociedade em classes corresponde às três situações na profissão básicas: (i) empregadores; (ii) trabalhadores por conta própria; (iii) trabalhadores por conta de outrem. Seguindo a tradição marxista, a primeira das situações define-se pela posse de capital, recurso fundamental para a possibilidade da acção criadora de sociedade (Giddens, 1984 e 2000). O que distingue as situações de trabalho por conta de outrem (independentemente do tipo de contrato de trabalho) e o trabalhador por conta própria é a possibilidade na primeira situação da existência de um controlo permanente por parte do empregador ou da estrutura organizacional da entidade empregadora dos processos e dos padrões de trabalho (Hodgson, 1999).

As diferentes situações na profissão dão conta de clivagens importantes na estruturação das relações sociais. São, por si próprias, reveladoras de homogeneidades e heterogeneidades quanto à localização no espaço social: semelhanças e diferenças influentes nas distribuições de recursos e no desenvolvimento de estratégias sociais e individuais, bem como nas dinâmicas das trajectórias de vida. Contudo, não podemos aceitar como suficiente a segmentação da sociedade em classes que se limitam a fazer corresponder lugares no espaço social às três situações básicas na profissão (Costa, 1999; Eder, 1993). Estas situações na profissão não conseguem dar conta de forma abrangente alguns dos mais importantes eixos de estruturação das sociedades contemporâneas (Costa, 1999), mesmo que limitássemos a análise da estruturação ao domínio económico ou àquilo que Crompton (1998) denominou de agregados de emprego ou ocupacionais.

Em regime de complementaridade ao indicador *situação na profissão*, torna-se fundamental activar o indicador *profissão*. Um indicador construído utilizando sistemas de classificação profissional internacionais que se desdobram em sistemas de classificações profissionais nacionais. Neste sentido, utiliza-se a Classificação Portuguesa das Profissões de 2010 (CPP/2010), que deriva da

classificação internacional (ISCO 2008)²⁸. As competências qualificacionais são parte integrante das metodologias que constituem estes sistemas de classificação das profissões (ISCO 2008 e CPP 2010), determinando a formação de distintos grupos profissionais. Desta forma, este segundo indicador remete para dimensões conceptuais que estão no centro do debate das classes sociais: recursos qualificacionais, autoridades organizacionais e *status* profissionais (Costa, 1999). Temas que, como já vimos, se encontram na órbita da resolução do desafio teórico da conjugação do carácter multidimensional das classes sociais com a importância/prioridade analítica da dimensão económica. Desafio que tem origem na importância atribuída por Weber às qualificações profissionais enquanto formas específicas de recursos valorizáveis de forma distinta, prolongando-se até à contemporaneidade da produção teórica, entre outros, de Poulantzas e Wright ou ainda de Giddens e Bourdieu.

Aproveitando as virtualidades de um processo de pesquisa sedado na conjugação de uma estratégia etnográfica com o método biográfico, conseguimos num trabalho de junção de retalhos narrativos mais ou menos dispersos complementar as informações dos indicadores primários *situação na profissão* e *profissão* com descrições acerca da condição perante o trabalho, da qualificação profissional, da posição hierárquica, das relações laborais²⁹, das exigências e domínios de conhecimento implícitos e sobre o sector de actividade e também das suas trajectórias. No caso das mulheres prostitutas acompanhantes e dos homens clientes, mais importante do que a condição perante o trabalho (onde se percebe grande homogeneidade: todos os protagonistas exerciam uma profissão no momento da pesquisa, independentemente do percurso profissional, do tipo de inserção no mercado de trabalho, da natureza da actividade e do tipo de vínculo), o que se revela sociologicamente significativo é a identificação dos sectores de actividade e, sobretudo, os domínios de conhecimento que estes homens e estas mulheres são obrigados a activar em resposta às exigências das suas actividades profissionais.

Assim, olhar para a distribuição das mulheres prostitutas e dos homens clientes pelos grandes grupos de profissões implica simultaneamente ver o horizonte dos domínios qualificacionais e de conhecimento em que se movem. Porque, ter uma ocupação significa ter competências instrumentais e cognitivas (DiMaggio e Mohr, 1985; Bourdieu, 1979). Este olhar síntese justifica dois tipos de considerações, uma de carácter conceptual e outra de natureza descritiva.

²⁸ A Classificação Portuguesa das Profissões 2010 (CPP 2010) segue a recomendação da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para a adopção da Classificação Internacional Tipo de Profissões de 2008 (ISCO/CITP 2008), bem como a recomendação da Comissão Europeia considerando tal classificação internacional um fundamental instrumento para a produção de estatísticas comparáveis. Importa ainda referir que a CPP 2010 passou a ter efeitos desde 1 de Janeiro de 2011 em substituição da anterior CNP de 1994.

²⁹ As relações laborais que para o esquema teórico e conceptual proposto por Goldthorpe desempenham um papel central, distinguindo a classe dos serviços (relações laborais complexas e baseadas na ideia de prestação de serviços entre empregado e empregador) da classe trabalhadora (definida por relações laborais centradas na execução e controlo de tarefas específicas), surgem aqui como informação complementar.

A primeira, de ordem conceptual, trata-se do esclarecimento dos implícitos teóricos e conceptuais da opção por uma análise de classes no quadro da produção sociológica sobre a prostituição. Activar o conceito de classe social, tal como ele é concebido pelos principais e mais contemporâneos modelos (Goldthorpe, Wright ou ACM), significa perceber a prostituição como uma profissão. Tal reconhecimento não se cinge a um acto mecânico ou um procedimento operatório de atribuição de uma determinada categoria profissional à actividade desempenhada pelas acompanhantes como meio para a definição da sua classe social objectiva. Pelo contrário, enreda-se em vínculos e rupturas particulares no plano das teorias sobre a prostituição. Por um lado, determina a ruptura com as teses que recusam o estatuto de profissão à prostituição e o de trabalhadoras às mulheres prostitutas. Formulações que, tendo tanto de ideológico como de teórico, associam a prostituição à violência, condicionando as mulheres prostitutas ao estatuto de vítimas. Um caminho alternativo é aqui percorrido, entendendo-se a actividade prostitucional como uma forma de trabalho (sexual), como uma profissão³⁰. Tal posição significa o reconhecimento de uma cidadania plena a estas mulheres, inscrevendo aquilo que fazem na crescente e diversa indústria dos serviços, ao mesmo tempo que coloca a prostituição num movimento de recentramento simbólico: das margens e de uma actividade estigmatizada para a centralidade de uma ocupação com lugar nas estruturas ocupacionais legitimadas. Um recentramento da actividade prostitucional e dos seu protagonistas que acompanha processos culturais mais extensos e profundos que dão conta da crescente sexualização da cultura nas sociedades contemporâneas (Attwood, 2006 e 2009). Por outro lado, a ruptura a que nos referimos não deve ser entendida como a adesão a ideias, mais ou menos romantizadas, de que entrada na prostituição é opção livre de constrangimentos, ou a outras de que prostituição será equivalente a uma emancipação imediata (Agustín, 2002, 2005a e 2006), produzindo uma forma alternativa de essencialismo que se opõe àquele determinado pelas visões estritamente vitimizantes (Weitzer, 2000a, 2007 e 2010). Pelo contrário, a activação da análise de classes na compreensão sociológica da prostituição, das prostitutas acompanhantes e dos homens clientes, implica avaliar as assimetrias, clivagens e desigualdades, bem como as homogeneidades e as igualdades, que se inscrevem nestes encontros prostitucionais e que lhes dão significado social.

A segunda consideração, de natureza descritiva, resulta da forma como clientes e acompanhantes respondem às exigências de uma economia e de um sistema produtivo baseado no conhecimento e na utilização intensiva dessas competências periciais, técnicas, tecnológicas e científicas.

A maioria dos protagonistas, mais homens clientes do que mulheres prostitutas acompanhantes, situam-se no grupo dos *especialistas das actividades intelectuais e científicas*. Se para

³⁰ Do ponto de vista operatório, nomeadamente para a tradução da actividade prostitucional das acompanhantes no indicador primário *profissão*, este tipo de prostituição foi codificado como integrante do grande grupo profissões (5) trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores: *Outros trabalhadores dos serviços pessoais, não especificados* (CPP 2010).

o caso dos homens clientes tal distribuição não corresponde a uma total surpresa, no caso das mulheres acompanhantes o carácter imprevisto deriva do facto de tal posicionamento apenas ser possível porque a atividade prostitucional é desenvolvida em regime de não exclusividade profissional. Estas mulheres desenvolvem, a par da prostituição, carreiras profissionais – as suas profissões principais - em sectores de actividade exigentes do ponto de vista dos conhecimentos e das qualificações, e que fornecem elevados níveis de reconhecimento social e de remuneração. Dentro deste grupo destacam-se algumas profissões desempenhadas tanto por homens clientes como por mulheres prostitutas acompanhantes. Este é o caso de profissões relacionadas com as chamadas indústrias criativas, profissões baseadas na detenção de conhecimentos e competências de tipo conceptual (Vitória e André são ambos arquitectos e sócios de ateliers de arquitectura). É também o caso de profissões, progressivamente centrais no âmbito das sociedades contemporâneas e na organização do sistema produtivo, os especialistas em novas tecnologias de informação e comunicação, que respondem a exigências de conhecimentos do domínio tecnológico. Finalmente, a posse de conhecimentos e competências técnicas do domínio jurídico é comum para acompanhantes e clientes (Nicole, Jorge) que são advogados. Ainda no interior deste grupo de profissões, revelam-se assimetrias entre homens e mulheres, configurando situações de segregação horizontal no mundo do trabalho.

Verifica-se que entre homens clientes e mulheres acompanhantes a tempo parcial uma forma de segregação horizontal do mundo do trabalho. O mundo financeiro, globalmente masculinizado (Connell, 1995; Connell e Messerschmidt, 2005), revela-se nesta escala de análise e neste objecto substantivo também um exclusivo dos homens. Em contraponto, as profissões relacionadas com imagem e representação (relações públicas e marketing), que conjugam exigências qualificacionais específicas, capacidades comunicacionais, trabalho emocional (Hochschild, 1983 e 2003; Casaca, 2012) e requisitos físicos e corporais a que podemos chamar capital físico (beleza, elegância, saber estar e falar), trabalhos que produzem uma particular relação emocional com o cliente, são ocupadas por mulheres que dividem os seus tempos de trabalho entre estas actividades profissionais visíveis e a actividade prostitucional secretizada.

Os três únicos homens que não se situam neste grande grupo de profissões, apresentam casos em tudo dissemelhantes. Um desempenha funções de gestor executivo numa empresa de média dimensão de que é proprietário (Vítor). Outro detém qualificações técnicas especializadas e desempenha uma profissão de considerável prestígio social e de elevada remuneração (comandante da aviação comercial): Zé Pedro situa-se no grupo dos *técnicos e profissões de nível intermédio*. Finalmente, Hélder exerce uma profissão essencialmente burocrática e de exigências qualificacionais limitadas, ficando localizado no grupo do *pessoal administrativo*.

Indiciando desigualdades e assimetrias de género quanto à segurança, estabilidade, remuneração e prestígio na integração no mercado de trabalho³¹, percebemos que, ao contrário das mulheres acompanhantes, os homens clientes exercem apenas uma profissão. A maioria das acompanhantes assume estratégias plurais de integração no mundo do trabalho, isto é, a actividade de acompanhante é exercida a tempo parcial e como uma forma de complemento a uma actividade principal de natureza completamente distinta. Para permitir que esta informação respirasse óptimos por localizar estas mulheres de acordo com as suas diferentes actividades, desta forma, surgem com localizações em duplicado: Uma que deriva da actividade prostitucional enquanto acompanhantes em tempo parcial, determinando a pertença ao grupo dos *trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores*; outra que resulta da sua distribuição pelos diversos grupos profissionais de acordo com as suas actividades profissionais principais.

Para algumas mulheres acompanhantes, a pluralidade profissional surge, pelo menos em parte, como possibilidade de complemento remuneratório de actividades profissionais principais de baixos salários, de pouco reconhecimento e prestígio, e de natureza pouco qualificada ou indiferenciada. Esta é a situação protagonizada por Catarina e Isabel que para além de trabalharem como acompanhantes por conta de outrem, exercem as profissões de auxiliar administrativa e de empregada de balcão/mesa numa pastelaria/restaurante, respectivamente. Para outras (Victória, Lara, Bárbara, Joana e Nicole), a importância económica da actividade prostitucional não será um motivo tão evidente para a acumulação de actividades profissionais distintas, na medida em que os seus patrimónios qualificacionais formais permitem integrações prestigiosas e bem remuneradas no mercado de trabalho convencional. Estas mulheres constroem um quadro de competências de enorme abrangência, fazendo coexistir qualificações e conhecimentos de natureza distinta. Por um lado, aqueles que derivam dos percursos formativos e escolares formais (conhecimentos técnicos especializados e científicos). Por outro, conhecimentos e competências que são adquiridos e/ou reforçados de forma prática no exercício da actividade prostitucional (capacidades emocionais e sexuais) (Bernstein, 2007a). Finalmente, Clara apresenta-se como um caso singular de acumulação profissional. Para ela, a pluriactividade surge no interior das fronteiras da indústria do sexo como forma de reconversão de uma longa carreira prostitucional. O seu dia-a-dia profissional é mais preenchido com a versão de empresária, proprietária e gestora de um apartamento/bordel de pequenas dimensões do que com a actividade efetiva de acompanhante. As suas competências de gestão (logística e de recursos humanos) são informais e foram conquistadas ao longo da carreira prostitucional, aprendendo pela prática e pela observação.

³¹ Situação que se apresenta em linha com resultados de outras pesquisas. Por exemplo, importa referir que, quer em Portugal, quer na Europa, as mulheres em diferentes idades e fases da vida, enfrentam mais dificuldades no mercado de trabalho do que os homens: estão mais frequentemente sujeitas a formas de contratação precária; têm salários mais baixos; estão mais comumente em situação de trabalho a tempo parcial de forma não desejada (Torres et al, 2018). Para mais sobre este tema ver: (Ferreira, 2010 e 2014; Ferreira e Monteiro, 2015; Casaca, 2012)

As mulheres acompanhantes que exercem a atividade prostitucional a tempo inteiro situam-se unicamente no grande grupo dos *trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores*. Independentemente das qualificações formais mais ou menos elevadas que possam ter, a sua atividade profissional prostitucional exige essencialmente a ativação de recursos qualificacionais do domínio emocional, convival e sexual (Bernstein, 2007a e 2007b; Sanders, 2005a; Coelho, 2009a). A distribuição dos protagonistas deste tipo de prostituição por este grupo profissional afigura-se particularmente desigual, sendo apenas ocupado pelas mulheres prostitutas acompanhantes.

A análise sumária ao indicador profissão permite perceber que não devemos entender o trabalho como uma mera distribuição social entre homens e mulheres (Connell, 1987). Pelo contrário, revela-nos que o mundo do trabalho é estruturado pelas relações sociais de género: na integração no mercado de trabalho, as competências técnicas e científicas formais adquiridas ao longo do percurso escolar revelam-se factores suficientes para os homens (clientes). Contudo, no caso das mulheres (acompanhantes) as competências formais não se revelam suficientes para garantirem uma posição confortável no mercado de trabalho convencional.

Independentemente das mulheres exercerem a atividade prostitucional como acompanhantes a tempo parcial ou integral, verifica-se que elas se vêem na contingência de associar competências formais a outras de carácter emocional (tal como na indústria dos serviços como forma estabelecer vínculos com o cliente) e sexual (Ehrenreich e Hochschild, 2002; Hochschild, 1983 e 2003; Sanders, 2005a e 2005b e 2008). O género, enquanto estrutura mental, matriz ideológica, ou como prefere Elias (1990), estrutura psíquica produto da internalização dos grandes movimentos civilizadores, condiciona e formata o universo económico-profissional (Connell, 1987 e 2002). Ao mesmo tempo, fornece-lhe um desenho inigualitário que tende a transpor para o universo público da esfera do trabalho pago as características naturalizadas das competências laborais domésticas das mulheres (Connell, 1987 e 2002).

Quadro 3.1: Situação na profissão por grupos profissionais

Grandes grupos profissionais (CPP 2010)	Situação na profissão		
	Empregadores	Trabalhadores por conta própria	Trabalhadores por conta de outrem
0 Profissões das Forças Armadas	-	-	-
1 Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, directores e gestores executivos	EDL	EDL	EDL
2 Especialistas das actividades intelectuais e científicas	EDL	EDL	PTE
3 Técnicos e profissões de nível intermédio	EDL	EDL	PTE
4 Pessoal administrativo	EDL	TI	EE
5 Trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores	EDL	TI	EE
6 Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	EDL	AI	AA
7 Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	EDL	TI	O
8 Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	EDL	TI	O
9 Trabalhadores não qualificados	EDL	TI/AI	EE/AA/ O

Na análise sincrónica destacamos duas etapas de acesso aos perfis de classe dos homens clientes das mulheres acompanhantes. Um primeiro acesso a estes perfis de classe é conseguido pela ativação do indicador socioprofissional assumindo o indivíduo como unidade de análise das classes sociais. O indicador socioprofissional individual funciona como porteiro para a identificação dos atributos estruturais dos protagonistas (clientes e acompanhantes), bem como para a avaliação do volume e da estrutura dos seus capitais individuais. Um segundo acesso constitui-se tendo o grupo doméstico como unidade de análise. O indicador socioprofissional do grupo doméstico será o nosso guia, permitindo aceder não só às características estruturais do grupo doméstico, mas também fazer a articulação entre os atributos estruturais individuais e os do grupo doméstico.

Quadro 3.2: Mapa de perfis de classe das acompanhantes e clientes

Unidade de análise	Indicador de classe	Dinâmica Sincrónica	Dacrónica
Individual	Indicador socioprofissional individual	Identificação dos atributos estruturais individuais	Trajectória social (continua)
		Volume e estrutura dos capitais individuais	Varição (em contínuo) do volume e estrutura dos capitais individuais
Grupo doméstico	Indicador socioprofissional grupo doméstico	Identificação dos atributos estruturais do grupo doméstico	Identificação dos atributos estruturais do grupo doméstico de origem
		Articulação dos atributos estruturais individuais e do grupo doméstico	Varição (descritizada) do volume e estrutura do capital cultural objectivado
			Trajectória social (discreta)

Em termos globais, olhando para o conjunto dos homens clientes e das mulheres acompanhantes, percebemos uma composição social em estilo inclinado determinado pela coexistência do peso significativo das categorias melhor posicionadas na estrutura social e pelo quase total apagamento de categorias assalariadas de base como os empregados executantes³² ou o desaparecimento completo de representantes do operariado industrial. Reforçando aquilo que era já apontado pela análise isolada do indicador primário *profissão*, torna-se mais claro o peso das categorias EDL (empresários, dirigentes e profissionais liberais), a que corresponde genericamente a classe dominante, situada no topo da distribuição dos recursos, poderes e status; e dos profissionais técnicos e de enquadramento (PTE), de forma genérica as novas classes médias (Bourdieu, 1979).

Contudo, importa ter a noção que o contributo de clientes e acompanhantes para esta composição é dissemelhante. Os homens clientes estão mais representados nas duas categorias de topo do que as mulheres prostitutas acompanhantes. Por isso, será sobretudo a eles que se deve este

³² No quadro das grandes tendências globais e transnacionais da União Europeia assiste-se, por um lado, ao crescimento de profissionais de níveis intermédios e elevados; por outro, a perda de influência nas estruturas sociais dos empregados executantes (Costa et al, 2000). Este processo de desvalorização dos segmentos das actividades assalariadas de base, inscreve-se em dinâmicas da globalização, deslocalização industrial, investimento acentuado na formação e escolarização e centramento das sociedades ocidentais de economia assente em processos produtivos dependentes das tecnologias e do conhecimento e numa indústria dos serviços hipertrofiada (Costa et al, 2000).

desequilíbrio na configuração³³. Aquilo que constitui a surpresa sociológica não é tanto a existência desta assimetria entre homens clientes e mulheres acompanhantes, porque ao limite ser cliente deste tipo de prostituição implica uma enorme disponibilidade de recursos, sobretudo económicos, indiciadora deste tipo de localização social. Mas, a surpresa reside no facto desta assimetria ser fortemente nuanciada pelo forte contingente de mulheres prostitutas acompanhantes que acompanham os homens clientes nas mesmas posições na estrutura social, estando *grosso modo* expostas aos mesmos princípios de distribuição de recursos, poderes e status.

Entre os clientes predominam os *profissionais técnicos e de enquadramento* (PTE), isto é, trabalhadores por conta de outrem (assalariados) com qualificações profissionais de níveis médio e superior e/ou com lugares de autoridade organizacional. Esta categoria corresponde àquilo que outros denominaram de novas classes médias (Bourdieu, 1979), ou de classe criativa enquanto configuração social específica da modernidade avançada baseada num capitalismo tecnológico em constante desenvolvimento (Florida, 2002).

Ainda que nesta categoria (PTE) esteja apenas representada uma minoria das mulheres acompanhantes, elas não são de todo negligenciáveis. Pois, nelas se cristalizam questões centrais na teorização sociológica em torno da prostituição e das mulheres prostitutas. Em primeiro lugar, esta proximidade social entre clientes e acompanhantes obriga a repensar as teses abolicionistas da prostituição. Porque, ocupando a mesma posição na estrutura de distribuição de recursos e poderes, clientes e prostitutas (acompanhantes) dificilmente se adequam a grelhas de leitura que percebem a prostituição como forma última de opressão, exploração e dominação das mulheres, fazendo delas mulheres prostituídas (Jeffreys, 1997 e 2008; O'Connell Davidson, 1998 e 2002). De outra forma, esta localização das acompanhantes no espaço social questionam teorizações que implicam a exclusão das prostitutas da contemporaneidade das mulheres-indivíduo (Torres, 2001), remetendo-as para o estatuto de mulheres-vítimas desprovidas de agencialidade. Em segundo, a partilha da mesma posição na estrutura social poderá ter como consequência a emergência de processos de reconfiguração dos encontros sexuais comerciais, quer ao nível dos guiões sexuais interaccionalmente geridos (Simon e Gagnon, 1986 e 1999) e das implícitas relações de poder que se jogam nos encontros sexuais (Bozon, 1999 e 2004; Bernstein, 2007a; Sanders, 2005a e 2005b), quer ao nível dos seus significados, determinando a reelaboração prática de morais sexuais e dos padrões sexuais adequados a homens e mulheres (Bernstein, 2007a e 2007b; Coelho, 2009a; Oliveira e Coelho, 2010; Corbin, 1978). Por último, alerta-nos para o perigo das análises homogeneizantes da prostituição e das prostitutas, mostrando que as mulheres prostitutas acompanhantes não serão todas iguais porque os seus atributos estruturais podem ser profundamente dissemelhantes (Coelho, 2009a).

³³ No total de 12 clientes, apenas Hélder não pertence a nenhuma destas duas classes sociais; é empregado executante. No total de 14 acompanhantes, 6 situam-se nestas duas categorias de classe: 4 PTE e 2 EDL.

A presença de homens clientes e de mulheres acompanhantes na classe dos *empresários, dirigentes e profissionais liberais* (EDL) não deve ser menosprezada. Em primeiro lugar, porque apesar da tendência das classes dominantes serem minoritárias na estrutura social (Costa et al, 2000; Costa et al, 2007; Almeida, 2013), a sua capacidade de influenciar os processos sociais é, em regra, desproporcionalmente superior à dimensão dos seus efetivos (Costa, 1999). Facto que possibilita a abertura de uma importante pista de pesquisa, tentando avaliar de que forma a pertença a esta categoria social determina capacidades particulares de construção, formatação e significação da realidade prostitucional e dos encontros sexuais pagos (Bernstein, 2007a e 2007b; Corbin, 1978; Gérard, 1990). Em segundo lugar, porque aqui se posiciona uma mulher acompanhante que se transforma em empresária do sexo, permite aproximar-nos dos processos de constituição e estruturação deste sector económico subterrâneo, deixando antever como se organiza a atividade e como surge e se organiza o seu empresariado. Ao mesmo tempo, significa que estamos a olhar para um tipo específico de estratégia de reconversão profissional no seio da atividade prostitucional (Coelho, 2009a).

Entre aqueles que se situam nesta classe social pela posse de propriedade de empreendimentos económicos, ou de outra forma, pela posse de capital, importa destacar situações díspares: ser um grande ou médio empresário (grande ou médio patrão) ou microempresário (pequeno patrão) significa, necessariamente, coisas bem distintas do ponto de vista da distribuição dos recursos económicos, de poderes, de autoridade ou na capacidade de influenciar processos sociais. Vitor será quem mais se aproxima da imagem do empresário capitalista ou do representante da burguesia tradicional: filho de empresário, empresário se torna, fazendo crescer o património herdado. Neste momento é proprietário de uma empresa de média dimensão³⁴ que atua de forma tentacular nos sectores da hotelaria, turismo e construção civil. André e Vitória representaram aqui uma fração dominada da classe dominante, ou seja, detêm capital em microempresas³⁵. Organizações de muito pequena dimensão, que empregando pessoal altamente qualificado (através de vínculos laborais precários e flexíveis), se definem por uma estrutura organizacional leve em que muitas vezes se confundem planos verticais e horizontais de autoridade e poder: proprietários e funcionários assumem funções parcialmente sobrepostas. Ou de outra forma, a propriedade de capital confunde-se, parcialmente, com uma solução de autoemprego. Finalmente, Clara pelo percurso no universo da prostituição e como estratégia de reconversão gradual vê-se na situação de proprietária de uma microempresa da indústria do sexo: um bordel/apartamento. Contudo, a natureza da atividade e do produto do seu empreendimento empresarial, impossibilita-o de funcionar fora da economia paralela ou subterrânea. Daqui resulta o enfraquecimento de

³⁴ Segue-se a definição oficial para média empresa (IAPMEI): mais de 49 e menos de 250 trabalhadores, um volume de negócios menor ou igual a 50 milhões de Euros e um balanço menor ou igual a 43 milhões de Euros.

³⁵ Segue-se a definição de microempresa indicada sucessivamente pela Comissão Europeia: microempresa corresponde a um empreendimento económico com menos de 10 trabalhadores, com um volume de negócios inferior a dois milhões de Euros e com um balanço também inferior a dois milhões de Euros.

características fundamentais dos elementos desta classe social, o status profissional e a capacidade de influenciar processos sociais. Ou de outra forma, status e capacidade de produção do real ficam limitados pelas fronteiras do universo prostitucional e pelas paredes do bordel de que é proprietária.

Ainda no interior desta categoria de topo situam-se aqueles que exercem, em regime liberal, profissões autorreguladas associadas a rendimentos e status elevados. Este é o caso de Ricardo que é terapeuta e o de Miguel que é autor de livros técnico-científicos e investigador freelancer.

Uma pequena mas analiticamente relevante minoria das mulheres acompanhantes ocupa posições de destaque na estrutura social, estando situadas em pontos privilegiados da distribuição de recursos, poderes e oportunidades. A maioria das acompanhantes, ainda que afastada daquelas posições, contraria a percepção comum das mulheres prostitutas como franjas populacionais nas margens, encontrando-se situada em lugares de classe intermédios nas estruturas das sociedades contemporâneas.

Há uma presença significativa de mulheres prostitutas acompanhantes na categoria dos *trabalhadores independentes*, segmento a que corresponde, em termos gerais, a pequena burguesia. Estas acompanhantes desenvolvem atividade por conta própria no sector terciário, prestando serviços pessoais específicos de carácter fundamentalmente emocional e sexual.

Do ponto de vista teórico levantam-se duas questões especialmente pertinentes, qual a diferença entre trabalhadores independentes e profissionais liberais? Porquê localizar as prostitutas acompanhantes naquela categoria em vez de nesta última? A categoria dos trabalhadores independentes distingue-se dos profissionais liberais pela sua relativa falta de recursos qualificacionais e de status profissional. Independentemente do nível de escolaridade atingido por estas mulheres, o estigma (reconhecimento social e status profissional claramente negativo) sempre associado ao desempenho da atividade prostitucional, fatores que se associam ao carácter a-legal e à forma subterrânea como é exercida a atividade de acompanhante, constituem fatores relevantes para a opção teórica e analítica de localização das mulheres acompanhantes a tempo inteiro nesta categoria de classe.

Inspirados por Bourdieu (1979) compreendemos melhor estas trabalhadoras independentes, forma específica da nova pequena burguesia, antecipando pequenos trechos das trajetórias implícitas a esta posição na estrutura social: (i) aquelas que se vêem impossibilitadas de reivindicar uma posição social de acordo com o expectável na sua posição social de origem, porque não tendo obtido por parte do sistema educacional as qualificações suficientes, ou porque ao longo das suas trajetórias biográficas subaproveitaram ou perderam os recursos (económicos e sociais) que tinham originalmente à sua disposição (Filipa); (ii) aquelas que formam o complexo da geração enganada ou desiludida (Bourdieu, 1979), atores que não obtiveram através das suas qualificações formais tudo aquilo que imaginavam ter direito (Maria e Mafalda), sobretudo no que respeita à integração valorizada no mercado de trabalho e ao conforto e segurança económica. (iii) Estas trajetórias referem-se a percursos de sentido descendente, contudo, devemos acrescentar trilhos sociais de sentido inverso (Rita,

Jennifer, Danny). Isto é, mulheres que não se deixam enlevar pelo envelhecimento social (Bourdieu, 1979) precoce e fogem da resignação à adequação aparentemente mágica entre a sua posição social de origem e aquilo que podem fazer das suas vidas.

As mulheres aqui posicionadas têm em comum a construção alternativa de possibilidades de profissionalização, descobrindo ou criando nichos de integração laboral e económica nas sociedades contemporâneas (Bernstein, 2007a e 2007b; Coelho, 2009a; Pais, 2001; Ribeiro et al, 2008; Sanders, 2005a e 2005b; Sanders et al, 2009): ser acompanhante independente. Esta capacidade de construção de autoemprego revela-se, simultaneamente, um instrumento prático para solucionar problemas crónicos de acesso ao mercado de trabalho ou a inserções permanentemente precárias (Pais, 2001; Alves et al, 2011; Torres et al, 2018), rompendo com teias que as enredam persistentemente regimes laborais instáveis e obrigam a ‘trabalhar tanto para ganhar tão pouco’³⁶. Significa também a marcação de uma linha de fronteira nítida entre aqueles que têm trabalho e aqueles que não têm. Fronteira que ganha importância redobrada no contexto português marcado pela recente saída de uma prolongada crise económica e financeira - iniciada em 2007 e agudizada pela crise soberana a partir de 2011- com efeitos acentuados no aumento da taxa de desemprego feminino em Portugal³⁷.

Por outro lado, ser trabalhadora independente será um efeito da própria natureza da atividade prostitucional como acompanhante. A independência e autonomia no trabalho prostitucional são aspetos centrais (embora não exclusivos) na definição deste tipo de prostituição, marcando fronteiras entre as mulheres prostitutas e tipos de prostituição: distinguindo as acompanhantes da prostituição de alterne³⁸, bem como daquela que tem lugar no sobe e desce entre a rua e o quarto de pensão³⁹, ou ainda da generalidade dos bordeis/apartamentos (Coelho, 2009a). Para algumas, a independência e autonomia no exercício desta atividade são características inalienáveis e dados adquiridos desde que começam a imaginar-se nesta atividade (Mafalda, Filipa e Maria). Para outras, tendo começado em regimes de trabalho por conta de outrem, a independência e autonomia (trabalho por conta própria) tornou-se num objetivo concretizado de forma relativamente rápida (Rita, Jennifer e Danny). Estes percursos no sentido da independência e autonomia no exercício da atividade prostitucional são percebidos como indicadores de sucesso na atividade (Bernstein, 2007a), assumindo um papel

³⁶ Expressão utilizada por Carla numa conversa em que, refletindo sobre a sua longa experiência na prostituição e sobre as mulheres com quem se cruzou durante os 14 anos de carreira prostitucional, explicava o mecanismo racional que preside à tomada de decisão na entrada na atividade prostitucional.

³⁷ Tendo como referência dados do Eurostat, o estudo Igualdade de Género ao Longo da Vida (Torres et al, 2018) revela que para as mulheres entre os 15 e os 29 anos, a taxa de desemprego passou de 8,9% em 2000 para 23,7% em 2015, tendo sofrido forte intensificação no período mais agudo da crise financeira entre 2008 e 2013, atingindo um valor próximo dos 30% em 2013.

³⁸ Sobre a prostituição de alterne em zona raiana, ver: Ribeiro et al (2008).

³⁹ As diferenças entre a prostituição praticada pelas acompanhantes e aquela que se exerce entre a rua e a pensão serão mais evidentes do que os seus pontos de contacto. Contudo, existem zonas de intersecção entre estes tipos de prostituição, nomeadamente naquilo que diz respeito à gestão dos encontros e das relações com entre prostitutas e clientes. Para mais ver: Oliveira e Coelho (2010). Sobre a prostituição de rua e pensão ver: Oliveira (2004 e 2011).

relevante enquanto princípio de organização e estruturação deste tipo de atividade prostitucional (Coelho, 2009a).

O exercício da actividade de acompanhante de forma independente exige o domínio de competências emocionais e sexuais (Bernstein, 2007a e 2007b ; Coelho, 2009a; Sanders, 2005a e 2005b; Oliveira, 2004 e 2011), mas também a posse de uma pluralidade de outras capacidades e competências indirectas. No actual momento da análise, uma parece destacar-se pela sua capacidade de filtragem social, determinando maior ou menor independência e autonomia no exercício da atividade. Isto é, revela-se fundamental na definição da pertença à categoria dos trabalhadores independentes ou dos empregados executantes (mulheres exercendo a atividade de acompanhante por conta de outrem, ou pagando um elevado *fee*): a literacia tecnológica. As novas tecnologias são importante veículo de transformação do tecido económico em geral (Castels,), das formas de organização do trabalho, inscrevendo-se em transformações estruturais das sociedades contemporâneas, mas também das formas de organização do universo prostitucional, funcionando como ferramenta chave para uma crescente e facilitada independência na actividade prostitucional (Bernstein, 2007a e 2007b; Sanders, 2004b, 2005a e 2005c Earle e Sharp; 2007; Sharp e Earle, 2003). Desta forma, a fluência na utilização das novas tecnologias de comunicação e informação (internet, telemóveis com múltiplas funcionalidades, criação e manutenção de blogues ou sites pessoais, participação em fóruns, gestão de anúncios on-line, conversas com clientes através de um conjunto diversificado de aplicações online) é um elemento chave para se conseguir conceber a actividade de acompanhante de forma independente. Por contraponto, o desconforto e incapacidades na gestão e utilização quotidiana destas tecnologias e ferramentas determina a dependência de terceiros. Neste sentido, trabalhar por conta de outrem, significa colocar entre parênteses essas incompetências e delegar as tarefas relacionadas com essas esferas para a entidade empregadora; ao mesmo tempo determina o exercício da actividade na condição de assalariamento e num contexto de menor autonomia e independência, tendo de se submeter a formas particulares de organização do trabalho e de exercício de controlo e autoridade sobre a execução do trabalho.

Catarina e Isabel são as únicas acompanhantes que ocupam posições assalariadas de base (empregadas executantes), exercendo esta actividade em tempo parcial e por conta de outrem num apartamento/bordel de Lisboa. Para elas, o trabalho prostitucional por conta de outrem é uma opção com virtualidades funcionais: (i) permite delegar as tarefas de gestão de clientes, comunicação e publicidade na entidade empregadora, evitando o confronto com a insuficiente fluência tecnológica; (ii) as entidades empregadoras, porque se tornam responsáveis por tarefas chave nos bastidores da actividade prostitucional (contactos com clientes, a publicidade e gestão do espaço de atendimento), são percebidas como facilitadoras de um dia-a-dia dividido entre uma actividade profissional visível, o segredo de ser acompanhante e as vidas familiares; (iii) a entidade empregadora decide por elas as condições, as regras e fornece o local de atendimento dos clientes, retirando as responsabilidades que adviriam da autonomia e da independência, bem como evitando o permanente exercício de

imaginação, pesquisa e atualização do serviço prostitucional; (iv) finalmente, a estrutura das entidades empregadoras e o modo de funcionamento dos apartamentos/bordeis (captando uma grande quantidade de clientes) funciona como garantia adicional de que o rendimento de que necessitam será atingido.

Pelo que temos vindo a dizer, podemos afirmar sem grande risco que os casos de Catarina e Isabel ilustram a forma como as capacidades de agencialidade são desigualmente distribuídas pela estrutura social (Giddens, 1973, 1984 e 2000). A resignação ou adequação tácita a um destino que se auto-concretiza e que as limita a posições de subalternidade, corresponde ao processo aparentemente mágico de adequação entre práticas, sistema disposicional e posição na estrutura social ou ao envelhecimento social, forma de resignação às condições de existência de origem que se atinge após a tentativa de ingresso em trajetórias de mobilidade social ascendente⁴⁰ (Bourdieu, 1979).

Mas, a categoria dos empregados executantes não é apenas ocupada por mulheres acompanhantes, nem é constituída apenas por processos de reprodução social. Hélder (cliente) ocupa esta posição na estrutura social e a pertença a esta categoria também se dá por inflexões inesperadas. A posição de Hélder deriva fundamentalmente de um percurso escolar encurtado que o impossibilita de reivindicar uma posição social de acordo com o expectável na sua posição social de origem. As baixas qualificações formais e nível de escolaridade completo determinam uma ocupação de funções burocráticas e logísticas no sector da construção civil.

⁴⁰ A forma como ocorrem e aquilo que caracteriza estas tentativas de mobilidade social são analisadas mais detalhadamente no capítulo: 'Modos de vida'.

Quadro. 3.3: Profissão principal e domínio de conhecimento

Grandes grupos profissionais (CPP 2010)	Profissão	Domínio de conhecimento	Protagonistas	
			Mulheres	Homens
0 Profissões das Forças Armadas	-	-	-	-
1 Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, directores e gestores executivos	Empresário indústria hoteleira e construção	Gestão	-	Victor
2 Especialistas das actividades intelectuais e científicas	Arquitecto/a	Conceptual e gestão	Victória	André
	Médico	Saúde	-	António
	Director de vendas sector comércio automóvel	Gestão	-	Frederico
	Especialista em tecnologias e gestão da informação	Tecnologias	Lara	-
	Responsável sistema informático de empresa média dimensão	Tecnologias	-	João
	Analista de mercados financeiros (Londres)	Financeira	-	Manuel
	Brooker de seguros	Financeira	-	Luís
	Consultora de marketing no sector imobiliário	Imagem e representação	Bárbara	-
	Técnica consultora de relações públicas	Imagem e representação	Joana	-
	Advogado/a	Jurídica	Nicole	Jorge
Terapeuta	Emocional	-	Ricardo	
Investigador freelancer em história	Conhecimento	-	Miguel	
3 Técnicos e profissões de nível intermédio	Comandante de companhia área comercial	Técnica especializada	-	Zé Pedro
4 Pessoal administrativo	Auxiliar administrativa	Burocrática	Catarina	-
	Gestor de obras e stocks de empresa de electricidade	Burocrática	-	Hélder
5 Trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores	Prostitutas acompanhantes tempo inteiro	Sexuais, emocionais e conviviais	Danny Filipa Jennifer Mafalda Maria Rita Bárbara Clara Catarina	-
	Prostitutas acompanhantes tempo parcial	Sexuais, emocionais e conviviais	Isabel Lara Victória Nicole Joana	-
	Empresária industria do sexo	Gestão e sexuais, emocionais e conviviais	Clara	-
	Empregada de balcão e mesa em pastelaria/restaurante	Indiferenciada	Isabel	-
6 Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	-	-	-	-
7 Trabalhadores qualificados da industria, construção e artífices	-	-	-	-
8 Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	-	-	-	-
9 Trabalhadores não qualificados	-	-	-	-

Quadro 3.4: Classe social individual

Classe social	Sexo	
	Mulheres	Homens
EDL Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	Clara Victória	Victor André Ricardo Miguel
PTE Profissionais Técnicos e de Enquadramento	Joana Bárbara Nicole Lara	António Frederico João Jorge Luís Zé Pedro Manuel
TI Trabalhadores Independentes	Mafalda Rita Maria Danny Jenni Filipa	-
EE Empregados Executantes	Isabel Catarina	Hélder

Chegados aqui, torna-se indispensável fazer um balanço. Num olhar sintético, parece tornar-se evidente uma composição social tripartida deste contexto prostitucional e das posições relativas que mulheres acompanhantes e homens clientes ocupam.

Num primeiro plano encontra-se um conjunto restrito de protagonistas, numericamente minoritário, que poderíamos localizar de forma relativamente grosseira como elementos das ‘classes populares’. Acompanhantes e clientes que ocupam posições subalternizadas no mundo do trabalho e nas relações de produção. Posições que são produto dos fracos recursos escolares e produzem fracos recursos económicos. Posições, em grande medida, produzidas na relação com uma estrutura social mais vasta, que ultrapassa as fronteiras do contexto social da prostituição e do trabalho sexual, mas que indiciam uma subalternização no espaço social e simbólico delimitado pelas fronteiras deste tipo específico de prostituição. Neste momento podemos dizer que os atributos estruturais internalizados, bem como as disposições por eles produzidas, condicionam estas mulheres a uma prática prostitucional enquanto acompanhantes em regime de assalariamento (por conta de outrem), desprovida de independência e com autonomia condicionada. Por outro lado, revela-se ainda prematuro o entendimento das formas como este posicionamento no espaço social afecta a definição da posição relativa destes clientes no seio deste contexto social e prostitucional.

Num segundo plano, surge um conjunto numeroso apenas constituído por mulheres acompanhantes a tempo inteiro que configuram um tipo específico da ‘pequena burguesia’. Trabalhadoras independentes da indústria do sexo (acompanhantes independentes) que percebem na actividade prostitucional uma alternativa de inserção no mundo do trabalho e de financiamento dos seus projectos de vida ou, simplesmente, como uma forma de ganhar a vida e de manter os seus quotidianos. Estas são mulheres para quem as inserções anteriores no mercado de trabalho se revelaram insuficientes para o cumprimento dos seus projectos ou para a manutenção do bem-estar pessoal e dos seus familiares; mulheres para quem as oportunidades de trabalho nos mercados convencionais frustram as ambições criadas durante os processos de formação escolar prolongados.

Num terceiro plano, encontramos um conjunto que poderíamos de forma mais grosseira chamar de ‘classes médias e altas’. Classes definidas pela posse de elevados recursos materiais, educacionais e simbólicos, portanto, posições sociais onde se aglomeram extraordinárias capacidades de agência e de produção do social (Costa, 1999; Giddens, 1973, 1984 e 2000; Mouzelis, 2008). Em grande parte, será entre estes agentes sociais, mulheres e homens, acompanhantes e clientes, que reside a novidade e a possibilidade de reinvenção da actividade prostitucional que se percebe nesta forma selectiva e privatizada de prostituição (Bernstein, 2007a e 2007b). A exposição igualitária de mulheres acompanhantes e de homens clientes às mesmas condições de distribuição de recursos, permite a construção de um espaço de comunalidades sociais, uma espécie de afinidade espontânea (Bourdieu, 1979) em contexto de sexualidade comercial que introduz e intensifica formas específicas de intimidade entre clientes e acompanhantes (Bernstein, 2007a; Sanders, 2008; Earle e Sharp, 2007). Da proximidade social emerge a possibilidade de existência de regimes interaccionais prostitucionais

marcados por uma tendência no investimento na reciprocidade do prazer e da entrega sexual ao outro, bem como um ordenamento interaccional crescentemente orientado por princípios da igualdade: encontros sexuais, eróticos e íntimos entre indivíduos, mulheres e homens, que se afirmam de igual modo como cidadãos sexuais (Weeks, 2007), negociando desejos e interditos, produzindo guiões sexuais situacionais (Coelho, 2009b). Finalmente, o facto da actividade prostitucional se tornar um campo também preenchido por mulheres nestas posições sociais parece indiciar um processo de desestigmatização da actividade prostitucional nalguns segmentos sociais (Bernstein, 2007a e 2007b). Processo de desestigmatização, movimento que puxa a prostituição das margens para o centro, que não deixa de estar associado a uma nova visão da sexualidade e da feminilidade. Uma feminilidade que rompe com preceitos normativos do duplo padrão sexual e se afirma através de uma orientação experimentalista, aventureira e provocadora (Coelho, 2009b e 2009; Harvey e Gill, 2011; Jackson e Scott, 2004 e 2010).

A proximidade social entre clientes e acompanhantes, associada à capacidade de produzirem mudança social no contexto prostitucional⁴¹, reconfigurando os encontros comerciais e os seus significados, contraria visões que fazem da prostituição um cenário de relações organizadas segundo um esquema produtor e reproduzidor da dominação masculina (Bourdieu, 1999). Obriga-nos a rever criticamente discursos que fazem da prostituição um veículo reproduzidor do sistema capitalista patriarcal (Pateman, 1983 e 1999) ou numa versão actualizada do sistema capitalista, patriarcal e neoliberal (Jeffreys, 1997 e 2008), bem como o carácter ontológico da prostituição como lugar de relações poder desequilibradas fortemente penalizadoras das mulheres prostitutas (O'Connell Davidson, 1998 e 2002; Pateman, 1983 e 1999).

A composição tripartida revela que homens clientes e mulheres acompanhantes se encontram integrados no mercado de trabalho, ainda que essa integração não possa esconder importantes clivagens entre eles. Desigualdades que derivam do desenho do próprio mundo do trabalho orientado de acordo com ordenamentos de género que se globalizam ao ritmo da economia, da circulação de capitais (Connell, 2002; Connell e Messerschmidt, 2005) e das sociedades progressivamente integradas em rede (Castells, 1996, 1998 e 2001) deixando às mulheres formas de inserção profissional longe do poder e/ou dos recursos económicos (Connell, 1987 e 2002). Ao contrário da generalidade dos homens clientes que encontram formas de integração laboral típicas do mercado de trabalho cinzento (Pais, 2001), com vínculos mais tradicionais, estáveis, seguros e que determinam níveis de remuneração claramente acima da média nacional. Para muitas mulheres a integração apenas é possível no mercado de trabalho cor-de-rosa (Pais, 2001) sob condições de um quadro legal particularmente desprotector, tornando a opção pelo mercado de trabalho vermelho (indústria do sexo) e pela prostituição num meio para atingir estabilidade e bem-estar económico.

⁴¹ Este tipo de transformações é analisado de forma mais pormenorizada mais à frente, nomeadamente nos capítulos: 'Na cama com...' e 'Prostituição, dinheiro e intimidade'.

Ao mesmo tempo, a configuração tripartida anuncia uma grande homogeneidade entre os homens clientes e uma maior heterogeneidade classista entre as acompanhantes. Isto significa que, para além das clivagens entre homens e mulheres, clientes e acompanhantes, surge como traço fundamental o fosso que se abre entre mulheres acompanhantes. Torna-se claro que as acompanhantes não são todas iguais, de igual forma fica patente que as desigualdades não serão exclusivamente produto de dinâmicas e princípios de estruturação interna do contexto prostitucional (Coelho, 2009a). Acentuando a predominância analítica da dimensão económica na análise das classes (*fundamental things apply*), podemos dizer que estas desigualdades se produzem, fundamentalmente, no quadro económico-profissional. De forma genérica, as acompanhantes a tempo inteiro que abandonam o mercado de trabalho convencional, ou aquelas que fazem coexistir a actividade prostitucional com trabalhos de carácter subalternizado no mundo do trabalho não sexual, ocupam respectivamente posições intermédias e subalternas na estrutura social. Pelo contrário, aquelas acompanhantes que conservam um forte investimento numa carreira profissional principal, que simultaneamente lhes exige elevadas qualificações formais e lhes assegura prestígio e importantes dividendos económicos, localizam-se entre as classes dominantes.

Capítulo 4 | MODOS DE VIDA, MUDAR DE VIDA E A PROSTITUIÇÃO

A interrogação inultrapassável e que devemos concretizar como objetivo de pesquisa é a dos porquês. Trata-se de levar a cabo a tarefa, aparentemente simples, de evitar a tentação de achar ingénuas aquelas que são, afinal, questões fundamentais: primeira, saber porquê é que as mulheres iniciam a atividade prostitucional quando são socializadas para o seu evitamento e vivem conscientes da ameaça do estigma de se ser puta? Segunda, por que razões os homens recorrem aos seus serviços sexuais pagos num quadro geral de transformações da sexualidade e de rutura com o duplo padrão moral no sentido da igualdade entre homens e mulheres na experimentação da sexualidade?

Para responder temos de nos implicar numa sociologia dos motivos (Mills, 1940 e 2000) orientada por dois princípios fundamentais: por um lado, os motivos e as ações são originados não pela vontade interior dos indivíduos mas pelas situações em que os indivíduos se encontram. Isto é, as estruturas motivacionais dos indivíduos dependem dos seus enquadramentos sociais e dos enquadramentos de inteligibilidade prática (Mills, 1940), do habitus (Bourdieu, 1979 e 2002), do sentido prático (Giddens, 1984 e 2000) ou de reportório disposicional plural acumulado (Lahire, 1998, 2004 e 2005). Por outro, os motivos usados para justificar um determinado comportamento ligam-se imediatamente a uma situação social, integrando essa ação num quadro relacional mais vasto e alinhando o comportamento com as normas que potencialmente o avaliam (Mills, 1940 e 2000). Ou seja, trata-se de uma sociologia dos motivos mais preocupada com as situações socialmente definidas do que as vontades interiores ou pulsões individuais.

Assim, a resposta à pergunta dos porquês apenas é respondida dentro do quadro das limitações da sociologia enquanto olhar específico sobre a realidade. No quadro concreto desta pesquisa, as respostas serão sempre limitadas pelo que os óculos teórico-conceptuais permitem ver.

A hipótese explicativa que se levanta será a de que a localização e o percurso biográfico e estrutural (preenchido por diferentes acidentes e transições mais ou menos abruptas) dos protagonistas – mulheres acompanhantes e homens clientes - deste tipo de prostituição contribui, pelo menos parcialmente, para a identificação de uma gramática dos motivos (Mills, 1940) para a entrada na prostituição devedora da forma o mundo social e as suas condições estruturais vão sendo individualmente internalizadas e geridas.

Este exercício explicativo resulta de um quadro teórico suficientemente plástico que autoriza uma análise preocupada com a conjugação da biografia com as condições estruturais, isto é, que facilite o recentramento da variável tempo e do carácter histórico da vida social dos indivíduos e da forma como o mundo social e as estruturas sociais se vão internalizando à escala individual. Este

posicionamento operacionaliza-se pelo recurso a uma estratégia analítica que não será totalmente alheia à noção de trajetórias subjetivas⁴² (Dubar, 1998).

Este posicionamento permite ultrapassar e sofisticar analiticamente o entendimento de carácter mais objectivista, fundamentalmente apoiado numa perspectiva evolutiva que dá conta da transformação dos atributos estruturais dos protagonistas ao longo do tempo. Trata-se de olhar para *trajetórias sociais discretas* a partir de dois pontos fixos e analiticamente pré-determinados: a actualidade que se refere ao momento da pesquisa e o passado que remete para o grupo doméstico de origem. A avaliação da trajetória tem exclusivamente em consideração as posições ocupadas em cada um desses pontos no tempo. As trajetórias sociais discretas fazem desaparecer o tempo, na trajetória fica apenas o espaço que é linearizado através de um exercício de subtracção: à posição de chegada e aos seus atributos subtraímos a posição de partida e as suas características; à diferença positiva, negativa ou nula que daí resulta chamamos trajetória. Na verdade, estamos perante a geometrização do espaço antropológico, vivencial e relacional (Meleau-Ponty, 2003; Pais, 2002). A virtualidade analítica desta opção reside na capacidade de identificação de grandes padrões de mobilidade social em que as mulheres acompanhantes e os homens clientes se inscrevem à medida que vão percorrendo as suas vidas do passado para presente, permitindo identificar os lugares de classe que vão sucessivamente ocupando e desocupando (Almeida, 1981 e 1984)

Sofisticando estas virtualidades, a estratégia que iremos explorar atribui uma dimensão subjectiva às trajetórias e analisa *trajetórias sociais contínuas*, também elas balizadas por dois pontos no tempo: a origem e a actualidade. Contudo, nesta abordagem são tidos em consideração os acontecimentos que se sucedem entre estas duas balizas temporais. Um olhar que permite ver a curva que une passado e presente, fazendo intersectar posições na estrutura social pelo percurso da biografia individual dos homens clientes e das mulheres acompanhantes. Aqui, a análise da mobilidade social tem em consideração acontecimentos biograficamente significativos, que resultam em ou de transformações, inflexões ou consolidações da trajetória individual⁴³. Ao contrário da primeira forma de trajetórias, o tempo não desaparece para dar lugar ao espaço (social). Pelo contrário, passado, presente e futuro são traduzidos no espaço, respectivamente, pelos acontecimentos vividos na história

⁴² Apesar dos evidentes pontos de contacto entre a proposta de Dubar (1998) e aquela que aqui se faz, importa referir uma particular discordância de ordem terminológica que remete para problemas de ordem epistemológica. Ao limite, na proposta de Dubar o carácter objectivo ou subjectivo da trajetória não depende do indivíduo que a percorre, nem das suas condições objectivas ou campo de possibilidades, mas essencialmente do método que o pesquisador utiliza para a definir e para escutar o relato dos indivíduos acerca das suas vidas e trajectos sociais. Dubar (1998) faz corresponder a análise quantitativa da mobilidade social a trajetórias objectivas e a análise baseada no relato biográfico à produção de trajetórias subjectivas. Daqui resulta uma anacrónica desigualdade epistemológica entre diferentes métodos, sendo uns considerados mais objectivos/subjectivos do que outros; esquecendo que ambos provocam elevada interferência junto do objecto de pesquisa e dependem de condições teóricas e ideológicas que enquadram o pesquisador (Almeida e Pinto, 1975 e 1990).

⁴³ Este tipo de análise da mobilidade social tem sido mais comum tendo em consideração a comparação de diferentes gerações familiares, como é o caso dos trabalhos de Bertaux.

biográfica, pelos princípios de orientação da vida ou orientação da acção (Weber, 1999 e 2005), onde se vislumbram concepções do presente e do futuro.

A pertinência analítica da opção por este segundo modo reside na sua capacidade de integração das trajectórias de mobilidade social (mais comuns na análise de classes) nas trajectórias biográficas e nos acontecimentos que marcam a vida que vai sendo construída pelos protagonistas desta realidade prostitucional.

Este tipo de análise depende directamente de duas opções de carácter teórico-metodológico. Em primeiro lugar, o recurso ao conceito de modos de vida é o instrumento que torna possível articular a biografia dos autores e actores desta forma de prostituição, as estruturas sociais e a sua inserção estrutural (Mills, 2000). Porque, problematizar os modos de vida que organizam a existência quotidiana das acompanhantes e os clientes significa desvendar os processos sociais individualmente internalizados e naturalizados de orientação da acção, de atribuição de sentido à existência no mundo social (posição e visão sobre os outros e mundo) e da manipulação das exigências do quotidiano e dos condicionamentos estruturais que funcionam como mecanismos geradores da entrada na prostituição. Olhar para estas naturezas sociais individualmente internalizadas significa evitar analisar a sexualidade (paga) esvaziada da sua dimensão pública e política, como se estivesse unicamente situada nos processos de individualização reflexiva radicalizada, processos em que os indivíduos se auto-constroem tendo em consideração as suas escolhas e preferências (McDermott, 2010 e 2011; Sennet, 1988). Trata-se de abrir espaço teórico para a problematização das condições materiais da sexualidade paga, reafirmando que a escolha e os processos reflexivos onde se inscrevem as acções e as interacções da sexualidade comercial devem ser entendidos como um recurso distribuído de forma desigual, enquadrando vidas sociais e sexuais tanto numa estrutura social específica (Adkins, 2002; Armstrong, 2010; Skeggs, 2004; Wilson-Kovacs, 2010), como numa estrutura biográfica que inclui acontecimentos e pessoas, vínculos e rupturas, conservação e transição.

Desta forma, as oportunidades e condições de vida dos agentes que dependem da posição no sistema produtivo, o espaço de desigualdades sociais e económicas em que mulheres e homens situam as suas biografias passam a ser considerados como factores de relevância fundamental na definição e experimentação da sexualidade (Jackson, 2011; McDermott, 2011; Taylor, 2010; Seidman, 2011) como prostitutas acompanhantes e como clientes.

Em segundo lugar, a opção pela construção de histórias de vida pluridimensionais, exige esforços adicionais na análise das classes e da mobilidade social; exige que olhemos com atenção para as classes sociais vividas pelos indivíduos ao longo do tempo. Será na conjugação da análise de trajectórias discretas e contínuas que melhor compreenderemos a dinâmica que mulheres acompanhantes e homens clientes imprimem às estruturas sociais. Esta fórmula fusionada de análise permite, por um lado, a articulação diacrónica entre estruturas e protagonistas (Almeida, 1981), localizando os trajectos sociais que os protagonistas sociais vão traçando nessas estruturas, reproduzindo ou transformando-as (Costa, 1999). Por outro, como é que a ocupação e desocupação de

determinados lugares nessas estruturas se articula com acontecimentos, projectos, orientações ou acidentes biográficos.

4.1 | Trajectórias sociais contínuas: modos de vida, projectos e dramaturgias individuais

No contexto das sociedades contemporâneas altamente diferenciadas em que os indivíduos estão inscritos numa multiplicidade de quadros interaccionais e submetidos a uma pluralidade de contextos socializadores, actualizando e questionando o seu património disposicional (Lahire, 1998 e 2005), uma determinada posição social e as suas propriedades simbólicas (status e prestígio) e objectivas (recursos e poderes), não são simplesmente transmitidas de pais para filhos. A transmissão de vantagens ou desvantagens iniciais de clientes e acompanhantes não ocorre de forma directa ou linear e não se acumulam necessariamente num aprofundamento sucessivo de clivagens sociais (Merton, 1988). Os pais promovem o acesso a recursos e bens (económicos, culturais ou relacionais) determinados pela posição na estrutura de distribuição social, que funcionam como base para a construção da trajectória social dos seus descendentes. Mas, a trajectória é sempre um caminho a ser percorrido, uma construção e não um dado adquirido por transmissão de tipo hereditário. Neste sentido, a reprodução social não pode ser vista como um processo mecânico, mas antes como um processo dinâmico, no qual os indivíduos devem se entendidos como jogadores envolvidos em jogos sociais (Bertaux e Thompson, 1997).

Importa, por isso, não negligenciar a dimensão interaccional da vida social (Mouzelis, 2008), negligência que transformaria homens clientes e mulheres acompanhantes em agentes sub-reflexivos e a agência em mera reprodução social. Os encontros ao longo da vida e nos diferentes contextos de sociabilidade e socialização, não só colocam em evidência os atributos incorporados e as estruturas sociais (Collins, 2004; Goffman, 1983), como permitem que os processos de mobilidade social sejam atravessados pela imprevisibilidade e pela necessidade de reflexiva do novo (Mouzelis, 2008; Lahire, 1998 e 2005). Ao longo das suas vidas, as mulheres prostitutas acompanhantes e os homens clientes experimentam momentos de inflexão, de viragem, formas de reinvenção das suas condições objectivas de existência que possibilitam o alargamento ou implicam o fechamento do seu campo de possibilidades.

As visões estruturalistas negligenciam a importância dos percursos biográficos, da história social que se intersecta com a história pessoal, do cruzamento entre as condições históricas com as condições subjectivas (Aboim e Vasconcelos, 2009). Ou, de outra forma, esquecem-se da forma como as posições sociais se articulam com a vida vivida e pensada quotidianamente pelos agentes aí localizados (Silva, 2009). Os modelos contemporâneos percebem a mobilidade social no quadro da influência das diferenças no passado na determinação das desigualdades no presente, dando às condições iniciais um lugar primordial, sendo que os fenómenos recentes funcionam essencialmente como reforço de tendências do passado. Para uns, isto é avaliado de acordo como a distância entre dois

pontos que identificam a geração do presente e a do passado nas estruturas ocupacionais (Erikson e Goldthorpe, 1992; Wright, 1997 e 2015). Para outros, apesar da tentativa de ultrapassagem da cisão objectivista/subjectivista a análise das trajectórias é fixada no pólo objectivo, definindo os percursos biográficos como uma sequência de interiorizações do trajecto provável (Bourdieu, 1979 e 2002) e mais nas transformações patrimoniais (diferentes tipos de capital) do que em transições profissionais.

Propomos que as trajectórias, balizadas por duas posições sociais congeladas no tempo, sejam interpretadas de forma compreensiva. Porque limitarmo-nos a esses pontos estáticos é deixar escapar tudo o que define a experiência dessas posições como etapas de mobilidade (ascendente, descendente ou estacionária). É necessário caracterizar a curva biográfica e social (Bourdieu, 2001) por meio da intersecção das trajectórias de mobilidade social com os percursos biográficos, situando as intrigas narrativas através das quais as mulheres acompanhantes e os homens clientes exprimem os seus argumentos e as suas razões para justificarem a situação social em que se encontram (Dubar, 1998). Essa é uma localização triangular entre condições objectivas, protagonismo e trajecto. Isto é, um exercício que localiza os protagonistas entre (i) os constrangimentos estruturais, (ii) os traçados possíveis das trajectórias sociais, (iii) as coordenadas da vida que oferecem espessura a esses traçados através das experiências vividas, das práticas e de uma posição no mundo reflexivamente projectadas (Conde, 1993a, 1993b e 1994). Neste sentido, a noção de trajectória contínua recupera o objectivo de compreender o movimento biográfico como cruzamento dos processos íntimos (experiência individual) e dos quadros sociais da experiência implícitos na noção de carreira criada no quadro das teorias interaccionistas (Becker, 1997). Esta triangulação permite uma mais densa articulação entre, por um lado, uma análise de tipo macro-estrutural localizando não só as inserções estruturais no espaço das classes sociais e as trajectórias individuais e, por outro, uma visão micro, intimista que permite observar a diversidade das biografias, das decisões, dos acontecimentos e das estratégias que moldam e definem as trajectórias de mobilidade social (Bertaux, 1993).

O que está em causa é a clarificação da relação entre trajectórias e transições. Isto é, como momentos de viragem, um agregado de acontecimentos que marcam transições de um estado para outro sem possibilidade de reversibilidade ao estado anterior, se intersectam com trajectórias entendidas como experiências sociais duradouras ao longo da vida dos indivíduos (Elder, 1985). As transições enquanto momentos fatídicos têm consequências importantes para os indivíduos, independentemente do sentido positivo ou negativo sobre as trajectórias sociais. Porque o indivíduo é chamado a tomar decisões com consequências para as suas ambições e para o futuro da sua vida, não só para as circunstâncias da conduta futura, mas também para aquilo que ele é, como vê e é percebido pelos outros e pelo mundo social (Giddens, 2001). Isto é, na relação entre transições (o imediato do acontecimento) e trajectórias (história acumulada de acontecimentos, decisões e experiências) produzem-se disposições subjectivas e estruturas objectivas de oportunidades, tornando-se variáveis fundamentais para entender a construção diferenciada de mobilidade social e da complexidade da situação social actual.

Estamos perante um exercício que situa biograficamente as trajectórias de mobilidade social e as inserções na estrutura das classes sociais, ao mesmo tempo que situa estruturalmente os acontecimentos da vida. Trata-se de uma sociologia que contempla a dimensão biográfica e a articula com o social (Mills, 2000). Esta dupla localização (estrutural e biográfica) implica mais do que fazer uma listagem de acontecimentos e momentos fatídicos, seguindo de forma encantada as narrativas de recolheção (sempre racionalizadora e ontologicamente protectora) da vida vivida que os protagonistas elaboram quando nos contam a sua história (Bourdieu, 2001; Conde, 1993a e 1994). Por outro lado, ainda que com esta posição se pretenda dar espaço teórico e analítico a aspectos como: (i) a vida e as dinâmicas familiares no grupo doméstico de origem, porque a família e as suas dinâmicas internas desempenham um papel crucial na orientação da vida dos seus membros (Bertaux e Thomson, 1997), tendo impacto decisivo sobre as suas probabilidades de sucesso económico, escolar e social (Almeida, 1981 e 1984) ou na definição das suas trajectórias possíveis (Bourdieu, 1979); (ii) o percurso escolar; (iii) percurso amoroso (Nico, 2011); (iv) percurso profissional. Também não se trata de perceber as biografias como um conjunto de acontecimentos mais ou menos alinháveis no tempo através de ligações de maior ou menor causalidade, nem como a acumulação de conhecimentos e reconhecimentos interpessoais acidentais constitutivos de vínculos e interdependências várias, nem tão pouco como um stock de experiências passadas como únicas determinantes de uma matriz de percepção e acção no mundo. Pelo contrário, o desafio é fazer emergir o sentido e a orientação da biografia social (Dubar, 1998), instanciação do social individualmente incorporado (Lahire, 1998, 2004 e 2005) e das possibilidades de criação social.

Torna-se neste momento pertinente recorrer ao conceito de modos de vida, porque este desempenha um papel teórico e analiticamente esclarecedor enquanto pivot entre o carácter estruturado e socialmente condicionado da existência, o cunho aleatório e acidental da vida acontecida e a natureza consciente, intencional e reflexiva da história individual. O conceito de modos de vida dá conta das modalidades, variáveis mas também padronizáveis, através das quais os indivíduos articulam as condições de existência socialmente estruturadas com a multiplicidade de situações e necessidades de avaliação e acção que o quotidiano impõe (Costa, 1999).

A definição dos modos de vida implica três dimensões básicas: social (condições estruturais de existência e redes de relações sociais), temporal (projectos pessoais e princípios de orientação do presente e do futuro) e espacial (contextos de interacção)⁴⁴.

Dimensão social.

Na constituição de modos de vida não contam apenas as condições de existência, mas também as relações activas que os indivíduos estabelecem com elas. Na medida em que, enquanto protagonistas sociais, os indivíduos não são meros suportes de estruturas, mas actores práticos e

⁴⁴ Optámos por seguir a forma de operacionalização do conceito de modos de vida apontada em pesquisas sobre as desigualdades sociais e a pobreza em Portugal: Almeida et al (1992), Costa (1999), (Capucha, 2005).

reflexivos, ainda que esta sua acção esteja enquadrada por campos de possibilidade e por capacidades diferenciadas de actuação sobre as suas próprias condições presentes e futuras (Costa, 1999).

Neste sentido, indivíduos com a mesma inserção estrutural de classe podem manifestar modos de vida diferentes, nomeadamente no que diz respeito a estratégias de conquista de recursos, à construção de projectos de vida ou na concretização de modalidades de existência (Costa, 1999)⁴⁵. Porque, se as condições sociais de existência constituem o dado mais estrutural da vida social, as orientações, consubstanciadas nos modos de vida, serão, necessariamente, orientações em relação às condições sociais de vida. Se essas condições objectivas são decisivas na definição de constrangimentos e oportunidades, será expectável que a reprodução ou transformação de tais condições sejam os objectivos da acção social (Casanova, 2004).

Numa lógica de ruptura com a homologia entre condições objectivas e sistema de disposições enquanto estruturas estruturadas e estruturantes de práticas e avaliações (Bourdieu, 1979 e 2002), verifica-se que entre as mulheres prostitutas acompanhantes e os homens clientes de uma determinada classe podem corresponder diferentes modos de vida. De forma simétrica, também é igualmente observável que cada modo de vida se constitui por elementos de diferentes classes sociais. Ao mesmo tempo, percebemos que as rotas de mobilidade social de ascensão, declínio ou estacionariedade estão presentes em todos os modos de vida identificados.

A não conformidade homológica entre classes sociais e modos de vida, bem como a caótica e não determinável relação entre modos de vida e trajectórias sociais deriva da relação que as acompanhantes e os clientes estabelecem com as suas condições objectivas de vida (base essencial para a permanente formulação e avaliação dos projectos individuais). Para alguns destes protagonistas essa relação define-se pelo inconformismo permanente na luta pela vida; para outros, o inconformismo inicial dá lugar ao cansaço (inconformismo cansado) ou a um fatalismo tardio depois de sucessivos fracassos na transformação das condições de vida; também encontramos mulheres e homens, acompanhante e clientes, que assumem uma relação inovadora perante as incertezas e turbulências do presente; finalmente, identifica-se entre as acompanhantes e os clientes uma relação aparentemente blasé marcada pelo ilusório distanciamento dos indivíduos perante a dimensão objectiva e instrumental da existência.

Frequentemente o conceito de modos de vida é colocado na família terminológica e conceptual dos estilos de vida, importa, por isso, fazer distinções que se fossem negligenciadas causariam certamente problemas interpretativos. Em primeiro lugar, a preocupação conceptual com a dimensão social permite distanciar o conceito de modos de vida - instrumento de manipulação das condições objectivas - da ideia de estilos de vida enquanto força estruturante da realidade social por meio da substituição das classes sociais e das relações de classe pela capacidade de consumo dos

⁴⁵ Tivemos já oportunidade de perceber como, numa lógica muito semelhante, acompanhantes e clientes, vão gerindo o património de capitais.

indivíduos. Fórmula que concebe as desigualdades e a diferenciação social na passagem das relações de produção para a capacidade de consumo (Pakulski e Waters, 1996; Saunders, 1990). Em segundo, o conceito de modos de vida tal como aqui é entendido apresenta demarcações relevantes em relação à noção de estilos de vida trabalhada por Bourdieu (1979 e 2002). Fronteiras que se apoiam em dois aspectos: (i) os modos de vida são formas de relação quotidiana dos indivíduos com as suas condições objectivas e com os seus desejos pessoais, ao contrário, os estilos de vida de Bourdieu são produtos daquelas condições estruturais, em consequência de uma teoria da determinação estrutural da acção (Alexander, 1987, 1988 e 1998); (ii) os modos de vida permitem a existência de estratégias plurais de fazer face ao quotidiano social através da manipulação e actualização dos quadros disposicionais dos indivíduos, ao contrário, os estilos de vida seriam formas de instanciação dos habitus (Bourdieu, 1979 e 2002), correspondem a um mecanismo unidireccional e unidimensional de formação dos sistemas de práticas classificáveis e classificadoras do que se faz e vê no mundo (Lahire, 1998 e 2005; Mouzelis, 2008).

Ainda na dimensão social dos modos de vida importa perceber a centralidade das redes de relações sociais. As trajectórias biográficas e sociais, os movimentos de passagem de uma trajectória para outra, dependem das redes de relações sociais e da capacidade e mobilizar o capital social e dos efeitos de tal mobilização (Bourdieu, 1979 e 2002). Acontecimentos individuais aparentemente inócuos e desprovidos de efeitos materiais imediatos acabam por determinar de forma objectiva as trajectórias de mobilidade social dos indivíduos; por exemplo: conhecer e estabelecer amizade com determinadas pessoas que abrem as portas a uma nova rede social e, conseqüentemente, a novas oportunidade de vida (Bourdieu, 1979 e 2002). Isto é, a biografia individual e os projectos individuais são circunstanciados na relação com os outros e com o mundo social (Velho, 2002), e têm em consideração a forma como diversidade das biografias se interliga, percebendo a importância estruturante das vidas vinculadas (Elder, 1985 e 1994; Elder e O’Rand, 1995).

Dimensão temporal

A *dimensão temporal* permite a análise das trajectórias de mobilidade social biograficamente situadas não apenas na sua rota e direcção, mas como expressão de um projecto em evolução. A elaboração de projectos individuais é feita num cenário em que diferentes mundos ou esferas da vida social se misturam e muitas vezes entram em conflito (Velho, 2002), fazendo desses mapas de orientação para a vida social particularmente ambíguos, tortuosos, contraditórios e labirínticos (Velho, 2002; Pais, 1996, 2001 e 2003). Neste sentido, os projectos individuais parecem resultar da necessidade de reforçar a construção permanente de uma percepção do mundo e de clarificação do lugar no mundo, reconhecendo o desejo de agir em função dos seus objectivos e reforçando o reconhecimento da racionalidade da acção. O projecto será a intenção de transformação do real, guiado por uma representação do sentido dessa transformação tendo em consideração as condições objectivas.

A noção de projecto⁴⁶ de vida é, sobretudo, uma construção teórico-analítica que nos permite dar conta da intencionalidade, da reflexividade e da consciência implícita a muitas decisões e acontecimentos biograficamente significativos, bem como da gestão da experiência social ao longo da vida. A noção de projecto agrega e dá sentido aos rumos e objectivos que os protagonistas desta forma de prostituição vão definindo para si em diferentes momentos da sua história pessoal e social.

A noção de projecto faz articular condições objectivas de vida, campos de possibilidades, objectivos e desejos através de uma particular concepção do tempo que liga passado, presente e futuro (Velho, 2002; Giddens, 2001). O plano de vida pressupõe um modo específico de organizar o tempo, pois a construção reflexiva de um projecto para si, com consequências sobre a o lugar ocupado no mundo social, depende tanto da preparação do futuro, como da interpretação do presente circunstancial e do passado das experiências acumuladas (Giddens, 1984, 2000 e 2001). O projecto é uma forma específica de controlo do tempo, de colonização do futuro (Giddens, 2001). A abertura para as coisas que hão-de vir exprime, por um lado, a capacidade dos indivíduos moldarem os cenários de existência, por outro, a capacidade de transformação do mundo social (Giddens, 2001). Neste sentido, o projecto individual constrói-se através de uma ideia mais ou menos elaborada de biografia, de uma história de vida (Giddens, 2001; Velho, 2002) que implica juntar duas noções fundamentais: reflexividade e agência.

O projecto dá ênfase à dimensão mais consciente da acção, afirmando os indivíduos como detentores de poder de decisão, portadores de projectos (Pais, 1996 e 2003). A noção de projecto procura dar conta da margem escolha que indivíduos têm em determinado momento histórico. Está-se a lidar com um acto consciente, por mais que saibamos que este surgiu de possibilidades socioculturais determinadas. Assim, o projecto individual implica avaliação, estratégia, um plano para realizar certas metas, uma noção de tempo com etapas encadeadas. Projecto surge aqui como conduta organizada para atingir fins específicos (Schutz, 1967; Velho 2002), implicando a antecipação, o olhar reflexivo em direcção ao futuro. A acção terá a natureza de um projecto, porque a acção é colocada em marcha de acordo com um plano implicitamente elaborado. Mas o projecto de uma acção é diferente da acção, quer na sua natureza quer nos seus efeitos. O projecto é uma antecipação da acção e dos seus efeitos, mas não a própria acção. A acção é a execução de um projecto; o significado de cada acção reside na elaboração do seu projecto, onde se definem as suas intenções e objectivos (Schutz, 1967). Desta

⁴⁶ O projecto individual tem um carácter comunicacional (Velho, 2002), tornando-se explícito na relação com os outros. Neste sentido, os projectos vão ganhando visibilidade à medida que a relação social de pesquisa vai aumentando os graus de confiança e intimidade entre pesquisador e sujeitos da realidade. É este contexto relacional que fomenta recuperações da memória do tempo perdido elaboradas e reelaboradas pelos protagonistas: exercícios de recollecção do passado que reorganizam os acontecimentos e redefinem os seus sentidos implícitos. A existência de projectos de vida é muitas vezes indiciada por expressões como: *'o que eu sempre quis'*, *'o meu grande objectivo'*, *'aquilo que eu quero'*, *'aquilo que eu gostava'*, ou *'o que não quero mesmo'*, *'sempre defini para mim que'*.

forma, a noção de projecto acaba por clarificar a noção weberiana da pluralidade de orientações da acção social (Weber, 1999 e 2005)

Não será de estranhar que os diferentes modos de vida identificados entre as acompanhantes e os clientes produzam formas específicas de relação com o tempo ou projectos de existência. Para alguns essa será uma relação defensiva, centrada primordialmente no tempo do presente e desfuturizando o futuro através de processos de utopização ou atopização. Para estes clientes e acompanhantes os projectos assumem um carácter hetero-estruturado, os protagonistas antecipam e conformam-se a cursos de vida que consideram normais e inevitáveis (Pais, 1996 e 2003). A inexistência de projectos para o futuro significa uma forma de desestruturação da vida, porque se desenham objectivos para os quais não têm meios de concretização (utopização do futuro) numa demonstração clara daquilo a que Lahire (1998) chamaria de dissonância entre as disposições da crer e para agir. Mas, a desestruturação da vida e a frustração em que se enredam acompanhantes e clientes que se sentem bloqueados no hiato entre aquilo que crêem para si e os instrumentos ao seu dispor para agir, produz também vidas marcadas pela ausência pura e simples de objectivos (atopização do futuro). De qualquer das formas, a vida parece tornar-se mais accidental do que planeada. Para outros, a relação com o tempo caracteriza-se por uma atitude colonizadora do futuro (Giddens, 2001), apresentando projectos individuais virados para o tempo que há de vir, traçando projectos auto-estruturados construídos de modo autónomo, sendo que os protagonistas pensam ser capazes de os construir e realizar de modo autónomo, embora condicionados por constrangimentos institucionais, sociais ou históricos (Pais, 1996 e 2003).

Não se trata de nos deixarmos tentar pelo ritmo teórico em *stacatto* que, ao limite, provoca a insularidade do agente e a predominância do projecto reflexivo sobre o contexto. Não se trata de dar prioridade analítica aos projectos pessoais reflexivos sobre os contextos e condições objectivas na análise da mobilidade social, num movimento teórico em que o contexto perde importância a favor de uma noção voluntarista da reflexividade, da acção e da mobilidade social (Archer, 2000 e 2003). Pelo contrário, a preocupação em articular projectos individuais reflexivamente construídos e condições objectivas para a acção (estruturas sociais e atributos estruturais incorporados), fazendo coexistir movimentos de individualização progressiva e a importância das estruturas sociais, obriga a entender os projectos das acompanhantes e dos clientes como planos submetidos a provas de exequibilidade, sendo a possibilidade de modificação ditada pelos contextos em que são produzidos e onde se desejam colocar em prática (Dubet e Martuccelli, 1998; Martuccelli, 2006).

Da mesma forma, não nos deixamos ir em *legato* arriscando uma outra forma de potencial produção de conflagração de natureza hiper-reflexiva. Os planos de vida sofrem alterações, são revistos e reconstruídos de acordo com as alterações nas circunstâncias e enquadramentos dos indivíduos (Giddens, 2001). O projecto não é um processo puramente interno ou subjectivo. Pelo contrário, é elaborado num campo de possibilidades, circunscrito histórica, económica e socialmente (Velho, 2002). As escolhas dos planos, os projectos que se fazem, aquilo que os indivíduos imaginam para si e

transformam em objectivos a concretizar, são condicionados pelas condições objectivas de vida, ao mesmo tempo, são eles próprios um modo activo de reforço da distribuição desigual dessas condições originais (Giddens, 2001).

Neste sentido, convocar a noção de projecto dá maior densidade à noção de estratégia de reprodução ou mobilidade social apresentada por Bourdieu (1979) que de outra forma produziria duas incompreensões: por um lado, a existência de tais estratégias tornar-se-ia pouco clara no quadro teórico em que a acção se apresenta sempre estruturada por um sistema de disposições homólogas à posição originalmente ocupada. Por outro, seria uma concepção demasiado circunscrita a uma gestão do volume e estrutura do património disponível (capital económico, cultural e social) e pouco voltada para a dimensão biográfica, interaccional ou subjectiva implicadas em tais estratégias de mobilização de recursos (Mouzelis, 2008). No fundo, desta forma conseguimos minorar os efeitos de uma teoria em *sforzando* que transporta consigo os problemas da determinação estrutural da acção, da sub-reflexividade, da agência irónica ou da rigidez disposicional.

Os projectos individuais resultam da capacidade das acompanhantes e dos clientes inteligirem e avaliarem as suas vidas no contexto das suas condições objectivas, mostrando-se portadores de competências de reflexividade social (Mead, 1963). É no âmbito do diálogo com os outros e o mundo social mais vasto (Mouzelis, 2008) que mulheres acompanhantes e homens clientes desenham os seus projectos individuais e definem os seus princípios orientadores (materialista-objectivista ou materialista-individualista), fórmulas que pretendem capazes de responder a diferentes objectivos e necessidades (sobrevivência a situações de precariedade e emergência económica e existencial; acumulação de capital económico; ou, por outro lado, acumulação diversificada de capitais).

Esta janela de diálogo reflexivo, onde se colocam permanentemente os projectos à prova no confronto com a sua exequibilidade, é o lugar das dramaturgias pessoais e sociais. Isto é, o lugar onde acompanhantes e clientes, mulheres e homens, se revelam simultaneamente como actores e autores da vida e da existência no mundo social. Será aqui que, ao limite, os modos de vida, enquanto abstracção analítica e conceptual, encontram materialidade em determinadas modalidades operatórias de enfrentamento das exigências quotidianas que se impõem à concretização dos projectos individuais (migração económica cruzada com a prostituição como solução de vida; a especulativa que joga a vida como um jogo de casino; desengano da vida: cosmopolitas avançada e conservadora; adição e recuperação; vencidos da vida ou o experimentalismo tardio).

Estas dramaturgias resultam da materialização do carácter imaterial da incorporação individual de uma multiplicidade de esquemas de acção, hábitos de pensar e de fazer (conjuntos de experiências sociais incorporadas no decurso da socialização na pluralidade de quadros sociais que cada indivíduo adquire progressivamente). A pertinência desses reportórios de hábitos depende de cada contexto específico, porque aquilo que faz sentido num determinado contexto pode não fazer noutro. Neste sentido, os esquemas de acção que compõe estes reportórios não são todos necessários a todo o instante nem em todos os contextos. Em stock, eles encontram-se disponíveis a serem usados. É,

precisamente, neste momento que as dramaturgias pessoais socialmente localizadas entram em acção, garantindo consistência, adequando as disposições activadas aos contextos de cada momento. São mecanismos reflexivamente construídos, com um grau de consciência elevado, que fazem da homologia entre posições e práticas sociais uma aparente e inevitável profecia que se auto-realiza, naturalizando aquilo que é o produto da relação reflexiva do indivíduo com o mundo social mais vasto e com as suas concretas condições de vida.

Dimensão contextual.

Importa não confundir os modos de vida que se tornam observáveis a partir da prostituição com a ideia da prostituição como modo de vida. A prostituição surge nesta pesquisa como uma dimensão interaccional da vida social (Mouzelis, 2008), ou como uma forma particular de configuração social onde se estabelecem relações de indivíduos que se encontram ligados entre si de forma interdependente e cujas acções interferem na produção de estruturas entrelaçadas de poderes e tensões (Elias, 1990, 1994a, 1994b e 2008). A prostituição, enquanto forma específica e comercial de sexualidade, é uma dimensão da realidade social e não uma qualquer estrutura social que organize ou oriente a acção (Jackson e Scott, 2010). A prostituição é uma esfera da realidade atravessada por forças estruturantes que ajudam à sua definição. Um contexto que sendo permeável a condicionantes externas também é definido por um conjunto restrito de regras, normas e ritualidades confirmadas e reproduzidas interaccionalmente (cuja análise deixaremos para outro momento). A prostituição, tal como ela é vivida pelas acompanhantes e pelos clientes, constitui o contexto social e interaccional, locus que no quadro das sociedades contemporâneas marcadas pela pluralidade contextual (Lahire, 1998, 2004 e 2005) apenas será parcialmente responsável pela produção dos modos de vida identificados.

A pesquisa permitiu distinguir, entre as acompanhantes e os clientes, sistemas de disposições, padrões de conduta, projectos individuais, estilos de existência quotidiana, dramaturgias de vida com características diferenciadas que constituem três modos de vida distintos: um *modo de vida de acompanhantes em sossego desassossegado*; um *modo de vida de acompanhantes e clientes em excitação estável*; finalmente, o modo de vida de acompanhantes que encontram na prostituição uma forma de *desenganar a vida*.

Quadro 4.1: Características dos modos de vida

		Modo de vida sossego desassossegado	Modo de vida desenganar a vida	Modo de vida excitação estável	
Dimensão social	Classe social	EDL		EDL	
		TI	TI	PTE	
		EE		EE	
	Mobilidade	Ascendente	Ascendente	Ascendente	
		Descendente	Descendente	Descendente	
		Estacionária		Estacionária	
Relação com condições de vida	Inconformista cansada (fatalismo)				
	Inconformista	Inovação	Aparentemente <i>blasé</i>		
Dimensão temporal	Projecto	Materialista objectivista	Materialista individualista	Materialista individualista	
	Objectivos	Sobrevivência			
		Angariação / acumulação de capital económico	Acumulação diversificada de capitais (económico, cultural, social, físico)	Acumulação diversificada de capitais (económico, cultural, social, físico)	
	Dramaturgia pessoal e social	Migração			Cosmopolitismo avançado
		Especulativa (a vida como um jogo de casino)	Desengano da vida		Cosmopolitismo conservador
					Adição e recuperação
Relação com o tempo				Vencidos da vida	
				Mista	
		Defensiva: - Futuro / + Presente	Defensiva: - Futuro / + Presente	Defensiva: - Futuro / + Presente	
				Colonizadora: + Futuro / - Presente	
Dimensão contextual	Relações com a prostituição	Plataforma de mobilidade social	Reconversão de espaços marginais no mundo do trabalho	Sinal exterior de sucesso social	

4.2 | *Sossego desassossegado*: prostituição como plataforma de mobilidades sociais

Sossego desassossegado é um oximoro que pretende clarificar as características matriciais de um modo de vida que se constitui em torno de sistemas de disposições e modalidades de existência quotidiana marcados pela oscilação entre o sossego da vida aparentemente determinada por forças estruturais externas e o desassossego da luta pela garantia de melhores condições de vida. Um desassossego que emocionaliza e intensifica as experiências quando, paradoxalmente, a ambição principal seria a rotinização e a estabilização da vida. Um modo de vida que vive num incessante estado de luta pela vida e na ininterrupta exigência para encontrar novas estratégias de transformação das condições de vida que permitam a fuga a cíclicas situações de precariedade económica e existencial. Do outro lado do ciclo da precariedade encontramos o ciclo do sucesso da inserção em trajectórias sociais ascendentes ou, pelo menos, o êxito na angariação de capital económico. A alternância recorrente mas imprevisível destes dois ciclos faz deste modo de vida um sistema

particularmente turbulento e caótico de gestão das condições objectivas e das exigências quotidianas⁴⁷. Assemelha-se a um sistema dinâmico não-linear próximo dos propostos por Poincaré, na medida em que não é predeterminado, os efeitos e implicações do envolvimento individual são aleatórios e não previsíveis. Ao mesmo tempo, as ocorrências, o carácter cíclico entre mudança e estabilidade ou entre sossego e desassossego evoluem de forma aperiódica, e o futuro é extremamente dependente do estado actual e pode sofrer inflexões radicais a partir de pequenas mudanças que ocorram no presente.

Quadro 4.2: Modo de vida sossego desassossegado

Protagonista	Projecto	Dimensão temporal		Dimensão social		
		Modalidade operatória	Relação com tempo	Trajectória social	Classe social	Relação com as condições de vida
Clara	Materialista-Objectivista	Especulativa	Defensiva	Ascendente	EDL	
Filipa				Descendente	TI	Inconformismo
Rita				Ascendente	TI	
Catarina		EE		Estacionária	EE	Inconformismo cansado (fatalismo)
Isabel						
Danny		Migração		Ascendente	TI	
Jennifer				Estacionária	TI	Inconformismo

Este é um modo de vida onde não cabem os homens clientes. Um modo de vida que se apresenta como um exclusivo de mulheres prostitutas acompanhantes e, entre elas, é espaço de organização do quotidiano apenas para as que vivem vidas de maior precariedade existencial e em permanente luta pela transformação das condições de existência.

Ao contrário das noções de estilos de vida ou de habitus propostas por Bourdieu (1979 e 2002), não se verifica uma relação homológica entre uma determinada localização no espaço das classes sociais e inscrição individual neste tipo de modo de vida detectado no cenário desta prostituição abrigada e selectiva. Estas mulheres prostitutas acompanhantes têm inserções estruturais que variam entre as classes dominantes do pequeno empresariado da indústria do sexo, às posições assalariadas de base ocupadas por mulheres que fazem da prostituição uma actividade a tempo parcial em regime de trabalho por conta de outrem e de autonomia limitada (mulheres para quem a actividade profissional principal é particularmente indiferenciada e de rendimentos insuficientes, conferindo à actividade prostitucional o estatuto de ocupação auxiliar que garante o financiamento da vida de todos os dias), passando por quem exerça a actividade de acompanhante como trabalhadora independente a tempo inteiro (única actividade profissional e a exclusiva fonte de rendimento). Da mesma forma, este modo de vida não determina, por si mesmo, um único sentido de mobilidade social, sendo detectáveis

⁴⁷ A turbulência é apenas uma metáfora para a complexidade social que nos ajuda a sintonizar conjecturas acerca do entrelaçamento das relações e processos sociais evolucionistas, isto é, que ocorrem num tempo não reversível, numa temporalidade que avança inexoravelmente sem que conheçamos o destino desse tempo que se adianta (Louçã, 1997).

traçados no espaço social de sentido ascendente, descendente e estacionário. As localizações de classe e os atributos estruturais das acompanhantes que colocam em prática este modo de vida decorrem, sobretudo, de trajetórias de mobilidade social ascendente conjugadas com a angariação e acumulação de capital económico. As rotas de declínio social e as trajetórias estacionárias são compensadas por uma significativa variação positiva do capital económico, contribuindo para a ultrapassagem de situações de emergência económica e existencial. De forma breve, podemos dizer que independentemente da rota de mobilidade social, o sucesso da vida e do trajecto de mobilidade social é, em grande parte, medido pela variação positiva do volume e estrutura do capital económico.

Verifica-se que neste modo de vida também se encontram as protagonistas com capital social de menor densidade (a excepção é Clara) e percursos escolares de menor longevidade, mas estes tipos de capital não se tornam alvos preferenciais da acção. O eventual investimento no prolongamento da escolaridade ou em acrescentar conhecidos à rede de contactos tem um carácter meramente instrumental: são meios para atingirem um fim específico, angariar e acumular capital económico.

O capital físico é um recurso mobilizável, actuando como um activo importante na angariação de benefícios objectivos sob fortes condicionantes: a composição do capital físico deve aproximar-se dos pólos que definem o corpo como civilizado e como projecto individual reflexivamente investido, garantindo uma avaliação da apresentação de si distintiva e longe da vulgaridade. Desta forma, o capital físico revela-se um recurso apenas mobilizável por algumas das acompanhantes que se inscrevem neste modo de vida.

O principio de orientação *materialista objectivista* dos projectos individuais percebe a qualidade de vida, a segurança económica e existencial e o quadro de melhores oportunidades na dependência da conquista de recursos económicos nunca antes detidos, perdidos subitamente num momento da vida, ou não transferidos da geração anterior. Aqui situam-se projectos individuais centrados na melhoria das condições objectivas de vida e pela abertura de um horizonte de possibilidades mais vasto do que o inicial. Estamos perante o desenho de mobilidades sociais reflexivamente pensadas, que se inscrevem em projectos auto-estruturados construídos de modo autónomo. Estas mulheres pensam-se capazes de os construir e realizar de modo autónomo, embora condicionadas por constrangimentos institucionais, sociais ou históricos (Pais, 1996).

Entre estas mulheres encontramos posições estruturais de origem marcadas pela propriedade de pequeno comércio tradicional e decadente numa pequena cidade brasileira (Jennifer); pelo assalariamento de base associado a fortes vínculos de fidelidade e dependência em relação aos empregadores em contexto rural do nordeste brasileiro (Danny); pelo assalariamento de base na indústria (Rita) ou nos serviços (Clara, Catarina e Isabel); pela repentina e vertiginosa deslocação social de sentido descendente determinada pela falência dos negócios da família de origem (Filipa). Posições que não se limitam a produzir cenários marcados pela escassez de recursos económicos e de experimentação de privações materiais, como também revelam cenários familiares assentes em recursos escolares limitados e capitais sociais especialmente empobrecidos.

A estas desvantagens estruturais da família de origem, que definem parcialmente as probabilidades de sucesso da trajetória social (Almeida, 1981 e 1984; Bourdieu, 1979), associam-se outras relacionadas com acontecimentos e dinâmicas familiares cruciais na orientação da vida (Bertaux e Thompson, 1997). Estas mulheres acompanhantes tiveram inícios precoces no mundo do trabalho como resposta a problemas económicos na família de origem muitas vezes adicionados à incompreensão e incapacidade de investimento na continuidade da escolarização das filhas (Clara, Jannifer, Danny), ou acrescentados de conflitos e cortes de relações com os pais e familiares por causa do sentimento de desprotecção económica (Catarina e Filipa), ou juntados a formas de violência doméstica (Isabel) ou ainda a ausências desprotectoras (Rita).

A precariedade material e existencial que ameaça as vidas quotidianas destas mulheres torna imperativa a multiplicação de esforços para encontrarem uma solução para as suas vidas, formas de orientação da vida pessoal no sentido da evasão e da transformação de cenários particularmente constrangidos pelas condições objectivas de existência. Formas de orientação que transformam as condições objectivas no alvo preferencial da sua acção. A busca por soluções para as suas vidas é um processo iniciado numa idade precoce, sendo inaugurado por uma rápida passagem do estatuto de dependência na casa dos pais para o estatuto de trabalhadora pouco qualificada e de baixos salários, concretizando formas de autonomização económica e residencial. Para algumas, a concretização deste processo de emancipação pessoal inscreve-se numa lógica de migração transatlântica. Mas, para todas elas, portuguesas ou brasileiras, a antecipação do futuro pela entrada no mundo do trabalho torna-se um aspecto fundamental para a ultrapassagem das desvantagens iniciais.

Contudo, uma relação inconformista com as condições objectivas de vida não é suficiente para as alterar. Do mesmo modo, o facto de se ter um projecto de vida não é condição definitiva para ele venha ser bem-sucedido. Pelo contrário, o que se torna evidente neste modo de vida é a permanente submissão dos projectos das acompanhantes a provas de exequibilidade (Dubet e Martuccelli, 1998; Martuccelli, 2006). Desta forma, a luta pela vida é também a luta pela validação e pela adequação das decisões, dos planos, dos objectivos, das estratégias de existência e das modalidades de operacionalização aos ciclos e contraciclos da vida, aos momentos de sossego e de desassossego que vivem.

A sucessão de tentativas fracassadas para encontrar uma melhor situação social conduz algumas destas mulheres ao desalento, ao inconformismo cansado, ou àquilo a que Bourdieu (1979) chamou de envelhecimento social. O desalento ou inconformismo cansado revela-se através de uma atitude fatalista tardiamente incorporada; mostra-se na resignação a uma história de vida percebida como um destino sem fuga; anuncia-se pela substituição da auto-estruturação pela ideia de que a vida é hetero-produzida por forças estruturais exteriores contra as quais elas (mulheres acompanhantes) nada podem, naturalizando a posição social, as condições objectivas de vida e o universo de possibilidades (Pais, 1986). Este fatalismo tardio (consequência de lutas perdidas pela transformação

da vida) é a recusa da modernidade, o repúdio de uma orientação manipuladora no sentido do futuro, a favor de uma atitude que deixa os eventos surgirem como quiserem (Giddens, 2001).

Relações com as condições de vida que oscilam entre o inconformismo e o fatalismo tardio; a contingência e o carácter temporário dos projectos individuais; o sossego e o desassossego na luta pela garantia de melhores condições de vida; a alternância permanente entre ciclos de precariedade e de estabilidade; todos se revelam factores que tornam mais clara uma relação defensiva com o tempo⁴⁸. O futuro incerto e aleatório associa-se a um presente instável, preenchido de inseguranças e fragilidades. Neste cenário, para além do conhecimento do passado não garantir uma correcta previsão do futuro (Louçã, 1997 e 1999), o presente marcado pela instabilidade das condições objectivas de existência e pela incerteza em torno do sucesso dos projectos individuais, promove a emergência de estratégias defensivas de encarar o futuro (Pais, 2003). Este modo de vida caracteriza-se pela desfuturização da vida por meio de dois processos: (i) a utopização que transforma o futuro em eterno imaginado, a ficção e o sonho tomam o lugar do projecto reflexivamente produzido; (ii) a atopização do futuro que faz do futuro o dia-a-dia. Trata-se da banalização ou a ausência do futuro determinada pela incerteza do presente e pela incapacidade de planear o futuro (Pais, 2003).

As situações cíclicas de precariedade económica e existencial, a incessante luta pela vida, a ininterrupta exigência para encontrar novas estratégias de transformação das condições de vida e a relação defensiva em relação ao futuro, que caracterizam este modo de vida obrigam a três considerações acerca da relevância da prostituição na gestão quotidiana das necessidades, desejos e das condições objectivas para a sua concretização.

Em primeiro lugar, a prostituição passa a ser um contexto de participação social para as mulheres que organizam o quotidiano segundo este modo de vida quando a relação com tempo e a noção de biografia reflexivamente orientada deixa de ser colonizadora do futuro e passa a expectante e defensiva. Esta forma de prostituição adequa-se a um futuro imaginado como uma ficção ou a um futuro com a amplitude do dia-a-dia. Porque, este tipo de prostituição não tem futuro, apenas presente. Existe hoje, ajuda a resolver o presente e ou manter vivos sonhos de futuro, mas não tem futuro porque o prolongamento da atividade prostitucional não é sustentável e determina o declínio social e económico (Coelho, 2009a).

Em segundo lugar, a prostituição passa a ser um contexto social a percorrer e onde se podem mobilizar novos recursos quando a relação entre as exigências quotidianas e as condições de vida continua a ditar turbulência existencial. A prostituição abrigada e seletiva pela rapidez e quantidade de dinheiro que permite ganhar adequa-se a formas de luta pela vida que fazem das condições objetivas de vida o seu alvo primordial, ajudando a solucionar mais um ciclo de precariedade ou instabilidade económica.

⁴⁸ “Vivo sempre no presente. O futuro, não o conheço. O passado, já o não tenho.” (Fernando Pessoa [Bernardo Soares] O Livro do Desassossego).

A emergência económica definida pela necessidade de dinheiro rápido é um dos factores que empurra estas mulheres para a atividade prostitucional como acompanhantes, da mesma forma, a rapidez com que ganham dinheiro e o volume de dinheiro que obtêm continuam a ser factores determinantes para a permanência na atividade (Bernstein, 2007a e 2007b; Coelho, 2009a; Oliveira, 2004 e 2011; O'Neil, 1997 e 2001; Ribeiro et al, 2008; Sanders, 2005a e 2008; Sanders et al, 2009). Neste sentido, a prostituição é um mecanismo de angariação e acumulação de capital económico, principal objectivo de projectos de vida organizados segundo princípios materialistas objectivistas. Num aparente paradoxo, a prostituição que estigmatiza as mulheres⁴⁹ acaba por constituir, através dos rendimentos que proporciona, o meio a partir do qual se libertam de cenários de escassez material, do risco percebido de pobreza ou de trajetórias de perda. Por um lado, o dinheiro ganho paga a possibilidade de sonhar, planejar e construir um futuro; garante a autonomia económica perante tutelas familiares (pais, maridos, companheiros); significa ganhos de poder e de controlo no interior das relações familiares, porque se tornam frequentemente as principais provedoras da família ou as únicas provedoras de bem-estar dos filhos (Oliveira, 2004 e 2011; Ribeiro et al, 2008). Por outro lado, numa sociedade em que o consumo se assume um indicador de integração social (Bauman, 2000, 2005 e 2007; Pais, 2001), a entrada na actividade prostitucional como acompanhantes também as integra, por via do acesso, da fruição e do consumo de bens e serviços que funcionam como marcadores simbólicos de estatuto e prestígio (Coelho, 2009a). Muitas vezes, apesar dos sonhos de poupança e acumulação de capital económico, estas mulheres acabam por viver sob alçada do binómio: ganhar depressa, gastar rápido. Situação que funciona como factor inibidor à retirada da prostituição (Day, 1994 e 2007).

Em terceiro, a entrada na prostituição não é a primeira solução para problemas económicos sentidos na vida, como também não é uma solução que se apresente no quadro dos primeiros problemas que estas mulheres se viram obrigadas a enfrentar. Pelo contrário, surge como a última hipótese para viabilizar a sobrevivência do projecto individual, da emancipação pessoal, ou como garantia do financiamento da vida quotidiana pessoal, de familiares ou dos filhos. No fundo, a prostituição apresenta-se como uma solução de recurso quando se desmoronam todas as outras tentativas de ultrapassar as precariedades materiais. Não será a emergência económica quem dita a prostituição como solução para os problemas da vida, mas antes o facto desta ser mais uma situação de emergência que se associa a anteriores e um depauperado e esgotado património de recursos materiais e relacionais que não lhes permite imaginar outras formas de fuga à precariedade e escassez.

A prostituição integra-se, desta forma, em esquemas operatórios relativamente complexos, duráveis e sucessivamente actualizados (ao ritmo dos ciclos de alternância entre a precariedade e a

⁴⁹ Sobre o processo de estigmatização das mulheres prostitutas, ver: Petherson (1996). Ainda sobre o estigma da prostituição e o seu contributo fundamental para a construção de desigualdades, ver: Scambler e Scambler (1997).

estabilidade) sobre os quais estas mulheres apoiam os seus projectos de vida (utopizados e atopizados). Neste sentido, a entrada na prostituição será a mais recente forma de actualização desses esquemas operatórios de manutenção dos projectos individuais. A entrada na actividade prostitucional é uma forma oportunista de solucionarem e financiarem a vida (Scambler, 1997), é a derradeira oportunidade de vida. Desta forma, entre as acompanhantes situadas neste modo de vida, ingresso na prostituição actualiza esquemas operatórios com o recurso duas diferentes roupagens: (i) estratégias de migração económica. (ii) Modalidades especulativas da vida, a emancipação pessoal passa por arriscar no presente esperando que o futuro solucione os encargos, responsabilidades e compromissos entretanto assumidos.

Migrações transatlânticas com sexo (pago) na bagagem

Parte considerável da visibilidade social e do conflito ideológico em torno da prostituição deriva da criação artificial de um relação umbilical entre o sexo comercial e fenómenos de criminalidade organizada, nomeadamente o tráfico de seres humanos (Bernstein, 2007a; Phoenix, 2001; Sanders e al, 2009; Ribeiro e Sacramento, 2002; Ribeiro e al, 2008; Santos et al, 2007; Weitzer, 2000a, 2005 e 2007). Para muitos o exercício de conflagração entre as noções de migração para trabalho sexual e de tráfico de seres humanos é uma preocupação central; uma mistura que tece a rede de argumentos que transformam a prostituição numa forma de pânico moral e justifica a acção política no sentido da sua erradicação ⁵⁰(Weitzer, 2000a, 2000b, 2005 e 2010). Mas deve haver lugar para se perceber, por um lado, a existência de migrações voluntárias associadas ao trabalho sexual e o trabalho sexual voluntário; e, por outro, para existência de tráfico de seres humanos, crime que se destina a alimentar diferentes sectores da actividade económica e não apenas a prostituição ou a indústria do sexo (Agustín, 2005a, 2005b e 2006; Butcher, 2003; Kempadoo, 2004 e 2005; Kempadoo et al, 2005; Weitzer, 2007). É, por isso, vital fazer uma distinção analítica e conceptual entre trabalhadoras do sexo migrantes e traficadas. Clarificação que separa situações coercivas e outras que têm como pano de fundo mulheres que manifestam um nível de autonomia suficiente para serem elas próprias a definir o ingresso na prostituição (Agustín, 2006; Ribeiro e Sacramento, 2002). Isto é, importa distinguir trabalhadoras sexuais migrantes com relativo grau de autonomia e mulheres objecto de tráfico para

⁵⁰ Esta paisagem institucional e política é fortemente marcada pelas resoluções da ONU acerca da prostituição, do tráfico de seres humanos e do trabalho prostitucional. Ou a um nível local e regional pelas legislações de pendor abolicionista ou proibicionista que têm recrudescido nos países do norte da Europa (Suécia e Noruega) e que se expandem para a Europa Central (França e Alemanha) ou que se tem acentuado nalguns estados dos EUA. Em sentido oposto destaca-se a resolução do Conselho da Europa (1579/2007) que opta por uma clarificação entre trabalho sexual voluntário e forçado, criando as bases necessárias para distinguir a actividade prostitucional do tráfico de seres humanos. O Conselho da Europa recomenda que no caso da prostituição voluntária os processos legislativos tenham em consideração as opiniões daqueles que se dedicam à actividade prostitucional, bem como garantam a protecção da sua independência em relação a potenciais exploradores.

trabalho sexual (Ribeiro et al, 2008). Há muito pouca pesquisa sobre as trabalhadoras do sexo migrantes e ainda menos sobre mulheres traficadas (Agustín, 2006; Santos e al, 2007).

A confusão entre prostituição exercida por trabalhadores migrantes e tráfico de seres humanos assenta em dois pilares. Um de natureza teórica e ideológica, difusor da ideia da impossibilidade da prostituição ser uma actividade voluntária, consentida, consciente ou uma decisão legítima das suas protagonistas. Visão devedora de uma arquitectura simbólica em torno da sexualidade construída pelo eixo sufragista-abolicionista, explorada pelo feminismo radical através das teses da violência intrínseca da prostituição que transformam todas as prostitutas em mulheres necessariamente forçadas, exploradas e violentadas. Outro devedor de uma leitura apressada da realidade ou de uma confusão factual, pilar que se alicerça na forma como as viagens, os planos de migração, e os recursos necessário para as concretizar são conseguidos por estas mulheres. Porque a partida e a chegada são etapas que implicam mecanismos de promoção e financiamento da migração, envolvendo frequentemente redes não só de relações sociais como também de dependências económicas. Mas, ao contrário do que é comum ouvir-se em discursos académicos, muitas vezes estas redes são mais informais do que grupos organizados com um fim específico; são de pequena dimensão mais do que organizações criminosas de larga escala (Agustín, 2006). Os vínculos económicos que se estabelecem nessas redes, determinando obrigações e responsabilidades associadas ao financiamento da viagem promovem a confusão com o tráfico, dependência total, aprisionamento ou trabalho forçado.

A associação directa entre migração e trabalho sexual desqualifica estas mulheres enquanto trabalhadoras, viajantes e migrantes, tratando-as como objectos forçados a viajar e a trabalhar em condições que nunca desejaram; redu-las à condição de mulheres traficadas, à condição de vítimas (Agustín, 2005a, 2005b e 2006; Weitzer, 2007 e 2010). Tal visão ignora a visão estratégica sobre a vida e a responsabilidade que implica a decisão de migrar na busca de trabalho ou com a perspectiva de melhorar as suas condições de vida (Agustín, 2006). Ignora a capacidade de agência e as competências reflexivas destas mulheres na produção dos seus próprios projectos de vida, como se estes fossem inexistentes ou como se estas mulheres fossem particularmente incapazes de os produzir (Coelho, 2009a).

Os termos globalização ou sociedades em rede referem-se à crescente mobilidade ou conectividade, do trabalho, capital, produtos e serviços, informação, tecnologias e comunicações e circulação de pessoas (Bauman, 2000 e 2007; Castells, 1996, 1998 e 2001). Estes conceitos podem abrir portas explicativas sobre a prostituição (Sanders et al, 2009). Na intersecção entre prostituição e globalização podemos identificar, entre outras coisas, o problema das desigualdades à escala global e a forma como estas se situam num plano basilar para fenómenos migratórios ligados à indústria do sexo. Neste ponto, devemos entender a desigualdade global como um problema mais abrangente do que a desigualdade entre países, colocando em evidência clivagens entre indivíduos à escala global (Milanovic, 2007 e 2011).

A globalização e a mobilidade a ela associada, a internacionalização e a normalização do trabalho sexual têm efeitos sobre os factores de recrutamento de trabalhadoras para o trabalho sexual a dois níveis distintos:

Num primeiro nível, um sistema de desigualdades global que demonstra clivagens entre os indivíduos mais profundas do que as entre países, reforçando o incentivo à migração das franjas populacionais mais destituídas independentemente do seu local de origem (Milanovic, 2007 e 2011). De facto, a imigração de mulheres para o trabalho sexual insere-se no crescente fluxo de pessoas oriundas de regiões menos desenvolvidas ou, como é o caso de Jennifer e Danny, de países em rápido desenvolvimento mas especialmente marcados por desigualdades (Agustín, 2005a, 2005b e 2006 ; Ribeiro et al, 2008), países em situação de equilíbrio de alta desigualdade (Korzeniewicz e Moran, 2009).

Num segundo nível, este contexto global faz da mobilidade um poderoso factor de estratificação (Bauman, 2000): os ricos são globais mas a pobreza é local. Ou de outra forma, para uns a mobilidade internacional é percebida como cosmopolitismo (Peixoto, 1999), como uma forma de profissionalização transnacional que se cruza com o culto de determinados modos de vida e pela aquisição e expressão de competências internacionais de carácter distintivo (Sassen, 2005; Wagner, 2007); para outros a mobilidade é uma forma de migração para a sobrevivência (Sassen, 2005). As mulheres que cruzam nas suas vida migração e entrada na actividade prostitucional encontram-se arredadas dos lugares próximos das elites internacionais (Wagner, 2007). Porque, impossibilitadas de investir noutras formas de acesso individual a melhores posições nas hierarquias sociais, nomeadamente através da escolarização e da qualificação profissional, percebem a mobilidade internacional como esquema de sobrevivência e de emancipação pessoal, fazendo da migração (conjugada com o trabalho sexual) via privilegiada para mobilidade social ascendente relativamente rápida num sistema de desigualdades mundializado (Costa, 2012a e 2012b).

De forma breve, a destituição material vivida nas comunidades de origem e o entendimento utilitário da mobilidade internacional enquanto instrumento de sobrevivência são factores que contribuem para desqualificação destas mulheres migrantes, enquanto viajantes e trabalhadoras internacionais, bem como para a confusão das mulheres migrantes que trabalham como prostitutas (acompanhantes) com a condição de mulheres traficadas e destituídas de capacidade de agência.

Uma análise que se baseia na identificação de factores push e pull não parece ser suficiente para perceber a complexidade do feixe de condicionantes que determinam o recrutamento de mulheres para a prostituição, nomeadamente aquelas cujo recrutamento depende de estratégias e processos migratórios (Agustín, 2005a, 2005b e 2006; Massey et al., 1993). Embora se vislumbre como fator *push* as reduzidas e limitadas oportunidades de trabalho e as características do tecido produtivo da comunidade de origem; a precariedade económica domina os seus quotidianos, um leque extremamente restrito de oportunidades a que têm acesso nos seus contextos sociais de origem, são directa ou indirectamente apontados como factores essenciais para perspectivarem a emigração – e a

emigração para o trabalho sexual (Ribeiro et al, 2008). ou como factor de atracção e de magnetismo de tipo material e utilitarista, o elevado volume de rendimentos que o trabalho sexual pode significar para estas mulheres.

A verdade é que para além destes factores sempre localizados na exterioridade dos indivíduos, na decisão em torno da migração e da prostituição actua também a agência destas mulheres. A agência pode ser estruturada pelas condições, pode ser influenciada por estes factores que atuam em regime de complementaridade, contudo não é totalitariamente determinada por nenhum dos dois (Agustín, 2006; Scambler, 1997). Se por um lado, a decisão migratória é motivada pela urgente necessidade de encontrar respostas à precariedade económica, ao deserto de alternativas, às incertezas e insuficiências do presente, e à inexistência de futuro (Ribeiro et al, 2008). Por outro, a identificação destes factores é, pelo menos parcialmente, produto das capacidades reflexivas de avaliação das condições de vida e do campo de oportunidades que é oferecido a estas mulheres. Competências que as anunciam como *mulheres-indivíduo-reflexivos*⁵¹ construtoras de projetos de vida devedores da confrontação intensa com os riscos da emigração, implicando consciência reflexiva sobre momento decisivo (Giddens, 2001) de transição radical das suas biografias que se propõem viver na busca de novos futuros (Agustín, 2005b e 2006). Jennifer e Danny, prostitutas acompanhantes que se inscreveram em estratégias migrantes que unem Brasil e Portugal⁵², decidem viajar para trabalhar e adicionalmente concluem como solução de vida trabalhar na indústria do sexo. Estas duas mulheres assumem um projecto de vida, acção consciente e orientada para fins específicos (Weber, 1999 e 2005), que se organiza em torno de uma visão materialista-objectivista da vida, entendendo a conquista de recursos, sobretudo económicos, que nunca detiveram como condição fundamental para a construção da felicidade e de bem-estar pessoal e dos seus familiares, tanto no presente como para o futuro. Será esta racionalidade calculatória que prioriza o objectivo de ganhar dinheiro como forma de emancipação pessoal e de auxílio a familiares a responsável por colocar entre parênteses os entraves morais ao exercício da actividade prostitucional. Ou de outra forma, esta racionalidade calculatória tem um

⁵¹ Esta noção é uma forma de agregação dos conceitos de mulher-indivíduo proposto por Anália Torres e de indivíduo socialmente reflexivo desenvolvido por George Herbert Mead. Para mais ver: Torres (2001); Mead (1963).

⁵² Nas últimas décadas, migrantes que se dedicam à prostituição ou outras actividades da indústria do sexo percorrem rotas de migração em todas as direcções, de fora para o interior da Europa e dentro das fronteiras europeias (Agustín, 2005a). Se nos países da Europa central estes fluxos migratórios são predominantemente definidos no sentido do leste europeu para o ocidente, no caso de Portugal as rotas de migração percorridas por mulheres estrangeiras que trabalham como prostitutas unem dois lados do Atlântico, fazendo sobrepor o eixo de ligação histórica, cultural e linguística entre Portugal e o Brasil a um vínculo carácter económico e sexual. O fluxo migratório entre Brasil e Portugal foi também identificado como o mais importante no fenómeno do tráfico de mulheres para o mercado sexual português. Para mais, ver: (Peixoto et al, 2005; Peixoto, 2007; Santos et al, 2007). Uma nota final, este tipo de informação deve ser lida tendo em consideração as dificuldades metodológicas de se trabalhar com populações ocultas quando se ambiciona fazer grandes retratos europeus com base em dados quantitativos, ou quando se tenta entrar no mundo do crime. Os trabalhos aqui referidos têm, contudo, o rigor de assinalar essas dificuldades e alertar para possíveis enviesamentos amostrais ou para a produção de retratos da realidade limitados.

efeito deflexivo (Giddens, 1984, 2000 e 2001), fornecendo uma certeza básica para a acção e colocando entre parênteses todos os riscos físicos, morais e sociais implicados na rota de intersecção entre migração e prostituição.

Danny

“Nunca imaginei que pudesse virar puta... mas a vida prega muitas peças na gente e quando temos um filho para sustentar e cuidar isso é mais importante (...) quero poder dar a ele todo o conforto, quero que ele possa fazer tudo o que não pude ter, quero que ele estude e faça faculdade e seja alguém na vida... hummm... não tenha que emigrar como eu ou que não fique a trabalhar na fazenda como os meus pais e o meu irmão (...) eu nunca que podia imaginar que pudesse estar nesta situação [ser acompanhante] ou que um dia pudesse estar aqui em Portugal. Aquilo que eu sempre quis foi sair da fazenda onde os meus pais e o meu irmão sempre trabalharam, porque a vida lá era muito pequena para mim, certamente teria a mesma vida da minha mãe, servindo na casa dos patrões, fazendo limpeza, cozinhando (...) sempre desejei sair, o meu sonho sempre foi ir para o litoral, trabalhar em hotelaria.”
“[depois da experiência inicial a trabalhar nas limpezas de um hotel; experiência interrompida com o nascimento do filho] comecei a perceber que no hotel onde trabalhava tinha muitos homens sozinhos, grupos de homens que viajavam sozinhos... comecei a ligar as coisas... depois comecei a sentir que muitos se interessavam por mim, queriam conversar, me convidavam para sair... pronto quando dei conta estava aceitando esses convites e uma coisa leva a outra e pronto (...) nem sempre recebia dinheiro, podia ser só o facto de irmos jantar e sair, mas geralmente recebia sim (...) depois conheci um português lá do Porto que me convidou para ir trabalhar para as casas dele lá no Porto. Primeiro eu disse que não. No dia seguinte voltamos a ficar e ele insistiu, era muito dinheiro, acabei aceitando.”
“Aquilo era uma exploração! Tá certo que eu tinha que pagar as minhas dívidas, ele tinha adiantado o dinheiro da viagem... (...) mas o ambiente era horrível, todas aquelas meninas, os homens, uns nem eram assim tão mal, mas outros...bahhh! Olhando para trás acho que ainda fica pior a imagem daquilo (...) Eu já tinha ouvido meninas contarem entre elas coisas dessas, que a não sei quantas fez e tal... eu comecei a pensar que era uma boa solução para mim, encontrar um cliente para me sustentar e par eu poder sair dessa vida (...) aconteceu, mas acabou por não dar certo, porque eu continuava na mesma exploração, dependia dele para tudo, não tinha nada meu (...) separei dele e foi trabalhar como acompanhante independente, antes de separar estive a estudar o mercado na internet, contactei algumas meninas e vim para Lisboa (...)”

Jennifer

“Lá minha vida era sem perspectivas, o normal de uma cidadezinha pequena... a minha família não tinha grandes condições económicas, eu não tinha trabalho... a minha vida era estar em casa, ajudando a minha mãe e a minha avó (...) Lá só havia a metalúrgica e aí não há trabalho para mulheres, se eu ficasse que vida iria ter? Ia ficar para ter uma vida igual à da minha avó e igual à da minha mãe? Eu não queria essa vida para mim, uma vida de mulher que não trabalha, que só trata da casa, do marido e dos filhos. O problema nem é fazer essa vida, é ter essa vida porque não se tem condição de fazer outra coisa...ehhh... porque se é pobre.”
“Eu não vim para cá para trabalhar nesta vida, para ser garota de programa. Trabalhei muito desde que cheguei em Portugal! Ralei muito mesmo, tou falando sério... quando cheguei vim directo para casa de uma família trabalhar como interna e bábá na casa deles na expo (...) no final do mês quase não ficava com dinheiro, porque parte tinha de pagar o adiantamento da viagem, outra parte era descontada no ordenado por causa do alojamento e alimentação (...) fui trabalhar num restaurante servindo às mesas (...) ganhava mal, mal dava para mim e para mandar dinheiro para a família... isso, estava frustrada mesmo! (...) Comecei por um apartamento, vi o anuncio no Correio da Manhã a pedir modelo colaboradora e fui. Daí, depois de ter percebido como funcionava, dá para perceber rápido e não há necessidade de você ficar pagando 50% (...) então comecei a trabalhar como acompanhante independente.”

Os projectos de migração de Danny e Jennifer são um misto de circunstâncias complexas, que passam pela estrutura do tecido económico e pelas oportunidades de trabalho na comunidade de partida (desemprego ou frustração com as condições de trabalho), intersectam-se com razões pessoais (o desejo de emancipação em relação a tutelas da família de origem; situações de maternidade inesperada e necessidade de garantir bem-estar e estabilidade económica dos ascendentes ou descendentes), com o inesperado e aleatório dos acontecimentos da vida e são devedoras do carácter accidental dos encontros com as pessoas com quem se cruzam (a rede de contactos que se estabelece e que subitamente se revela potenciadora da emigração, ou um encontro sexual accidental com alguém que abre a porta de saída para o outro lado do Atlântico).

Embora, partam de distintas condições perante o trabalho (Danny trabalhava como empregada de mesa na indústria hoteleira; Jennifer estava desempregada, vivendo na dependência dos escassos recursos económicos da família de origem), o objectivo das duas é comum, reunir dinheiro para uma vida melhor, para construírem uma vida para si, para ajudar financeiramente familiares e filhos deixados no país de origem (Ribeiro et al, 2008). Estas duas viajantes têm em comum um processo de saída do seu país para ganharem a vida trabalhando. Acontece que o seu trabalho acabou por ser, por

via directa ou indirecta, num sector económico informal, desprotegido e desregulado como é a indústria do sexo e a prostituição (Agustín, 2006). Os casos destas duas acompanhantes revelam duas formas paradigmáticas do cruzamento entre estratégias de migração económica e o trabalho sexual. Jennifer emigra sob garantia de emprego noutra actividade, acabando por trabalhar na prostituição depois de um circuito por outras actividades profissionais subalternizadas, informais e precárias. Por outro lado, para Danny a ideia de emigração à procura de melhor vida supõe, desde logo, a entrada na prostituição como via para o sucesso da sua emancipação pessoal (Ribeiro et al, 2008). Este tipo de migração e de inserção no mercado de trabalho no país de acolhimento resulta de uma recusa de outras formas de trabalho mais mal pago e muitas vezes segundo regimes laborais abusivos (Agustín, 2006; Sanders et al, 2009), seja na comunidade de origem ou na de chegada.

Mas, o carácter consciente, livre e não forçado do projecto migratório e da entrada na actividade prostitucional (Agustín, 2007; Piscitelli, 2009; Sacramento e Alvim, 2016) não significa que os cenários ou os sentimentos de exploração estejam definitivamente afastados. O facto de saberem exactamente aquilo iriam fazer à chegada a Portugal, de conhecerem directamente (Danny) ou através de uma rede informal de auxílio à emigração (Jennifer) os futuros patrões na indústria do sexo ou nos serviços domésticos, não significa o afastamento das possibilidades de exploração ou de insatisfação com o trabalho (Agustín, 2006 e 2007). Estes riscos devem-se, pelo menos parcialmente, à contracção de dívidas como modo de financiamento das viagens transatlânticas, estabelecendo-se obrigações e responsabilidades que funcionam como laços de dependência e constrangimento objectivo nos primeiros tempos de vida em Portugal.

Os financiadores das viagens aparecem sob a forma dos futuros empregadores em Portugal. Danny vê a sua viagem financiada pelo patrão na indústria do sexo; a família para quem trabalhará como empregada doméstica interna paga a deslocação de Jennifer. A dívida contraída ainda antes da partida junto do empregador, seja o empresário da indústria do sexo ou uma família, abre a porta a práticas mais ou menos acentuadas de extorsão ou exploração no universo dos mercados de trabalho cor-de-rosa (serviços domésticos) ou vermelho (indústria do sexo, prostituição). No mínimo, este período inicial revela-se para estas duas mulheres como um momento de grande insatisfação com as condições de trabalho e de grande frustração quanto à decisão da aventura migratória. Estes são momentos de grande precariedade. Por um lado, devido ao choque da entrada abrupta num novo país, numa nova realidade cultural, numa nova actividade profissional. Por outro, porque a informação inicial nada revelava acerca das condições efectivas de trabalho ou de alojamento (Agustín, 2005b, 2006 e 2007), vendo-se confrontadas com longos horários de trabalho e poucos momentos de tempo livre, condições residenciais que conferem pouca liberdade de movimentos, quer pelo regime de partilha de alojamento sob controlo da entidade empregadora (Danny) quer pela fusão entre local de residência e de trabalho (Jennifer). Condições que se associam a despesas adicionais inesperadas (nomeadamente o investimento necessário em roupa e lingerie no caso de Danny que entra

directamente para a actividade prostitucional) e à necessidade de cumprirem as suas responsabilidades de pagamento dos créditos contraídos.

Danny enquadra-se entre aquelas mulheres que viajam para trabalhar na prostituição ou na indústria do sexo sabendo no momento da partida aquilo que irão fazer no país de chegada (Ribeiro e Sacramento, 2005; Oliveira, 2004; Piscitelli 2004 e 2009; Sacramento e Alvim, 2016). Assumir essa decisão significa agarrar uma oportunidade para melhorar a sua vida, criando uma solução para as precariedades materiais e para as frustrações profissional e pessoal sentidas no país de origem (Ribeiro et al, 2008, Agustín, 2007; Sacramento e Alvim, 2016); significa uma opção pela tentativa de conquista de melhores condições de vida para si, para os seus pais e para o seu filho.

A maternidade não planeada apanha Danny ainda numa fase precoce da vida. Ser mãe no contexto de uma relação amorosa recente e não estabilizada transforma a gravidez numa causa directa da ruptura da relação. Abandonada pelo seu namorado e pai do filho a partir do momento em que engravida e depois de uma sequência de promessas de comprometimento – institucionalização da relação amorosa pelo casamento - sucessivamente adiadas, torna-se na única responsável pelo cuidado do filho. Num regresso a formas de dependência das quais se desejava desvincular, só com a ajuda dos pais e dos seus patrões consegue assumir as exigências afectivas e económicas de protecção do filho. A extensa precariedade económica que domina os seu quotidiano, o leque restrito de oportunidades de vida acessíveis, não antevendo oportunidades de melhoria salarial ou de progressão profissional (empregada de mesa num hotel) e as dificuldades dos pais para cuidarem do filho surgem como o principal rol de argumentos para a entrada na prostituição. O projecto migratório e a prostituição como hipótese de vida são tentativas de garantir um futuro para o filho com estabilidade económica e com um campo de possibilidades alargado; bem como uma forma de colocar em prática o desejo de fuga definitiva ao destino construído pela família de origem. Mas, ao mesmo tempo, é uma forma de atribuir uma nova roupagem a uma actividade que vinha exercendo de forma paralela, oculta e pouco reflectida antes da partida.

As primeiras experiências prostitucionais dão-se antes de viajar para Portugal no contexto de trabalho na indústria hoteleira. Danny tem alguma dificuldade em definir estas experiências como uma forma de prostituição, porque não procurava activamente clientes para encontros sexuais pagos. Estas primeiras experiências são fruto do assédio sexual de turistas (sobretudo portugueses) no hotel onde trabalhava. Danny não rejeita as propostas de encontros sexuais com hóspedes do hotel a troco de dinheiro e outros benefícios materiais (prendas e lembranças) e simbólicos (jantares, saídas nocturnas ou pequenos percursos turísticos). É precisamente um desses encontros sexuais pagos que lhe abre as portas da emigração para Portugal, fazendo da prostituição uma possibilidade de vida. Esse parceiro ocasional era empresário da indústria do sexo e convida Danny para trabalhar alternadamente num apartamento/bordel e numa casa de alterne nos arredores do Porto.

O regime de trabalho sexual intensivo a que está sujeita como prostituta por conta de outrem, a falta de autonomia e de capacidade de decisão no exercício da actividade e a manutenção de dívidas

em relação ao patrão, fazem-na procurar estrategicamente entre os homens seus clientes alguém disposto em investir numa relação amorosa consigo: seduz alguém por quem sente carinho, ele salda-lhe as dívidas e entram de imediato numa relação conjugal. Quando a relação chega ao fim – porque a dependência económica em relação ao companheiro se torna insuportável –, Danny troca o Porto por Lisboa e regressa ao mundo da prostituição mas agora como prostituta acompanhante independente.

De forma sintética, três momentos permitem avaliar a trajectória social contínua de Danny, percebendo como projecto individual, mobilidade social e actividade prostitucional se cruzam: (i) a vida profissional no Brasil como empregada executante na indústria dos serviços (hotelaria); (ii) o trabalho sexual como prostituta num bordel e numa casa de alterne melhorando as suas condições salariais, mas mantendo uma posição assalariada de base; (iii) a melhoria das condições objectivas com a passagem do exercício da actividade prostitucional por conta de outrem para a independência enquanto acompanhante, significando também a passagem de uma posição de assalariada de base para a de trabalhadora independente. A autonomização como prostituta acompanhante independente significa a entrada num registo de variações positivas do capital económico, passando de uma estrutura breve para uma selectiva (aumento considerável dos rendimentos do trabalho e a conquista de propriedade automóvel).

Enquanto vivia no Brasil o trabalho era uma miragem para Jennifer. Era desejado por aquilo que poderia significar na transformação da vida, mas parecia um oásis impossível de alcançar. Este cenário acabava por remeter Jennifer para uma trajectória que se aproximava de uma indesejada reprodução da vida vivida pela sua mãe: uma vida na redoma doméstica do trabalho desvalorizado e não pago, cuidando da casa, do eventual futuro marido e dos filhos que haveriam de chegar mais tarde ou mais cedo. A ideia de emigrar para Portugal é acolhida como forma de concretizar a miragem do trabalho pago, o sonho da independência e da emancipação pessoal, podendo experimentar a vida com segurança económica e ajudar a família à distância.

Depois de um percurso errático por uma constelação de outros trabalhos precários e mal pagos, a frustração com a sua situação profissional em Portugal (baixo rendimento e infelicidade naquilo que fazia) faz da migração uma decisão pouco favorável ou uma promessa não cumprida, induzindo a opção pela prostituição (Richards, 2004; Coelho, 2009a). Jennifer sente-se tentada a entrar na actividade prostitucional porque o trabalho como prostituta garante muito mais dinheiro do que qualquer outra forma de trabalho a que acedeu como migrante ilegal (Agustín, 2005b e 2006). O trabalho na prostituição, sobretudo como acompanhante, permite aceder a um rendimento muito acima do expectável nas oportunidades de trabalho convencionais (Moffatt e Peters, 2004; Willman, 2008 e 2010). Acede à prostituição por via de uma sucessão de outras, sempre precárias e mal remuneradas, inserções no mercado de trabalho. Formas de trabalho que não escapam à lógica da economia informal e a formas de trabalho subalternizadas (Agustín, 2005a, 2005b; Ribeiro et al, 2008). Jennifer começa por trabalhar nos serviços domésticos como empregada interna, acumulando funções de limpeza e manutenção da casa com os cuidados a crianças, passando, mais tarde, a trabalhar como empregada de

mesa. Trabalhos propiciadores de rendimentos muito abaixo das expectativas, dos compromissos e dos encargos entretanto assumidos: pagamento de dívidas relacionadas com a viagem; despesas inerentes à estadia em Portugal e encargos com a família de origem no Brasil. A prostituição passa a ser uma possível solução para a sua vida depois dos insucessos que vai acumulando nestas experiências laborais no mercado de trabalho cor-de-rosa (Pais, 2001 e 2003). A prostituição surge como oportunidade para alcançar as metas que colocou a si própria no momento da partida.

A decisão de entrada na prostituição radica na avaliação que faz da experiência profissional, das alternativas que tem ao seu dispor no mercado de trabalho convencional, das suas necessidades de financiamento (Willman, 2008 e 2010) e dos objectivos económicos implícitos à estratégia migratória.

Enquanto mulher migrante desvalorizada no quadro das mobilidades internacionais do mundo globalizado, confronta-se com um tipo específico de desigualdade categorial (Massey, 2007; Tilly, 2005) que faz da nacionalidade um factor e critério decisivo das desigualdades, condicionando ou induzindo as mulheres brasileiras em Portugal a uma forma específica de integração sexual no mundo do trabalho (Peixoto, 2007). A trabalhar num restaurante Jennifer tem um choque com uma visão portuguesa e masculina das mulheres brasileiras que simultaneamente as exotiza e erotiza, conferindo-lhes um carácter hiperssexualizado marcado pela extroversão, disponibilidade e desinibição sexual (Kempadoo, 1994; Ribeiro et al, 2008; Shrage, 1994). Ao mesmo tempo, começa a prestar mais atenção aos classificados que enchem várias páginas de alguns jornais diários, percebendo que grande parte desses anúncios é de mulheres prostitutas que fazem questão de se anunciar como brasileiras. Somando aquilo que ouve no restaurante onde trabalha e o que vê nos anúncios classificados, facilmente chega à conclusão que ser mulher, jovem e brasileira pode render mais dinheiro do que aquele que ganhava como empregada de mesa. Responde a um anúncio de recrutamento de um bordel/apartamento de Lisboa e inicia a sua carreira na actividade prostitucional. Esta experiência por conta de outrem foi temporária, uma forma de aproximação e aprendizagem acelerada na prostituição. Jennifer sente-se explorada pelo regime de trabalho prostitucional por conta de outrem, rapidamente angaria clientes regulares e autonomiza o exercício da actividade prostitucional.

Para Jennifer, embarcar na aventura migratória traduz-se na entrada numa persistente trajectória de mobilidade social ascendente. Destacam-se três momentos paradigmáticos: primeiro, a chegada a Portugal resulta na passagem da situação de desemprego, de desprotecção e de inexistência de acesso a recursos económicos para uma situação de emprego no trabalho doméstico por conta de outrem (empregada executante). O segundo momento define-se pela conquista de melhores condições objectivas traduzidas em melhor salário no sector da restauração, mas sem alterar a sua posição na estrutura social. O terceiro centra-se em torno do início da actividade prostitucional como acompanhante independente, representando um aumento considerável dos rendimentos do trabalho e determinando uma trajectória de mobilidade ascendente: passando de empregada executante a trabalhadora independente.

Para estas duas mulheres migrantes, o capital físico progressivamente investido e vigiado de forma crescentemente intensa, funciona como uma espécie de mola propulsora das suas trajectórias de mobilidade social: num primeiro instante, é o corpo abandonado à sua condição natural e às suas formas que permite um ingresso bem-sucedido no mundo da prostituição (garantindo recursos económicos extraordinários); depois, a internalização da necessidade de investir reflexivamente no corpo e a incorporação de hábitos de cuidado, estetização e erotização, permitiram a sua autonomização como prostitutas acompanhantes independentes.

A complexificação dos círculos e redes de relações sociais determina a quebra definitiva do controlo exercido pela família (Aboim, 2010b; Simmel, 1995 e 2009), possibilitando que à produção familiar de condicionamentos normativos assentes numa moral sexual restritiva e conservadora, oponham pela força da vida quotidiana uma visão ‘liberal’⁵³ da sexualidade que vão construindo e consolidando pela vida sexual vivida dentro e fora do contexto prostitucional, antes e depois da chegada a Portugal. Mas, o processo migratório apresenta-se como uma tentação e uma possibilitação. Uma tentação para quebrar o espartilho do duplo padrão sexual, prometendo a Danny e Jennifer a concretização de formas de experimentação da vida e da sexualidade há muito desejadas mas bloqueadas pelo conflito, julgamento ou acusação moral (como aconteceu quando a família de Jennifer descobriu a forma experimentalista como vivia a sexualidade; ou, no caso de Danny, quando engravida e tem um filho de um namorado que a família não chega a conhecer). Assim, o projecto migratório e a actividade prostitucional revelam-se possibilidades para constituir maior liberdade na expressão da sexualidade e a ruptura com o poder normativo das visões institucionalistas e monogâmicas.

Colocam-se numa situação específica de actualização e ou conflito disposicional (Mouzelis, 2008; Lahire, 1998 e 2004). A chegada a Portugal e a entrada na actividade prostitucional são passos que promovem a pertença a novos cenários de socialização que exigem a actualização de disposições duradouramente incorporadas. Matrizes cognitivas para pensar e agir, delimitando a esfera dos possíveis e dos interditos sexuais, produzidas em contextos de socialização familiar marcados pela força estruturante da religião e por ideologias de género conservadoras do inigualitário duplo padrão sexual. Tais esquemas de pensamento e acção são necessariamente confrontados e actualizados pelas exigências específicas do campo prostitucional, implicando a incorporação de saberes estar e fazer sexuais que são adicionados aos seus guiões sexuais iniciais (Simnon e Gagnon, 1986) e que servem de ferramentas operatórias para a articulação prática entre os seus guiões e os guiões dos seus clientes, conseguindo cumprir as expectativas do que é ser-se prostituta acompanhante.

⁵³ Expressão recorrentemente utilizada por Jennifer e Danny para definirem a forma como encaram a sua sexualidade e como se definem enquanto mulheres cidadãs sexuais (Weeks, 2007) que definem e os seus desejos e vontades sexuais.

Os problemas disposicionais e os dilemas morais levantados pela entrada na prostituição, que se devem mais ao efeito da entrada do dinheiro no circuito dos encontros sexuais (inerência da actividade do sexo comercial) do que à multiplicação dos parceiros e das experiências sexuais, são colocados entre parênteses por dois mecanismos distintos: por um lado, a distância geográfica que separa estas mulheres daqueles que são importantes para as suas vidas, torna-as no único alvo do estigma associado à prostituição. A distância geográfica resguarda os vínculos afectivos e de sangue da desonra e do estigma associado ao conhecimento de terem uma filha, irmã, neta ou mãe que trabalha como prostituta. Por outro, Jennifer e Danny colocam em actuação um sistema de racionalização e justificação daquilo que fazem com a superação de cenários de escassez de recursos económicos e com a concretização de objectivos instrumentais, utilitários e materiais. Para estas duas acompanhantes, o dinheiro surge como a primeira razão para o ingresso numa trajectória migrante para Portugal e para a entrada no mundo da prostituição. Mas, como temos vindo a perceber, motivos de natureza económica cruzam-se intimamente com motivações erótico-sexuais que se escondem por trás de um discurso imediato que neutraliza o estigma e o julgamento moral pela evocação de necessidades económicas.

A vida como um jogo de casino

São mulheres jovens que não encontram ou perdem inesperadamente as condições objectivas necessárias para viverem a vida como um encadeamento progressivo de transições biográficas controladas e delimitadas. No lugar de uma vida etapizada que permite a cada novo patamar conquistado olhar o passado e imaginar o futuro, as suas vidas seguem um curso aos supetões em que tudo parece acontecer ao mesmo tempo para que nada aconteça durante tempo demais. São portadoras de biografias caóticas, onde a turbulência tomou o lugar de uma imaginada ou sonhada linearidade. Encontram-se excluídas dessa forma idealizada, estandardizada e normativa de programação da vida (Ferreira e Nunes, 2010; Guerreiro e Abrantes, 2004) em que o percurso de escolaridade é entendido como fundamento base da emancipação pessoal e do projecto de vida, antecedendo a progressiva integração profissional enquanto elemento chave para a emancipação económica, a que sucedem a emancipação residencial (saída de casa dos pais), a instalação familiar e a maternidade como sinal irreversível da adulez conquistada (Ferreira e Nunes, 2010; Guerreiro e Abrantes, 2004). Pelo contrário, a emergência com que vivem as suas vidas entre a fuga a quotidianos de escassez, a evasão de cenários de conflito e violência, ou a luta pela manutenção expectativas de vida há muito incorporadas como aspectos inultrapassáveis para um futuro concebido como espaço de segurança, estabilidade e felicidade, não lhes dá tempo para se imaginarem de forma compassada. O presente e o imediato impõem-se, fazendo sobrepor tempos, acontecimentos e múltiplas transições.

A sobreposição ou sucessão acelerada de transições biográficas não reversíveis dita a experimentação de episódios biográficos particularmente densos, momentos decisivos que numa

primeira instância e durante parte importante das suas vidas parecem produzir inflexões biográficas de sentido positivo nas suas vidas. Mas, esta forma sobreposta de luta pela vida revela uma transformação das condições objectivas de existência assente numa forma especulativa de jogar a vida. A vida torna-se num exercício que se fundamenta em operações simultâneas ou sucessivas de solução da vida cujo resultado é incerto e comporta um misto de elevado risco e de grande vantagem potencial se a operação for bem-sucedida. Características que funcionam irremediavelmente como atrator para quem ‘não tinha nada a perder e tudo para ganhar’.

Imaginemos, por instantes, a vida destas mulheres acompanhantes como a daquele jogador de casino, tantas vezes retratado pelo cinema, que se senta à mesa da roleta com poucas fichas nos bolsos mas com uma imensa esperança de mudar a vida para melhor. Tal como este personagem ficcional, as mulheres acompanhantes neste tipo de solução especulativa da vida vivem os dilemas de um jogador de casino: onde apostar? No preto ou no vermelho?

Como o tal jogador da ficção, as acompanhantes têm poucas fichas, apenas uma aposta e uma única oportunidade para fazerem face às condições objectivas de vida nas famílias de origem. A sua aposta tem que premiar aquilo que valorizam: o rápido e imediato alcance da subsistência, autonomia e independência individual. Neste cenário, atribuem importância extrema a dois factores de consolidação da emancipação pessoal: (i) o trabalho como fonte de emancipação económica; (ii) o investimento no aprofundamento de relações amorosas e a constituição de uma nova unidade familiar como símbolo da emancipação pessoal e sinal de concretização de uma vida autónoma. Estes factores são o preto e o vermelho no jogo da vida destas mulheres acompanhantes.

Em primeiro lugar, apostar no preto é ter um trabalho, ganhar a vida, sair de casa dos pais como base para alcançarem emancipação económica e pessoal (Ferreira e Nunes, 2010). Entre estas mulheres agora acompanhantes encontramos uma visão que instrumentaliza o trabalho, entendendo-o fundamentalmente como uma actividade que lhes dá dinheiro, que lhes permite pagar dívidas e ou afugentar um cenário de emergência e destituição económica. Neste sentido, a avaliação positiva ou negativa daquilo que fazem depende fundamentalmente da capacidade do trabalho financiar a vida, permitindo cumprir obrigações e responsabilidades económicas, e concretizando desejos e vontades.

Trata-se de um modelo de transição e sedimentação da emancipação pessoal de tipo profissional caracterizado por um investimento quase exclusivo no trabalho. As acompanhantes que se inscrevem neste modelo de aposta na vida não demonstram grandes ambições no plano familiar, remetendo esse tipo de investimento para quando tiverem asseguradas as condições objectivas de vida que permitam um quotidiano mais estável (Guerreiro e Abrantes, 2004).

De forma não dissemelhante a muitos outros jovens, assiste-se entre estas acompanhantes em situação de emergência ou escassez económica à necessidade de fazerem uma escolha crítica entre continuidade da escolarização e o ingresso apressado no mercado de trabalho (Alves et al, 2011; Guerreiro e Abrantes, 2004; Pais, 2001 e 2003). A substituição do tempo não remunerado da aprendizagem escolar pela entrada no mundo do trabalho implica a interrupção precoce das carreiras

escolares, inviabilizando a obtenção das qualificações certificadas por parte do sistema educacional e determinando formas de inserção no mercado de trabalho particularmente desqualificadas, precárias, instáveis e mal remuneradas. Trata-se de substituir a escola e o seu tempo não pago pelas horas de trabalho mal pagas.

Começam a trilhar percursos laborais que reflectem a turbulência, a flexibilidade, a desprotecção e a impermanência que caracteriza o mundo do emprego e do trabalho contemporâneo (Alves et al, 2011; Pais, 2001 e 2003; Torres et al, 2018). Caminhos feitos por formas de integração profissional incertas que derivam da organização do tecido produtivo e das políticas que enquadram o emprego (Alves et al, 2011; Pais, 2001 e 2003; Torres et al, 2018). As experiências de precariedade de emprego vividas, expressão clara das dificuldades que têm em se integrarem no mercado de trabalho, leva algumas mulheres agora acompanhantes (seja a tempo inteiro ou parcial) a recorrerem de estratégias de auto-socorro cuja singularidade envolve múltiplas tentativas antes da chegada à prostituição, compreendendo situações de pluri-emprego (Isabel), formas de trabalho não declaradas (Filipa), ocultas ou ilícitas (Rita). Daqui resultam diferentes balanços finais. Para umas, significa a acumulação de um trabalho formal mas mal pago com a actividade prostitucional por conta de outrem, informal e mais bem paga (Catarina e Isabel); para outras, resulta na substituição de um emprego formal (ou de uma sucessão de empregos ou contratos de trabalho no mercado de trabalho formal) por um trabalho na economia informal, igualmente precário, mas auto-criado e independente no contexto prostitucional e com um rendimento claramente superior (Clara, Rita, Filipa,).

A baixa escolaridade e a falta de qualificações profissionais determinadas pela entrada precoce no mundo do trabalho faz destas mulheres acompanhantes elementos integrantes de um grupo particularmente exposto ao risco de pobreza, os desqualificados (Almeida et al, 1992; Capucha, 2005). A percepção desse risco e dessa rota declinante e marginalizante revela-se um factor de incentivo ao ingresso na actividade prostitucional (Agustín, 2005b). De facto, entre estas mulheres a entrada na prostituição é baseada numa avaliação das opções alternativas limitadas que têm no mercado de trabalho. Baseia-se no cálculo das reais possibilidades de constituição de uma carreira profissional com sucesso económico e prestígio social, na estimativa do que o mercado de trabalho lhes poderá oferecer para ganharem a vida (Agustín, 2005b e 2007; Pais, 2001; Ribeiro et al, 2008; Sanders et al, 2009). Para estas mulheres, não será o deserto de soluções laborais ou a total inexperiência no mundo do trabalho que traça o caminho para a actividade prostitucional. Pelo contrário, são as experiências laborais vividas e a capacidade de avaliarem as alternativas de trabalho que se perspectivam no horizonte (Willman, 2008 e 2010) tendo em conta as necessidades de financiamento das suas vidas quotidianas ou dos seus projectos de futuro que fundamentam a decisão de entrada e a permanência na prostituição. De facto, o trabalho sexual oferece muito mais dinheiro por hora do que a maior parte dos trabalhos a que estas mulheres acederam ou poderão aceder nos seus expectáveis percursos laborais nos mercados de trabalho convencionais (Moffatt e Peters, 2004; Ribeiro et al, 2008; Willman, 2008 e 2010).

Quando às ligações perigosas entre baixas qualificações e inserções aceleradas no mercado de trabalho se adiciona um cenário de desemprego inesperado e o endividamento excessivo surgem possibilidades de aposta da vida até então impensadas: as dívidas, o desemprego e a falta de fontes de rendimento revelam-se factores auxiliares determinantes para a entrada na prostituição (Agustín, 2005b e 2007).

Antes de chegar à prostituição, há também quem percorra trilhos ínvios, marcando passagem por actividades ilícitas e pelo mundo do crime; caminhos de luta contra o desemprego e contra o avolumar de dívidas insolúveis (Rita). Caminhos de luta pela recuperação de uma vida conquistada a pulso, mas entretanto perdida nas voltas da roleta do quotidiano: primeiro, a ambição pela melhoria das condições de vida determina a troca de um trabalho seguro por um projecto empresarial que nunca chega a sair do papel; depois, a ambição faz perder uma oportunidade de trabalho porque decide desviar clientes da empresa que a empregou; finalmente, nas voltas da roleta da vida sai uma relação amorosa e conjugal curta mas de efeitos económicos devastadores. No contexto desta espiral de perda e destituição progressiva, a entrada na actividade prostitucional produz efeitos positivos de reconquista de recursos económicos. Mas, em termos líquidos a avaliação da mobilidade social traduz-se numa trajectória de montanha russa. Este é o balanço da turbulência biográfica e estrutural que desenha um trajecto entre da origem operária, passando por posições de assalariamento de base (EE), pelo cargo de chefia de loja (PTE), até chegar à actualidade como trabalhadora independente na indústria do sexo.

Para outras a prostituição surge depois do fim abrupto e imprevisto de carreiras profissionais que desenhavam futuros de sucesso. Filipa vive presa no presente pelos grilhões das dívidas e dos problemas judiciais herdados do fracasso empresarial dos pais. A sucessão de acontecimentos formam um ciclo de sucessivos momentos fatídicos (Giddens, 2001) que marcam, não só pontos transição biográfica (Elder, 1985 e 1994), como também inflexões numa trajectória social ao estilo de montanha russa: a rota descendente que vive na família de origem com a falência do negócio dos pais, a reconquista da vida como trabalhadora-estudante de sucesso (EE), a mobilidade ascendente promovida pela inserção profissional no mundo da imprensa especializada em moda (PTE), a subita queda no desemprego, o reencontro com os problemas financeiros e as dívidas herdadas dos pais, finalmente, a descoberta da prostituição como solução (TI).

Nestes cenários de *vida de casino*, entrar na actividade de acompanhante pode significar não ter de perder a autonomia económica e residencial, enquanto símbolos de emancipação pessoal, regressando a casa dos pais ou a formas de residência precárias baseadas na partilha de casa ou no sub-arrrendamento de partes de casa. A actividade prostitucional como acompanhante evita enfrentar este eventual retrocesso como sinal de fracasso na trajectória social e do projecto de vida pessoal (Bernstein, 2007a).

Rita

“Os motivos principais foram a minha casa e as minhas despesas. Era impensável perder a minha casa! (...) Viver sozinha era a minha liberdade e poder (...) sinto que sou uma guerreira! Eu gosto de lutar pelas minhas coisas, por aquilo que eu quero... quando eu comprei a minha casa foi um orgulho! Quando meti a chave na porta comecei a chorar! Eu com 22 anos consegui comprar a minha casa! Deixei de estar a dormir em quartos. Viver sozinha deu-me

imenso poder e fez-me ter imensa confiança em mim.”

“O meu pai era um homem nocturno, o meu pai ia para café jogar, adorava jogos, ficava no café até altas horas da noite na jogatina e a minha mãe em casa comigo e com a minha irmã (...) A minha mãe separou-se do meu pai... começou-se a fartar (...) o café fechava e ele ficava a jogar às cartas, bilhar, dominó e dinheiro (...) o meu pai ganhava bem mas como faltava muitos dias ao trabalho o dinheiro que ganhava acabava por ser pouco... o que fazia a minha mãe ter de pedir fiado nas mercearias para nos sustentar (...) Antes da minha mãe sair de casa o meu pai batia na minha mãe, coisa que nunca tinha acontecido, mas o facto de ela o ter traído [caso com o futuro padrasto]... o meu pai foi chamado cornudo, para um homem é muito difícil aceitar a traição e começou a bater na minha mãe (...) Quando a minha mãe se separou do meu pai fomos viver com a minha mãe, eu e a minha irmã (...) vivemos um ano ou dois anos, quis ir viver com o meu pai porque a minha mãe contou-me que iria viver com o meu padrasto. Eu com 12 anos não estava para viver com um homem diferente em casa, não consegui aceitar a relação deles (...) Fui viver com o meu pai o que foi uma má opção! (...) Na altura ele era um homem de noitadas, depois de manhã ficava a dormir em vez de ir trabalhar (...) Quando eu saí de casa do meu pai foi uma questão de sobrevivência, porque ele tinha uma acção de despejo, eu não tinha para onde ir, porque a minha mãe e o meu padrasto não me aceitavam lá em casa. Eu não vivia sozinha porque quis nessa primeira fase. Eu fui viver sozinha para sobreviver! Eu fui obrigada a sobreviver! (...) Ninguém pensa em mim, vou pensar eu! Eu estou sozinha vou ter de lutar sozinha! (...) Com 16, 17 anos comecei a viver sozinha, procurei trabalho nos jornais, parei de estudar nessa altura (...) aquilo que eu ganhava chegava perfeitamente para alugar o quarto e ainda me sobrava alguma coisa, roupa e coisas que fazem falta diariamente (...) quando comecei a viver sozinha, tinha toda a gente e não tinha ninguém (...) Sabes o que é viver sozinha com 16 anos ou 17?! Teres de trabalhar, teres de te preocupar com o dinheiro para pagar o quarto?! (...) Passei por algumas dificuldades que foram importantes para a mulher que sou hoje. Porque, passei por fases muito, muito complicadas, nunca me entreguei à prostituição nem a drogas, andava sempre com algumas más companhias mas nunca me deixei levar!”

“O meu primeiro trabalho foi atender ao balcão no Centro Comercial Fonte Nova em Benfica. Comecei a procurar trabalhos melhores (...) trabalhei num hotel como empregada de quartos (...) entretanto, entrei como operadora de loja para uma cadeia de supermercados. Entrei como operadora como toda a gente entra, fui subindo de posto até chegar a responsável de loja. Estive aí quatro anos e meio, saí porque... eu sempre fui muito ambiciosa e o supermercado já não tinha mais nada para me oferecer a nível de cargos, ou comecei a ficar farta, estava farta do atendimento a clientes, fui assaltada várias vezes dentro da loja, fui espancada para abrir o cofre (...) Saí daí para ir abrir um franchising de dois amigos meus, como eu já tinha experiência profissional e passadíssima ao nível do atendimento do cliente, propuseram-me isso... aceitei (...) mas depois eles deram-me a notícia que o negócio não tinha corrido bem e eles não podiam concretizar o negócio. A partir daí comecei a ver-me como desempregada (...) Comecei a trabalhar numa empresa de organização de eventos eu tratava de tudo, dos orçamentos, da contratação de pessoal, de tudo um pouco (...) O ordenado não era grande coisa, mas o trabalho era puxado, não era um trabalho rotineiro, eu não tinha horários, eu é que fazia os meus horários consoante os eventos (...) fui convidada a sair porque eles descobriram que eu estava a trabalhar com alguns clientes da empresa por fora (...) sempre fui muito ambiciosa e vi uma oportunidade para ganhar mais algum dinheiro (...) as coisas não correram bem. Eu cheguei a organizar algumas festas, o problema é que esses clientes ficavam a dever ou pagavam com atraso (...) fiquei completamente lisa (...) gastei o meu fundo pessoal o que me fez... foi um dos motivos que me fez agarrar esta área de acompanhante.”

“Quando eu fui viver com ele [namorado] estava desempregada porque me tinha despedido para abrir o franchising dos meus amigos que acabou por não dar certo (...) ele [namorado] tinha tido uma empresa que entretanto tinha falido, nessa altura começaram a vir as dívidas todas dele. Imagina, eu desempregada, as dívidas dele altíssimas, ele tinha um bom ordenado mas não chegava para as dívidas... ele ganhava entre 3500 e 4000 euros, mas as dívidas dele eram tão altas... os bancos começaram a dar em cima dele. Quando vieram as dívidas começaram a vir discussões diariamente, porque não havia dinheiro (...) ele tem 3 filhas, duas da primeira mulher e outra da segunda mulher, depois eram as ex-mulheres a ligarem por causa das pensões das miúdas (...) Eu desempregada, ele com as dívidas... eu comecei a investir o dinheiro que tinha poupado nele, para pagar as dívidas dele, gastei aquilo que tinha e que não tinha para o ajudar (...) O dia-a-dia com ele era parecido com o dos meus pais... porque os meus pais também discutiam muito por causa do dinheiro, era muito parecido! A relação era muito parecida! (...) [Quando a relação terminou] eu estava na penúria! Continuava no desemprego, acumulei dívidas minhas porque gastei o meu dinheiro com ele, ele saiu de casa e eu já estava com prestações atrasadas da casa... a relação acabou e eu fiquei num estado... não conseguia ver ninguém, como é que era possível há três meses atrás ter uma vida confortável e depois estar assim. Era um pesadelo completo!”

“Como tenho casa própria, carro e dívida contraídas... hummm... como fiquei desempregada durante bastante tempo (...) foi o descalabro total (...) eu não tinha dinheiro para pagar as minhas despesas, tinha imensas dívidas, tinha o empréstimo da casa mais um reforço da hipoteca que eu também fiz para aguentar as despesas mensais... cheguei quase a perder a casa (...) comecei-me a ver tão apertada que disse eu não vou perder a casa, a minha casa pela qual eu lutei tanto com trabalho digno! Eu não posso sair da minha casa para voltar para os quartos, então, saio de cavalo para burro! (...) eu olhava para a casa toda e chorava, ‘eu não vou perder isto, nem pensar’ (...) Tinha dívidas dos visas... e não era de consumo. Eu fazia um levantamento a crédito para depositar na conta para ir tapando algumas despesas (...) eu estava a contrair uma dívida para pagar outra dívida, mas eu pensava que o visa não é tão importante como a casa (...) Nessa altura comecei a fazer algumas coisas ilegais... porque este trabalho em que eu estou agora [acompanhante] na minha lista de algo a fazer para manter a casa estava em último, estava em último naquilo que eu alguma vez faria (...) Se calhar vai-me ver com maus olhos, mas quando nos vemos muito apertados (...) Tinha conhecimentos em Londres e cheguei a fazer as chamadas lavagens de dinheiro, não era eu que as fazia, mas era eu que as recebia na minha conta (...) consoante o valor que eles depositavam eu recebia uma comissão, dava para ir pagando as minhas despesas. Nessa altura o meu gestor de conta, que é o meu melhor amigo, ele conhece-me a nível pessoal melhor que ninguém, ele começou a achar aquilo estranho (...) eu queria pagar as minhas despesas mas não queria ir para a prisão, eu adoro a minha liberdade, desde os meus 16 anos que eu sou livre e independente! [em seguida] Comecei a fazer cartões de crédito em nome de outras pessoas, comecei a fazer adesões aos cartões Citibank, Barclays, para ter esses cartões de maneira a fazer o levantamento do dinheiro desses cartões para depositar na minha conta, não era para compras ou luxos. Eu tinha acesso a nibs, contribuintes, bi’s de todos os meus funcionários [quando era supervisora do supermercado e na empresa de organização de eventos]. Isto é uma coisa que uma pessoa faz em desespero, mesmo, mesmo em desespero [emociona-se]. Não me orgulho até porque eu não sou assim, mas ficar sem casa não era concebível... Hummm... Eu cheguei a pensar em juntar-me a um grupo e fazer assaltos (...) eu cheguei a estar com um dos maiores assaltantes de ourivesarias, estou já estou a falar do alto nível, eu iria servir de cúmplice... o cabeçilha tem perto de 60 anos, é um homem muito culto, com muito dinheiro, é empresário completamente legal (...) eu fui com ele como se eu fosse amante ou namorada dele e ele ofereceu-me um anel para que ele pudesse estudar... nós entramos como casalinho, fazia as minhas escolhas e fazia-me de indecisa, para ele estudar câmaras, caixa e essas coisas. Fiz isso uma vez, fui bem paga, fui só cumprir um papel de actriz entre aspas (...) a partir daí comecei a ficar com medo de ser apanhada, quando não estamos habituadas a fazer este tipo de coisas e isto não faz parte de nós começamos a ficar com medo. Depois disso é que me veio a ideia do acompanhamento.”

“Entretanto a minha relação com o Rogério terminou e eu comecei com o meu médico (...) prontificou-se a ajudar-me, comecei a ter uma relação tipo namoro com ele (...) Eu não gostava dele, tinha um carinho, sentia que tinha um amigo para tudo menos para ser meu marido... porque a nível sexual ele não me conseguia preencher em nada, nunca

me poderia envolver com alguém que não me desse prazer sexual (...) Ele era um homem muito, muito, inseguro. Talvez por eu ser uma mulher jovem. Como ele tinha medo que eu o traísse chegou a propor-me exclusividade (...) eu continuava desempregada por isso eu não tinha como dizer não (...) ele fez-me essa proposta para me segurar de vez (...) eu estava mal, aceitei a exclusividade. Isso durou uns dois ou três meses e não aguentei mais. Aquilo era insuportável, ele ligava-me e eu tinha de estar com ele quando ele queria... era estilo acompanhante (...) Não deu certo. Quando acabou senti que tinha perdido uma das melhores oportunidades da minha vida, porque ele era um homem que gostava de mim, tinha possibilidades de me ajudar... e eu fui tão burra que não consegui agarrar essa oportunidade! Eu deixei de ter a ajuda dele e ainda não tinha trabalho... foi a causa de eu ter entrado nesta profissão (...) antes de entrar nisto andei naqueles esquemas todos [actividade ilícitas].”

“Pretendo abrir um negócio meu até ao final do ano. Pretendo estar nesta área até ao final do ano, se tudo correr... mas há semanas mais fracas, há dias em que faço bom dinheiro e outros não (...) a minha ideia é estar nisto até ao final do ano, liquidar as minhas dívidas e depois contrair um empréstimo para abrir o meu negócio em Lisboa... é um negócio que só há no estrangeiro e cá há muita falta...humm... é um que tem a ver com esta área, porque eu sempre gostei do sensual, do erótico (...) o que eu pretendo abrir é dentro da área da intimidade, não é uma casa de strip porque isso há muito, o que eu pretendo é algo inovador mas que só há no estrangeiro, vai ser bombástico! (...) Eu vou fazer isto em conjunto com um cliente, já estamos a tratar de algumas coisas (...) ao mesmo tempo que estou a conhecer pessoas fantásticas estou a ver, ‘espera lá, este pode ser bom para fazer uma sociedade comigo’. Capto as pessoas que estão de mente aberta para apresentar a minha proposta.”

Filipa

“Dinheiro rápido. Dinheiro muito rápido [risos].”

“Os meus pais tiveram problemas financeiros... eu tinha tudo, era uma princesa quando era miúda, não me faltava nada, tinha todo do bom e do melhor... entretanto houve problemas, uma ruptura [financeira] e ficámos praticamente sem nada (...) Não me posso queixar da minha infância porque foi espectacular! Não me faltou mesmo nada (...) Muitas viagens, tinha uma vida muito boa. Tinha tudo o que queria. Era muito mimada, muito mimada (...) O meu pai era empresário no ramo da moda (...) A união da família era bastante grande quando era miúda. Até aos meus 16 anos havia sempre jantares de convívio, almoços, viagens... era uma vida muito activa., não só com a família mas também com um grupo de amigos dos meus pais (...) Depois houve muitos problemas muitos problemas familiares a nível financeiro o que destruiu muito a família... o que me leva a estar hoje na posição em que estou [acompanhante] devido a esses problemas financeiros, o que acabou por destruir a minha vida e todo o meu percurso futuro (...) Eu tinha 18 anos e queria ajudar, dei-lhes [aos pais] uma procuração de plenos poderes e eles abusaram da minha boa vontade e puseram-me cheia de dívidas. Neste momento estou cheia de dívidas e não fui eu que as fiz (...) Tenho que fazer dinheiro rápido para pagar as dívidas, para me sustentar e para seguir o meu sonho e a vida é feita de sonhos e temos de ir atrás deles seja da maneira que for, desde que a gente não pise os outros.”

“Os meus pais eram muito à frente numas coisas, mas noutras... nunca foram capazes de me mostrar caminhos, eu é que fui à procura daquilo que queria (...) Nunca me incentivaram a ter sonhos, nunca me levaram a pensar o que é que eu queria do futuro, nunca me perguntaram sobre os meus desejos. Nunca me perguntaram nem deram pistas, foi sempre à procura de respostas, nunca me abriram horizontes, nunca me mostraram como é que era a vida (...) A minha mãe apaixonou-se, engravidou, vivia para ele [pai], fazia tudo o que ele queria praticamente. Nunca foi atrás dos sonhos dela. Isso revolta-me, ela nunca ter ido mais além, ter-se deixado ficar atrás do meu pai, deixou-se ficar à sombra do meu pai (...) Acho que ela nunca foi muito feliz (...) Acho que isto me deu força para sonhar mais alto, ir à procura dos meus objectivos e não ser igual à minha mãe.”

“Quando estava na escola, no secundário, desejava vir-me embora. Vir para Lisboa. Vir estudar moda (...) Quando estudava moda desejava ser a melhor, ultrapassar todas as barreiras do que me era pedido (...) A escola onde eu estudei [moda] tem 14 anos e eu fui a melhor aluna em 14 anos! (...) Comecei a trabalhar aos 15/16 anos para juntar dinheiro, porque a situação financeira já não estava nada bem, foi quando houve a ruptura total. Comecei a trabalhar para juntar dinheiro para os meus sonhos e para me ir embora de lá... trabalhei e estudei (...) Eu trabalhava e estudava quando vim para Lisboa. Antes de vir eu já trabalhava como baby sitter num hotel de cinco estrelas, quando vim para Lisboa vim cuidar de uma criança que já cuidava há muitos anos quando estavam de férias no Algarve (...) Isso deu para me manter enquanto estava a estudar cá no curso de moda... depois quando acabei o curso comecei logo a trabalhar (...) Tinha uma carreira em ascensão como coordenadora de moda na revista número um em Portugal. Ia subir para directora do departamento de moda mas entretanto houve problemas internos e para não me magoar a nível psicológico optei por sair e por optar em vez de trabalhar 15 horas para os outros é mais rentável trabalhar 15 horas para mim. (...) fiquei desiludida com a mentalidade das pessoas, para estar a trabalhar 15 horas para os outros prefiro trabalhar para mim. Já não me meto para trabalhar para os outros (...) Tinha um dos papéis mais importante na empresa (...) Sofri um bocado quando entrei para a revista, porque entrei como estagiária e recebia 150€ por mês, o resto tinha de ser tudo com as minhas economias... ganhava 150€, pagava uma renda de 250€... sofri um bocado, comia pouco, ainda por cima o trabalho no mundo da moda temos que estar sempre todos aperaltados, eu não tinha dinheiro para gastar nas últimas tendências [risos]. Depois passei a efectiva passados três meses (...) Eu passado seis meses de estar na revista fiquei como coordenadora de moda da revista (...) Quando saí da revista e comecei a estudar as possibilidades do que é que podia fazer para chegar aos meus objectivos (...) andei um bocado às aranhas, não foi bem andar às aranhas tive imensas ideias e depois vi que as coisas não iam ser fáceis devido aos problemas que eu tenho à minha volta, não posso receber da segurança social, não posso ter coisas em meu nome... e o dinheiro que me tinham dado quando saí da revista já estava a chegar ao fim. Então tinha duas soluções, ou voltava a trabalhar por conta de outrem ou então ia fazer tudo para lutar pelos meus objectivos. Resolvi optar pela segunda. [risos] Achei que esta era a melhor maneira de ganhar dinheiro mais rápido.”

“O dinheiro é todo contado ao cêntimo, mesmo (...) fui guardando o dinheiro em casa e foi dividindo o dinheiro por sacos por despesas que tenho que fazer. Tenho que guardar x dinheiro para o projecto, tenho que guardar dinheiro para registar ideias novas de vez em quando, tenho que ter dinheiro para a casa... este é para a roupa e não sei quê. Não posso mesmo passar dos limites. E depois preciso de ter um background se me acontecer alguma coisa preciso de ter dinheiro (...) O saquinho que está mais pesado é o do projecto. O seguinte é o dinheiro para viver e para precaver o mês seguinte. Tenho que pensar no dia de amanhã. Porque este mês tenho este x mas não sei quanto vou ter no próximo (...) Gostava de pegar nalgum dinheiro e comprar uma mala toda xpto de um daqueles designers que eu gosto, mas fica para mais tarde.

“O que me faz continuar são os sonhos. A vida é feita de sonhos e se não tivermos sonhos não avançamos. Acho que é isso que me faz continuar... [trabalhar como acompanhante] é um meio para atingir um fim, sei ele eu não consigo fazer as outras coisas. É a maneira mais rápida e mais fácil para concretizar os sonhos. Eu não posso pedir empréstimos, eu não posso nada... porque se eu não estivesse nesta situação [dívidas] eu tinha construído o meu projecto, tinha chegado a um daqueles institutos do estado que ajudam as pequenas e médias empresas, mas nem a isso posso recorrer.”

Voltemos à ficção. Enquanto a roleta roda a bola não está fixa nem no preto nem no vermelho, nesse instante que é o presente, tudo é possível. Tal como o nosso jogador de casino, estas mulheres

(Rita e Filipa) especulam acerca dos seus futuros, mantendo-os abertos. Fazem do futuro um lugar utópico onde a noção de projecto e dos objectivos são substituídos pelos sonhos e pelos desejos. Um futuro utópico permite uma avaliação positiva dos esforços pela superação das dificuldades da vida, percebendo todos os sacrifícios como eventualmente compensadores à luz desse futuro idealizado mas que não se sabe muito bem como atingir. Desta forma, a prostituição é concebida como financiador, a longo prazo, de um futuro preenchido por projectos empresariais quase irreais. Ao mesmo tempo, vão controlando o presente, evitando que este hipoteque as possibilidades de futuro, por isso, pretendem financiar a vida através de um trabalho que lhes dê rendimento suficiente para manter o quotidiano controlado e para que não tenham de tomar decisões que coloquem em causa os sonhos que têm para o futuro.

Mas, as jogadas de Filipa e Rita não esgotam as possibilidades de aposta no universo do trabalho como fórmula de emancipação pessoal das mulheres acompanhantes. A intersecção entre abandono do percurso escolar, o ingresso no mercado de trabalho e o início da actividade prostitucional está aberta a outras configurações.

Confrontadas com um grupo familiar de origem marcado pela falta de condições económicas e culturais para o prolongamento da educação para além de limiar mínimo que reproduz uma força de trabalho de escassa valorização (Bourdieu, 1979), as mulheres podem ver a prostituição como factor alavancagem económica fundamental para um percurso escolar mais longo (Clara). Ao contrário de outras formas de inserção laboral precária ao alcance de jovens trabalhadores-estudantes, a prostituição é aceite por dois motivos: em primeiro lugar, é percebida quase como um não-trabalho porque se apresenta, à partida, como uma actividade pouco desestruturante da vida de estudante (horários curtos e relativamente flexíveis). Em segundo lugar, permite ter tempo e, sobretudo, colocar à sua disposição os recursos económicos que possibilitam a permanência como estudante. Ou seja, a prostituição também pode surgir na vida das mulheres no cenário de recusa em abandonar o percurso escolar numa fase demasiado precoce de acordo com as ambições e desejos pessoais: a prostituição surge no quadro da luta para evitar o ingresso no mercado de trabalho em ocupações particularmente subalternizadas e mal remuneradas.

Clara

“Tinha 18, tinha acabado de fazer 18, tinha 18 e alguns dias (...) Porque é que eu decidi começar? Não sei! As pessoas têm todas uma estrutura de personalidade e as decisões que nós tomamos assentam apenas nessa estrutura individual, e é apenas a minha estrutura individual que pode justificar eu decidir vir logo na primeira vez (...) A estrutura individual forma-se como? Infância, meio familiar, meio social, experiências... Não faço a mais pequena ideia. Se me vais perguntar se eu era uma pessoa sem tabus sexuais ou mais receptiva, eu não era. Perdi a virgindade tarde, só tinha tido um namorado até então. Não era uma pessoa excepcionalmente aberta. Era uma adolescente normal (...) Venho de uma família normal, muito equilibradinha (...) Eles [pais] separaram-se, como deves calcular não se davam bem como marido e mulher, só tinham uma filha... são gente civilizada e inteligente, e as pessoas quando são civilizadas e inteligentes resolvem a coisa a bem sem necessidade de tribunais nem nada disso. O que eu considero muito positivo. Mantinham uma relação cordial, almoçavam e jantavam quando tinham de falar sobre mim. Claro que não são perfeitos, toda a gente tem os seus problemas... mas como pai e mãe fizeram o melhor que puderam!”

“O dinheiro. Dinheiro! (...) é o principal e único motivo! Vais-me dizer que alguém entra na prostituição por causa do sexo?! Se quiserem ter sexo fazem-no gratuitamente. Ninguém vem para a prostituição porque tem a necessidade de ter sexo com desconhecidos. Talvez exista algum fetiche, alguma fantasia... admito que algumas entrem porque isso as estimule sexualmente, mas depois de conhecerem bem... só o dinheiro (...) Dinheiro... às vezes dinheiro para facilitar a vida, há vidas muito, muito, muito, muito difíceis. Com poucas horas de sono, com muita exaustão e as pessoas chegam ao ponto em que estão cansadas de tudo, querem melhorar um bocadinho, querem não trabalhar tanto para terem tão pouco. As pessoas precisam de qualidade de vida, é uma coisa humana! (...) Se permanecem é porque esta vida em termos de dinheiro, ou de horários, ou de não terem obrigações, as faz sentir livres e isso é superior ao

sacrifício de se deitarem com umas quantas pessoas (...) não tens contrato de trabalho, tens horário de trabalho se o quiseres cumprir, não descontas, não existes, não é legal mas também não é ilegal, não tens direito a baixa, não tens subsídio de férias... não é um trabalho normal, isto é, um bocado estar sem direito a existência. Não tens acesso a crédito. Podes descontar mas tens de arranjar uns subterfúgios, não vais chegar às finanças e dizer o que fazes... embora tenha alguma vontade de chegar e de me sentar à frente do senhor das finanças e dizer, 'eu sou prostitua e quero descontar arranjo aí uma solução', dá vontade, dá vontade!"

"[fo dinheiro no início da actividade prostitucional] Era para viver, para estudar. Nessa altura estava numa escola particular a estudar para fazer uma melhoria de nota para o acesso à faculdade... As escolas particulares são caras, as faculdades particulares são caras, tudo isso é caro, portanto... 300 ou 400 euros que se ganha num call-center ou 500, 600 euros, ninguém vive com esse dinheiro! Ninguém vive! (...) [Iniciação na prostituição] Nessa altura foi mais acidente, andava à procura de trabalho, mas de trabalho normal... e precisava de dinheiro... e vi um anúncio de colaboradora para clube e eu pensei mesmo que era colaboradora para um clube qualquer, tanto que isso foi na Columbo Bordoal Pinheiro e eu enganei-me na porta e bati à porta de um clube de recreação de uma igreja qualquer que lá há. Depois quando entro na casa, começo a ver mulheres... eu era nova mas não era parva... e a mulher perguntou-me se eu sabia onde estava e se sabia como é que funcionava, ela explicou-me. Eu lembro-me que olhei para as raparigas que lá estavam e elas tinham um ar tão normal, eu estava a precisar tanto do dinheiro e aquilo era tanto dinheiro (...) isto é muita dinheiro, este dinheiro faz-me falta, e elas têm um ar muito normal e se elas conseguem eu também consigo... estive a pensar um fim-de-semana e na segunda-feira já lá estava (...) Na altura quando eu iniciei os valores da casa eram 15 contos meia-hora, 20 contos uma hora, isto sem sexo anal... acho que na altura nem sequer sabia que isso se fazia, quando se tem 18 anos tem-se pouca experiência, muito pouca experiência! As casas nesta altura ganhavam mais, agora é 50/50, na altura as casas ganhavam mais, portanto eu devia ganhar por meia-hora 6 contos (...) Estive lá um mês, um mês e qualquer coisa. Juntei uma carrada de dinheiro e adeus. Fui estudar e trabalhar num call-center, estava a fazer o 12º ano. Estava a fazer melhoria de nota num colégio privado. Depois aos 20 anos é que voltei. Regressei porque a faculdade privada é cara! (...) Quando estava *on* isso permitia-me juntar algum dinheiro o que me permitia estar sempre a entrar e a sair, a entrar e a sair, a entrar e a sair (...) estou durante algum tempo [na actividade prostitucional], depois saio, tenho outros empregos, outras profissões e volto quando tenho necessidade (...) fora daqui é só trabalhos, trabalhos... é o que há. Estive noutros empregos (...) call-centers... hummm... o normal que os estudantes trabalhadores fazem, telemarketing, apoio ao cliente, essas coisas todas. O que é que os licenciados fazem hoje em dia quando saem da faculdade e eu nem licenciada era. O que é que um estudante seja do secundário ou universitário arranja, não arranja mais do que isso. Nunca tive dificuldade em arranjar, mas o que há é isso (...) call-centers, agências de viagens, call-centers em várias coisas, desde apoio ao cliente e estive em linhas eróticas e afins... Na construção de sites estive um mês e tal (...) fui trabalhar para uma empresa de venda de sítios na net, ia ter directamente com as pessoas para saberem que estrutura de site é que queriam, etc."

"[nascimento do filho] foi um bocado de repente, caiu-nos ao colo, e depois há hesitações minhas principalmente (...) o pai é falecido, morreu num acidente de automóvel quando o miúdo tinha meses (...) ele tinha 32 anos, era um tipo inteligente, de boas famílias de gente com dinheiro, e nunca quis estudar, era auxiliar num hospital. Era muito pouco ambicioso (...) ganância é um defeito, mas alguma ambição não é (...) Havia alguma tensão pela falta de ambição dele e depois era o deserto intelectual que vem de uma pessoa pouco ambiciosa. Ele estudou até ao 9º. Se fosse hoje não era uma pessoa para quem olhasse duas vezes (...) a relação foi sempre muito complicada, andávamos sempre um bocado aos esses, acertávamos-nos e depois já não nos acertávamos (...) Estava *off* da actividade [prostitucional] (...) Ele sabia o que tinha feito, por que na altura não estava a fazer... humm... [ele] tinha alguma insegurança e muito ciúmes, muitos, muitos ciúmes. Porque umas vezes pensava que eu estava a fazer e a mentir e outras vezes porque achava que os homens todos me caíam aos pés... era muito ciumento e muito inseguro. Acho que foi ele ter sabido que eu tinha tido esta actividade que o deixou assim (...) Nessa altura [morte do namorado] estávamos numa fase boa, numa fase de aproximação (...) estávamos em processo de ir viver juntos (...) num dia... foi-se, pfff. Foi um choque. Mas quando tens um filho com meses tu avanças... imagina que tu perdias a tua mulher agora, eu garanto-te que no dia seguinte estavas de pé, tinhas de estar! Não tens tempo, não tens tempo sequer para fazer o luto⁵⁴."

"Sempre trabalhei em casas, sempre que voltei fui trabalhar para casas, tive sorte porque os donos dessas casas sempre viram em mim uma pessoa responsável e confiável, por isso para além de atender os clientes também passei a gerir o dia-a-dia dessas casas (...) as marcações, as relações entre elas, a limpeza e a arrumação, a recepção, os telefones, tudo! (...) acabei por abrir isto pela pressão de algumas delas que tinham trabalhado comigo na última casa, elas queriam trabalhar comigo e só comigo (...) O dinheiro que aqui ganho serve essencialmente para... hummm... eu assumo um valor fixo de despesas mensal, certo? Vamos supor que eu tenho 2000 Euros de despesas mensais e que eu estou a ganhar 200 ou 300 [por cliente], o que eu ganho aqui é apenas o suficiente para eu atingir a margem (...) Dinheiro para a casa. Não tenho um palácio, nem tenho uma casa luxuosa, nem moro em Cascais. Tenho uma casa normalíssima, quarto, sala, casa de banho, cozinha. Tenho um carrinho... neste momento também para estudar, as faculdades são caras... agora é mestrado por causa do processo de Bolonha. O dinheiro também vai servir para reactivar a matrícula (...) tenho uma poupança, mas interessa-me estar aqui para fazer o dia-a-dia (...) não pretendo chegar a lado nenhum com o dinheiro que ganho aqui, não pretendo abrir nenhum negócio com o dinheiro que ganho aqui, não pretendo enriquecer com o dinheiro que ganho aqui (...) Recuso-me a prostituir-me para o luxo! "

"As vezes as pessoas estão aqui [na prostituição] há tanto tempo que pensam, eu vou sair para onde, para fazer o quê, quem sou eu fora daqui, o que é que eu sei fazer... não encontras resposta. E isso aconteceu-me, aconteceu-me o ano passado (...) retirei-me e acabei por voltar, teve a ver com a pessoa com quem eu estava (...) eu deixei de atender, o problema é que ele não queria só que eu deixasse de atender, ele queria que eu fechasse isto [casa]. Ele queria que fechasse isto rapidamente, mas não é bem assim, eu sou responsável por seis pessoas (...) A relação acabou pela minha recusa em sair daqui, eu fecho esta casa e depois (...) vazio completo. Tenho que pensar no mundo lá fora, o que é que eu quero fazer, o que é que eu gosto (...)."

"Eu não tenho vergonha do que faço, eu não fiz mal a ninguém! Eu fiz o que tinha a fazer quando tinha de ser feito..."

⁵⁴ Alimentar uma relação de pesquisa que progressivamente vai chegando a pontos mais sensíveis da vida dos outros, implica a construção de consensos e a gestão de dissensões. A unidireccionalidade da partilha rompe-se e o investigador passa partilhar acontecimentos da sua vida. Produzem-se narrativas biográficas cruzadas que fazem da pesquisa um processo de intimização crescente e que faz crescer a confiança entre os interlocutores. Clara foi uma das ouvintes dos relatos da minha então recente experiência de paternidade. Por um lado, com as acompanhantes mães esta partilha cria um espaço adicional de comunalidade, uma simetria da vida. Por outro, a juventude da minha paternidade permitiu que elas, enquanto mães experientes, pudessem ocupar o lugar de minhas conselheiras. Invertendo-se, deste modo e temporariamente, uma relação de poder sempre desequilibrada entre investigador e sujeitos-objects de pesquisa.

Isto aqui neste momento não me deixa alternativa... humm... eu não posso sair daqui para fora e fechar as portas ou deixar de atender, eu tenho responsabilidades com o meu filho, com as despesas pessoais, com isto e com as pessoas que aqui estão [o apartamento/bordel de que proprietária] (...) Não tenho aqui nada de que me possa envergonhar, tudo o que tenho fui eu que fiz, amarguei, trabalhei, conquistei!"

Regressemos, uma vez mais, ao cenário do jogo de casino. Colocar as fichas sobre o vermelho é investir na constituição de uma nova unidade familiar que se deseja como factor determinante do processo de emancipação, não só pelo significado simbólico marcando a transição entre o passado dependente e um presente autónomo definido em torno de um projecto conjugal e familiar. Mas, também pela importância da formação de uma economia comum estabilizadora das condições objectivas de vida. Pelo que o projecto conjugal e familiar não será desprovido de carácter utilitário e instrumental, funcionando como uma espécie de soma de patrimónios que se tornam suficientes para a evasão de casa dos pais.

A entrada em cena das relações amorosas como um factor de emancipação pessoal e solução de situações de escassez material é encarada de três formas distintas. Para algumas mulheres (acompanhantes) é uma impossibilidade, na medida em que organizam a sua visão sobre o amor de acordo com a arquitectura simbólica da modernidade que separa em mundos opostos e não comunicáveis, o amor e o interesse material (Clara). Para outras, a fusão de uma relação amorosa com os interesses materiais (onde se troca companhia, intimidade e sexo, por uma retribuição económica) é percebida como um acontecimento accidental na vida ditado pelo desespero do desemprego e do endividamento (Rita). Finalmente, para algumas mulheres viver a vida como um jogo de casino só faz sentido apostando, simultaneamente, no preto e no vermelho. Já demos conta dos efeitos da aposta da vida no preto, numa emancipação pessoal baseada na saída da escola e na entrada prematura no mundo do trabalho. Mas, o que significa a aposta no vermelho? A aposta no vermelho transforma as relações amorosas em parte integrante das modalidades especulativas que encontram para solucionar as suas vidas. Com os seus companheiros estas mulheres formam economias comuns que para além de fornecerem uma estabilidade económica contrastante com a incerteza vivida nas famílias de origem, são também um elemento chave para colocar em marcha processos de autonomização residencial. Amor e interesse material unem-se na constituição de vínculos de intimidade e uniões conjugais, tornando explícito que as relações de intimidade também determinam responsabilidades económicas, patentes na constituição de uma economia comum (Zelizer, 2002 e 2005).

Assim, apostar no preto e no vermelho ao mesmo tempo significa combinar num mesmo momento a passagem por diferentes marcadores e estatutos de vida: o término da escolaridade que determina o fim do estatuto de estudante e a entrada na condição de trabalhadora ocorre ao mesmo tempo da saída de casa dos pais (autonomização residencial) e da conjugalização de relações amorosas. Um pouco mais tarde e como consequência lógica e naturalizada da conjugalidade, sucede-se a maternidade: marcador indelével da entrada na vida adulta pela passagem do estatuto de cuidada para cuidadora. A coincidência destas transições estatutárias, forma particularmente caótica e precoce de passagem do estatuto juvenil para a vida adulta (Pais, 2001 e 2003; Ferreira e Nunes, 2010;

Guerreiro e Abrantes, 2004), traduz-se num mecanismo de compensação instantânea entre os efeitos das diferentes transições operadas. Assim, a saída da escola e entrada no mercado de trabalho de forma desfavorável seria compensada pelo investimento no aprofundamento rápido de relações amorosas. Esses projectos amorosos e conjugais determinam a montagem de uma economia comum que limita temporariamente os efeitos condicionadores da concretização dos projectos de vida que advêm da insegurança e da precariedade vividas no mercado de trabalho (Casal, 1997; Lewis *et al.*, 2002b; Brannen *et al.*, 2002). Por seu turno, a precocidade e a pressa da transformação da relação amorosa de namoro em formas de conjugalidade, implicando um acelerado confronto com as rotinas de instalação conjugal, seria compensada pela maternidade enquanto manifestação de adultez e como aprofundamento do vínculo amoroso através da responsabilidade parental.

O que torna esta modalidade especulativa da vida insustentável é a contracção de múltiplas responsabilidades associadas a uma forma de luta pela vida assumida como uma aposta de tudo ou nada, esperando que o futuro (destino) se encarregue de compensar o risco.

A sobreposição dos acontecimentos biográficos transforma-se na amplificação das exigências, compromissos e responsabilidades afectivas e económicas. A aposta no vermelho implica a consolidação e o aprofundamento crescente do projecto familiar e amoroso concretizado através dos filhos, alterando as dinâmicas do casal e da intimidade. O nascimento dos filhos determina o fim do nós-casal, o desinvestimento na vida íntima do casal e na construção de projectos comuns. O centro da felicidade da relação transfere-se do quadro da intimidade vivida a dois, ou melhor, da relação que se tem com o outro que se elegeu para parceiro, para o terceiro elemento: o filho.

Ao mesmo tempo, o quotidiano fortemente cronometrado entre o trabalho e aquilo que se tem de fazer em casa e na família inviabiliza a construção de projectos auto-estruturados de futuro. Estas mulheres (acompanhantes) abdicam de lutar pela mudança nas formas de integração económica e profissional. Catarina e Isabel desfuturizam a vida (Pais, 2003) e vivem a vida como um destino pessoal e social que se revela a cada dia que passa, resignando-se ao mercado de trabalho cor-de-rosa (Pais, 2001 e 2003) definindo um percurso labora como um aglomerado de ocupações assalariadas base nos serviços: trabalhos subalternizados, indiferenciados e longe do prestígio social e do reconhecimento económico. Vivem histórias laborais durante muito tempo marcadas pela precariedade dos vínculos laborais, pelos salários baixos e por longos horários de trabalho. São mulheres que fazem carreiras entre os serviços de limpeza, o atendimento em lojas e ocupações como auxiliares administrativas (Catarina); ou carreiras de muito curta amplitude marcadas pela passagem de um trabalho como ajudante de cozinha para empregada de mesa (Isabel).

As relações amorosas que funcionam como plataformas de transformação da vida, transportando estas mulheres de cenários de escassez material, conflitualidade ou violência nas famílias de origem para ambientes de estabilidade afectiva e material, são também fornecedoras de instabilidade, incerteza e precariedade económica quando chegam ao fim. O fim abrupto dessas relações, seja pelo divórcio ou pela morte dos companheiros, constitui uma ruptura profunda nos

esquemas de sustentação dos projectos de vida e da emancipação pessoal destas mulheres. O fim das relações amorosas, que tinham funcionado como entreposto de mobilidade social, aponta para a entrada em rotas de perda económica e declínio social; rotas que se tornam mais íngremes pela persistência de encargos relacionados com dívidas e com responsabilidades económicas e cuidadoras em relação aos filhos. De forma breve, o fim destas relações dá lugar à emergência económica e à incapacidade de financiar da vida de todos os dias.

Os efeitos negativos da situação de emergência económica para a vida dos filhos, agravada pela ausência de qualquer contributo material para o cuidado com os filhos, são os principais factores invocados para justificar a prostituição como saída para a pressão dos encargos e obrigações. O compromisso cuidador em relação aos filhos, que se vêem na contingência de assumir como sua exclusiva responsabilidade, é um marcador intransponível da vida destas mulheres. São os filhos que impõem o papel de provedoras de segurança e estabilidade económica, um papel assumido com dificuldades dada a escassez de capitais (escolares, relacionais ou económicos) que constitui o património individual destas mulheres (Ribeiro et al, 2008). Detentoras de capitais sociais de baixa densidade, muito dependentes das redes de conexões e conhecimentos familiares, estas mulheres não conseguem mobilizar recursos numa situação de emergência económica. Porque, as suas redes de conhecimento social assentam em vínculos cuja dimensão económica soma precariedade a precariedade. Por outro lado, a comunicabilidade entre capital escolar e a integração profissional não joga a seu favor. No momento de emergência, quando precisam de relançar as suas vidas e manter quadros de vida estáveis para os seus filhos, os trajectos profissionais trilhados entre formas de trabalho indiferenciadas conjugados com a inexistência de credenciais escolares relevantes no contexto de um sistema produtivo crescentemente fundado no conhecimento, revelam-se importantes limitadores das oportunidades no mercado de trabalho na economia formal.

Desta forma, ser mãe sozinha não só representa um factor acrescido de risco de pobreza (Almeida et al, 1992; Capucha, 2005) como significa um incentivo extraordinário para o ingresso na prostituição como solução para serem mães-provedoras quando são mães desqualificadas (Agustín, 2005b; Ribeiro et al, 2008), garantindo o financiamento da vida individual e o bem-estar dos filhos.

O insucesso da aposta de risco que fizeram tem consequências importantes. Encontram-se numa situação limite marcada pela extensa destituição. Sem companheiros, sem o pai dos filhos, com empregos que dão muito trabalho mas baixa remuneração, vêm-se na contingência de encontrarem modos alternativos de ganhar a vida. Estão sem argumentos para se oporem à prostituição como via para a solução dos seus problemas. A actividade prostitucional significa uma oportunidade de evitarem as consequências devastadoras do colapso da vida que se desmoronava 'à frente dos olhos como um castelo de cartas'. A prostituição apresenta-se susceptível de fazer face ao peso dos encargos que estas mulheres assumem. Sentem que não têm nada a perder, que não têm de ter vergonha por se sentirem tentadas a trabalhar na indústria do sexo como prostitutas. Porque, vergonha seria deixar de pagar as dívidas, deixar de ter casa ou deixar o filho passar fome.

Se o capital social e económico se revela insuficiente para resolver os seus problemas, o capital físico reduzido a uma visão instrumental sobre o corpo silhueta natural (formas e contornos de um corpo pouco ou nada investido e vigiado) revela-se um recurso mobilizável com sucesso suficiente na garantia de recursos económicos necessários à vida de todos os dias: sempre se acharam mulheres bonitas, sempre se sentiram admiradas pelos olhares masculinos, sempre se sentiram desejadas. Estava na altura de ganharem alguma coisa com isso.

Num cenário de instabilidade e desassossego permanente, para Catarina e Isabel o futuro é atopizado, deixa de ter lugar, surge reduzido à banalidade e a vida é centrada no presente, na falta de quaisquer expectativas em relação ao futuro. Este futuro ausente reflecte a incapacidade de planear dadas as circunstâncias de vida.

Isabel
Fugindo com homens para
escapar da vida
28 anos
EE

“Já não sabia mais o que é que havia de fazer, estava mesmo numa situação enrascada, não tenho nem nunca tive família que me pudesse ajudar financeiramente... apesar de nessa altura o meu irmão me ter ajudado com o meu filho... ehhh... ele até passou uma temporada longa em casa do meu irmão até eu recompor a minha vida (...) estava entalada entre a espada e a parede (...) na minha vida fiz de tudo para ir sempre melhorando, ir sempre subindo (...) joguei tudo o que tinha... ehhh... pois, joguei e arrisquei e durante muito tempo ganhei! Joguei tudo quando fui trabalhar e deixei a escola e se calhar agora não tinha deixado de estudar, tinha conciliado as coisas. Também arrisquei quando saí do inferno que se estava a tornar a casa dos meus pais com aquilo do meu pai ser violento com a minha mãe e quando apostei num homem, no meu marido e me casei com ele, quando tive o meu filho... hummm... agora [com a morte do marido] tinha caído tudo! Caiu tudo! (...) Quando ele [marido] morreu caíu tudo, caíu o meu mundo! Ele morreu e para além de me ter deixado só e um filho sem pai, deixou-me foi dívidas! Eu adoro o meu filho... e depois da morte do meu marido ele é cada vez mais tudo para mim. Por ele sou capaz de tudo! Por isso, é que quando o meu marido morreu e me deixou as dívidas dele eu tinha de fazer tudo para cuidar bem do meu filho, para conseguir continuar a dar-lhe aquilo que precisa e para ter mais ou menos o mesmo nível de vida que tinha antes disto acontecer (...) Antes de me meter nisto ainda fiz outras coisas, isto não foi a primeira coisa que me passou pela cabeça. Para além do meu trabalho [na pastelaria restaurante] comecei a trabalhar a fazer limpezas em escritórios (...) eram muitas horas de trabalho juntas, quase não dormia para conseguir ter os dois trabalhos e o que ganhava não chegava na mesma (...) Não tinha mais alternativas! (...) Como é que se começa? É como num trabalho qualquer normal, respondi a um anúncio do jornal (...) gostei da pessoa [a dona do bordel], das condições, do ambiente (...) não era nada do que estava há espera, como vê é tudo muito normal, as pessoas são normais, simpáticas... não é nada daquilo que se diz por aí da exploração, da violência e essas coisas... nada disso, é tudo muito familiar. É ou não é? Você já viu e sabe que não estou a mentir (...) Trabalhei um ano seguido nisto sempre depois do meu trabalho... durante esse tempo o meu filho estava em casa do meu irmão fora de Lisboa, eu não tinha muita coragem de encarar o meu filho a saber aquilo que estava a fazer, a vida que estava a levar (...) depois de um ano, há a possibilidade de ir viver com um antigo cliente, ele gostava de mim e eu assim podia deixar esta vida e ficar só com o meu trabalho [patelaria resutarante], porque ele tinha condições para me dar conforto económico e para ter o meu filho de novo ao pé de mim (...) para ser honesta eu não gostava dele, sentia carinho, mas não o amava... não me sinto mal com isso, porque ele queria-me só para ele e a mim interessava-me o que ele me podia dar... humm... mas acabámos por nos separar. Se calhar fui um bocado burra, porque comecei a ter medo de o perder e de perder a vida que tinha apesar de não gostar dele (...) tinha ciúmes e medo que ele encontrasse outra mulher e me trocasse. Se calhar, se não fosse isso ainda estava a viver na casa dele e a ter as coisas que ele me pagava (...) Fui aí que eu regresssei aqui [ao apartamento bordel e à actividade de acompanhante] (...) porque o dinheiro é sempre importante, porque preciso do dinheiro para mim, para as coisas que eu gosto e para dar ao meu filho o nível de vida que ele merece! É como lhe disse... ehhhh... gostava de acreditar que a gente não tem um destino, mas acho que há. Uma coisa que eu aprendi com a vida é que não vale a pena lutarmos muito contra a vida, contra aquilo que temos destinado para nós, porque só nos vamos magoar mais... ehhh... só vamos levar mais pancada, é como se tivéssemos a lutar contra o mar, perdemos sempre (...) temos que saber aceitar as coisas como elas são, acho que o que foi difícil para mim foi aceitar isso, mas fui aprendendo... hummm... fui aprendendo a aceitar que a vida será aquilo que tiver de ser e quanto a isso não há nada a fazer (...) qual é o meu destino? Qual é o meu destino? Olhe, nem todos podem ser doutores, nem todos passam pelo que eu passei... nem a todos morre o marido e ficam com imensas dívidas e sem dinheiro para dar ao filho aquilo que ele merece, mas também nem todos conseguem o que eu já consegui, nem toda a gente tem um filho que ama e que os ama... por isso, por isso, se tiver de fazer isto de ser acompanhante para conseguir isso, faça!”

Catarina
Na trilha da mãe com o
dinheiro como redenção
32 anos
EE

“Dever é honra, pagar é brio, sempre ouvi desde de pequenina.”
“Nem toda a gente tem uma vida fácil! Eu nunca tive uma vida fácil! (...) Porque tínhamos pouco, o dinheiro sempre foi uma coisa muito importante na minha vida, isso desde criança (...) Quando o meu pai deixou a minha mãe, não foi só a ela que ele deixou, foi também a mim. Ele deixou-nos às duas numa situação muito complicada mesmo! Por causa disso nunca perdoei ao meu pai, não sou capaz de lhe perdoar, porque foi ele que nos fez viver uma vida tão difícil. A minha mãe fez muitos sacrifícios para que nunca me faltasse nada (...) nunca passei fome nem nada disso, mas era sempre tudo muito contado (...) quando era mais pequena não percebia muito bem as dificuldades, achava aquilo normal, a única coisa é que percebia que havia outras crianças que tinham mais coisas do que eu, roupas de marca, briquedos... hummm... lembro-me que na altura isso era muitas vezes um sofrimento, ficava aquela sensação de que era diferente porque não tinha aquelas coisas, a sensação de que era inferior (...) Mas depois comecei a perceber o sofrimento e os sacrifícios que a minha mãe fazia (...) Achei que aquilo era muito injusto para a minha mãe, ela trabalhava muito, anadava sempre estoirada, o dinheiro nunca chegava para nada e eu não contribuía com nada para ajudar. Comecei a achar isso muito injusto e que eu devia também ajudar. Foi por isso que saí da escola, foi por isso que deixei de estudar. Ela nunca me pediu para eu ir trabalhar, ela queria que eu estudasse mais... fui eu quem decidi assim (...) o meu dever como filha era ajudar a minha mãe, eu já tinha idade suficiente para trabalhar e para poder ajudar nas despesas, fiz o que achei que era correcto e que nos dava mais alguma folga [no orçamento mensal].”
“Comecei a trabalhar, a namorar e depois é o rumo natural da vida, casar, ter filhos (...) Ao princípio trabalhei em

limpezas, não tenho problema em dizer é um trabalho muito digno! Depois trabalhei em lojas, passei por várias, sempre a tentar melhorar (...) a trabalhar passei a ter o meu próprio dinheiro e a ter mais liberdade, tinha algum dinheiro para comprar as minhas coisas, comprar a minha roupa, para ir ao café (...) Entretanto comecei a namorar (...) estávamos a namorar, trabalhávamos os dois, éramos independentes e ganhávamos o nosso dinheiro, já nos conhecíamos há muito tempo do bairro e namorávamos há dois anos, a coisa mais natural era sairmos de casa dos pais e casarmos (...) O mais natural é que tivéssemos filhos e foi isso que aconteceu!”

“(…) problemas, problemas... as pessoas separam-se, não é? Um filho muda uma relação...ehhh... um filho muda tudo, tudo mesmo na vida de um casal! Deixamos de ter tempo para namorar e quando temos tempo não temos vontade, é mesmo assim. Se não pense lá comigo, é tudo uma correria, de manhã tratar do miúdo, levar para a ama ou para escola, ir trabalhar, voltar e buscar a criança, tratar da casa, porque também há uma casa para tratar, é preciso comer e ter roupa lavada para vestir... humm... agora diga-me, onde é que há vontade e tempo para outras coisas?! (...) Os filhos passam a ser o centro das nossas vidas, esquecemo-nos de nós e de que temos um marido que não é só pai também é amante. Isso foi um erro muito grande! Ele não aguentou mais e mudou de vida (...) foi muito doloroso, quando tínhamos tudo estabilizado, uma vida com algum conforto, um filho e tudo para sermos felizes... acaba tudo, acaba tudo o que eu sempre tinha sonhado e lutado para ter (...) Fiquei sozinha e tinha as contas para pagar... ehhh... ele [ex-marido] nunca cumpriu com a responsabilidades dele, nunca pagou a pensão que devia ao filho... ehhh... isso ainda piorou mais as coisas. Não conseguia pagar as despesas (...) comecei a ter problemas no trabalho com a minha chefe por causa de uma pessoa mal formada e má língua... olhe essa é que é uma verdadeira puta [risos]. Com isto tudo já não conseguia pensar como é que podia resolver o molho de brócolos em que estava metida... contas para pagar, prestações do empréstimo da casa atrasadas (...) em casa só pensava nas chatices do trabalho, no trabalho nos outros problemas todos. Estava a ficar louca... ehhh... precisei de saltar fora do serviço onde estava, tive lá esses problemas e tive de saltar um tempo (...) meti dois anos de licença [sem vencimento], tinha que me virar, não é? Das duas uma, ou entregava tudo ao banco e perdia tudo, ou continuava com a minha vida para a frente (...) vendi a minha casa, paguei ao banco e fui viver com o meu filho para uma casa alugada. Não ia voltar para casa da minha mãe com um filho pela mão. Ela já se sacrificou muito por mim e agora não ia ser outra vez responsável por mim e pelo meu filho, nem pensar! (...) Em licença sem vencimento precisava de um sítio onde ganhar dinheiro e equilibrar a minha vida, não é? Depois mentalizei-me durante um mês, vim através de um anúncio de jornal e cá vim parar e graças a Deus a uma boa casa! Ninguém vem por amor à arte! (...) é claro que se não viesse para aqui tinha de me virar para outro lado, não é? Roubar não podia e explorar ninguém também não... tinha de ir para uma loja ou qualquer lado, calhou...”

Independentemente da forma de aposta na vida, exclusivamente no preto ou a aposta simultânea no preto e no vermelho, a vida vivida como um jogo de casino resulta invariavelmente em percursos de constante (re)adaptação aos constrangimentos que vão sendo impostos pelo quotidiano, denotando campos de possibilidade e de opção muito reduzidos. Estamos perante dramaturgias pessoais que, apesar de orientadas no sentido da transformação das condições e dos quadros de vida, produz formas de emancipação pessoal precárias alimentando, de forma retroactiva, um modo de vida assente na experimentação de ciclos infundáveis entre o sossego da estabilidade aparentemente conquistada e o desassossego da incerteza e do risco de destituição material.

4.3 | *Desenganar a vida: a prostituição como alternativa radical*

A vida organizada ao modo do desengano coincide com a perda de esperança, com o sair da ilusão e das expectativas que as mulheres acompanhantes foram criando durante parte da vida e, sobretudo, ao longo do percurso escolar. A disparidade entre as aspirações produzidas pelo sistema de ensino e as oportunidades que o mundo do trabalho oferece numa época de inflação dos títulos escolares, faz destas mulheres acompanhantes parte integrante de uma geração enganada ou desiludida (Bourdieu, 1979). Estas mulheres não obtiveram nem perspectivam vir a conseguir através das suas qualificações formais tudo aquilo que imaginavam ter direito no que respeita à integração valorizada no mercado de trabalho: por um lado, as oportunidades do mercado de trabalho não oferecem o conforto e a segurança económica que imaginavam e precisavam para fazer cumprir projectos individuais baseados na permanente intensificação e emocionalização vida e em expectativas de consumo distintas. Por outro, o mundo do trabalho não apresenta soluções de inserção que aliem prestígio a um trabalho aliciante e não determinem a prisão a rotinas burocráticas e a processos

repetitivos. O mundo do trabalho não lhes oferece um trabalho que fosse ele próprio sinónimo de fuga à rotina. A desilusão resultante desta disparidade estrutural produz desencantos a dois níveis: em primeiro lugar, um desencanto com a instituição escolar que criou expectativas inatingíveis ou que a geração actual não consegue atingir em comparação com anteriores com iguais qualificações⁵⁵. Em segundo, o desencanto com o mundo do trabalho, porque veda as oportunidades e os sonhos que tinham imaginado para si (Bourdieu, 1979; Alves et al, 2011; Pais, 2003).

Desiludem-se, porque o futuro que as espera (ou que chegaram a experimentar) como trabalhadoras qualificadas no mercado de trabalho convencional é a ‘iron cage’ (Weber, 1992) de que tanto querem fugir. É o futuro que as aprisiona num espartilho que não as deixará viver e ser como elas são, um espartilho que sufoca aquilo que acham ser a sua autenticidade e os seus desejos mais profundos, a sua essência individual apenas exprimível através de uma ética de vida aventureira, sensual e excitante.

A desilusão também resulta na passagem de uma perspectiva colonizadora do tempo (Giddens, 2001) que permitia imaginar e planear o futuro para uma resignação com presente e a uma atitude defensiva em relação ao futuro (Pais, 2003). Para as mulheres que vivem a vida deste modo, o futuro é desfuturizado, tornando-se um tempo sobre o qual se projectam sonhos e ilusões ao mesmo tempo que no presente não se assumem compromissos que possam colocar em questão a manutenção do sonho, nem a experimentação do quotidiano como uma aventura permanente, como um permanente evitamento da rotina e do envelhecimento (medo de vir a ser como os pais). Mas, a relação com o tempo e com o futuro é defensiva, sobretudo, porque pensar o tempo que há de vir significa a impossibilidade de se esconderem do confronto com o carácter transitório da actividade prostitucional como acompanhante, com o facto da forma radical que encontram para desenganar a vida ter prazo de validade, que o correr do tempo e o envelhecimento ditam o fim desta solução ou, em alternativa, a entrada em declínio na actividade prostitucional (Coelho, 2009a). Na verdade, a atitude defensiva em relação ao futuro revela a recusa da modernidade entregando-se ao destino e às soluções de vida que o tempo se encarregará de lhes colocar à disposição (Giddens, 2001), a incapacidade de planear o futuro e a falta de respostas à questão: o que fazer da vida a seguir? De forma sintética, a radicalidade da alternativa encontrada para a vida consome-se no conservadorismo implícito a relação defensiva com o tempo de quem apenas deseja viver o presente.

⁵⁵ A este propósito em Portugal no ano de 2009, os trabalhadores até aos 34 anos com formação superior (grupo onde poderíamos incluir as acompanhantes deste modo de vida) auferiam em média menos 981 Euros do que os trabalhadores com 35 ou mais anos com o mesmo perfil escolar. Ou seja, os mais novos tinham remunerações correspondentes a apenas 55% das dos mais velhos. Fonte: Observatório das Desigualdades/Quadros de Pessoal 200-2009 (MTSS/GEP).

Quadro 4.3: Modo de vida desenganar a vida

Protagonista	Projecto	Dimensão temporal		Dimensão social		
		Modalidade operatória	Relação com tempo	Trajectória social	Classe social	Relação com as condições de vida
Maria Mafalda	Materialista-Individualista	Trabalho como diversão	Defensiva	Ascendente Descendente	TI	Inovadora

Mais uma vez, estamos perante um modo de vida onde não cabem os homens clientes. As mulheres que aqui se inscrevem têm o mesmo tipo de inserção estrutural, o facto de exercerem a actividade prostitucional como acompanhantes independentes a tempo inteiro determina a localização entre os trabalhadores independentes.

Contudo, devemos ser prudentes e evitar perceber nesta coincidência uma relação homológica entre uma determinada localização no espaço das classes sociais e um modo de vida. Interpretação que encaixaria no ritmo em *sforzando* das teorias da determinação da acção que estabelecem uma relação rígida entre posições e disposições, entre a localização no espaço social de distribuição desigual de recursos e os modos de vida. Esta prudência é recomendável por dois motivos fundamentais: primeiro, verificando que este modo de vida é um exclusivo de mulheres que ocupam uma determinada classe social, a verdade é que nem todas as acompanhantes com mesma inserção estrutural adoptam este modo de vida. Em segundo lugar, porque as protagonistas que dão existência a este modo de vida têm origens sociais muito distintas no espaço estrutural das classes: Maria percorre uma trajectória ascendente a partir de uma família de classe operária; Mafalda, descendente de uma família de empresários, traça uma trajectória de sentido inverso. Com tais trajectórias discretas, não será a homogeneidade dos atributos estruturais e disposicionais incorporados a determinar a partilha do modo de vida. Pelo contrário, o que as leva a organizar a vida segundo o mesmo modo serão dissonâncias disposicionais individuais produzidas pelo reportório de experiências vividas e acumuladas na pluralidade de contextos de socialização que marca a vida nas sociedades contemporâneas (Lahire, 1998 e 2005).

As localizações de classe e os atributos estruturais das acompanhantes que colocam em prática este modo de vida decorrem das trajectórias de mobilidade social conjugadas com a angariação e acumulação de capital escolar, que se revela fundamental na multiplicação da rede de relações sociais que constitui o capital social.

Apesar do investimento em capital escolar ter sido estrategicamente pensado (intergeracionalmente, descendendo de famílias que investem significativamente num projecto de escolarização) como garantia de sucesso social e económico e como base da luta pela posição no espaço social. Apesar de terem sido jovens mulheres altamente envolvidas nos quotidianos universitários, desejando aproveitar as oportunidades que os pais não tiveram. Apesar de tudo isto, a localização no espaço social acaba por ser grandemente devedora do capital físico, que se revela um importante recurso mobilizável, actuando como um activo importante na multiplicação de benefícios objectivos. A composição do capital físico garante uma avaliação da apresentação individual e da

posição no mundo social longe da vulgaridade e perto da distinção, aumentando o sucesso da conversibilidade noutros tipos de capital (social e económico).

As acompanhantes que organizam o seu quotidiano e gerem os seus recursos estruturais de acordo com este modo de vida, produzem projectos individuais organizados conforme o princípio *materialista individualista*. Isto é, concebem a qualidade de vida enquanto felicidade dependente da integração económica, da quantidade de recursos económicos e do universo de possibilidades de experimentação da vida que essa integração pode comprar. Um projecto que se orienta no sentido da acumulação de experiências vividas, permitindo viver em permanente desafio, aprendizagem, auto-confrontação e teste dos limites pessoais que forneçam sentido à existência individual no mundo social e formem uma vida preenchida de coisas para contar.

Desenganar a vida parece aproximar-se do modo de vida da excitação estável, sobretudo, no que diz respeito aos princípios de orientação dos projectos individuais e à permanente luta por viver uma vida cujo o sentido se conquista através da excitação, das emoções e da acumulação de experiências mais ou menos radicais. Contudo, dois elementos fundamentais afastam estes dois modos de vida: a estabilidade e o significado da actividade prostitucional. Em primeiro lugar, ao contrário da excitação estável, as acompanhantes que desenganam a vida não centram os seus esforços na articulação das temporalidades quotidianas associadas à rotinização e aos compromissos com os tempos de fuga e aventura. Isto é, no lugar da coexistência estas acompanhantes pretendem substituir a rotina pela aventura. Em segundo lugar, a actividade prostitucional não assume apenas um valor simbólico, simbolizando o sucesso social, profissional ou económico. Pelo contrário, ser acompanhante é a sua profissão, a sua única fonte de rendimento e a base de sustentação material do seu modo de vida e da sua posição no espaço social.

Tal como as acompanhantes cuja entrada na actividade prostitucional se dá pela porta da emergência económica, para estas mulheres o início da actividade como acompanhantes também corresponde a uma forma oportunista de solucionarem e financiarem a vida (Scambler, 1997). Mas, as vidas que umas e outras financiam é que se revelam diferentes. Ao contrário das mulheres *desassossegadas*, para as *desenganadas* a prostituição não será a última oportunidade para evitar que o projecto individual que se desmorona como um castelo de cartas. Para estas mulheres, ser acompanhante é antes de tudo uma oportunidade alternativa, radical e autocriada de integração económico-profissional, que não hipoteca princípios e valores de uma vida ambicionada em torno de um futuro permanentemente aberto e de um presente que não é destino de compromissos, mas lugar para viver de acordo com uma ética da aventura e da excitação.

Desenganar a vida estabelece uma relação com as condições objectivas de vida de carácter inovador, na medida em que ao fazerem das suas condições de vida um objectivo da sua acção estas mulheres criam um novo espaço de afirmação pessoal no mundo social. A forma destas mulheres encontrarem sentido para a sua distinção social reside na adopção de estratégias de reconversão em que o património individual constituído pelos diferentes tipos de capital é utilizado no sentido da

profissionalização de espaços marginais no interior do mercado de trabalho, investindo-os com um sentido profissional e com uma valoração ética específica (Bourdieu, 1979). Acontece que o espaço marginal encontrado por estas mulheres foi a prostituição, fazendo da actividade prostitucional como acompanhantes o núcleo central da sua emancipação pessoal e económica, ao mesmo tempo, que se tornam protagonistas de noções muitas vezes romantizadas da prostituição como emancipação ou como glamorizada de trabalho sexual (Agustín, 2005b, 2006 e 2007; Silva, 2009). Estas acompanhantes tornam claros os seus esforços para profissionalizar aquilo que fazem (Bernstein, 2007a; Sanders, 2005a e 2005b, Coelho, 2009a), esse esforço é consistente com uma tentativa explícita de encaixe da actividade de acompanhante numa ética da descoberta e da expressividade sexual (Coelho, 2009a).

Ao contrário das antigas formas da pequena burguesia que se distinguiu das classes trabalhadoras através de uma ética do sacrifício, a nova pequena burguesia de que estas mulheres acompanhantes fazem parte busca a sua distinção ocupacional e pessoal por via de uma ética da diversão (Bourdieu, 1979). Estas mulheres identificam-se com uma ética que valoriza o divertimento, a sensualidade, o prazer e a liberdade. Trata-se da busca da salvação ocupacional e pessoal através da recriação permanente da vida como uma aventura (Pais, 2003). Por um lado parece ser posta de parte uma moralidade e cultura do dever, baseada na ascética oposição entre o bem e o mal que criava medo do prazer e, em consequência, definia uma relação com o corpo e com a sexualidade orientada pela reserva, modéstia e constrangimento. Por outro, a associação do prazer à culpa, resultado de um arco civilizador orientado pelo crescendo do constrangimento, da ocultação, da vergonha e da privatização dos impulsos e das manifestações corporais (Elias, 1990), dá lugar a uma nova ética vanguardista organizada em torno de uma moralidade do prazer como dever, da aventura como obrigação, da expressão emoções e das sensações como responsabilidade e da experimentação como imperativo. Uma doutrina que transforma a não diversão numa falha ou numa ameaça à auto-estima (Bourdieu, 1979).

Uma ética da diversão e da aventura com alcance normativo que se estende da esfera privada para as dimensões públicas da vida, invadindo também a forma como se olha o trabalho (Bourdieu, 1979; Pais, 2001). É neste quadro ético e normativo que as acompanhantes protagonistas deste modo de vida buscam soluções singulares e inesperadas para articulação do desejo do trabalho e o imperativo da diversão, tendo em mente a não reprodução da vida monótona, rotineira, envelhecida e ‘certinha’ vivida pelos pais.

De forma breve, a prostituição como ocupação profissional permite não serem escravas do trabalho, não o rejeitando, tanto como fonte de rendimento como de realização pessoal (Pais, 2001). Mas, a colonização da dimensão instrumental pela dimensão expressiva da vida, implica formas específicas de mobilização do património individual dos diferentes tipos de capital.

As acompanhantes adoptam um regime de acumulação de capital físico que apresenta níveis de investimento e cuidados extremos em diferentes planos: na produção e estetização da sua imagem,

criando uma primeira pele que se distinga pela sensualidade capaz de atrair o olhar conjugada com a discrição de não ser excessivamente sexual; (ii) com os usos do corpo, poses, movimentos, modos de falar, etc.; (iii) com a modelação do corpo e das suas formas são só através de regimes alimentares e de exercício físico, mas também por meio de cirurgia estética que permite uma mais rápida adequação aos modelos de beleza corporal feminina; (iv) com a erotização de si através de consumos, práticas e aprendizagens que permitam a captação de recursos e técnicas eróticas. Das mais importantes formas de erotização encontra-se a aplicação do princípio imperativo do ‘bom sexo’ (Jackson e Scott, 2010) ou da reciprocidade do prazer aos encontros com os seus clientes. Investindo a prostituição de uma valoração ética que faz dos encontros sexuais pagos momentos de experimentação e expressividade sexual (Coelho, 2009a e 2009b).

A articulação entre projectos individuais, exigências quotidianas e as condições objectivas de existência depende da afirmação de uma feminilidade provocadora (Coelho, 2009b e 2009; Jackson e Scott, 2010) e que concebe as mulheres como sujeitos sexualmente empreendedores (Harvey e Gill, 2011). Porque, uma das características da entrada das novas classes médias no trabalho sexual está directamente relacionada com o explícito desafio aos padrões de respeitabilidade, contido no próprio acto de entrada nesta actividade (Bernstein, 2007a). Padrões de respeitabilidade associados às normatividades de género que fazem da feminilidade adequada aquela que reproduz e enfatiza o um duplo padrão sexual prescritivo de uma sexualidade restritiva e contida para as mulheres (Jackson e Scott, 2004 e 2010). O carácter radical desta alternativa reside também, em parte, na implícita implosão das fronteiras entre sexualidade e interesses materiais, base fundamental onde assenta o estigma da prostituição.

A activação de um capital físico com tais propriedades cruza-se, num jogo de conversibilidade, com a mobilização de competências inerentes ao capital social, isto é, com as disposições que tornam estas mulheres particularmente capazes de criarem ritos de celebração e aprofundamento das conexões com os seus clientes: ritos que envolvem o reforço do seu trabalho emocional, a partilha de si, a entrega emocional, física e sexual, adicionada pelas capacidades de saber estar, saber conversar (Bernstein, 2007a e 2007b; Sanders, 2005a; Coelho, 2009a).

No esforço de dar visibilidade ao capital físico, conseguindo reconhecimento no contexto prostitucional, Maria e Mafalda estão em constante monitorização do universo dos sites onde é possível anunciar o seu trabalho, procurando sempre aqueles espaços que melhor as promovam; investem em anúncios em diferentes sites da internet; ciclicamente fazem novas sessões fotográficas profissionais e com elevados cuidados estéticos e eróticos; mantêm activos e actuais blogues pessoais. A complexidade destas formas de apresentação digital (que incluem materiais tão diversos como textos de apresentação de si, dos seus gostos onde que colocam a nu outras competências que não são necessariamente sexuais) remete necessariamente para competências tipicamente adquiridas em processos longos de escolarização (capital escolar).

Os factores objectivos e mais directamente económicos determinam o universo das escolhas das acompanhantes (situadas em lugares intermédios da estrutura social) de uma forma que não está directamente relacionada com a sobrevivência ou urgência material (Bernstein, 2007a e 2007b). Mas, isto não é sinónimo de que as mulheres que entram na prostituição trazendo consigo competências, qualificações e percursos profissionais no mercado de trabalho convencional deixem de fazer uma análise do tipo custo-benefício. Pelo contrário, a possibilidade de ganhar mais dinheiro em menos tempo, libertando tempo para a recreação de si, estará na base da sua decisão de entrada.

Em parte, e de forma mais indirecta, a entrada numa carreira prostitucional é motivada pelas disparidades e desigualdades de rendimento entre homens e mulheres verificadas na vida económica contemporânea do capitalismo tardio (Connell, 1987 e 2002). Os salários relativamente altos da prostituição quando comparados com outros trabalhos na indústria dos serviços torna-se um aliciante para algumas mulheres (Bernstein, 2007a). As desigualdades de género na vida económica, o potencialmente alto rendimento da actividade prostitucional como acompanhantes quando comparada com outros trabalhos nas suas áreas de formação superior, são factores adicionais para a entrada no trabalho sexual. Para as mulheres o trabalho como acompanhante, ou outros trabalhos sexuais, será das poucas ocupações em que garantem uma remuneração mais elevada do que os homens com o mesmo nível de qualificações (Edlund e Korn, 2002).

Ainda que a entrada de Maria no mundo do trabalho possa ter sido motivada pelo desemprego dos pais e pelo percalço económico que isso determina, obrigando à experimentação de esquemas de trabalho precário como modo de financiamento da vida de estudante. Num primeiro momento, enquanto trabalha no sentido da obtenção de qualificações superiores, entra num circuito de trabalhos mais ou menos rotineiros e temporários, com vínculos precários, rendimentos reduzidos, que fazem perigar o sucesso académico. Mais tarde, a prostituição apresenta-se a Maria como uma possibilidade de trabalho que supera largamente o simples financiamento dos estudos e da vida de todos os dias. Ser acompanhante permite a uma jovem estudante universitária construir um estilo de vida preenchido por novos consumos e novas excitações; no mesmo passo, garante e financia o tempo necessário ao sucesso académico.

A sequência de trabalhos que define o percurso laboral de Mafalda revela desde sempre uma linha norteadora fundamental: a busca de um trabalho que satisfaça mas que não escravize e não limite a vida à actividade profissional, um trabalho que não seja rotina, que seja aventureiro no dia-a-dia; mas também que permita financiar uma vida cheia de experiências fora dos tempos de trabalho; a mistura entre trabalho, prazer, aventura, excitação e divertimento. Foi provavelmente esse fio-de-prumo que a fez desejar uma carreira como modelo. Terá sido, certamente, essa a bússola que orientou o trabalho como assistente de bordo na aviação comercial, conciliando estudo, amizades, intensificação da experimentação sexual, aventura, ludicidade, excitação, e dinheiro. Maria não precisava deste dinheiro para financiar o dia-a-dia, mas a interrupção cíclica desta efervescência experimental sempre que cada contrato terminava, a sentimento de vazio pelo desemprego, a suspensão da autonomia financeira em

relação à tutela dos pais e a ressaca da ausência do composto trabalho-dinheiro-excitação. Todos estes são factores que ajudam à decisão de iniciação na actividade de acompanhante, primeiro como actividade nos interlúdios dos contractos a termo como assistente de bordo, depois cada vez mais como uma solução para conseguir fazer do nexos trabalho-dinheiro-excitação uma permanência na vida.

Para estas mulheres, a prostituição abre e/ou mantém abertas as portas a um sempre novo universo de experimentação e intensificação da vida, na medida em que remunera muito mais do que qualquer outra actividade ou trabalho em part-time que tenham tido ou que pudessem vir a ter (Bernstein, 2007a; Coelho, 2009a; Pais, 2001), ao mesmo tempo, que garante a autonomia e a emancipação de tutelas económicas familiares.

Tudo isto acontece enquanto sonham com um emprego estável, valorizado e na área de formação. Mas, quando essas oportunidades chegam já estava instalada uma expectativa e uma visão sobre o trabalho como instrumento ao serviço da montagem de um estilo de viver a vida de forma descontraída, emocionante e sem grandes preocupações, sob o signo da fruição e da errância. Os mercados de trabalho a que as suas formações superiores dão acesso revelam-se uma desilusão, por um lado, retiram-lhes o tempo que elas desejam para si e para a aventura; por outro, não lhes dá o dinheiro que conseguem como acompanhantes. Desta forma, a experiência prostitucional como uma actividade transitória, como uma experiência oportunista (Scambler, 1997) que permitia conjugar num determinado momento da vida vários interesses e responder a diferentes curiosidades (económicos, sexuais, de superação de si), passa a ser encarada como forma fundamental de inserção na vida activa e forma estrutural de pensar, financiar e construir os seus projectos de vida.

Ao contrário das mulheres que se tornam acompanhantes em cenários de destituição material grave, para estas acompanhantes a prostituição foi solução quando ainda tinham muitas possibilidades em aberto no mercado de trabalho convencional e em articulação directa com a área da sua formação superior.

Quando a actividade prostitucional passa a financiar a vida de todos os dias e deixa de ser uma actividade complementar à vida de estudante, isso significa o afastamento do projecto de vida que se tinha à partida. Determina a ruptura com uma certa linearização e encadeamento da vida, que une o curso superior a uma determinada profissão percebida como consequência das credenciais académicas obtidas. Mas, se planos de vida lineares ficam de lado é, porque, ao contrário dos trabalhos convencionais que se articulam com a área de formação, a actividade enquanto prostituta acompanhante remunera melhor e permite horários mais flexíveis e compatíveis com uma vida que se quer livre para se fazer o que se gosta e que se centra na emocionalização e aventurização do quotidiano como forma de evasão de uma vida temida entre rotinas de ‘gente mais velha’ (Bernstein, 2007a). De forma simples, na transposição da ética experimentalista para a esfera do trabalho parece residir o elixir da eterna juventude.

Depois da conclusão do ensino superior com sacrifícios pessoais na articulação entre o desejo de ganhar dinheiro e as exigências académicas, Maria não chega a tentar seriamente arrancar com a vida profissional como psicóloga clínica. Mas, tem poucas dúvidas de que em termos económicos a opção por ser acompanhante não a seja mais vantajosa do que qualquer trabalho para uma psicóloga clínica em início de carreira. Assume o desafio pessoal e profissional de ser acompanhante independente a tempo inteiro. Contudo, a formação superior revela-se um instrumento útil no exercício da actividade prostitucional. A dimensão emocional do trabalho como acompanhante, ou de outra forma, o trabalho emocional desempenhado por uma acompanhante, acaba por se assemelhar a um trabalho terapêutico (Bernstein, 2007a e 2007b; Coelho, 2009a; O'Neill, 1997 e 2001; Oliveira e Coelho, 2010; Sanders, 2005a, 2005b e 2008). A formação em psicologia fornece instrumentos importantes para o desenvolvimento da actividade de acompanhante, não só na gestão da relação com os clientes, ou no saber estar, ou no desempenho do trabalho de escuta do outro (ouvido psicanalítico). Mas, também porque fornece ferramentas fundamentais para a auto-reflexividade, para que Maria consiga pensar aquilo que faz como acompanhante e as relações que vai estabelecendo com os seus clientes.

Para Mafalda as competências formais na área de gestão são, simultaneamente, passado e futuro imaginado. A gestão faz parte do passado porque foi a ferramenta de trabalho nas suas experiências profissionais no mundo dos gestores em início de carreira; será futuro se Mafalda conseguir realizar o sonho de montar o seu próprio negócio. Mafalda ainda experimentou uma solução mista, conciliando vida profissional convencional na área da gestão e actividade prostitucional como acompanhante. Contudo, olha para a sua primeira experiência profissional e vê baixa remuneração (quando comparada com a actividade de acompanhante) e longas horas de trabalho na empresa de consultoria. Avalia a segunda tentativa e observa um dia-a-dia pouco aliciante numa empresa pequena e onde não tinha perspectivas de futuro. Mas, quando olha com uns óculos condicionados pela ética experimentalista e pela racionalidade de tipo económico, vê o que deixou de fazer e viver por causa do trabalho, apercebe-se do que deixou de ganhar enquanto acompanhante e abandona todas tentativas de trabalho na área de gestão.

Ser acompanhante financia configurações de vida experimentais que realizam o desejo de viver uma vida preenchida de episódios marcantes. Neste quadro a entrada em conjugalidade ou a construção de uma vida a solo apresentam-se como modelos altamente valorizados (Galland, 1995; Guerreiro e Abrantes, 2004; Furlong e Cartmel, 1997) e que estas mulheres colocam no centro das suas prioridades. Ao contrário de algumas mulheres acompanhantes para quem o investimento nas relações amorosas e a formação de uma união conjugal significava um passo estratégico de transição de situações de destituição material e de tutelas familiares para um quadro de emancipação pessoal, para estas mulheres a entrada em conjugalidade é vivida como uma experiência fundamental nos seus projectos individuais. Por um lado, a construção do casal é entendida como uma oportunidade de viver uma experiência radical que responde directamente ao apelo do desafio do desconhecido, da

curiosidade, do permanente teste pessoal e da auto-confrontação (Kaufmann, 2002). Por outro lado, este processo nem sempre pacífico e preenchido por dúvidas e hesitações, pelo confronto consigo e com os hábitos do outro, com a construção de um espaço comum e de tarefas cuidadoras da casa e da vida íntima do casal, de rotinas, de calendários e horários partilhados (Kaufmann, 2002), será uma forma gradual de assumir responsabilidades e compromissos e de ir testando a própria relação e o par amoroso (Torres, 2001).

Em boa parte, esses compromissos unem vínculos amorosos a responsabilidades de tipo económico redefinindo a própria relação (Zelizer, 2002 e 2005) em torno da partilha de orçamentos comuns, da gestão dos recursos agregados, ou da gestão das responsabilidades inerentes à compra de casa. No caso particular destas mulheres acompanhantes significa um teste a uma tripla intersecção entre relação amorosa, actividade prostitucional e responsabilidades económicas, implicando a ponderação acerca da manutenção ou abandono da actividade prostitucional, da conservação ou afastamento dessa forma de financiamento da vida. O entendimento das consequências económicas da conjugalidade ajuda à decisão pela permanência na actividade prostitucional em detrimento de outras oportunidades de trabalho ou carreiras profissionais, porque ser acompanhante permite financiar um quadro de vida a dois orientado pela ética da aventura alargada ao casal (Mafalda). Ser acompanhante é não só uma forma de garantir independência económica, como também uma forma determinante de construção das condições objectivas de vida do casal. Neste cenário, não será a entrada em conjugalidade e a formação de uma economia comum o factor determinante de alavancagem económica destas mulheres acompanhantes; pelo contrário, a prostituição assume-se como factor de consolidação do projecto de vida a dois, possibilitando formas de integração social por via do acesso e fruição de determinados bens de consumo.

Mas, para algumas acompanhantes, as relações amorosas e o projecto conjugal, por mais inesperado que seja, determina a incompatibilidade com a actividade prostitucional. Isto significa uma situação de dependência económica. Se por um lado, o desejo de experimentação o sentimento amoroso orientam funcionam como orientador para a formação da união conjugal e fazem-nas abandonar temporariamente a actividade de acompanhantes, por outro, funcionando como força centrífuga, estas mulheres rejeitam a dependência económica e assimetria de poder em contexto conjugal que isso determinaria. Essa recusa leva à ruptura amorosa e ao início da experimentação da vida a solo. Viver sozinha não se limita a ser uma consequência da ruptura conjugal, é também a concretização de um desejo pessoal, da vontade de viver por si. O dinheiro como o meu dinheiro, o espaço como o meu espaço a valorizada enquanto espaço de auto-confrontação, descoberta, curiosidade, teste às capacidades individuais, cujo financiamento apenas se torna possível através da actividade prostitucional como acompanhante. A actividade prostitucional como acompanhante como factor determinante para saída de uma relação conjugal que se torna insatisfatória pela dependência económica e pela assimetria de poderes que provoca.

Mafalda
Voando entre a realidade e
os desejos
26 anos
TI

“O primeiro trabalho que tive foi como modelo fotográfico de moda, coisas de miúda! Sempre me achei gira e achava que podia dar modelo, até quase tenho vergonha de contar isto... mas isso acabou logo, foi mesmo coisa de menina mimada [risos] (...) Fiz três contractos seguidos como assistente de bordo [companhia aérea], adorava aquele trabalho! Era giro, era excitante! Viajava imenso...ehhh... havia sempre uns tipos giros, aliás acho que nunca vi uma concentração tão elevada de homens giros por metro quadrado [risos]... ehhh... isso dava muitas vezes umas cenas de cama para dar salero à coisa [risos] (...) é um trabalho com um ambiente, com uma atmosferas inexplicável, não sei se é glamour mas é assim uma coisa quase mítica (...) mas quando os contractos chegavam ao fim ficava sempre numa angústia horrível. Porque naquela altura sempre fui do estilo ganhava gastava, ganhava gastava (...) Não precisava do dinheiro para viver. Felizmente, aquele dinheiro era para isso mesmo, para gastar nas minhas coisas, nos meus luxos, nas saídas com os amigos da faculdade...ehhh... era para os meus pais não terem de ter essa despesa e assim eu também sentia mais liberdade para fazer mais coisas e aquilo que me apetecesse, não tinha que prestar contas sobre aquilo que gastava (...) Quando terminavam os contratos ficava sem ganhar dinheiro e não podia manter a vida no ritmo que tinha. Era a depressão! [risos] (...) Precisava de ganhar dinheiro nesses intervalos, não há muitos trabalhos que paguem bem em part-time e que permitam conciliar com a faculdade. Pimba! Dou de caras com uma reportagem sobre acompanhantes. Pensei logo, porque não?! Não tenho complexos nenhuns com sexo, pode ser uma aventura para mais tarde recordar e ainda por cima paga bem (...) a ideia era ser temporário, mas agora o temporário passou a definitivo. Ao princípio foi para ganhar dinheiro nos intervalos dos contratos, mas depois não larguei mais. Mesmo quando acabei o curso e comeci a trabalhar na minha área mantinha-me como acompanhante (...) fui trabalhar para uma daquelas consultoras, típico para uma recém licenciada em gestão, mas aquilo era horrível! Um horário tremendo, entrava cedo e não tinha horas para sair. Quase não dormia, não tinha tempo para mim, não cuidava de mim, comia mal, tinha a pele numa lástima [risos] (...) Fui trabalhar para a empresa da família de um amigo da faculdade, mas aquilo não dava perspectivas nenhuma e era tudo muito familiar. Acabei por sair para não arranjar atritos com esse amigo. Como mantive sempre isto [acompanhante] activo, só tive de continuar e investir mais tempo (...) ganho mais do que alguma vez ganhei nos outros trabalhos que tive, tenho tempo para mim, tenho tempo para a minha casa, para o meu namorado, para ajudar os meus pais no negócio deles.”

“É verdade, eu podia viver com o meu namorado se tivesse outro trabalho... se tivesse continuado na consultora, por exemplo. Os rendimentos dos dois juntos dariam, provavelmente, para comprarmos uma casa... ehhh... a questão é que não seria certamente a casa onde estamos hoje, nem teríamos as coisas que temos hoje... ehhh... nem a qualidade de vida que temos os dois juntos, porque poderemos gastar dinheiro connosco, com mimos para os dois... Sei lá, viagens, fins-de-semana, noites em hotéis, jantar fora... estar com amigos...ehhh... tudo isso fica mais fácil com aquilo que eu ganho como acompanhante e que não ganharia noutro trabalho qualquer, isso de certeza!”

Maria
Ser acompanhante para ser
psicóloga e a psicóloga ao
serviço da acompanhante
25 anos
TI

“Os meus pais sempre investiram na minha educação, sempre acharam que seria a chave para eu ter uma vida melhor do aquela que eles tiveram... investiram tudo em mim, na minha educação e no meu futuro... até no meu corpo investiram, ofereceram-me estas maminhas lindas [risos] (...) eu tinha era de ter sucesso na escola porque eles também não queriam desperdiçar (...) Quando estava na faculdade o meu pai ficou no desemprego, as oficinas [metalomecânica] em que trabalhava fecharam, então as coisas apertaram lá em casa. Resolvi ir trabalhar para pagar os meus estudos e para ter dinheiro para a vida de estudante, aquelas coisas de estudante, saídas amigos, essas coisas (...) O que é que um estudante pode fazer? Call-centers. Aparentemente dá para conciliar com a faculdade e é um trabalho tranquilo. Engano. Ganhava muito mal, para ganhar alguma coisa de jeito tinha de fazer vários turnos, quando se faz vários turnos deixa de ser muito compatível com os estudos... é como se fosse um trabalho a tempo inteiro. A faculdade começou a ficar para trás, começou a correr mal, comeci a deixar disciplinas penduradas, etc. (...) Estava a ficar deprimida, estava a ficar sobretudo frustrada, nem ganhava dinheiro que se visse nem estudava, nem terminava o curso! Tinha de dar uma volta à minha vida! Não sei muito bem como é que ser acompanhante apareceu como possibilidade. Só sei que nessa altura me sentia constantemente assediada e olhada pelos homens... hummm... é uma sensação tremenda, dá imenso poder e confiança, dá a sensação que podes tudo! Sentia-me assim na faculdade e quando saía a noite com as minhas amigas, então aí era uma coisa por demais [risos]. Só te digo, é cá um power! Hummm... acho que foi juntar as peças do puzzle, precisava de um trabalho que desse para conciliar com a faculdade e desse mais dinheiro, sentia-me power, confiante e atraente... pronto, quando dei por mim estava tentar perceber como é que isto [acompanhante] funcionava, a pesquisar na net e pronto cá estou (...) Como o que eu sempre gostei na psicologia foi a parte clínica, segui para psicologia clínica. Bucolismo [risos], aí é onde há menos saídas profissionais, parva! [risos] (...) Fiz o estágio num hospital psiquiátrico, depois comeci a ver que aquele regime de trabalho voluntário ou a ganhar muito pouco se teria de manter durante muito tempo... ehhh... tinha de ir trabalhar com alguém mais experiente que me iria passando pessoas... entrar num consultório, mas é tudo muito lento e a ganhar mal... lá, lá, lá, lá... ainda comeci a fazer isso ao mesmo tempo que mantinha isto [acompanhante], mas... Mas, mas, para ter um trabalho eternamente incerto, instável, a recibos verdes, ainda ter de pagar impostos, etc, etc... mais vale isto que faço, ganho mais, mais depressa e a estabilidade ou instabilidade é a mesma.”

“Tive os meus namorados... mas a sério, a sério só tive um (...) conhecemo-nos naquelas coisas que acontecem na noite quando saís com os amigos, o grupo de amigos dele meuteu-se com o meu grupo de amigas, começámos a conversar e tal... estes encontros foram-se repetindo quase todas as semanas... acho que toda a gente estava a tentar engatar toda a gente [risos] (...) acabámos por nos envolver, ele era mais velho, trabalhava, tinha a casa dele... aquilo começou a ficar mais sério e fui viver com ele (...) as coisas entre nós correram bem desde o início muito porque eu também já tinha esta experiência de acompanhante... porque com isto aprende-se muito acerca dos homens e de como estar com os homens e não é só do ponto de vista do sexo, mas claro que a experiência sexual que eu ganhei também foi muito importante... mas é em tudo, como falar com eles, quando estarmos caladas e prontas para ouvir... Acho que foi por isso que correu tão bem e tão depressa (...) o meu pai é mais desconfiado, foi sempre um bocadinho desconfiado, mas aceitou bem, ehhh... muito porque a minha mãe achou ótimo desde o início. Porque para minha mãe ele era bonito e era bom partido (...) ele era de facto bom partido, ele deu-me todas as condições para eu poder acabar a licenciatura e fazer o mestrado [3+2 Bolonha] (...) mas chegou a uma altura e não dava mais! Eu vivia na dependência dele e eu nunca me quis ver no filme da mulher sustentada (...) enquanto andava a acabar o curso, andava entretida nem dava conta (...) depois na mesma altura é traiu-me e pronto... acabámos (...) Eu voltei a isto [acompanhante]... honestamente, já tinha voltado um bocadinho antes de acabarmos, quando me sentia totalmente dependente e vulnerável sem ganhar o meu próprio dinheiro, enclausurada naquela relação e naquele único homem, percebes?!”

Para estas mulheres, a capacidade de consumo revela-se como factor essencial para estilização da vida, influencia e co-estrutura o lugar que ocupam na sociedade, funcionando como mecanismo de produção de integração e distinção social. A sociedade industrial criou um modelo de integração social essencialmente baseado no trabalho assalariado. Contudo, na sociedades contemporâneas, o mercado

de consumo surge como importante e adicional domínio de integração social (Bauman, 2000, 2005 e 2007; Pais, 2003). Não importa a origem do dinheiro, desde que ele possa satisfazer os desejos de consumo enquanto forma de integração social (Bauman, 2000, 2005 e 2007; Pais, 2003). De outra forma, a ordem económica e moral que as estigmatiza por aquilo que fazem, empurrando-as para a exclusão social, também as integra, por via do acesso, da fruição e do consumo de bens e serviços que funcionam como marcadores simbólicos de estatuto e prestígio.

Desta forma, não se estranha que o rendimento da actividade prostitucional seja direccionado para a concretização de objectivos e sonhos associados a formas específicas de consumo distintivo (pequenos ou grandes luxos): compra de objectos, aquisição de experiências específicas, consumos relacionados com o investimento no seu capital físico, com a manutenção do seu corpo ou com a erotização da sua apresentação. Nem se estranha que o binómio ganhar depressa para gastar rápido seja também um forte incentivo para a entrada na prostituição, sobretudo, por parte de mulheres que não estão numa situação inicial vivida por entre constrangimentos objectivos de vida que as afastem da integração social. Ao mesmo tempo, este binómio funciona como um dos principais factores inibidores à retirada da prostituição (Day, 1994 e 2007).

4.4 | Excitação estável: prostituição como sinal exterior de sucesso social

Quadro 4.4: Modo de vida excitação estável

Protagonista	Dimensão temporal			Dimensão social		
	Projecto	Dramaturgia pessoal e social	Relação com tempo	Trajectória social	Classe social	Relação com as condições de vida
Bárbara	Materialista individualista	Cosmopolitismo avançado	Colonizadora	Estacionária	PTE	Aparentemente <i>blasé</i>
Lara				Descendente	PTE	
Nicole				Estacionária	PTE	
Joana				Descendente	PTE	
Victória				Estacionária	EDL	
André				Ascendente	EDL	
Manuel				Estacionária	PTE	
Miguel				Ascendente	EDL	
Jorge		Cosmopolitismo conservador	Colonizadora	Ascendente	PTE	
Zé Pedro				Descendente	PTE	
Luís				Ascendente	PTE	
Frederico				Estacionária	PTE	
Hélder			Defensiva	Descendente	EE	
Ricardo		Adição e recuperação	Defensiva	Estacionária	EDL	
Vítor	Vencidos da vida ou experimentalismo tardio	Colonizadora	Estacionária	EDL		
António			Descendente	PTE		
João			Estacionária	PTE		

William Thomas e Florian Znaniecki (1958) conceptualizam duas éticas da vida que, na análise da organização quotidiana da relação entre os projectos individuais e as condições de vida das acompanhantes e dos clientes, percebemos cada vez mais entrelaçadas. Por um lado, a ética tradicional do trabalho, marcada pelo desejo de segurança e estabilidade (*desire for security*) e pelo desejo de

correspondência (desire for response). De outro lado, a ética de aventura que se define pelo desejo constante por novas experiências (desire for new experience) e pelo desejo de reconhecimento (desire for recognition). Estas duas éticas combinam-se de forma particularmente intensa na forma como algumas mulheres acompanhantes e os homens clientes organizam e orientam as suas vidas. A novidade implícita a esta coexistência consiste no desejo germinal destes indivíduos, simultaneamente, escaparem de si próprios, da sua própria vida, ao mesmo tempo que não abdicam de a construir e de lhe fornecer e fortificar as bases estruturais fundamentais.

Neste caso, o oxímoro classifica um modo de vida comum a mulheres acompanhantes e a homens clientes que apresentam vidas e reportórios disposicionais internamente dissonantes (Lahire, 2005). Isto é, variações dos reportórios individuais que conjugam estilos básicos de disposições e comportamentos que apenas se tornam conciliáveis porque pertencem a temporalidades quotidianas distintas e a contextos sociais diversos. Estamos perante um modo de vida vivido a dois tempos.

Por um lado, o tempo da contenção e da estabilidade. Este será um tempo rotineiro que se caracteriza pela estabilidade, atribuindo importância à segurança e equilíbrio material e emocional, à rotinização das relações interpessoais e das práticas sociais na vida familiar, profissional ou nos contextos de sociabilidade amical. Trata-se de um tempo caracterizado pelo investimento em fórmulas de garantia de segurança económica, de sucesso e prestígio social ou da consolidação do cenário amoroso, conjugal e familiar. Este será o tempo das obrigações e das responsabilidades. Um tempo que avalia a vida de acordo com uma temporalidade fria e cronológica (Hall, 1989), e que através de uma cronotopia avalia a vida de acordo com os objectivos cumpridos ou por atingir. Uma temporalidade vivida em direcção aos outros e em diálogo intersubjectivo na busca pelo reconhecimento daquilo que se faz e do sentido que se traça para a vida através da interlocução com os outros (Taylor, 2002).

Por outro lado, o quotidiano parece seguir o tempo da expansão e da excitação da vida. Um tempo aventureiro, marcado pela busca da excitação e pela aventurização do quotidiano, privilegiando a procura de momentos de intensidade emotiva, situações de desafio, práticas de excesso e aventura. Um tempo sagrado e pessoal (Hall, 1989) de busca da felicidade individual, um tempo que é medido pelas conversas internas (Archer, 2003). Será neste sentido que se identifica este modo de vida pela incessante demanda pela expressão da autenticidade de se ser a si próprio, ou pelo menos, de se descobrir a si mesmo, como se existisse uma essência ontológica escondida que precisa de se dar a conhecer ou de ser descoberta. Indivíduo para quem ser fiel a essa essência profunda de si constitui uma das marcas distintivas da vida moderna (Bauman, 2000, 2003 e 2007), tornando-se no valor proeminente no enquadramento do projecto individual reflexivamente montado (Giddens, 2001).

É um modo de vida orientado pela tentativa permanente de aventurização e emocionalização do quotidiano e de desrotinização da existência (Pais, 2001) e estes dois tempos alternam-se na vida das acompanhantes e dos clientes permitindo a emergência do hiato que antecede a experimentação do prazer: o espaço de aparecimento da excitação. De forma semelhante àquilo que Durkheim (2002)

identificava como a efervescência colectiva que agrega os indivíduos, aqui estamos perante uma forma de efervescência individual que permite manter e criar renovadamente o sentido da vida e do projecto individual. Uma efervescência criada pelas emoções e intensificação da vida como fontes primárias de sentido da existência individual no mundo social (Collins, 2004). Ao limite, estamos perante a efervescência individual que se torna o guia de orientação moral fundamental que permite o reconhecimento por parte dos outros (Taylor, 2002).

O sentido do que se faz e da posição que se ocupa no mundo e na relação com os outros é muito volátil (Kaufmann, 2004). A fragilidade e a hibridez daquilo a que alguns chamam de identidades pessoais (Taylor, 2002; Giddens, 2001; Kaufmann, 2004) parece forçar no contexto das sociedades contemporâneas os indivíduos a embarcarem no experimentalismo do quotidiano, na vivência das suas experiências quotidianas como definidoras da sua identidade (Weeks, 1995) ou do sentido da sua existência no mundo social (Taylor, 2002). Isto é, torna a inscrição dos indivíduos em processos de intensa busca da experimentação, da sensação e das emoções, num acto fundamental para a constituição de um sentimento de si, de uma orientação da vida que ultrapasse a mera concretização rotineira daquilo que se faz todos os dias. Trata-se de fazer sentir a sua existência como real e corporalmente sentida. As actividades extremas podem ser respostas a um sentimento de si difícil de cristalizar, quando os indivíduos têm a sensação de não serem reais (Kaufmann, 2004). As experiências radicais fazem estas mulheres e homens redefinir o sentido da vida, quando a vida parecia começar a perder o sentido no meio de diferentes ritualidades quotidianas e rotinas, numa vida programada e que segue a programação sem falhas.

A habilidade de fazer coexistir estas duas temporalidades e de viver em dois tempos ou a competência de orientar a vida segundo duas éticas, remete para a desigual distribuição de recursos, poderes, prestígio e oportunidades. De facto, verifica-se que organizar o quotidiano em excitação estável é um exclusivo dos homens (clientes) e das mulheres (acompanhantes) com uma atribuição de lugar de classe entre as classes dominantes (EDL e PTE)⁵⁶. Genericamente, estes protagonistas da prostituição inserem-se naquilo que podemos chamar de novas classes globais (Costa, 2012a e 2012b). Atribuição de classe cujos fundamentos se percebem em designações anteriores, como seja a de analistas simbólicos (Reich, 1993) ou de classe criativa (Florida, 2002). Parte significativa deste contingente de mulheres acompanhantes a tempo parcial e de homens clientes, enquadra-se entre aqueles que ocupam lugares centrais no cruzamento dos processos de globalização financeira, económica, mediática e cultural com os processos de recomposição social à escala global, determinando a criação ou reinvenção de classes globais (Sassen, 2005; Wagner, 2007).

⁵⁶ Apesar da inserção estrutural dissonante de Hélder (EE) optou-se por localizá-lo neste modo de vida, porque a co-residência com pais (PTE) faz com que beneficie dos recursos e património que eles lhe colocam à disposição.

Embora não pertençam inteiramente a uma elite internacional definida em torno da propriedade de capital, ainda que não integrem a elite internacional constituída em torno daqueles que são os grandes investidores financeiros da economia global, mesmo que não caibam nas famílias tradicionalmente detentoras de elevados capitais económicos e inseridas em redes internacionais influentes (Sassen, 2005), ou vivam exclusivamente num circuito social marcado por princípios de orientação mercadológica ou das finanças transnacionais (Collins, 2004; Zelizer, 2002 e 2005). A verdade é que, parte significativa destes protagonistas pertence a uma classe empresarial com negócios cada vez mais internacionais ou são atingidos pela sua extensão às zonas médias das estruturas de classes. Isto é, identificam-se de forma genérica como membros de uma nova classe global definida em torno dos profissionais transnacionais (Sassen, 2005), constituída por altos quadros dirigentes e profissionais altamente qualificados dos grupos empresariais, dos negócios e da finança. Estes agentes internalizam um conjunto alargado, mas relativamente padronizado, de competências internacionais que configuram as elites internacionais contemporâneas (Wagner, 2007). Um modo de vida que envolve elevada mobilidade internacional e um conjunto de capacidades linguísticas, redes de relacionamentos (capital social) e formas de distinção cultural altamente internacionalizadas.

De forma complementar, verifica-se que as mulheres acompanhantes e homens clientes se inscrevem em trajectórias de mobilidade social que, independentemente do seu sentido (ascendente ou descendente), se definem pela baixa amplitude: variações que se fazem entre as duas posições mais privilegiadas no espaço social de distribuição de recursos, poder e prestígio. As trajectórias sociais das mulheres que aqui encontramos, ao contrário de outras situadas no modo do sossego desassossegado, não são afectadas pela actividade prostitucional. Porque, aqui apenas encontramos mulheres que se dedicam em part-time e de forma totalmente independente à actividade de acompanhante, desta forma, a sua inserção estrutural é definida pela integração económico-ocupacional da sua profissão principal.

Contrariamente às acompanhantes que vivem a vida de forma *desassossegada*, aqui encontramos mulheres e homens que, aparentemente, não tomam como objecto primordial da sua acção as condições objectivas da sua existência. Ao contrário de quem vive segundo o modo do *sossego desassossegado*, neste modo de vida mulheres e homens não vivem projectos individuais estruturalmente condicionados ou limitados. De outra forma, no lugar da construção de estratégias de superação de emergências existenciais que fazem das condições de existência o centro da acção individual, aqui encontramos uma preocupação com a estilização da vida. Isto é, com actos de modificação da vida (tomada como objecto de análise e acção reflexiva) pela interpretação do que se vive, dotando-a de novos significados e sentidos. Daqui resulta uma atitude aparentemente *blasé* em relação às condições objectivas de existência que não será alheia ao tipo de inserção estrutural destas mulheres e homens entre as classes dominantes. Isto é, o distanciamento entediado em relação às dimensões objectivas de vida é, pelo menos parcialmente, cultivado como forma de distinção. Usando uma terminologia hegeliana, a exaltação das dimensões estéticas e expressivas da vida é feita em

detrimento das dimensões instrumentais, contribuindo para a produção de marcações simbólicas de clivagens sociais.

De facto, tal distanciamento é cultivado a partir de particulares condições de segurança e estabilidade económica e profissional, bem como de conjunturas de forte confiança nas redes de relações sociais (nomeadamente a família) enquanto fonte de recursos alocáveis em caso de necessidade. A este propósito importa referir que é entre estas mulheres prostitutas acompanhantes e estes homens clientes que encontramos os elementos cuja estrutura de capital social apresenta maior densidade e cujos efeitos na vida dos indivíduos são mais marcadamente positivos.

O culto do *fastio* pelas dimensões instrumentais da vida não pode ser dissociado de outro importante factor: o investimento garantista na vida que diminui o risco de instabilidade e assegura a linearização e etapização da vida é parte constituinte deste modo de vida. De outra forma, a preocupação com as condições objectivas de vida, com as condições de suporte, financiamento e estruturação do quotidiano constitui um dos blocos que fazem deste modo de vida uma permanente gestão de ambivalentes temporalidades. Neste sentido, a atitude *blasé* mais do que traduzir a inexistência revela a ocultação dessa preocupação.

Ao limite, o que poderia ficar oculto é o facto de aqui encontrarmos protagonistas que se esforçam para viver formas de transição entre diferentes momentos da vida de maneira relativamente linear e programada. Permaneceria escondida a autoria de vidas etapizadas e progressivas em que, contrariamente ao modo de vida do *sossego desassossegado*, o percurso de escolaridade antecede a progressiva integração profissional e a esta sucede a constituição de família. Ao mesmo tempo o prolongamento dos projectos académicos é, em geral, inconciliável com a ideia de, a curto prazo, se candidatarem a inserções profissionais ou constituir família, (Guerreiro e Abrantes, 2004; Mauritti, 2002).

São homens e mulheres que na sua juventude presente ou passada dependem ou dependeram, em larga escala, do suporte económico dos pais que assumem o papel de investidores num projecto de escolarização como motor de mobilidade social dos seus filhos. De facto, estamos perante mulheres e homens, acompanhantes e clientes que detêm importantes volumes de capital escolar, conquistados através de percursos tendencialmente longos ou extraordinários. Do ponto de vista geral, verifica-se um efeito positivo da capacidade reguladora do capital escolar, na medida em que as qualificações escolares, científicas e técnicas, detidas pelos elementos que constituem este modo de vida proporcionam condições e oportunidades acrescidas. As mulheres (acompanhantes) e os homens (clientes) de que agora falamos caracterizam-se, na sua generalidade, por trajectos escolares longos e por entradas tardias e relativamente privilegiadas no mercado de trabalho. Um contingente significativo de mulheres acompanhantes e homens clientes que se situam neste modo de vida, ocupam, desde cedo, lugares de decisão, poder, autonomia e prestígio nas organizações onde trabalham (Freire, 1998) e auferem salários relativamente altos para a sociedade portuguesa, mesmo que os seus vínculos laborais sejam precários. Em consequência, à longevidade dos percursos

escolares e ao volume de capital escolar, estes protagonistas associam estruturas de capital económico selectivas ou complexas, fundamentalmente, resultantes de formas bem-sucedidas de integração no mercado de trabalho convencional e não sexual.

Num contexto de trabalho marcado pela precariedade (Pais, 2001; Alves et al, 2011; Torres et al, 2018) as transições e percursos estáveis e lineares constituem um esforço de linearização da vida e uma conquista árdua contra as contingências imprevisíveis do quotidiano. Num horizonte marcado pela forte individualização, em que cada um é visto como responsável pela sua própria vida e pela sua condição presente e futura, num contexto em que a liberdade de construção reflexiva de projectos individuais é sinónimo de hiper-responsabilização individual por si (Giddens, 2001; Bauman, 1999, 2000 e 2007; Lash, 2000). Ante a insegurança, impermanência, precariedade laboral e desemprego (Pais, 2001; Alves et al, 2011), os modelos progressivos e planeados de transição tendem a ser defendidos como estratégia de gestão do risco (Brannen e Nilsen, 2002). Os protagonistas deste modo de vida revelam ser portadores das competências e condições estruturais e disposicionais capazes de assegurarem uma posição entre produtores de si e do mundo social, colonizando o futuro (Giddens, 2001). São protagonistas capazes de viver a individualização crescente não apenas como característica fundamental das sociedades contemporâneas mas como elemento constituinte de si e dos seus projectos.

A conjugação entre o cosmopolitismo assente em posições sociais num espaço social que é progressivamente mais global, a atitude blasé perante as condições objectivas de vida e a postura garantista da progressividade e etapização da vida, produz um específico princípio orientador dos projectos individuais que também funciona como princípio de distinção e demarcação social. Entre as mulheres (acompanhantes) e homens (clientes) aqui situados encontramos projectos de vida organizados segundo um princípio de orientação materialista-individualista. Antes de mais, importa esclarecer o aparentemente paradoxal princípio materialista individual. A noção à partida contraditória deve ser entendida como uma tentativa de compreender como nas sociedades contemporâneas, para homens e mulheres em posições privilegiadas da estrutura distributiva de recursos e poderes, o acesso a recursos económicos se orienta para a construção e experimentação de uma noção de qualidade de vida em que a felicidade depende da integração económica, mas não apenas dela. Ou melhor, depende da simbolização dessa integração económica e das posições sociais para que essa inclusão remete. Essa simbolização passa, em grande medida, por formas especiais de consumo e experimentação (Bauman, 2000, 2005 e 2007). Pela afirmação permanente e crescente de uma ética da aventura, da descoberta, da excitação (Pais, 2003; Thomas e Znanieki, 1958). Um princípio de orientação que se baseia na crença, disposição incorporada para pensar e imaginar o mundo e o projecto individual, de que existe uma ligação íntima e poderosa entre a felicidade e o volume e qualidade daquilo que se consegue consumir (Bauman, 2000, 2003, 2005 e 2007) ou experimentar. Colocando em prática a ideia de que a felicidade se pode comprar e que está ao alcance numa qualquer loja, na aquisição de um produto, de um serviço ou de uma experiência.

Numa sociedade biográfica (Plummer, 1996) ou narrativa, parte do sentido da existência reside na história que os indivíduos podem contar sobre si próprios, sobre os acontecimentos que viveram e as experiências que tiveram. Os indivíduos são a história que contam de si mesmos (McAdams 1997 e 2001; Plummer, 1996). Este movimento narrativo e biográfico coincide com a emergência de movimentos de transformação social mais profundos, nomeadamente com os processos de individualização crescente. A busca pelo entendimento e pelo sentido da existência individual parece tornar-se a principal característica da contemporaneidade (Plummer, 1996; Taylor, 2002), tornando-se comuns noções dos indivíduos enquanto produtores de si mesmos, das suas identidades pessoais, identidades percebidas como constantemente em crise (Erikson, 1994), fragmentadas, narcísicas ou auto-reflexivas (Giddens, 2001). Neste sentido, torna-se legítimo pensar que se actua no mundo para que se tenha o que contar, vive-se para preencher os guiões da narrativa de si (Plummer, 1996)

Dramaturgias em cosmopolitismo avançado

Os projectos individuais que encaixam numa vida etapizada e progressiva não excluem, no entanto, como elementos constituintes momentos de acentuado experimentalismo. Tal como identificado nos modelos de transição para a vida adulta, o experimentalismo aparece frequentemente associado a uma sucessão de configurações de vida temporárias e imprevisíveis, como opção de vida ou como período de experimentação antes de assentar, casar e ter filhos (Guerreiro e Abrantes, 2004). Para além de investidores no futuro dos filhos, os pais destas acompanhantes e destes clientes assumem também o papel de financiadores de uma vida experimentalista, preenchida de descobertas, sensações e emoções. Para estes homens e mulheres, bem como para as suas famílias de origem, o experimentalismo é percebido como aspecto fundamental para a construção de uma condição cosmopolita, aberta aos outros e ao mundo crescentemente globalizado e conectado em rede (Castells, 1996, 1998 e 2001). O experimentalismo é um catalisador da acumulação de experiências sociais no reportório pessoal, dotando estes protagonistas de melhor capacidade de adaptação à pluralidade de contextos sociais em que se vêem na contingência de viver.

Das mais visíveis configurações temporárias de vida são aquelas que se formam em torno de experiências de autonomização e saída de casa dos pais. Viver sozinho como parte integrante do projecto de vida e como experiência que se tende a eternizar (André, Bárbara, Lara, Manuel), em coabitação experimental que depois de testada se converte em casamento (Nicole) ou com um grupo de amigos antes de se atingirem as condições objectivas para a desejada vida a solo (André, Lara) parecem ser modelos altamente valorizados por parte importante destes homens clientes e mulheres acompanhantes, que vão passando por várias destas modalidades.

Mas, para além, destas formas mais comuns e juvenis de experimentalismo, as acompanhantes e os clientes de que falamos caracterizam-se como possuidores de uma específica condição

cosmopolita: um cosmopolitismo avançado. Esta condição cosmopolita define-se em quatro eixos, todos eles comprometidos com o experimentalismo, com a abertura ao mundo e aos outros. O primeiro em torno da qualificação e das configurações mais ou menos temporárias de profissionalização transnacional; o segundo depende de tipos menos permanentes de mobilidade global mas de efeitos igualmente positivos nos patrimónios individuais; o terceiro eixo gira em volta das conectividades globais de base tecnológica e da necessária literacia tecnológica para delas fazer parte e capitalizar recursos económicos, culturais e de prestígio; finalmente, o quarto eixo tem como enfoque primordial a aquisição de recursos e disposições que permitem colocar em prática uma ética da experimentação e a da aventurização da vida segundo padrões transnacionais. De forma sintética, o cosmopolitismo avançado caracteriza-se por uma pluralidade de mecanismos de aquisição e expressão de competências internacionais de carácter distintivo (Sassen, 2005; Wagner, 2007): uma mundividência multireferencial.

Enquanto portadores de cosmopolitismo avançado, as mulheres acompanhantes e os homens clientes revelam percursos formativos no estrangeiro, integrando programas de intercâmbio académico, pois desejam viajar, aprender, conhecer, contactar com outras culturas, confirmando uma relação entre a formação avançada e a condição cosmopolita (Peixoto, 1999). Possuem uma condição cosmopolita (Peixoto, 1999), circulando livremente na rede global extraindo daí enormes capitais económicos, relacionais e de *status* (Castells, 1996). Integram um enclave de trabalhadores privilegiados, acumulando experiências que fazem das suas carreiras internacionais e os transformam em membros de uma classe global, de uma elite global. De facto, para estes protagonistas a mobilidade internacional surge como via ambicionada, ou mesmo privilegiada, para uma mobilidade social ascendente relativamente rápida nesse sistema de desigualdades mundializado.

Estes protagonistas fazem a conexão entre as novas classes sociais globais e as “cidades globais” (Sassen, 2005), como Nova Iorque (Bárbara), Londres (Manuel) ou Berlim (André). Tal como os membros das novas classes globais estes protagonistas deslocam-se internacionalmente com muita frequência, em geral entre cidades globais. Encontram nestas cidades globais um tipo de contexto particularmente propício às actividades que realizam, aos modos de vida que cultivam, ao estabelecimento das redes em que se inserem e à prossecução de projectos ou à mobilização por causas que partilham (Sassen, 2005; Costa, 2012a e 2012b). Mas, as mobilidades não têm que assumir, necessariamente, o carácter de residência prolongada ou permanente. Identificam-se outras formas de conectar a condição cosmopolita, as classes globais e a inscrição em mobilidades globais: as frequentes viagens de carácter lúdico ao estrangeiro surgem como forma de activamente se construir uma mundividência multireferencial (Nicole, Joana, Lara, Victória, Miguel).

Ainda a propósito da mobilidade à escala global, importa referir que um sistema de desigualdades categoriais (Costa, 2012a e 2012b; Tilly, 2005; Massey, 2007) ou de desigualdades existenciais (Therborn, 2006) faz com que as mobilidades (temporárias ou definitivas) sejam, para estes homens e mulheres, experiências valorizadas como partes integrantes de uma condição

cosmopolita (Peixoto, 1999). Enquanto, para outras mulheres acompanhantes, integradas exclusivamente no mercado de trabalho prostitucional e com percursos profissionais precários, as mobilidades transatlânticas estão associadas a uma forma de migração para a sobrevivência (Sassen, 2005), ou ao limite são confundidas com situações de tráfico de seres humanos (Agustín, 2005b e 2006).

Num mundo crescentemente globalizado e conectado em redes informacionais, comunicacionais, comerciais e financeiras (Castells, 1996, 1998 e 2001), a posse de recursos económicos e culturais, bem como o acesso à literacia tecnológica são factores que permitem às mulheres prostitutas acompanhantes e aos homens clientes a aquisição à distância (importação) de valores e hábitos transnacionais, bem como a inserção em redes de conhecimento a uma escala transnacional. O acesso às tecnologias e literacia tecnológica que se mostra uma plataforma fundamental da condição cosmopolita, revela-se, também um factor importante no modo como as mulheres aqui situada entram na actividade prostitucional, possibilitando o estabelecimento e manutenção da actividade de acompanhante de forma totalmente independente e autónoma (Sanders, 2005a, 2005b e 2008; Earle e Sharp, 2007; Sharp e Earle, 2003; Bernstein, 2007a e 2007b).

A condição cosmopolita será, certamente, consequência do investimento dos pais no futuro dos filhos, dando-lhes os recursos e o tempo necessários para a experimentação da vida e do mundo, inscrevendo-os estrategicamente em circuitos globais de aprendizagem, contacto com diferentes culturas e de capitalização de recursos e prestígio (Peixoto, 1999; Castells, 1996 e 1998) (Lara, Nicole, Joana, Victória, Miguel). Dá-se sob quadros familiares que fornecem grande liberdade para a experimentação pela promoção promotores de segurança básica (Giddens, 2001), pelos recursos disponibilizados (Nicole, Lara, Miguel) e pela ausência de controlo que possibilita a descoberta da vida por sua própria iniciativa, livre de grandes constrangimentos parentais, regras ou restrições (Joana, Victória).

Mas, a dramaturgia cosmopolita não se dá sem que se revelem trajetórias biográficas marcadas por tensões, acidentes ou percalços. Isto é, a condição cosmopolita avançada não se alcança sem a entrada em processos de descontinuidade biográfica (Goffman, 1993), ou em inflexões biográficas significativas, transições biográficas (Elder, 1985 e 1994) que determinam actualizações e sintonizações disposicionais (Lahire, 1998 e 2005). Verifica-se que a condição cosmopolita pode ser construída num cenário de resistência a uma tutela familiar que pretende controlar e determinar todos os passos e transições da vida (Bárbara). Também se percebe que funciona como resposta a um cenário de hiper-exigência familiar em percursos escolares de sucesso. Neste último caso, o cosmopolitismo assente na formação/profissionalização transnacional passa a elemento de prova de competências e capacidades negadas por avaliações depreciativas por parte da família, assumindo relevância não só estratégia de mobilidade social mas também como afirmação pessoal no seio das relações familiares (Manuel). Ou, por outro lado, tais experiências internacionais e a concepção do futuro profissional que moldam servem como manifestação de um projecto individual autónomo que

supera as expectativas familiares, determinando o reequilíbrio nas relações e dinâmicas familiares, possibilitando a conquista da admiração dos pais e da irmã e de um lugar de renovada centralidade nas dinâmicas familiares que o até então o subalternizavam (André).

Ao mesmo tempo que o cosmopolitismo avançado assegura formas de distinção e demarcação social, garantindo um lugar privilegiado a estes homens e mulheres na estrutura social e determinando-lhes um lugar entre os produtores simbólicos (tempo da contenção e estabilidade), esta condição cosmopolita intensifica o questionamento de si e os processos de construção e reconstrução de sentidos para existência pessoal (tempo da expressão e da excitação). Será, precisamente, neste quadro de intensificação auto-reflexiva que percebemos a condição cosmopolita como facilitadora da incorporação de uma ética da experimentação de acordo com exigências culturais transnacionais. Entre as exigências incorporadas ocupam lugar de destaque as estratégias aquisitivas de capital físico distintivo e o modo de transposição do experimentalismo para o domínio da sexualidade.

Parte significativa destes homens (clientes) e mulheres (acompanhantes) vivem sob regimes de rigor alimentar e de exercício físico, dão enorme importância aos cuidados com o corpo e estilos de vida saudáveis. São mulheres e homens que desejam construir uma feminilidade e masculinidade em boa forma, lançando-se para isso no cumprimento de objectivos de modelação e estetização corporal específicos. Se para os homens os cuidados estéticos com o corpo se afiguram disruptivos de uma masculinidade hegemónica, para as mulheres acompanhantes é o investimento erótico no corpo e na sua apresentação que as coloca no quadro da reivindicação de novas feminilidades provocadoras do duplo padrão sexual, (Coelho, 2009b; Jackson e Scott, 2004 e 2010), afirmando-se como sexualmente empreendedoras (Harvey e Gill, 2011). De facto, as competências eróticas conquistadas por estas mulheres são usadas no âmbito das formas de viver e experimentar a sexualidade e de melhor poder expressar os seus desejos e vontades como cidadãs sexuais (Richardson, 2000a, 200b, 2007 e 2017; Weeks, 1995 e 2007). A acumulação de recursos eróticos é uma forma de afirmação da ética da aventura transposta para a sexualidade, produzindo uma ética da experimentação e da expressividade sexual (Coelho, 2009a e 2009b) disruptiva das restrições impostas pelo duplo padrão sexual que remetia as mulheres para o lugar da passividade e da contenção (Jackson e Scott, 2004 e 2010). Neste sentido, a condição cosmopolita avançada determina a parcial supressão de barreiras morais na exacta medida em que se consolida uma mundividência multireferencial possibilitadora da construção de um estilo de vida sexual (Weeks, 2007) válido quer no contexto prostitucional quer fora dele.

O cosmopolitismo avançado intensifica a preocupação primordial de ter uma vida para contar, episódios e aventuras que preencham a biografia e que façam sentir que a vida tem valido a pena à medida em que a contam (a si próprios ou a outros). Estamos perante dramaturgias que traduzem a inquietação pela acumulação de experiências sexuais mais ou menos radicais.

No caso das mulheres (acompanhantes), tal transposição determina a inscrição activa num processo de intensificação da vida pela intensificação das experiências sexuais, abrigando estilos de vida sexuais que apesar do carácter reivindicativo de uma feminilidade provocadora (Coelho, 2009a e

2009b) e sexualmente empreendedora (Harvey e Gill, 2011), continuam a colocar as mulheres numa posição particularmente problemática (Jackson e Scott, 2004 e 2010; Holland et al, 1990 e 1994; Heilborn, 1999). Porque, são estilos de vida sexuais que implicam a ruptura definitiva com o preceito do casal multiplicando os parceiros sexuais fora dos quadros relacionais e amorosos convencionais; são estilos de vida sexuais que não cumprem com o imperativo da monogamia e da fidelidade sexual, sendo frequente entre estas protagonistas a vivência de múltiplas relações amorosas paralelas (Nicole, Bárbara, Victória). Mas, o risco associado à potencial desacreditação social e moral pela *impudicitia* inerente ao comportamento sexual experimentalista e empreendedor parece ser compensado pelo facto deste tipo de intensificação da vida estender o sucesso do projecto individual das dimensões escolares e económico-profissionais para a esfera estético-expressiva, afirmando e confirmando competências físicas, eróticas e sexuais até então subalternizadas ou desvalorizadas (Nicole).

Neste quadro, a prostituição é percebida como mais um passo na intensificação da sexualidade e da vida orientado pela busca da autenticidade de si, como se na experimentação e expressão da sexualidade residisse o reencontro com a essência individual e a possibilidade de libertação do quotidiano repetitivo, cinzento e opressivo das sociedades modernas (Weber, 1999 e 2005). Para estas mulheres a actividade de acompanhante a tempo parcial inscreve-se num processo de redefinição do sentido da vida e de reorientação moral da acção e da existência no mundo social (Taylor, 2002). O restabelecimento do sentido da vida é um desafio auto-imposto à capacidade de levar por diante uma forma de sexualidade particularmente disruptiva da organização normativa da feminilidade adequada e de romper, ainda que temporariamente, uma vida estruturada, normalizada, linearizada e previsível, quer do ponto de vista económico-profissional quer do ponto de vista afectivo e sexual.

Adicionalmente, a prostituição inscreve-se na tentativa de cultivarem uma dimensão da vida secreta, insondável e impenetrável pelos outros. Para umas trata-se de um período autocriado marcado por sucessivas configurações temporárias nunca levadas muito a sério, um tempo destinado a viver a vida e acumular experiências antes de assentar (Bárbara, Lara) ou que se prolongam para lá da inscrição no projecto conjugal (Joana). Para aquelas que vivem relações amorosas longas e estáveis a experiência da sexualidade paga não é, necessariamente, incompatível com a entrada, manutenção ou aprofundamento do projecto conjugal. Ser acompanhante significa a criação de um ciclo social alternativo que lhes permite, simultaneamente, manter o projecto de conjugalidade, alargar a rede de relações sociais fora do alcance dos seus companheiros, aumentar a experiência sexual, viverem ciclicamente numa realidade erótica que as afasta do mundo, da sexualidade rotineira e desvalorizada como mau sexo e possuidoras das técnicas e competências que lhes ser boas no sexo (Jackson e Scott, 2004 e 2010) (Joana, Nicole) ou mesmo intensificar e des-rontinizar a sexualidade conjugal, integrando a actividade prostitucional no conjunto de fantasias eróticas construídas e vividas em casal (Victória).

A experiência na prostituição é aprendizagem e crescimento pessoal, não só, porque determina a valorização de si pela valorização dos seus corpos e competências eróticas e sexuais (Bernstein,

2007a), mas também, porque esta dimensão secreta das suas vidas possibilita a aquisição de mecanismos para a resolução do conflito entre subjectivação e objectivação sexual, bem como confiança em si e forma específica de empoderamento. Paradoxalmente, assumir uma feminilidade sexualmente empreendedora (Harvey e Gill, 2011) em que as mulheres se afirmam cidadãs sexuais (Weeks, 2007; Richardson, 200b e 2017) seja através de uma sucessão de casos amorosos paralelos à relação amorosa convencional/principal (Nicole), pela multiplicação de sucessivas relações amorosas e sexuais (Lara), pela introdução do experimentalismo na sexualidade conjugal concretizando fantasias sexuais a dois (Victória) ou pelas relações que derivam da invasão do local de trabalho e das relações profissionais pelo experimentalismo sexual (Bárbara), tende a remeter estas mulheres para o estatuto de *bad girl*: mulheres que pelo seu comportamento e disponibilidade sexual se tornam objecto do olhar, da acção, do desejo dos homens, mas com pouca capacidade de definição das dinâmicas dessas relações sendo reduzidas ao corpo e ao sexo. Pelo contrário, para elas ser acompanhante significa ter acesso a uma posição com poder de determinação dos momentos e das condições dos encontros sexuais, bem como do que neles se pode passar, define o lugar de manipuladoras dos acontecimentos.

A análise das dramaturgias das mulheres acompanhantes torna inultrapassável a necessidade de assinalar que a entrada na prostituição não obedece obrigatoriamente a razões de ordem económica. Na verdade, estamos perante mulheres integradas no mercado de trabalho convencional em posições relativamente privilegiadas, que lhes garantem prestígio e recursos. A sua gramática dos motivos (Mills, 1940) surge, por um lado, situada por uma visão de si enquanto sujeitos multideterminados (Lahire, 1998 e 2005) membros de uma realidade pluri-contextual crescentemente globalizada, que transforma o seu repositório de experiências, hábitos e disposições numa estrutura particularmente complexa.. Por outro, os motivos estão enredados na incorporação de uma ética da experimentação e expressão sexual devedora de guiões culturais sexuais transnacionais (Simon e Gagnon, 1996), que indiciam visões elaboradas e complexas da sexualidade. A construção de gostos e estilos de vida sexuais (Weeks, 2007) dá-se num quadro cultural mais vasto de centralização da sexualidade e do corpo nas sociedades contemporâneas ocidentais, a que a condição cosmopolita avançada possibilita acesso privilegiado, transformações contemporâneas no sentido da sexualização da cultura (Atwood, 2006 e 2009), de pornograficação da cultura ou glamorização da prostituição e de outras formas da indústria do sexo (McNair, 1996 e 2002) feminilidade disruptiva e provocadora (Jackson e Scott, 2004) que dá às mulheres o lugar de empreendedoras sexuais (Harvey e Gill, 2011) e cidadãs sexuais (Richardson, 2000b e 2017; Weeks, 2007).

Mas, não percamos a lucidez sociológica. O dinheiro continua a ser um factor determinante para as mulheres se dedicarem à prostituição. Contudo, o lugar do dinheiro é claramente distinto daquele que ocupa nas vidas das mulheres *desassossegadas*. Por um lado, o dinheiro é importante enquanto elemento cénico, isto é, afigura-se como parte integrante das fantasias e do imaginário sensual (Kimmel, 2005a; Kammel e Plante, 2005), funcionando como elemento central no décor erótico que embrulha as experiências enquanto prostitutas acompanhantes numa visão

experimentalista da sexualidade e no contexto da criação de um estilo de vida sexual fortemente individualizado (Weeks, 1995 e 2007). Por outro, o rendimento da actividade prostitucional é direccionado para a concretização de objectivos e sonhos associados a formas específicas de fruição e consumo de pequenos ou grandes luxos que se imaginam como marcadores simbólicos de estatuto e prestígio. Ou seja, a capacidade de consumo fornecida pela actividade de acompanhante em part-time torna-se um aspecto fundamental para a concretização de projectos materialistas-individualistas, na medida em que influencia e co-estrutura o lugar de cada um na sociedade, funcionando como mecanismo de produção de integração e distinção social. Não importa a origem do dinheiro, desde que ele possa satisfazer os desejos de consumo enquanto forma de integração social (Bauman, 2000, 2005 e 2007; Pais, 2003).

De forma ainda mais evidente do que para as acompanhantes *desassossegadas*, para mulheres que não estão numa situação de fortes constrangimentos objectivos e que acumulam a actividade prostitucional com uma ocupação profissional valorizada, uma parte significativa do dinheiro ganho na prostituição parece ser gerido segundo o binómio ganhar depressa para gastar rapidamente (Day, 1994 e 2007), sendo este um forte incentivo para a entrada na prostituição. Ao mesmo tempo, este binómio acaba por funcionar como um dos principais factores inibidores à retirada da prostituição (Day, 1994 e 2007), sobretudo, quando a ele se associa à construção de importantes vínculos entre as acompanhantes e os seus clientes, enriquecendo os respectivos capitais sociais. Na medida em que a retirada da actividade prostitucional significaria a perda de acesso a formas de integração social distintivas e o colapso de uma rede relacional de efeitos positivos efectivos ou potenciais (Nicole, Joana).

De facto, para estas mulheres a actividade prostitucional significa a possibilidade de complexificação do seu capital social, integrando ainda que de forma secreta os seus clientes na rede de conhecimentos e reconhecimentos sociais. Tendo em consideração a dimensão instrumental do capital social, a sua mobilização efectiva ou potencial constitui uma forma latente e particular de estratégia individual de recuperação, permitindo compensar a eventual falta de outros recursos ou obter o rendimento máximo do seu património individual de diferentes tipos de capital. De forma mais concreta, as disposições sociais de que são detentoras reveladas num cenário profundamente sexualizado e erotizado, tornam-se mais importantes do que títulos académicos, competências ou experiência profissional na promoção de formas privilegiadas de acesso ao mercado de trabalho (Joana).

Mas, a importância da integração dos clientes no capital social das acompanhantes vai para além dos potenciais efeitos objectivos, torna-se inultrapassável fazer notar que os vínculos (mútuos) entre estas mulheres acompanhantes e os clientes determinam a possibilidade de partilha da vida e da emoções, bem como de viver uma realidade partilhada a dois. Isto é, acompanhante e clientes constituem relações de intimidade específicas e delimitada (Bernstein, 2007a e 2007b; Sanders, 2005a, 2005b e 2008). Aqui residem importantes consequências no plano teórico. Em primeiro lugar, porque

se abre a possibilidade da entrada directa da intimidade no circuito e no quotidiano dos encontros prostitutionais, entrelaçando os vínculos de intimidade e os interesses materiais, tornando-os mutuamente constitutivos (Zelizer, 2002 e 2005) no quadro das relações prostitutionais entre acompanhantes e os seus clientes. Em segundo lugar, determina a ruptura com uma das mais importantes bases conceptuais e ideológicas da prostituição imaginada de que o carácter comercial da prostituição ou a entrada do dinheiro no circuito da sexualidade impossibilitaria qualquer tipo de intimidade e limitaria essas relações ao quadro desigual marcado pela exploração (Engels, 1964; Pateman, 1988; Jeffreys, 1997 e 2008; O'Connell Davidson, 1998). Em terceiro, rompe com uma formulação da arquitectura simbólica da sexualidade que separa em mundos opostos e incomunicáveis a sexualidade e os interesses materiais, ligando a primeira à esfera do amor e da intimidade e os segundos à esfera pública e ao utilitarismo (Richardson, 2000a; Giddens, 1995)⁵⁷.

Voltemos um pouco atrás para percebermos que, de forma simétrica, os motivos de mulheres acompanhantes e homens clientes surgem situados numa contemporaneidade que faz coexistir um modelo de integração social essencialmente baseado no trabalho assalariado com um mercado de consumo que se assume como importante e adicional domínio de integração social (Bauman, 2000, 2005 e 2007; Pais, 2003). Se para as mulheres acompanhantes o dinheiro obtido através da actividade prostitutional permite formas adicionais de consumo, integração e distinção social. Para os homens clientes, o dinheiro que gastam no recurso a esta forma de prostituição configura-se como uma dessas formas de consumo e fruição. O recurso à prostituição é parte integrante da dramaturgia que encenam na consecução de projecto individuais orientados por um princípio materialista-individual.

No caso dos homens clientes, a condição cosmopolita e a incorporação de uma ética sexual experimentalista associa-se a uma visão recreacional do sexo que facilita a articulação entre sexo e comércio, fazendo colapsar argumentos desvalorizantes e estigmatizantes do recurso à prostituição e evitando representações que recorrentemente fazem dos homens clientes simples agressores. Detecta-se a preocupação com a integração do recurso à prostituição numa visão moderna, experimentalista e igualitária da sexualidade, fazendo deslocar os encontros com as acompanhantes do espectro da dominação e da exploração para a esfera da recreação, da liberdade e igualdade de experimentação e expressão sexual entre homens e mulheres. De forma breve, fazendo dos encontros com as acompanhantes quadros interaccionais protagonizados por cidadãos sexuais estes homens conseguem gerir a antinomia entre o recurso (inesperado) à prostituição e disposições incorporadas em quadros de socialização precoce, fortemente devedores do pensamento feminista sobre a prostituição e a sexualidade comuns às suas mães, que associam o sexo pago à violência sobre as mulheres em

⁵⁷ A importância teórica da relação entre prostituição, intimidade e dinheiro que aqui se apresenta de forma muito sumária obriga-nos a retornar de forma mais aprofundada a este ponto no capítulo 6: 'Prostituição, dinheiro e intimidade'.

contraposição a uma desejada visão igualitária das relações de género e dos projectos individuais amorosos e sexuais.

Apesar da incorporação de uma visão mais igualitária e democrática da sexualidade e das relações íntimas (Giddens, 1995), os homens não são completamente imunes à existência de uma masculinidade culturalmente dominante que, pelo menos parcialmente, lhes condiciona a sexualidade (Aboim, 2010a; Almeida, 1995; Kimmel, 1996, 2005a, 2005b e 2012; Bourdieu, 1999). Por isso, a ressaca do fim abrupto de relações amorosas não deixa de ser vivida como um atentado à sua masculinidade, que se torna particularmente ameaçador da imagem de homem sexualmente competente, sobretudo, quando essas rupturas amorosas se associam à descoberta da infidelidade sexual recorrente por parte das suas companheiras ou namoradas que, desta forma, procuravam seguir uma feminilidade sexualmente empreendedora (Harvey e Gill, 2011) e diversificar as suas experiências e parceiros sexuais (Manuel). Ou, quando as rupturas amorosas resultam da abertura da sexualidade conjugal a novos parceiros que ao invés de produzirem uma realidade erótica alternativa visando, pelo menos em parte, reforçar competências sexuais masculinas (Coelho, 2009a) culminam não só na descoberta de novos parceiros amorosos/sexuais, mas também a rejeição da heterossexualidade por parte das anteriores parceiras (Miguel)⁵⁸. Sob estas condições de desconstrução da hiper-sexualidade heterossexual masculina, de destituição de competências sexuais e de perda de honorabilidade no espaço competitivo das masculinidades, o recurso a acompanhantes reveste-se de uma importância reconstrutiva das características mais virilizantes associadas a uma sexualidade condicionada pela masculinidade hegemónica. Desta forma, os encontros com as acompanhantes cumprem a função de hiperbolização da sexualidade, criando cenários propícios a viver experiências de hiper-sexualidade heterossexual, multiplicando parceiras sexuais, provando ou treinando competências sexuais e concretizando fantasias tipicamente masculinas (Kimmel, 2005a; Kimmel e Plante, 2005).

Ao mesmo tempo, a inscrição destes homens em carreiras com uma forte componente internacional revela-se um factor adicional de incentivo ao início e à manutenção do recurso a

⁵⁸ “Às vezes gostava de conseguir ver as minhas expressões faciais durante as conversas com as acompanhantes e com os clientes (...) não sei o que disse a minha cara quando Miguel me revelou num tom de voz de quem me segredava ao ouvido que o seu divórcio fora determinado pela rejeição da heterossexualidade por parte da ex-mulher e pela entrada numa relação amorosa com outra mulher. Temo que a minha expressão facial tenha revelado: (i) um sorriso interior pela coincidência entre a vida de Miguel e a ficção humorística de Woddy Allen em que este vive atormentado pelo facto da ex-mulher o ter deixado para viver com outra mulher; (ii) o impulso para a sociologia selvagem e para conclusões estereotipadas quanto às razões para o recurso à prostituição. Neste turbilhão de reacções e pensamentos, resolvi confrontar Miguel com tudo isto, perguntei-lhe directamente: ‘mas não sentiste isso como uma ameaça para ti enquanto homem?’ ‘Não te sentiste humilhado enquanto homem ou com a tua masculinidade ameaçada?’ Começou por negar. Muito mais à frente na conversa acabou por confirmar o sentimento de homem atormentado (como Woddy Allen) pela ideia de que é sexualmente incompetente e pela exposição da sua masculinidade em perda, assumindo que o início (frenético) do recurso às acompanhantes se devia àquele antecedente amoroso e a uma necessidade de se reconquistar enquanto homem, de se reconciliar e reafirmar enquanto homem sexualmente competente: ‘bom na cama’, como ele disse.” Exerto de Diário de Campo.

prostitutas acompanhantes. Em primeiro lugar, a dramaturgia cosmopolita baseada em ambientes profissionais internacionais altamente masculinizados cria formas de sociabilidade e competição homosocial em que o sucesso profissional (medido pelos recursos económicos) e o sucesso sexual (medido pelo indicador de quantidade de mulheres conquistadas) funcionam de forma articulada como fontes de prestígio e honorabilidade masculina. Em segundo, a busca de sucesso profissional promove a desvalorização dos quadros afectivos e amorosos como quadros da sexualidade e justifica a falta de tempo, dedicação e paciência para a construção de relações amorosas (Manuel, André). Isto é, reproduzindo a estrutura ideológica da masculinidade hegemónica (Connell, 1987 e 1995; Connell e Messerschmidt, 2005), a dramaturgia do cosmopolitismo avançado condiciona a avaliação da felicidade e do sucesso pessoal a indicadores de inserção económica e profissional em detrimento do investimento em esferas próximas do universo feminino, das emoções e dos sentimentos (Connell, 1995; Connell e Messerschmidt, 2005; Kimmel, 1996, 2005b e 2012; Seidler, 1997 e 2006).

A conjugação destes dois factores, promove a integração de modelos de sexualidade experimental que se substituem à ideia de consolidação de relações amorosas estáveis e onde as acompanhantes parecem funcionar como as parceiras ideais: a disponibilidade quase imediata das acompanhantes satisfaz a necessidade de manifestar o sucesso da conquista sexual pela acumulação de parceiras; o carácter comercial dos encontros permite ultrapassar a angústia masculina em torno da incerteza do sucesso do processo de sedução, evitando a possibilidade de rejeição presente nos processos de sedução e conquista convencionais; a natureza sexual do encontro delimita à partida o vínculo entre eles e as mulheres acompanhantes, libertando-os do ónus do compromisso amoroso; finalmente, o capital físico detido pelas acompanhantes e a correspondência dos seus corpos ao modelo de beleza feminina contemporâneo atribuem valor simbólico acrescentado a estes encontros sexuais comerciais. A beleza física delas retroage positivamente sobre a masculinidade deles, demonstrando-os como homens capazes de aceder a mulheres excepcionais, mesmo que seja pagando.

De forma semelhante para mulheres e homens, o contacto com o mundo da prostituição enraíza-se no cruzamento entre a segurança de uma vida etapizada em que os acontecimentos se sucedem de forma encadeada e de acordo com o programado e definido nos projectos individuais, uma atitude experimentalista perante a vida que não coloca em risco a linearidade do projecto individual, e o cosmopolitismo avançado marcado pelas experiências de residência mais ou menos longa no estrangeiro. Se as dramaturgias baseadas num cosmopolitismo avançado mostram a forma como se consolida posição destacadas na estrutura social global, também deixam entender a forma como activamente contribui para a emergência de uma elite sexual ou para a sensação de pertença a um grupo restrito de vanguardistas sexuais que transforma a experiência prostitucional (seja como acompanhante ou como cliente) em mais um episódio de intensificação da vida e de luta pela construção e reconhecimento de um sentido para a existência pessoal no mundo social no quadro de um modo de vida que coloca permanentemente em tensão duas temporalidades antinómicas.

Joana

“Durante a minha infância foi sempre super feliz (...) vivia na ilusão de que a minha família era perfeita, feliz, unida e que todos se davam bem... imaginava os meus pais como pessoas inseparáveis... isso dava-me imensa segurança. Até por isso, a morte da minha mãe foi mais complicada de perceber... acho que ainda hoje não encaixo isso muito bem na minha vida (...) quando ela se suicidou tudo mudou na minha família e na minha vida (...) o meu pai ficou transtornado, completamente transtornado, desfeito mesmo... eu não conseguia viver com ele, aquilo não era ambiente para eu viver. Porque como ele estava assim não podia tomar conta de mim ... não percebia o que eu estava a passar... ele nem conseguia olhar para mim. Por isso, fui viver com os meus avós (...) Depois daquilo acontecer [o suicídio da mãe] tudo ficou diferente, a minha vida, a minha família nunca mais foi a mesma, acho que isso é natural (...) Sempre tinha vivido naquela ilusão da família perfeita, unida e feliz... depois... foi um choque horrível... a morte da minha mãe foi também a morte da minha família.”

“Quando o meu pai decide mudar de vida e ir para o Brasil, os meus avós maternos quiseram que eu ficasse com eles, eu também queria ficar cá e queria estar com eles (...) eu passei a ser o centro da vida dos meus avós, era altamente mimada e protegida... era a menina deles, faziam-me todas as vontades e caprichos, davam-me toda a liberdade (...) Os meus avós nunca foram muito educadores, foram mais deseducadores como eu costumava dizer. Foram avós a tempo inteiro e não conseguiram fazer o papel de pais... por isso, sempre consegui fazer o que queria, tinha sempre imensa liberdade, davam-me tudo o que eu queria... nunca foram pais, nunca foram capazes de me enfrentar, nem de me dizer um não (...) eu era a menina bonita deles, a neta única, nunca me iria portar mal, eles confiavam em mim totalmente, ainda por cima era uma menina responsável, era a melhor aluna, etc, etc.”

“Para além de ter acesso a uma quantidade de dinheiro considerável e isso me dar imensa liberdade para ter o que queria e fazer o que me apetecesse sem ter de me justificar ou ter de pedir dinheiro aos avós ou ao meu pai... além de dar essa liberdade toda, o que não é pouco quando se tem vinte e poucos anos... hummmm... para além disso tudo, sempre encarei ser acompanhante como uma questão de desafio. Era um desafio pessoal para saber se seria capaz de fazer isso e por ser uma coisa radical viver o sexo assim e não só, desafio à normalidade que me tentavam impor e aquilo que todos estavam à espera de mim (...) Sempre foi o meu outro lado, o lado rebelde e indomável da menina bem comportada e boa aluna dos avós... um lado secreto, meio louco e só meu (...) onde sou eu completamente! Cultivei isso e ainda hoje é fundamental para mim manter esse lado secreto, ‘pensem o que quiserem de mim mas nunca vão imaginar a verdade e aquilo que eu sou’. Acho que sempre tive horror a uma vidinha normal, aquela coisa de tirar o curso, trabalhar, casar depois de ter tido um ou dois namorados porque ter muitos dá má fama, ter filhos... sempre tive horror a essa vida trivial... hummm... para mim desejava tudo menos rotina! Um trabalho das nove às seis seria um pesadelo que me deixava sem tempo para mim e me envelhecia! Enquanto trabalhei como acompanhante a tempo inteiro era muito porque eu não rejeitava encarar do trabalho normal... queria continuar a sentir-me descomprometida e sem responsabilidades... sem prestar contas a ninguém, nem ter pessoas a controlarem aquilo que eu fazia (...) até pode soar a psicologia barata, mas a verdade é que recusava aquilo que o meu pai dizia que eu tinha de fazer... era uma forma de luta silenciosa com ele, ele queria que eu fosse responsável por mim e eu queria ser a menina mimada dos avós que podia fazer tudo sem ter nenhuma consequência.”

“O responsável por eu ter deixado de ser acompanhante a tempo inteiro e por ter o trabalho que tenho hoje foi um desses amigos especiais que fiz como acompanhante (...) Foi tudo um pouco ao mesmo tempo, foi uma altura em que as coisas aconteciam na minha vida a um ritmo frenético e todas ao mesmo tempo... acabei uma relação que tive com um homem casado e que me estava a cansar a beleza [risos], encontrei este trabalho fantástico e que amo do coração muito por culpa de um dos meus amigos especiais [cliente]. Isso permitiu-me ir viver sozinha, saí da actividade de acompanhante e comecei uma relação com esse tal amigo, nem sei que relação era aquela, mas pronto (...) acho que me sentia em dívida com ele por aquilo que ele fez por mim, afinal foi ele e por iniciativa dele, porque goste de mim, por que viu em mim algumas qualidades para além do corpo e da cama... foi ele que me perguntou se eu não estaria interessada em deixar de ser acompanhante e ter este trabalho (...) Acho que começámos uma relação muito por causa disso, muito porque eu me sentia em dívida com ele.”

“(...) começar num trabalho novo, exigente, com colegas competíssimos e com experiência e eu não tinha nenhuma a não ser acompanhante, ainda por cima numa empresa com enorme visibilidade pública... bem, não podia correr o risco de dar um passo em falso... já viu o que era se alguém descobrisse aquilo que eu fazia?! Já imaginou?! Isso punha logo em causa o meu futuro ali e também deixava mal a pessoa que me possibilitou este trabalho. Eu ficava exposta e ele também. Era um aborrecimento. Por isso, saí da actividade por uns tempos. Assim, ficou mais fácil gerir a minha vida... a minha nova vida, uma vida profissional quase de sonho (...) Nessa altura limitei-me a manter vivo o contacto com alguns dos meus amigos, mas só isso nada mais (...) Agora, com o trabalho que tenho, faço o que gosto e é estimulante... o meu trabalho passou a ser a minha prioridade, quero ter sucesso, quero que as pessoas olhem para mim e para aquilo que faço com respeito (...) agora quero uma carreira profissional de sucesso! (...) Sabe, neste momento, a minha vida como acompanhante é ainda mais secreta e discreta do que foi no passado... agora, sou ainda mais selectiva na escolha dos meus amigos... sabe porquê?! Porque, agora tenho uma carreira profissional a proteger, porque sou ambiciosa em termos profissionais e não posso correr riscos. Porque tenho esta relação com um homem maravilhoso que amo e com quem vivo e não quero que ele saiba aquilo que fiz e ainda faço... ele nunca iria perceber e muito menos aceitar e não o quero perder!”

“Não deixo a actividade de acompanhante muito por causa das pessoas que lá conheço, dos meus amigos, gosto deles, são pessoas impecáveis, são mesmo amigos e se precisar deles sei que posso contar com eles. Porque temos complicitades muito fortes e especiais. Eu sei coisas deles que mais ninguém sabe, eu estou com eles como nunca ninguém esteve... tem de haver muita confiança (...) Temos sempre poucos amigos e há que saber cultivar essas amizades (...) se esses amigos forem influentes, tanto melhor, porque quer se queira quer não ou mais tarde ou mais cedo isso é importante. Também há o dinheiro e o prazer que para mim andam ali de mãos dadas, são o *excitex* total! (...) eu não preciso do dinheiro que ganho com estes amigos [clientes], não preciso mesmo nada. Nunca precisei, então agora ainda menos. Esse dinheiro dá-me um gozo especial em gastar comigo, é apenas para os meus pequenos luxos, para me tratar bem, porque eu mereço [risos] (...) O facto de não precisar do dinheiro não quer dizer que o dinheiro não seja importante, ... ahhhh... É o dinheiro que faz disto também uma fantasia sexual, o facto de se ser paga e de saber que o faço apenas porque sim, porque me apetece e me dá gozo (...) se dependesse desse dinheiro para viver seria terrível, assim é só um hobby para quebrar a rotina, faz-me sentir diferente ter este segredo tão... tão radical, faz-me sentir viva e que a vida vai para além do trabalho e do namorado que adoro... tenho um espaço só meu, em que só entra quem eu quero, quando eu quero e como eu quero. Olhe, isto faz-me sentir por momentos fora daqui, como se estivesse muito longe de tudo e é muito boa essa sensação de evasão, não acha?!”

Nicole

“O meu pai é uma referência, presente qb, generoso até demais e uma pessoa que me transmite toda a tranquilidade. Ele separou-se da minha mãe e eu vi-me envolvida demais nessa história, que meteu uma amante dele, ciúmes por parte da minha mãe que ainda hoje o culpa. Eu não o culpo de nada. A minha mãe é para mim muito boa referência, sempre me educou para ser uma pessoa segura e assertiva, quando ela não o é. É frágil e com alguma tendência para depressões. Mas como mãe foi sempre fantástica. A minha irmã é distante (...) A minha pré-adolescência e adolescência foram bem mais duras [que a infância], como para toda a gente deve ser. Eu era muito protegida pelos meus pais que exigiam de mim muito ao nível da escola. Além disso, a transformação no meu corpo foi dramática. Eu sentia-me constantemente um patinho feio e em casa nunca me olharam doutro modo. Usava óculos, era excessivamente magra e sem peito ou qualquer outro traço feminino e sofria do síndrome do “és inteligente logo és feia”. E eu realmente tinha excelentes notas, por mérito, esforço e gosto. Era o meu campo de triunfo. Já que não era bonita ao menos era boa aluna. Nesses anos sentia-me sempre sozinha de volta dos meus livros e fechada na esfera da

minha fealdade. E isso não mudou até sair de casa e até ter o meu namorado. Aliás esse processo de mudança foi muito dramático em casa. Acho que custou muito aos meus pais deixarem de me ver como uma menina. O meu pai chegou a bater-me porque eu saía à noite e queria ficar com o meu namorado (...) Depois os meus pais divorciaram-se e esqueceram-se de mim. Tudo se apaziguou.”

“Sempre fui boa aluna, com sucesso e estudei sem parar até ao doutoramento. Só iniciei a actividade profissional quando me licenciiei (...) Fiz alguns trabalhos em empresas de call-center antes de estar licenciada, mas nunca perdi muito tempo com isso. Depois fui trabalhar para um escritório conceituado e mantive-me sempre af. Progredi pouco, mas recebo bem e sou respeitada (...) A minha actividade actual é exigente em termos de horários e deveres (...) Sou feliz, embora às vezes o ambiente hostil me canse (...) Sou muito conceituada, mas não progredi tanto como teria sido se vivesse na geração anterior (...) Gostaria de continuar na minha carreira e ir subindo até ter um escritório só meu (...) Acho que tenho condições sim. Sou lutadora e trabalhadora (...) Receberia mais dinheiro [risos]. Não queremos todos mais?!”

“Actualmente já não sou acompanhante mas era a tempo parcial (...) acumulei com a actividade de advogada (...) É incompatível, tem de ser em segredo. A descoberta seria uma catástrofe! (...) E o risco de ser apanhada é muito grande o que colocava em causa a minha vida séria (...) Para mim ser acompanhante não é, nem nunca foi uma possibilidade de vida, mas um escape (...) Era temporário. Estudei para outra coisa (...) Tornei-me acompanhante aos 25 e fui durante 4 anos. Ser acompanhante contribuiu para o meu sonho de ter uma vida social mais intensa, de conhecer mais pessoas. Também foi bom pelo dinheiro mas não foi nada de especial. Eu não tinha dificuldades. Foi talvez o afastamento dele [namorado] por causa do trabalho. Ao mesmo tempo que ele se centrava no seu trabalho exigia muito de mim, a minha presença, isto e aquilo. E eu sentia-me a morrer de isolamento (...) O que me levou foi a vontade de experimentar (...) Possibilidade de experimentar uma nova vida, sim! (...) A experiência, convívio, busca pelo desconhecido (...) Relaciona-se com a idade da experimentação! Pior que a adolescência são os 24/25 anos. Conquistámos uma certa autonomia, parece que podemos tudo Parece que temos tudo, trabalhamos, temos dinheiro, autonomia, deixámos de ser estudantes, não dependemos dos pais, parece que podemos fazer tudo que temos a vida toda para descobrir e sem quaisquer limitações...”

“(...) sempre tinha desejado viver uma vida intensa e com histórias e aventuras para contar, sentia-me a perder oportunidades para viver. Nessa altura comecei a ter vários namorados e flirts mas nunca deixei o meu namorado (...) esses namorados fizeram muitas vezes sentir-me usada, como um objecto sexual, fui manipulada... isso acontecia sobretudo quando me apaixonava e para mim deixava de ser apenas sexo (...) ser acompanhante também me ajudou a saber colocar os homens e esses casos no seu respectivo lugar. Deixei de ser tão ingénua e passei a ser eu a controlar a relação com os homens e a manipulá-los... hummm... não só como acompanhante, mas também nalguns flirts que continuava a ter (...) Mantive-me [acompanhante] porque gostava e porque parar é difícil. Entra dinheiro que nos habituamos e gera-se uma bola de neve de contactos que não queremos interromper. Esse dinheiro só usei para luxos. Para mimos para mim e para o meu marido. Foi decisão minha (...) Sempre cobre alto pelos meus serviços. Nunca precisei do dinheiro e quis seleccionar os clientes (...) A vantagem [de ser acompanhante] é o ambiente descontraído, a boa vida, a performance, o dinheiro fácil... se estivesse em exclusividade talvez tivesse um rendimento muito bom. A desvantagem é o segredo e o ter de aturar algumas pessoas chatas... mas o pior é o segredo.”

“Deixei de ser acompanhante na mesma altura em que deixei de andar a flirter e a ter casos com outros homens, deixei de ter uma vida louca (...) foi quando o meu namorado, o meu marido agora, descobriu tudo. Ao contrário do que eu estava á espara e do medo que tinha, ele não me abnadnou, ele apoiou-me mas queria que eu deixasse aquela vida louca. E eu deixei. Hoje agradeço por ele ter descoberto tudo e por me ter feito terminar uma coisa eu já não sabia como parar, todas aquelas fantasias pareciam fora do meu controlo e estavam a tornar-se num pesadelo.”

Cosmopolitismo conservador

Este tipo de dramaturgia, exclusivamente protagonizado por homens, dá conta do diálogo reflexivo (Mead, 1963; Mouzelis, 2008) que coloca em confronto projectos individuais de carácter materialista-individualistas com a sua real exequibilidade num contexto aparentemente paradoxal onde coexistem cosmopolitismo que facilmente identificamos com os valores da igualdade, da abertura ao mundo e à mudança e conservadorismo que se associa à reprodução, à permanência e à resistência à mudança. Esta coexistência torna-se possível pela incorporação de um tipo de específico de masculinidade globalizada que fornece à noção do que é ser-se homem um sentido mais transnacional (Connell e Messerschmidt, 2005), ao mesmo tempo que reproduz e expande um ordenamento de género tendencialmente desigualitário, dando novas roupagens e vocabulários a valores tradicionais da masculinidade hegemónica.

Tal como a dramaturgia do cosmopolitismo avançado, a condição cosmopolita conservadora implica a abertura necessária para o estabelecimento de configurações mais ou menos temporárias de profissionalização transnacional. Entre os homens cosmopolitas conservadores, encontramos quem personifique formas de profissionalização de carácter transnacional, quer através da inserção profissional actual quer por meio de um futuro profissional desejado, vivendo entre o presente num mercado específico do sistema financeiro global (seguros) e um futuro em projecto em torno do

arranque da carreira de treinador profissional de futebol no estrangeiro (Luís). Por outro lado, encontramos formas de inserção económico-profissional que, não correspondendo a formas canónicas de profissionalização transnacional, estabelecem singulares circuitos de conexão entre cidades globais e outros espaços de globalização alternativa: roteiros que unem, por exemplo, Lisboa, Nova Iorque, Rio de Janeiro, Frankfurt e Luanda. Percursos que se revelam fundamentais na incorporação de valores e sistemas de orientação da vida preenchidos de múltiplas referências internacionais (Zé Pedro).

Mas, o mesmo tempo, estas formas de profissionalização transnacional estabelecem as bases para o conservadorismo, na medida em que autorizam uma masculinidade que vive num ambiente de trabalho profundamente masculinizado e hierarquizado (mercados financeiro e aviação comercial), onde a constante pressão das decisões constitui redes homossociais onde se formam vínculos de escrutínio mútuo que se tornam fontes de conservadorismo de género (Connell, 1995; Connell e Messerschmidt, 2005). Adicionalmente, o carácter conservador destas inserções profissionais cosmopolitas que separam o masculino (racional de elevada responsabilidade e remuneração e prestígio) do feminino (emocional, ocupando posições de subalternidade e de remunerações mais baixas), encontra-se também como matriz de estruturação das relações familiares. De facto, o sucesso profissional destes homens, medido pelas elevadas remunerações, funciona como fundamento para uma visão de si mesmos enquanto homens-provedores do bem-estar da família, estabelecendo dinâmicas de dependência económica em que eles assumem a figura do único ganha-pão (Luís e Zé Pedro).

Outros homens clientes que revelam este tipo de dramaturgia, apesar de inserções profissionais desvalorizadas e longínquas daquelas que dão acesso às classes globais, garantem o estatuto cosmopolita pela pertença activa a subculturas transnacionais fortemente masculinizadas e marginais (Hélder). Subculturas que operam em circuitos transnacionais conectando, de um lado, formas específicas de produção e manifestação cultural (as bandas metal e os festivais internacionais) e, de outro, a produção ideológica oculta e radical e as actividades ilícitas que marcam a pertença a movimentos que superam fronteiras nacionais, mas que actuam de forma sombria⁵⁹. Estes são circuitos onde a presença de mulheres é vista com desconfiança, porque são percebidas como elementos potencialmente disruptivos dos vínculos de solidariedade homossocial indispensáveis à coesão do

⁵⁹ “Já no final da nossa conversa, revela-me a pertença a um ‘clube secreto’ sediado nos EUA (para onde viaja pelo menos uma vez por ano para estar presente em reuniões). Apesar da minha curiosidade, o carácter secreto desta organização e das suas acções concretas, muitas vezes próximas da ilicitude e do crime, impede-o de falar abertamente acerca das orientações ideológicas do movimento. Contudo, algumas informações provocam-me inquietude e desconforto, este grupo será relativamente semelhante ao grupo motard ‘hells angels’, cujos interesses não são evidentes mas as acções são violentas e visíveis; um caldeirão de referências ideológicas onde o nacionalismo parece ocupar lugar central.” Excerto de Diário de Campo.

grupo, à manutenção do carácter secreto da organização e à conservação de um aparelho normativo específico que pretende servir de orientador da vida dos seus membros.

Para outros homens o estatuto cosmopolita conservador depende simplesmente da inscrição activa em mobilidades globais mais transitórias e efémeras, nomeadamente, através das frequentes viagens de carácter lúdico ao estrangeiro que permitem a incorporação de exigências e referências transnacionais (Jorge, Frederico), que transformam as suas vidas em plataformas de ligação entre diferentes geografias, culturas ou cidades globais.

Entre parte importante dos homens cosmopolitas conservadores preside uma noção do presente vivido como auto-estruturado, como algo construído de modo autónomo embora condicionado pelas condições estruturais e ou pelos acidentes biográficos que, muitas vezes, parecem desestruturar a vida. Mas, sobretudo, é um presente revelador, em primeira instância, de uma atitude crítica face aos entraves que dificultam a sua concretização, bem como de uma atitude colonizadora do futuro que lhes permite projectar a vida para o tempo que há-de vir equacionando riscos e incertezas que os rodeiam (Giddens, 2001). Em segundo lugar, a auto-estruturação do presente revela o investimento na aquisição de recursos escolares e culturais como trabalho invisível, permanente, bem sucedido e de efeitos estruturantes na produção de mobilidade social levado a cabo pelas famílias de origem destes homens clientes. Tendo em consideração estas duas primeiras características, podemos dizer que estamos perante homens cuja preocupação se centra nos esforços de linearização da vida, apostando fundamentalmente no tempo da contenção, da estabilidade, das obrigações, das responsabilidades e de investimento em fórmulas de garantia de segurança económica, de sucesso e prestígio social. Em terceiro, o presente destes homens torna evidente o desejo de autonomia financeira e a vontade de desvinculação em relação a histórias e destinos familiares como princípios básicos de acção.

De facto, a dramaturgia de tipo cosmopolita conservador revela estratégias pessoais que agilizam a gestão do conflito entre o orgulho e o preconceito em relação ao passado e à história familiar, mascarando pela manifestação de valores e atitudes transnacionais partes das biografias que estes homens entendem como especialmente sujeitas à desacreditação potencial (Goffman, 1967 e 1993). Isto é, a hiperbolização do presente e do estatuto cosmopolita parece evitar a permanente questão que se coloca sobre o seu passado e as suas origens: mostrar ou ocultar? Contar ou não contar? Mentir ou não mentir? A quem, como, onde?

Ainda que vivam quotidianos reveladores de vínculos de dependência emocional e demonstrem dificuldades extremas de autonomização em relação aos pais, o cosmopolitismo conservador opera como um marcador de profundas clivagens entre pais e filhos, entre uma geração de baixos recursos qualificacionais, económicos, culturais ou sociais e a geração dos filhos investida de tudo o que os pais são destituídos (Jorge). A conquista do estatuto cosmopolita associado a este tipo de trajectória de mobilidade social autoriza a ocultação ou a revelação contida das origens sociais potencialmente descredibilizantes nos contextos sociais quotidianos (nomeadamente os profissionais).

Ao limite, esta ocultação permite construir uma imagem consistente de si para os outros, uma imagem que pretende o reconhecimento enquanto homem seguro e assertivo. Mas, sobretudo, pretende ser uma imagem enquanto homem no poder, com poder e em controlo da situação e da sua situação. Isto é, esta mascarada esconde a diferença entre determinadas propriedades sociais individuais e as do ambiente social, mantendo na sombra a ausência de cumplicidade entre uma parte das suas disposições e as situações sociais que vivem. Esta descoincidência que obriga a viver sob o efeito de histerese (Bourdieu, 1979) e em permanente performance⁶⁰ acabam por justificar o permanente retorno a casa dos pais, ao lugar de abrigo, aos bastidores da sua vida.

A dramaturgia do cosmopolitismo conservador, em grande medida baseada numa profissão de elevado prestígio social e de acesso a elevados recursos materiais e simbólicos, coloca entre parênteses a latente desigualdade categorial (Costa, 2012a e 2012b; Massey, 2007) ou desigualdade existencial (Therborn, 2006) associada ao estatuto de repatriado das colónias (Zé Pedro)⁶¹. Ser comandante da aviação comercial máscara o facto de se ser filho de uma família migrante que se inscreveu nos fluxos migratórios coloniais numa lógica de sobrevivência, oculta a escassez material que determina a emigração para as colónias em busca da desejada mobilidade social e profissional (Pires, 2003); bem como esconde o processo de repatriamento em condições mínimas de sobrevivência (precariedade económica, residencial, etc.). O cosmopolitismo conservador é manifestação prática da coexistência entre, por um lado, valores transnacionais incorporados ao longo do processo de formação internacionalizado (residência nos EUA durante o curso de piloto) e de uma profissionalização fortemente globalizada, por outro, a manutenção de uma memória familiar duradouramente internalizada onde imperam as marcas da descolonização na formação de sentimentos que ainda na

⁶⁰ “Falar da família e da sua origem, falar da relação e dos vínculos que mantém com os pais, provocou-lhe [Jorge] um especial embaraço. Mexeu-se inquieto na cadeira, fez uma pausa, respirou fundo, hesitou e durante muito tempo foi medindo as palavras (...) ‘a minha família é normalíssima’, ‘sempre tive uma relação normal com os meu pais’ (...) Para ele falar da família, das suas origens e da relação que ainda hoje mantém com os pais implica deixar cair a máscara com que até aqui se tinha apresentado (...) a nossa relação passou para os bastidores da vida (...) A imagem de homem seguro e de bem com a vida desconstrói-se, percebe-se um Jorge hesitante, inseguro e com medo de não conseguir corresponder às expectativas e exigências associadas à sua posição social actual. Tem medo de falhar, tem medo de se expor e de expor as suas fragilidades, como se a sua origem social fosse uma enorme fragilidade, como se a relação de grande proximidade e quase dependência emocional dos pais fosse um foco de fragilidade enquanto homem.” Excerto de Diário de Campo.

⁶¹ “Contar a vida familiar é revelar a história do retorno a Portugal vindo das colónias, ponto de inflexão biográfico fundamental: chegada a um país que desconhece em condições de precariedade que nunca antes vivera (...) [para Zé Pedro] durante muito tempo implica o confronto com um estatuto desigual e com formas de subalternização e desconfiança associadas à condição de retornado, ora rotulado como colonialista ora percebido como migrante sobrevivente, um quase refugiado (...) A coincidência da sua história familiar com a minha própria história familiar é um factor de aproximação entre nós e um elemento facilitador na narração desta dimensão da sua vida (...) Mas, implica a minha inscrição, enquanto investigador, num processo entrecruzado de revelação biográfica, uma forma alternada de partilha, um diálogo reconstrutivo do passado (...) Mais uma vez, o método biográfico retroage sobre mim enquanto investigador. Não se pode exigir que os outros estejam disponíveis a contar a sua vida de forma aprofundada se nós [investigador] não estivermos disponíveis para analisar e partilhar a nossa própria história.” Excerto de Diário de Campo.

actualidade modelam opiniões políticas (Pires, 2003). Ao mesmo tempo, o carácter conservador deste cosmopolitismo também mostra a importância do passado colonial na formação de uma geografia imaginária entre um ‘cá’ e um ‘lá’, um nós e os outros (Saïd, 2004): um cá incomparável a um lá imaginário que os outros adulteraram e degradaram. Matriz maniqueísta que continua a ser fundamental na forma como se vive o estatuto cosmopolita e se concebe o mundo, fazendo do ‘cá’ um espaço insuficiente e do ‘lá’ (agora mais global e cosmopolita do que colonial) um conjunto de lugares encantados e atraentes. Finalmente, a hiperbolização do presente cosmopolita remete para esfera do privado a expressão do orgulho na família, sobretudo, na figura do pai-herói que constrói (na migração para as colónias) e reconstrói (no retorno a Portugal) a vida a partir de quase nada e cujas redes de conhecimento se revelam fundamentais na garantia de inserção profissional privilegiada de Zé Pedro.

Entre os homens cosmopolitas conservadores, deparamo-nos com vidas em montanha russa (Luís). Vidas em que os acidentes biográficos provocam formas de desestruturação da vida, fazendo mergulhar os indivíduos em espirais de exclusão social que estilham uma série de vínculos sociais e potenciam experiências temporárias de marginalidade social (Guerreiro e Abrantes, 2004). O sucesso profissional e económico vertiginoso promove, não só um período de mobilidade social ascendente que deixa para trás uma infância e juventude vivida sob o signo dos constrangimentos económicos, como também fornece a base para que o experimentalismo tome conta da vida enquanto mecanismo celebratório do sucesso do projecto individual. Nesta altura, o princípio que parece comandar a vida é o da dupla acumulação, por um lado, de episódios aventurosos e emocionantes para contar, por outro, de recursos económicos capazes de financiar uma vida emocionante. Ao deslumbramento com esta rota da vida sucede, inesperadamente, a desestruturação que coloca Luís à margem. Uma relação amorosa marcada por uma forte clivagem social entre Luís e a companheira, onde aparentemente ele ocupava o lugar de provedor e que colocava a companheira numa situação de dependência económica, fornecendo-lhe elementos para a afirmação de uma masculinidade dominante moldada por valores de género tradicionais e inigualitários, acaba por transformá-lo em vítima de exploração económica, por colocá-lo numa trajectória social declinante e numa masculinidade em perda. A ruptura amorosa associada à perda das suas economias fá-lo entrar numa espiral depressiva marcada, por um lado, pela perda de autonomia e da capacidade de tratar de si próprio, tornando-se dependente do cuidado da mãe; por outro, pela auto-marginalização das redes de relações sociais, pelo abandono da carreira profissional e pela desconstrução da sua masculinidade. A exploração económica por parte da parceira amorosa representa a perda de honorabilidade e prestígio no sistema de competição entre homens, porque coloca Luís numa posição de subalternidade em relação a uma mulher, porque as capacidades de sedução e as competências sexuais da companheira o colocam no lugar do descontrolo quando devia estar no controlo de si e dos outros, porque a exploração económica revela um homem passivo e manipulado. Enquanto homem sente-se envergonhado, o embaraço perante os outros torna-o incapaz de enfrentar o mundo do trabalho e desiste da carreira profissional que vinha a percorrer. Adicionalmente, a ruptura de uma trajectória de sucesso profissional e económico quebra outro

vínculo ao arquétipo da masculinidade e vai deixando mais visíveis do que nunca outras fragilidades de afirmação no espaço competitivo dos homens, nomeadamente, a incapacidade de corresponder às exigências físicas e corporais do modelo ideal do homem alto, elegante, atlético e em forma (Connell, 1995; Kimmel, 1996 e 2005b).

De forma breve, a ressaca da relação amorosa coincide com o percurso de uma trajetória social declinante, marcada pelo desemprego e pelo ingresso em formas de empregabilidade precárias, mal remuneradas e afastadas da sua formação e qualificação. A esta rota de declínio sucede-se outra, mais lenta, de ascensão marcada pelo estabelecimento de novos vínculos sociais, pela reconstrução da vida profissional, pela reconstrução da vida amorosa e pela entrada em nova experiência de conjugalidade.

O cosmopolitismo conservador também se produz através de biografias que durante algum tempo viveram orientadas pelo desejo incontido de aceleração do futuro. Vidas aceleradas através da elisão de etapas típicas das vidas planeadas de forma progressiva: no lugar da entrada no mercado de trabalho após um percurso longo e bem-sucedido de formação escolar e académica financiada pelos pais, encontramos homens que, contra todas as expectativas familiares neles investidas, abandonam precocemente esses trilhos formativos e aceleram a entrada no mundo do trabalho na busca da emancipação individual em relação a tutelas familiares (Frederico). Esta forma de aceleração da vida sedimenta-se em dois tipos de motivações: em primeiro lugar, um cenário de prolongados conflitos, tensões e pressões entre pais e filho, torna Frederico indisponível para aceitar uma herança patrimonial que lhe garantia as condições para o investimento numa carreira escolar longa, percebida pelos pais como veículo para o futuro melhor e preenchido de oportunidades. A vontade de começar a ganhar a vida e financiar o quotidiano é orientada pelo desejo de autonomia e corresponde a uma tentativa de libertação de conflitos permanentes com os pais em torno de exigências quanto ao desempenho escolar e ao desenho de projectos do futuro. Assim, deixar inesperadamente o percurso académico foi entendido como um passo para a libertação de uma tutela familiar restritiva e directiva do presente e do futuro. Em segundo lugar, a aceleração da vida não se pode dissociar das pressões para a afirmação enquanto homem, na medida em que ter o seu próprio dinheiro significa ter capacidade de adquirir aquilo que outros homens da sua idade ainda não conseguiam financiar, acendendo a novas formas e meios de sedução e permitindo aprofundar a relação amorosa no sentido de um projecto de conjugalidade precoce onde passa a ocupar, pelo menos temporariamente, o lugar do homem-provedor.

Mas, o desinvestimento na aquisição de recursos escolares e culturais, a impossibilidade de renovação do capital cultural detido pelos pais, bem como a incapacidade de activar o *carte d'admission* dos pais como estratégia individual de recuperação que compensasse a falta de títulos académicos (Bourdieu, 1979), tem importantes consequências na sua vida. Por um lado, constitui um foco de tensões, conflito e competição com as suas companheiras amorosas (no passado e no presente) cujos percursos escolares e profissionais o fazem sentir minorizado no quadro competitivo das relações

íntimas onde procura provar permanentemente a masculinidade (Seidler, 1997 e 2006). Sente-se um homem em perda, porque perde o lugar de homem-provedor arquétipo da masculinidade hegemónica; porque no quadro competitivo da intimidade o seu percurso profissional e o sucesso económico não asseguram nem o lugar de provedor nem a posição de principal contribuinte para o orçamento familiar (Connell, 1987, 2002 e 1995; Kimmel, 1996 e 2012). Por outro lado, produz uma paradoxal avaliação da vida onde o presente se vive quase sem futuro. O presente auto-estruturado dá lugar um futuro hetero-estruturado, um futuro bloqueado pelas opções de aceleração da vida tomadas no passado que o impedem de encontrar formas de ultrapassar os obstáculos que lhe vedam o acesso aos objectivos e sonhos que tinha para si.

A associação entre cosmopolitismo e conservadorismo também depende do desinteresse pelo futuro que se produz na dependência do conforto promovido por viver a vida sob a alçada dos pais e sem preocupações de gestão do quotidiano. Dependência que alivia Hélder de um conjunto de responsabilidades e compromissos quotidianos e liberta recursos económicos importantes para poder viver o quotidiano sob o signo da fruição, da errância e da ludicidade. Isto é, a permanência em casa dos pais, permite manter um estatuto de semi-dependência, onde se conjugam liberdades quase ilimitadas e encargos financeiros quase nulos (Nilsen *et al.*, 2002) e que faz do trabalho um meio para conseguir manter a vida que deseja.

De que forma estas formas de viver a vida entre passado, presente e futuro contribuem para a constituição do cosmopolitismo conservador, fundamentalmente, assente na expansão de regimes de género inigualitário para redes de pertença social transnacionais? A capacidade de cindir a vida passada da vida presente em processos permanentes de construção reflexiva dos projectos individuais (Giddens, 2001) significa, para alguns destes homens cosmopolitas conservadores (Luís, Jorge, Zé Pedro), a manutenção de uma bolsa de resistência à mudança que preserva valores, hábitos e reportórios disposicionais para pensar e agir duradouramente incorporados do confronto com valores transnacionais que circulam pelas redes internacionais onde se inscrevem. Outros, produzem resistência à mudança porque simplesmente não a conseguem conceber no âmbito de vidas estagnadas no presente (Frederico, Hélder). Porque vivem mais ou menos conformados com o curso de vida que consideram normal e inevitável, porque o futuro se encontra bloqueado ou reduzido à banalidade do quotidiano pela falta de quaisquer expectativas em relação ao futuro e pela ausência de objectivos e projectos para o futuro. Desta forma, uns e outros produzem bolsas de conservadorismo responsáveis por uma visão que naturaliza as desigualdades entre homens e mulheres através da sua inscrição numa matriz ideológica que, em estilo aristotélico, dicotomiza o universo social e distingue hierarquizando homens e mulheres⁶²: de forma genérica, aos homens a esfera pública, a produção e a inserção

⁶² Acerca desta matriz de pensamento que transforma desigualdades sociais e ideológicas entre homens e mulheres em diferenças naturais através de uma lógica aristotélica dicotomizante, ver os trabalhos de: Amâncio (1994) e Héritier (1998).

profissional, às mulheres a remissão para o privado, para a intimidade, para as emoções e cuidado dos outros (Luís, Zé Pedro, Frederico). Aos homens associam-se valores como a confiança e a lealdade, às mulheres a corrupção, a traição, a tentação e a manipulação (Hélder e Luís).

Assim, não se estranha que para nenhum destes homens clientes a transposição das exigências culturais do cosmopolitismo em torno da experimentação sexual seja sinónimo de igualdade. Pelo contrário, seguindo uma tendência de globalização da masculinidade hegemónica e das subjacentes prescrições normativas da sexualidade masculina (Connell, 1995; Connell e Messerschmidt, 2005), para estes homens o cosmopolitismo é sinónimo de conservadorismo de valores de género inigualitários e de regimes específicos de género que cristalizam clivagens sociais entre homens e mulheres que afectam decisivamente a esfera da sexualidade. De forma concreta, o experimentalismo é integrado numa concepção inigualitária da sexualidade, sendo entendido como um exclusivo masculino ou das mulheres desrespeitadoras de uma feminilidade conforme o princípio da pudicitia (Petherson, 1996). O experimentalismo acaba por reforçar uma retórica que simultaneamente controla, restringe e penaliza a expressividade da sexualidade feminina e autoriza a impulsividade e hiperactividade sexual aos homens.

Ao contrário do *cosmopolitismo avançado* em que o experimentalismo sexual se associa a uma visão igualitária e cidadã da sexualidade, entre os homens que protagonizam esta versão conservadora de cosmopolitismo é comum a reprodução de uma visão da sexualidade como exercício de poder. De forma relativamente genérica esse exercício de poder revela-se pela tentativa de controlo da sexualidade feminina, por um lado, através da marcação de clivagens na experimentação sexual baseadas na reprodução genérica do duplo padrão moral amplificador da sexualidade masculina e castrador da feminina; por outro, mostra-se pela definição dos lugares da passividade ou actividade sexual (Bozon, 1999 e 2004). Adicionalmente, para alguns cosmopolitas conservadores, no quadro das relações amorosas a sexualidade é palco para a manifestação e exercício de poder através da articulação com a desigualdade estrutural entre eles e as suas companheiras, colocando-as preferencialmente numa situação de dependência económica e de fácil objectivação sexual (Zé Pedro, Luís). Para outros, fazer da sexualidade um palco para o exercício de poder e dominação masculina torna-se mais fácil no contexto da erotização de relações profissionais marcadas por desigualdades de estatuto, reconhecimento e poder no interior da organização (Jorge). O assédio sexual e a objectivação sexual das mulheres que fazem parte das suas relações profissionais será uma das poucas formas de emocionalização e aventurização da vida.

Para todos eles (Hélder, Frederico, Jorge, Zé Pedro), o recurso à prostituição surge desproblematizado. Em primeiro lugar, no quadro do duplo padrão moral o recurso à prostituição é transformado numa resposta funcional a uma necessidade natural da sexualidade impulsiva e expansiva dos homens. Em segundo, o recurso às acompanhantes é uma manifestação do poder, sendo vivido como forma de cumprimento da organização normativa da masculinidade o imperativo da hiperssexualidade heterossexual. Num certo sentido, as acompanhantes tornam-se indicadores do seu

sucesso sexual (Kimmel, 1996, 2005b e 2012), objectivadas enquanto experiências sexuais que se colecionam e contabilizam. Em terceiro, o recurso à prostituição inscreve-se na necessidade de aventurização de uma vida demasiado linear e cinzenta, inscreve-se na emocionalização de uma vida que se limita a repetir circuitos de reforço de integração económico-profissional. As aventuras com as acompanhantes constituem a sua segunda vida, uma vida paralela e secreta a que só eles acedem, mas que preenchem de renovado significado a sua existência. Em quarto, recurso às acompanhantes significa uma manifestação de poder económico, exprimindo a possibilidade objectiva de despender quantias relativamente elevadas para um encontro sexual e funcionando como ritual celebratório de sucessos profissionais.

Adicionalmente, o recurso à prostituição parece ser desproblematizado na medida em que as acompanhantes são percebidas como veículos de retorno a uma rota de conformidade com a organização normativa da sexualidade masculina dominante após a experimentação de episódios biográficos particularmente desafiadores da masculinidade hegemónica que tentam cumprir. De facto, o recurso à prostituição significa a recuperação de estatuto no espaço desigual das masculinidades depois de terem vivido ou enquanto vivem histórias amorosas que desautorizam a masculinidade hegemónica e o estatuto e honorabilidade masculina que pretendem para si. A natureza comercial e delimitada dos encontros prostitucionais, bem como a disponibilidade sexual das acompanhantes, compensam um conjunto de desalinhamentos não desejados:

Em primeiro lugar, amenizam a impossibilidade destes homens estabelecerem um regime de género de estilo patriarcal no seio das suas relações conjugais. Para Frederico, as acompanhantes parecem ser uma compensação da impossibilidade de regimes de género herdeiros do patriarcalismo no contexto das suas relações amorosas e conjugais (no passado e no presente). Porque, as acompanhantes permitem o realinhamento com os imperativos da masculinidade hegemónica através da hiperbolização da sexualidade (Aboim, 2010a; Almeida, 1995; Connell, 1995; Kimmel, 2005b; Seidler, 1997 e 2006) em detrimento das dimensões económico-profissionais de afirmação masculina que quando colocadas à prova no contexto conjugal o colocam em situação de fragilidade.

Em segundo, compensam o confronto com o estatuto de objecto de manipulação e exploração económica a que as relações amorosas os remeteram. Para Luís, o recurso às acompanhantes acontece ao mesmo tempo do processo de recuperação da vida e de reconstrução da carreira profissional. Neste cenário, elas garantem o acesso a uma forma controlada de heterossexualidade hiperactiva sem os riscos da exploração económica. Isto é, as acompanhantes ocupam um lugar importante na ultrapassagem de uma masculinidade em perda, garantindo a passagem do lugar da passividade para o lugar da acção, do descontrolo ao controlo de si e dos outros, do lugar da submissão para o da dominação: os encontros com as acompanhantes ocorrem quando ele deseja, porque ele deseja e têm uma delimitação específica determinada pelo carácter comercial e temporalmente circunscrito dos encontros.

Finalmente, em terceiro lugar, minimizam os efeitos do duplo confronto, por um lado, com a impossibilidade de exercício de poder e controlo sobre a sexualidade de mulheres que reivindicam uma feminilidade provocadora (Coelho, 2009a e 2009b; Jackson e Scott, 2004 e 2010) e sexualmente empreendedora (Harvey e Gill, 2011), portanto, muito distante da desejada feminilidade enfatizada complacente com as vontades masculinas (Connell, 1995). Isto é, com o estatuto de objecto sexual a que se vêem reduzidos quando estabelecem relações com mulheres orientadas por princípios experimentalistas da sexualidade enraizados numa visão mais igualitária da sexualidade. Por outro, amenizam a impossibilidade destes homens estabelecerem relações amorosas no quadro de modelos de conjugalidade tradicionais orientados por um regime de género de estilo patriarcal. No caso de Jorge, os encontros com as acompanhantes são, numa primeira fase, ajuda fundamental para ultrapassar a ressaca da ruptura de uma relação em que se percebe sexualmente objectivado pela mulher que imaginava como objecto do seu desejo, sendo rejeitado ao mesmo tempo em que vê recusado o seu sonho de aprofundamento da relação amorosa. Num segundo momento, quando Jorge estabelece uma relação amorosa organizada segundo um modelo alternativo (*living apart together* – forma de conjugalidade possível mais do que desejada), as acompanhantes funcionam como fiel da balança que mede a competição e equilibra os receios e angústias. As acompanhantes são o indicador que mede uma competição nunca verbalizada em torno da quantidade de experiências sexuais que um e outro podem hipoteticamente viver quando estão afastados. O recurso às acompanhantes evita que Jorge se sinta em défice em relação à companheira. As acompanhantes equilibram o medo e as angústias (os ciúmes) que o assaltam durante os dias em que está longe da companheira, receando que esses sejam momentos destinados a encontros sexuais com outros homens.

Mas, pelas suas competências sexuais e pelo permanente investimento erótico em si e nos encontros que mantêm com os clientes, as acompanhantes são também uma forma activa de superação da deserotização da sexualidade conjugal. Por um lado, as acompanhantes são a resposta à compressão do tempo para a vida a dois depois do nascimento de filhos. Isto é, se o tempo dedicado ao investimento numa sexualidade conjugal fortemente erotizada que fazia do sexo uma dimensão extraordinária da realidade é reduzido e comprimido entre as novas rotinas familiares, os encontros com as acompanhantes são, simultaneamente, uma forma de continuar a viver uma sexualidade fora do tempo, evasiva das rotinas e profundamente erotizada, bem como um retorno inesperado ao passado da realidade erótica (Weitman, 1999; Coelho, 2009b) da iniciação e da acumulação de experiências sexuais vivido na companhia de outras prostitutas (Zé Pedro). Por outro lado, o facto de muitas acompanhantes investirem fortemente na erotização dos seus corpos e da sua apresentação parece compensar directamente o processo de deserotização em que se encaixam as companheiras destes homens. Deserotização que coincide com a rotinização da sexualidade conjugal, com a longevidade das relações amorosas e com a maternidade que transforma corpo das mulheres em corpo-mãe desprovido de atracção sexual (Frederico, Hélder).

Dramaturgia da adição e da recuperação

No contexto genérico da modernidade tardia que se caracteriza por uma enorme expansão das oportunidades individuais mas também dos riscos (Beck, 1992 e 2000), as dramaturgias pessoais, construídas de acordo com processos intensamente individualizados (Giddens, 2001), não determinam apenas o aproveitamento de múltiplas opções, também encerram inúmeras armadilhas. Assim, quando o experimentalismo se descontrola e coloniza por completo a vida acaba por se cruzar com processos de desestruturação e reconstrução da vida pessoal, com movimentos de marginalização social a que sucedem outros de reintegração (Ricardo). Estamos perante dramaturgias pessoais em que o experimentalismo permite uma sucessão de configurações de vida temporárias que fazem da vida um eterno palco, que se tornam progressivamente imprevisíveis, radicais e desestruturantes. A imprevisibilidade e a desestruturação caracterizam-se pela incapacidade de construção da vida e pela entrada em espirais de exclusão social que estilhaçam uma série de vínculos sociais e potenciam experiências de marginalidade social (Guerreiro e Abrantes, 2004). vidas longamente vividas nas margens, afastadas dos vínculos sociais e trilhando trajectórias sociais de sentido descendente.

pela intensificação progressiva do consumo de drogas, pela adição química e pela queda na criminalidade como modo de subsistência (Ricardo).

associa-se a espaços internacionais, a cidades globais que se afiguram grandes facilitadoras de experiências radicais em torno do consumo de drogas.

A condição cosmopolita de cidadão internacional, com importantes referências culturais e de orientação da vida altamente internacionais, é incorporada desde a infância durante um período prolongado de hospitalização em Londres – onde acaba por frequentar a escola Os consecutivos retornos a Inglaterra significam também o reencontro com um tipo de contexto particularmente propício às actividades que realizam, ao estabelecimento das redes em que se inserem e à prossecução de projectos ou à mobilização em torno da luta pela vida em tono da luta pela recuperação e a reconstrução da vida (reinvestimento na formação avançada, construção de uma carreira profissional)

Coexistência problemática da incorporação de uma ética de aventurização da vida e da sexualidade e um corpo desconforme com os modelos adequados à imagem atlética, musculada e em forma da masculinidade hegemónica.

Significa, também, o retorno a forma de sexualidade anterior à radicalização do consumo de drogas

As acompanhantes surgem na vida destes homens no momento em que recompõem e reconstruem as suas vidas depois de períodos mais ou menos longos de desestruturação. O recurso à prostituição e às acompanhantes surge em paralelo ao processo de recuperação da vida, faz parte dos episódios através dos quais se reinicia a construção de um projecto individual.

Ricardo

“Os meus pais divorciaram-se quando tinha 9 anos e ia fazer 10 anos (...) Quando os meus pais se divorciam, o meu irmão e a minha irmã ficaram com o meu pai. Eu e o meu irmão que já faleceu fomos viver com a minha mãe para

casa da minha avó (...) só foi um período de dois anos (...) Havia guerra com o meu pai, durante anos a minha mãe e o meu pai não se falavam, o meu padrasto foi muito importante para a minha mãe conseguir juntar os filhos todos.”

“Houve ali uma fase importante da vida da minha família que foram cometidos alguns erros... havia pouca comunicação (...) tínhamos uma casa que tinha uma estrutura física que permitiu viver todos juntos mas isolados (...) durante muitos anos vivemos numa casa em que cada um tinha um quarto com casa de banho e com telefone, o que tornava a comunicação mínima e ponto de encontro era só as refeições (...) esta era a casa de família dos 10 aos 27 anos (...)”

“Tenho muito poucas memórias da minha infância. Eu estive muito doente dos 5 aos 12 anos (...) aos 5 anos adoeci e cá ninguém sabia dizer o que é que eu tinha. Tinha imensas dores nos ossos. Aí começa o meu processo médico em Inglaterra... aos 6 anos foi-me diagnosticada uma artrite reumatóide juvenil, a partir daí começaram-me a aparecer doenças paralelas, tive imensos problemas com deformações físicas na infância... culminou comigo a viver dos 10 aos 12 anos num hospital específico para esta doença em Inglaterra (...) A doença também me levou a que quando cheguei a Portugal... a entrar naquela onda do vou fazer tudo aquilo que ainda não fiz (...) o meu processo de experiências com drogas tem muito a ver com isto (...) Saía muito à noite desde os 13 anos! Há vinte e tal anos atrás a noite em Lisboa era uma coisa muito pequena e as drogas estavam muito presentes, começa a experimentar e conheces as pessoas... e é uma espiral.”

“O meu pai marcou-me profundamente. Dos 10 aos 17 anos a minha relação com o meu pai, nos primeiros anos após o divórcio, a minha relação com o meu pai era uma relação meramente financeira e de encontro na noite. O meu pai aos 45 anos deve ter acordado para a noite. Era a pessoa que me dava dinheiro e era a pessoa que me permitia aos 14 anos entrar nas discotecas com 5 ou 6 amigos e com o porteiro a cumprimentar-nos a todos. Depois aos 27 marcou-me profundamente, foi para casa de quem eu fui ressacar, foi quem me apoiou, foi quem me apoiou nos primeiros anos (...) Eu em recuperação tive oportunidade de dizer ao gajo as coisas que odiava nele quando era puto! São as coisas mais intrínsecas que eu tenho em mim. Lidei com o meu pai em relação ao afastamento que ele teve de mim nos períodos em que eu estive muito doente quando era puto. Consegui verbalizar essas cenas todas nos primeiros anos de recuperação. Hoje em dia tenho uma relação muito porreira e saudável com o meu pai (...) Com a minha mãe tenho uma relação até de co-dependência da minha mãe em relação a mim. Uma relação muito próxima.”

“As drogas funcionam como uma resposta perfeita para todas as incapacidades de um adolescente (...) Eh pá foi uma geração aqui em Cascais que foi toda! A uma certa altura mudei-me para Lisboa, estava no meu início de faculdade, tinha 17 anos (...) Então fui-me embora e fui viver para Lisboa, para o Bairro Alto. Aí começam os meus problemas com o álcool e com a cocaína. Estamos a falar no início dos anos 80 (...) aí foi quando começou a minha curva descendente (...) saí de casa para ir viver com uma namorada [bairro Alto]... a prestação de alimentos que o meu pai pagava à minha mãe passei a recebê-la eu (...) Os meus pais e o meu padrasto acharam muito ok. Acharam bem (...) mas foram muito permissivos (...) Não prestas contas a ninguém. Quando tu vives no meio do Bairro Alto com 17 anos, viver sozinho não era muito comum na altura, a tua casa passa a ser o centro das festas e dos teus amigos... é uma sensação de euforia e bem-estar e da dita liberdade (...) Aquela onda de estar sozinho, fazer o que quer... típico dos 17 anos. Típico da imaturidade (...) Há uma fase porreira, mas no meu caso foi só mesmo uma fase.”

“Dos 17 aos 21 ainda fiz um curso na faculdade, relações internacionais no ISCSP. Foi lá que eu fiz o curso... acabei, acabei (...) Mas o tempo de faculdade, tirando a época de exames, era bebedeiras, noitadas, almoços, jantares, noites e uso recreacional de drogas. A formação em relações internacionais é essa (...) Fiz o curso todo em segundas épocas. Até Janeiro era uma coboiada, ia às primeiras frequências e era uma desgraça completa, ia para época de Julho. Entre Janeiro e Maio ia para fora e voltava para os exames... vivi na Holanda... eu ia para o estrangeiro, depois vinha... durante muitos anos não residia num local, nem tinha um grupo de amigos fixo, isso permitiu viver num palco (...) Durante muitos anos era tipo saltimbanco, tinha vários grupos de amizades e isso até foi fundamental para eu ter estado tanto tempo a usar drogas. Porque, vais saltando de um grupo para outro, não tens uma presença constante, não desenvolves laços fortes, e para o toxicodependente típico permite desenvolver características de fachada (...). O meu auge de drogas não é durante a faculdade. É nos anos após a faculdade, é nos seis anos após o curso (...) Na altura o meu padrasto tinha um negócio de importação de tapetes orientais, que era uma importação da Holanda. Ela passa-me o negócio e aí é o meu descalabro completo... rios de dinheiro que eu ganhava foi o princípio da minha desgraça... eu ganhava fortunas aos vinte e poucos anos. É aí que a cocaína entra a em força na minha vida. Começo a dar cabo do negócio (...) O meu padrasto começou a apertar-me os calos... a minha namorada morre com uma cena muita estúpida, com um ataque de asma... eu aí flipei, eu flipei! Veio tudo por água abaixo! Os finais dos anos oitenta no Bairro Alto era uma alucinação! Dai até ir para a rua foram seis ou sete meses.”

“Eu entrei em recuperação em 1995 e na altura foi-me dada uma escolha entre aspas, ou eu fazia alguma coisa da minha vida ou ia preso (...) Foi uma escolha... porque não me apetecia nada ir preso (...) eu na prisão não duro uma semana! (...) Foi a força das circunstâncias, eu já vivia na rua há dois anos... na altura roubava automóveis e vendia automóveis, era o meu meio de subsistência entre outras coisas, e tenho um acidente grande com o carro roubado e fui parar ao hospital... como já tinha uns mandatos de detenção em meu nome, eu ia sair do hospital para ser preso (...) o meu padrasto na altura, quando ainda era casado com a minha mãe, era advogado e só fazia crime e esteve muito ligado à criação da direcção central de combate ao banditismo (...) O meu padrasto pediu um grande favor e no hospital apareceu o combate ao banditismo e disse que tinha prioridade sobre mim, ‘esses mandatos de detenção são nossos!’ E eu saí do hospital para casa da minha mãe e do meu padrasto para uma reunião de família e deram-me à escolha, eu saía dali com a Judiciária e ia preso ou ia fazer alguma coisa da minha vida (...) É aí que o meu pai se chega à frente, com quem eu já não tinha uma relação próxima há quase 17 anos (...) fui ressacar para casa do meu pai, fiquei lá fechado durante quase um mês, a primeira vez que saí foi para ir fazer terapia (...) A terapeuta recomendou-me os narcóticos anónimos, fui, entrei e fiquei logo à primeira e sem tratamento.

“(...) depois da recuperação, o primeiro ano vivi em casa do meu pai, depois há o falecimento do meu irmão, eu começo a entrar numa onda perigosa... nessa altura tive coragem, sento-me com o meu pai e com o meu padrasto, com a minha mãe não porque ela estava ressentida comigo por eu ter dado cabo da minha vida, e digo que estou a pensar ir viver para Inglaterra para casa desta minha amiga [adita em recuperação] e que tenho todo o apoio de quem preciso... ela era amiga dos meus pais e eles eram amigos dos pais dela, por isso, foi ok para os meus pais. A única coisa que pedi foi dinheiro para os primeiros três meses (...) eu nem sequer fui lá para estudar, fui para lá para sair daqui. Comecei lá a trabalhar... guiar táxis, entregar pizzas, no weendys, trabalhar em bares (...) o primeiro trabalho que tive foi no weendys, eu trabalhava no turno da noite, no final do turno todos tínhamos uma escova de dentes para lavar os azulejos, eram milhões de azulejos... eu estava a estudar e eu dizia, ‘foda-se eu não quero este trabalho para a

vida! (...) fui para faculdade, fiz uma licenciatura novamente. Tive uma relação, mas a minha namorada recaiu e foi uma grande confusão. Pedi a minha transferência para uma faculdade no sul de Inglaterra, essa faculdade tem uma tradição muito forte em psicoterapia e é uma cidade onde há muitos centros de tratamento. Acabei o curso e fiz a especialização, trabalhei lá na área. Trabalhei em saúde mental no sistema de saúde pública inglês.”

“Voltei para Portugal e montei um projecto com uma amiga (...) um centro de tratamento para abuso de drogas e álcool. Uma semana antes de abrir, adoço, tenho uma falha renal... nunca confiei nos médicos aqui, meto-me no avião e volto para Inglaterra. No dia em que chego sou internado, já estava em coma e começo a fazer diálise (...) os primeiros nove meses foram um pesadelo! Depois fiquei a trabalhar e fazer diálise em Inglaterra ... Depois decidi voltar definitivamente. Isto foi há seis anos (...) Lá Inglaterra tinha uma vida muito porreira, era bem pago (...) Quando regresso abri logo consultório e comecei a trabalhar (...) eu trabalho com adictos e não adictos. Como tenho um networking porreira, comecei a receber muitas pessoas não aditas... um networking que vem desde a infância, amigos de família (...)”

“Nunca tive problemas financeiros (...) Eu financeiramente sou um gajo poupado. Tenho casa própria, esta casa é minha. Esta casa era uma casa de família, passados uns tempos de eu regressar a Portugal (...) antes de fazer obras entrei em acordo com os meus irmãos e no dia em que houver partilhas entramos em tornas... troca de património. Financeiramente a minha família não tem problemas e eu não tenho gastos. O carro foi pago por mim. Mantenho a minha casa em Inglaterra alugada, o que é uma fonte de rendimento boa, compreí lá um apartamento que se paga a ele e me dá rendimento. Foi comprado há 12 anos.”

“Quando entrei em recuperação percebi que financeiramente estava lixado... e não posso ficar à espera que os meus pais morram para eu herdar. O que vier nessa altura é um acréscimo e é porreira.”

“Hoje em dia dou graças a Deus por ter tido o percurso que tive, isto é do arco-da-velha, mas é verdade. Se não, aos 21 anos tinha terminado o curso de relações internacionais, tinha arranjado um trabalho todo coiso, estava casado, tinha três ou quatro filhos, tinha uma hipoteca para pagar, tinha um carro e uma carrinha para as cadeirinhas de bebé, tinha um mês de férias por ano reduzido financeiramente, tinha o sexo pago como escape... e eu acho isso tudo muito condicionador.”

“Houve uma fase importante da minha vida em que me desinteressei do sexo porque me dedicava à actividade das drogas, e o sexo passa para uma actividade secundária na vida. Posso dizer-te que estive 12 anos e nove meses sem sexo (...) As acompanhantes, as acompanhantes... Às vezes penso o que andei a fazer nisto os últimos cinco anos, mas é um padrão que se instala... é um hábito, é um hábito... hummm... é um padrão e um padrão não se consegue romper (...) Eu sou um adito, para mim como para a maior parte dos adictos demoro muito tempo a perceber (...) Eu sou um toxicod dependente em recuperação há 15 anos e já percebi que há alturas da minha vida em que recorrer ao sexo pago é uma forma de eu me drogar. Quando há alguma coisa que eu não quero sentir, durante uma, duas, ou três horas, eu abro uma janela para a minha droga e depois volto. Há fases em que é preocupante, aquilo que eu procuro já não tem nada a ver com a intimidade, já não tem nada a ver com a pessoa, tem a ver com o me ir encher a cabeça sexualmente. Nestas fases eu considero que é viciante para mim por causa da minha personalidade aditiva (...) ao fim de 15 anos de recuperação tu percebes quando estás sereno e quando estás activo (...) para mim os sinais de alerta são quando começo a usar isto como uma droga e não tiro satisfação nenhuma. Saio de lá, saio de um encontro destes como entrei, saio com o mesmo vazio, ou até com um vazio maior.”

Ricardo

“Começas a usar as drogas na boa, depois comesas a usar as drogas numa muito boa, depois comesas a ser usado pelas drogas e depois já não existe mais nada a não ser as drogas. Passou-se um hiato de 10 anos da minha vida em que tu não fazes aquilo que as pessoas ditas normais fazem. Depois quando despertas para vida, para o cheiros e para as cores e para ser feliz, fazes aquilo que normalmente farias na adolescência... sair à noite, jantares e coboiadas. Uma delas era a putaria (...) [recurso a acompanhantes] São espaços de satisfação pessoal (...) pode ser o preenchimento de um vazio, como é ir jantar com um amigo meu ou ir ao cinema com uma amiga minha (...) Eu sou um toxicod dependente em recuperação há 15 anos e já percebi que há alturas da minha vida em que recorrer ao sexo pago é uma forma de eu me drogar. Quando há alguma coisa que eu não quero sentir, durante uma, duas, ou três horas, eu abro uma janela para a minha droga e depois volto. Há fases em que é preocupante, aquilo que eu procuro já não tem nada a ver com a intimidade, já não tem nada a ver com a pessoa, tem a ver com o me ir encher a cabeça sexualmente. Nestas fases eu considero que é viciante para mim por causa da minha personalidade aditiva (...) ao fim de 15 anos de recuperação tu percebes quando estás sereno e quando estás activo (...) para mim os sinais de alerta são quando começo a usar isto como uma droga e não tiro satisfação nenhuma. Saio de lá, saio de um encontro destes como entrei, saio com o mesmo vazio, ou até com um vazio maior.”

Dramaturgia dos vencidos da vida ou experimentalistas tardios e escondidos

Dramaturgia que depende de dinâmicas produzidas por aquilo a que podemos chamar de *patrimonialismo familiarista*. Isto é, a autoria da vida pessoal no mundo social subordina-se a uma racionalidade que mistura lógicas familiares e empresariais na criação de estratégias que visam a manutenção de uma posição dominante no espaço social e que revelam uma preocupação central com a reprodução e com a ordem. Estamos perante uma racionalidade que alia vínculos afectivos e familiares com uma racionalidade económica na gestão do património da família, na definição do sentido da vida e dos projectos individuais. Por um lado, trata-se de uma dramaturgia pessoal

socialmente localizada pelo familialismo, na medida em que, parte do princípio que a família funciona como uma unidade básica e fundamental de protecção dos seus membros, ao mesmo tempo que deve ser protegida por eles. Será no interior da família, nomeadamente na figura de um homem (pai, tio ou avô) provedor, que reside a protecção e a segurança dos membros da família. Por outro lado, depende de uma visão patrimonialista, porque é na lógica calculatória da acumulação progressiva do património, nomeadamente económico, que se garante o bem-estar colectivo da família. A família, as relações entre os seus membros ou os projectos individuais de cada um deles, tudo se orienta de acordo com o princípio da acumulação patrimonial e pela aplicação de critérios e princípios empresariais à vida privada.

Os homens clientes cujas trajectórias biográficas e sociais são desta forma guiadas percebem o presente como, fundamentalmente, hetero-estruturado pela força do colectivo familiar mais ou menos alargado, mais ou menos patriarcal (a força do pai, do avô ou tio). Ao contrário do que se poderia supor, o carácter hetero-estruturado da vida não é um exclusivo daqueles que alimentam perspectivas muito reduzidas relativamente a carreiras profissionais, trajectórias de mobilidade social ascendente, ou ganhos evidentes do ponto de vista patrimonial (como é o caso das acompanhantes em sossego desassossegado). Na verdade, verifica-se que a hetero-estruturação da vida acontece a outros que se encontram e posições que lhes transmitem segurança quanto à normalidade dos trajectos que fizeram, que têm de fazer e que farão (Pais, 1996). Neste caso, estamos perante homens clientes de acompanhantes que antecipam e se conformam a cursos de vida que consideram normais e inevitáveis.

Para uns o percurso de vida é desenhado segundo a lei do pai e do avô, determinando o encadeamento dos acontecimentos e a orientação do sentido das suas opções fundamentais (António). A preocupação fundamental centra-se com a construção de um homem à imagem da linhagem masculina da família, garantindo que cumpre as expectativas normativas do que ser-se homem no seio da sua própria família, bem como no contexto de uma comunidade local masculina mais alargada (onde a tasca surge como o lugar principal dessa afirmação pública). Esta lei patriarcal orientadora da vida actua, fundamentalmente, a dois níveis: em primeiro lugar, no que diz respeito à garantia da aquisição, afirmação e explicitação de competências hiper-sexuais; em segundo, assegurando a integração económica-ocupacional bem-sucedida e prestigiante.

As orientações ligadas ao primeiro nível de influência começam a desenhar-se no processo de afastamento da esfera da domesticidade e da área de influência da mãe e das mulheres, quando se é puxado para a esfera de actuação do pai e dos homens, quando se é introduzido num conjunto importante de homossociabilidades familiares e restritas ou públicas e alargadas à comunidade local dos homens. Estes dois tipos de homossociabilidades e de contextos de competição masculina são aspectos fundamentais para a formação da masculinidade e para a manutenção de uma masculinidade adequada e aproximada do arquétipo da masculinidade hegemónica (Almeida, 1995; Bird, 1996; Kimmel, 1996 e 2012; Seidler, 1997 e 2006). Estas homossociabilidades actuaem institucionalizando a segregação dos homens em relação às mulheres, determinando de forma clara o afastamento dos

homens em relação todas as características, comportamentos e atitudes definidoras da feminilidade. Actuam ainda no sentido de suprimirem formas não hegemónicas de masculinidade dos seus quadros de sociabilidade, numa lógica de competição entre os homens (Kimmell, 1996, 2005b). Desta forma, a masculinidade define-se em competição (Kimmell, 2005b) privada, entre os homens da família (sobretudo o pai, o tio e os primos), e pública com os outros homens da tasca (Aboim, 2010a). A competição entre homens segue dois vectores distintos a que correspondem cada um dos tipos de homosociabilidades, familiar ou pública. O primeiro, situado na tasca e nas sociabilidades masculinas alargadas baseia-se no consumo circunstancial de bebidas alcoólicas que acompanha o relato de episódios sexuais vividos, forjando formas narrativas da hiperssexualidade masculina em contraponto a uma objectivação sexual das mulheres (Almeida, 1995). O segundo, vivido entre os homens da família, fundamenta-se na naturalização e na rotinização do recurso à prostituição (de bordel), muitas vezes determinado pelo pai e feito em grupo ou em excursões familiares organizadas a Lisboa. Aqui, em contexto das homosociabilidades familiares, a competição deixa o âmbito narrativo e passa para uma dimensão prática associada ao desempenho e à demonstração de capacidades sexuais.

Uma orientação da vida que depende da afirmação de si num contexto de competição sexual, de objectivação sexual das mulheres e de naturalização do recurso à prostituição, produz uma visão dual da sexualidade enraizada em argumentos do tipo biologicista e funcionalista, que se estende do passado juvenil até à contemporaneidade. De um lado, uma sexualidade pública, comercial, definida por encontros pagos e afastada da intimidade e do sentimento amoroso. Lugar do imediato e da concretização da urgência sexual natural dos homens, lugar de sexo frio e mecânico, executado como se cumpre uma função. Para os homens, a função de confirmação e reafirmação da sua masculinidade e das competências sexuais no contexto de competição entre homens. Para as mulheres prostitutas, fica reservada a função social de fiéis da balança das tensões masculinas, a mulher hiper-erotizada e objectivada como objecto sexual. A esta sexualidade corresponde o arquétipo da mulher pública, da prostituta natural, a mulher devassa incapaz de se comportar segundo a normatividade restritiva da sexualidade feminina adequada. De outro lado, uma sexualidade de carácter privado associada à conjugalidade, ao projecto de paternidade, ao amor e à intimidade. Uma sexualidade prolongada no futuro e rotinizada no quotidiano de uma relação amorosa estável e longa. Uma sexualidade a que corresponde a mulher pura, virginal, deserotizada e objectivada como objecto reprodutor.

Ao nível da integração económica-ocupacional, a preocupação central da família, e do pai enquanto figura decisora e orientadora da estratégia de reprodução social, não se situa tanto na multiplicação do património económico de características rurais, mas antes na conversão desse capital em capital escolar e em prestígio social associado ao exercício de profissões socialmente valorizadas. É neste cenário que António se vê forçado a seguir medicina. Mas, esta opção estratégica de investimento no capital escolar dos filhos numa lógica que os afasta da ruralidade, não pode deixar de ser associada ao momento histórico que se vivia no país aquando da decisão. Descender de uma família latifundiária do Alentejo no início da década 1980 significa viver quotidianamente com a

ressaca de movimentos de transformação social profundos e com as tensões no mundo rural que a reforma agrária provocara (sobretudo entre 1975 e 1976 com ameaças e tentativas de ocupação de terras, tensões com os trabalhadores agrícolas e com as suas formas de organização sindical local). Neste sentido, o investimento no capital escolar e numa profissão afastada da ruralidade, da gestão da propriedade e dos conflitos inerentes, deve ser entendido como um posicionamento estratégico virado para a reconversão radical da fonte de rendimento e riqueza da família. Desta forma, a imposição de uma orientação familiar do futuro traduz-se na linearização da vida, limitando a incerteza que se gerava em torno das tradicionais fontes de riqueza familiar, bem como garantido uma forma tranquila e prestigiante de integração económica-ocupacional.

Para outros, a vida enquanto transição progressiva de diferentes etapas é controlada e dirigida segundo os interesses, os objectivos e as orientações estratégicas de uma visão devedora de uma racionalidade de tipo económico e empresarial aplicada tanto às relações e dinâmicas familiares como aos projectos individuais.

A pertença a uma família (Vítor) ou viver a vida na órbita de protecção de familiares (João) da burguesia industrial ou dos serviços não significa apenas ter à disposição enormes volumes de recursos económicos, implica também uma série de responsabilidades e testes específicos, bem como a pertença a um sistema de relações familiares e interfamiliares que constituem um círculo social definido por uma estreita rede de laços de parentesco, de interesse e de convívio que unem famílias que mutuamente se conhecem e se reconhecem como elementos de um determinado meio ou círculo social fechado (Sedas Nunes, 1968; Pais, 1990 e 1996). Neste contexto, emerge uma orientação precoce da vida que se prolonga duradouramente como matriz de avaliação da acção, verdadeiro sistema de disposições (Bourdieu, 1979) ou repositório de hábitos e disposição para pensar e agir⁶³ (Lahire, 1998). Na construção deste repositório identificam-se duas funções primordiais: primeira, fazer incorporar, desde cedo, a responsabilidade e a necessidade de provar o mérito e de demonstrar capacidade de estar à altura dos patrimónios que lhes estão destinados a herdar. Da incorporação da responsabilidade e da prova permanente do mérito produzem-se percursos escolares e profissionais lineares e progressivos, orientados e condicionados pela família e pelos seus interesses patrimoniais a médio ou longo prazo. No lugar de autores de dramaturgias pessoais, temos actores que seguem um guião predeterminado com escassa margem de manobra: a escolha do tipo de formação superior é definida em estreita articulação funcional com as competências necessárias para o desenvolvimento dos negócios familiares. Da mesma forma, a procura de experiência profissional, período de teste às competências adquiridas e de aquisição de competências e conhecimentos profissionais, antecede o

⁶³ Se este tipo de mecanismos de filtragem social tinham já sido detectados em trabalhos sobre a *jeunesse dorée* (Sedas Nunes, 1968) ou sobre as culturas juvenis (Pais, 1990 e 1996), aquilo que se apresenta de inovador no âmbito desta pesquisa será o facto da sua actuação se estender para lá das fronteiras da juventude, sedimentando-se como um sistema disposicional duramente incorporado mas que não evita uma atitude crítica e/ou a tentativa de sincronização com novas disposições.

ingresso na empresa familiar, lugar onde devem apostar todas as suas competências e saberes, desenvolvendo o negócio e garantindo o bem-estar da família.

O cosmopolitismo não desaparece entre os homens clientes autores das dramaturgias aqui integradas, contudo, serão versões modificadas. Por um lado, encontramos o cosmopolitismo contido por um lógica familiar que se sobrepõe e impede a concretização de sonhos e projectos individuais que passavam pela internacionalização das carreiras profissionais, fazendo da mobilidade internacional uma estratégia de mobilidade social assente na aquisição de recursos e competências de carácter internacional (João). Por outro, identificamos um cosmopolitismo, fundamentalmente, associado ao desenvolvimento de negócios e actividades empresariais em ambientes internacionais (Vítor).

A segunda função primordial trata-se de fazer incorporar os princípios, modelos e normas que permitem distinguir-se e identificar-se como membro, bem como ter a capacidade de análise e percepção de quem pertence ou está excluído no meio restrito (Sedas Nunes, 1968). Em boa parte, esta aprendizagem é feita na prática, através das experiências sociais vividas num círculo social relativamente restrito que alimentam um repositório pessoal (Lahire, 1998), ou impondo-se como sistemas, percebidos como naturais, de apreciação e avaliação (Pais, 1996) que contribuem activamente para a protecção e para o fechamento social para utilizar uma expressão aproximada à de Parkin (1979a, 1979b, 1979c). Uma protecção contra o esbatimento das fronteiras sociais e procurando perpetuar a unidade do círculo social. Neste esquema de fechamento social, o sistema de relações interfamiliares – densa teia de relações de parentesco e convívio que ligam famílias - desempenha uma importante função ao enquadrar os filhos num círculo social delimitado, mas suficientemente amplo para, ao mesmo tempo, lhes evitar a fuga e a construção de relações com o exterior (Sedas Nunes, 1968).

A protecção da unidade do círculo social restrito e o fechamento ao exterior, criando uma clara barreira entre a elite dos incluídos e a massa dos excluídos, tem dois efeitos importantes no âmbito da pesquisa em curso. Por um lado, este quadro de sociabilidades homogéneo constitui-se como um círculo suficientemente amplo para lhes consentir uma margem de liberdade na escolha dos seus afectos e companhias, ao mesmo tempo, que se encontram controlados e vigiados (Sedas Nunes, 1968). Aspectos que se revelam essenciais na manutenção de um contexto particularmente atreito à produção de afinidades electivas (Bourdieu, 1979), que fornecem a ilusão de que a escolha no amor é livre, feita de acordo com projectos individuais de felicidade (Giddens, 1995), quando de facto ela se apresenta socialmente condicionada (Velho, 2002). Assim, mesmo entre os homens mais jovens (João) verifica-se uma situação de sobreposições tolerada entre amor e interesses materiais, que permite a conservação de uma visão do casamento ou de outras formas de conjugalidade enquanto união de famílias, de patrimónios ou de negócios. Persiste o modelo do bom casamento. O mau casamento é devedor de decisões comandadas pelo sentimento amoroso, pelo amor; quando deveria ter sido guiado pela razão e pelo interesse da família. O mau casamento deve ser evitado, e essa orientação está presente, mesmo que não o digam abertamente (Pais, 1996). Por outro, a lógica de fechamento social,

faz das aventuras amorosas e sexuais, experiências controladas vividas no exterior e que aí devem permanecer. São episódios vividos com mulheres excluídas do círculo social restrito, que não só permitem afastar potenciais conflitos internos (Pais, 1996), como também garantem a reprodução da lógica do bom casamento, através da diferenciação clara entre as mulheres respeitáveis pertencentes ao meio e as mulheres das aventuras, que, por definição, se revelam incapazes de cumprirem os preceitos de uma feminilidade sexualmente contida. Os encontros com estas mulheres excluídas, as mulheres das aventuras, tanto podem tomar a forma de paixões fugazes, encontros ocasionais ou o recurso à prostituição e às acompanhantes.

Embora pertençam a gerações diferentes e descendam uns de famílias da burguesia rural (António) e outros da burguesia urbana ligada à indústria e aos serviços (Vítor e João), estes homens têm em comum o sentimento de serem uma espécie de vencidos da vida. Identificam-se duas razões para tal avaliação das dramaturgias pessoais. Porque, ainda que se encontrem em posições na estrutura social que determinem formas privilegiadas de acesso a recursos económicos, sociais e simbólicos relevantes, ou possuam um património relevante do ponto de vista do volume e estrutura dos diferentes capitais. A verdade é que estes seus atributos estruturais não representam tudo aquilo que gostariam de ter realizado para si, muito menos reflectem tudo o que gostariam de ter vivido (António, Vítor). Porque, nalgum momento estes homens percebem que renunciaram às suas aspirações iniciais ou que recusaram cedo de mais as aspirações da juventude. Sempre aspiraram a manter a cultura, as tradições, as maneiras, os hábitos próprios das suas famílias de origem com todos os ganhos materiais e simbólicos que daí advêm. Mas essa aspiração deveria ser concretizada mais tarde na vida, quando fossem adultos ou então a vida adulta deveria ter chegado mais tarde do que realmente apareceu. Como consequência, o tempo de transgressão, geralmente associado à juventude, parece ser forçadamente encurtado e o espaço para a condescendência que lhes foi dado pela família é avaliado como demasiado curto (Pais, 1996).

O sentimento de que se é um vencido da vida resulta de uma e numa avaliação negativa da vida amorosa e sexual (Vítor e João). Uma avaliação que contabiliza este tipo de episódios aventureiros como insuficientes para a afirmação de si enquanto o homem que gostariam de ser. São homens que, precoce ou tardiamente, em determinado momento das suas vidas se julgam numa posição de desadequação no espaço competitivo dos homens por cumprirem insatisfatoriamente com os indicadores da quantidade e da diversidade de experiências e parceiras sexuais. Responsabilizam a orientação da vida determinada pelo patrimonialismo familialista, que hipertrofia o tempo da contenção e da estabilidade e que dilata a importância do controlo, do autodomínio e do sucesso profissional e económico, por este condicionamento na afirmação de uma masculinidade – sexualmente, hiper-sexualmente e heterossexualmente - adequada ao arquétipo da masculinidade hegemónica (Connell, 1995).

Mas, uma dramaturgia que faz do presente um produto hetero-estruturado não se leva à cena sem a expressão de formas de resistência individual enquanto manifestações de libertação de tais

tutelas familiares. Uma dramaturgia pessoal hetero-estruturada baseada na linearização da vida, que faz os acontecimentos surgirem de forma sequencial e progressiva é associada à ideia de envelhecimento e de perda de juventude, torna a manutenção da juventude ou a conservação de algumas das suas faculdades numa luta contra a vida vivida. A emocionalização e aventurização da vida, enquanto tempo alternativo de escapatória da própria vida (Cohen e Taylor, 1998), surge precisamente da recusa do envelhecimento precoce e cruza-se com a busca da juventude perdida (António e Vítor) ou com a vontade de agarrar a juventude ainda insuficientemente vivida (João). Estes homens clientes de prostitutas acompanhantes pretendem recuperar ou prolongar a juventude porque dela têm uma visão como um tempo de aventura, de desresponsabilização, de diversão, de não rotina, de descoberta constante e de liberdade.

Neste esforço de recuperação ou captura do tempo da expressão e da excitação reside a necessidade se fazerem colocar numa rota de convergência com a masculinidade hegemónica, abandonando uma masculinidade sexualmente em perda. Isto é, de cumprirem os imperativos normativos da masculinidade, de consolidarem as suas competências e capacidades sexuais e resolverem o problema de incumprimento dos indicadores da quantidade e diversidade sexual. Assim, as formas de resistência individual passam, fundamentalmente, pela afirmação de um estilo de vida sexual recentemente orientado para o experimentalismo (Vítor e João). São formas de resistência que se definem pela justaposição entre a ética da aventura e a sexualidade enquanto dimensão da vida. A descoberta ou redescoberta destes caminhos significa também a libertação, ou pelo menos a colocação em modo de *stand by*, de tutelas familiares que sempre lhes organizaram a vida. Trata-se de garantir um futuro diferente do presente hetero-estruturado, um futuro que se orienta por uma ética aventura e do experimentalismo de carácter redentor que abre portas à expressão e à fidelidade à autenticidade de si.

Tardiamente, tentam encontrar formas de recuperar os ideais, princípios, ou simples práticas que se viram forçados a abandonar por influência das circunstâncias que se lhes impuseram ou que lhes foram impostas, sobretudo, pela família de origem e por um sistema de controlo interfamiliar. Criam instabilidades nas fronteiras entre o interior e o exterior do círculo social restrito em que sempre viveram, fazendo mulheres tradicionalmente excluídas pertencer à sua vida principal: vivem-se relações amorosas paralelas e a elas se pretende atribuir o estatuto de principais, arriscando a imagem no interior do sistema intrafamiliar e a emergência de conflitos familiares agudos; regressa-se ao contacto com a prostituição por meio do recurso intenso a acompanhantes, retornando à época de iniciação sexual e do experimentalismo inicial inacabado ao mesmo tempo que se pretende escapar de uma conjugalidade entretanto des-erotizada (Vítor).

Para estes, o retorno à prostituição e a descoberta das acompanhantes é adicionado de um vocabulário de motivos ampliado por valores incorporados por uma condição cosmopolita que advém da pertença a uma classe global. Isto é, a uma elite empresarial que faz cruzar negócios cada vez mais transnacionais com a incorporação de um tipo de específico de masculinidade, reorientando aquilo que

é ser-se homem e ganhando a masculinidade um sentido mais transnacional (Connell e Messerschmidt, 2005) Uma masculinidade que vive e ajuda a constituir um ambiente de trabalho profundamente masculinizado, onde as mulheres ocupam na generalidade dos casos posições de subalternidade ligadas a tarefas de apoio (Connell, 1995; Connell e Messerschmidt, 2005) e a formas de trabalho de tipo emocional (Hochschild, 1983). Em contraponto, os homens vivem em ambientes de trabalho marcados pela pressão permanente das decisões, propiciadora de importantes redes que se constituem com outros homens em igual posição e onde se formam vínculos de escrutínio mútuo que se tornam fontes de conservadorismo de género (Connell, 1995). Este cosmopolitismo próximo da versão conservadora reforça, alargando a escala de actuação da tasca para cenários de mobilidade internacional valorizada, formas de afirmação e confirmação da masculinidade por via da visibilização, relato e partilha com outros homens de episódios sexuais em que, frequentemente, as mulheres se limitam ao lugar de objectos sexuais.

Daqui emergem quatro importantes factores adicionais de incentivo ao recurso à prostituição (acompanhantes). Em primeiro lugar, no quotidiano dos negócios a competição entre homens é vivida em simultâneo na esfera económica e sexual, sendo que o sucesso em cada uma delas passa a estar interconectado. A pressão por uma masculinidade sexualmente adequada associa-se à necessidade desse reconhecimento positivo por parte dos parceiros de negócio como base de sucesso económico.

Em segundo, produz-se um fenómeno de naturalização do recurso a acompanhantes, na medida que estas mulheres ganham um estatuto de facilitadoras da articulação das exigências de visibilização do sucesso e da adequação sexual como propulsores do sucesso empresarial. Trata-se de um quotidiano que toma a presença das acompanhantes um acontecimento banal em determinados momentos das sociabilidades negociais. Porque, a disponibilidade sexual (comercial) das acompanhantes faz dos encontros um palco de demonstração da pertença a uma masculinidade sexualmente adequada, sobretudo se estes encontros se dão de forma colectiva em bares, clubes ou bordeis. Mas, também porque para além das suas competências sexuais, as acompanhantes são portadoras de um conjunto de recursos educacionais (capital escolar) e físicos (capital físico: saber estar, falar, escutar, competências linguísticas, formas corporais adequadas ao modelo de beleza, cuidados com o corpo, etc.) que as tornam capazes de desempenhar funções auxiliares nos ambientes que rodeiam a concretização de negócios ou no dia-a-dia da gestão empresarial. Elas tornam-se parte integrante do contingente de mulheres que ocupam, ainda que informalmente, lugares de apoio nas estruturas organizacionais: são prestadoras de serviços emocionais, responsáveis pelo acolhimento e acompanhamento destes empresários viajantes solitários, mas também por momentos celebratórios ou por períodos de descontração do trabalho e da pressão das decisões (Ehrenreich e Hochschild, 2002; Hochschild, 1983; Casaca, 2012).

Vislumbra-se um trilho a seguir no curso desta pesquisa. A forma como o recurso a prostitutas acompanhantes e os encontros sexuais pagos fornece um espaço de retirada do palco social, de queda de máscaras de bastidores da vida, onde estes homens procuram descontrair e encontrar espaço não só

para a exaltação dos seus sucessos, mas sobretudo para a desocultação das suas hesitações e inseguranças. Construção de vínculos de intimidade – o lugar relativamente central que as acompanhantes ocupam entre os membros das suas redes de conhecimentos com quem partilham a vida.

Em terceiro, o recurso a acompanhantes ou a potencial desacreditação social associada à ideia de se ser cliente são facilmente integrados e justificados pela racionalidade que orienta a vida no mundo dos negócios. Estes homens aplicam a si mesmos, aos seus corpos, às suas emoções e à sua sexualidade, os princípios de gestão que fazem funcionar os ambientes organizacionais que lideram. Gerem as suas vidas como gerem os seus negócios e as suas finanças (Connell, 1995), desta forma, situam o recurso às acompanhantes e os encontros sexuais pagos na esfera comum a qualquer tipo de transacção comercial organizada segundo princípios mercadológicos: por um lado, os encontros sexuais pagos mais não serão do que acordos estabelecidos de livre vontade entre a oferta de serviços sexuais por parte de mulheres e a procura de encontros sexuais por homens. Por outro, estes momentos são percebidos como uma forma de sexo recreacional, um tipo de sexualidade paga elitista e distintiva, uma forma de consumo apenas ao alcance de alguns homens.

Daqui derivam duas pistas de investigação. Uma relacionada com o problema da igualdade ou das desigualdades, ou de forma mais genérica com o problema das relações de poder, no quadro interaccional dos encontros prostitucionais. Na medida em que, tal visão mercadológica parece assentar sobre pressupostos teóricos e ideológicos do contratualismo - da liberdade e da igualdade nas transacções de tipo comercial – o que é fortemente questionado (Pateman, 1988). Outra, em torno da possibilidade de construção de vínculos de intimidade específica nos encontros prostitucionais entre clientes e acompanhantes. O encaixe do recurso à prostituição na racionalidade de tipo económico deixar antever que, para estes homens, a conjugação entre determinadas formas de intimidade física e sexual e os interesses materiais não só é possível e não problemática como também se apresenta como um jogo que define e circunscreve determinados vínculos de intimidade (Zelizer, 2002 e 2005; Illouz, 1997).

Quarto factor, as rotas de mobilidade transnacional em que se integram estes homens correspondem a rotas equivalentes percorridas por muitas mulheres acompanhantes. Tal como esta forma actualizada e globalizada de masculinidade está associada aos negócios cada vez mais transnacionais onde homens circulam sozinhos por diferentes cidades, países ou continentes (Connell, 1998 e 2012; Connell e Messerschmidt, 2005). Também a indústria do sexo e especificamente o serviço prostitucional fornecido pelas acompanhantes se internacionaliza e globaliza, encontrando-se mulheres inscritas em fluxos migratórios em diferentes direcções (Agustín, 2005b, 2006 e 2007). Tal mobilidade não só homogeneiza e padroniza a actividade, os modelos corporais, as regras, as restrições e as condições, como também facilita a identificação de mulheres prostitutas acompanhantes independentes ou trabalhando por conta de outrem qualquer que seja o destino das viagens destes homens.

O recurso a prostitutas acompanhantes torna-se o mecanismo de eleição para quem tem como preocupação primordial encontrar um quadro de intensificação da vida que, ao mesmo tempo, permita: (i) acumular episódios para memória biográfica futura; (ii) contribuir para a resolução de uma sucessão de problemas que constituem uma visão de si como homem em perda; (iii) a coexistência entre multiplicação de experiências e parceiras sexuais e a estabilização emocional através da consolidação de uma relação amorosa (João). Neste último quadro, o recurso às acompanhantes é situado por uma nova série de motivos que se encontram distantes da visão des-erotizada das parceiras amorosas com quem vivem relações que se baseiam na busca de prazer e numa sexualidade plástica (Giddens, 1995). São motivos que pretendem justificar o carácter inesperado e problemático do recurso às acompanhantes num quadro de socialização que, para além da internalização de mecanismos práticos de delimitação, controlo e redução das experiências e aventuras sexuais à exterioridade de círculo social relativamente restrito, inclui também a preocupação no sentido da incorporação da evitação do recurso à prostituição. Isto é, assenta num quadro moral e ideológico mais vasto que desvaloriza uma masculinidade assente no recurso ao sexo pago, considerando-o uma forma extrema de dominação, exploração e violência sobre as mulheres (João).

Em primeiro lugar, estes homens tendem a amplificar o carácter recreacional dos encontros erótico-sexuais com as acompanhantes em detrimento da sua dimensão comercial, resignificando o recurso a este tipo de prostituição como um tipo específico de encontros sexuais ocasionais. Isto implica que às mulheres acompanhantes sejam reconhecidos recursos e atributos que vão para lá das competências sexuais e do corpo sexualmente valorizado. Um conjunto de recursos que as tornam próximas destes homens, implicando enredar a actividade prostitucional numa ética partilhada por uns e outras: intensificação da vida, experimentalismo e aventurização. Em segundo, tal como já vimos no caso de outras dramaturgias pessoais no masculino, o recurso a acompanhantes surge num momento específico de inflexão biográfica, ajudando a fazer o luto do final inesperado de uma relação amorosa passada e funcionando como meio de recuperação do tempo e das experiências perdidas durante uma relação marcada pela fidelidade sexual. Em terceiro, os encontros sucessivos com acompanhantes autorizam a aceleração do processo de sedução ao mesmo tempo que garantem o seu sucesso e colocam entre parênteses a insegurança quanto às competências de sedução que deriva da possibilidade de rejeição inerente aos processos de sedução convencionais. Em quarto, as acompanhantes permitem multiplicar o número de episódios sexuais aventureiros, garantindo melhores prestações nos indicadores de quantidade e diversidade sexual num curto espaço de tempo, bem como criam as condições de treino, teste e confirmação das competências sexuais necessárias à afirmação da pertença a um lugar entre as formas de masculinidade mais valorizadas. Em quinto lugar, os sucessivos encontros com acompanhantes formam um campo de treino sexual que se afigura importante para a afirmação das suas competências no quadro das relações amorosas, forma de garantia adicional do cumprimento do imperativo do prazer ou o imperativo do bom sexo (Jackson e Scott, 2004 e 2010) que organizam a vida íntima e sexual.

Mas, o sentimento de ser vencido da vida não tem, obrigatoriamente, de derivar da contenção sexual forçada por uma força disciplinadora familiar. Pelo contrário, para alguns homens clientes a família surge como fonte de incentivo à multiplicação permanente de experiências sexuais e para a construção de si à imagem do homem (hetero)sexualmente hiperactivo (António). O sentimento de frustração pessoal deriva do cansaço de se viver enredado por uma dominação masculina que os domina (Bourdieu, 1999), decorre da permanente ansiedade do cumprimento de exigências da masculinidade que se revelam sistematicamente por cumprir ou inalcançáveis (Almeida, 1995). Neste contexto biográfico, a redenção pessoal passa pela possibilidade de expressão da autenticidade de si e pela libertação de tutelas familiares duradouras. De forma concreta, a redenção pessoal associa-se à emancipação em relação a uma concepção hetero-determinada da sexualidade enquanto esfera de afirmação primordial da masculinidade e como reduto principal de dominação e poder.

A luta pela redefinição da vida passa pelo recurso à prostituição e pela forma como as acompanhantes entram em cena. Porque, o tabuleiro do jogo sexual e social da prostituição não é imune ao confronto entre, por um lado, uma matriz duradouramente incorporada que faz da sexualidade um reduto de dominação e poder e, por outro, uma visão que progressivamente se instala e orienta a vida baseada na ideia da sexualidade como um espaço de liberdade e de igualdade.

Se à partida, o recurso à prostituição não se revela particularmente problemático, encaixando numa visão dual da sexualidade e surgindo nesta dramaturgia pessoal em linha com uma postura conservadora do duplo padrão sexual reprodutor de assimetrias profundas entre homens e mulheres. Duplo padrão que remete as mulheres para o lugar da contenção sexual, da passividade e do recato e que assenta num quadro de um ordenamento de género (Connell, 1987) estruturado por meio de uma desigual atribuição de valor aos homens e às mulheres (Beauvoir, 2015; Héritier, 1998; Irigaray, 1985), através da conjugação de uma masculinidade hegemónica e de uma feminilidade enfatizada (Connell, 1987 e 1995), ou de acordo com a economia simbólica masculina (Bourdieu, 1999). Se, se torna particularmente improvável o abandono do recurso à prostituição por parte destes homens, na medida em que a prostituição se apresenta como campo fundamental de prova da masculinidade, permitindo levar à cena performances (hetero)sexuais que se constituem como trunfo na produção de prestígio e honra no sistema de competição masculino (Kimmel, 2005a e 2005b; Sacramento, 2006; Schneider, 1971).

A surpresa reside no facto de na aparente ritualidade e repetição do recurso à prostituição se descobrirem espaços de resistência. A sucessão dos encontros prostitucionais e a experiência acumulada nesta forma de sexualidade permitem a produção de discursos e práticas contra-hegemónicas (Sacramento, 2006), ainda que estes sejam produtos vividos em segredo e mantidos longe do olhar dos outros.

Do ponto de vista discursivo, estes homens reproduzem discursos do pensamento feminista de inspiração materialista, o que é revelador do carácter reflexivo das sociedades contemporâneas e de como os produtos conhecimento são apropriados pelos actores da realidade; bem como os homens

apesar de excluídos como objectos de pesquisa sobre a prostituição incorporam, reagem e se defendem das representações que deles vão sendo feitas. Estes homens entendem o engajamento na sexualidade paga como uma forma prática de exercício de poder que se processa a duas dimensões interconectadas: reconhecem a possibilidade de exploração das mulheres assente na posse assimétrica de recursos, nomeadamente económicos, que determinam um acesso facilitado aos corpos e à sexualidade das mulheres. Por outro, percebem-se produtores, ainda que involuntários, da objectivação sexual das mulheres prostitutas. De forma sintética, e de um ponto de vista genérico, estes homens não deixam de imaginar que às posições relativas de penetrador e penetrado correspondem respectivamente a posse e a destituição de recursos económicos, ou que à posição de pagador/credor e a de devedor.

No que respeita às práticas e à interacção sexual no quadro prostitucional, a resistência ao quadro normativo da masculinidade hegemónica (Connell, 1995) reside, desde logo, na descoberta acidental das prostitutas acompanhantes e na reconversão do tipo de recurso à prostituição, isto é, na passagem da frequência habitual dos bordéis para a marcação de encontros regulares com prostitutas acompanhantes. O carácter às acompanhantes reside na descoberta de uma sexualidade comercial que se afasta daquilo que sempre vivera e fora instruído a viver. Os encontros sexuais pagos com as acompanhantes permitem concretizar o desejo de ultrapassar guiões sexuais funcionais, frios, mecânicos, orientados por um prazer onanista (Oliveira, 2004) ou autocentrado (Macleod, 1982) em que o encadeamento dos acontecimentos é previsível e corresponde às exigências normativas da masculinidade – mais do que ser guiado pela busca do prazer e da excitação dos encontros erótico-sexuais típicas das visões recreacionais e plásticas da sexualidade (Richardson, 2000a; Giddens, 1995),

Os encontros com acompanhantes, revelam mulheres que se afirmam como cidadãs sexuais (Richardson, 2000b e 2017; Weeks, 2007), e um quadro social e da sexualidade mais vasto que se define por fortes tendências em direcção a uma progressiva igualdade entre homens e mulheres na experimentação da sexualidade. No lugar da mulher prostituta como objecto sexual, estes homens encontram uma mulher que se hiper-erotiza enquanto empreendedora sexual (Harvey e Gill, 2011) enquanto mulher-indivíduo (Torres, 2001) detentora de subjectividade sexual, logo, capaz de expressar e concretizar os seus desejos sexuais. Tornando o processo de interacção sexual, a vivência e construção de guiões sexuais interpessoais (Simon e Gagnon, 1986 e 1999) um processo tendencialmente igualitário, de facto, o encontro prostitucional deixa de ser entre um sujeito e um objecto sexual, passando a ser entre dois sujeitos sexuais. As acompanhantes vêm permitir a retirada do palco social e sexual em que se está em permanente performance da masculinidade e de desempenho sexual. Rompe com um palco onde, ao contrário das teorias interaccionistas simbólicas (Goffman, 1983 e 1993) não existem bastidores, espaço de resguardo, espaço de relaxamento ou afrouxamento em relação ao cumprimento virilidade, potência, competência, força, energia, controlo, actividade, orientação e definição do que acontece na interacção sexual

Finalmente, os encontros com as acompanhantes determinam a constituição de um tempo e de um espaço de abertura e partilha de si. Um espaço de bastidores da vida quotidiana (Goffman, 1993) onde passa a ser permitido aos homens o relaxamento em relação às exigências que sobre si pendem enquanto homens no quadro competitivo das masculinidades. O encontro com mulheres que se assumem como empreendedoras sexuais (Harvey e Gill, 2011) no quadro de encontros sexuais comerciais permite aliviar a pressão e as responsabilidades em torno do sucesso sexual do encontro.

Por tudo isto, a reconversão do tipo de recurso à prostituição e a rotinização do recurso às acompanhantes, revela-se uma forma prática de rompimento com uma matriz de percepção, avaliação e acção que actua também no lado exterior das fronteiras da prostituição, noutros quadros de interacção sexual. Isto é, o tabuleiro da sexualidade paga e a forma como estes homens nele se vão posicionando significa a actualização de um reportório disposicional (Lahire, 1998, 2005), um processo permanente de reconstrução reflexiva de um guião sexual intrapsíquico (Simon e Gagnon, 1986 e 1999), que obriga à sincronização entre velhas disposição para agir e novas disposições para crer. No jogo interaccional com as prostitutas acompanhantes recupera-se a frustração inerente ao desfasamento entre aquilo que se idealiza e os instrumentos de que se dispõe para a sua concretização.

Não tendo sido socializados no quadro de igualdade, estes são homens que ambicionam viver a sexualidade como um campo de igualdade definido por experiências sexuais cuja concretização não estivesse dependente de vincadas clivagens sociais.

As acompanhantes significam a possibilidade de aprendizagem formas de sexualidade igualitária e incorporação da necessidade de desconstruírem, noutros palcos sexuais, uma visão da sexualidade como exercício de poder. Seja no contexto da sexualidade conjugal, onde sempre se sentiram a carregar, muitas vezes penosamente, o lugar activo e a responsabilidade pelo sucesso do encontro sexual a mulher da passividade, o penetrador e a penetrada (Bozon, 1999 e 2004) – objectivação da mulher enquanto ser reprodutor. Seja no âmbito dos casos fortuitos que acontecem como resultado de formas específicas de erotização dos ambientes de trabalho e das relações profissionais. Tabuleiro social e sexual onde se jogam dois jogos de poder em simultâneo. Em primeiro lugar, trata-se de uma forma mais ou menos institucionalizada de assédio sexual no seio da organização hospitalar, que tem como alvo as jovens médicas em período de estágio. Episódios de assédio que encerram em si mesmo uma profunda desigualdade e apenas se tornam possíveis pelo exercício de poder de homens médicos com estatuto e reconhecimento profissional têm sobre os futuros profissionais de jovens médicas em fase final de formação. De forma breve, o assédio faz corresponder às posições relativas de posse e destituição de poder no contexto das relações sexuais concretizadas nas figuras do penetrador e do penetrado (Bozon, 1999) posições relativas de chefia e subordinação em contexto profissional. Em segundo lugar, a participação nestes esquemas de assédio sexual, forma um quadro específico de competição e de jogos de poder entre homens, onde se misturam competições pelo prestígio profissional com o reconhecimento de si enquanto homens sexualmente adequados: por um lado, a participação nos esquemas de assédio está vedada a portadores

de determinado estatuto, prestígio e recursos profissionais; por outro lado, estes recursos profissionais são retroactivamente valorizados pelo engajamento nas práticas de assédio.

O vocabulário dos motivos (Mills, 1940) para o início, manutenção, reconversão ou retorno à prostituição, é situado numa gramática da resistência a uma vida hetero-estruturada, avaliada como desinteressante e desencantada (sem histórias nem encantos). O recurso a prostitutas acompanhantes representa uma forma de ruptura parcial e temporária com essa linearidade da vida. Uma ruptura que por ser circunscrita no tempo, delimitada no espaço em que acontece e controlada pelo carácter comercial dos vínculos parece incapaz de colocar em causa a estabilidade da vida que se vive. Os momentos vividos com as acompanhantes representam uma ruptura porque com elas entram numa realidade erótica e sexual (Weitman, 1999; Coelho, 2009b) definida pela aparente radicalidade (forma de sexualidade marginal, secreta, hiper-erotizada, tempo de concretização de fantasias e imaginários). Será uma ruptura circunscrita no tempo, porque acontece em determinados tempos do quotidiano afastados da rotina não se confundindo com o tempo da estabilização e do controlo, dedicado à consolidação de segurança emocional. Pelo contrário, encontra-se circunscrita ao tempo da aventura e da experimentação. É uma ruptura delimitada no espaço, não confundindo aquilo que se passa num encontro prostitucional com outros contextos da vida quotidiana. Aspecto fundamental para a manutenção das fronteiras entre exterior e interior de um círculo social restrito e evitar acusações, tensões e conflitos internos, não coloca em risco uma visão dual da sexualidade, embora lhe traga novos contornos, no fundo, permite a manutenção do segredo. O carácter controlado do recurso às acompanhantes revela-se fundamental na gestão de um tipo particular de risco, estes homens colocam entre parênteses o risco de rejeição, o risco de confronto com o fracasso das suas estratégias de sedução e conquista sexual, evitam o risco de associarem a uma avaliação negativa dos seus percursos sexuais aventureiros o insucesso – o enquadramento comercial dos encontros sexuais com as acompanhantes é uma aposta segura e controlada. Acesso a encontros sexuais bem sucedidos com mulheres com corpos altamente valorizados - eventualmente consideradas inacessíveis à partida.

João

“Eu estive muitos anos de relações cortadas com o meu pai... mesmo a sério, não nos falávamos. Corte total! (...) É engraçado só reatei a relação com o meu pai em 2004, lembro-me perfeitamente, foi o ano do Euro e foi por causa disso que voltámos a falar (...) voltámos ao futebol, ao novo estádio da Luz, fomos ver Portugal... não foi uma coisa fácil, não sabia o que lhe dizer e tinha sensação que tinha tanta coisa entalada, mas tanta, tanta! Ainda hoje quando estou com ele ou falo com ele a conversa é sempre a ferros... não há confiança, nem cumplicidade... tu podes compreender mas perdoar acho que não (...) não há aquela coisa pai-filho... olha, falta aquilo quando sentia quando era miúdo e íamos à bola (...) Ele tinha todo o direito de se separar da minha mãe e de ir viver com outra mulher e ter filhos e isso tudo, agora não tinha era o direito de fazer as coisas como fez! Saiu de casa e não disse palavra a mim e ao meu irmão... depois é que percebi que o silêncio tinha a ver com a nova mulher dele, que era namorada na altura, ele saiu de casa e foi viver com ela (...) estava apaixonado e cagou nos filhos! Pelo menos sempre senti isso. (...) Depois vieram problemas graves, porque ele não contribuía com nada para ajudar a minha mãe que tinha ficado comigo e com meu irmão e ainda tinha a casa e todas essas despesas... Nessa altura é que o meu tio e a minha tia foram impecáveis, a minha mãe estava de rastos com todas as coisas do divórcio, não tinha as mínimas condições para tratar de nós, o meu pai ainda por cima não dava dinheiro nenhum, aquilo estava a ficar um bocadinho bera (...) passávamos todos muito tempo em casa dos meus tios, era a grande casa da família! (...) eles foram e são impecáveis!”

“(...) quando entrei na faculdade basicamente fui viver para casa deles [tios]. Eu vivia com a minha mãe e o meu irmão em Oeiras... estar todos os dias no Técnico às 8h era duro! Os meus tios basicamente mandaram-me ir viver com eles em Lisboa (...) esses tempos foram muito importantes (...) acho que fui influenciado muito pelo meu tio, pela minha tia e pelo meu primo mais velho... a minha prima é da minha idade sempre foi mais a companheira das asneiradas [risos] (...) o meu tio traçou-me o futuro, sentava-se tantas, mas tantas vezes comigo na sala a conversar sobre o que eu devia fazer, que devia ser aplicado na faculdade, o que gostaria que eu fizesse no futuro... nessas conversas fazíamos juntos planos para mim (...) queres que eu seja sincero? No fundo, acho que isso me condicionou, porque eu dou muita importância ao que o meu tio me diz, às conversas com ele, é uma cena muito emocional, não consigo contrariá-lo... devo-lhe tudo... mas isso condicionou-me...ehhhh... sei lá podia estar lá fora a trabalhar, ter

uma experiência internacional. Mas não, fiz o percurso que meu tio me aconselhou. Acabei o curso, fui trabalhar para ganhar experiência e depois... pimba... trabalhar para o tio na empresa dele [risos]! Ele é que ficou a ganhar tem uma pessoa da família, uma pessoa de confiança a trabalhar com ele, ainda por cima já tinha ganho experiência profissional e trazia know how de outros lados (...) A empresa é de média dimensão, mas é uma empresa familiar e o meu tio e o meu primo querem que continue assim, por isso sempre me envolveram muito nas coisas da empresa, desde os tempos em que vivi em casa deles (...) O meu tio sempre esteve próximo de mim, do meu sucesso na escola, do que eu queria fazer... o curso que eu tirei também foi uma decisão em que ele esteve envolvido...ehhh... esse tipo de coisas (...) A empresa é o centro, a toda a família gira à sua volta... e a família até dá jeito porque fornece mão de obra [risos]!”

“Eu não vivo com ela [namorada]. Bem, não é bem assim... estou a ser confuso, vou começar outra vez... Eu tenho a minha casa, mas ainda não vivemos juntos, ela passa uns dias da semana em minha casa, sobretudo ao fim-de-semana. É engraçado, ela como é arquitecta foi das pessoas que ajudou a escolher a casa e depois a arranjá-la e decorá-la... e foi nessa altura que começámos a andar. Mas ainda não vivemos juntos a tempo inteiro, todos os dias (...) acho que isto serve de teste, como uma forma de habituação para quando vivermos juntos não termos aquele choque tão brutal com os hábitos do outro (...) Ela é uma das melhores amigas da minha prima, eu sempre fui muito próximo da minha prima e temos muitos amigos comuns, por isso, acabou por ser uma coisa muito natural ter começado a namorar com ela (...) temos muita coisa em comum, gostos, amigos e já vivemos muita coisa juntos mesmo antes de sermos namorados (...) Acho que até podemos ter muitas namoradas e muitas aventuras com miúdas diferentes, mas quando as coisas começam a ficar sérias é diferente. É sempre bom que seja com uma rapariga que tenha a ver connosco que seja próxima de nós, que não seja de outro mundo e tenha valores completamente diferentes (...) A família dela é amiga dos meus tios, conhecem-se desde sempre (...) Eu gosto muito dela, adoro-a, mas sei lá, se um dia tivéssemos de acabar isso ia ser uma coisa muito complicada de gerir com os meus tios e com os pais dela, já para não falar com a minha prima. Mas com os meus tios e com os pais dela ia ser uma coisa mais complicada, eles são amigos desde sempre, o meu tio tem negócios com o pai dela (...) às vezes sinto-me um bocado pressionado pela minha família para casarmos e ela também, é o que toda a gente espera de nós, para as nossas famílias nós somos o casal perfeito, o matching perfeito... a união das famílias, aquela coisa de serem amigos, sócios nos negócios e agora a possibilidade de serem família! Às vezes passo-me, mas não lhes digo nada. Metem-se demais! Mais do que a minha mãe ou o meu irmão, parece que estão a controlar tudo para ver se a relação dá certo, se está tudo bem, sempre muito preocupados, quando é que casamos... isso irrita-me! A vida é minha! Há momentos em que parece que deixo de ter vida própria, eu sei que é um exagero e sei que devo muito aos meus tios, mas às vezes sinto isso. Trabalho na empresa do meu tio, namoro com a amiga de infância da minha prima (...) parece que a minha família controla a minha vida, parece que têm um controlo remoto e eu só faço o que eles querem [risos] (...) Para eles, a minha mãe também acha mas não faz tanta pressão, nós somos o matching perfeito! Eu também acho que somos o matching perfeito, mas é por outras razões [risos].”

“Uma das razões porque eu ainda vivo sozinho é porque posso estar á vontade, estás a perceber?! Nos dias em que ela [namorada] não vai lá dormir estou solteiro... isso é ótimo, dá para estar á vontade com os amigos, e dá para ter os meus encontros [com acompanhantes] á vontade.”

“Já depois de estar namorar tive um flirt, uma coisa ocasional mas intensa... de alta voltagem mesmo [risos]! Uma miúda que conheci no Lux, uma amiga de uns amigos... conversa, mais conversa, mais uns copos, o flirt normal destas ocasiões, mais uns encontros assim sem nada acontecer... e pimba! É daquelas coisas que não se pode dizer não (...) claro que a minha namorada nem sonha, nem pode!”

Capítulo 5 | NA CAMA COM...

Temos vindo a perceber que a sexualidade é uma dimensão da vida que mulheres (acompanhantes) e homens (clientes) não negligenciam e que ocupa um lugar de destaque na construção dos seus projectos individuais, sendo mesmo em muito casos um dos mais importantes filtros de avaliação do grau de sucesso na concretização dos seus projectos individuais. Isto é, será através das experiências sexuais que avaliam o grau de cumprimento de expectativas estabelecidas consigo mesmos. De forma simples, quando a experiência da sexualidade não consegue produzir o reconhecimento suficiente, quando não produz uma confirmação bem sucedida da identidade de género, homens e mulheres, clientes e acompanhantes, ficam numa situação de fragilidade, apresentando-se no campo das masculinidades e feminilidades como homens e mulheres em perda. Pelo contrário, quando o sexo é bem-sucedido confirma o estatuto de homem (ou de mulher), gerando orgulho nas suas competências sexuais (Kimmel, 2000 e 2005a; Kimmel e Plante, 2005).

Percebemos, também, que a prostituição entra a na vida de algumas mulheres como solução de crises cíclicas que colocam em risco a subsistência ou como forma alternativa de alcançarem integração económico-profissional. Vimos que se enquadra em modos de vida que produzem sentido pela ‘emocionalização’ e ‘aventurização’ da vida, dando-lhe conteúdos, preenchendo-a de histórias para contar.

No plano teórico e conceptual interessa-nos a montagem de um quadro que permita interpretar os principais contextos e processos que marcam a forma como é vivida e experimentada a sexualidade em contexto prostitucional. Isto é, analisar e interpretar o que acontece, porque acontece, como acontece e que significados se produzem e atribuem ao que se experimenta no jogo interaccional sexual entre prostitutas acompanhantes e homens clientes. Deste modo, o esforço centra-se na produção de uma análise e teorização da prostituição como lugar de produção de uma sexualidade (paga) enquanto espaço interaccional, onde se negociam acções possíveis e interditos, articulando guiões sexuais culturais, intrapsíquicos e interpessoais (Simon e Gagnon, 1986 e 1999; Laumann et al, 1994; Laumann e Gagnon, 1995, Simon, 1996), isto é, uma sexualidade definida em torno de fórmulas interaccionalmente negociadas de organização sexual (Jackson e Scott, 2010). Este posicionamento teórico-analítico permite distinguir no contexto da sexualidade prostitucional o agente individual, a situação interaccional, a ordem sociocultural de enquadramento (Gagnon, 2004). Com a virtualidade de enquadrar a sexualidade (paga) numa série de regras e valores que orientam o comportamento que evita o esquecimento de que existe uma relação entre aquilo que acontece no mundo social mais abrangente e aquilo que se passa na cama (Kimmel, 2005a).

De forma mais concreta e operacional, neste capítulo procurar-se-á dar conta de três objectivos substantivos.

Primeiro, avaliar o grau de convergência e correspondência entre, por um lado, as masculinidades e feminilidades produzidas na interacção sexual entre acompanhantes e clientes e, por outro, as formas de masculinidade e feminilidade dominantes ou adequadas. Tal exercício analítico não se faz sem se responder a dois pontos essenciais: (i) entender de que forma sexo e género se intersectam, se constituem e suportam mutuamente, implicando explicar o género como força orientadora da sexualidade de homens e mulheres e de que modo a prostituição contribui para a problematização ou desproblematização do sexo na definição do que é ser-se homem ou mulher. (ii) Confrontar as masculinidades e as feminilidades interaccionalmente encenadas e produzidas na sexualidade paga com o quadro ideológico que congrega expectativas ideais sobre o modelo de ser homem ou de ser-se mulher.

Neste primeiro objectivo importa, por um lado, perceber explicar em que medida a sexualidade paga reproduz, confirma ou, pelo contrário, desalinha ou revela ansiedades e incertezas face ao arquétipo das masculinidade hegemónica (Connell, 1995) enquanto referência da qualificação e ordenação/hierarquização social do comportamento de todos os homens (Aboim, 2010a; Kaufman, 1987; Seidler, 1994; Gilmore, 1990; Connell, 1995; Kimmel, 2012; Viveros, 1998; Valdés & Olavarría, 1998), ou como ‘modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador’ (Almeida, 1995: 17). Por outro, explicar de que forma a inscrição destas mulheres na actividade prostitucional contribui para a reprodução de uma forma enfatizada de feminilidade (Connell, 1987) cujos desejos e vontades se orientam de acordo com uma economia simbólica masculina e sublinha uma sexualidade feminina desprovida da sua própria linguagem (Holland et al, 1990 e 1994), ou em contrapartida, de que modo a sua inscrição neste tipo de prostituição se revela uma base de reivindicação de uma nova feminilidade provocadora (Coelho, 2009b; Jackson e Scott, 2004) e sexualmente empreendedora (Harvey e Gill, 2011).

O segundo objectivo centra-se na desocultação dos planos que as pessoas têm nas suas cabeças para aquilo que estão a fazer e para o que desejam vir a fazer, bem como funcionam como mecanismos de percepção sobre experiências passadas (Gagnon e Simon, 1973). A questão que se coloca é a de que forma a prostituição autoriza ou inviabiliza a produção de consistência interna entre fantasias sexuais de si (Kimmel, 2000, 2005a; Kimmel e Plante, 2005), fantasias sexuais, exigências e expectativas normativas de género sobre a sexualidade, crenças sobre como actuar sexualmente, ideais de actividade sexual, por um lado, e a posse dos meios concretos e objectivos para concretizar o imaginado, por outro.

No terceiro o foco está no entendimento de como se inscreve o recurso à prostituição ou a entrada na actividade prostitucional como acompanhante num contexto de alargada sexualização da

cultura (Attwood, 2006 e 2009; Plummer, 1997) e de eventual expansão da hiper-sexualidade e ruptura de duplo padrão moral na organização da sexualidade.

5.1 | Género e o estatuto problemático do sexo para homens e mulheres

Se a sexualidade é socialmente construída (Simon e Gagnon, 1986 e 1999; Jackson e Scott, 2010; Weeks, 1985, 1995 e 2007), o seu principal eixo de organização será o género (Kimmel, 2005^a; Kimmel e Plante, 2005; Weeks, 2007). É através da experiência da masculinidade ou feminilidade que os homens e as mulheres, clientes e acompanhantes, se conhecem e constroem enquanto seres sexuais (Kimmel, 2005a). Neste sentido, a sexualidade, os comportamentos sexuais ou os modelos gerais de organização e significação da sexualidade funcionam como uma confirmação da identidade de género (Kimmel, 2005a). De forma resumida, a relação entre sexo e género é mutuamente reforçadora: a sexualidade é construída tendo em consideração normatividades de género; o género é confirmado através do comportamento sexual (Kimmel, 2005; Kimmel e Plante, 2005).

Mas, o sexo assume um estatuto simultaneamente central e problemático na vida dos homens e das mulheres. Se os homens (clientes) são reféns de um sistema ideológico que imagina o o sexo como um instrumento clarificador da masculinidade e do cumprimento dos seu requisitos normativos (Aboim, 2010a; Kimmel, 1996, 2005b e 2012), ao mesmo tempo que ficam aprisionados e pressionados por um modelo de masculinidade que hipertrofia a sexualidade enquanto dimensão constitutiva daquilo que é ser-se homem. Por seu turno, as mulheres (acompanhantes) ficam aprisionadas a um modelo de feminilidade que prescreve a hipotrofia da sexualidade feminina, ficando limitadas por uma estrutura ideológica e por uma organização normativa do género que implica uma sexualidade invível, silenciosa, passiva e receptora. Isto é, o sexo é problemático para elas, pela persistência do controlo e da hipotrofia da sexualidade que torna inexistente uma linguagem do prazer e do desejo sexual feminino (Holland et al., 1998).

Sexo, masculinidade e o horizonte inalcançável de todos os homens

O que significa ser-se homem, nunca terá sido uma questão de fácil resposta (Aboim, 2010a; Kimmel, 1996 e 2012; Seidler, 1989, 1994, 1997 e 2006; Connell, 1995, 1998 e 2012; Connell e Messerschmidt, 2005) e existirá um grau de elevado de incerteza acerca do que significa ser-se homem, ou melhor sobre o que os outros esperam que um homem seja e sobre aquilo que os próprios imaginam que um homem deva ser (Seidler, 1997 e 2006). Precisamos de, em primeira instância, definir dimensões fundamentais da masculinidade, porque só por meio deste exercício poderemos situar a centralidade da sexualidade no quadro ideológico e normativo que define o que é ser-se homem. Em segunda instância, temos que especificar de que forma a masculinidade se expressa

através da sexualidade, ou como a sexualidade é uma dimensão simultaneamente constitutiva performativa da identidade de género (Butler, 1990 e 2004).

Tal como todos os outros homens, os clientes deste tipo de prostituição vivem sob o signo das expectativas de um modelo pelo qual procuram orientar a sua masculinidade e que serve de referência na qualificação e ordenação/hierarquização social do comportamento de todos os homens (Kaufman, 1987; Seidler, 1994; Gilmore, 1990; Connell, 1995; Kimmel, 2012; Viveros, 1998; Valdés & Olavarría, 1998). Num plano muito genérico, o arquétipo da masculinidade hegemónica que serve de referência para o que é ser-se um verdadeiro homem (Connell, 1995) desenha um homem com poder, no poder, de poder, um homem forte, bem-sucedido, confiante, confiável em controlo de si, dos outros e da situação (Kimmel, 1996, 2005b e 2012). Num plano mais concreto, este modelo dominante constitui-se através de uma imagem relativamente bem definida (Connell, 1995; Kimmel, 1996 e 2005b) projectada sobre diferentes cenários de integração social.

A masculinidade é medida pelo sucesso e pelo estatuto no mundo real (Kimmel, 1996), pela capacidade demonstrada de se ser autor do mundo social, pela posse dos recursos necessários a uma afirmação como produtores de sociedade. No contexto de sociedades do conhecimento, este é um homem detentor de elevados recursos escolares, com educação superior (Goffman, 1988). Mas, sobretudo, o sucesso no mundo real avalia-se pela afirmação da capacidade produtiva, tendo em conta a integração económico-profissional, aqui a referência é a imagem de um homem cuja integração no sistema produtivo e económico é marcada pelo sucesso profissional indexado àquilo que se ganha, ao rendimento obtido (Connell, 1995; Connell e Messerschmidt, 2005). O poder, a força e o controlo exigidos ao homem materializam-se num corpo atlético e jovem, numa imagem marcada pela boa aparência física e pela boa compleição física (Connell, 1995; Goffman, 1993). No contexto amoroso trata-se de um homem com sucesso amoroso e conjugal, capaz de concretizar o projecto de paternidade (Seidler, 2006).

Tradicionalmente, a sexualidade ocupa uma posição simultaneamente prática e clarificadora da masculinidade, permitindo evitar riscos e incertezas através da orientação dos esforços no sentido da concretização e consolidação do arquétipo da masculinidade e da imagem do homem cuja sexualidade heterossexual é vivida sob o signo da intensidade que permite a constante prova das suas competências (Aboim, 2010a; Connell, 1987 e 1995; Kimmel, 2005a e 2005b). Precisamente, porque a sexualidade desempenha uma função clarificadora e desconstrutora de incertezas relativamente à masculinidade, os homens têm muito em jogo quando entram num encontro sexual (Kimmel, 2005a e 2005b). De outra forma, é aqui que radica o estatuto problemático do sexo para os homens.

A centralidade e o estatuto problemático do sexo para os homens deve-se ao facto de entre a ideia do que é ser-se homem e a sexualidade se estabelecer uma relação mutuamente constitutiva. A socialização homosocial masculina ensina os homens que a sexualidade é o terreno que fornece uma identidade de género adequada, o terreno onde se pode semear e colher uma masculinidade aproximada do modelo hegemónico (Aboim, 2010a; Connell, 1995; Kimmel, 1996, 2005b e 2012;

Seidler, 1989, 1994, 1997 e 2006). Ou seja, se quisermos seguir um terminologia realista (Bashkar,) e pensarmos a sexualidade como uma realidade estratificada, encontramos um primeiro instante em que as estruturas actuam sobre os indivíduos e sua capacidade de acção. Momento em que o género e a sua organização normativa precedem a acção e agência sexual, será através do entendimento da masculinidade que é orientada e construída a sexualidade, porque a socialização masculina fornece os guiões que os homens irão colocar em marcha, com ligeiras modificações individuais, fundando desta forma a sua actividade sexual (Kimmel, 2005a e 2005b; Kimmel e Plante, 2005). Num segundo momento, será através da sexualidade que se confirma o sucesso da construção dessa identidade de género. A sexualidade será o lugar da encenação da masculinidade, o contexto interaccional que permite não só a expressão da masculinidade e das suas características fundamentais ou hegemónicas (Kimmel 2005a; Seidler, 1994, 1997 e 2006), mas também a ratificação e consolidação da identidade de género como uma actuação, desempenho ou performance (Butler, 1990 e 2004).

Esta relação mutuamente constitutiva entre género enquanto estrutura social e sexualidade esfera da vida quotidiana de que os indivíduos se assumem autores e actores, está desde logo patente na ideia de ser-se homem depende de um acto inaugural associado à iniciação sexual, ganhando a primeira experiência sexual heterossexual o estatuto de ritual de passagem para o estatuto de homem pleno (Connell, 1995).

A prostituição e as mulheres prostitutas desempenham, para alguns destes homens, um papel central nesse marcador biográfico; será através do recurso à prostituições que vivem, entre alguma estranheza, emoção, confusão, a entrada definitiva no quadros das homossociabilidades competitivas que estruturam o espaço desigual das masculinidades (Zé Pedro, Vítor, Hélder, Ricardo). Mas, para a maioria dos homens clientes seguindo uma tendência mais generalizada das sociedades contemporâneas, a prostituição perde esse lugar chave na iniciação sexual e as suas primeiras experiências ocorrem enquadradas por relações afectivas, sejam elas amorosas ou de amizade.

Mas, o carácter problemático do sexo não se limita a um momento fundador da masculinidade, pelo contrário, a relação mutuamente constitutiva entre masculinidade e sexualidade é permanente. Porque, a masculinidade nunca está assegurada e precisa permanentemente de ser provada, por isso, os homens permanecem em vigilância sobre si próprios (Seidler, 1989, 1994, 1997 e 2006). Ou melhor, a masculinidade é um teste permanente através do qual os homens tentam provar a outros homens, às mulheres, e a si próprios, que foram bem-sucedidos nessa tarefa continua que é ser-se homem (Kimmel, 1996, 2005b e 2012). A sexualidade é, portanto, palco de permanente performance, manifestação, consolidação, negociação ou recomposição, da masculinidade. É lugar de manifestação porque através da interacção sexual, do que a imediatamente precede e do que lhe sucede, os valores e as normas orientadores do que é ser-se homem ganham visibilidade.

Assim, o estatuto problemático do sexo para estes homens eterniza-se. Verifica-se que vivem sob influência do paradoxo da masculinidade (Bourdieu, 1999), encontrando-se, muitas vezes, sob o estatuto de reféns das expectativas sociais exageradas e ilusórias, praticamente inalcançáveis, em torno

do poder e domínio que devem caracterizar o papel dos homens (Kaufman, 1995; Kimmel, 2005b e 2012; Almeida, 1995). Situação que os obriga, por um lado, a aplicarem sobre si próprios formas de autovigilância que permitam evitar ou minorar os efeitos da incapacidade de corresponder positivamente a todas as exigências e expectativas. Por outro lado, o “ideal impossível de virilidade” torna-se “o princípio de uma imensa vulnerabilidade” (Bourdieu, 1999: 43), por que tais incumprimentos e incapacidades são sancionados com uma avaliação como homem incompleto e inferior (Goffman, 1988; Connell, 1995; Kimmel, 2005b).

Neste cenário, a sexualidade é activada não só como elemento clarificador e desconstrutor de incertezas através da hiper-sexualização de si, mas também como véu que oculta, máscara, disfarça e permite esquecer vulnerabilidades masculinas. Oculta a incapacidade de corresponder às expectativas de uma vida amorosa preenchida, bem sucedida, estabilizada numa forma de conjugalidade e que se torna contexto de consolidação da masculinidade por via da paternidade (Jorge, André, Manuel, Miguel). Máscara percursos escolares de insucesso, bem como o insucesso na integração económico-profissional e a consequente remissão para o lugar das masculinidades marginalizadas (Connell, 1995), pela sua posição no espaço desigual das classes, pelo acesso limitado a prestígio social e ao sucesso económico (Hélder). Disfarça a frustração com o grau de sucesso económico-profissional, sobretudo, tendo como referência o sucesso de outros próximos e íntimos (mulheres, companheiras), agudiza o sentimento de se fazer parte de uma masculinidade em perda ou em falha (Frederico). Permite, ainda, esquecer um corpo dissonante do corpo atlético e forte do arquétipo da masculinidade hegemónica, seja pela doença que deforma o corpo desde a infância ou pelas fragilidades causadas por uma vida de adição (Ricardo), seja pelo volume corporal (Luís), ou ainda pelo processo de envelhecimento (António, Vítor).

Verifica-se que os homens clientes encontram duas respostas diferentes ao estatuto problemático do sexo nas suas vidas e à ansiedade gerada pelo modelo culturalmente dominante virtualmente inalcançável. De forma breve, trata-se de dois tipos de masculinidade, um tende a seguir de perto o modelo hegemónico, apresentando princípios de organização da sexualidade orientados pela hipercorreção às prescrições normativas da masculinidade hegemónica; outro, tende a afastar-se sempre que pode do modelo inalcançável do que é ser-se homem e da sexualidade masculina.

Masculinidade hegemónica desgostosamente incompleta

Neste momento importa salientar três aspectos centrais. Em primeiro lugar, a redobrada importância atribuída à sexualidade na definição da masculinidade traduz-se na agudização do carácter problemático do sexo para os homens, implicando a adopção de um modelo geral de organização e significação da sexualidade que controle e vigie a sexualidade no sentido da hipercorreção no cumprimento das expectativas sexuais masculinas. Em segundo, importa perceber que um modelo baseado nesta forma de hipercorreção sexual masculina não é um exclusivo de homens em perda.

Nele também se inscrevem homens que aparentemente ocupam posições seguras no campo das masculinidades, homens bem posicionados no espaço de distribuição desigual de recursos, oportunidades e prestígio. Para eles, a hipertrofia da sexualidade no processo de constituição e consolidação da masculinidade surge na exacta medida em que as outras dimensões se encontram garantidas e em que as suas principais inseguranças e incertezas derivam da permanente autovigilância sobre a sua sexualidade, das expectativas que subsistem por alcançar, da persistente insatisfação com o alcançado na vida sexual e da exigência constante de ganharem vantagens competitivas no quadro da hierarquização masculina. Em terceiro lugar, importa perceber que à hipertrofia da sexualidade conjugada com uma avaliação como homem incompleto corresponde um modelo de organização geral da sexualidade baseado nos princípios do controlo e da restrição sexual que dá palco à performance constitutiva de uma *masculinidade hegemónica desgostosamente incompleta*.

Sendo atribuído à sexualidade um lugar central na constituição da masculinidade, estes homens vêm-se na contingência de aprofundar os processos de autovigilância no sentido de garantirem um cumprimento hipercorrecto e exagerado daquelas expectativas, porque do lado do seu incumprimento se encontra o abismo da desacreditação homosocial. Mas, de que forma a identidade de género que luta incessantemente por alcançar o modelo da masculinidade hegemónica pode ser performativamente confirmada na sexualidade? Que meios têm estes homens à sua disposição para avaliarem o seu desempenho sexual enquanto homens?

Às expectativas genéricas e ainda um pouco abstractas sobre o que ser-se homem e como se deve ser homem na e pela sexualidade, a organização normativa da masculinidade faz corresponder quatro imperativos fundamentais, pontos-chave de um guião sexual cultural (Simon e Gagnon, 1986 e 1999) com importantes implicações na sexualidade masculina (Almeida, 1995; Kimmel, 2000, 2005a e 2005b): (i) o imperativo da heterossexualidade; (ii) o imperativo da diversidade sexual; (iii) o imperativo do homem activo; (iii); finalmente, (iv) o imperativo da razão e do controlo.

A hiperssexualidade ou o *imperativo da diversidade sexual* responde à imagem do homem com poder sexual, detentor de recursos e capacidades sexuais que o tornam irresistível. A masculinidade tradicional será atingida por desempenhos que pretendem obter a aprovação de outros homens, parte importante dessa aprovação depende da conquista sexual das mulheres (Connell, 1987 e 1995; Kimmel, 1994). Assim, as mulheres são utilizadas como indicadores do cumprimento dos preceitos normativos da masculinidade, e são fundamentais na conquista de honorabilidade e estatuto no espaço hierarquizado das masculinidades (Kimmel, 2005a; 2005b). Neste sentido, a tarefa contínua de ser-se homem exige um esforço de autovigilância permanente e de auto-exigência crescente em torno da sexualidade vivida, nomeadamente nos indicadores objectivos de conquista sexual das mulheres (Kimmel, 2000 e 2005a, Kimmel e Plante, 2005). Às mulheres fica destinado o estatuto de indicador de sucesso sexual ou de mulheres-troféu. A conquista sexual das mulheres é percebida como indicador objectivo, um troféu, que os homens usam para melhorar o seu estatuto no quadro

competitivo e hierarquizante das masculinidades: quanto mais conquistas acumularem mais próximos ficam de uma forma hegemónica de masculinidade (Connell, 1987 e 1995, Kimmel, 1994).

A sexualidade como exercício de poder ou o *imperativo do homem activo* corresponde ao arquétipo do homem no poder, único responsável pelos acontecimentos que ocorrem na interacção sexual e pelo sucesso do encontro. A masculinidade afirma-se pelo distanciamento em relação ao feminino, pelo que não pode permitir comportamentos que se aproximem ou se assemelhem a comportamentos femininos. Verifica-se que numa lógica que reproduz em grande parte as produções psicanalíticas de Freud (2000), a passividade sexual é completamente proibida aos homens clientes que organizam a sua sexualidade de acordo com este modelo: ao homem o lugar da actividade, o activo, o penetrador; à mulher o lugar da passividade, a passiva, a penetrada (Bozon, 1999 e 2004). A sexualidade revela-se um palco de poder e as relações sexuais são também relações sociais entre indivíduos que ocupam posições desiguais (Bozon, 1999 e 2004). Isto é, a interacção sexual não se dá entre iguais, mas entre indivíduos com estatutos diferentes e capacidades de determinação da realidade distintas. Os homens enquanto os produtores do que se passa no encontro sexual e as mulheres enquanto receptoras ou como vigilantes do que se passa (Bozon, 1999; Kimmel, 2005a; Kimmel e Plante, 2005).

Masculinidade afastada das emoções ou o *imperativo da razão e do controlo*, vai ao encontro da imagem do homem em controlo de si, dos outros e da situação. A masculinidade por contraposição à feminilidade, determina que ser homem será o oposto de ser mulher. Por isso, estes homens afastam-se do reduto das emoções, do corpo, da natureza, da subjectividade e do descontrolo e pretendem aproximar-se do universo da razão, da objectividade e do controlo (Seidler, 1997 e 2006). O afastamento em relação ao universo das emoções e em relação ao corpo e a criação de um vínculo estrutural à racionalidade, à objectividade, à frieza, faz com que a sexualidade também se torne racionalizada e fria (Seidler, 1997 e 2006). O desfasamento em relação ao corpo e às emoções torna-se particularmente paradoxal na esfera da sexualidade. Torna-se difícil gerir as emoções que estão em jogo na atracção física e sexual, na construção do desejo e das fantasias sexuais. Desta forma, os homens encontram-se em constante luta interna entre a natureza pulsional da sexualidade que precisa de ser satisfeita e a necessidade de manter o controlo sobre si, da situação e dos outros (Seidler, 1997 e 2006).

A masculinidade define-se pela negação da homossexualidade ou pelo *imperativo da heterossexualidade*. No lado de lá da masculinidade hipersexual e heterossexual, que faz das mulheres troféu, radica uma tática que tem como objectivo colocar à distância não só as mulheres ou as emoções, mas também formas de masculinidade subalternizadas (homossexuais), permitindo a afirmação de uma masculinidade em contraposição (Kimmel, 1994). A dicotomia heterossexual/homossexual revela-se um eixo estratificador central em torno do qual se classificaram os diferentes tipos de homens e que orienta o comportamento sexual. Assim, não será de estranhar que entre estes homens clientes, o medo de ser percebido como homossexual ou como um homem

diminuído resulte em performances exageradas, em formas de hipercorreção (hetero)sexual na tentativa de cumprirem as expectativas da masculinidade hegemónica. Porque, a afirmação altamente sexualizada dos homens se afigura como uma resposta ou uma consequência imediata da noção da masculinidade como homofobia (Pleck, 1995).

Estes homens percebem a sua sexualidade de forma dual: por um lado, aquela que vivem em contexto, privado, conjugal e sob o signo do vínculo amoroso. Uma sexualidade que não coloca em causa as noções de respeitabilidade e honorabilidade feminina dependentes da contenção sexual. Mas, que deserotiza as companheiras e parceiras amorosas. Por outro, uma sexualidade extra-ordinária que foge a essa rotina conjugal e que se vive com mulheres que escapam às regras da respeitabilidade e honorabilidade feminina, mulheres com quem é permitido experimentar outras formas de sexo. Para outros, no lugar de uma sexualidade cindida, temos uma visão exclusivista da sexualidade: apenas concebem e conseguem encontros de carácter erótico e sexual em contexto comercial – a sua sexualidade é apenas encenada nesse quadro interaccional comercial – demonstrando insuficiências em torno das competências da sedução e conquista sexual das mulheres, marcadores importantes da sexualidade masculina e da produção de uma imagem de acordo com a desejada masculinidade hegemónica.

Masculinidade cirurgicamente desalinhada

Torna-se ainda relevante não esquecer que a masculinidade é, não só um espaço estruturado e marcado por dinâmicas competitivas homosociais, mas também um espaço plural, onde podem coexistir diferentes masculinidades (Connell, 1995; Pleck, 1995; Aboim, 2010a; Almeida, 1995; Amâncio, 2004). A definição cultural dominante do que é ser-se homem, a masculinidade hegemónica (Connell, 1995) enquanto ideal normativo dominante, funciona como critério de mensurabilidade a partir do qual se qualificam as outras masculinidades. Se todos os homens são afectados pelo modelo cultural da masculinidade hegemónica que os condiciona e domina (Almeida, 1995; Bourdieu, 1999), também se verifica que entre os clientes deste tipo de prostituição esta pressão não acontece sem que haja formas individuais de resistência, pequenos momentos de fuga ao modelo sem que ele deixe de ser a referência primordial sobre o que é ser homem.

Num contexto onde parece ter deixado de existir certos e errados ontológicos na sexualidade (Richardson, 2000a, 2000b, 2007 e 2017; Weeks, 2007) e onde a sexualidade ocupa uma posição simultaneamente prática e clarificadora da masculinidade, permitindo evitar riscos e incertezas e confirmando rotas de aproximação aos ideais sexuais da masculinidade hegemónica, os homens clientes encontram um modelo de organização e significação da sexualidade baseado na expressão e experimentação igualitária da sexualidade, a que corresponde de forma genérica uma forma de masculinidade desalinhada, ou melhor, uma *masculinidade cirurgicamente desalinhada*.

A conjugação da cumplicidade face ao modelo hegemónico de masculinidade com pontos de desalinhamento face ao quadro ideológico masculino é responsável por um jogo de alternância entre modernidade e tradicionalismo ou entre mudança e conservação.

A natureza cúmplice desta masculinidade deriva não apenas da associação a atitudes de acomodação aos benefícios do sistema de dominação masculina (Connell, 1987 e 1995), mas também se deve à manutenção de alguns valores centrais do modelo da masculinidade hegemónica como referências centrais na definição do que ser-se sexualmente homem: (i) para estes homens a sexualidade não deixa de estar num plano central na definição e confirmação permanente da masculinidade, palco onde se procura capitalizar honra e prestígio no espaço competitivo e desigual das homosociabilidades. Tal como entre formas de masculinidade mais fiéis ao modelo hegemónico, a autovigilância produz a hipertrofia da sexualidade, fazendo emergir inseguranças, incertezas e insatisfação com o alcançado na vida sexual. (ii) Submetem-se e são controlados pelo imperativo da diversidade sexual, pela imagem do homem com poder sexual detentor de recursos e capacidades sexuais que o tornam irresistível. Isto é, para estes homens que recorrem a acompanhantes a quantidade e a diversidade de experiências sexuais e as mulheres conquistadas não deixam de ser um indicadores objectivos do sucesso alcançado enquanto homem. (iii) Finalmente, estes homens também respondem positivamente ao imperativo da heterossexualidade, sendo homens através da negação da homossexualidade.

Contudo, entre estes homens verifica-se a existência de uma importante margem de manobra para a introdução de variações individuais, formas de resistência ou inovação no quadro das masculinidades. Assim, o desalinhamento com o arquétipo da masculinidade produz-se e torna-se inteligível a partir de rupturas operadas com outros imperativos sexuais determinados pela organização normativa da masculinidade tradicional.

Apesar do carácter omercial dos encontros prostitucionais, apesar da força do dinheiro, os homens que se orientam segundo uma *masculinidade cirurgicamente desalinhada* recusam a sexualidade como exercício de poder ou o imperativo do homem activo (e a passividade da mulher). No lugar do arquétipo do homem no poder, único responsável pelos acontecimentos que ocorrem na interacção sexual e pelo sucesso do encontro ou único produtor do que se passa no encontro sexual; no lugar da mulher passiva e receptora (Bozon, 1999; Kimmel, 2005a), no lugar da subalternização social e sexual das mulheres; aqui encontramos uma visão dos homens e das mulheres como cidadãos sexuais, uns e outras como autores da realidade social sexual. A cidadania sexual, enquanto forma de autodeterminação sexual, (Weeks, 2007) implica a igualdade de mulheres e homens expressarem e experimentarem a sua sexualidade; definirem e concretizarem os seus desejos e vontades (Weeks, 2007; Jackson e Scott, 2010); assumirem a sexualidade e o corpo como parte integrante dos seus projectos individuais, fazendo do corpo e da sexualidade objectos de intervenção reflexiva (Crossley, 2001 e 2006; Giddens, 1995 e 2001; Merleau-Ponty, 2003; Weeks, 1995 e 2007). Neste sentido, estamos perante uma masculinidade que depende menos de um exercício de poder, da subalternização

da mulher na esfera da sexualidade, passando pela construção e consolidação de quadros interaccionais tendencialmente igualitários.

Não rejeitando por completo ou em todos os momentos o imperativo do controlo e o vínculo fundamental com a racionalidade, não deixa de ser uma masculinidade que desafia os parâmetros da masculinidade dominantes, nomeadamente, aqueles que determinariam aos homens um afastamento radical do universo das emoções (Seidler, 1989, 1994, 1997 e 2006). Esta masculinidade desalinhada desloca-se em direcção às emoções, aos detalhes, à intimidade, ao cuidado com o outro, aspectos tradicionalmente femininos. Esta masculinidade desalinhada acaba, deste modo, por prescrever o imperativo das emoções como orientador da sexualidade masculina, transformando os encontros sexuais num meio de encontrar os outros e novos quadros relacionais desconhecidos com quem se podem estabelecer vínculos específicos de intimidade e afecto.

O estatuto problemático do sexo para as mulheres

As acompanhantes como todas as outras mulheres foram educadas e socializadas por múltiplos contextos sociais, incorporando guiões sexuais culturais (Simon e Gagnon, 1986 e 1999) que as orientam no sentido de evitarem a demonstração de excessiva de actividade sexual. A transgressão de tal regra representa a transgressão da feminilidade (Kimmel, 2005^a; Kimmel e Plante, 2005), a transgressão de uma forma de feminilidade enfatizada (Connell, 1987 e 1995) que se conforma e adequa a uma economia simbólica masculina (Bourdieu, 1999), significa a transgressão do imperativo da pudicitia que recomenda a modéstia, a virtude sexual, a castidade e o recato na aparência e nos actos a todas as mulheres que não desejem a descrédibilização social, o estigma, a acusação de falta de honorabilidade (Dixon, 2011), condicionando-a na capacidade de imaginação e expressão dos desejos (Holland, 1990 e 1994).

Desta forma, os encontros íntimos, corporais e potencialmente eróticos são problemáticos para as mulheres caso se desenrolem fora de um conjunto de contextos restrito. As mulheres encontram-se em situação de particular fragilidade quando os seus parceiros sexuais surgem desvinculados de quadros de relacionamento afectivo e amoroso. Fora destas fronteiras as mulheres arriscam acusações de imoralidade, arriscando desacreditação social implícita àquelas que não cumprem com o preceito clássico da pudicitia (Dixon, 2011). Por seu lado, os homens com o mesmo tipo de rotação de parceiras sexuais não estão sujeitos a este tipo de avaliação desvalorizante (Bozon, 2004).

Para as mulheres acompanhantes, o estatuto problemático do sexo agudiza-se pela tensão aparentemente insanável entre, por um lado, a preocupação com a manutenção de uma respeitabilidade sexual feminina apropriada (Skeggs, 1997) que, simultaneamente, evite a acusação, a perda de honorabilidade e o estigma de puta (Pheterson, 1996) e as faça corresponder à imagem da good girl, mulher virtuosa e casta. E, por outro, a sexualidade que as mulheres acompanhantes vivem, dentro e fora do contexto prostitucional, que as aproxima da impudicitia e as afasta da pudicitia. São mulheres

que pela actividade prostitucional, muitas vezes associada a uma vida amorosa intensificada por sucessivas aventuras e pela manutenção de relações amorosas paralelas, arriscam a difamação e a acusação, porque conhecem múltiplos parceiros e quebram a lógica e o preceito do casal (Nicole, Bárbara, Victória).

Verifica-se que as mulheres acompanhantes encontram duas respostas diferentes ao estatuto problemático do sexo nas suas vidas. Uma rejeitam a dinâmica de poder e desigualdade que se inscreve na reprodução do duplo padrão sexual que continua a limitar as escolhas sexuais das mulheres e a estigmatizar aquelas que recusam viver de acordo com a sua normatividade castradora (Sheff, 2005). Uma rejeição que não revela apenas uma atitude pragmática ou uma forma de racionalização automática daquilo que faz, mas que se inscreve na emergência de uma *feminilidade provocadora*, sexualmente empreendedora a que corresponde o modelo da expressão e experimentação sexual que aplicam aos contextos de sexualidade paga e não paga (Nicole, Victória, Bárbara, Joana). Aqui podemos localizar as mulheres que se assumem como produtoras de mudança na esfera da sexualidade (paga). Outras, pelo contrário, parecem mais expostas à incorporação de uma estrutura ideológica da sua sexualidade que se revela mais controladora e limitadora do que potenciadora da experimentação sexual. Entre este segundo grupo de mulheres acompanhantes encontramos a consolidação de uma *feminilidade desgostosamente desalinhada* da feminilidade enfatizada. Isto é, uma feminilidade que se conjuga com o modelo do controlo e da restrição sexual (Isabel, Catarina, Clara), e a uma visão da sexualidade como dimensão da vida hetero-estruturada.

Feminilidade desgostosamente desalinhada

A feminilidade desgostosamente desalinhada é protagonizada por mulheres acompanhantes que lutam pelo desempenho de uma feminilidade culturalmente sancionada que se associa à noção de feminilidade enfatizada. Desejariam cumprir uma normatividade de género que sublinha a aceitação da ligação directa e restritiva das mulheres com os domínios do privado, da domesticidade e do quarto (Connell, 1987). Esforçam-se na manutenção de uma feminilidade formada pela aceitação da subordinação e orientada para a acomodação aos interesses e desejos dos homens (Connell, 1987), reproduzindo uma economia simbólica masculina (Bourdieu, 1999). Esta acomodação tem consequências importantes na forma de viverem a sexualidade.

Em primeiro lugar, estamos perante mulheres que vivem angustiadas pelo incumprimento do duplo padrão moral penalizador das mulheres (Heilborn, 1999) a que actividade de acompanhante as obriga. Vivem desgostosas pelo incumprimento da virtude sexual associada à subtracção e à invisibilidade sexual e a uma visão que enquadra de forma restrita o sexo em contextos relacionais, amorosos e íntimos. Para estas mulheres acompanhantes, a pluralidade de parceiros sexuais, bem como os contextos em que os encontros sexuais acontecem desvinculados de relações amorosas

convencionais e num quadro comercial que mistura sexo com dinheiro transforma-os em transgressões graves aos guiões sexuais culturais (Simon e Gagnon, 1986 e 1999; Jackson e Scott, 2010).

O lugar problemático da sexualidade na vida das mulheres é colocado entre parênteses através da cisão da sua própria sexualidade: por um lado, a sexualidade pública, profissional, comercial, paga e afastada dos vínculos da intimidade e do amor. Por outro, uma sexualidade ideal e desejada, privada, que depende do vínculo entre amor e sexo. A esta cisão corresponde a incorporação de uma organização hierárquica das mulheres que as divide entre as ilegítimas porque devassas e as legítimas porque castas. Viver uma sexualidade cindida corresponde, genericamente, a uma identidade também ela dividida que permite esconder e ocultar o carácter público e comercial da sua sexualidade (Coelho, 2009a), gerindo o risco de descrédito social e de estigmatização (Goffman, 1988)) por aquilo que fazem e conseguindo minorar os efeitos (potenciais) de uma desigualdade existencial (Therborn, 2006). Estas mulheres acompanhantes não rompem com a muralha ideológica e conceptual da prostituição imaginada nem com a noção de feminilidade enfatizada, conformam-se e preferem com elas jogar um jogo das escondidas.

Feminilidade provocadora

Outras mulheres acompanhantes percebem-se como mulheres provocadoras, como agentes de transformação, como mulheres vanguardistas que pelo seu comportamento sexual desafiam aquilo que delas seria expectável (Coelho, 2009a). Aqui situamos mulheres (acompanhantes) que, pela vida sexual que vivem dentro e fora da prostituição, antes e depois de terem iniciado a actividade de acompanhante, são autoras de uma feminilidade radical e disruptiva. São autoras de uma feminilidade que quebra os espartilhos morais em torno de uma forma enfatizada de feminilidade e de uma sexualidade contida e subtraída. Trata-se de uma feminilidade que se afirma pela contestação prática ao duplo padrão sexual que lhes condicionaria a experimentação da sexualidade. São mulheres que assumem uma luta pelo reconhecimento social e pela superação de potenciais desigualdades existenciais (Therborn, 2006), produto de ordenamentos de género tradicionais e de uma muralha representacional e ideológica em torno dos vocabulários e imagens da prostituição imaginada.

As mulheres acompanhantes não são, necessariamente, diferentes das outras mulheres do seu tempo. Por isso, são agentes activos da reconstrução da tradicional visão da sexualidade feminina enquanto passiva e receptiva, reivindicando maior liberdade e um controlo mais individualizado da sexualidade, inscrevendo-a em processos mais complexos da construção de projectos individuais (Giddens, 2001). Reclamam a sua subjectividade e agência sexual (Weeks, 2007; Richardson, 2000a, 2000b e 2017), o seu direito ao prazer (Kimmel, 2005a; Kimmle e Plante, 2005), inscrevendo-os na luta pela cidadania sexual (Weeks, 2007; Richardson, 2000b e 2017). A cidadania sexual representa a substituição do duplo padrão sexual por um plano de igualdade, representa a ruptura com o sistema cultural tradicional que remetia a sexualidade feminina para o espaço do controlo e da restrição. Uma

igualdade que se conquista, sobretudo, através da passagem da mulher-indivíduo (Torres, 2001) da esfera pública, onde ganhou estatuto de autora da realidade social, para o domínio da sexualidade, oferecendo às mulheres o poder de definição da sua sexualidade e dos seus próprios desejos. A afirmação de uma feminilidade que se constitui através da luta por uma cidadania sexual permite uma nova presença social às acompanhantes, tornando-as habitantes da nova política de intimidade e do dia-a-dia (Weeks, 2007). Isto é, abre portas a um novo enquadramento da prostituição, a uma visão radical e empoderada das prostitutas em clara ruptura com a muralha ideológica e representacional que constitui a prostituição imaginada dominante e tradicional.

Nicole

“O sexo é muito importante. Dá power...Dá muito power e sentimos isso! (...) Acho que tem a ver com uma postura na vida e uma ideia não conservadora e despreconceituosa do sexo (...) durante muito tempo isso era apenas uma idealização, um desejo remoto que criei desde a adolescência... o desejo de experimentar uma vida intensa (...) Muito mais tarde é que fui viver esses desejos e fantasias de adolescente e porque era mais velha as coisas foram mais intensas (...) queria experimentar estar com outros homens, com homens diferentes, não tinha de ficar com a uma vida confinada a apenas um homem! Porque é que haveria de ser assim?! Queria olhar para trás e ver que tinha vivido uma vida cheia... fui à procura disso. Fui à procura disso nos namoros paralelos e na vida como acompanhante (...) Permitiu-me ter experiências diferentes, aventuras (...) Concretizei todas essas experiências (...) Descobri muito acerca de mim, acerca dos homens e acerca do sexo (...) só tive de deixar de me controlar, de me comportar segundo o padrão (...) homens e as mulheres são educados de forma diferente em tudo e especialmente no sexo... existe esse constrangimento. Mas eu passo por cima dele (...) só tive de começar entrar nos jogos de flirt e aceitar os convites dos homens que me rodeavam, foi quebrar as barreiras morais que durante muito tempo me fizeram recusar essas oportunidades e deixar de olhar para o lado quando via um homem que me atraía (...) depois parece que quanto mais fazes mais oportunidades tens de fazer, quanto mais casos tens mais novos aparecem, quanto mais sexo mais sexo (...) as fantasias descontrolam-se! (...) dos flirts passei para acompanhante, acho que na altura pareceu um passo natural, mais uma etapa.”

Embora as noções de empreendedorismo sexual (Harvey e Gill, 2011), a cidadania sexual (Weeks, 2007), ou ainda subjectividade sexual (Gill, 2003), permitam a emergência de uma sexualidade feminina conhecedora e desejante. A verdade é que essa nova feminilidade implica, num segundo momento, a transformação das mulheres em sujeitos que se tornam quase exclusivamente sexuais: em máquinas desejantes, altamente sexualizada, erotizadas e possuidoras de inúmeras capacidades e competências sexuais. Isto é, estas mulheres (acompanhantes) conhecem novos problemas que derivam de um processo de hipertrofia acelerada da sexualidade. Na verdade, uma nova feminilidade provocadora (Coelho, 2009b), sexualmente empreendedora (Harvey e Gill, 2011) ou ‘out and proud’ (Jackson e Scott, 2004), não será apenas um campo de novas possibilidades e liberdades, um espaço de afirmação de um estilo de vida reflexivamente concebido (Weeks, 1995), nem mesmo apenas espaço de reivindicação de uma cidadania sexual (Weeks, 2007; Richardson, 2000b e 2017). Esta nova feminilidade é também terreno de ansiedades e incertezas onde persiste o carácter problemático do sexo para as mulheres. Se, por um lado, os ideais de auto-expressão sexual transformam a velha dicotomia que separa as mulheres entre puras e devassas, ao mesmo tempo diminuíram as margens entre os excesso e o defeito, entre o ser demasiado sexual e não ser suficientemente sexual, produzindo um cenário ainda mais escorregadio e problemático para as mulheres experimentarem e viverem a sexualidade (Jackson and Scott, 2004).

De forma mais concreta, a hipertrofia acelerada da importância da sexualidade na definição do que ser-se mulher faz da beleza, da capacidade de atracção e do desempenho sexual, simultaneamente, projectos sempre incompletos e dimensões fundamentais da organização normativa desta forma de

feminilidade. Assim, as mulheres (acompanhantes) vêm-se na contingência de responder positivamente a dois imperativos normativos que orientam a sexualidade feminina no sentido da aproximação dos parâmetros da sexualidade masculina (Kimmel, 2005a; Kimmel e Plante, 2005).

Em primeiro lugar, estas mulheres vêm-se na contingência de responder positivamente ao imperativo da erotização de si e da produção de uma imagem sexualmente apelativa. Este imperativo corresponde à ideia de uma mulher com poder sexual e detentora de recursos e capacidades sexuais que a tornam irresistível. Assim, esta feminilidade constitui-se por meio da activação e do domínio de *tecnologias sexy* (Radner, 1999), que permitem não só às mulheres a posse de um corpo sexy enquanto factor chave para a identidade feminina (Gill, 2007), como também determinam a incorporação do uso disciplinado de maquilhagem, vestuário, exercício físico, ou mesmo a cirurgia estética, autorizando um sempre difícil ajuste entre uma imagem sexualmente apelativa mas não demasiado explicita (Coelho, 2009b; Jackson e Scott, 2004) Tais tecnologias podem ser entendidas como uma forma particular de uma tecnologia do self (Foucault, 1988). Isto é, as tecnologias sexy são recursos e mecanismos que permitem às mulheres acompanhantes activamente procurarem cumprir com as mais recentes representações e imagens das mulheres que proliferam na esfera pública ao mesmo tempo que desconstróem uma moralidade sexual que lhes prescrevia o lugar da subtracção e da invisibilidade sexual.

A imagem que estas mulheres acompanhantes pretendem produzir para si será a da mulher que cumulativamente se apresenta como bomba sexual, sexualmente activa, desejante, assumindo a iniciativa sexual. Será a imagem da mulher poderosa mas que não deixa de ser feminina, a mulher sexualmente empoderada que não teme erotizar o seu corpo, nem activar ou investir abertamente no seu capital erótico (Hakim, 2011), ou na dimensão erótica do seu capital físico. São mulheres que se apresentam com uma imagem erotizada e sexualizada através do soutien push-up, de roupas de designers ou através dos seus sapatos de salto alto. Os sapatos de salto alto, dizem-nos as revistas de moda, são emblemáticos de uma feminilidade confiante e poderosa (Jackson e Scott, 2004).

Em segundo lugar, encontramos o imperativo da actividade sexual, medida pelo número de experiências, parceiros, mas também pelas competências, disponibilidade, desinibição, iniciativa e poder de determinação dos acontecimentos na interacção sexual. Ao imperativo da actividade sexual corresponde a noção da mulher no poder, isto é, da mulher como responsável pelos acontecimentos que ocorrem na interacção sexual e pelo sucesso do encontro. A rejeição da passividade sexual e do lugar de mera receptora das actividades sexuais dos homens coloca estas mulheres acompanhantes perante uma agência sexual obrigatória. Elas convivem com a constante exortação para viverem uma vida cheia de emoções e aventuras sexuais. A subjectividade sexual feminina requer ser-se altamente sexualizada e a assunção de uma postura de permanente sexualização de si, de abertura permanente à experimentação e à intensificação da sexualidade. A recusa a pertencer a tal processo de intensificação, será a aceitação de uma feminilidade marcada pelo controlo, pelo conservadorismo e a recusa da modernidade. Esta nova feminilidade é constantemente incitada a ser sexy e a estar

sexualmente disponível a qualquer instante, e é interpelada por uma noção que percebe o sexo como um trabalho permanente que exige a aquisição de competências (Harvey e Gill, 2011). Nesta nova forma de feminilidade sexualmente empreendedora, as mulheres da contemporaneidade, de que fazem parte as acompanhantes, deixam de poder reivindicar a virgindade e castidade. Pelo contrário, a elas é exigido que sejam competentes num conjunto diversificado de comportamentos e actividades sexuais, a elas é exigido que mantenham uma performance, desempenho e postura de uma sexualidade activa e segura (Harvey e Gill, 2011).

As mulheres acompanhantes de que falamos neste momento vivem e gerem permanentemente a tensão entre subjectividade e objectivação sexual, permanecendo a incerteza se o cumprimento deste novos imperativos da sexualidade feminina contemporânea se aproximam mais da autodeterminação sexual das mulheres ou se seguem uma tendência de reafirmação das diferenças sexuais, desigualdades sociais-sexuais que penalizam as mulheres. Por um lado, se seguirmos o paradigma da emancipação, a mudança radical nas visões controladoras da sexualidade feminina e no que significa ser-se sexualmente mulher autoriza a internalização de representações da mulher como desejáveis e sexualmente activas enquanto ideário com importantes efeitos na organização e significação da sexualidade feminina. Por outro, de acordo com o paradigma da opressão, esta nova feminilidade não será entendida como um passo na direcção da emancipação sexual das mulheres. Pelo contrário, este movimento de mudança é sinal de retrocesso e uma forma de sexismo de estilo 'retro'. Trata-se de uma feminilidade através da qual velhas formas de objectivação das mulheres e da sua sexualidade ganham novos embrulhos (Faludi, 1993; Sommers, 1995; Whelehan, 2000). Ou seja, a objectivação das mulheres adquiriu novos significados, tornando-se ou meio que permite a docilização das mulheres no sentido da aceitação da sua continua objectivação. Ou de outra forma, será uma nova forma de reprodução de um sistema de dominação simbólica que permite a perpetuação de uma economia simbólica masculina, que se reproduz e fortalece na exacta medida em que é praticamente incorporada pelas mulheres (Bourdieu, 1999).

De forma prudente, aquilo que podemos dizer é que esta nova feminilidade constitui um híbrido de discursos em torno da liberdade sexual das mulheres, ao mesmo tempo que vive sob o espectro de tentativas de controlo da sexualidade por sistemas normativos reprodutores de desigualdades e clivagens entre homens e mulheres. O estilo mais assertivo, provocador ou 'out and proud', subjacente a esta forma feminilidade incorporada e encorporada pelas acompanhantes será também expressão da tensão entre ideais igualitários e a ênfase nas diferenças sexuais (Jackson e Scott, 2004).

De facto, em boa medida, a feminilidade sexualmente empreendedora, significa uma forma deliberada de re-sexualização e de re-objectivação dos corpos que, embora assente em representações das mulheres como conhecedoras, activas e desejantes, marca a passagem de um olhar masculino julgador para uma forma de autovigilância narcísica (Gill, 2003). Esta forma de subjectivação sexual implica uma nova forma de objectivação (Gill, 2003) organizada em torno de noções como escolha,

empoderamento e autovigilância (Gill, 2007). Neste posicionamento, o tipo de agência implícito nas formas de expressão e experimentação do corpo e da sexualidade feminina oferece uma posição enquanto sujeitos às mulheres, que fazem dos seus corpos e da sua sexualidade objectos de intervenção reflexiva, projectos sobre os quais actuam. Eventualmente, porque implica a centralidade do corpo erotizado e sexualmente competente e activo, coloca-as como objectos dos outros. Mas, sobretudo, obriga estas mulheres a tomarem-se como objectos de si mesmas, a assumirem a sexualidade e o corpo como parte integrante dos seus projectos individuais, fazendo do corpo e da sexualidade objectos de intervenção reflexiva (Crossley, 2001 e 2006; Giddens, 1995 e 2001; Merleau-Ponty, 2003; Weeks, 1995 e 2007).

Algumas mulheres acompanhantes parece ficarem aprisionadas precisamente nesta tensão entre, por um lado, libertação e emancipação sexual e, por outro, novas formas de controlo da sexualidade feminina. Simultaneamente desafiando e participando em aspectos da subjectividade sexual e da objectivação sexual, parte das mulheres prostitutas acompanhantes vive na terra de ninguém entre as fronteiras daquilo a que Connell chamou (1987) feminilidade enfatizada, ou versões da feminilidade que se orientam e se acomodam aos interesses de ordem masculina, e uma forma alternativa, resistente e não conformista de feminilidade (Sheff, 2005).

5.2 | Realidade erótica, ilusão e taylorização do sexo.

Homens (clientes) e mulheres (acompanhantes) fantasiam-se, crêem-se e imaginam-se como sexualmente irresistíveis, como objectos de desejo irresistíveis. Ambos se imaginam como autores e receptores de actividade sexual (Kimmel, 2005a; Kimmel e Plante, 2005). No fundo, homens e mulheres, clientes e acompanhantes fantasiam-se como bons no sexo (Jackson e Scott,), porque ser bom no sexo é equacionado como um indicador de estilo, tal como ter a competência de escolher a roupa adequada, ter os artefactos tecnológicos da moda. Ser bom no sexo funciona como uma qualificação e um indicador de sucesso e integração social. Estamos perante o imperativo do bom sexo, de se ser bom e competente na cama (Jackson e Scott, 2010). Porque o bom sexo se tornou uma marca distintiva, existindo uma diferença entre o bom e o mau sexo e será através do bom sexo, tecnicamente eficiente, que mulheres e homens (acompanhantes e clientes) asseguram o prazer ao mesmo tempo que expressam a sua individualidade (Jackson e Scott, 2010).

Estamos perante guiões sexuais intrapsíquicos (Simon e Gagnon, 1986 e 1999). Isto é, um meio através do qual os indivíduos dão sentido aos seus desejos e práticas; são guiões que informam e são formados pelo envolvimento em guiões interpessoais. É através dos guiões intrapsíquicos que as mulheres que trabalham como prostitutas acompanhantes e os homens que a elas recorrem experimentam os desejos, constroem fantasias e reflectem sobre as experiências sexuais. Inspirados por Bourdieu (), podemos dizer que estes guiões assumem um lugar estratégico, na medida em que são estruturas estruturadas por guiões culturais mais abrangentes sobre a sexualidade e pelas condições

objectivas das mulheres (acompanhantes) e homens (clientes), que por sua vez funcionam como estruturas estruturantes dos guiões interpessoais e como sistema de percepção e avaliação das experiências sexuais vividas. Os guiões intrapsíquicos são disposições para crer (Lahire, 1998 e 2004), crenças, ideias, visões sobre a sexualidade e sobre estilos de vida sexuais ou formas específicas de viver a sexualidade. São uma elaboração cognitiva, mental e reflexiva que fornece a base para a avaliação e responsabilização individual pelo desvio entre o vivido e aquilo que, cultural e socialmente, é dito ser expectável viver. Mas não são formas de operacionalização das expectativas incorporadas. Na esfera da sexualidade, como noutros campos mais alargados de sociabilidade, vivemos num tempo em que os indivíduos podem adquirir crenças (normas, modelos e morais) sem ter os meios necessários (materiais ou disposicionais) para as fazer cumprir (Lahire, 2005).

Os guiões intrapsíquicos não se constituem apenas de fantasias ou imaginário erótico-sexuais a concretizar, mas também de avaliações acerca do desempenho sexual e da correspondência entre a vida vivida e a desejada. Na verdade, correspondem a um plano disposicional e reflexivo da sexualidade que implica forçosamente o confronto com um plano praxiológico, com a sua real exequibilidade nos contextos de interação sexual, isto é, com os guiões interpessoais que emergem e estão contidos nas relações interpessoais quando se trata de negociar actividades sexuais ou quando se fala de sexo com outros (Simon e Gagnon, 1986 e 1999). Assim, a incrição activa nesta forma de sexualidade comercial constitui guiões interpessoais específicos onde se processa a avaliação, adequação e sintonização das visões organizativas da sexualidade e dos actos sexuais que cada um dos envolvidos no quadro interaccional transporta consigo.

Ser bom no sexo é fazer do sexo extraordinário. Ser bom no sexo é fazer dos encontros sexuais momentos de evasão do quotidiano e da sexualidade uma dimensão extra-ordinária da vida que coloca os envolvidos fora do mundo. Pelo que se torna comum a evocação da imaginação, da libertação da imaginação ou a desrotinização como factores fundamentais para um bom desempenho sexual, contudo, não são avançadas detalhes como conseguir tais proezas (Jackson e Scott, 2010).

Adicionalmente, ser bom no sexo implica também uma dose importante de incorporação, apropriação e resignificação dos conteúdos, imagens e imaginários produzidos no contexto das culturas populares profundamente erotizadas que marcam as sociedades ocidentais contemporâneas (Attwood, 2006 e 2009; Plummer, 19996 e 1997), influenciam a produção de um determinado tipo de guiões sexuais (Kimmel, 2005a; Kimmel e Plante, 2005) ou de disposições para crer (Lahire, 1998 e 2004) enquanto formas particulares de ideais de acção sexual.

Deste modo, podemos imaginar que, quer para homens clientes, quer para mulheres acompanhantes, o contexto prostitucional permita a expressão de desejos hiper-sexuais que rompem com a ideia muitas vezes repetida de que as fantasias sexuais masculinas e femininas têm padrões fundamentalmente distintos (Kimmel, 2005a; Kimmel e Plante, 2005).

A sexualidade ou as experiências sexuais e eróticas vividas em contexto comercial são, pelo menos temporariamente, cultivadas como uma zona de libertação de constrangimentos sociais, de

expectativas e normativas de género em torno da sexualidade ou de ordenamento morais acerca das condutas sexuais (que por exemplo condena a intersecção entre sexo e dinheiro e o divórcio entre sexo e o vínculo amoroso). Os encontros prostitucionais, enquanto realidade erótica delimitada no tempo e no espaço, podem ser encarados como uma porção da realidade removida da rotina. Na medida em que as lutas contra a realidade que se parece impor inexoravelmente através das rotinas que se têm de cumprir no dia-a-dia raramente tomam a forma de assaltos frontais, pelo contrário surgem como interrupções temporárias na sequência da vida, ao estilo de pequenos interlúdios (Cohen e Taylor, 1998). Será aqui que devemos localizar a prostituição enquanto realidade erótica específica. Um interlúdio na repetição da vida íntima através da fantasia e da criação de cenários onde as fantasias se tornam, pelo menos temporariamente, realidade.

A motivação centra-se na excitação associada ao envolvimento numa actividade não convencional (McKeganey e Barnard, 1996). Uma motivação que deixa de ser um exclusivo dos homens que recorrem à prostituição, mas que se expande também para o conjunto de motivações das mulheres prostitutas acompanhantes – posição sobretudo comum entre as mulheres que enquadram estas motivações sexuais numa noção de feminilidade sexualmente emancipada e numa ética mais global de organização da vida que passa da aventurização e emocionalização, pela acumulação de histórias e episódios emocionantes para contar.

Frederico “Com isto das acompanhantes eu já posso fazer a minha fantasia, que é a minha única fantasia mesmo...hummm... que é estar com duas mulheres ao mesmo tempo.... Eh pá, já sei que é cliché, mas pronto mesmo assim é a minha fantasia! [Risos] As acompanhantes permitem-me fazer esta fantasia quantas vezes eu quiser...desde que pague, claro! (...) Quando estou nesta onda tomo as minhas precauções...hummm... aquilo a que eu chamo de seguro contra todos os riscos [risos], tomo um famoso comprimidinho azul e pronto já sei que tudo vai correr ás mil maravilhas! Tu não sabes o que é aquelas duas bombas te vão eigr, qual é o andamento delas, por isso é melhor ir prevenido (...) eu consigo garantir-me sem isso, mas assim estou mais seguro, evita-se o risco de panes que são sempre embaraçosas, é só por isso...”

Maria “Eu sou hetero mas isto despertou o meu lado bi, a minha bi-curiosidade que eu nem sabia que tinha... foi mesmo uma descoberta total e profunda e só descobri porque me meti nisto (...) sempre que há essa possibilidade fico contente [risos] tenho imenso prazer em estar com outra mulher, é um desafio muito excitante... dar prazer a uma mulher e a um homem ao mesmo tempo e sentir prazer com os dois... é muito bom! (...) há muitos casais que procuram acompanhantes para concretizarem a fantasia de estarem a três com outra mulher... ao princípio achava que era uma fanatsia mais dos homens do que das mulheres e que elas estavam ali meias forçadas, mas depois percebi que elas estão ali para se descobrirem, estão ali com desejo e curiosidade... tal como eu e eles!”

Quadro 5.1: sistema pessoal de monitorização de contactos/clientes (excerto ii)

Nome	E-mail	Notas [conversas antes do encontro]	Observações	Valor
-	-	Divinal a proposta que me fez... quer ele + 1 amigo. Respondi com 500€/h.	Divinal a proposta... até estremecei. Tenho esta fantasia por fazer. Gostava muito. NÃO SEI. NÃO ACONTECEU.	-

Fonte: Nicole

A sexualidade erotizada será uma forma distinta de sexualidade, uma dimensão específica da realidade social (Jackson, 2008; Jackson e Scott, 2004 e 2010) em que os participantes pretendem

localizar as mais profundas e marcantes experiências eróticas e sexuais. As experiências que consideram mais disruptivas da normalidade quotidiana das suas vidas e da sua sexualidade de todos os dias (Weitman, 1999). É um processo que começa na atracção inicial, continua nos diferentes jogos de sedução (Weitman, 1999). Neste sentido, os encontros sexuais entre acompanhantes e os seus clientes constituem uma forma específica de ritual de interacção (Collins, 2004), na medida em que são ocasiões que combinam um elevado grau de intersubjectividade, em que os indivíduos centram atenções num mesmo objecto ou acontecimento, com elevado grau de entrega emocional, sincronização corporal, estímulo mutuo, excitação mútua, resultando num sentimento de partilha, numa forma de energia emocional e confiança (Collins, 2004), ou efervescência social (Durkheim, 2002).

Mas, paradoxalmente, a realidade erótica sujeita o sexo a uma lógica particular, um regime de regras constitutivas, cuja violação determina a retirada desta dimensão de realidade alternativa e fantasiada e obriga ao regresso dos protagonistas à vida comum, às práticas e acontecimentos sexuais de todos os dias (Weitman, 1999): clientes e acompanhantes constroem e sujeitam-se a padrões normalizados ou rituais rotinizados, porque através deles se torna mais fácil, por um lado, evitar situações de falha e, por outro, conseguir a repetição acontecimentos e experiências eróticas e sexuais que ajudam a dar sentidos às biografias pessoais (Collins, 2004).

A ritualização da sexualidade comercial baseia-se na produção e reprodução de guiões de sucesso onde se pretende viver e guardar na memória as experiências sexuais marcantes que enriqueçam não só a história pessoal como o reportório disposicional sexual, isto é, os guiões sexuais intersubjectivos (Simon e Gagnon, 1986 e 1999) ou as crenças em si (Lahire, 1998 e 2004).

A existência de rotinas e a sua internalização no sistema de disposições, hábitos e reportórios de experiências sexuais demonstra de forma muito particular como a vida quotidiana, neste caso em concreto como a vida sexual, não é espontânea ou livre, mas antes uma construção elaborada (Collins, 2004; Goffman, 1969).

Porque estes guiões sexuais estão envolvidos na aprendizagem e na organização da sequência dos actos sexuais, na forma como os indivíduos dão significado às suas experiências sexuais e se tornam capazes de utilizar essas experiências no processo reflexivo de autoconstrução (Plummer, 1996 e 1997). Os guiões estão presentes no processo de sedução, descodificando novas situações e atribuindo limites ao que acontece ou pode acontecer. Não existem sentimentos ou acontecimentos sexuais naturais, existem guiões que fazem das experiências sexuais acontecimentos aparentemente naturais. Ou seja, a fuga à rotina e a encenação de uma realidade erótica implica a produção de guião de fuga (Cohen e Taylor, 1998), determina a formação de regras e normas a seguir. Isto é, as mulheres acompanhantes e os homens clientes no desejo de fuga à rotinização do sexo e à ideia de mau sexo confrontam-se com formas alternativas de orientação e delimitação da acção sexual, mas que não deixam de ser fórmulas que implicam processos relativamente padronizados para atingir fins de libertação de outras rotinas. Em certa medida, a novidade será sempre ilusória: nada será inteiramente

novo como é prometido ou desejado e estes momentos de fuga às rotinas sexuais tornam-se em repetições e inevitáveis produtoras de um mundo alternativo (Cohen e Taylor, 1998).

A sexualidade paga, enquanto realidade erótica alternativa e temporária, constitui-se como um ritual de interacção (Collins, 2004) que, por um lado, estabiliza e cristaliza determinados procedimentos e acções e, por outro, promove a sua repetição no sentido da produção e reprodução de sentimentos, emoções, comunhão, partilha – utilizando uma linguagem durkehiminiana, produzindo uma efervescência social/sexual (Durkheim, 2002) ou energia emocional (Collins, 2004). Na verdade, estamos a falar da taylorização do sexo em contexto prostitucional, ou seja, falamos das exigências em torno de uma racionalidade gestora dos acontecimentos nos encontros sexuais (Jackson e Scott, 1997). Uma racionalidade que faz do sexo uma série de actividades passíveis de serem sequenciadas como se se tratasse de uma lista de compras profundamente enraizada na cultura das sociedades contemporâneas e que acaba por ser um meio de expressão da subjectividade sexual dos homens (clientes) e mulheres (acompanhantes).

Esse esforço de organização da sexualidade define os acontecimentos e práticas possíveis durante um encontro sexual: beijos na face, na boca e pelo corpo, mimos, carinhos, sexo oral com ou sem protecção, sexo oral mutuo, sexo vaginal, sexo anal, ejaculação na face, no corpo, no peito⁶⁴. Em seguida, o esforço centra-se na sequenciação desta listagem. Ocorra dentro ou fora do cenário prostitucional, de forma geral, o sexo obriga os homens e mulheres a envolverem-se numa sequência padronizada de actividades e acontecimentos eróticos que parecem ser organizados num crescendo de intensidade: beijos, beijos com língua, carícias, beijos pelo corpo, contactos manuais nas zonas genitais, seguido de penetração (Gagnon e Simon, 1987). Este padrão forma um recurso cultural organizador da forma como o sexo heterossexual deve acontecer, um guião reproduzido pela industria sexual, nomeadamente pela pornografia heterossexual, ou para o que nos interessa no âmbito desta pesquisa, pela prostituição.

Nos preliminares, para além das mais comuns actividades eróticas em torno da troca de carícias, dos abraços, do (re)conhecimento táctil do corpo, do sexo oral e dos beijos (que no caso das

⁶⁴ Adicionalmente, verifica-se (pela pesquisa de sites, anúncios e blogues pessoais de acompanhantes em Portugal e em países tão diferentes como EUA, Brasil, China, ou Reino Unido) que o conjunto de práticas sexuais anunciadas pelas acompanhantes se tende a homogeneizar. Num mundo crescentemente globalizado, o sexo e a racionalidade organizadora parece homogeneizar-se ao mesmo ritmo em que cirula informação, conhecimento e em que se ocorrem mobilidades internacionais de pessoas. A sociedade em rede (Castells, 1996) é também uma sociedade em rede sexual. A tecnologização da prostituição (nomeadamente após a internet) acelerou este processo, mas as mulheres migrantes que circulam pelo mundo em todas as direcções (Agustín, 2005b, 2006 e 2007) transportam consigo hábitos, práticas, encenações e guiões sexuais que se difundem. Os foruns digitais dedicados a clientes de acompanhantes também são factores de homogeneização das práticas e de padronização dos guiões sexuais prostitucionais, na medida em que difundem que entre homens clientes quer para as acompanhantes, aquelas que são as principais expectativas, exigências e desejos dos homens (Sanders, Earl e Sharp, 2007). Finalmente, os processos de mainstraming da industria do sexo, nomeadamente da pornografia, possibilitam a incorporação de uma série de práticas e hábitos sexuais dantes inalcançáveis (McNair, 1996 e 2002; Atwood, 2006 e 2009)

acompanhantes não são necessariamente uma restrição), incluem também o banho do cliente (que nalguns casos pode ser acompanhado pela acompanhante), a massagem corporal (feita com as mãos ou com o corpo sobre o corpo do cliente e com a utilização de cremes ou óleos). O banho e as massagens não são introduzidos neste guião por mero acaso, fazem parte de uma racionalidade sexual prostitucional e, por isso, cumprem funções muito particulares: quando as acompanhantes trabalham em regime de apartamento/bordel ou em regime cooperativo de co-working, o banho do cliente é um sinal para os outros que estão fora do quarto que tudo se passa normalmente, que a recepção do cliente e o pagamento decorreu sem incidentes. O banho e massagem permitem também às acompanhantes terem um conhecimento prévio do corpo do cliente e das suas características físicas, ao mesmo tempo que garantem a sua higiene. Finalmente, são actividades que cumprem funções, simultaneamente, eróticas e instrumentais, elevando o grau de excitação dos homens clientes e diminuindo o tempo de interacção sexual.

O momento da penetração é orientado pela promessa e a expectativa da prática de uma grande variação de posições sexuais e do somatório dos coitos vaginal e anal. Mas, em muitos casos, a duração deste momento é inversamente proporcional às expectativas criadas pelos clientes.

Tal como nos encontros sexuais não comerciais, o orgasmo constitui o final da cadeia de acontecimentos sexuais, é o resultado do esforço combinado dos participantes (Oerton e Phoenix, 2001; Cohen e Taylor, 1998). A incapacidade de atingir este fim (orgasmo), traduz-se na incapacidade de perceber o prazer e de uma forma mais concreta torna-se numa falha no processo (Oerton e Phoenix, 2001). O sucesso sexual é medido pelo prazer experimentado e pelos orgasmos dos parceiros envolvidos.

Se a noção de taylorização pretende descrever o elevado nível de padronização e repetição da actividade sexual heterossexual⁶⁵, o termo ganha redobrada pertinência no contexto da análise da sexualidade prostitucional. Na medida em que, a sexualidade prostitucional é para as mulheres prostitutas acompanhantes uma actividade produtiva, uma fonte de rendimento e uma forma de integração social, económica e profissional. Nesse sentido, o termo taylorização do sexo remete para a origem da noção e para o seu significado mais estrito: uma racionalidade organizadora do trabalho que passa pela elevada padronização e rotinização das tarefas e cujo objectivo é o aumento da eficiência e da produtividade.

Quando é integrada numa visão produtivista e utilitarista da sexualidade, a taylorização do sexo prostitucional, a racionalidade que organiza a sequência dos acontecimentos torna-se mais evidente e rígida. Verifica-se serem mais comuns encontros prostitucionais fortemente padronizados em que a sequência dos acontecimentos está previamente definida e sofre poucas ou nenhuma oscilações e questionamentos durante a interacção sexual. Nestes encontros, no lugar da fluidez dos

⁶⁵ Este elevado nível de padronização da actividade sexual está registado desde os trabalhos iniciais de Kinsey até à mais contemporâneas teorias dos guiões sexuais avançadas por Simon e Gagnon (1986 e 1999).

acontecimentos sexuais, no lugar de uma sequência marcada por passagens suaves entre cada acontecimento sexual e erótico, encontramos um ritmo *stacatto* em que a ligação entre o que acontece é mediada por intervalos bem definidos, paragens que autonomizam cada acontecimento, ficando a sequência marcada por uma lógica do tipo: ‘agora isto, agora aquilo, depois aqueloutro’.

Rita “Ele vem ter comigo, eu já estou no quarto, o quarto já está quente por causa do ar condicionado, tenho sempre música ambiente, tenho as luzes do quarto ligadas para ele não entrar no escuro... quando eu recebo dentro do quarto, recebo sempre em lingerie com uma sandália de salto alto, porque o salto alto tem a ver com a sedução... um lingerie sensual e provocante (...) depois de conversarmos um pouco, convido-o a ir tomar um banho, pergunto que se deseja companhia, mas normalmente estão nervosos e preferem tomar sozinhos... depois começo com uma massagem (...) eles vão logo ficando muito excitados, porque faço a massagem com as mãos e com todo o corpo, depois os preliminares [risos] e o normal (...) depois bons preliminares e penetração em várias posições... depois volto aos carinhos tipo preliminares (...) normalmente quando chega ao fim ficam rendidos (...) é mais selvagem... sensual, erótico... há beijo, há beijo na cara e no pescoço, faço uma massagem (...) dou massagem, dou beijos pelo corpo, depois sexo seguro, eu coloco o preservativo, faço oral e a penetração (...) Mesmo não querendo, muitas vezes eu sou actriz... quando um homem está em cima de mim ou eu em cima dele... eu estou a fodê-lo, mas estou a pensar ‘vem-te’. Eu não demonstro mas sinto. Eu quero que eles se venham o mais rápido possível (...) Eu faço de conta que não quero que ele se venha, mas faço tudo para que acabe rápido, escolho posições que são tiro e queda! [risos]”

Isabel “Quando é um cliente que vem pela primeira vez, a primeira coisa é sempre o banho (...) tomo banho com eles quando já tenho alguma confiança com eles ou quando fico interessada nisso porque são homens interessantes (...) segue-se quase sempre uma massagem envolvente e sensual para o ir aquecendo (...) os mais experientes evitam massagens longas porque senão vão quentes demais para o acto e acabam depressa demais (...) beijos, sexo oral (...) hummm... pronto, depois é o normal... é sexo, esta e aquela posição, é sexo, pronto.”

Miguel “O previsível a mim mata-me! Por isso, é que não sigo guiões que já segui. Para mim as coisas têm de ser espontâneas. Se uma pessoa gostar de outra, basta um olhar, uma palavra, já me cativa mais do que mil teatros que a pessoa possa fazer (...) A pessoa ganha certos hábitos e procedimentos... Não existe um manual escrito, mas elas facilmente comunicam entre elas e formam um ‘basicão’. Ou seja as normas básicas, aquilo que tem de ser feito e a sequência com que tem de ser feito. Em geral, começam por fazer sexo oral, depois pode ser ou não partilhado, depois passam para o sexo, depois há ou não dois pratos [vaginal e anal]. Não percebo, mas é uma coisa que funciona bem. É um crescendo de intimidade. Aquilo resulta! É curioso, que a pessoa pode ganhar este hábito [procedimentos e sequência].”
“Aqueles que encaram isto como um simples multibanco, nem querem preliminares nem nada.”

Ricardo “O sexo pago apaga determinadas barreiras antes do sexo... há uma data de coisas que numa relação com uma pessoa que não é acompanhante não se passam no primeiro encontro sexual. Pequenas coisas que têm a ver com o que as pessoas gostam, com o que as pessoas praticam e não praticam (...) Todo o processo de descoberta e de desejo de descoberta no sexo pago é quase imediato. É uma vantagem se olharmos apenas para o *ultimate goal*, mas é uma desvantagem porque não tens o desejo, não tens a procura, não tens a cumplicidade e isso é uma parte muito importante da relação sexual.”

A taylorização do sexo prostitucional não desaparece por ter como protagonistas homens e mulheres que gostam de se imaginar como vanguardistas sexuais, nem desaparece pelo simples facto dos encontros sexuais pagos serem orientados por um modelo experimentalista e igualitário da sexualidade, nem simplesmente pelo facto de acompanhantes e clientes ansiarem e desejarem criar encontros marcados pela cumplicidade, pela descoberta e pela produção do desejo e prazer mútuos. O desejo de aventurização, de expressão e de descoberta sexual produz a sua própria ritualidade e repetição. Trata-se apenas de uma padronização mais sofisticada, porque mais sofisticados são as

tecnologias sensuais e eróticas () que as mulheres acompanhantes detêm, porque maior é o investimento que fazem na erotização do seus corpos, da sua apresentação e dos seus modos e gestualidades, adquirindo formas avançadas de consciência corporal e sensual, bem como técnicas de expressão corporal altamente sensualizadas.

Para estas mulheres acompanhantes, a construção de uma realidade erótica no cenário dos seus encontros sexuais profissionais, não se trata apenas de fazer dos homens receptores da sua actividade sexual organizada de acordo com um padrão pré-estabelecido e imutável, nem tão pouco à concretização de determinadas práticas sexuais encadeadas que transformam os encontros numa check-list das fantasias feitas e das por concretizar. Pelo contrário, nestes casos estamos perante uma sexualidade extraordinária que passa, fundamentalmente, pela sensualização dos ambientes, pela sedução, pela construção de cenários em que o acontece parece ter sempre o cunho da surpresa e da descoberta, do envolvimento e da entrega. A entrega ao outro e ao momento de interacção sexual implica que estas mulheres acompanhantes e os homens clientes que as procuram, tenham como objectivo primeiro cumprir os guiões intrapsíquicos que cada um deles transporta, fazendo daquele momento interaccional um espaço de negociação prática entre o que cada um deseja e procura naquele instante. Assim, a taylorização do sexo, em grande medida a cargo das acompanhantes que assumem a responsabilidade de definir os serviços sexuais que prestam, surge como garantia da entrega ao momento e ao outro. Porque, a padronização do encontro sexual visa produzir um guião sexual interpessoal que concretize acontecimentos eróticos que funcionam tanto como performance erótica para o parceiro, concretizando os desejos de quem as procura, como mecanismos de auto-erotismo e de produção de prazer para si próprias.

Bárbara “Não tenho nenhum padrão definido, não sei o que acontecerá primeiro e depois... sei que é difícil gostar de sexo a frio... hummm... tenho que me envolver com a pessoa e de me sentir a ficar entusiasmada [risos] (...) muitas vezes faço strip, um lap dance ou danço no varão quando o encontro é num motel com isso no quarto, alguma destas coisas acabam sempre por fazer parte do encontro, porque eles gostam mas também porque eu me excito e entro no jogo muito rapidamente quando faço isto... fico excitada porque os sinto excitados comigo!”

Victória “Não sigo coreografias rotineiras, nem estou em idade de apreciar a quantidade, mas sim a qualidade e a vontade. Gosto de me silenciar para ouvir e ver e sentir... o orgasmo masculino!”

Clara “(...) um homem pergunta-me ao telefone, ‘como é que é?’ Eu respondo-lhe, ‘sei lá.’ Então mas isto é um procedimento, passo um, passo dois, passo três... eu pensei, eh pá eu já não estou aí! (...) Não são as acrobacias sexuais que os fazem contactar-me, se eles quiserem isso têm muito mais acessível [valores mais baixos]. Eu sou uma pessoa muito convencional, não gosto de malabarismos tipo perna para aqui, perna para ali, não sei o quê em pé, e pendurada.”

As mulheres acompanhantes e os homens clientes não vivem fora do tempo e trazem para os encontros sexuais pagos uma matriz que tenta conciliar a livre descoberta sexual e a excitação da descoberta com o envolvimento mútuo, o conhecimento do outro e entrega de si. Assim, numa aproximação das relações prostitucionais ao modelo da plasticidade sexual enquadrada pela relação

pura (Giddens, 1995), deparamo-nos com uma forma de taylorização sexual que modela os encontros prostitucionais de acordo com práticas e normas centrais na definição da intimidade heterossexual (Warr e Pyett, 1999), procurando ir ao encontro das noções de amor, partilha, carinho e preocupação com outro que definem as relações íntimas (Jamieson, 2005).

Daqui resultam duas consequências objectivas. Por um lado, a lógica da descoberta não significa, necessariamente, práticas sexuais diferentes do comum ou a concretização de fantasia sexuais particularmente extraordinárias, muitas vezes trata-se tão só da descoberta inerente ao conhecimento de uma/um nova/o parceira/o sexual, do seu corpo e dos seus desejos. De facto, para estas mulheres acompanhantes, os cenários eróticos que vivem com os seus clientes sofrem formas de taylorização e de padronização sexual orientadas para uma sequenciação dos acontecimentos que promove a sensação de estarem envolvidas numa descoberta lenta do outro, do corpo do outro, dos desejos e vontades do outro, das suas fantasias e do seu guião sexual, ao mesmo tempo que vão revelando o seu corpo, os seus próprios gostos e vontades. De facto, a demora e o prolongamento faz parte da intensificação do jogo de sedução (Simmel, 1969 e 2008), mas fazem também parte de um processo taylorizado do sexo e do encadeamento dos acontecimentos que se podem viver. Tal como numa *coquetterie*, as *love sessions* que algumas destas acompanhantes promovem como parte integrante dos seus pacotes de serviços eróticos e sexuais trata-se de um jogo permanente entre o sim e o não, entre aproximações e afastamentos, entre disponibilidades e indisponibilidades, entre a entrega e a resistência, entre a vergonha da pudicitia e o arrojo da provocação.

Victória

““Love Session” e o que isso envolve? permita-me que lhe diga que o melhor seria mesmo atrever-se a experimentar... é diferente do GFE [Girl Friend Experience] pois essa tem características de maior fingimento psicológico(...) [homens] que procuram experiencia com requintes do tipo "sou só tua", "podemos ir de férias juntos"... neste caso para mim não funciona, não gosto de "lugares-comuns" e não quero filmes tipo "Pretty woman" ou outros em que há lugar a apaixonar-se e essas tretas. Não encaixa no meu perfil. "Love Session" é sexo bom, com calma, gargalhadas debaixo dos lençóis, prazer mutuo e terminam com um abraço de quem se quer voltar a ter. Sem as pressas de quem já aparece de lingerie e salta para a cama... O vestido para sair, no meu caso, demora o tempo suficiente... não procuro a "pila" do homem com quem estou, deixo que ele se sinta suficientemente á vontade para a desvendar quando já estiver seguro para o fazer e os preservativos aparecem discretamente quando a vontade de nos termos já está ao rubro. Desta forma a experiencia é mais intensa e com respeito pelo tempo do outro. sinceramente, se estiver com um homem que pelo nervosismo ou excitação demasiada não consegue ter uma erecção plena, o meu prazer não ficará anulado, arranjaremos outras formas de curtir o momento, arranjaremos outros espaços corporais para transmitir e chegar ao prazer.”

Por outro, as acompanhantes promovem nos seus serviços experiências que pretendem ser um simulacro de um encontro sexual entre um par amoroso: Girl Friend Experience (GFE). Neste enredo sexual, clientes e acompanhantes desejam sentir-se como amantes e não como indivíduos envolvidos numa troca comercial (Earle e Sharp, 2007). Trata-se de um encontro prostitucional que faz esquecer que o encontro é de natureza comercial, que o homem está a pagar a uma mulher para ter sexo com ela e com ela viver uma forma de intimidade limitada e circunscrita (Bernstein, 2001, 2007a e 2007b). É um serviço comercial produzido para ser vivido como um encontro não comercial, sobretudo porque

implica a ruptura com aquelas que são as regras estereotípicas da prostituição e das mulheres prostitutas: existe envolvimento, entrega, beijos e carícias mútuas, será menos encenado e programado e mais espontâneo (Bernstein, 2001, 2007a; Earle e Sharp, 2007).

5.3 | A hiper-sexualidade que se expande

Muitos dos motivos eróticos e sexuais tradicionalmente identificados para o recurso dos homens à prostituição, nomeadamente aqueles que se relacionam com a confirmação ou demonstração de uma sexualidade hiperactiva, expandem-se e deixam de ser um exclusivo dos homens, revelando-se também razões para muitas acompanhantes se dedicarem à actividade prostitucional. Isto é, a hiper-sexualidade ou o *imperativo da diversidade sexual* deixa de responder exclusivamente à imagem do homem com poder sexual, detentor de recursos e capacidades sexuais que o tornam irresistível, transformando as mulheres em indicadores fundamentais na conquista de honorabilidade e estatuto no espaço hierarquizado das masculinidades (Kimmel, 2000 e 2005a). Pelo contrário, no movimento de hiperbolização da sexualidade no contexto de emergência de uma nova feminilidade, a hiperactividade sexual e a conquista de múltiplos parceiros sexuais passam a indicadores do sucesso da aventurização sexual das mulheres que se inscrevem activamente numa feminilidade assente na permanente sexualização, erotização e disponibilidade sexual (Harvey e Gill, 2011). De forma breve, a hiper-sexualidade e a sua manifestação através da diversidade e multiplicação de parceiros sexuais tornam-se indicadores da subjectividade e cidadania sexual das mulheres (Gill, 2003; Richardson, 2000b, 2007 e 2017; Weeks, 2007) e da sua afirmação social e sexual enquanto mulheres com poder.

Temos vindo a perceber este movimento, em particular, através da emergência de formas de feminilidade provocadora ou através do surgimento e da centralidade de guiões sexuais (quer de homens clientes, quer de mulheres acompanhantes) que exigem a construção de uma realidade erótica. Contudo, este movimento torna-se mais facilmente inteligível por meio da identificação de um feixe de fantasias sexuais comuns a mulheres e homens, acompanhantes e clientes. Fantasias sexuais que povoando os seus guiões intrapsíquicos (Simon e Gagnon, 1986 e 1999) se expandem do universo da sexualidade masculina onde tradicionalmente residiam de forma exclusiva passando a constituir um traço na definição daquilo que as mulheres acompanhantes procuram nos encontros sexuais pagos. Contrariando estereótipos, estas fantasias a concretizar não afastam homens e mulheres em planetas distintos, pelo contrário, fazem com que os seus guiões sexuais sejam globalmente convergentes. Contrariando as concepções da muralha representacional da prostituição imaginada, esta convergência entre as fantasias sexuais de clientes e prostitutas acompanhantes significa, desde logo, a agencialidade sexual das mulheres prostitutas e a possibilidade de satisfação sexual das mulheres em contexto de sexualidade paga. Importa referir que esta convergência será, sobretudo, o produto de conquistas das mulheres mais do que devedora de grandes alterações no que repelia à sexualidade masculina (Kimmel, 2005a; Kimmel e Plante, 2005).

enquanto palco que as define como *mulheres com poder*. De forma simples, ser um homem ou uma mulher com poder significa (na esfera da sexualidade) demonstrar a pertença a uma elite ou vanguarda sexual que alia à internalização das narrativas contemporâneas sobre a sexualidade a um alargado reportório de experiências, aventuras e parceiros sexuais (Collins, 2004; Coelho, 2009b; Jackons e Scott, 2004). Assim, tal como os homens clientes buscam no recurso à prostituição outro tipo de sexo, um tipo de mulher diferente da parceira habitual (Månsson, 2001 e 2006, Monto, 2000 e 2010), ou procuram aceder a mulheres diferentes (McKeganey e Barnard, 1996, Monto, 2000 e 2010); também as mulheres através da actividade prostitucional procuram diversificar as suas experiências sexuais, acumular episódios sexuais que enriqueçam o seu reportório de experiências, fornecendo renovadas capacidades e disposições para agir sexualmente. Tanto para os homens como para as mulheres a entrada na prostituição funciona como momento de viragem biográfica e sexual, porque rompe com um percurso sexual considerado insuficiente ou limitado (Vítor, João), muitas vezes circunscrito a apenas um único parceiro (Nicole, Victória), ou construindo uma biografia sexual desde sempre orientada pelo experimentalismo e pelo empreendedorismo sexual e pelo confronto com ditames morais que condicionam e controlam e remetem a sexualidade feminina para o campo da inexpressão (Bárbara, Lara, Mafalda, Filipa).

Nicole “(...) adoro sexo com homens diferentes! Fico doída! (...) não me reprimo faço sempre o que me apetece. Vou para a cama com exactamente quem quero

Vítor “Porque é que um homem recorre a acompanhantes?! Por que é que acha que é, diga-me lá?! Um homem precisa de variar um bocado, não consegue ficar toda a vida só com a mesma mulher... só a ter a mesma mulher... isso é saturante, é sempre a mesma coisa, é uma rotina...hummm... e numa relação longa como a minha, as mulheres envelhecem e deixam de ser tão... tão... atraentes, deixa de haver a chama da novidade e da descoberta (...) É simples, um homem não consegue evitar, tem de ter mais mulheres, tem de variar... acho que é uma coisa natural, um impulso (...) gosto de estar com mulheres diferentes, que não conheço... adoro descobrir uma mulher pela primeira vez, o corpo, as reacções... e a maneira dela estar na cama, como me dá prazer (...) Apesar da minha idade, acho que há aquela coisa de ‘pronto, mais uma para acrescentar à lista’.

Hélder “Isto é um bocado assim, a malta morre, quando chegar lá a cima ao pé do São Pedro abre a caderneta e diz estive com esta, com esta, com esta, com esta, com esta! Uma das grandes cenas que faz os homens meterem-se nisto é a variedade de mulheres. Podes estar todas as semanas com uma mulher diferente (...) É a cena de ser mesmo homem. É um troféu. Eu estive com esta gaja! Eu tive... Ou seja, nós morremos chegamos ao pé do S. Pedro e dizemos, eu tive com trinta gajas, eu tive com cento e tal gajas... há outros que tiveram três ou quatro namoradas e chegam lá acima assim.”
“Muitos homens acabam por se meter nisto para variar de parceira, porque isso é importante para o homem. É aquela coisa de não estarem todos os dias a comer frango assado. Uns é pela questão de fazerem a caderneta e para outros é para variar!”

Luís “O motivo é...hummm... o motivo é... hummm... brrrrr... O motivo essencial tem a ver com o facto de eu gostar do acto em si. Muitas vezes as pessoas acham que o homem que faz isso é porque procura fora aquilo que não tem em

casa. Não tem nada a ver! Eu sou perfeitamente realizado com a minha esposa nessa matéria (...) É melhor que bom. O que me motiva é mesmo a necessidade sexual, carnal, mental de estar com outras mulheres... Agora ultimamente a minha motivação é o sexo mesmo! Eu sinto necessidade de uma vez por mês, duas, três, conforme... se chegarmos ao período do verão eu fico maluco até demais! Durante aqueles três meses de verão ando um bocado a bater com a cabeça nas paredes... passo tempos de inverno em que quase paro a minha actividade [risos] É sazonal [risos] Estou em hibernação [risos]"

Estamos perante mulheres que de forma directa desafiam a submissão sexual das mulheres e o duplo padrão sexual que obriga à contenção dos desejos sexuais – concepção de si enquanto mulheres altamente sexuais, empoderadas pelo acesso a múltiplos parceiros e pela contante possibilidade de redefinição e descoberta da sexualidade (Sheff, 2005). Estas mulheres dão corpo a um self sexual (Weeks, 2007), conscientes das suas necessidades e desejos eróticos.

Não compromisso e garantia de sexo

Não são raros os homens clientes que apontam como razão fundamental para o recurso a acompanhantes a conjugação, por um lado, do desejo de ter sexo rapidamente, elidindo etapas morosas do incerto processo de sedução, por outro, da vontade do não compromisso que evite riscos de confusão da natureza da relação com os novos parceiros/as (Monto, 2000 e 2010). Isto é, o que torna atraentes as acompanhantes ultrapassa o seu corpo, o seu capital físico e os seus saberes erótico-sexuais, situando-se ao nível da atracção dos homens por relações temporárias que não impliquem responsabilidades ou a construção de vínculos que perdurem no futuro (Campbell, 1998; McKeganey e Bernard, 1996, Monto, 2000 e 2010).

A novidade sociológica reside no facto de o desejo por sexo sem compromisso fazer parte das motivações e/ou racionalizações e justificações, isto é, da gramática dos motivos (Mills, 1940) erótico-sexuais para a entrada na actividade prostitucional das mulheres acompanhantes. Para parte importante destas mulheres o descomprometimento relacional que define os encontros sexuais pagos é uma componente daquilo a que já chamámos do efeito de belle de jour, é fundamental para conseguirem viver a fantasia de ter sexo com homens desconhecidos, descobrindo o corpo e os desejos do outro e como isso se encaixa com as suas próprias vontades, e serem pagas por isso.

Hélder

“Uma acompanhante é mais difícil eu estar em casa a dormir ao meio-dia de ressaca e ela ligar-me, uma gaja que se engate numa discoteca poderá ligar. Sei que com uma acompanhante se a encontrar na rua ela não me vai cumprimentar, com outra gaja acaba por haver aquele medo que ela vai ligar que se me encontra na rua... uma acompanhante não virá trazer problemas.”

Torna-se evidente a tendência para o abandono da visão essencialista que percebe a sexualidade masculina naturalmente dissociada das emoções e a feminina dependente das emoções, do quadro relacional e do amor: para parte significativa das mulheres acompanhantes, a noção de sexo não relacional e recreacional significa a aproximação de uma concepção tradicionalmente masculina

do sexo e a assunção do carácter central da sexualidade nas suas vidas. Os homens (clientes) e as mulheres (acompanhantes) sejam igualmente capazes de engajar em encontros de natureza distinta em diferentes momentos ou contextos. Uns e outras são capazes de manter encontros sexuais no quadro de relações amorosas e afectivas, como são capazes de aceitar facilmente a possibilidade de encontros sexuais desprovidos desse tipo de enquadramento (Kimmel e Plante, 2005). Aliás, esta capacidade revela-se de particular importância para a inscrição da prostituição nas suas vidas sexuais e nos modelos de organização geral da sexualidade que produzem. É importante entre aqueles homens e mulheres que desejam continuar a aventurizar a sua vida sexual depois de terem experimentado viver relações amorosas paralelas, que consideram particularmente intrusivas e onde se perde com facilidade o controlo das emoções e dos sentimentos (Vítor, Nicole, Bárbara, Zé Pedro). Mas é, também, fundamental para aqueles homens e mulheres que de alternativa ou cumulativamente, recorrem ou se dedicam à prostituição quando mantêm relações amorosas mais ou menos longas, mais ou menos estabilizadas (Vítor, Nicole, Victória, Zé Pedro, Luís, António, João).

Neste momento podemos dizer que um quadro de hipertrofia da sexualidade na definição do que ser-homem ou mulher e onde sexo passa a ter um valor intrínseco e assume dois efeitos fundamentais: por um lado, estamos perante protagonistas da prostituição (mulheres acompanhantes e homens clientes) que incorporam as narrativas da cultura contemporânea da sexualidade onde é possível encontrarmos um conjunto alargado de significantes que promovem uma nova e liberta sexualidade: o sexo é um estilo de vida e transporta em si mesmo estilo, o sexo é fonte de prazer, o sexo é um meio de construção de auto-identidade, uma forma de trabalho corporal, o modo de expressão, representa a busca de realização individual (Atwood, 2006; Gill, 2003; Harvey e Gill, 2011; Weeks, 1995 e 2007; Jackson e Scott, 2010; Richardson, 2000a, 2000b, 2007 e 2017; Giddens, 1995).

Por outro, fica claro que a significação da prostituição enquanto forma específica de sexualidade não relacional está fortemente associada a períodos marcados pela busca de experiências, pela aprendizagem e descoberta sexual intensiva (Good e Sherrod, 1997), que não se circunscrevem a uma fase da vida associada à iniciação sexual, mas que, frequentemente, se ligam a movimentos mais profundos e duradouros de luta pela resignificação da vida, pela atribuição de novos sentidos para a existência, de reorientação dos projectos individuais e de luta pelo reconhecimento dos outros no quadro de uma ética de aventurização e emocionalização da vida.

O sexo pelo sexo sem grande comprometimento emocional (e social) e livre de muitos dos tabus que geralmente o acompanham, é um importante eixo motivacional para a entrada no universo da prostituição, ao mesmo tempo que racionaliza, justifica e resignifica a prostituição e os seus protagonistas. Mas, o sexo pelo sexo, nunca é simplesmente isso. Esta forma preguiçosa e imediatista de racionalização do recurso à prostituição ou da actividade prostitucional esconde o carácter problemático do sexo para os homens e para as mulheres. O sexo pelo sexo oculta o facto das mulheres e os homens terem muito em jogo quando entram num encontro sexual (Kimmel, 2005a; Kimmel e Plante, 2005). Estando preocupados com os efeitos da força estruturante do género, com a

forma como a organização normativa das masculinidades e feminilidades actua sobre a sexualidade criando clivagens de significação e experimentação da prostituição enquanto cenário de concretização da fantasia hiper-sexual de si através de sexo descomprometido, verifica-se que no campo da sexualidade (paga) mais importante que as diferenças entre homens e mulheres será o confronto e as desigualdades entre tipos de masculinidade e feminilidade a que correspondem de forma global modelos de organização e significação da sexualidade. Para as mulheres e homens que organizam a sua sexualidade de acordo com um modelo geral da experimentação e expressividade sexual, o sexo recreacional, ou o enquadramento oportunidade-sexo-prazer, é parte integrante de uma concepção radicalizada da sexualidade plástica: a sexualidade plástica – busca livre e permanente pela felicidade individual e pelo prazer sexual - é retirada do invólucro da relação pura (Giddens, 1995) ou do nexos amor-sexo.

Já referimos que a resposta às exigências e expectativas da hipersexualidade masculina assume duas versões. Para alguns homens o cumprimento de tais exigências é necessariamente vivido em quadros interaccionais sexuais marcados pela igualdade e pela negociação de guiões sexuais com as suas parceiras sexuais, consideradas cidadãs sexuais plenas. Ao limite, estão conscientes da impossibilidade de concretizarem plenamente aquilo que deles é exigido, estão conscientes que no jogo competitivo das homosociabilidades Para outros homens clientes a recusa de se darem como incapazes de responder a todas as exigências sexuais da masculinidade hegemónica, obriga-os a viver sob a pressão da hipercorreção: primeiro, a noção de sexo pelo sexo está condicionado a uma forma de sexualidade orientada por guiões culturais de uma masculinidade dominante que prescrevem o afastamento dos homens do universo tradicionalmente feminino das emoções (Connell, 1987 e 1995; Kimmel, 1996, 2005b e 2012). Segundo, o sexo pelo sexo remete para uma esfera extraordinária da sexualidade onde são esquecidos determinados constrangimentos morais ou tabus sexuais, permitindo a explosão de uma sexualidade masculina contida em cenários relacionais convencionais. Finalmente, o sexo pelo sexo será uma forma de sexualidade que não se pode viver em todos os contextos nem com todas as mulheres, porque muitas vezes implica a inscrição numa sexualidade preenchida por práticas e concretização de fantasias que exteriorizam o seu poder e reforçam a sua masculinidade (Sacramento, 2006, Sacramento e Ribeiro, 2010).

Jorge

“(…) uma coisa que procuro fazer com as acompanhantes, porque é uma coisa que não se consegue com todas as mulheres, porque nos compreendem mal, porque têm visões conservadoras do sexo... hummm... uma coisa que me dá imensa gozo é vir-me na cara de uma mulher! (...) eh pá é muito difícil encontrares uma mulher fora daqui [acompanhantes] com quem possas estar na cama e dizer quero vir-me na tua cara e ela ficar ali de joelhos a dizer para te vires e vires-te na cara dela.”

Mas, dois aspectos tendem a unir os homens clientes. Em primeiro lugar, a prostituição e o carácter descomprometido e imediato dos encontros sexuais pagos coloca entre parênteses as competências ou incompetências relacionais, a capacidade para conhecer mulheres desconhecidas, de as encantar e seduzir, bem como as competências ou incompetências sexuais necessárias para

conquistar e satisfazer uma nova parceira sexual. Os encontros com as acompanhantes significam para todos os homens a desresponsabilização pela manutenção de um jogo de sedução de sucesso incerto à concretização do encontro sexual que está implícito às experiências sexuais não comerciais, mesmo aquelas que sejam definidas pela casualidade e descomprometimento. Em segundo, paradoxalmente, o sexo não relacional cria um novo problema para os homens (Kimmel, 2005a; Kimmel e Plante, 2005), porque a excessiva desvinculação da sexualidade das emoções, transforma os encontros sexuais pagos no seu estereótipo e os homens clientes na sua caricatura essencialista. Isto é, o sexo entre clientes e acompanhantes correria o risco de se ganhar a imagem de frieza, mecanicidade, afastamento do universo do prazer mútuo, exploração, violência; os homens clientes correriam o risco de se aproximarem da imagem de predadores sexuais, agressores e violadores das mulheres. Por isso, em grande parte dos seus encontros com as acompanhantes, procuram activamente a construção de quadros relacionais específicos e a produção de formas de intimidade particulares e circunscrita (Bernstein, 2007a), escapando à ideia do sexo pago e recreativo como um sexo desprovido e próximo da objectivação sexual das mulheres.

Para as mulheres acompanhantes que desejariam seguir de perto os preceitos normativos da feminilidade enfatizada, a sexualidade desvinculada de laços relacionais, afastada do nexos amor-sexo, é sobretudo percebida como uma necessidade feita virtude. A vida e as condições de vida empurraram-nas para uma solução que fez da prostituição o seu trabalho e modo de financiamento das suas responsabilidades quotidianas, a construção de si enquanto mulheres hiper-sexuais e a resignificação dos encontros prostitucionais trata-se da internalização recente, tardia e inesperada de uma visão da prostituição que permite evitar o descrédito e colocar entre parênteses, simultaneamente, o risco de estigmatização e o afastamento em relação a uma desejada feminilidade enfatizada e a uma sexualidade delimitada pelo amor. Por seu turno, para outras mulheres acompanhantes este tipo de resignificação da prostituição precede a entrada na prostituição e enquadra-se numa visão mais abrangente da sexualidade como esfera de experimentação e expressão da individualidade.

O que une as mulheres acompanhantes é a consciência clara do seu poder, ou melhor, a consciência de que são agentes sociais-sexuais no poder . Ou seja, as mulheres acompanhantes, independentemente do modelo através do qual organizam e entendem a sua sexualidade, percebem de forma prática que a hiper-sexualidade masculina (parte importante da honorabilidade dos homens) depende do consentimento das mulheres, isto é, a multiplicação de encontros sexuais, a sua casualidade e descomprometimento emocional em relação ao futuro depende das mulheres aceitarem entrar no jogo de sedução com os homens e de não só rejeitarem nesse processo de conquista prévia, ou então das mulheres que disponibilizam o seu tempo para encontros sexuais pagos. Pelo contrário, para as mulheres o cumprimento da fantasia de si enquanto sujeitos sexuais hiperactivos é facilitado, pois, o desejo de afirmação hiper-sexual dos homens garante-lhes permanente acesso a novos parceiros sexuais, basta mostrarem dissipabilidade sexual, desejarem entrar no jogo de sedução mais ou menos rápido, ou colocarem a sua disponibilidade sexual no mercado do sexo pago. De forma

simples, as mulheres têm sexo quando quiserem, os homens apenas têm sexo sob duas condições, quando as mulheres os desejam e/ou quando eles pagam.

Chegados aqui na análise da hiper-sexualidade dos homens clientes e das mulheres acompanhantes torna-se incontornável olhar para três implicações teóricas que podemos apresentar brevemente como: (i) a ambivalência de sexualidade celebratória e a persistência do carácter problemático do sexo; (ii) mulheres e homens habitam o mesmo planeta das fantasias sexuais; (iii) a relação entre desigualdades sociais e desigualdades sexuais.

Sexualidade celebratória e a persistência do carácter problemático do sexo. Do ponto de vista teórico seria fácil não resistir à tentação de inscrever a prostituição, as acompanhantes e os seus clientes, num quadro de celebração da diversidade e da fluidez das relações sexuais, da permanente busca de felicidade individual, da possibilidade de escolha e de permanente redesenho da vida e da adequação da vida sexual. Contudo, não nos podemos esquecer a igualmente importante imposição sobre os indivíduos que isso significa: a responsabilidade individual de construir a sua sexualidade e a sua vida íntima; as incertezas e angústias permanentes e a forma como elas podem ser entraves à expressão livre da sexualidade. Perceber esta tensão será mais do que estar consciente da relação entre continuidades e mudança. Não se trata apenas de perceber que algumas coisas mudam e outras não, mas antes que estas mudanças e continuidades produzem tensões e contradições em torno da sexualidade. Antinomias que indicam a persistência da dificuldade em lidar com a dimensão sexual da vida ao mesmo tempo que se celebram maiores graus de liberdade e diversidade sexual (Jackson and Scott, 2004). As morais sexuais da modernidade tardia vivem na tensão entre a celebração do prazer sexual, a experimentação e a diversidade (Weeks, 1995; Jackson e Scott, 2004), por um lado, e a preocupação permanente com a sexualidade enquanto fonte de ansiedade (Jackson e Scott, 2004). O incitamento cultural recorrente para uma maior quantidade, diversidade e qualidade nos encontros sexuais é uma forma de exercício de poder, constringendo, delimitando e criando ansiedades em torno do eventual incumprimento dos preceitos normativos (Jackson e Scott, 2004).

Ser acompanhante ou recorrer a acompanhantes produz uma situação antinómica e ambivalente na tentativa de resolução do carácter problemático do sexo para os homens e para as mulheres. Assim, uns e outras encontram-se algo surpreendentemente em posições análogas, mulheres acompanhante e homens clientes encontram-se face-a-face transportando consigo o desejo da hiper-sexualidade e a consciência da sua impossibilidade (no caso dos clientes) ou dos riscos de desacreditação social a ela associados (no caso das acompanhantes).

Para os homens o imperativo da heterossexualidade hiperactiva medida pela diversidade das experiências e parceiras sexuais alia-se ao medo da rejeição, à incerteza quanto às reais capacidades de sedução e conquista sexual das mulheres. Por isso, em primeira instância, as acompanhantes permitem amenizar o desconforto em participar nos jogos interaccionais de sedução e conquista, camuflar o sentimento de estarem ou ficarem bloqueados pelo medo da rejeição, pelo medo de se revelarem a si mesmos e aos outros como insuficientemente capazes de conquistarem novas parceiras sexuais. O

carácter comercial dos encontros sexuais com as acompanhantes mascara o desconforto associado à etiqueta e protocolo dos encontros convencionais, bem como o temor e desapontamento com as estratégias convencionais de sedução (Sanders, 2008a). O recurso a encontros pagos coloca entre parenteses a vergonha e o desconforto quando conhecem uma mulher (Monto, 2000 e 2010), queima etapas num contexto de falta de tempo para investir numa relação convencional (Monto, 2000 e 2010), ao mesmo tempo que afasta o medo da emocionalização da sexualidade. De forma breve, o recurso a este tipo de prostituição revela-se uma forma de colocar entre parênteses a imensa vulnerabilidade a que ficam sujeitos pela necessidade de cumprirem exigências e expectativas associadas à hiperactividade sexual afastada das emoções (Kimmel, 2005b; Seidler, 1997 e 2006).

Miguel “As vantagens têm a ver com... passas directamente por cima da parte da sedução directamente para a parte da concretização, uma pessoa não perde tempo. É uma espécie de economia de tempo. É o chamando produto acabado. É comprar uns minutos de prazer... é como aquela empresa A Vida é Bela, a pessoa compra uma experiência.”

Hélder “É viciante, nunca dizem não. O ponto final disto é que elas nunca dizem não (...) tem aquela coisa boa nunca dizem que não, não temos de estar a bater o couro... chegamos lá estão aqui 100euros (...) O problema disto é que o gajo que esteja nisto durante muito tempo acaba por perder a prática com aquilo que eu costumava chamar as civis, aquela conversa da descoberta, do bate couro, do engate (...) Se vamos sair [amigos] e decidimos que vamos para o engate, se não me safar também não me preocupo muito. Tenho o telemóvel com uma carrada de números de telefone [acompanhantes] (...) Se eu quiser conquirir uma gaja também consigo... sei lá, talvez em cem consiga dez (...) mas o que é chato é a conversa e aquela coisa toda e depois eu sou um gajo muito prático e imediato, quando é para ser é para ser agora! E a maior parte das gajas, se um gajo as convida para jantar fora ou isso tem que andar com elas pra aí uma semana para conseguir... eu perco o interesse.”

Contudo, ao contrário da esperada reprodução e celebração da dominação masculina (Bourdieu, 1999), os homens neste contexto prostitucional encontram-se numa situação surpreendentemente destituída de poder, marcada pela vulnerabilidade que resulta da distância entre as exigências inalcançáveis da masculinidade adequada e aquilo que se consegue concretizar (Almeida, 1995). As regras da masculinidade são tão apertadas e exigentes que o mais pequeno deslize os coloca numa situação de precariedade, ao mesmo tempo, que de forma genérica estas exigências tornam o ideal de masculinidade absolutamente inatingível (Almeida, 1995; Kimmel, 1996, 2005b e 2012; Connell, 1995). O medo de que aos seus próprios olhos, os homens não sejam aquilo que pretendiam ser (Kimmel, 2005b), o medo que esta incerteza acerca de si transpareça aos olhos dos outros. Para os clientes, sobretudo os mais jovens e/ou aqueles sexualmente socializados para o evitamento da prostituição, para o entendimento igualitário da sexualidade, são lesados na projecção da sua identidade de género, em virtude de serem parte integrante dum fenómeno profundamente estigmatizado (Sacramento, 2006). O seu relacionamento com mulheres prostitutas acompanhantes, caso se tornasse visível aos outros, seria negativamente valorizado na qualificação da masculinidade, por parte da comunidade masculina e da sociedade em geral (O’Connell-Davidson, 1998). De outra forma, os encontros sexuais com as acompanhantes garantem a valorização de si enquanto homens, enquanto esses episódios sexuais puderem ser vividos e traduzidos individualmente como proezas

relacionadas com performances heterossexuais, trunfo importante no processo de construção da honorabilidade no sistema de prestígio masculino (Schneider, 1971; Sacramento, 2006) e na projecção duma identidade de género valorizada junto dos outros. Isto é, as experiências sexuais sucessivas e o domínio sexual que os encontros prostitucionais com as acompanhantes poderiam, eventualmente, assegurar (Gilmore, 1990) para as disputas e hierarquizações do quadro competitivo da masculinidade só são trunfos enquanto o carácter comercial dos encontros permanecer inacessível aos outros homens (e mulheres), enquanto a multiplicação de encontros e parceiras sexuais puder ser entendido pelos outros como sucesso na predação sexual (Almeida, 1995: 197).

Deste modo, no momento da interacção sexual com as acompanhantes, os homens encontram-se numa situação ambivalência, expondo a sua imensa vulnerabilidade, admitindo tacitamente que as suas competências de sedução e sexuais são insuficientes para a conquista de mulheres fora de um contexto comercial (Weatherall e Priestley, 2001; Earle e Sharp, 2007, Sacramento, 2006).

Catarina “Deve ser triste para um homem ver uma mulher e só pagando é que a tem!”

Ricardo “Uma mulher fode sempre que quer e um homem só fode de duas maneiras, ou quando ela quer ou quando paga.”

Lara “Acho que as mulheres é que têm o poder no sexo... ehhhh... os homens só conseguem ter sexo com uma mulher de duas maneiras, quando ela também quer, ou pagando... ah, e mesmo pagando é quando ela quer e como ela quer [risos]. As mulheres não, as mulheres podem ter sexo sempre que desejarem, porque há sempre homens a quererem e temos sempre homens atrás de nós... hummm... Mas depois há uma coisa estranha que não bate certo...ehhh... temos este poder mas se andamos com quem queremos, se temos sexo quando nos apetece e com quem nos apetece, pronto somos as putas e eles não!”

Por seu turno, no caso das mulheres acompanhantes, os efeitos antinómicos produzem-se na tentativa de cumprir com as exigências para viverem uma vida cheia de emoções e aventuras sexuais (Harvey e Gill, 2011), obrigando a um exercício de difícil coexistência entre, por um lado, uma concepção da actividade prostitucional como uma forma prática de aceder à desejada diversidade e à quantidade de parceiros e experiências sexuais (com a vantagem de, ao contrário dos homens, não só não terem de pagar como de receberem dinheiro por essa abertura radical das suas vidas sexuais). Por outro, com a permanente consciência que a hipersexualidade não resolve o carácter problemático do sexo para as mulheres, sujeitando-as ao risco do descrédito e da acusação social pelo rompimento com os preceitos de uma normatividade sexual castradora da expressão sexual das mulheres (Holland et al, 1990 e 1994; Heilborn, 1999). Assim, para as mulheres acompanhantes a hiperactividade sexual revela-se problemática porque as coloca em confronto directo com a lógica da pudicitia, colocando-as no lado das bad-girls.

Mulheres e homens habitam o mesmo planeta das fantasias sexuais. É verdade que parte dos homens assume fantasias tipicamente masculinas, que reforçam os padrões que definem a masculinidade hegemónica, focando-se de forma minuciosa na aparência física das suas parceiras sexuais, em determinados aspectos específicos dos seus corpos e produzindo desejos em torno de

encontros sexuais com múltiplas parceiras ou com parceiras desconhecidas (Barclay, 1973; Iwawaki e Wilson, 1983; Knafo e Jaffe, 1984; Wilson, 1997). É verdade que se verifica o comportamento sexual de algumas mulheres acompanhantes reflete o estreito cumprimento do duplo padrão sexual. É verdade as mulheres, incluindo as acompanhantes, são socializadas para associar a sexualidade ao amor, à intimidade e aos afectos (Simon e Gagnon, 1999; Kimmel, 2005a) e as fantasias dos homens mostram uma capacidade aprendida de distinção entre afectos e sexo (Kimmel, 2000; Kimmel e Plante, 2005). Tendo sido verificadas todas as condições anteriores, também não se pode deixar de identificar que as fantasias sexuais das mulheres acompanhantes não se afastam da rota da experimentação e do prazer sexual em si mesmo aproximando-se, desta forma, das fantasias sexuais masculinas (Gagnon e Simon, 1973). As fantasias sexuais femininas não giram exclusivamente em torno de pessoas que lhes são próximas, as acompanhantes perdem preocupação com descrições detalhadas dos locais e dos cenários dos encontros sexuais, bem como dos sentimentos produzidos por esses fantasiados encontros sexuais (Barclay, 1973; Kelley, 1985). Pelo contrário, as fantasias sexuais das mulheres acompanhantes estão, frequentemente, relacionadas com encontros sexuais com desconhecidos, centram-se na busca pelo prazer sexual imediato e circunscrito ao encontro, baseiam-se no ideal da casualidade e do descomprometimento relacional. As mulheres acompanhantes abandonam fantasias onde se percebem mais frequentemente como receptoras de actividade sexual feita por homens, aproximam-se dos homens e imaginam-se como produtoras da actividade sexual (Barclay, 1973; Iwawaki e Wilson, 1983; Knafo e Jaffe, 1984; Kimmel, 2000).

Desigualdades sociais e desigualdades sexuais. A celebração da diversidade e da fluidez das relações sexuais, da permanente busca de felicidade individual, da possibilidade de escolha e de permanente redesenho da vida e da adequação da vida sexual não está ao alcance de todos os protagonistas desta forma de prostituição. A proximidade dos motivos eróticos e sexuais de homens (clientes) e mulheres (acompanhantes) e a implícita conquista da subjectividade e cidadania sexual das mulheres, não se trata simplesmente de uma masculinização da sexualidade feminina (Kimmel, 2005a; Kimmel e Plante, 2005) pelo acesso a formas de expressão do desejo tradicionalmente vedadas às mulheres. Na verdade, trata-se de uma conquista que depende da vizinhança entre os lugares que estas mulheres e homens ocupam na estrutura do espaço social.

De facto, as mulheres protagonistas desta trajectória de hipersexualização de si, tal como muitos homens clientes, acumulam sucessivamente posições privilegiadas na estrutura social, um modo de vida aberto à aventurização do quotidiano, dramaturgias pessoais marcadas pelo cosmopolitismo avançado, um modelo geral de organização da sexualidade de natureza experimentalista e articulam facilmente a sua concepção individual da sexualidade com as narrativas contemporâneas acerca da sexualidade. Assim, a imagem subversiva da bad girl que lhes fica reservada pela sua atitude sexual e pela afirmação de uma feminilidade provocadora, não deve ser apenas percebida como uma forma de resistência e ruptura com ideologias de género e morais sexuais, mas também uma particular estratégia de distinção. Apesar de quebrarem ou pretenderem quebrar a

dicotomia entre as boas e más mulheres (good girl/bad girl), a verdade são que acabam por construir uma nova fronteira, uma verdadeira forma de distinção que actua não só o interior do contexto prostitucional, criando clivagens em relação a outras acompanhantes e outras formas de prostituição, bem como em campos de sociabilidade mais vastos.

Capítulo 6 | PROSTITUIÇÃO, DINHEIRO E INTIMIDADE

Em sociedades que se tornam progressivamente mais opacas e mais complexas aos olhos dos indivíduos (Giddens,), o amor e a intimidade parecem ter sido eleitos como factores de garantia de estabilidade perante uma vida social marcada pela inconstância, pela turbulência e pela impermanência. Isto é, no mundo contemporâneo a intimidade e as relações amorosas tendem a funcionar como um espaço de confiança (Luhmann, 1991) e tornam-se veículos de produção de sentido individual num mundo sem sentido aparente (Weeks, 1995).

A sociologia tem explorado a centralidade da intimidade como aspecto fundamental para uma vida pessoal preenchida de sentido e as transformações da intimidade produto da modernidade tardia, bem como os seus impactos nas relações pessoais têm preocupado os sociólogos nas últimas décadas (Giddens, 1995; Jamieson, 2005; Roseneil, 2007; Richardson, 200a). Da mesma forma, a análise sociológica do amor e das relações amorosas tem ganho progressiva importância, sendo o amor e os afectos percebidos como uma dimensão fundamental das relações sociais e constituindo um dos elementos mais importantes na construção das identidades colectivas e individuais (Torres, 1987 e 2004). Isto é, o amor vê consolidada a sua importância teórica porque nele reside uma forte e subtil capacidade de estruturação social (Goode, 1959).

Contudo, a intimidade e o amor continuam a constituir uma dimensão oculta da prostituição. Por um lado, os pensadores das questões da intimidade esquecem-se de considerar o sexo comercial como um lugar onde a intimidade e o amor são potencialmente pensados, produzidos, vividos e trocados (Sanders, 2008; Oliveira, 2004 e 2011; Oliveira e Coelho, 2010). Por outro, a intimidade e o amor são demasiadas vezes negligenciados nos trabalhos acerca da prostituição.

Tal esquecimento e negligência não deixam de fazer parte do complexo de discursos e representações que podemos designar por *prostituição imaginativa*, criando uma espessa cortina que, por um lado, ajuda a ocultar a intensidade dos encontros e das relações que se estabelecem entre prostitutas acompanhantes e clientes, na exacta medida em que se sobrevalorizam as ideias da prostituição como a forma última de perigo, de imoralidade ou de violência, exploração e opressão das mulheres (Pateman, 1983, 1999; Jeffreys, 1997 e 2008) em detrimento de um enfoque analítico e teórico que permitisse vislumbrar a possibilidade de intimidade em contexto prostitucional. Por outro lado, a cortina ideológica que esconde a intimidade da prostituição adensa-se através de argumentos que transformam as mulheres prostitutas em vítimas e os homens clientes em predadores e agressores (Jeffreys, 1997 e 2008). Desta forma, a *prostituição imaginativa* reifica as mulheres prostitutas e os homens clientes em lugares de desigualdade existencial, estigmatizando e afastando estas mulheres e homens de capacidades de agencialidade e de inteligibilidade da sua vida e posição no mundo social

(Therborn, 2006). As prostitutas e os seus clientes são excluídos da experiência pessoal e social da intimidade e do amor, ou da experiência subjectiva e intersubjectiva, como se fossem indivíduos desprovidos de capacidades e recursos reflexivos e emocionais apenas porque são mulheres e homens que na pluralidade de contextos de sociabilidade constitutivos das suas vidas incluem o mundo da prostituição.

Este enquadramento do sexo prostitucional dissociado da intimidade e do amor está enraizado num entendimento geral da prostituição baseado em falsas dicotomias que distinguem relações sexuais comerciais como dissonantes das não comerciais (Sanders et al, 2009). Uma representação da prostituição que está profundamente relacionada com um processo histórico longo de civilização dos corpos e de privatização (ocultação e afastamento do olhar) da sexualidade, isto é, um processo de invenção social da intimidade e do privado (Elias, 1990). Um processo que associa progressivamente intimidade, afectos, amor e sexualidade. Ou de outra forma, o enquadramento negativo da prostituição e dos seus protagonistas depende da produção de uma dupla dissociação: a primeira cinde o privado, enquanto lugar da expressão legítima das emoções e da sexualidade dos corpos civilizados, do público onde apenas permanecem formas de expressão emocional, corporal e sexual de carácter pulsional (Elias, 1990). A segunda separa as relações íntimas, o amor, os afectos e a sexualidade que ocorrem no espaço privado e a esfera pública organizada segundo lógicas mercadológicas e económicas.

Estamos perante uma cisão ideológica e cultural que afasta economia, dinheiro e interesses, por um lado; e amor e intimidade por outro. Interesses económicos e intimidade passam a ocupar mundos opostos, hostis e conflituantes, cuja intersecção significa a sua poluição mútua (Illouz, 1997 e 2007; Zelizer, 2005). De um lado situa-se a esfera do sentimento e da solidariedade, do outro, a esfera do cálculo, da racionalidade fria e da eficiência (Zelizer, 2005). O amor e a intimidade serão mais irracionais do que racionais, gratuitos e não orientados para o lucro, privados e não públicos. Esta visão cindida em mundos hostis demarcados por fronteiras morais rígidas tem como consequência o risco de contaminação moral e a consequente condenação de qualquer tipo de intersecção como perigosa e como uma forma de degradação (Zelizer, 2005). Na marcação dessas fronteiras, o amor, a intimidade e o sexo são colocados numa posição paradigmática, tonando-se esferas que devem ser isoladas dos vínculos materiais. Desta forma, o dinheiro e qualquer tipo de transacção económica devem ser banidos da esfera do amor e do sexo (Walzer, 1983). Neste sentido, os indivíduos podem casar por dinheiro, mas este não será um casamento entre pessoas livres (Zelizer, 2005; Simmel, 1999), nem receberá um olhar aprovador por parte dos outros (Torres, 2002).

O sexo comercial surge em clara rota de colisão com estas fronteiras morais e com esta arquitectura simbólica da sexualidade, apresentando-se como uma forma de resistência (mais involuntária do que voluntária) ao longo processo de privatização da expressão e dos usos sexuais dos corpos, na medida em que descontextualiza os encontros sexuais do enquadramento do amor e recontextualiza a sexualidade numa actividade orientada para o lucro, colocando-a na esfera pública e oferecendo-lhe um carácter transaccionável. Em consequência, a inexistência de emocionalidade no

contacto sexual, a exploração (da precariedade) económica das mulheres, a objectivação sexual das mulheres, a mecanicidade dos acontecimentos e a limitação temporal marcam a forma como o sexo comercial é imaginado. Ao contrário dos encontros sexuais não comerciais, no sexo comercial o desaparecimento da intimidade, das emoções, da sedução e do vínculo com o outro são, frequentemente, percebidas como características definidoras (Collins, 2004; Giddens, 1995; Simmel, 1969, 2006a e 2008). A prostituição seria, portanto, um contexto onde se separam de forma irremediável sexo e intimidade (Jamieson, 2005, Giddens, 1995), ou onde o sexo perderia a sua capacidade de produção de vínculos sociais e solidariedades interpessoais (Collins, 2004). Qualquer outra imagem colocaria em causa a noção de que o bom sexo está confinado a uma relação sancionada pelas emoções e pelo amor. Mas, as relações sexuais em contexto comercial parecem estar em particular contradição com as formas especiais e puras de intimidade que a modernidade apresenta como objectivo último das relações pessoais (Giddens, 1995; Jamieson, 2005). Deste modo, as relações estabelecidas no quadro do sexo comercial (prostituição) tendem a ser fortemente descapitalizadas de valor simbólico, de intimidade, e sobretudo são desvalorizadas enquanto relações por serem percebidas como uma forma de troca comercial (Simmel, 2006a).

Concorrendo para o reforço desta desvalorização simbólica das relações no quadro prostitucional, encontramos o processo de consolidação de uma concepção do amor como livre escolha e enquanto condição fundamental para a construção da felicidade individual de homens e mulheres. Uma concepção que se afirma em contraponto a noções mais institucionais e patrimonialistas do amor e da conjugalidade (Giddens, 1995; Aboim, 2006; Torres, 2001 e 2002) que reduzem as mulheres, os seus corpos e a sua sexualidade à condição de objectos transaccionáveis entre homens (Simmel, 1999 e 2006a).

Estas visões redutoras do sexo comercial e dos encontros entre prostitutas e clientes devem-se, pelos menos parcialmente, à aplicação de modelos analíticos demasiado dependentes das noções de relação pura e de amor confluyente (Giddens, 1995) que reforçam as ligações entre sexo, amor e intimidade, remetendo experiências sexuais para fora deste enquadramento para dimensões compulsivas ou para a esfera dos comportamentos patológicos (Collins, 2004; Giddens, 1995). Através de tal olhar sobre a realidade as relações sexuais em contexto comercial parecem estar em particular contradição com as formas especiais e puras de intimidade que a modernidade apresenta como objectivo último das relações pessoais (Giddens, 1995; Jamieson, 2005). O sexo, porque fica vinculado a estas concepções do amor como dimensão de liberdade e de escolha individual (Giddens, 1995; Jamieson, 2005; Torres, 2001 e 2002) para a felicidade e da intimidade como autenticidade, ao ser comercializado transforma as relações sexuais comerciais em relações desprovidas de significado e de emoções (Collins, 2004; Davis, 1983; Giddens, 1995; Jeffreys, 1997 e 2008; Pateman, 1980, 1983 e 1999; O'Connell Davidson, 1998 e 2002; Zelizer, 2005). As relações entre prostitutas acompanhantes e homens clientes rompem a crença nesta forma pura de relacionamento e de intimidade como a mais adequada e a ideal, quebrando aquele que seria, aparentemente, o único trilha legítimo para a

satisfação mútua e para a constituição de relações saudáveis enquadradoras de uma forma ortodoxa da sexualidade (Sanders, 2008).

Adicionalmente, um enquadramento que separa a prostituição e o amor em mundos hostis torna particularmente difícil imaginar a intersecção entre prostituição e amor longe de visões herdeiras do funcionalismo e do socio-biologismo que, de forma redutora, transformam as mulheres prostitutas em actores com papéis e funções específicas de assistência às pulsões e necessidades sexuais dos homens, ou em actores responsáveis pela promoção de fugas às frustrações e tensões conjugais e familiares.

Ainda menos expectável seria que o enquadramento que coloca os protagonistas da prostituição, mulheres prostitutas e homens clientes, fora do seu tempo histórico e os destitui de capacidade de viverem intimidade e amor tornasse possível perceber, descrever ou analisar a produção e existência de relações amorosas entre mulheres prostitutas acompanhantes e homens clientes.

Finalmente, a natureza oculta, negligenciada e muitas vezes negada da intimidade e do amor na prostituição deriva, em grande parte, da sobrevalorização dos aspectos exclusivamente sexuais das relações entre cliente e prostituta (Bernstein, 2001 e 2007a; Sanders, 2008), permanecendo ocultas as complexidades destas relações (Jamieson, 2005). De facto, muitos esforços analíticos e teóricos acabam reduzidos a inventários em torno das motivações sexuais para o recurso à prostituição (Mansson, 2001 e 2006; Monto, 2000 e 2010), ficando longe daquilo que se passa nos encontros sexuais pagos e ainda mais distantes dos conteúdos e significados emocionais desses momentos. Månsson (2001 e 2006) sumaria as motivações dos homens para o recurso à prostituição em cinco factores: (i) a fantasia da mulher puta; (ii) o desejo por outro tipo de sexo; (iii) a visão da prostituta como uma espécie de terapeuta que conforta; (iv) sexo como um produto a ser consumido; (v) fantasias em torno de outras e novas mulheres. Estes factores menosprezam o desejo por ligações emocionais e as motivações ficam demasiado presas à construção de cenários eróticos baseados nas produções erótico-culturais sediadas na própria indústria do sexo ou naquilo a que podemos designar de sexualização da cultura (Attwood, 2006), sublinhando apenas os aspectos exclusivamente sexuais dos encontros entre prostitutas e clientes.

Partir de um posicionamento alternativo à *prostituição imaginativa* torna-se uma exigência fundamental para escapar a este conjunto de desequilíbrios teóricos e analíticos que reforçam os fundamentos de visões do sexo comercial que falham em perceber que a prostituição pode ir para além da mera satisfação funcional e da libertação de pulsões físicas, podendo ser uma fonte de intimidade e prazer (Coelho, 2009a; Oliveira, 2004; Oliveira e Coelho, 2010; Sanders, 2008). Encontrar um caminho alternativo, conseguindo integrar a intimidade no retractor sociológico da prostituição, tem importantes condicionantes e consequências teóricas, analíticas e metodológicas. De facto, é do permanente diálogo tripartido entre (i) uma estratégia metodológica assente na escuta atenta dos protagonistas, (ii) uma análise preocupada com incorporação crítica dos significados que os homens clientes e as mulheres prostitutas acompanhantes atribuem aos seus encontros e aos vínculos que neles

estabelecem, e (iii) uma actualização da teoria enquanto força de comando da pesquisa (esforço de teorização), que se desenham os pilares deste posicionamento alternativo.

Este diálogo tripartido autoriza, desde logo, a definição de uma posição que rejeita ver a esfera económica, implícita no quadro interaccional da prostituição, como uma ameaça à esfera da intimidade e dos afectos (Zelizer, 2005; Illouz, 1997 e 2007). Trata-se de uma posição que percebe na prostituição a possibilidade de produção de vínculos cuja dimensão comercial se limita a tornar, desde o primeiro instante, visíveis as interacções entre transacções económicas e relações íntimas. Transacções que devem ser entendidas como um factor essencial na formatação, consolidação e aprofundamento de laços de intimidade, tenham eles origem no interior ou no exterior do contexto prostitucional, na medida em que a justaposição entre relações íntimas e responsabilidades económicas estabelece adicionais direitos e obrigações entre os participantes (Zelizer, 2002 e 2005). A novidade desta abordagem reside, por um lado, na capacidade de problematizar o desejo de homens e mulheres participarem num quadro relacional que torna visível e consciente a existência de uma permanente interacção entre interesses materiais e intimidade. Por outro, na possibilidade de identificar os mecanismos que estes homens e mulheres estabelecem para combinar aqueles que são, frequentemente, concebidos como mundos hostis.

Em segundo lugar, trata-se de um posicionamento que olha a prostituição e os seus protagonistas assumindo uma posição devedora do interaccionismo baseando-se na ideia de que se dois indivíduos estão em co-presença a interacção é guiada por um foco de atenção mútua e que, por isso, pode produzir uma forma de envolvimento emocional entre os participantes (Collins, 2004)⁶⁷, Independentemente deste quadro interaccional estar condicionado e delimitado pela sua natureza comercial e sexual.

Em terceiro lugar, as prostitutas acompanhantes e homens clientes devem ser percebidos como mulheres e homens do seu tempo e o sexo comercial deve ser considerado como parte do processo de transformação das intimidades e como uma escolha pessoal constrangida por condições objectivas e ideológicas que formatam o campo de reais possibilidades, dos estilos de vida sexuais e eróticos de homens e de mulheres (Sanders, 2008; Weeks, 1995; Jackson, 1999a, 20005, 2006, 2007 e 2011). Esta visão autoriza ultrapassar os argumentos essencialistas que vêem no recurso à prostituição a expressão do poder masculino, a satisfação de uma urgência sexual natural (Sanders, 2008), ou a prostituição com um dos últimos redutos de dominação masculina (Sacramento, 2006; Ribeiro et al, 2008). Ou seja, contraria as concepções da *prostituição imaginativa* que colocam as mulheres prostitutas e os homens clientes em lugares de desigualdade existencial, estigmatizados e afastados de capacidades de agencialidade e de inteligibilidade da sua vida e posição no mundo social (Therborn, 2006),

⁶⁷ Ao contrário de Randall Collins (2004) não se percebem razões, que não sejam de ordem ideológica e moral, para imaginar que os quadros de interacção sexual, suas características e efeitos, entre acompanhantes e clientes sejam diferentes daqueles que ocorrem fora do contexto do sexo comercial.

recolocando as acompanhantes e os clientes numa contemporaneidade em que mulheres e homens se afirmam como cidadãos sexuais (Weeks, 2007) e onde demonstram capacidades subjectivas e intersubjectivas de colocarem em marcha projectos de si em que o corpo e a sexualidade ocupam lugar central (Coelho, 2009a).

Em quarto lugar, as prostitutas acompanhantes e homens clientes devem ser percebidos como mulheres e homens do seu tempo e os discursos de intimidade, amor, romance e sedução tão frequentes na modernidade tardia (Illouz, 1997) não podem ser desconsiderados enquanto partes integrantes das relações em contexto prostitucional. Os guiões normativos da sexualidade que integram a ideia de romantismo, amizade, ligações emocionais e satisfação sexual mútua, estão também presentes nas relações que clientes mantêm com prostitutas (Sanders, 2008; Sanders et al, 2009), ignorar a incorporação deste tipo de narrativas por parte das mulheres prostitutas acompanhantes e dos homens clientes reduz as possibilidades de compreensão daquilo que se passa num encontro prostitucional, não conseguindo dar conta da densidade relacional e emocional em jogo neste quadro interaccional específico.

Finalmente, é preocupação desta posição localizar socialmente as possibilidades de intimidade que ocorrem em contexto prostitucional. Porque a sujeição das relações íntimas ao desenho e redefinição dos projectos de felicidade individual (Giddens, 1995 e 2001) não é um acontecimento independente de constrangimentos objectivos que actuam sobre os indivíduos (Weeks, 1995).

Daqui resulta a ideia de que o quadro interaccional da prostituição potencia a produção de uma forma específica de intimidade: uma intimidade circunscrita. Quando se ouvem as vozes dos clientes e das mulheres prostitutas, percebe-se que as expectativas dos homens que recorrem à prostituição rompem claramente com os estereótipos (Bernstein, 2001 e 2007a; Sanders, 2008; Sanders et al, 2009; O'Neill, 1997 e 2001; Seidler, 1989, 1997 e 2006; Coelho, 2009a; Oliveira, 2004 e 2011; Oliveira e Coelho, 2010; Ribeiro et al, 2008; Sacramento, 2006; Sacramento e Ribeiro, 2010). Será precisamente neste sentido que podemos dizer que os encontros sexuais pagos não significam apenas a objectivação sexual das mulheres e dos seus corpos, nem a exploração das suas precárias condições económicas, determinando um quadro sexual interaccional marcado por profundas desigualdades. Pelo contrário, neste tipo de prostituição, homens e mulheres procuram na maior parte do tempo investir na produção de uma forma específica e delimitada de intimidade. Isto é, procuram uma forma de intimidade que permita a partilha de si, a entrega e a revelação de si e das suas vidas ao outro, mas que ao mesmo tempo contenha as consequências desse processo de revelação, nomeadamente determinando a inexistência de responsabilidades ou preocupações emocionais, afectivas ou cuidadoras para o futuro ou fora do tempo e espaço em que se encontram como acompanhante e cliente.

A intimidade não está excluída do cenário prostitucional, pelo contrário, a intimidade é uma dimensão fundamental para os critérios de selecção e para a sensação de satisfação nestas relações entre prostitutas e clientes (Bernstein, 2007a; Coelho, 2009a; Oliveira, 2004; Oliveira e Coelho, 2010; Sanders, 2008). Muitos homens procuram as acompanhantes, não só pelo sexo, mas também por

aquilo que podem experimentar antes e depois do sexo. Isto é, utilizam o sexo pago como pretexto para puderem satisfazer necessidades emocionais, muito para além do contacto físico e sexual (Lucas, 2005). Assim, o pagamento de serviços sexuais não é sempre nem simplesmente um cenário de dois estranhos comprometidos em actos sexuais mecânicos, frios e distantes (Sanders, 2008). Por seu turno, muitas trabalhadoras do sexo são fornecedoras de trabalho emocional e criam encontros sexuais que para serem satisfatórios devem implicar prazer mutuo e a possibilidade de intimidade. Isto significa também que a relação entre trabalhadora sexual e cliente pode ir para além da simples relação sexual e, ao limite, pode significar uma forma de encontro sexual e emocional igual a qualquer outro tido fora do ambiente prostitucional (Bernstein, 2007a). Na verdade existe respeito mútuo e mutuo entendimento entre os clientes e as prostitutas, rompendo com o mito de que as relações entre prostitutas e clientes seriam marcadas pela falta de emoções e sentimentos (Sanders, 2008). Pelo contrário, estes encontros são reveladores da procura de autenticidade, entrega, intimidade e reciprocidade (Bernstein, 2001 e 2007a).

6.1 | Intimidade circunscrita

Quando se encontram com as acompanhantes, os homens não procuram apenas relações sexuais marcadas pelo distanciamento e pela mecanicidade sexual, pelo contrário, buscam uma experiência emocional delimitada pelas fronteiras claras do comércio sexual (Bernstein, 2001 e 2007a; Sanders, 2008). Para os homens clientes, o encontro sexual pago pode representar mais do que uma efémera indulgência que eles se concedem enquanto consumidores. Na transacção prostitucional os clientes compram a fantasia de um encontro sexual especial, com semelhanças a um encontro romântico mutuamente desejado. Mas, simultaneamente, alinham em algo notavelmente distinto tanto de um acto sexual puramente mecânico, quanto de um compromisso romântico convencional, sem limitações, na esfera privada e não comercial. Os homens vão em busca de uma conexão erótica real e recíproca, mas com fronteiras precisas. Para esses homens, o que está em causa (pelo menos em termos ideais) é uma conexão sexual que se baseia numa autenticidade demarcada (Bernstein, 2001 e 2007a). Ou seja, um encontro sexual envolto numa forma de intimidade e de entrega recíproca, mas onde se consegue manter claro o desfasamento entre, por um lado, a intensidade da experiência sexual e da intimidade aí produzida, e por outro, o estabelecimento de um relacionamento amoroso ou de compromissos afectivos de longo prazo.

Não são apenas os homens clientes que procuram nos encontros prostitucionais apoio emocional, os afectos e a amizade que não encontram no contexto de relacionamentos convencionais (Campbell, 1998; Warr e Pyett, 1999). Para algumas mulheres acompanhantes, o encontro prostitucional não é apenas uma forma de garantir recursos económicos, nem somente um meio de concretizar as fantasias sexuais de si ou as expectativas em torno de uma feminilidade sexualmente

empreendedora (Harvey e Gill, 2011). Estas mulheres acompanhantes preocupam-se em fazer dos encontros prostitucionais em que participam um refúgio para si e um espaço de reconstrução do sentido dos seus projectos individuais. Elas procuram uma forma de sociabilidade onde se sintam a ir ao encontro de si e da sua mais profunda autenticidade, onde se sintam a desafiar os seus limites a crescer acumulando experiências de vida, onde se possam revelar de forma desmascarada, onde possam colocar entre parênteses as pressões e responsabilidades em torno do cumprimento das exigências de outros contextos sociais, onde a assertividade, possa dar lugar à expressão das incertezas, onde a confiança aparente possa ser substituída por fragilidades.

Para muitos clientes e para parte não negligenciável das prostitutas acompanhantes, uma das principais virtudes da troca comercial de sexo é a natureza clara e delimitada do encontro. Isto é, a possibilidade de conciliar num determinado momento isolado do resto do mundo social um encontro sexual orientado pelo desejo não só do prazer sexual, mas também pela vontade de produzir um laço de intimidade com o outro.

Importa destacar que a possibilidade de produção de vínculos de intimidade entre acompanhantes e clientes é socialmente situada, dependendo, pelo menos parcialmente, das condições objectivas e materiais de existência e dos reportórios individuais de disposições para pensar e agir que as mulheres e homens vão acumulando ao longo da sua experiência biográfica e social. De facto, verifica-se que a intimidade enquanto forma de partilha da vida, enquanto troca mais ou menos recíproca de informação delicada sobre acontecimentos passados ou sobre o dia-a-dia do presente, não se distribui de forma igualitária entre acompanhantes e clientes. Falar de si, implica capacidade reflexiva, avaliando o que aconteceu e o que está a acontecer de forma enquadrada com o contexto social mais abrangente. A intimidade depende da detenção de recursos para colocar em marcha um processo de reflexividade social (Mead, 1963; Mouzelis, 2008). Adicionalmente, implica determinadas disposições que permitam tornar manifesto esse exercício reflexivo através da verbalização do que se sente (Illouz, 1997 e 2007). Neste sentido, não será de estranhar que a intimidade circunscrita seja mais comum entre acompanhantes e clientes que ocupam posições privilegiadas na estrutura social de distribuição de recursos (EDL, PTE), que enquadram a prostituição em modos de vida de excitação estável e em princípios de orientação da vida cosmopolitas ou fazem da vida uma permanente aventura, e que concebem a sexualidade enquanto dimensão fundamental do seu projecto individual.

No fundo, a intimidade circunscrita e a capacidade de a produzir e viver em contexto prostitucional revela-se um importante aspecto adicional de distinção no contexto social no quadro deste tipo de prostituição. A intimidade é uma busca que orienta a acção de um grupo específico destes protagonistas. Na medida em que esta forma de intimidade implica a posse de recursos e disposições para pensar e agir que possibilitem às mulheres e homens cumprirem com as exigências e expectativas aparentemente contraditórias: umas de aprofundamento emocional e da partilha de si, outras de vigilância sobre o que se conta e de circunscrição desse processo de abertura. Mais, a complexidade e a pluralidade desses recursos e disposições tem de ser suficiente para que a gestão dos movimentos de

intimização e circunscrição se possam processar em diferentes planos fundamentais de estruturação do carácter destes vínculos de intimidade.

A busca de uma intimidade circunscrita, ou de uma autenticidade demarcada (Bernstein, 2001 e 2007a), encapsulada pelo sexo comercial, é ampliada pelo deslocamento de um modelo da sexualidade relacional para um modelo recreativo, através da relação simbiótica entre a economia da informação e dos serviços (pós-industrial) e o consumo de sexo comercial, pela miríade de fusões entre as vidas pública e privada (Bernstein, 2001 e 2007a).

Pelo menos no caso dalguns actores, estamos perante um processo de transformação da sexualidade romântica e relacional em sexualidade recreativa, ou num processo de mudança social sexual marcado pela normalização do sexo (Castells, 1996), pelo eros sem limites (Seidman, 1991), numa revolução erótica pós-moderna (Bauman, 1998), ou ainda como uma ética da diversão (Bourdieu, 1979). Com efeito, o modelo relacional é frequentemente associado ao romance moderno que se define entre as noções relação pura e amor confluyente (Giddens, 1995) e tem como principal protagonista as mulheres e as suas conquistas (Torres, 2001 e 2002; Kimmel, 2005a; Kimmel e Plante, 2005), contrastando-os com a orientação procriativa prototípica da sociedade pré-industrial (Fass, 1977; D’Emilio, 1992; Bernstein, 2001 e 2007a).

Por seu turno, o modelo recreativo organiza os sentidos mais profundos da sexualidade em torno do prazer e da sensação, e deixa de ser exclusivamente de domínio dos relacionamentos duradouros e convencionais (Bernstein, 2001 e 2007a). No fundo, o paradigma recreativo da sexualidade, a emergência de um eros sem limites (Seidman, 1991) ou a revolução erótica pós-moderna (Bauman, 1998), permite a emergência desta forma de intimidade situada em plena prostituição porque se distingue da sexualidade relacional, afastando-se dos resíduos românticos e associações extra-sexuais que usualmente acompanham a noção de um relacionamento, mas sem, contudo, sugerir que as orientações normativas da sexualidade recreativa sejam alheias a componentes intersubjectivos significativos (Bernstein, 2001; Coelho, 2009a).

Manuel

“A prostituição, as acompanhantes, são um mercado como outro qualquer... Olha que sei bem do que falo [risos] [é analista de mercados financeiros] Funciona como um mercado com a lei da oferta e da procura... ehhhh... elas querem vender um determinado serviço, há quem procure o que elas têm para oferecer, o preço estabelece-se no ponto de equilíbrio dessa relação..... bem, ehhhh... Pois, o dinheiro é central na actividade, sem ele nada feito. Sem ele não há encontro para ninguém! O dinheiro é uma espécie de mediador que junta o interesse delas ao meu... e dos homens clientes... tas a perceber?!”

“Então e nesse tipo de relacionamentos... humm... vá normais em que isso acontece... sei lá, maridos que oferecem prendas às mulheres, namorados que convidam as namoradas para jantar ou passar a noite num hotel ... ehhh... quem tem o poder? É quem paga ou quem recebe? Quem paga ganha direitos, quem recebe ganha obrigações sexuais? Pois é, pois é... isso é que é. Não me parece que o dinheiro traga obrigações, não te sentes mais obrigado a fazer isto ou aquilo nem elas se sentem mais obrigadas a fazerem isto ou aquilo, o que acontece é que há mais sedução e envolvimento e a entrega acaba por ser maior. Hummm... Pois é, com as acompanhantes é como nessas relações absolutamente normais... não me parece que o dinheiro seja sinónimo de obrigações desequilibradas, é só um mediador para o sexo, para o prazer...”

Ricardo

“A primeira directiva é sempre o sexo. Depois se acontecer alguma relação diferente, os encontros seguintes começam a ser diferentes e a intimidade começa a ser também importante (...) Há mulheres com quem tenho química sexual mas não tenho qualquer química pessoal, fora daquele espaço de tempo não tenho qualquer outro desejo. Depois há pessoas que para além de gostares da parte sexual, gosta de estar com a pessoa, gostas de fazer coisas com ela. Mas isso tem a ver com intimidade (...) passas a querer estar mais vezes e mais tempo com aquela pessoa fora daquele espaço-tempo só da cama.”

Intimidade circunscrita no espaço

A circunscrição dos vínculos de intimidade entre acompanhantes e clientes depende do lugar, do espaço físico concreto em que ocorrem os seus encontros. As transformações no mundo da prostituição e do comércio sexual nas últimas décadas têm vindo a privatizar os encontros prostitucionais, colocando-os em espaços interiores, abrigados e afastados do olhar indiscreto dos outros (Bernstein, 2007a; Sanders et al, 2009; Ribeiro et al, 2008).

A possibilidade de produção de uma intimidade circunscrita depende, em grande medida, de lugares especificamente desenhados para a intensificação de uma realidade erótica e emocional extraordinária que seja capaz de desvincular os protagonistas das rotinas do quotidiano da vida social. Os quartos de hotel ou motel, bem como os quartos dos apartamentos adaptados para a prática prostitucional, são desenhados (iluminação indirecta, música, espelhos, paredes pintadas de cores suaves ou neutras, sofás, a cama como principal palco, etc.) não só para potenciar o ambiente erótico, mas também para proporcionarem e facilitarem a intimização do encontro e o centramento dos protagonistas um no outro durante o encontro. Isto é, estes lugares funcionam como intensificadores da interacção, fazendo dos encontros prostitucionais rituais de interacção produtores de formas específicas e temporárias de intersubjectividade (Collins, 2004) e autenticidade (Bernstein, 2007a).

Frequentemente, a opção dos clientes por se encontrarem com as acompanhantes na sua própria casa esconde uma estratégia de construção e intensificação da intimidade circunscrita: ao abrirem as portas de casa autorizam o acesso imediato das acompanhantes a dimensões privadas e íntimas da sua existência. A casa dos clientes – aqueles que vivem a solo - revela-se um cenário especialmente catalisador da intimidade e da intensificação erótica, porque se traduz numa forma dos homens clientes se revelarem sem terem de se expressar verbalmente. Dando a conhecer a sua morada, a sua casa, os objectos e a decoração, os homens mostram a sua vida em vez de a narrarem. Porque, através da casa e dos seus objectos, homens clientes e mulheres acompanhantes encontram os pretextos para intimização do encontro, para a partilha da vida e dos seus acontecimentos: contando episódios e aventuras da vida, momentos mais ou menos disruptivos, inflexões e continuidades biográficas. Os encontros em casa permitem a apresentação mais profunda de si, mas também a enigmatização da sua vida e produção de um cenário de sedução e encantamento, impressionando as mulheres acompanhantes através da exposição de si, do seu modo de vida, do seu bem-estar relativo, daquilo que fazem e do que vivem. A casa torna-se o tabuleiro de um jogo de sedução e de intimização da relação acompanhante-cliente facilitando a partilha de episódios da vida (viagens, aventuras, acontecimentos biográficos, histórias amorosas, profissionais) ou de gostos variados (musicais, cinéfilos, viagens, etc). Ao limite, a marcação de um encontro prostitucional em casa do cliente intensifica a lógica de reciprocidade na partilha da vida. Por um lado, a casa abre as portas da curiosidade das acompanhantes e aguça o seu interesse no homem cliente, facilitando o trabalho de

partilha e/ou sedução. Por outro lado, a curiosidade das acompanhantes autoriza, tacitamente, os homens a fazerem perguntas acerca da vida das acompanhantes, dos seus gostos e desgostos, etc.

Jorge

“Eu gosto que os encontros sejam em minha casa porque me sinto mais confortável... humm... mas também porque mostra logo à partida maior confiança e coloca as coisas num patamar diferente (...) elas ficam a saber onde vivo, como vivo... humm... isso também lhes abre a curiosidade, ficam curiosas em saber mais coisas, sobre aquilo que faço, sobre as coisas que gosto... mostrar a casa, elas verem a minha casa torna as coisas mais pessoais, se quiseres mais intensas... hummm... mesmo as conversas ficam mais pessoais elas acabam por falar sobre elas também, e dá para descobrir até coisas em comum... Sei lá, tipo filmes, gostos musicais e essas coisas normais... depois como a minha casa tem muitas fotos de sítios por onde viajei isso também é sempre um bom tema de conversa (...) Sim, por os encontros serem lá em casa acho que elas ficam mais interessadas em mim para lá do facto de ser um cliente, ficam curiosas acerca da minha vida, isso dá uma boa sensação não vou negar. Ter uma mulher bonita, com um corpo lindo, sexy, que não conheces de lado nenhum completamente interessada em ti faz bem ao ego [risos].”

Intimidade circunscrita no tempo

O tempo enquanto factor elementar na produção de intimidade entre acompanhantes e clientes revela-se a dois níveis distintos. Num primeiro nível e ao contrário das formas mais convencionais de intimidade, estamos perante vínculos de intimidade marcados pela inexistência de preocupações e responsabilidades afectivas ou cuidadoras em direcção ao futuro. Ou seja, à partida e como definição estes vínculos entre acompanhantes e clientes são circunscritos no tempo e limitados à duração contratualizada do encontro.

Num segundo nível, o tempo afigura-se uma variável fundamental na definição deste tipo de intimidade porque organiza os encontros prostitucionais enquanto temporalidade sagrada e pessoal (Hall, 1989), abrindo espaços específicos para a consolidação de vínculos de intimidade (ainda que potencialmente efémeros), para a construção de experiências comuns e para revelação de si. Os encontros prostitucionais são, por um lado, marcados por momentos de carácter erótico-sexual que têm lugar em espaços reservados e delimitados (quartos de hotel ou motel ou em casa do cliente). Se é verdade que a intimidade também se constrói através do sexo e dos corpos nus, pelo conhecimento sexual e corporal do outro, também não é menos verdade que a intimidade circunscrita não se limita a esta dimensão física do conhecimento profundo do outro. Assim, os encontros prostitucionais também se organizam em torno de momentos que se desenrolam em lugares públicos (jantares e saídas nocturnas são momentos paradigmáticos), expondo o casal acompanhante-cliente como se se tratasse de um casal convencional, permitindo que durante esse tempo os dois se conheçam, partilhem vida e criem experiências e memórias comuns de carácter não sexual mas não desprovidas de sedução.

André

“Não é só sexo.... Hummm... não quero saltar-lhes logo para cima, apesar de serem muito apetitosas [risos]... não gosto de começar logo pela cama... prefiro conversar, gosto de falar, eu gosto muito de falar sobre aquilo que faço... gosto de saber coisas sobre elas... humm... gosto de flirter com elas... hummm... acho que é por isso que gosto de sair com elas para jantar ou para beber um copo (...). Elas com estas coisas, com os sítios onde as levo também me ficam a conhecer melhor, ficam mais à vontade, vêem que tipo de pessoa sou (...) faço isto tudo com as acompanhantes, mas elas dão muito menos trabalho do que outra mulher, com outra mulher é isto ao quadrado [risos]... e com elas [acompanhantes] faço porque quero, porque me dá gozo e não porque seja uma obrigação. Isso é muito diferente.”

“(...) gosto de ter estes encontros antes de irmos para minha casa, dá aquela adrenalina do flirt... (...) na verdade aquilo é flirt puro, é um flirt que faz aumentar a tensão e a vontade. Eu fico ainda com mais vontade e elas também, elas envolvem-se muito mais, entregam-se mais... acho que se soltam.”

“(...) isto do flirt começa logo pela forma como tratas a miúda, para a conquistares tens que entrar no esquema da sedução, eu gosto sempre de as impressionar, gosto de as tratar bem... vou jantar fora com elas a sítios que eu gosto, sítios fashion, às vezes prolongo a noite para mais um copo, isso dá para ir encantando a miúda, certo? Elas geralmente gostam destas coisas e ficam impressionadas com os sítios onde as levo (...) Mas não somos só nós... não sou só eu que estou nesta da performance para as conquistar, as tipas [acompanhantes] também estão nessa... então

porque é que se mostram interessadas na minha vida e naquilo que eu faço? Por que carga de água é que me aturam em jantares e copos e as minhas conversas? Não é só por que lhes pago que elas estão sempre deslumbrantes, sensuais, provocantes e elegantes quando vão ter comigo. Porque é que estão todo o tempo a seduzir um gajo... mesmo quando vamos jantar?

Intimidade circunscrita pelo dinheiro

Apesar de muitas relações terem uma base económica, ou de se perceber uma dimensão económica em todas as relações (Illouz, 1997 e 2007; Zelizer, 2005), as perspectivas que apresentam o dinheiro e a intimidade como esferas separadas e cuja intersecção significaria uma contaminação dos princípios de cada uma, normalmente falham na capacidade de reconhecerem a regularidade com que as relações sociais íntimas coexistem com transferências de dinheiro (os pais dão mesadas aos filhos, amigos emprestam dinheiro entre si, as famílias e os casais constroem uma economia comum). Contrariando lógicas de oposição entre mundos distintos, os indivíduos integram as transferências de dinheiro numa rede mais abrangente de obrigações e solidariedades mútuas. O dinheiro ou os interesses económicos não são percebidos como uma ameaça aos laços de intimidade, mas antes como constituintes dessas mesmas relações (Zelizer, 2005). É neste contexto alargado de intersecção regular entre dinheiro e intimidade, que devemos situar as relações entre acompanhantes e clientes.

A prostituição tal como é vivida por acompanhante e clientes mostra uma organização económica especialmente complexa que potencia e clarifica as fronteiras desse quadro interaccional específico. Trata-se da construção de formas de transacção específica que, não só, não colocam em causa como fortalecem o quadro relacional de intimidade potencialmente produzido entre acompanhante e cliente. Do mesmo modo que acompanhantes e clientes participam rotineiramente em processos de diferenciação das relações sociais significantes para si (encontrando forma de distinguir relações familiares, das relações profissionais e estas dos laços de amizade), os vínculos que se estabelecem nos encontros prostitucionais necessitam de marcadores de distinção que definam o carácter específico da sua relação.

Durante um encontro sexual pago, o casal acompanhante-cliente mistura transacções económicas e intimidade. Neste processo fazem-se valer das fronteiras pré-construídas em torno das relações sexuais comerciais, isto é, da transferência de dinheiro que vai dele para ela. Será dentro destes limites comerciais e transaccionais que negociam as suas versões particulares de intimidade (Zelizer, 2005). O dinheiro fornece a garantia necessária de que esta não será uma intimidade em expansão, invadindo outras dimensões e contextos da vida. A entrada do dinheiro no circuito da intimidade marca a fronteira destes vínculos, encerrando-os no âmbito do encontro comercial da prestação de serviços, limitando o seu raio de acção (ao lugar onde se encontram) e o seu prazo de validade (ao tempo contratado para o encontro).

A capacidade do dinheiro circunscrever este tipo de intimidade deve-se, também, ao carácter constrangedor do dinheiro e do pagamento, fazendo acompanhantes e clientes sentirem-se dominados pela vergonha e pelo pudor. Porque na passagem do dinheiro dele para ela está condensado o

juízo moral que condena a prostituição. A vergonha ou pudor formam uma agitação específica, uma espécie de medo que automaticamente se reproduz em determinadas situações: o medo de degradação social ou da superioridade dos outros (Elias, 1990). É esta agitação sentida pelas mulheres acompanhantes e pelos homens clientes que circunscreve a intimidade, é ela quem produz o medo do alargamento dos vínculos de intimidade para lá do espaço e tempo do encontro prostitucional, é ela que promove a castração desta forma de intimidade, a autovigilância e auto-coacção. A vergonha e o medo de degradação moral fazem com que estas mulheres e estes homens sintam ter feito ou estar a pensar em fazer algo que os coloca em contradição com as pessoas a quem estão de alguma forma ligados. E ainda, porque ficam em contradição consigo mesmos, com os modelos de avaliação das suas acções que têm incorporados (Elias, 1990). Porque, a vergonha, o pudor e o medo de infringir interdições sociais serão tanto maiores quanto mais as coacções exteriores forem transformadas pelas estruturas sociais em auto-coacções (Elias, 1990),

Viver uma intimidade sexualizada e enquadrada num encontro prostitucional que combina racionalidade mercadológica e emoções traduz-se num confronto pessoal com as coacções exteriores e interdições sociais em torno da prostituição que foram transformadas pelas estruturas sociais em auto-coacções (Elias, 1990). Este confronto coloca homens e mulheres na contingência de criarem histórias complexas ou encenações especiais para a justificação do seu carácter comercial ou para racionalizarem o acto do pagamento (Zelizer, 2005).

Nicole	“[o pagamento e o dinheiro] É constrangedor. Normalmente eles deixam o dinheiro e eu nunca conto à frente deles. Às vezes custa-me porque sei que aquele dinheiro é muito para eles e sinto-me a explorá-los, a chulá-los. Mas é assim (...) Eu acho que é um travão essencial, sem dúvida. Sabemos que só ali estamos por causa daquilo. Torna tudo muito claro (...) O dinheiro é muito importante. Tive outros namoros [paralelos a uma relação amorosa longa] antes de ser acompanhante e aí não há esses travões. Esses namoros são bem mais difíceis de gerir.”
Miguel	“O pagamento é aquilo que está estabelecido formalmente para nós conhecermos e encontrarmos originalmente essa pessoa, a partir daí tudo é possível. Porque ela não deixa de ser uma mulher e nós não deixamos de ser homens. Independentemente do que possam dizer, as coisas podem encaminhar-se rapidamente para algo mais do que a relação cliente prestadora de serviços. O dinheiro é uma formalidade, é o passe para o conhecimento dessa pessoa.”
Vitória	“Para quem o entrega por vezes é constrangedor, pelo nervosismo ou por não querer parecer pessoa não séria, muitas vezes me perguntam: “é agora que lhe entrego o envelope? é agora?” É assim constantemente.” “O pagamento é normal (...) É sempre referido numa conversa prévia pelo que nunca tive nenhum problema com esse assunto. Pessoalmente tenho um capricho, quase como um troféu, peço que me entreguem o envelope aberto com o meu nome escrito por fora, coleciono-os... Guardo no cofre, subscritos vazios, a maior parte timbrados do hotel. Não confiro o valor. Recebo o envelope no início e pouso-o junto das minhas coisas. Depois acontece, como daquela vez em que me esqueci dele no quarto do hotel. (...) Como o envelope é entregue no início, facilmente quem o entrega se esquece desse acto.”
Jennifer	“Eles [clientes] ficam mais sem graça do que eu... não sabem o que fazer com o envelope da lembrança, ficam ali meio parados sem saber o que fazer. Os mais novos são os piores ficam bem nervosinhos... é por isso que digo sempre para colocarem o dinheiro na mesa do quarto...”
Jorge	“Não há nada a fazer o pagamento faz parte do jogo, é a principal regra do jogo... elas geralmente preferem receber logo ao início e eu também, assim aquilo não fica a pesar sobre as nossas cabeças durante o encontro... elas não ficam a pensar que eu as estou a tentar enganar. Ponho a quantia combinada num envelope com o nome dela em letras grandes e deixo num local visível no quarto.”
Frederico	“Não acho que o que pagamos interfira na intimidade com a acompanhante, faz parte do encontro é assim. Aquilo que se passa com uma acompanhante só acontece porque lhe pagamos.”
Vitor	“Não gosto de ser deselegante, pago logo ao início até para ficar livre desse constrangimento... mas como não gosto de ser deselegante o envelope vai sempre acompanhado de uma pequena lembrança, umas flores ou uns chocolates... ahh e escrevo sempre um cartão de agradecimento. Acho que fica mais simpático.”

Intimidade circunscrita: rituais, tensões e pressões

A intimidade circunscrita entre acompanhantes e clientes revela uma intimidade do aqui e agora que se auto-consome, desprovida de futuro e sem responsabilidades mas cujos vínculos não deixam de corresponder às características fundamentais das relações de intimidade nas sociedades contemporâneas. O quadro deste tipo específico de prostituição revela-nos a emergência e a busca de uma intimidade baseada na partilha mutua de pensamentos, experiências e fundamentada na expressão dos sentimentos (Jamieson, 2005), mas que surge desencapsulada do amor romântico, confluyente ou desfasada da relação pura (Jamieson, 2005; Giddens, 1995).

Contudo, esta intimidade circunscrita entre clientes e acompanhantes não deixa de compreender a associação próxima entre as pessoas, o conhecimento privilegiado e a profunda compreensão mutua. Formas de conhecimento íntimo e compreensão do outro que incluem a partilha da vida de todos os dias, o desabafo, a confiança, a abertura de si ao outro, a partilha de segredos, a expressão de sentimentos, informação corporal, conhecimento das fragilidades pessoais, e/ou a criação de memórias de experiências vividas em conjunto (Collins, 2004; Jamieson, 2005; Richardson, 2000a; Zelizer, 2005). Ora, isto implica o estabelecimento de uma lógica de reciprocidade na revelação de informação pessoal potencialmente embaraçosa (Jamieson, 2005; Zelizer, 2005; Collins, 2004). Ou seja, depende da vontade das mulheres acompanhantes e homens clientes assumirem alternadamente a posição de escuta atenta do que o outro conta e, em seguida, estarem dispostos a passarem para o estatuto de contador da vida (Collins, 2004). Estamos perante rituais de interação que produzem formas específicas e temporárias de intersubjectividade (Collins, 2004) onde o foco de atenção se dirige sobre os intervenientes, constituindo ligações autênticas e temporárias (Bernstein, 2007a).

Ricardo

“[reciprocidade na intimidade e partilha] A prova está no eu conhecer muitas miúdas que têm clientes que só vão lá para falar. Vão lá para dizer quem são. Vão dizer quem são e que não conseguem dizer a mais ninguém (...) as pessoas não estão habituadas a dizerem quem são e o que sentem, hoje em dia falamos muito daquilo que pensamos e daquilo que achamos que sentimos. Mas muito poucas vezes descascamos a cebola para perceber o que verdadeiramente sentimos. Também é um espaço para eu descascar a minha cebola (...) Partilho coisas da minha vida... há algumas mulheres que sabem da minha, com maior ou menor grau de detalhe, o que alguns amigos íntimos sabem (...) Sabes qual é a vantagem que eu tenho? Eu não tenho ninguém na minha vida que não saiba tudo acerca da minha vida (...) Não tenho nada na minha vida que ninguém saiba.... Quem me viu nas ruas da amargura há poucas coisas que os possam chocar (...) Hoje em dia a mentira na minha vida não tem nenhum sentido. Quando não tens nada a esconder... quando eu já fiz o que já fiz, quando eu passei pelo que já passei, a minha vida é um livro aberto (...) Se calhar, por tudo isto é mais fácil para mim desenvolver estas relações de intimidade com estas mulheres

“Elas não têm ninguém com quem falar (...) A grande característica da maior parte destas mulheres que trabalha como acompanhante é... são mulheres extremamente carentes e extremamente sós. Quando se consegue ultrapassar aquela barreira desenvolvem-se relações sempre definidas pelo encontro pago mas com laços de alguma intimidade (...) Eu tenho encontrado pessoas fantásticas que acaba em intimidade e amizade com a pessoa fora da acompanhante (...) A partir de certa altura com algumas destas raparigas eu sei o nome, sei o nome dos filhos, sem a data de aniversário, sem a data de aniversário dos filhos, sei os problemas que têm em casa, sem os problemas que tiveram na vida, sei o passado delas, sei os casamentos e os não casamentos. Isto é uma relação para além do sexo pago (...) Às vezes acontece uma coisa engraçada, sexualmente não há química, mas continuo a relacionar-me com as pessoas sem ser através de sexo (...) O meu lado profissional vem ao de cima (...) eu tenho um defeito profissional, eu sou terapeuta, a facilidade das pessoas terem tendência para falarem e se abrirem comigo é muito grande. Há muitas acompanhantes que têm muita necessidade [terapia], porque muitas têm uma vida dupla (...) saberem que eu sou um gajo porreiro, que o que for dito ali não sai dali, isso ajuda a ser instrumentalizado, para mim é ok ser instrumentalizado.”

Miguel

“Para a intimidade não há receita (...) Não é só físico, é a pessoa ter alguma identificação, alguma ligação, capacidade de relacionamento. Se a pessoa estiver descontraída, se estiver disponível... se o cliente a tratar bem, isso é uma das regras fundamentais, saber acompanhá-la (...) Saber ouvir, saber falar, saber partilhar, incentivar o outro a partilhar, saber estar... é isso que faz com que as mulheres também se sintam atraídas (...) Se elas sentirem que não há problema em partilhar elas fazem, porque elas também são pessoas um bocado carentes (...) só partilham com uma pessoa que

consideram especial (...) Elas no fundo acabam por dizer algo mais do que é suposto dizerem num encontro (...) eu também falo sobre tudo com elas, também não tenho nada para esconder (...) ideias, viagens, gostos, há muitas coisas que se podem falar sem se entrar em grandes pormenores. Elas também contam coisas particulares da vida delas (...) Acabei por criar amizades com algumas acompanhantes. Falo com elas muitas vezes, saímos algumas vezes, jantamos, saímos juntos só mesmo para estar à conversa (...) elas têm cada conversa mais doída, porque elas falam de experiências fora daquilo que nós consideramos normal. Acabam por ser pessoas com uma experiência... são pessoas interessantes (...) São pessoas que gostam de ter pessoas com quem falar, com quem conversar com amizade pura (...)"

Contudo, na aparente simplicidade destes relatos e conversas esconde-se uma imensa complexidade. Por um lado, porque quer para os homens clientes quer para as mulheres acompanhantes falar de si é falar de outros ausentes da interacção prostitucional. Ou seja, a intimidade circunscrita, tal como o segredo, vive em permanente tensão de quebra das suas fronteiras. Por outro, os rituais de interacção produtores de intimidade revelam-se um permanente jogo de escondidas com o poder e a confiança mútua.

Aos rituais de revelação de si é inerente a exposição de outros com quem os narradores vão tecendo biografias entrelaçadas (Elder, 1985 e 1994; Nico, 2011). Trata-se da exposição dos gostos e dos desgostos que se produzem ao longo do tempo desse entrelaçamento biográfico. Isto é, os rituais de revelação implicam, frequentemente, falar sobre outros ausentes dos encontros prostitucionais, mas que fazem parte da vida e das redes de proximidade de um ou de outro (Collins, 2004) dos protagonistas destes encontros. De forma breve, acompanhantes e clientes falam dos outros, para falarem de si, das emoções que os acontecimentos vividos com essas terceiras pessoas os fazem sentir.

Os homens clientes falam dos colegas de trabalho e das relações profissionais que revolvem entre a solidariedade e competitividade. Os homens (mas também as mulheres acompanhantes que mantêm uma outra carreira profissional principal) que trabalham muitas horas apresentam o recurso à prostituição como uma forma de relaxamento depois de um longo dia de trabalho e como uma pausa numa cultura de excesso de trabalho (Sanders, 2008). Reconhecem nesses encontros momentos de redução de stress, intimidade e aconselhamento (Stein, 1974), entendendo-os como uma dimensão de escape de um quotidiano vivido em ambientes profissionais altamente hierarquizados, exigentes e competitivos (Allison, 1994)⁶⁸. Do mesmo modo, acompanhantes que acumulam a actividade prostitucional com carreiras profissionais exigentes (Nicole, Victória, Bárbara), encontram no espaço dos encontros prostitucionais a oportunidade para falarem dos ambientes competitivos em que vivem no dia-a-dia, das pressões que sofrem e dos assédios e olhares que sentem sobre si, sobre os seus corpos e sobre a sua sexualidade enquanto trabalham. Estas mulheres aproveitam a presença dos homens clientes para exporem a dificuldade que é articular as exigências profissionais, as exigências das relações amorosas, as responsabilidades familiares. No fundo, para elas, os encontros prostitucionais revestem-se de uma dupla importância: (i) espaço de concretização de fantasias

⁶⁸ Anne Allison (1994) centra a sua análise em bares de prostituição no Japão: as homosossibiabilidades entre colegas de trabalho quando transferidas para este contexto permitem o afastamento dos ambientes altamente hierarquizados do trabalho.

sexuais; (ii) possibilidade de irem ao encontro de si, num momento só eu, onde recolhem aos bastidores e podem procurar novos sentidos para a sua vida.

Adicionalmente, para estes homens e estas mulheres, a revelação de si implica a revelação de outros quando falam das suas famílias e dos laços de sangue, revelando irresolúveis tensões que marcam as relações com pais e irmãos (Frederico, Manuel, Miguel, Joana, Rita, Clara, Isabel, Catarina, Danny, Jennifer).

Finalmente, os ausentes do quadro de interacção prostitucional passam a estar presentes quando homens e mulheres conversam acerca dos amores e dos desamores que vão experimentando, expondo companheiras e companheiros amorosos, relatando quotidianos conjugais entre o aborrecimento da rotina, a perda de paixão e a tranquilidade do companheirismo, ou comentando a difícil gestão das responsabilidades com os filhos.

André “(...) uma coisa que acontece muito é falar com elas sobre relações... sobre gajas... acontece muito falar com elas sobre as minhas relações com a Mafalda, por exemplo (...) gosto de falar com elas sobre as mulheres..hummm... acho que às vezes estas conversas me ajudam a perceber melhor as mulheres (...)”

Vítor “Se quer que lhe diga, até pode ficar escandalizado com o que lhe vou dizer mas é a verdade, acho que as acompanhantes foram muito importantes para manter o meu casamento... sem elas acho que se calhar já estaria divorciado. Digo isto não é só pelo sexo ou pela adrenalina de ter uma mulher diferente...de quebrar a rotina... humm... também é porque com elas falava... falava e falo das coisas chatas da vida de casado, do meu casamento... de ter de aturar a mulher, de muitas vezes já não me sentir atraído por ela... e elas [as acompanhantes] acabam por ser boas conselheiras (...) até acho que foram essas conversas que me fizeram ficar nisto [recurso às acompanhantes] (...) Nestas coisas da vida sentimental e sexual elas são boas conselheiras, acho que o que elas dizem faz sentido e funciona.”

Jorge “Na altura em que comecei nisto das acompanhantes falava muito da Patrícia [ex-namorada]... tínhamos acabado tudo à pouco tempo, estava tudo muito fresco... desabafava muito com elas [acompanhantes]... não sei se estava à espera de conselhos, mas pelo menos elas ouviam e eu descarregava tudo... até as coisas que gostava de ter dito à Patrícia e não lhe disse acabava por dizer ali com elas (...) Naquela altura acho que foi importante, sentia-me aliviado...ehhh... e compreendido e ainda por cima compreendido por outras mulheres (...)”
“(...) muitas vezes falamos sobre o problema de ter uma relação [amorosa] e andar com elas [acompanhantes], sobre como se pode gerir isto, se é bom ou mau... elas dão conselhos porque também têm uma experiência de vida destas coisas grande e porque na vida que têm conhecem muitas histórias, não é? (...) é porreiro poder falar sobre mulheres...hummm... e sobre as relações [amorosas e sexuais] com uma mulher (...) manter uma relação como esta [Living apart together] nem sempre é fácil, ou melhor quase nunca é fácil...hummm... aquilo que tem de exótico e de fascinante à partida também é aquilo que tem de frustrante... porque, sejamos sinceros, este não é o tipo de relação que alguém deseje, mas é a relação possível com a pessoa de quem se gosta (...) por mais insólito que possa parecer, as acompanhantes funcionam como o fiel da balança desta relação (...)”

Percebemos que, tal como noutros tipos de vínculos de intimidade, as relações íntimas entre acompanhantes e clientes partem do princípio de que pelo menos uma pessoa confia na outra, disponibilizando-se à partilha de si. Isto é, a intimidade que acompanhantes e clientes são capazes de construir nos seus encontros sexuais comerciais depende da confiança gerada e do desejo dos envolvidos partilharem este tipo de conhecimento ou informação apesar dos riscos que esse acto pode conter para a sua exposição pública.

Como já se referiu, as acompanhantes e clientes que estão disponíveis para alinharem no jogo da construção de intimidade são aqueles mais dotados de recursos, de capacidade reflexiva, disposições de expressão dos sentimentos e emoções. São também estes protagonistas que mais facilmente percebem que no acto de revelação e partilha de si está implícita uma transferência de poder que segue em direcção ao outro que escuta. Estas mulheres e homens sabem que no jogo da intimidade circunscrita em contexto prostitucional a partilha deste tipo de informação pode significar um enorme desequilíbrio de poder, um risco suplementar de se ficar vulnerável à chantagem da

exposição pública daquilo que se faz (ser acompanhante ou ser cliente) com evidentes efeitos negativos.

- João “Eu sei muito bem com quem estou... sei que elas são acompanhantes, e que no fundo nunca posso ter a certeza que as conheço bem... por isso, tenho sempre cuidado, controlo-me naquilo que digo... nunca se sabe... há muitas coisas que não lhes conto, jamais! (...) nunca digo onde trabalho, nunca digo detalhes sobre a minha família ou sobre a minha namorada, não revelo demasiado os meus hábitos, nem onde vou com os meus amigos ou namorada, por aí fora.”
- Frederico “(...) Tens que ter cuidado com quem estás a falar, perceber muito bem a rapariga para não te arriscares demasiado, não vá querer aproveitar-se de ti de alguma maneira (...) se não tiveres cuidado com aquilo que contas e a quem contas podem até fazer chantagem contigo, do tipo contarem tudo à tua mulher... eu tenho cuidados por causa disso.”
- “Não penses que a intimidade ou a proximidade com elas se faz por magia, elas não se abrem nem estão dispostas a ter uma relação assim com todos os tipos com quem estão... tens que lhes ganhar a confiança, têm de perceber que és de confiança, que és boa pessoa, que não tens jogadas escondidas... mas tens que mostrar que elas são importantes, que não as vês como objectos sexuais, tás a perceber?! Elas gostam de perceber que investes nelas como se fosse um encontro com outra mulher qualquer... isso fã-las sentir bem, reagem sempre bem. Trata-las com respeito, com carinho... com sedução, sem isso não tens intimidade nenhuma com elas, só tagarelice.”
- Ricardo “O ter homens que independentemente de estarem ali a pagarem para ter sexo de alguma forma, como é o meu caso, se entregam e partilham. Isso dá poder às pessoas, isso dá poder às pessoas! A relação terapêutica é sempre uma relação de poder, o poder está no terapeuta e não no cliente. Ali, o poder está na acompanhante e não no cliente. Algumas que percebem e utilizam (...) O poder que isso oferece e o assumir esse poder para algumas é viciante (...) Há muitas acompanhantes que me fazem concorrência profissional, são terapeutas [risos] (...) Há uma das raparigas com quem eu me dou há vários anos, eu voltei de Inglaterra há seis anos, dou-me com ela há cinco, já vai no quarto namorado e sempre que se separa vem pedir-me ajuda. Isto é uma troca de poder. Eu sinto-me importante na vida desta rapariga.”
- Vítor “(...) quando elas não têm nível, quando não sabem estar, não têm pedigree mesmo nenhum... quando são vulgares quase a roçar o ordinário, aí não pode haver espaço para intimidade...ehhhh... aliás, costume dizer que essas acompanhantes foram um erro de casting, errei na escolha [risos]”
- “Claro que há riscos quando falamos abertamente sobre nós a estas mulheres, claro que há! Por isso é que eu digo que é preciso ter muitos cuidados. Olhe, começa logo por não ser demasiado aberto ao princípio quando não se conhece a rapariga de lado nenhum (...) isto [partilha de si e da sua vida] não acontece de repente, nunca acontece com uma acompanhante com quem esteja pela primeira vez... não vou estar à conversa, a falar de mim a uma pessoa que nunca vi antes... eh... acho que ela também não se sentiria à vontade para falar dela nessas circunstâncias, numa primeira vez a conversa é sempre muito superficial. Depois de mais de uma vez, com o tempo, é que se torna possível conhecer a pessoa... há mais à vontade e confiança entre nós, para falarmos e não só... na cama. As coisas tornam-se mais naturais, mais smooth.”
- “(...) Quando acho que já falei demais, quando acho ‘bolas já contei mais do que era suposto’, calo-me e fico a ouvir o que elas têm para contar...hummm... também gosto um bocado disso, e quando já há confiança entre nós, elas adoram falar, também deve ser bom para elas ter alguém que as ouça... um homem que as ouve e que não está ali só para as ter na cama, não acha?”

Mas, as mulheres acompanhantes e os homens clientes não deixam de jogar o jogo. Por um lado, verifica-se que, em grande medida, os clientes sentem que têm uma relação autêntica com uma acompanhante quando pensam que conseguiram romper a fronteira emocional que imaginam que as acompanhantes colocam para defender as suas vidas privadas e íntimas. Fronteiras que separam a sua vida profissional do resto das suas vidas (Bernstein, 2007a; Coelho, 2009a). A busca pela autenticidade pode ser aferida pelo desejo dos clientes em saberem mais sobre a vida das mulheres trabalhadoras do sexo com quem estão: as suas vidas para além do trabalho, as suas vidas íntimas, quem são realmente. Já tivermos oportunidade de perceber que os clientes procuram conquistar sexualmente as mulheres acompanhantes. Do mesmo modo, deter informação íntima acerca da vida das mulheres acompanhantes é uma forma de conquista, na exacta medida em que seria a demonstração da ultrapassagem de fronteiras de intimidade das acompanhantes (Bernstein,2007a), significando a conquista da mulher que está para lá do encontro comercial, sinalizando a entrada do homem cliente no reduto da sua confiança e demonstrando, finalmente, que elas gostam realmente deles e não apenas do seu dinheiro.

Por outro lado, para as acompanhantes, a posse de informação detalhada acerca da vida dos homens seus clientes, conhecer episódios potencialmente embaraçosos, conhecer corporalmente o outro e reconhecer as suas eventuais fragilidades, conhecer sexualmente o outro, os seus gostos, competências e capacidades sexuais bem como incapacidades e incompetências, ter com ele vivido episódios sexuais, significa deter um enorme poder: o poder de desocultar, de revelar os seus segredos. De forma concreta, uma acompanhante que se desloca a casa do cliente, que conhece a sua profissão, sabe onde trabalha, trata-o pelo seu nome e, adicionalmente, acede a um conjunto de informação íntima e irrepetível apenas disponível na interacção sexual, é uma mulher que tem o poder da revelação e da exposição do homem e das suas fragilidades mais escondidas.

Mas, as mulheres e homens neste contexto prostitucional não deixam de jogar este jogo da intimidade. Jogam-no de forma consciente, com precauções e retraimentos estratégicos. Para algumas mulheres acompanhantes este exercício de partilha de si revela-se uma tarefa particularmente complicada, porque falar com os homens (clientes) acerca das suas vidas, dos episódios marcantes, dos momentos decisivos pode, nalguns casos, implicar um exercício de rememoração de aspectos particularmente penosos de biografias montadas entre sucessivas dificuldades económicas e existenciais, modalidades de resolução da vida fracassadas e ou relações amorosas terminadas. Muitas vezes, estas mulheres temem que o relato desses episódios de fracasso pessoal e dos projectos individuais imaginados as coloquem numa posição particularmente frágil perante os homens seus clientes. Temem ser percebidas como mulheres frágeis, inseguras, desprovidas de agencialidade e, portanto, também mulheres afastadas do poder e do controlo de si e das situações em que se encontram (nomeadamente a interacção sexual comercial). Não será por isso de estranhar que seja entre essas mulheres que encontramos aquelas com maior relutância em construir relações com os seus clientes baseadas neste tipo de intimidade não física (Catarina e Isabel). Outras, pelo contrário, percebem o potencial contido nas suas biografias atribuladas e utilizam a sua revelação subtil, aparentemente impensada e acidental como uma estratégia de sedução e atracção dos homens que as procuram (Eva, Rita). Porque, a revelação de percursos atribulados e de situações de instabilidade e precariedade objectiva funcionam como produtores de uma imagem de mulher frágil que acidentalmente entra na prostituição e que procura desesperadamente ajuda para a sua vida e para a retirada da actividade prostitucional. De outra forma, a revelação das suas vidas acidentadas induz nos clientes a possibilidade de se construir enquanto homens salvadores destas mulheres.

Para outras, sobretudo mulheres que conjugam a actividade prostitucional com outras actividades profissionais (principais) e/ou que mantêm em paralelo relações amorosas convencionais, a relutância na revelação de si aos homens que acompanham deve-se à consciência clara de que a revelação detalhada das suas vidas significa uma transferência de poder para homens relativamente desconhecidos, deixando-as numa situação de grande vulnerabilidade. Para elas a partilha de detalhes da vida, de episódios potencialmente embaraçosos ou de pormenores da sua vida dupla, daria a estes homens a capacidade de revelarem o seu segredo. Assim, adoptam frequentemente uma estratégia de

contarem a sua vida sem a contar: revelam as suas emoções, frustrações, mas colocam esses episódios e sentimentos na pele de uma espécie de personagem entre o ficcional e o real através de quem revelam partes seleccionadas das suas vidas. Nestes casos, a revelação do nome verdadeiro das acompanhantes, parecendo um acto desprovido de importância, significa a partilha da vida, da biografia pessoal, da história das relações passadas, da rede de relações que se mantém. Enfim, a simplicidade do acto de revelar o próprio nome resulta na partilha, ou pelo menos, numa aproximação àquilo que o nome próprio esconde, isto é, a cadeia de rituais de interacção que cada um constrói e que torna cada indivíduo irrepitível e reconhecível como único (Collins, 2004; Goffman, 1993; Simmel, 1995 e 2009).

Nicole

“Quanto muito eles abrem-se sobre a vida deles, mas eu não da minha (...) Os limites são sobre a nossa vida. Ninguém sabe quem somos, onde moramos, nada. Eles tentam saber, nós contamos uma história e ficamos por aí. Eu acho que eles nunca acreditam, mas sabem que não adianta. Eu dizia sempre o meu nome verdadeiro e isso fazia-os acreditar que eu dava um pouco de mim. Eles gostavam!”

“(...) Eu utilizava sempre a história tipificada. A minha história tipificada tenta atraí-los, claro. Faço o papel da menina que precisa desesperadamente de dinheiro, que trabalha num escritório mas que é burrinha e mal tem estudos superiores. É óbvio que não lhe ia dizer que era uma super advogada de um escritório fabuloso e ganhava rios de dinheiro. Se fizesse isso se calhar nem me pagavam...”

Os rituais de revelação das narrativas pessoais complexificam-se no momento em que abandonam a lógica do simples relato da vida e do desabafo de sentimentos do dia-a-dia, quando o espaço de partilha, conhecimento e compreensão mútua estabelece vínculos que se tornam suficientemente atractivos para que acompanhantes e clientes os desejem repetir (Collins, 2004), cristalizar e fazer perdurar numa rede mais consistente de contactos e apoio. Neste caso, os vínculos de intimidade circunscrita passam a ser também laços de afecto, de reconhecimento social e de solidariedade, alargando o capital social e adicionando nomes aos seus carnet d’adress originais. As redes de conhecimento e reconhecimento social que colocam em marcha pela actividade prostitucional, ou os círculos sociais que constroem à sua volta, ganham importância na construção e na definição de si enquanto indivíduos irrepitíveis (Simmel, 1995 e 2009).

A entrada das mulheres acompanhantes ou dos homens clientes no carnet d’adress um do outro associa-se, não raras vezes, a um outro desafio ou tensão para quebra da circunscrição do seu vínculo íntimo: a criação de uma rotina de encontro sistemático e a criação de um casal acompanhante-cliente que se constitui de forma recorrente e regular. Verifica-se que o desejo pela intimidade emocional e física faz com que muitos homens se tornem clientes regulares de uma determinada prostituta acompanhante e que as acompanhantes desejem determinado homem como seu cliente habitual, constituindo formas alternativas de relações duradouras e desenvolvendo uma relação que espelha os guiões românticos heterossexuais (Sanders, 2008). A pressão para a quebra das fronteiras delimitadas da intimidade entre acompanhante e cliente radicam nos benefícios que ambos encontram no aprofundamento e no prolongamento da intimidade para lá do espaço e do tempo prostitucional. O prolongamento e a estabilização da relação autorizam a intensificação da partilha, atenua barreiras e diminui as zonas sombrias e ocultas da vida, expondo mais claramente os sucessos e

as fragilidades. Bem como, diminui as regras e as restrições sexuais entre acompanhante e cliente. A entrega recíproca a que se dedicam na narrativa das suas vidas e emoções transfere-se para uma entrega sexual apenas preocupada com a reciprocidade. Aquilo que acontecia apenas no tempo da duração do encontro e que se autoconsumia, passa a ter um tempo de futuro, passa a ser guiado pela preocupação e solidariedade.

Jorge “(...) acaba sempre por se estabelecer alguma empatia especial com alguma delas... humm... somos seres humanos, somos pessoas, acho que é perfeitamente normal (...) A Carolina [acompanhante] é uma pessoa especial para mim, temos uma relação mais próxima, de muito respeito, respeitamo-nos muito e confiamos um no outro... acho que somos bons confidentes ou do outro, contamos tudo ou quase tudo um ao outro [risos]. Estou-me a rir porque se há uns anos atrás me perguntassem isto eu diria que seria impossível: ‘o quê com uma gaja, ainda por cima puta?! Nem pensar!’ (...) Porque temos esta relação especial, ela é única acompanhante com quem vou a sítios públicos... jantar fora ou sair à noite, porque sei que ela nunca me vai deixar mal. Até já viajámos juntos numas férias, vê lá! É uma coisa mesmo muito diferente. Com ela falo quase todos os dias para sabermos um do outro... mesmo quando não marcamos nada. Claro que continua a haver sexo, acho que é o sexo que alimenta tudo o resto... e o sexo é fantástico entre nós e não há barreiras, já nos conhecemos muito bem na cama também. Sabemos o que um e o outro gosta e quer... hummm... já aprendemos a ler as reacções um do outro (...) Como temos esta coisa especial quando estamos juntos ela dorme sempre lá em casa, isso é bom, de manhã despedimo-nos e pronto (...) só pago um encontro normal, uma hora e estamos uma noite inteira juntos (...) Também te digo nunca imaginei que isto pudesse acontecer... nem sei muito bem como é que aconteceu, foi acontecendo e pronto. Foi tudo muito natural.”

Manuel “Claro que é possível ficarmos amigos de acompanhantes, elas são pessoas como as outras, ainda por cima pessoas com quem partilhaste alguma coisa íntima, que te viram nu, que tiveram sexo contigo, etc, etc. As acompanhantes com quem estou quando venho cá [Lisboa] são minhas amigas... são umas amigas especiais... umas amigas com quem tenho sexo e pago para isso... hummm... É assim, todos temos diferentes grupos de amigos, certo? E há amigos mais chegados do que outros, não é? Estas amigas são um grupo desses, um grupo especial, vivemos coisas especiais juntos e coisas que ninguém mais sabe.”

6.2 | Intimidade como trabalho

Com Elias (1990) aprendemos que a intimidade, a expressão das emoções e do corpo são alvos específicos do processo civilizacional, isto é, que a intimidade está longe de ser o lugar da manifestação autêntica de sentimentos ou emoções naturais. De facto, intimidade é diferente de autenticidade, porque quando falamos de intimidade não descrevemos uma matéria passível de ser encontrada e adquirida em estado puro. Contudo, a problematização das emoções e da intimidade no discurso sociológico continua a perceber que da conjugação dos termos trabalho, emoções e intimidade resulta, necessariamente, a produção de sentimentos simulados (distintos dos verdadeiros e autênticos) concebidos como pseudo-intimidade ou como gestão ou controlo das emoções: um simulacro de intimidade que seria bem diferente das verdadeiras relações íntimas baseadas na expressão autêntica dos sentimentos. Estes sentimentos simulados produzidos pela rotinização da expressão emocional (Hochschild, 1983) retirariam às relações sociais o seu significado e acabaria por ter efeitos negativos na vida dos envolvidos neste esforço de rotinização das emoções (Zelizer, 2005; Ehrenreich e Hochschild, 2002; Hochschild, 1983 e 2003; Collins, 2004; Katz, 1999; Kemper, 1990).

De forma alternativa, entendemos a intimidade em contexto prostitucional como resultado de um processo laborioso a que se dedicam mulheres acompanhantes e homens clientes. Percebemos a intimidade enquanto produto do investimento e do trabalho que mulheres e homens fazem no instante interaccional em que se encontram, fazendo uso das suas ferramentas e do seu reportório de disposições para agir e pensar as emoções na criação de intersubjectividade (Collins, 2004). Assim, os

sentimentos e a capacidade de os partilhar, bem como as formas de expressão em que isso se traduz no processo de criação de intimidade dependem, necessariamente, da história pessoal e do esforço de aprendizagem e de incorporação de determinadas emoções e da rotinização da expressão emocional. Ao contrário de imaginarmos esse processo de incorporação e rotinização como uma ameaça ao significado mais profundo das relações sociais ou como um risco negativo na vida destas mulheres e homens, percebemos este reportório biograficamente sedimentado como a caixa de ferramentas que potencia e define os contornos dos vínculos de intimidade que os protagonistas estabelecem entre si. De forma simples, o carácter laborioso da intimidade e a utilização do reportório pessoal de disposições é o que fornece significado à intimidade: o labor é parte integrante do processo de significação.

Neste quadro, ainda que a intimidade circunscrita possa fazer parte do contrato económico ou da transacção em que cliente e prostituta aceitam tomar parte (Bernstein, 2007a), existe uma diferença na forma como mulheres prostitutas acompanhantes e homens clientes percebem e significam os encontros entre si e percebem a intimidade que neles é produzida.

Para as mulheres acompanhantes a intimidade que produzem nos encontros prostitucionais é fortemente orientada por um esforço de construção. Desde logo, porque as razões emocionais que levam os homens a recorrer à prostituição têm consequências inevitáveis na forma como as prostitutas desempenham o seu trabalho. De forma operatória isto implica que a cada novo cliente, a cada novo encontro, as mulheres acompanhantes sejam capazes de utilizar as ferramentas adequadas na construção dos vínculos emocionais e íntimos mais ou menos temporários que orientam os desejos dos seus clientes. O trabalho emocional desempenhado pelas prostitutas acompanhantes exige que elas sejam capazes de reconhecerem as necessidades emocionais dos seus clientes (Brewis e Linstead, 2000a, 2000b; Sanders, 2005b). Isto é, exige um trabalho de gestão das respostas emocionais do outro, mas também um trabalho de gestão do sentimento criando uma postura e disponibilidade corporal específicas (Ehrenreich e Hochschild, 2002; Hochschild, 1983).

Trata-se de um trabalho construtivo em que estas mulheres se colocam como protagonistas de uma intimidade circunscrita que autoriza ultrapassar a estrutura psíquica (Elias, 1990) que faz da contenção da sexualidade e da manifestação dos sentimentos, emoções e desejos um hábito automático. São elas, que pelo trabalho emocional (enquanto exigência e expectativa profissional), quem cria um cenário simultaneamente erótico e íntimo que rompe com a noção do espaço íntimo enquanto lugar de luta entre as manifestações pulsionais, emocionais e sexuais promissoras de prazer com as interdições e restrições e os sentimentos socio-genéticos do pudor e do embaraço (Elias, 1990). Este é um trabalho construtivo que se traduz na conjugação de características tradicionalmente associadas à feminilidade enfatizada (centradas na valorização das emoções, dos afectos, da sensibilidade, da preocupação e cuidado com os outros e afastamento da racionalidade; uma feminilidade preocupada em cumprir as exigências e desejos de uma economia simbólica masculina) com características de uma nova feminilidade sensual, sexy, provocadora e sexualmente

empreendedora. Uma conjugação que, no fundo, fará das acompanhantes um híbrido identitário entre a mulher casta e a devassa (good girl/bad girl).

Este estatuto híbrido reforça, não só, o encontro prostitucional como um lugar e um acontecimento de intimidade, como também oferece à mulher acompanhante uma imagem longínqua da prostituta enquanto vítima de exploração, opressão ou como objecto sexual. De facto, verifica-se que os homens clientes enfatizam a afectividade e a cordialidade da trabalhadora sexual, bem como a sua capacidade de criar espaço para a expressão das emoções e sentimentos, como características, no mínimo, tão importantes quanto os atributos físicos ou as competências sexuais (Bernstein, 2001; Holzman e Pines, 1982).

Alguns homens, para além de um encontro sexual com uma mulher detentora de extraordinário capital físico e de experiência e competência sexual que os coloque na rota do bom sexo, comprovando e reforçando a sua própria competência sexual, também buscam intimidade. No fundo, os clientes esperam receber serviços emocionais sob a forma de intimidade, conferindo ao trabalho sexual destas prostitutas um carácter terapêutico que assenta na capacidade de escuta dos outros (Lever e Dolnick, 2000) e na capacidade de facilitação das condições necessárias para a abertura e partilha da vida e das emoções. Para os homens clientes, a intimidade que procuram activamente ou que encontram acidentalmente resulta de um labor de desconstrução. Desconstrução e desmontagem de máscaras com que se apresentam em diferentes esferas da vida social. Para a generalidade dos homens o contexto prostitucional revela-se um tempo e um lugar onde, muitas vezes de forma inesperada e não intencional, se vêem confrontados com a necessidade e o desejo de investirem na produção de vínculos mais profundos com as mulheres prostitutas que procuram. Desta forma, fazem da prostituição um tempo e um lugar que funciona como refúgio onde é possível ultrapassar o medo de expressarem as suas emoções e sentimentos (Seidler, 1992, 1997 e 2006), desocultando à frente das acompanhantes as suas necessidades emocionais e fazendo destas mulheres confidentes da vida⁶⁹. Os encontros prostitucionais e as mulheres acompanhantes acabam por estar repletos de tentativas de responder a uma questão que fazem silenciosamente a si mesmos: onde colocar as emoções?

Acompanhantes: intimidade como resultado de trabalho de construção

⁶⁹ Apontamento metodológico: numa pesquisa que incide sobre uma população oculta e de difícil acesso, que tem como tema central uma dimensão secreta e escondida da sexualidade, o investigador mais do que escolher os seus interlocutores na realidade (prostitucional) é por eles seleccionado (Coelho, 2009a). Neste sentido, devemos manter presente a possibilidade de que os homens que se dispõem a conversar longamente com o investigador acerca das suas vidas sejam também aqueles que, no universo dos clientes deste tipo de prostituição, apresentam mais recursos, competências e disposições reflexivas e de verbalização de si.

Tal como já percebemos que o sexo e o prazer sexual exigem trabalho específico e um investimento permanente por parte dos homens clientes e das mulheres acompanhantes, também se verifica que a intimidade vivida entre estas mulheres e homens depende de formas específicas de trabalho. Neste quadro, o grau de intimidade que se estabelece entre prostitutas e clientes será, pelo menos parcialmente, o produto de formas específicas de trabalho emocional desenvolvido pelas mulheres prostitutas (Sanders e tal,). Estas formas de trabalho diferem entre si não só no que respeita à sua natureza, podendo tomar a forma de trabalho emocional (Ehrenreich e Hochschild, 2002; Hochschild, 1983 e 2003; Casaca, 2012) ou de trabalho erótico, mas também se distinguem no que diz respeito ao grau de rotinização ou performance com que são colocados em prática.

O mais surpreendente não reside na confirmação de que às prostitutas acompanhantes é exigido trabalho emocional, nem no facto de, frequentemente, perceberem os encontros prostitucionais como uma actividade terapêutica e a si próprias como uma espécie de psicólogas ou psicanalistas (), mas no facto desse tipo de trabalho ser desenvolvido pelo recurso a uma caixa de ferramentas plural. Esta caixa de ferramentas é constituída por um reportório potencialmente contraditório de disposições, hábitos e experiências incorporadas (Lahire, 1998, 2004 e 2005).

Tal como os sistemas de disposições (Bourdieu, 1979, 2001 e 2002) ou os reportórios disposicionais plurais (Lahire, 1998, 2004 e 2005), a constituição da caixa de ferramentas de trabalho emocional não é totalmente independente da posição das mulheres acompanhantes no espaço relativo da distribuição social de recursos e poderes. Assim, quanto maior o volume do conjunto do património individual dos diversos tipos de capital detidos, quanto mais cosmopolita for o seu modo de vida, quanto mais experimentalista for a sua forma de organizar e compreender a sexualidade, mais complexa será a caixa de ferramentas emocionais ou o reportório de disposições específicas. Quanto mais complexa é esta caixa de ferramentas e o património dos diversos tipos de capital detidos mais facilmente as mulheres significam as suas experiências como prostitutas acompanhantes como episódios e acontecimentos de enriquecimento biográfico, de auto-confrontação, de desafio e superação pessoal, potencialmente reorientadores de significados e de projectos individuais. Isto é, percebem os encontros prostitucionais e os vínculos (sexuais e íntimos) aí gerados como trabalho emocional e reflexivo dirigido a si próprias e não simplesmente configurado em direcção ao outro e à concretização dos desejos emocionais, sexuais e afectivos dos homens que as procuram.

Inversamente, as mulheres prostitutas acompanhantes ocupando lugares na estrutura social mais destituídos das diferentes formas de capital, apresentando modos de vida turbulentos e incorporando uma visão mais restritiva e conservadora da sexualidade, tendem a perceber as relações com os seus clientes e a intimidade aí produzida exclusivamente através da lente profissional. Ou seja, para elas a intimidade resulta do trabalho emocional enquanto parte integrante da actividade de acompanhante e é essencialmente uma intimidade motivada pela necessidade de quebrar o gelo do desconhecimento inicial e de promover a intensidade sexual que satisfaça as expectativas do cliente. Trata-se de uma intimidade duplamente instrumental que visa garantir a satisfação imediata (e sexual)

do cliente e criar as condições para uma rápida acumulação de recursos económicos. Neste sentido, as mulheres acompanhantes acabam por laborizar as suas emoções, fazendo delas emoções profissionalizadas que se produzem a troco do pagamento da sua força de trabalho (Ehrenreich e Hochschild, 2002; Hochschild, 1983 e 2003; Sanders, 2005a).

A caixa de ferramentas para o trabalho emocional das prostitutas acompanhantes inclui aquilo a que Hochschild (1983) denominou de actuação superficial, isto é, o momento em que as emoções são jogadas de forma a criarem a impressão desejada ao outro. Trata-se, em grande medida, de formas de supressão dos seus próprios sentimentos de forma a conseguirem desenvolver o seu trabalho como acompanhantes, um trabalho que requer a produção de intimidade, de um cenário erótico-sexual estimulante e de um encontro sexual satisfatório. A forma mais básica e fundamental de intimidade produzida através deste tipo de actuação superficial, será a criação de condições para quebrar o gelo do desconhecimento mútuo que marca os primeiros instantes dos encontros entre acompanhantes e clientes. De facto, a intimidade enquanto processo laborioso nem sempre produz formas de ritualidade de revelação de si orientadas pela lógica de aprofundamento relacional (Collins, 2004). Algumas vezes, parte importante dos conteúdos destas narrativas das acompanhantes e dos clientes é material que se destina apenas a preencher o tempo que passam juntos para que haja alguma coisa sobre o que falar.

Nalguns casos implica uma actuação, representação do tipo teatral, relativamente superficial (Coelho, 2009a; Bernstein, 2001 e 2007a; O'Neill, 2001), que se revela sob três formas de performance no quadro interaccional dos encontros prostitucionais. Em primeiro lugar, a simulação da escuta do outro. As acompanhantes escutam os seus clientes como uma espécie de consequência da sua actividade, desenvolvendo as capacidades, competências e estratégias necessárias para que os clientes as sintam realmente interessadas naquilo que eles têm para contar, quando na verdade não ouvem o que dizem e pensam noutros aspectos das suas vidas pessoais. A performance de acompanhante destina-se a criar a ilusão de que o homem (cliente) é o centro das suas atenções e o centro do mundo. Em segundo, o simulacro de si onde podemos situar as narrativas pessoais que as acompanhantes repetem de forma automática e que não têm necessariamente correspondência com uma verdade factual dos acontecimentos vividos, mas que se revelam importantes fornecedoras da dose necessária de dramaturgia para transformarem episódios mundanos da vida de todos os dias em quase aventuras, tornando a conversa mais interessante e cativar o interesse do outro. Ao limite, podemos dizer que as prostitutas acompanhantes se envolvem num processo manufactura de uma identidade destinada ao trabalho sexual, criando características específicas para essa *persona laboral* que em mais nenhum contexto são reveladas (Coelho, 2009a; Sanders, 2005b). Em terceiro, o simulacro do prazer, momento em que a performance da acompanhante se destina a criar a ilusão de que cliente é o melhor amante do mundo (Coelho, 2009a).

A utilização exclusiva deste tipo de ferramentas pode não ser especialmente problemática no desenvolvimento da actividade de acompanhante. Por um lado, porque nem todos os homens clientes

procuram laços de intimidade profunda nos encontros com as acompanhantes, estando pouco interessados em perceber se os laços e a relação estabelecida com a acompanhante é ou não apenas uma ilusão de intimidade. O que lhes interessa é a oportunidade de desabafar a vida, e essa foi real enquanto durou. Por outro, porque muitos clientes procuram momentos de partilha de si, de relato de si e da sua vida, de desabafo, mas não estão interessados na constituição de reciprocidade, nem em ouvir as acompanhantes e as suas histórias de vida, estando exclusivamente preocupados com a exteriorização de si e em garantir uma confidente silenciosa.

André

“eh pá! Não estou muito interessado em ouvir os dramazinhos das suas vidas, eh pá, desculpa mas não estou interessado em ouvir a vida dramática que tiveram na infância e tretas do género... Eh pá, tar a pagar para apanhar com isso, isso é que não! Nem pensar! (...) claro que meto conversa com elas, pergunto-lhes sobre a vida e porque estão ali, mas não espero grande coisa da resposta... é só uma maneira de meter conversa e quebrar o gelo (...) ao principio sentia alguma curiosidade na vida delas, mas depois elas contam sempre a mesma história, só mudam detalhes, de resto é sempre igual... Perdi a curiosidade... elas também te estão mentir, por isso...”

Contudo, ter um repertório de disposições para pensar e agir as emoções e para criar intimidade nos encontros com os seus clientes tão limitado revela-se um factor de distinção e um importante marcador de desigualdades entre as mulheres acompanhantes. De facto, esta limitação de recursos verifica-se entre as acompanhantes mais próximas das fronteiras com outras formas de prostituição menos selectiva, como seja a prostituição em contexto de alterne (Sacramento, 2006; Sacramento e Ribeiro, 2010; Ribeiro et al, 2008) ou mesmo no cenário rua/pensão (Oliveira, 2004 e 2011). Exercem a sua actividade de forma não independente, trabalhando em apartamentos/bordel, sujeitando-se a regras específicas, a horários de trabalho relativamente rígidos e não inteiramente definidos por elas, e pagando um fee ao proprietário ou proprietária da casa.

As acompanhantes trabalhando de forma independente, ocupando lugares mais privilegiados na estrutura social e organizando a sua vida de formas mais cosmopolitas e experimentalistas também podem recorrer a este tipo de ferramentas nos encontros prostitucionais. Mas, o repertório disposicional que têm ao seu alcance para a construção de intimidade e para a significação desses vínculos é mais alargada.

Muitas acompanhantes, sobretudo aquelas detentoras de patrimónios individuais mais ricos em todos os tipos de capital e que orientam a sexualidade segundo um modelo experimentalista, expressivo e igualitário, relatam um sentimento produto de trabalho emocional de *deep acting* (Hochschild, 2003; Chapkis, 1997). Estas acompanhantes, para além de satisfazerem os desejos dos clientes relativamente a uma intimidade circunscrita, procuram que esses encontros profissionais tenham significado para elas mesmas. Isto é, o trabalho sexual e emocional que desenvolvem na actividade prostitucional é, em grande medida, orientado tendo em consideração a satisfação das suas próprias necessidades e desejos. No desenvolvimento da actividade prostitucional, elas procuram retirar aspectos positivos para si, fazendo desses encontros e experiências momentos de desafio pessoal e de aprendizagem, quer do ponto de vista emocional e afectivo, quer do ponto de vista erótico e sexual.

Lara	Confesso que não quero sexo sem uma palavra, sem ouvir o que eles me têm para contar (...) Confesso que preciso de tempo, de confiança... hummm... de quebrar o gelo... preciso disso para me entregar e só gosto de fazer isto se me entregar porque é aí que reside a chave para o prazer (...) não consigo ser, quem realmente sou, logo assim, no primeiro impacto. Confesso que não consigo dissociar a alma do corpo, aquilo que sou e sinto do meu corpo... Não me desejo ver exposta como num talho. Não sou apenas a carne à mostra. O encontro tem que fazer sentido, tem que haver envolvimento, entrega... uma química... quando estou com um homem isso tem de ter algum sentido para mim. Tenho de sentir que vale a pena para mim enquanto pessoa, enquanto mulher, estar com a aquele homem e conhecê-lo desta forma tão especial e ter sexo com ele (...) No final, quando tudo termina quero ter a sensação que valeu a pena, que aprendi, que valeu a aventura, que o sexo foi bom e cheio de entrega... hummm.... mas também que a minha vida fica mais rica e cheia e que descobri mais sobre mim e sobre os outros.
Nicole	“[ter sido acompanhante] Permitiu-me ter experiências diferentes, aventuras (...) Concretizei todas essas experiências e fantasias.”
Filipa	“Acaba por ser uma experiência de vida, acabo por conhecer bem os homens, acabo por conhecer melhor o que é que eles querem o que não querem (...) acaba por ser também um bocado um trabalho de psicólogo e de sociólogo [risos], por pensar e conhecer um bocadinho mais da vida e das pessoas e estar e conhecer outras pessoas são lições de vida...”

Em contraponto a um carácter performativo do trabalho das acompanhantes (O’Neill, 2001), ao contrário da intimidade contrafeita que frequentemente se associa aos encontros sexuais comerciais (Foote, 1954; Ronai e Ellis, 1989; Sanders, 2005b), ou contrariando a ideia de que as trabalhadoras do sexo gerem o seu trabalho por forma a conseguirem separar o trabalho sexual de outros aspectos das suas vidas (Brewis e Linstead, 2000a, 2000b). Verifica-se que a conjugação de trabalho emocional e físico das acompanhantes é produtor de vínculos emocionais e eróticos entre elas e os seus clientes fundados na reciprocidade. Em grande medida, a construção de intimidade circunscrita reside em tentativas das acompanhantes produzirem desejo genuíno, prazer, interesse erótico pelos clientes. Mas também pelo esforço de fornecerem a si próprias a sensação de serem desejadas, estimadas e até amadas. Isto significa que tendencialmente as acompanhantes se afastam do modelo da dissociação de si como forma de assegurarem a sua capacidade de trabalharem na indústria do sexo (Coelho, 2009a). Pelo contrário, estas trabalhadoras do sexo (acompanhantes) procuram a construção de um *self* único (não dissociado), evitando divisões entre bastidores/palco da vida ou entre os domínios eróticos privados e públicos, a que fariam corresponder diferentes modelos e normatividades orientadoras do comportamento sexual (Coelho, 2009a).

Na resposta à procura de encontros emocionalmente envolventes, as acompanhantes criam um conjunto de serviços especiais, isto é, guiões sexuais específicos que permitem transformar os encontros prostitucionais numa realidade erótica particularmente gratificante. Um serviço em que este tipo de envolvimento é especialmente investido, significando a abertura a determinadas práticas sexuais e eróticas vedadas na generalidade dos encontros profissionais. As prostitutas que se dedicam a este tipo de serviços têm, necessariamente, de ser mulheres que possuam capital físicos suficientemente robustos para fazerem cumprir os desejos dos seus clientes num encontro que vai para além do sexo.

Da caixa de ferramentas do trabalho emocional faz parte aquilo a que podemos chamar trabalho corporal (Sanders, 2005a; Wolkowitz, 2002), ou trabalho erótico (Casaca, 2012). Isto é, uma forma de produção de uma imagem estereotipada de feminilidade que corresponda ao ideal do cliente, ou de forma mais global de criarem uma imagem corporal, estética e erótica consonante com os

estereótipos largamente difundidos e reproduzidos pela indústria do sexo e pela forma de anunciar das acompanhantes - modelo de beleza feminina assente em corpos magros, em forma, firmes, bronzeados, saudáveis e sexualmente activos. O que está em causa é construção de uma intimidade física, em que o capital erótico e o trabalho corporal e erótico desenvolvido pelas acompanhantes no sentido de adequarem os seus corpos, postura e serviços àquelas que imaginam ser as exigências e desejos dos homens que as procuram se tornam aspectos centrais. Neste caso, a intimidade que se constrói entre acompanhante e cliente deriva mais directamente dos actos sexuais e da interacção sexual dos corpos e das possibilidades de experimentação sexual. De forma simples, a intimidade baseia-se na entrega e descoberta física e sexual ao/do outro.

Nicole “A intimidade gera-se com os corpos nus. É inevitável. Mas também é uma intimidade que não passa disso (...) Para mim a intimidade é só ali.”

Esta entrega ao momento materializa-se em termos físicos na ultrapassagem de muitas das fronteiras corporais e emocionais tradicionalmente identificadas na actividade prostitucional: massagens não sexuais, disponibilidade para beijos, carícias e contactos corporais mais extensos e menos limitativos, toque sensual, sensação de entrega sexual e emocional (Bernstein, 2001 e 2007a; Lever e Dolnick, 2000; Sanders, 2008). Segundo Zelizer (2005), estas formas físicas não serão mais do que manifestações da intimidade construída; concretizações físicas de uma intimidade construída no plano da partilha de si e do conhecimento profundo do outro.

No fundo, o trabalho e investimento emocional na produção de intimidade circunscrita enreda-se naquilo a que podemos chamar de circuito virtuoso de intensificação emocional e sexual: por um lado, deparamo-nos com a produção de uma intimidade circunscrita que resulta de um processo fortemente sexualizado; por outro e ao mesmo tempo, torna-se claro que a intimização dos encontros prostitucionais, através de formas de partilha recíproca da vida e das emoções, configura importantes efeitos sexuais e eróticos.

Jorge “Estar com uma acompanhante não é só sexo, não é só ir para cama... se for só isso é muito fraquito. Não vejo a coisa só pelo lado físico, só pelo sexo e por aquilo que ela faz na cama, apesar disso ser fundamental, claro...hummm... um bom encontro com uma acompanhante, uma boa acompanhante também sabe criar o espaço necessário para quebrar o gelo...hummm... para nos conhecermos. Uma boa acompanhante quer que isso aconteça, não está ali a olhar para o relógio... para ela também é importante conhecer o homem com quem está e com quem vai ter sexo (...) elas é que são responsáveis por isso, elas são as profissionais e isto também faz parte do acompanhamento, não é só sexo porque senão seriam como qualquer outra prostituta.”

Clara “Deve haver pessoas que me procuram como...hummm... como anti-depressivo, como um calmante bom ao fim daquele dia, sair um bocadinho do stress (...) Não é que as pessoas estejam psicologicamente doentes ou que precisem de terapia profissional, mas que é uma espécie de terapia isso sim (...) As pessoas saem daqui todas levezinhas e não estou a falar sexualmente (...) tanto disse que isto era só sexo, sexo e sexo e agora começo a ver precisamente o contrário (...) às vezes tenho a sensação que no fim da conversa só há a parte do sexo por que eu vou lá, porque se eu não fosse lá eles continuavam todos contentes. Eu tanto disse que era uma prostituta e não uma acompanhante que agora estou a ficar... não é surpreendida é... não sei lidar com isso (...) fico estupefacta, prostituta? Terapeuta?”

“Uma pessoa aqui precisa muito mais do que sexo, precisa muito mais do que posições, precisa muito mais do que uma conversa cheia de clichés e sorrisos... aqui tem que se dar muito mais a outro nível, é muito mais difícil. Intelectualmente pode ser muito mais pesado, aqui não trabalha só o corpo, a aproximação de duas pessoas tão rápida para culminar no sexo é uma coisa que dá trabalho, criar empatia instantânea dá trabalho, tem que se estar com muita atenção, a conversa tem que fluir bem, é uma arte é quase uma arte, de repente tens uma pessoa à tua frente que mal conheces e a conversa tem que fluir, tem que manter o interesse por que se não tiver interesse eles notam. Estamos a falar de pessoas inteligentes, se eu não estiver a ligar peva ao que eles estão a dizer eles vão notar, se eu fizer discurso chapa 3 eles vão notar (...) Qualquer relacionamento é trabalhoso, mas este é mais. Tens que avaliar a pessoa, em que assuntos é que não se toca e em que assuntos é que se toca, que perguntas é que se fazem, que perguntas é que não se podem fazer... eu tenho um estranho à minha frente e tenho que saber quem é aquela pessoa (...) As pessoas têm

sempre capas, a que vestem aqui não a igual à vestem lá fora. Revelam aqui coisas que não revelam a outras pessoas e a outras pessoas revelam coisas que aqui não revelam. Há coisas que mostram aqui que não mostram na rua, as pessoas sabem onde estão (...) depois as pessoas trazem problemas, trazem afectos, trazem coisas muito humanas e é preciso lidar com isso.”

Filipa

“É mesmo fazer companhia, porque acho que quando as pessoas com quem eu estive eram mesmo necessitadas de... precisavam mesmo de ter companhia, alguém para falar e não só ... eh... e também para desligarem um bocadinho da vida, porque trabalham muitas horas, é mesmo para fazerem um turn off, para terem uma novidade e para terem uma pessoa com quem falar. Pessoas mesmas solitárias ao fim e ao cabo. Aquilo que eu passei quando estava a trabalhar [numa revista de moda] é aquilo que eu tenho apanhado com estas pessoas agora (...) eu acho que fazia isto [ser cliente] de uma outra forma, tinha amigos coloridos a quem ligava quando precisava, pronto, de estar com alguém mais intimamente, falar com uma pessoa, só não despendia dinheiro. Porque acho que da parte da mulher é muito mais fácil ter... eu pelo menos falo por mim, tinha um leque de amigos coloridos a que podia recorrer sempre que quisesse porque eles estavam dispostos [risos]... se fosse homem se calhar [recorria a acompanhantes].”

Rita

“São homens como os outros, mas têm uma particularidade, como têm algum poder económico conseguem comprar, entre aspas, o prazer, o carinho... os homens que não têm poder económico muitas vezes não têm ninguém que lhes dê isso (...) são pessoas que precisam de atenção, de prazer, de carinho, principalmente precisam de carinho. Noto que há muitos homens carentes de carinho não é de sexo... o que eu noto é que eles precisam de muito carinho (...) os homens que precisam de mais atenção são os que têm mais poder económico, porque todas as mulheres que estão com eles estão por dinheiro e eles sentem que elas estão com eles pelo dinheiro, pelo belo carro, pela casa. Eles pretendem alguém que esteja com eles porque são homens.”

“Eles querem uma pessoa inteligente, com um bom corpo, e querem principalmente companheirismo. Eu tenho tido homens que são quase todos casados e com filhos, mas são pessoas muito solitárias, muito sozinhos, não conseguem conversar com amigos ou com a mulher sobre os problemas. Vêm muitas vezes para conversar (...) Procuram-me porque sou inteligente, sei estar, sei conversar, sou bonita, tenho um corpo bonito, mas principalmente sei ouvir... sou um bom ouvinte como tu, sei ouvir (...) eles marcam pelo sexo, claro. Mas depois quando chegam ao quarto não é o sexo que eles querem... eles não querem uma profissional, eles querem uma namorada, querem uma mulher... eu tenho que ser mulher deles naquele momento (...) o que eles pretendem é falar, falar, falar.”

Cientes: intimidade como trabalho de desconstrução.

Embora o experimentalismo sexual, a busca pela diversidade de experiências e parceiras ou a concretização do imperativo da hiper-sexualidade masculina possam revelar-se um atractivo embrulho para o recurso a prostitutas acompanhantes, estas não serão as únicas razões. Na verdade, os homens têm mais do que um motivo para recorrerem à prostituição (Campbell, 1998; Monto, 2000, 2004 e 2010). Entre a pluralidade de razões encontra-se o facto dos encontros prostitucionais não representarem para os homens apenas a troca de dinheiro por sexo (McKeganey e Barnard, 1996; Chapkis, 1997; Bernstein, 2001 e 2007a; Ribeiro et al, 2008; Sacramento, 2006; Sanders, 2008; Sanders et al, 2009). Para além da inultrapassável dimensão sexual dos encontros com as acompanhantes, para além do desejo de multiplicar experiências e parceiras sexuais de forma descomprometida, verifica-se também que estas mulheres prostitutas preenchem uma lacuna nas suas vidas no campo dos afectos.

Verifica-se frequentemente que as emoções e os afectos são factores que se sobrepõem à disponibilidade sexual (alegradamente constante e irreprimível), apontada como o grande suporte de construção da masculinidade (Sacramento, 2006), enquanto variável determinante para o recurso à prostituição e à companhia das acompanhantes. O comprometimento emocional de muitos clientes, leva-nos a questionar o facto de a prostituição ser apontada como um contexto caracterizado por um processo masculino de fragmentação da díade sexo/emoção (Barker e Loewenstein, 1997; Kinnel, 2006; Kinnel e Griffiths, 1989; O’Connell-Davidson, 1998 e 2002; McKeganey e Barnard, 1996). Com base neste processo, os clientes, supostamente, expressariam a sua sexualidade à margem de

qualquer manifestação de sentimentos e afectos (reservados para as esposas e namoradas), orientando-a apenas e só para o reforço da sua virilidade. Por um lado, responderiam positivamente às concepções dominantes daquilo que é ser homem, assentes na valorização do controlo, da força e da (hiper)actividade sexual, e na penalização da submissão, da passividade, da expressão das emoções e da vulnerabilidade (Seidler, 1992). Por outro, conseguiriam, assim, através de um breve e descomplicado encontro sexual (Gemme *et al.*, 1984), ficar a salvo daquilo que realmente os poderia fragilizar e vulnerabilizar – a emoção –, e com grande disponibilidade e segurança para afirmar o seu poder e exorcizar o medo da rejeição (Seidler, 1992). Teríamos, então, um quadro paradigmático de capitalização de masculinidade e de objectivação da mulher.

Contudo, o sexo comercial pode envolver uma troca emocional e o desenvolvimento de relações entre clientes e acompanhantes baseadas no afastamento de parte importante dos homens clientes de uma visão fria e racionalizada da sexualidade (Seidler, 1989, 1997 e 2006), produto do princípio normativo da masculinidade que determina o distanciamento dos homens em relação ao reduto das emoções, da subjectividade, do descontrolo e a criação de um vínculo estrutural à racionalidade, à objectividade e à frieza (Seidler, 1989, 1994, 1997 e 2006; Connell, 1995; Kimmel, 1996, 2005b e 2012). A realidade vivida e construída por acompanhantes e os seus clientes mostra-nos a prostituição como um universo onde os homens não são simplesmente comandados por uma racionalidade sexual decalcada das exigências normativas de uma sexualidade hiperactiva, e não estão nem querem estar a salvo das emoções, globalmente entendidas como feminilizantes (Aboim, 2010a; Connell, 1995; Kimmel, 1996, 2005b e 2012). Pelo contrário, para uma parte importante dos homens clientes os encontros com as prostitutas acompanhantes determinam a entrada num trabalho de desconstrução de exigências e expectativas normativas da masculinidade, pilares onde se habituaram a assentar a imagem e o significado do que é ser-se homem.

Os homens valorizam e precisam de relações íntimas (Duncombe e Marsden, 1996). Mas, porque são socializados no quadro competitivo das masculinidades que lhes indica uma rota de afastamento em relação ao mundo das emoções, da intimidade e dos sentimentos (Kimmel, 1996, 2005b e 2012; Connell, 1987 e 1995; Seidler, 1992, 1997 e 2006), nem sempre dispõem das ferramentas para expressar as suas necessidades emocionais e de intimidade (Duncombe e Marsden, 1996). Por isso, o trabalho de desconstrução implícito à criação da intimidade nos encontros prostitucionais passa pela desmontagem do silêncio aprendido a que os homens votaram as suas emoções.

Os homens clientes têm à partida medo da intimidade. Vivem constrangidos pelas expectativas normativas da masculinidade dominante que vê nas emoções e na expressão das vulnerabilidades masculinas uma ameaça à identidade em contexto competitivo das masculinidades. Por isso, os homens temem a sua vulnerabilidade e mostrar-se vulneráveis em frente a outros, aprendendo a manter as aparências para que os outros não percebam aquilo que sentem; apresentando-se como é suposto serem, criando ou reproduzindo mitos acerca do que é ser-se homem e acerca de si próprios

enquanto indivíduos. O que importa é forma como se apresentam, independentemente daquilo que possam estar viver internamente no campo das emoções⁷⁰.

O medo da intimidade deixa os homens isolados (Seidler, 1989, 1992 e 2006), ficando inibidos de partilhar as suas emoções e sentimentos, negligenciando a vida interior, em favor da hiperbolização do arquétipo do homem em controlo de si, dos outros e da situação (Seidler, 1997). Mas, o desejo de intimidade (circunscrita) e de comprometimento emocional (ainda que temporário) revelado pelos homens clientes no quadro das relações com as mulheres acompanhantes implica enfrentar esse medo da intimidade. Os encontros pagos com as acompanhantes apresentam-se como momentos de resgate do isolamento afectivo, e um reduto onde se torna possível perder, temporariamente, o medo da intimidade e da expressão das emoções. Esta possibilidade de intimidade circunscrita significa a inscrição num trabalho de desconstrução das emoções percebidas como uma forma de fraqueza e de feminização da masculinidade (Seidler, 1989, 1997 e 2006). Trata-se da desconstrução de uma aprendizagem de silenciamento das suas emoções porque elas ameaçariam o vínculo estrutural com a razão e o acesso a uma forma valorizada de masculinidade. Porque, o encontro prostitucional com as acompanhantes percebido como uma realidade circunscrita no espaço e no tempo e isolada do resto do mundo social, apresenta-se como uma realidade onde o quadro competitivo com os outros é obliterado e onde é possível conquistar o conforto necessário para se partilhar de forma similar os sucessos mas também os fracassos da vida (profissional, amorosa, familiar, etc.). Assim, verifica-se que os homens procuram no reduto da prostituição e nas mulheres prostitutas acompanhantes o tempo, o espaço e as interlocutoras para a expressão das emoções muitas vezes contidas e ocultadas noutras esferas da vida e perante outros significantes para as suas vidas. Isto é, assumem os encontros com as acompanhantes como um *backstage* da vida quotidiana (Goffman, 1967 e 1993), um lugar potenciador da reflexividade, de questionamento da vida, de verbalização das suas conversas internas (Archer, 2003; Mouzelis, 2008; Mead, 1963). Neste sentido, as acompanhantes são transformadas em confidentes, mulheres com capacidade de escutar os outros (Lever e Dolnick, 2000) e com quem estes homens despem as suas máscaras, deixando cair a cultivada imagem masculina dominante do homem em permanente controlo de si, dos outros e da situação e permitindo a expressão das suas vulnerabilidades.

⁷⁰ Apontamento metodológico: o medo da intimidade entre os homens (clientes) é particularmente evidente no processo de pesquisa. O quadro interaccional da pesquisa implica uma relação de poder entre investigador e sujeitos transformados em objectos de estudo que se torna particularmente aguda quando a pesquisa é sobre uma forma de sexualidade oculta, assume uma abordagem biográfica e obriga a estabelecer uma relação de um para um entre investigador homem e pessoa-objecto homem. Assim, a partilha necessária no processo de pesquisa fica condicionada pelo quadro competitivo das masculinidades. Por tudo isto, os encontros com os homens clientes eram frequentemente marcados por uma enorme preocupação performativa: os homens clientes actuavam, encenavam posturas e discursos que os apresentem como é suposto serem, reproduzindo estereótipos identitários masculinos, reproduzindo mitos do que ser-se homem e acerca de si próprios enquanto indivíduos.

Podemos dizer que os encontros prostitucionais com as acompanhantes são, frequentemente, valorizados pelos homens clientes como redutos pessoais e intransmissíveis. Isto é, são entendidos como momentos apenas seus, afastados de todos os outros que constituem a sua rede de conhecimentos e solidariedades ou com quem têm vínculos de intimidade. Um reduto tão isolado das outras dimensões da vida social e dos outros significantes, tão oculto e secreto, que permite obliterar o medo da intimidade, da revelação de si e das suas vulnerabilidades e incertezas. Os encontros com as acompanhantes tornam-se momentos de auto-centramento onde os homens encontram a possibilidade de serem o centro das suas próprias preocupações e onde, adicionalmente, se sentem o centro da atenção e escuta das mulheres acompanhantes.

Mas, este reduto não é apenas marcado por narrativas de partilha de si, nele também se vivem experiências pessoais e intransmissíveis de carácter físico, erótico e sexual. Em grande medida, a intensidade com que os homens clientes procuram encontrar uma oportunidade para deixarem cair as suas máscaras e tentam preencher a sua necessidade de intimidade é condicionada pela inscrição destes relatos pessoais em processos mais abrangente de sedução (não dissociado de outros mecanismos materiais de sedução, como sejam a tentativa de impressionar através de demonstrações de bem-estar e formas de consumo) que tem objectivos eróticos e sexuais bem definidos: a intensificação interaccional, a entrega aos acontecimentos eróticos e sexuais e a construção de guiões sexuais interpessoais (Simon e Gagnon, 1986 e 1999) fortemente baseados na busca do prazer recíproco. De forma concreta, a queda de máscaras e a abertura a dimensões ocultas de si é parte integrante de um circuito virtuoso de intensificação emocional e sexual. As narrativas de exposição da vida vivida, das suas vulnerabilidades e incertezas promovem, por um lado, o afastamento dos homens do espaço do controlo, do poder e da racionalidade, aproximando-os do universo dos afectos, das emoções e da subjectividade. E, por outro, autorizam a desvinculação dos homens clientes de uma sexualidade fria e mecânica e a sua aproximação a uma sexualidade enquadrada pelas emoções. Finalmente, as narrativas de abertura de si revelam-se instrumentos importantes de enigmatização de si, impressionando as mulheres acompanhantes, produzindo atracção e curiosidade sobre o narrador, sobre a sua vida, os seus sentimentos, experiências e quotidiano. Ou seja, o sucesso da sedução e do circuito de intensificação emocional e sexual depende, pelo menos parcialmente, da capacidade das narrativas pessoais quebrarem estereótipos do que é ser-se um homem que recorre à prostituição: no lugar do homem opressor e violento, estamos perante alguém sensível quando não frágil; no lugar da objectivação e exploração sexual da mulher encontramos uma intimidade que permite a valorização do encontro sexual comercial enredando-o na partilha de emoções; no lugar do silêncio e da mecanicidade do encontro estas narrativas oferecem à mulher acompanhante a oportunidade de desvendarem um homem que se apresenta complexo, contraditório, frágil, enigmático e atraente pelos recursos (económicos e outros) que demonstra possuir, pelo que conta de si e pelo que deixa por contar.

- Victória
- “A Intimidade criada com os meus clientes é verdadeira!”
- “Tenho um dom horrível que me persegue, muitas vezes, quer eu conheça a pessoa ou não, contam-me segredos e coisas íntimas, o que me vale é eu ter má memória (...) No contexto de acompanhante as confidências são exponencialmente mais elevadas (...) As confidências surgem de duas formas, ou pela excitação de uma forma imponderada em que as informações lhes “saem” sem se aperceberem, pois a entrega é tanta que a firmeza no controle escorrega. Ou de uma forma ponderada, em tom de desabafo pois agarram-se a uma segurança (não verdadeira na generalidade) que aquelas informações ficarão por ali sem os afectar na sua vida real, por vezes confessam/desabafam coisas que os perseguem há muito tempo e aproveitam aquele momento como se se confessassem ao padre. Neste ponto é garantidamente uma intimidade distinta da criada com amigos e familiares, que até poderão recorrer a mim para alguma confidência mas não de uma forma tão pura e verdadeira como as que fazem à Victória.
- “A totalidade dos clientes expõe a sua intimidade, coisas que nunca contaram a ninguém, mostram as fotos dos filhos e por vezes, áqueles que são mais contidos eu digo-lhes algo como “aproveita para dizeres aquilo que nunca tiveste coragem de verbalizar, não me conheces e se preferires deitamo-nos de costas voltadas e conversamos”. Funciona!”
- Frederico
- “Com aquelas [acompanhantes] com quem estou mais vezes acabo por ter uma relação mais próxima, conhecemo-nos melhor na cama. Mas também temos mais confiança um no outro, a elas conto coisas que não conta a mais ninguém, nem há minha mulher, posso desabafar a sério... às vezes penso como isto é estranho, com elas desabafo coisas privadas, problemas no trabalho, chatices com a ex-mulher, coisas lá de casa, conto coisas sobre a minha filha, conto isto tudo, e a seguir não estou nada inibido para dar-mos um grande amasso. Isto é estranho... mas nem quero pensar muito sobre isso, porque sabe bem. Deve ser porque eu não as conheço de mais lado nenhum, só estamos juntos assim e depois adeus, adeus... e se for preciso não as volto a ver... acho que esse desprendimento ajuda a este aliviar do stress todo (...) nos últimos tempos tenho pensado que estar com acompanhantes é um grande alívio em muitas coisas... sinto-me aliviado, liberto, sinto-me eu mesmo, estás a perceber? Eh pá, e como se não me lembrasse das responsabilidades que tenho, que tenho de cuidar e educar uma filha, aturar uma ex-mulher e uma mulher, tas ver?! Ali com elas sou só eu...”
- Vítor
- “Olhe, isto é assim, se eu quiser só sexo pelo sexo, ali sexo puro e duro... não é preciso grande coisa de intimidade, todos sabemos ao que vamos...ehhhh... claro que é sempre bom uma conversa de circunstância para quebrar o gelo, mas mais nada. Nessas vezes o que interessa é a cama...ehhhh... É a química.”
- “Quando há mais do que sexo pelo sexo, quando há mais do que só a cama...ehhh... a química é ainda maior. Deixe ver se eu lhe consigo explicar isto melhor.. ehhh... Olhe, se eu estiver com disponibilidade com mais tempo e com vontade assim de uma coisa mais cuidada... escolho um hotel especial, encontro tempo na agenda para conversar... para falar, para nos conhecermos... nessas alturas acho que os encontros são muito mais agradáveis para os dois, para mim e para a acompanhante que estiver comigo (...) isto não acontece de repente, nunca acontece com uma acompanhante com quem esteja pela primeira vez... não vou estar à conversa, a falar de mim a uma pessoa que nunca vi antes...ehhh... acho que ela também não se sentiria à vontade para falar dela nessas circunstâncias, numa primeira vez a conversa é sempre muito superficial. Depois de mais de uma vez, com o tempo, é que se torna possível conhecer a pessoa... há mais à vontade e confiança entre nós, para falarmos e não só... na cama também. As coisas tornam-se mais naturais, mais smooth.”
- “Claro que há riscos quando falamos abertamente sobre nós a estas mulheres, claro que há! Por isso é que eu digo que é preciso ter muitos cuidados. Olhe, começa logo por não ser demasiado aberto ao princípio quando não se conhece a rapariga de lado nenhum (...) Eu gosto muito falar com elas sobre mim, sobre a minha vida, sobre aquilo que faço... elas adoram ouvir as minhas histórias e as coisas que conto sobre a minha vida e a minha profissão... acho que gostam porque faz parte assim, sei lá, de uma espécie de mundo de sonho para elas... mas gostam de ouvir e fazem sempre perguntas... Acho que até gostam quando eu só lhes falo das chatices que tenho pela frente todos os dias... deve ser porque é um mundo diferente do delas...hummm... E elas acho que também gostam de se sentir assim como uma espécie de ouvintes, gostam de se sentir como psicólogas [risos]. Algumas delas são verdadeiras psicólogas. Mas isto só acontece quando há confiança (...) Quando acho que já falei demais, quando acho ‘bolas já contei mais do que era suposto’, calo-me e fico a ouvir o que elas têm para contar...hummm... também gosto um bocado disso, e quando já há confiança entre nós, elas adoram falar, também deve ser bom para elas ter alguém que as ouça... um homem que as ouve e que não está ali só para as ter na cama, não acha?”
- “Sim, acho que você tem alguma razão nisso... estas conversas são um bocado uma simulação do flirt... da sedução... bem, acho que não são só simulação, são mesmo na realidade flirt e sedução. (...) e o sexo depois do flirt sabe ainda melhor, não acha?! (...) escolho um hotel bom e bonito, de charme e sempre com design moderno e clean (...) mas escolho sempre hotéis design. Olhe, quando tenho tempo e estou nessa onda, perco tempo em coisas que elas gostam sempre e dão um toque de classe, champagne ou um bom vinho, chocolates e fruta (...) sem o ambiente certo nem boa conversa, nem bom sexo (...) faço sempre questão de ter um gesto de simpatia quando pago...hummm... aquilo de entregar um envelope com dinheiro sempre me pareceu muito deselegante e feio para elas... Um pouco grotesco... por isso, acompanho sempre o envelope ou com uma flor ou com uns chocolates... não sei porquê mas elas todas gostam de chocolates [risos].”
- Jorge
- “Acho que isso a que te referes [intimidade] tem dois aspectos diferentes quando estás com uma acompanhante. Um tem a ver com a conversa, de nos darmos a conhecer... sem ser ao estilo entrevista de emprego [risos]... outra coisa completamente diferente é a intimidade sexual, aquilo que se passa no quarto, as maluquices que fazemos quando estamos juntos. São as duas coisas importantes. Claro que o sexo é fundamental, é para isso que se paga o encontro com a acompanhante, mas sem o resto... acho que não dá (...) Depois é preciso passar de uma fase a outra... da conversa para a outra intimidade mais física... isso geralmente tem a ver com a conversa ir ficando cada vez mais intensa mais sexual... como é que eu digo isto... isto lá está depende muito delas, depende da forma como sabem conversar e manter uma atitude sensual durante a conversa, pela forma como estão, como olham para nós... como o corpo delas fala durante esse tempo, elas sabem ser muito sensuais e sedutoras...hummm... depende muito delas como se dá a passagem, elas é que vão fazendo acontecer... eu pelo menos prefiro que sejam elas a ter essa iniciativa...hummm... a querer passar para a fase seguinte. Gosto que sejam elas a mostrar que têm vontade de começar o envolvimento... achas que consegui explicar? Nem todas conseguem fazer isto... ou pelo menos fazer isto com elegância e sensualidade, acho que isto não é assim para quem quer é mais para quem pode [risos] (...) têm de ser educadas, têm de saber falar e conseguir dizer coisas de jeito, tem de ser sensuais e sexys sem perder o nível... têm de saber entregar-se ao momento...Acho que é isso, e podes crer que não é pouco.”
- “A vantagem das acompanhantes é que acontece isto tudo, falamos de tudo, fodemos, temos orgasmos, e quando acaba o encontro acaba tudo ali. Pronto, não há compromissos nenhuns, não há obrigações. Foi bom, faz-se para que

seja o melhor possível, para que haja à vontade e para que haja o máximo de prazer para os dois, mas pronto, acaba ali. Fica tudo entre quatro paredes... ui, se as paredes falassem!! [risos]”

Hélder

“É o meu momento! Ajuda a descomprimir. Ajuda um gajo a descontrair-se de muitas coisas, sei lá, é aquele espaço me que não estou a fazer aquilo que faço todos os dias. Se calhar em vez de estar com uma acompanhante podia estar com amigos no café a beber uns copos e a ver a bola.”

“Tento ser o mais natural possível. Nunca fui gajo de chagar lá e de me por a contar histórias inventadas da mulher e dos filhos e dos iates e das casas (...) o bicho macho, o próprio bicho homem gosta de ser assim, de mostrar poder e de fazê-las interessadas (...) Deixá-las saber um bocado quem eu sou mas sem entrar nos aspectos mais pessoais da minha vida (...) elas saberem onde moro, a banda onde eu toco, o sítio onde eu trabalho, o que é que fazem os meus pais (...) Música toda a gente gosta e quando eu digo que sou músico, arranja-se ali cinco ou dez minutos de conversa. Elas acabam por dizer o estilo de música que gostam e tal e tal (...) Se elas estiverem com uma pessoa real, se estiverem comigo como eu sou, que elas acabam sempre por perceber, mais à vontade se vão sentir, mais receptivas vão estar.

“Acaba sempre por ser um jogo. Elas tentam cativar sempre. Também gosto que ela goste mim (...) Se estás muitas vezes com uma rapariga às tantas ela já não te vai mandar embora quando chega o final do tempo, ficas ali mais meia hora à conversa (...) Não deixo que elas entrem no campo pessoal... claro que não vou contar se vivo com os meus pais, se não vivo com os meu pais, que carro é que tenho, etc., etc. Se for uma acompanhante que eu conheço melhor, com quem eu já estive mais vezes, é claro que sabemos alguns pormenores da vida pessoal de cada um.

“Estas conversas acabam por ser um misto, um misto de sedução, um misto de quebrar o gelo, um misto de por à vontade (...) fala-se de tudo... donde é que vens, se costumam estar com acompanhantes (...) É pá, mas talvez pelo calo que eu trago neste já não preciso tanto dessa conversa, de quebrar o gelo.

Manuel

“hummm... intimidade não é certeza aquela conversinha típica inicial do ‘como é que te chamas, o que é que fazes, és daqui, o que é que estás aqui a fazer’ e bla, bla, bla. Isso não é intimidade, é conversa da treta (...) A intimidade com uma acompanhante é uma questão de atitude, é uma forma de estar na actividade tanto para elas como para nós clientes. Por exemplo eu quero intimidade mas há muitos que querem lá saber disso, querem é o corpo e sexo. Também há acompanhante que querem é despachar o encontro... saltar directamente para a cama, não é?! Ai não é possível haver intimidade, é só sexo (...) Eu gosto que haja essa intimidade, esse envolvimento, mas isso não é fácil de conseguir... primeiro, depende muito da vontade delas, se elas não quiserem, nada feito. It takes two for tango. Depois, também é preciso o ambiente certo... não vai a frio. Acho que a intimidade vem com o flirt... é nisso, nesse ambiente de... de flirt que ficamos mais próximos... hummm... que conversamos, que nos conhecemos melhor... a vontade de estar com a acompanhante deixa de ser só física, só pelo corpo, passa a ser também por aquilo que vais sabendo dela... e elas também deixam de estar só pelo dinheiro, passam a saber mais sobre ti, ficam mais à vontade e acho que também mais atraídas por ti enquanto homem para lá do cliente, para lá dos cifrões. Quando isto acontece, o sexo tem que ser muito melhor, só pode ser muito melhor... elas e eu estamos mais confortáveis, desejamos mais um ao outro.”

O truque do flirt é esse, é impressionar, certo?! Por isso, tens que te apresentar da melhor maneira possível, mostrares aquilo que gostas, aquilo que fazes, as tuas experiências, mostrares que és diferente... eu falo sempre daquilo que faço, do meu trabalho, dos sítios onde gosto de ir jantar, sair à noite ... das minhas viagens... no fundo, conto-lhes coisas que as atraem, dinheiro e lazer... humm... coisas que as fazem ficar interessadas por mim... hummm... criar empatias... não é isso que todos fazemos para impressionar miúdas, contar-lhes coisas que gostam de ouvir para ficarem caídas por nós?! Quando mostras que és uma pessoa leve e de bem com a vida ficas mais atraente e sedutor, tornas-te magicamente mais irresistível... quando estás com uma acompanhante não é diferente, fazes esse investimento para que seja bom e para que tudo corra como desejas (...) Quando estou cansado... quando não estou para isto... às vezes apetece-me desabafar, falar quase sem parar das chatices no trabalho, despejar tudo cá para fora, deitar para fora os problemas com os meus pais, ou as saudades de Lisboa, os amigos... sei lá, despejar tudo, tudo... quando não tens mais ninguém perto acaba por acontecer isso... hummm... hummm... isso acontece muito ao princípio, quando comecei nisto porque estava lá [Londres] sozinho, porque tinha acabado tudo com a --- ... hummm... mas não gosto muito destas conversas lamechas e tipo depressivas, isso também seria demasiado cliché acontecer com uma acompanhante, e eu não gosto muito de clichés [risos].”

“Tu quando estás com uma rapariga gira, quando estás no flirt... queres levá-la para a cama e queres impressioná-la vais com ela para uma pensão ou para um hip hotel?! Com elas [acompanhantes] é a mesma coisa... para teres uma cena fixe, queres boa cama, com entrega e tal e tal... tens que a conquistar, tens que a impressionar, tens que gastar uns cobres, tens que investir na miúda. Isto é um bocado como naquele anúncio dos correios antigo, um local bem escolhido é meio caminho andado para um encontro agradável... vai por mim. [risos] Agora a sério, para a tal intimidade o lugar do encontro é importante... é o cenário... e o cenário que escolhes revela-te a ti e aquilo que queres do momento... o que lhe queres oferecer a ela [acompanhante], tas a perceber não é?”

“Queres que te responda com sinceridade?! Não estou minimamente interessado se ela esteve a mentir todo o tempo, se aquela intimidade era só a fingir, só uma ilusão, ou... ou se ela esteve em performance, o que me interessa é que aconteceu e se aconteceu foi real, ponto.”

André

“Não gosto de um encontro só para sexo. Gosto de estar um tempo de qualidade com uma mulher bonita e boa... humm... que seja atraente (...) gosto de sair com ela, gosto de a mimar, de a levar a um bom restaurante ou a um bar que gosto (...) gosto de ter tempo para falar, para conversar, para contar as coisas de todos os dias... os problemas, mas também as coisas boas (...) sim, é um pouco isso, um momento para desabafar... hummm... para estar descontraído e para relaxar (...) às vezes tenho a sensação de que falo sem parar com elas, que estou sempre a falar, que estou sempre a contar coisas que para elas podem não ter interesse nenhum... hummm... falo, falo, conto-lhes a história da minha vida toda eheheh [risos e gargalhadas]! Gosto desta parte dos encontros com elas [acompanhantes], é engraçado falarmos sobre nós com um estranho, é engraçado porque é muito fácil... é verdade! (...) É porreiro quando elas ouvem o que estamos a dizer, quando nos respondem... quando se interessam por aquilo que estou a contar... é porreiro! E, depois há o sexo... e isso, isso é um outro mundo...”

“Tchiiii! (...) Ao princípio não via as coisas desta maneira. Nem pensar! Acho que ao princípio nem via nada para além dos corpos delas... é boa, siga! [risos]”

NOTAS CONCLUSIVAS |

No plano biográfico e no tempo do quotidiano destas mulheres (acompanhantes) e homens (clientes), onde frequentemente tudo parece acontecer equanto pouco ou nada se passa (Pais, 2002), a vida parece um objecto sólido, integral e indivisível. Optou-se, por isso, por um posicionamento teórico e metodológico que melhor conseguisse dar resposta do multidimensional idade biográfica e contextual destes protagonistas sociais, permitindo uma aproximação passo-a-passo e por pequenas partes à realidade prostitucional protagonizadas por mulheres e homens cujas vidas e existência social ultrapassa a esfera mais restrita da prostituição. Para explicar mais profundamente este tipo selectivo e oculto de prostituição, foi preocupação deste trabalho desvendar não só os acontecimentos biográficos, mas também as condições estruturais em que foram colocados em prática ou experimentados pelos protagonistas. Isto é, na forma como as estruturas sociais se instanciam à escala individual (Lahire, 2004 e 2005).

Tendo de ir por partes, estas notas conclusivas devem ser entendidas como pontos de ancoragem analítica e teórica, necessariamente, provisórios. Serão mais lugares para novas interrogações do que pontos finais sobre este objeto de pesquisa. Trata-se de um balanço realizado, necessariamente, dentro dos constrangimentos e limitações desta pesquisa. Constrangimentos e limitações devedoras, em grande medida, da orientação teórica que guiou a pesquisa, mas também do pragmatismo na permanente luta por manter o objecto de estudo circunscrito (ditando o abandono precoce de outras pistas de investigação). Deste modo, seria possível imaginar um outro balanço se se tivesse explorado a pista da migração como entrada na prostituição, tendo podido abrir de modo mais profundo o debate em torno do tráfico para trabalho sexual. Ou, se se tivesse optado por aprofundar analiticamente a vida amorosa destas mulheres e homens e a forma como ela se cruza com prostituição. Ou ainda, se se tivesse apostado num enquadramento mais centrado e devedor da discussão em torno dos paradigmas legais da prostituição – por ventura, aspecto merecedor de mais aprofundada reflexão do que aquela que foi aqui feita; ou, finalmente, poderia ter sido mais explorada a pista sobre a importância do pagamento para as mulheres acompanhantes e para os homens clientes, bem como a forma como esse acto se traduz nas relações de poder no momento da interacção prostitucional.

De forma concreta, trata-se de um exercício de balanço que percorre quatro planos distintos: (i) delimitação de um objecto de estudo com excesso de visibilidade; (ii) entendimento dos protagonistas, das suas biografias, dos seus constrangimentos objectivos-materiais e simbólico-ideológicos; (iii) a prostituição como tentativa de garantir resposta positiva ao imperativo de se ser ‘bom no sexo’; (iv) finalmente, o entendimento dos encontros prostitucionais como forma específica de intimidade.

Delimitação de um objecto de estudo com excesso de visibilidade

Nem sempre é claro do que estamos a falar quando falamos de prostituição. Frequentemente se percebe que as representações e definições são colonizadas por uma prostituição imaginativa. É ainda menos claro quando falamos de um tipo particular, mais ou menos oculto, privatizado e de acesso restrito e seletivo de prostituição, como é aquele protagonizado pelas mulheres acompanhantes e pelos homens seus clientes.

Neste sentido, o primeiro objetivo desta pesquisa foi contribuir para a delimitação deste tipo de prostituição enquanto objeto de estudo sociológico. Tratou-se de um esforço na definição dos contornos desta forma de prostituição, desde logo, localizando-a na cartografia mais abrangente de outras formas de prostituição e de trabalho sexual.

Esta delimitação desenhou-se em dois planos: o plano morfológico e dos contornos delimitadores desta forma de prostituição; e no plano daquilo que é produzido no contexto interaccional e relacional entre acompanhantes e clientes.

A descrição da morfologia deste objeto de estudo permitiu descrever o modo como ela se constitui em contextos espaciais particulares onde se processa a trama interaccional entre acompanhante e clientes, revelando os múltiplos sítios de co-presença produtores de elevada intensidade relacional. Mas também autorizou o entendimento de que este tipo de prostituição e os seus contornos não serão meramente físicos ou espaciais, revelando que esta forma de prostituição também se define através das tecnologias e que parte da interação se passa em contextos digitais. De facto, verificou-se que as novas tecnologias de informação e comunicação expandem os espaços de possibilidade de sociabilidade e intensificação relacional entre acompanhantes e clientes.

Neste mapeamento definidor desta forma de prostituição, também se foi oferecendo visibilidade às condições para o exercício da prática prostitucional

Neste tipo de prostituição estabelecem-se padrões de interação, ritualidades, regras e rotinas resultantes do quadro de interação (Costa, 1999). Assim, importou clarificar as formas de sincronização disposicional que mulheres (acompanhantes) e homens (clientes) são obrigados a seguir no momento da sua entrada nesta forma de prostituição. Isto é, os processos práticos de aprendizagem e incorporação da regras que definem o que é ser acompanhante e cliente. Também se revelaram como as redes de confiança e socialização sexual (no ciberespaço ou fora dele) condicionam e regulam aquilo que acontece, isto é, as práticas sexuais e as expectativas em torno dos encontros prostitucionais. Ao mesmo tempo, identificaram-se as rotinas e a ritualidade nos processos de seleção, sedução e avaliação que são desenvolvidos por mulheres (acompanhantes) e homens (clientes). Finalmente, clarificou-se como esta forma de prostituição enquanto quadro de interação produz ativamente uma particular realidade erótica que pretende evadir os seus protagonistas de outras esferas da vida mundana.

Protagonistas, biografias, constrangimentos e sexualidade prostitucional

A teoria feminista em torno da prostituição nas sociedades contemporâneas ocidentais tem sido dividida entre argumentos polarizados, uns levando em consideração o potencial de agência e de emancipação contido na actividade prostitucional, outros reafirmando a sua impossibilidade (Weitzer, 2000b, 2005 e 2010; Koken, 2010 e 2012; O'Neil, 2001; Scambler, 1997). O primeiro conjunto de argumentos assenta, em grande medida, no significado transgressivo da actividade prostitucional e as suas protagonistas tendem a ser vistas como agentes subversivos que colocam em causa as normatividades sexuais prescritas pelas feminilidade e masculinidade adequadas – definindo tabus para a sexualidade feminina (Scambler, 1997). De outro modo, na ideia da prostituição como símbolo de contestação ou como sinal de agência sexual das mulheres numa sociedade organizada segundo uma economia simbólica masculina controladora da expressividade sexual das mulheres (Scoular, 2004). No segundo conjunto encontramos os argumentos associados a uma prostituição imaginativa – conjunto de representações e visões mais comuns sobre a prostituição – que entendem a prostituição como forma de violência e opressão das mulheres, bem como as prostitutas como seres que encorporam e incorporam a objectivação sexual (Dworkin, 1997) através de um corpo e de uma sexualidade violentada.

Esta polarização contém dois riscos para a análise sociológica: por um lado, aquele que reside na produção de grelhas de análise do real vítimas de um determinismo estrutural, em que o indivíduo se torna um epifenómeno das estruturas sociais que se abatem sobre ele. Naquilo a que Archer (2000 e 2003) chamaria de conflagração descendente. Por outro, o risco situa-se numa forma de conflagração ascendente em que as estruturas sociais parecem dissipar-se e a vontade individual prevalecer (Archer, 2000 e 2003), criando perspectivas que tendem a romantizar a actividade, passando a prostituição a ser vista como qualquer outra actividade, livremente escolhida, em situação de auto-determinação (Agustín, 2002 e 2005a).

Para evitar estes riscos, neste trabalho foi, desde sempre, percebida a necessidade de conceber uma separação analítica entre estrutura e agência para que se pudesse analisar a sua interacção (Archer, 2000; 2003b; 2007; 2010; Mouzelis, 2008; Costa et al, 2000). Tendo por base o postulado do realismo social de que as estruturas sociais preexistem aos indivíduos: estrutura e agência operam em diferentes escalas de tempo; esta diferença cronológica concretiza-se no facto dos indivíduos nascerem em enquadramentos estruturais preexistentes. Tal significa que os indivíduos herdaram as estruturas – cristalizações mais ou menos duráveis de modos de organização económica e social - e que estas, consequentemente, precedem temporalmente a acção. Essa herança determina não só os limites das práticas, como as modalidades da sua própria transformação (Almeida, 1981). Se determinado tipo de estruturas e de relações sociais regularizadas preexistem e sucedem à existência individual, então o

estatuto das estruturas não será redutível ao das pessoas (Brante, 2001). Isto significa a aceitação do plano da exterioridade das estruturas sociais.

Deste modo, a porção da realidade social constituída pelas mulheres prostitutas acompanhantes e pelos homens clientes foi analisada, quer do ponto de vista interno dos actores, quer sob uma perspectiva externa respeitante às estruturas. Contudo, para evitar problemas de conflagração, preferiu-se seguir uma lógica de dualismo metodológico assente na valorização da importância da distinção metodológica entre estruturas e actores (Mouzelis, 2008), em detrimento de uma separação de tipo ontológico (Archer, 2000, 2003 e 2007a).

Ao mesmo tempo, não se deixou de tentar perceber a permanente comunicabilidade entre interioridade e exterioridade, implicando manter viva a ideia da existência do indivíduo socialmente reflexivo (Mead, 1963; Giddens, 1984 e 2000; Archer, 2003 e 2010). Isto quer dizer que o *self* não pode existir fora do contexto social e a acção individual é fundada em processos interpretativos da relação com os outros e com o mundo.

Pelo que, no contexto deste trabalho, a agência pode ser conceptualizada como a capacidade dos indivíduos conseguirem produzir mudança social, ou ainda, a capacidade das mulheres acompanhantes e dos homens clientes fazerem escolhas acerca da suas vidas e produzirem acções intencionais, práticas e comportamentos, pressupondo a sua competência para pensarem nas situações com que se confrontam e o contexto histórico, social e político em que vivem. Desta forma, agência nunca pode ser confundida com livre arbítrio (Bourdieu e Wacquant, 1992).

Esta clarificação tem particular importância no quadro das disputas teórico-ideológicas do feminismo em torno da prostituição e das mulheres prostitutas, na medida em que significa que as mulheres que trabalham como prostitutas não serão simplesmente vítimas mas também não são totalmente livres das forças estruturais das sociedades contemporâneas. Contudo, são mulheres com capacidade de decisão sobre as suas vidas, decisões reflexivamente ponderadas e enquadradas nas suas complexas circunstâncias de vida (Vanwesenbeeck, 1994, 2005; Chapkis, 1997; Brewis e Linstead 2000a e 2000b; Sanders 2002, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b; Bernstein, 2007a; Kesler, 2002, Ribeiro et al, 2008; Coelho, 2009a).

Produzir a distinção entre estrutura e agência, estando consciente das componentes objectivas-materiais e simbólico-ideológicas da estrutura, bem como da capacidade reflexiva dos indivíduos em sociedade, são actos teóricos fundamentais que permitiram, por exemplo: (i) produzir um entendimento e possibilidade de explicação do modo como a prostituição, o estatuto de prostituta ou de cliente não são absolutos, mas antes produtos de biografias histórica e socialmente enquadradas num cenário contextual pluridimensional. (ii) Entender a sexualidade prostitucional enquanto dimensão da vida social, pertencente a um universo mais alargado de interconectadas esferas de sociabilidade (Jackson, 2008; Jackson e Scott, 2010), que se instancia de acordo com a intersecção dos quadros interaccionais e os constrangimentos estruturais de ordem objectiva, mas também de ordem simbólica e ideológica.

Agência e constrangimentos objectivo-materiais

Sem negar que nas sociedades contemporâneas as práticas sexuais tendem a ser entendidas e organizadas em estilos de vida sexuais (Weeks, 1995 e 2007), parte integrante de projectos reflexivos de construção do si (Giddens, 2001) - tornando-se, por isso, legítimo imaginar a prostituição como elemento integrante de tais processos individuais – este trabalho manteve o esforço de problematização, análise e teorização sociológica desta forma de prostituição enredado nos constrangimentos estruturais de natureza objectiva-material dos seus protagonistas. Tratou-se de descrever e explicar este tipo de prostituição estando sociologicamente conscientes de que as oportunidades de racionalização e significação da prostituição por parte destas mulheres e homens enquanto parte de eventuais estilos de vida sexuais (ou outros) não se distribuem de forma igual pelo espaço social (Bourdieu, 1979 e 2001), sendo fundamental contextualizar a actividade prostitucional nos tempos biográfico e das condições objectivas que lhe serviram de cenário.

Neste sentido, esta pesquisa deixou claro que trabalhar como prostituta acompanhante é o produto de biografias históricas e socialmente enquadradas num cenário contextual pluridimensional. Ou de outro modo, que a entrada destas mulheres nesta forma de prostituição resulta de diferentes formas de conjugação da biografia pessoal com as condições objetivas de existência sempre presentes na constituição de modos de vida e de fazer face às atribuições biográficas que vão ocorrendo.

A relação entre entrada no fenómeno prostitucional e as condições objectivo-materiais revelou-se mais central no caso das mulheres acompanhantes do que no caso dos homens clientes. De forma genérica, podemos afirmar que para eles as motivações para ao recurso a este tipo de prostituição não se enredam em causas materiais e objetivas, mas em razões biográficas – turning points - associadas a processos de construção, reconstrução e reforço da masculinidade que assumem a sexualidade como aspecto clarificador da sua adequação.

Para algumas mulheres prostitutas acompanhantes, a prostituição é tratada como uma forma de resposta a condições estruturais e objectivas precárias, como uma via de saída para necessidades económicas vividas no contexto de uma cultura de consumo (McLeod, 1982, O'Connell Davidson, 1998, O'Neill, 1997 e 2001; O'Neil, 1997, Pheterson, 1996, Phoenix, 2000 e 2001, Pais, 2001). Mas, ao contrário das análises abolicionistas, a ideia de resposta contém, necessariamente, a capacidade destas mulheres pensarem em si e avaliarem as condições objectivas que as rodeiam. Elas respondem ao contexto em que vivem e à forma particular de relação com as condições objectivas (Ribeiro et al, 2008).

Neste sentido, a decisão da entrada da actividade prostitucional é produto da existência destas mulheres enquanto indivíduos socialmente reflexivos, demonstrando como a prostituição ou o trabalho como prostituta não apaga a agencialidade. A acção, o projecto de acção, tem sempre em consideração uma situação particular e a sua eventual transformação (Giddens, 1984 e 2000; Archer, 2000 e 2003;

Bourdieu, 1979). A prostituição transforma-se numa decisão-acção no sentido de transformarem a sua relação com as condições objectivas e materiais que lhes condicionam a vida. Não admira que o dinheiro, neste contexto, seja a principal motivação para a entrada na actividade prostitucional (Koken, 2010 e 2012; Ribeiro et al, 2008; Coelho, 2009a; Oliveira, 2004 e 2011. Por que nele reside a resolução do problema da precariedade económica, pobreza ou exclusão social, transformando a prostituição num sinónimo de emancipação económica (Phoenix, 2000 O'Neil 1997; Sanders, 2008, Day, 1994 e 2007; Weitzer, 2000b, 2007, 2010; Chapkis, 2000).

De facto, verifica-se que para algumas mulheres que se dedicam a este tipo de actividade prostitucional, esta é a única ou a mais importante fonte de rendimento e o fundamento da sua autonomia (O'Neil, 1997 e 2001). Nestes casos, o trabalho sexual pode melhorar as suas condições económicas e promover maior controlo sobre a sua própria vida e ser praticado em condições que muitos trabalhos do mercado de trabalho convencional não garantem (Weitzer, 2007; Ribeiro et al, 2008). A prostituição afigura-se como a resolução, ou pelo menos como mais uma solução provisória, de histórias laborais marcadas pela precariedade e pelos baixos salários, pela alternância sucessiva entre pequenos empregos e o desemprego, ou pelo desemprego inesperado que se torna definitivo (Ribeiro et al, 2008; Coelho, 2009a; Pais, 2001).

É, sobretudo, ao nível do rendimento do trabalho que estas mulheres sentem a maior viragem nas suas vidas, a prostituição representa ganhos objectivos do ponto de vista da remuneração. por que Aquilo que se ganha na prostituição é mais elevado do que os salários nas suas anteriores profissões (Ribeiro et al, 2008; Coelho, Pais, 2001). A esta transformação mais evidente juntam-se outras como a flexibilidade do horário de trabalho, a possibilidade de organizar o tempo de trabalho com exigências familiares (O'Neil, 2001) ou ainda a articulação dos tempos de trabalho com os tempos de lazer e de investimento em cuidados consigo (Coelho, 2009a).

Num contexto de interconectividades culturais, políticas e económicas típicas daquilo a que alguns chamaram sociedade em rede (Castells, 1996, 1998 e 2001) e com a coexistência de desigualdades sociais locais e globais, esta tarefa teórica e analítica revela-se particularmente complexa (Koken, 2010 e 2012). Parte dessa complexidade reside nos efeitos dessas desigualdades na produção de fenómenos migratórios que se cruzam com o trabalho sexual. A dificuldade é evitar a confusão entre a decisão de mulheres migrantes trabalharem na indústria do sexo como prostitutas e o tráfico de seres humanos⁷¹. As mulheres que associam à condição migratória, baixas qualificações e situações de irregularidade legal, vivem em situações em que as possibilidades são poucas e economicamente pouco razoáveis para que consigam cumprir os seus objectivos de poupança e de melhoria das suas condições de vida e dos familiares. Para elas, a prostituição revela-se uma opção pragmática e economicamente racional: em nenhuma outra actividade profissional conseguiriam obter

⁷¹ Um tipo de confusão típico da construção de pânico morais em torno do fenómeno prostitucional – estratégia de associação de movimentos feministas abolicionistas e puritanismos religiosos.

o mesmo volume de recursos económicos. Decidir entre trabalhos mal pagos e precários e um trabalho comparativamente mais bem pago é uma escolha racional obviamente limitada pelo leque de opções iniciais e constringida pelas necessidades objectivas (Agustín, 2005b e 2007; Chapkis, 1997; Ditmore, 2005; Ribeiro et al, 2008). Ao limite, no caso destas mulheres, a entrada na actividade prostitucional tratar-se-á de uma forma de agência, isto é, capacidade de actuar num determinado contexto, alterando as condições em que se actua.

Mas se a sua localização numa zona de privação de recursos no espaço social (seja por trajectórias de mobilidade social em perda ou pela origem e a pertença de classe actual) determina capacidades agenciais em que o constringimento se sobrepõe à potenciação ou em que as regras se impõe aos recursos. A verdade é que, contrariando o quadro geral traçado por Bourdieu (1979), a acção inventiva nem sempre fica enalhada na ironia da reprodução social: a entrada na prostituição significa a alteração considerável das suas condições objectivas de vida, significa uma forma de mobilidade social ascendente. O esquema proposto por Bourdieu enfrenta outro tipo de problemas porque seguindo a lógica da homologia entre a localização no espaço social e as práticas todas as mulheres em situação de precariedade incorporariam *habitus* equivalentes, neste cenário como explicar que mulheres com mesma origem social e em iguais situações económicas decidam em direcções tão distintas: umas entram na actividade prostitucional e para outras isso nem se coloca como possibilidade.

Por outro lado, o facto de muitas mulheres prostitutas verem na prostituição a solução de problemas objectivos e materiais das suas vidas, não significa umnexo de causalidade entre precariedade económica e prostituição, sobretudo nesta forma particular de prostituição. De outro modo, não podemos imaginar a prostituição como possibilidade ou solução de vida como parte integrante de um determinado *habitus* de classe. Por que não será apenas o cenário de destituição de recursos ou de pobreza a determinar a entrada das mulheres neste tipo particular de prostituição. Se fosse esse o caso permaneceria válida a eterna questão: sendo a prostituição a solução para a pobreza das mulheres a surpresa não é que haja tantas mulheres nesta actividades mas sim tão poucas (Davies, 1937).

Neste sentido, é possível avançar com uma hipótese explicativa assente em dois planos: num primeiro plano, os constringimentos morais, nomeadamente aqueles directamente relacionados com a experimentação e expressão da sexualidade, bem como a persistência de um duplo padrão sexual condicionador da sexualidade das mulheres, funcionam como bloqueio ao ingresso de muitas mulheres na actividade prostitucional, mesmo que se encontrem em situações de relativa destituição. Num segundo plano, o risco de acusação e de estigma de ser puta que paira sobre todas as mulheres – exercendo ou não esta actividade – faz da entrada na actividade prostitucional um risco de descredibilização adicional para quem já vive em situações de precariedade. Ou seja, perceber a prostituição como forma imediata e fácil de superar situações de destituição económica representa para as mulheres somar ao desconforto da destituição, o desconforto da acusação e da estigmatização

do incumprimento do que deve ser uma mulher. Não por acaso, se detectou que parte das mulheres prostitutas acompanhantes a fazerem este trajecto de entrada na prostituição assumem um desalinhamento desgostoso com as prescrições normativas de uma feminilidade adequada e enfatizada.

Reforçando a necessidade de romper com uma causalidade determinista estrutural, este trabalho revelou também que, por um lado, parte das mulheres acompanhantes entram na prostituição por não conseguirem uma integração no mercado de trabalho formal que corresponda às expectativas criadas pelos percursos formativos e qualificações obtidas, sentido-se parte de uma geração enganada (Bourdieu, 1979). Por outro, há ainda um importante contingente de mulheres que entram neste tipo de prostituição e pertencem às novas classes médias e vivem em zonas de conforto económico e social (Bernstein, 2007, Chapkis, 1997, Thukral et al, 2005, Sanders, 2008; Coelho, 2009a).

O facto de parte significativa das acompanhantes fazer da actividade prostitucional algo que acompanha as suas carreiras profissionais principais, implica fazer uma avaliação crítica das teses que, por vezes, de forma demasiado precipitada e determinista percebem nas depauperadas condições objectivas de vida o factor único para o início da actividade prostitucional. Desta forma, devemos olhar com precaução redobrada para discursos que colocam as mulheres prostitutas no lugar da vítima de constrangimentos estruturais inultrapassáveis de carácter material (sistema capitalista) e ideológico (patriarcalismo), tornando-a particularmente vulnerável à violência e dominação masculinas. Pelo contrário, este trabalho revelou – de forma algo inesperada – a proximidade social entre uma parte considerável das mulheres prostitutas acompanhantes e os homens clientes deste tipo de prostituição

Assim nem todas as relações de sexo comercial entre prostitutas (acompanhantes) e os seus clientes serão definidas por intensas assimetrias de recursos e poder que tornam a igualdade, a reciprocidade, a intimidade e o respeito em aspectos estranhos destes contextos. Mesmo que estas mulheres prostitutas ocupando uma posição social improvável passam não ser representativas da maioria das mulheres que trabalham na indústria do sexo, a verdade é que a sua presença na actividade prostitucional levanta novos pontos de interrogação para a pesquisa sociológica: porque é que estas mulheres das classes médias entram na actividade prostitucional? Poderá ser o trabalho sexual e este tipo de prostituição ser uma nova profissão das classes médias? Se a prostituição é continuamente percebida como uma actividade não desejada mas justificada pela falta de alternativas e de condições objectivas das mulheres, como poderemos explicar a entrada de mulheres que no lugar de acumularem desvantagens acumulam vantagens sociais, económicas, profissionais/ocupacionais e simbólicas?

A pesquisa desenvolvida permite-nos sistematizar duas hipóteses explicativas: em primeiro lugar, a hipótese que se levanta, para responder àquelas interrogações em causa, é a de que as mulheres prostitutas acompanhantes em posições sociais de destaque na estrutura social reformulam o enquadramento da actividade prostitucional, obrigando a questionar os retratos que colocam em causa a respeitabilidade da actividade, que percebem a prostituição como um forma de opressão, ou como uma forma de ataque à dignidade e à auto-estima das mulheres (Leigh, 2004; Nagle, 1997). Estas

novas protagonistas produzem transformações conceptuais sobre o que é prostituição, criam novas formas e tipos de prostituição, dão novos contornos à actividade prostitucional, estando patente a sua intervenção na concepção e organização do trabalho desta forma de prostituição abrigada e selectiva, na concepção dos serviços, na elaboração dos encontros.

Uma segunda hipótese – que pode responder a outra parte das questões formuladas - é a de que estas mulheres ocupando posições sociais de destaque na estrutura social, fazem da entrada na prostituição e da sua experiência prostitucional um elemento radical, novo, entusiasmante, efervescente (apara utilizar uma linguagem durkheiminiana), que lhes permite do mesmo passo questionar e encontrar o sentido da sua existência e do seu projecto individual.

Agência e os constrangimentos simbólico-ideológicos

Ao convocar os constrangimentos estruturais de natureza simbólico-ideológica o desafio foi analisar a relação entre, por um lado, as categorias ideológicas de género que formam os sujeitos e as suas possibilidades de experimentação da vida social, destinando-lhes lugares aparentemente naturais, e por outro, os processos pelos quais os indivíduos vivem e se constituem em diálogo com as suas circunstâncias (Almeida, 1981; Weeks, 1995). Ou seja, importa discernir analítica e teoricamente ideologias e regimes de género, padrões institucionalizados de organização social das práticas quotidianas (Connell, 1987 e 2002), e a sexualidade como entidades distintas, conferindo à primeira um estatuto estruturante e organizador da segunda. Mais, entender o género como constrangimento estrutural simbólico-ideológico, que se cruza com a sexualidade enquanto esfera interaccional onde os indivíduos vivem (Jackson, 1999a e 2008; Jackson e Scott, 2010), foi essencial para se conseguir captar a complexidade das dinâmicas que tornam a actividade prostitucional potencialmente emancipatória e transformadora ou como uma forma de exploração e de reprodução da dominação masculina.

De forma concreta, o esforço de teorização centrou-se na produção de entendimento sobre a forma como as mulheres prostitutas acompanhantes e os homens clientes se inscrevem numa ordem de género de mais longo alcance (Connell, 1987, 1998 e 2002), contribuindo para a reprodução ou transgressão dos seus regimes específicos: normatividades de género que organizam a sexualidade no sentido da consolidação de uma economia simbólica masculina (Bourdieu, 1999) ou de uma masculinidade hegemónica (Connell, 1987, 2002) limitadora das possibilidades de agencialidade sexual das mulheres (Holland *et al.*, 1998).

Este esforço foi tão mais importante quanto a história da prostituição é, em grande medida, a história de tentativas de repressão e repreensão moral das mulheres envolvidas na prostituição.

Importa sublinhar que qualquer que seja a configuração das relações de género no quadro desta forma de prostituição, ela deve ser enquadrada nos contextos mais alargados em que se insere (Adkins, 1995; McDowell, 1997; West e Austrin, 2002), não só porque as relações de género

funcionam em contextos, interagindo com outras dinâmicas da vida (Connell, 1987 e 2002). Mas, também porque a sexualidade é parte integrante de uma mais vasta constelação de dimensões da vida social onde os indivíduos vivem e se constituem. Ou de outro modo, esta postura exigiu um exercício de vigilância teórica para evitar cair no deslize romântico (Agustín, 2002 e 2005a) e manter equilíbrio analítico entre os poderes da agência e da reflexividade das mulheres prostitutas e homens clientes e as forças condicionantes das estruturas sociais enquanto conjunto multiforme de recursos e regras (Giddens, 1984 e 2000).

Assim, verificou-se que a agência sexual, as capacidades de acção e invenção na esfera social da sexualidade que mulheres (acompanhantes) e homens (clientes) possuem depende da sua localização involuntária no espaço da distribuição inigualitária dos recursos (Bourdieu, 2001). O que significa que nem todos os actores têm necessariamente a mesma possibilidade de serem criativos na definição das suas condutas sociais (Alexander, 1998; Mouzelis, 2008; Walsh, 1998) e sexuais (Jackson e Scott, 2004 e 2010; Weeks, 1995). Por que, tal como qualquer outra dimensão da realidade social, a produção e reprodução da sexualidade (paga) implica um desempenho altamente qualificado por parte dos indivíduos (Giddens, 1976). Daqui resulta que, se por um lado, as mulheres acompanhantes e os homens que a elas recorrem são autores deste nicho sexual de sociedade, por outro, apenas o produzem enquanto agentes socialmente localizados e com diferentes condições objectivas, pelo que a sua agência é sempre limitada e não se dá sob condições de escolha livre (Giddens, 1976 e 1984). A agência sexual será, pelo menos parcialmente, uma variável dependente daquelas distribuições. As vantagens e desvantagens objectivas condicionam a forma como a sexualidade pode ser vivida (Jackson, 1999a, 2001, 2005, 2007 e 2011) e a sexualidade paga que define os encontros entre acompanhantes e clientes não é excepção.

Ficando, assim, claro como alguns actores desta forma de prostituição estão em posições propícias de estruturar e mais afastados de serem estruturados; e que outros, pelo contrário, se encontram em lugares sociais onde são mais facilmente estruturados do que estruturam (Mouzelis, 2008; Giddens, 1984 e 2000). Ou seja, desiguais distribuições de recursos e poderes determinam distintas capacidades de produção da sociedade (Almeida, 1981; Costa, 1999; Costa et al, 2000 e 2007; Giddens, 1984 e 2000).

Em consequência, verificou-se que as acompanhantes e os clientes se distribuem entre os produtores de mudança, os produtores de conservação da realidade sexual prostitucional e na forma como gerem as expectativas normativas e orientadoras do género sobre a sexualidade.

A agência sexual conservadora associa-se a uma visão da sexualidade vivida como uma dimensão hetero-estruturada da vida, que transforma as experiências sociais aí vividas em acontecimentos reprodutores de uma organização ideológica e normativa da sexualidade baseada na desigualdade estrutural entre homens e mulheres. Sumariamente, este modelo geral de organização e significação da sexualidade é estruturado pelo duplo padrão sexual que coloca em prática e reproduz

um modelo de sexualidade controlador e restritivo, reproduzindo uma visão inigualitária das possibilidades de expressão e experimentação sexual de homens e mulheres.

Neste sentido, aqui se enquadram aqueles homens clientes para quem a sexualidade paga cumpre estereotipadamente a ideia de que a prostituição é um dos últimos redutos do domínio masculino nas sociedades contemporâneas (Sacramento, 2006), lugar onde se pode ocultar a masculinidade em perda (Torres, 2001 e 2002). Para eles, a sexualidade no quadro da prostituição traduz-se na afirmação dos valores e práticas reprodutoras de uma economia simbólica masculina (Bourdieu, 1999), de uma masculinidade hegemónica (Connell, 1995) e na intensificação das assimetrias de género que lhes andam associadas (Heyl, 1979b; Barry, 1979, 1995; Hoigard e Finstad, 1992; Shrage, 1994), porque assegura a capitalização de elementos masculinizantes, em especial daqueles mais associados à esfera da sexualidade (Sacramento, 2006).

As mulheres acompanhantes que aqui se inscrevem vivem na permanente tensão de gerirem o conflito entre a *impudicitia* da sexualidade de que são autoras como prostitutas e a manutenção de um elevado grau de fidelidade à *pudicitia*, guião cultural que afasta a mulher da sexualidade activa, reafirmando normas da submissão sexual feminina e reiterando o duplo padrão que restringe os desejos sexuais das mulheres (Rubin, 1975 e 1984; Tolman, 2002). Adicionalmente importa não esquecer que esta visão é um exclusivo de mulheres acompanhantes particularmente destituídas de recursos materiais e simbólicos. Destituição que deriva da conjugação de inserções no espaço social particularmente frágeis, de modos de vida centrados na solução permanente de crises materiais e na luta pela melhoria das condições objectivas de vida, e de dramaturgias biográficas especulativas do futuro que fizeram da vida um jogo de casino.

Por seu turno, a agência sexual produtora de mudança é protagonizada por mulheres acompanhantes e homens clientes que internalizam, de algum modo, a ideia de cidadania sexual. A cidadania sexual refere-se ao controlo do próprio corpo, sentimentos e relações; refere-se ao acesso a novas preocupações com as relações, identidades sexualizadas e experiências sexuais (Weeks, 2007). Isto é, implica a incorporação da igualdade de mulheres e homens enquanto cidadãos capazes de: (i) expressarem e experimentarem a sua sexualidade; (ii) definirem e concretizarem os seus desejos e vontades (Weeks, 2007; Jackson e Scott, 2004 e 2010); (iii) assumirem a sexualidade e o corpo como parte integrante dos seus projectos individuais, fazendo do corpo e da sexualidade objecto de intervenção reflexiva (Crossley, 2001 e 2006; Giddens, 2001; Merleau-Ponty, 2003; Weeks, 1995); (iv) ao limite, definirem um estilo de vida sexual (Weeks, 2007). Uma igualdade que se conquista, sobretudo, através da passagem da mulher-indivíduo (Torres, 2001) da esfera pública, onde ganhou estatuto de autora, para o domínio da sexualidade, oferecendo às mulheres o poder de definição da sua sexualidade e dos seus próprios desejos.

Deste modo, aqui encontramos encenações de masculinidades e feminilidades questionadoras e provocadoras da organização normativa dominante do que é ser-se homem ou mulher. Fazendo passar a noção de cidadania do espaço público e político para a esfera privada da sexualidade e da

intimidade (Weeks, 2007; Richardson, 2000b e 2017), percebemos que os homens clientes e as mulheres acompanhantes são autores de formas de masculinidade e feminilidade assentes na ideia de cidadania sexual e em princípios de igualdade de género que se expandem até à sexualidade, fornecendo maior liberdade, sobretudo para as mulheres, e um controlo mais individualizado da sexualidade, inscrevendo-a em processos mais complexos da construção de projectos individuais (Giddens, 2001).

Isto é, verificou-se que formas de agência sexual produtoras de masculinidades e feminilidade de tendência mais igualitária são comuns a homens (clientes) e mulheres (acompanhantes) que revelam um entendimento da sexualidade prostitucional como parte integrante dos seus projectos individuais, recentrando a prostituição como recursos sexual distintivo e como elemento fundamental do seu carácter sexualmente vanguardista,

Tal como identificado por Sanders (2008a), não será de estranhar que se revelem factores contextualizadores ou auxiliares da entrada na prostituição (como cliente ou como acompanhante) associados a grandes mudanças no sentido do aprofundamento da sexualização da cultura popular (Attwood, 2006 e 2009), à emergência do sexo como lazer (Hawkes, 1996), ou à cultura do striptease e do porn-chic (McNair, 1996 e 2002). Por um lado, por que este quadro contextual permite compreender a prostituição como um recurso sexual com capacidade de transformar imagens e experiências sexuais inalcançáveis em objectivos ao alcance dos homens (clientes) e das mulheres (acompanhantes). Ou seja, a sexualidade prostitucional será para estas mulheres e homens uma forma potencial de valorização pessoal através do treino, descoberta ou aquisição de competências sexuais, permitindo a afirmação de si como mulheres e homens sexualmente competentes e/ou irresistíveis.

Por outro, por que estas narrativas culturais fornecem o enquadramento necessário para que a actividade prostitucional e o recurso ao sexo pago passem a ser associados a manifestações culturais do lazer, do alargamento da indústria dos serviços, da importância do consumo enquanto eixo de integração social ou da mercadorização do sexo (Bernstein, 2007a; Brooks-Gordon, 2006). Isto é, para as mulheres e homens de que falamos ser acompanhante ou cliente passa a ser uma dimensão da vida que se enreda e encontra justificação no fenómeno cultural da normalização da comercialização do sexo e da sexualidade (Attwood, 2006 e 2009; Bernstein, 2007a e 2007b; McNair, 1996 e 2002).

O carácter auxiliar destas narrativas culturais da sexualidade torna-se ainda mais relevante quando percebemos que elas podem contribuir, em primeiro lugar, para a modernização da feminilidade baseada na afirmação da expressividade sexual. O 'mainstreaming' do sexo, a sexualização da cultura (Attwood, 2009) ou a erotização das grandes narrativas culturais (Plummer, 1996 e 1997) permite desenvolver noções de subjectividade sexual feminina (Gill, 2003) assentes na posse e capacidade de activação de disposições especificamente sexuais e eróticas, ou de tecnologias da sexualidade e erotização (Radner, 1993, 1999), que possibilitam explorar a emergência e a proliferação de práticas em torno do empreendedorismo sexual evitando cair no binário good girl/bad girl ou na acusação de impudicitia. Em consequência, estas narrativas contribuem para a menorização

do estigma e para o alargamento da aceitação daqueles que recorrem aos serviços sexuais pagos (Hubbard et al, 2008), porque não só fornecem o lastro necessário para a afirmação de uma masculinidade desalinhada e de uma organização da sexualidade masculina dependente da noção de cidadania sexual, como também enquadram os encontros prostitucionais destes homens no plano da igualdade de oportunidades de expressão e experimentação entre homens e mulheres. Deste modo, os guiões sexuais culturais (Simon e Gagnon, 1986 e 1999) fornecem aos protagonistas deste tipo de prostituição a possibilidade de se perceberem como homens e mulheres que orientam a sua sexualidade no sentido da abertura para a diversidade, para a desregulamentação de des-normatização e des-insitucionalização. Isto é, identificam-se como vanguardistas sexuais (Coelho, 2009b) cujo estatuto de clientes e acompanhantes permite serem autores de processos de *mainstreaming* da indústria do sexo (Brents e Hausbeck, 2007) e em particular da prostituição.

As mulheres prostitutas acompanhantes e os homens clientes que acumulam sucessivamente posições privilegiadas na estrutura social, um modo de vida aberto à aventurização do quotidiano, dramaturgias pessoais marcadas pelo cosmopolitismo avançado e um modelo geral de organização da sexualidade de natureza experimentalista, são também aqueles que demonstram maior facilidade em articular a sua concepção individual da sexualidade com as narrativas contemporâneas acerca da sexualidade. De facto, quer a agência sexual produtora de mudança, quer as formas de masculinidade e feminilidade que nele se expressam, se articulam facilmente com as grandes narrativas culturais que definem a importância e o significado do sexo nas sociedades contemporâneas (Simon e Gagnon, 1986 e 1999). A internalização destas narrativas culturais no projecto individual conjugada com a inserção estrutural destas mulheres e homens entre as classes médias enreda a sexualidade, em particular aquela vivida em contexto prostitucional, numa ética da aventurização da vida e numa atitude aparentemente *blasé* em relação às condições objectivas de existência. De forma breve, são as acompanhantes e os clientes em lugares de produção simbólica e ideológica que demonstram deter as capacidades e os recursos objectivos necessários para fazerem destas grandes narrativas as suas próprias histórias pessoais, produzindo e reproduzindo a ideia da sexualidade (comercial ou outra) como uma aventura de liberdade e oportunidades e menos como espaço de constrangimentos, regras ou condicionamentos estruturais. Ou seja, são também estas pessoas – falando destes lugares sociais – que detêm a capacidade de produzirem discursos eventualmente glamorizados e romantizados acerca daquilo que fazem: trabalhar como acompanhante ou recorrer a esta forma de prostituição.

Imperativo de ser bom no sexo e a prostituição

Para os homens e para as mulheres, a satisfação sexual passa a ser um objectivo de vida, uma dimensão dos seus projectos individuais, uma das chaves para a felicidade individual (Heath, 1982). A pressão reside na necessidade de experimentarem uma vida sexual altamente preenchida de experiências e emoções, mas também uma vida sexual intensa e bem-sucedida: cujo produto pessoal e

identitário seja a confirmação positiva das suas competências sexuais. Em contraponto ser mau no sexo torna-se num equivalente a falhar como ser humano (Jackson e Scott, 1997 e 2004).

Não podemos esquecer que esta urgência pelo bom sexo, enquanto fantasia sexual de si internalizada pelas mulheres (acompanhantes) e pelos homens (clientes), é fortemente condicionada, em primeira instância, pela organização normativa das masculinidades e das feminilidades que hipertrofiam a importância da sexualidade na definição do que é ser-se homem e mulher nas sociedades contemporâneas. Em segundo lugar, esta fantasia de si vive sob o efeito socializador das narrativas culturais dominantes acerca da sexualidade de uma cultura crescentemente sexualizada (Attwood, 2006 e 2009), criando novas expectativas de experimentação sexual antes considerada inatingíveis (McNair, 1996 e 2002), bem como fazendo da sexualidade um produto exclusivo dos projectos individuais (Sennet, 1988). Contudo, aquilo que significa realmente bom sexo nem sempre é muito claro. A maior parte das vezes, essa definição é deixada à imaginação individual, significando a responsabilização individual pelo sucesso ou insucesso dos encontros sexuais (Jackson e Scott, 2010).

Se isto não é uma inteira novidade para os homens e para a construção daquilo que significa ser-se homem, a novidade será a sua extensão aos guiões sexuais femininos e será um aspecto novo na constituição da feminilidade, ou melhor, de uma nova feminilidade. De facto, a transformação do bom sexo num imperativo dos comportamentos e da expressão sexual das mulheres surge alinhada com a emergência de uma nova feminilidade que hipertrofia a importância da sexualidade na definição do que ser-se mulher através uma atitude sexualmente empreendedora ou provocadora (Harvey e Gill, 2011; Coelho, 2009b).

Por isso, ao jogarem o jogo da existência social no tabuleiro da sexualidade, as mulheres e os homens (acompanhantes e clientes) interiorizam modelos de comportamento, de existência ou de afirmação de um estilo de vida sexual (Weeks, 1995) sem adquirirem os hábitos e disposições práticas que os aproximariam da possibilidade de viverem activamente tais modelos desejados. De forma simples, correm o risco de incorporarem disposições sexuais para crer (serem sexualmente irresistíveis) que não se adequam ao património disposicional para agir (Lahire, 2005). Este desfasamento entre crenças, desejos, ambições internalizadas e disposições para agir conduz a sentimentos de frustração ou de ilegitimidade (Lahire, 2005). Neste quadro, a porta de entrada no universo prostitucional, seja para assumir a actividade de acompanhante seja para recorrer aos serviços sexuais comerciais como cliente permite diminuir o (risco de) desfasamento entre disposições para crer e a sua concretização. De forma mais concreta, a participação no cenário erótico e sexual desta forma de prostituição é orientada por uma tentativa de afastar um conjunto de inseguranças e ansiedades produzidas na avaliação reflexiva do confronto entre os desejos individualmente incorporados nos guiões intrapsíquicos e o plano da sua real exequibilidade vivido no contexto interaccional sexual dos guiões interpessoais

Prostituição e intimidade

Este trabalho revelou um potencial nexos entre prostituição, proximidade social e intimidade. Contrariando aquilo que alguns autores afirmam, nem todas as relações de sexo comercial entre prostitutas (acompanhantes) e os seus clientes serão definidas por intensas assimetrias de recursos e poder que tornam a igualdade, a reciprocidade, a intimidade e o respeito em aspectos alienígenas destes contextos. Pelo contrário, a proximidade social entre clientes e acompanhantes (especialmente notória nas duas classes de topo) poderá desenhar uma particular plataforma de afinidades electivas (Bourdieu, 1979), determinantes para a produção de intimidade nos encontros prostitucionais.

Verificou-se que o carácter comercial dos encontros eróticos entre acompanhantes e clientes não impede a construção de uma forma específica de intimidade entre os protagonistas desses momentos. A intimidade não está excluída do cenário dos encontros prostitucionais entre acompanhantes e os seus clientes, pelo contrário, a possibilidade e o desejo de intimidade nesses encontros revela-se critério de selecção mútua entre clientes e acompanhantes. Na medida em que, estas mulheres e homens são indivíduos do seu tempo, integrando as grandes narrativas sociais sobre a intimidade e a sexualidade que marcam as sociedades de modernidade tardia (Illouz, 1997). Ao mesmo tempo, a capacidade de intimização destes encontros é, para algumas mulheres acompanhantes, fonte de satisfação no trabalho como prostitutas. Essa satisfação reside, pelo menos em parte, no sentimento de poder associado a construção de intimidade circunscrita, à partilha de acontecimentos da vida entre elas e eles e o acesso a informação íntima e potencialmente constrangedora acerca dos homens clientes. Essa satisfação está, também, associada ao sentimento de que prestam o serviço a pessoas com necessidades afectivas especiais, funcionando como uma forma de trabalho emocional terapêutico (Hausbeck e Brents, 2000; Brents e Hausbeck, 2005; Chapkis 1997, Lever e Dolnick 2000, Lucas 2005, Perkins e Lovejoy 1996, Verlarde e Warlick 1973, West 1993, Sanders, 2005a; Bernstein, 2007a).

Também se tornou claro que os homens e mulheres procuram, na maior parte do tempo, investir na produção de uma forma específica e delimitada de intimidade. Uma forma de intimidade que permite durante o encontro erótico e comercial a partilha de si, a entrega e a revelação de aspetos potencialmente críticos das suas vidas. Mas que ao mesmo tempo é uma intimidade capaz de conter as consequências potencialmente negativas desses processos de revelação ou as exigências de compromisso afetivo que fora do ambiente prostitucional caracterizam este tipo de vínculos. Na medida em que a delimitação clara das fronteiras dessa relação de intimidade permite a estes homens fugirem do medo das emoções e da partilha das suas vidas, dos seus medos e hesitações, sem colocarem em causa o seu lugar no contexto das masculinidades competitivas.

Importa sublinhar que estudar um fenómeno sensível e oculto, implica que mais do que escolhermos somos escolhidos pelas pessoas. Mais, a participação das mulheres (acompanhantes) e homens (clientes) não será alheia aos seus próprios interesses e motivações. Assim, a vida que contam é, também, a narrativa que as ajuda a dar sentido à sua própria experiência, podendo ser em si mesma uma forma de racionalização, justificação ou de reivindicação. Apesar do sociólogo não se ter demitido do trabalho de análise crítica do que lhe foi dito, a verdade é que ao longo deste processo não deixa de ficar exposto aos recursos e capacidades das mulheres (acompanhantes) e dos homens (clientes) se contarem ou de racionalizarem as suas vidas, decisões e acontecimentos.

Deste modo, devemos ter a prudência de perceber que, não só, as exigências particulares deste tipo de prostituição, bem como o tipo de esforço inerente à participação nesta pesquisa, funcionam como potenciais limitadores sociais à recolha de informação. Isto é, o esforço reflexivo e de narração da biografia - expandido por várias entrevistas biográficas sobre diferentes dimensões da vida - pode ter funcionado como limitação à participação de mulheres e homens mais destituídos dos recursos necessários para se engajarem num processo desta natureza. Em contraponto, aqueles e aquelas que escolheram participar estão frequentemente situados em posições de algum destaque na estrutura social. Daqui podem resultar formas distintivas de racionalização das suas vidas e da forma como a vida se entrecruza com a prostituição, bem como alinhamentos mais ou menos certos com as grandes narrativas culturais sobre a sexualização (Attwood, 2006 e 2009) ou erotização (Plummer, 1997) da cultura.

Bibliografia |

- Aboim, Sofia e Pedro Vasconcelos (2009), “Differential and Cumulative Effects of Life Course Events in an Intergenerational Perspective: Social Trajectories of Three-Generation Family Lineages”, *Swiss Journal of Sociology*, 35 (2), 297-319
- Aboim, Sofia (2006), *Conjugalidades em Mudança. Percursos e Dinâmicas da Vida a Dois*, Lisboa, ICS
- Aboim, Sofia (2010a), *Plural Masculinities: The Remaking of the Self in Private Life*, Londres, Routledge.
- Aboim, Sofia (2010b). “Redes de Confidência, Normas Sociais e Comportamento Sexual”, em Pedro Moura Ferreira e Manuel Villaverde Cabral (eds.) *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos*, Lisboa, Bizâncio.
- Adkins, Lisa (1995), *Gendered Work: Sexuality, Family and the Labour Market*, Buckingham, Open University Press.
- Adkins, Lisa (2002), *Revisions: Gender and Sexuality in Late Modernity*, Filadélfia, Open University Press.
- Agustín, Laura M. (2002), “The (Crying) Need for Different Kinds of Research”, *Research for Sex Work*, 5, 30–32.
- Agustín, Laura M. (2005a), “New research directions: the cultural studies of commercial sex”, *Sexualities*, 8(5), 618–631
- Agustín, Laura M. (2005b), “Migrants in the mistress’s house: other voices in the ‘trafficking’ debate”, *Social Politics: International Studies in Gender, State and Society* 12 (1): 96-117.
- Agustín, Laura M. (2006) “The disappearing of a migration category: migrants who sell sex”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 32 (1), 29-47.
- Agustín, Laura M. (2007) *Sex at the Margins: Migration, Labour Markets and the Rescue Industry*, Londres e Nova Iorque, Zed Books.
- Alexander, Jeffrey C. (1988), *Action and Its Environments. Toward a New Synthesis*, Nova Iorque, Columbia University Press.
- Alexander, Jeffrey C. (1998), *Neo-Functionalism and After*, Oxford, Blackwell.
- Alexander, Jeffrey C. (1987), “Action and its environments”, em Jeffrey C. Alexander, Bernhard Giesen, Richard Münch e Neil J. Smelser (orgs.), *The Micro-Macro Link*, Berkeley, University of California Press.
- Allison, Anne (1994), *Nightwork: Sexuality, Pleasure, and Corporate Masculinity in a Tokyo Hostess Club*, Chicago, University of Chicago Press.
- Almeida, João Ferreira de, Luís Capucha, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado, Maria Isabel Nicolau, Elizabeth Reis (1992), *Exclusão social: factores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Almeida, João Ferreira de, Pinto, José Madureira (1975), “Teoria e Investigação Empírica nas Ciências Sociais”, *Análise Social*, vol XI (42-43), 365-445.
- Almeida, João Ferreira de, Pinto, José Madureira (1990), *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença.
- Almeida, João Ferreira de (1981), “Problemas de teorias de classes sociais”, em *Análise Social* xvii (66): 231-251.
- Almeida, João Ferreira de (1984), “Temas e conceitos na teoria da estratificação social”, *Análise Social*, XX (81-81), 167-190.
- Almeida, João Ferreira de (2007), “Velhos e Novos Aspectos da Epistemologia das Ciências Sociais”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 55, 11-24.
- Almeida, João Ferreira de (2013), *Desigualdades e Perspectivas dos Cidadãos: Portugal e a Europa*, Lisboa, Editora Mundos Sociais.
- Almeida, Miguel Vale de (1995), *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa, Fim de Século.
- Althusser, Louis (1985), *Aparelhos Ideológicos de Estado*, Rio de Janeiro, Edições Graal.
- Alves, Nuno de Almeida, Frederico Cantante, Inês Baptista e Renato do Carmo (2011), *Jovens em Transições Precárias: Trabalho, Quotidiano e Futuro*, Lisboa, Mundos Sociais.
- Amâncio, Lígia (org.) (2004), *Aprender a Ser Homem: Construindo Masculinidades*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Amâncio, Lígia (1994), *Masculino e Feminino: A Construção Social da Diferença*, Porto, Afrontamento.
- Archer, Margaret (2007a), “The trajectory of the morphogenetic approach: an account in the first-person”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 54, 35-47.
- Archer, Margaret (2007b), *Making Our Way through the World. Human Reflexivity and Social Mobility*, Cambridge, Cambridge University Press
- Archer, Margaret (2003), *Structure, Agency and the Internal Conversation*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Archer, Margaret (2000), *Being Human: the problem of agency*, Cambridge, Cambridge University Press

- Archer, Margaret (2010), "Routine, Reflexivity, and Realism", *Sociological Theory*, 28 (3), 272-303.
- Armstrong, Jo (2010), "Class and Gender at the Intersection: working-class women's dispositions towards employment and motherhood", em Yvette Taylor (ed.). *Classed Intersections: Spaces, Selves, Knowledges*, Farnham, Ashgate.
- Atkinson, Paul e David Silverman (1997), "Kundera's Immortality: The Interview Society and Invention of the Self", *Qualitative Inquiry*, 3 (3), 304-325.
- Atkinson, Paul (2015), *For Ethnography*, Londres, Sage.
- Atkinson, Paul (2017), *Thinking Ethnographically*, Londres, Sage.
- Atkinson, Robert (1998), *The Life Story Interview*, Londres, Sage.
- Atkinson, Will (2010), *Class, Individualization and Late Modernity: In Search of the Reflexive Worker*, Hampshire, Palgrave Macmillan
- Attwood, Feona (2006), "Sex-Up: Theorizing the Sexualization of Culture", *Sexualities*, 9 (1), 77-94.
- Attwood, Feona, (2009), *Mainstreaming Sex: The Sexualization of Western Culture*, Londres, I.B Tauris.
- Augé, Marc (1994), *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da Sobre-Modernidade*, Venda Nova: Bertrand.
- Bachelard, Gaston (2003), *A Poética do Espaço*, São Paulo, Martins Fontes.
- Barclay, A. M. (1973), "Sexual fantasies in men and women", *Medical Aspects of Human Sexuality*, 7(5), 205-216.
- Barker, G. e I. Loewenstein (1997), "Where the Boys are: Attitudes Related to Masculinity, Fatherhood, and Violence Toward Women Among Low-Income Adolescent and Young Adult Males in Rio de Janeiro, Brazil", *Youth & Society*, 29, 166-196.
- Barry, Kathleen (1979), *Female Sexual Slavery*, Nova Iorque, New York University Press.
- Barry, Kathleen (1995), *The Prostitution of Sexuality: The Global Exploitation of the Women*. Nova Iorque, New York University Press.
- Bauman, Zygmunt (1998), *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Zygmunt (1999), *Modernidade e Ambivalência*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor
- Bauman, Zygmunt (2005), *Work, Consumerism and the New Poor*, Berkshire, Open University Press.
- Bauman, Zygmunt (2007), *Liquid Times: Living in a Age of Uncertainty*, Cambridge, Polity Press.
- Bauman, Zygmunt (2000), *Liquid Modernity*, Cambridge, Polity Press.
- Bauman, Zygmunt (2003), *Intimations of Postmodernity*, Londres, Routledge.
- Beauvoir, Simone (2015), *O Segundo Sexo, 2 vols*, Lisboa, Quetzal Editores
- Beck, Ulrich e Elisabeth Beck-Gernsheim, (2002), *The Normal Chaos of Love*, Cambridge, Polity Press.
- Beck, Ulrich (1992), *Risk Society: Towards a New Modernity*, Londres, Sage.
- Beck, Ulrich (2000), "A Reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva", em Ulrich Beck, Anthony Giddens e Scott Lash, *Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*, Oeiras, Celta.
- Beck, Ulrich (2007), "Beyond Class and Nation: Reframing Social Inequalities in a Globalizing World", *The British Journal of Sociology*, 58 (4), 679-605.
- Becker, Howard S. (1997), *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*, Nova Iorque, The Free Press.
- Becker, Howard S. (2007), *Telling About Society*, Chicago, University of Chicago Press.
- Benjamin, Walter (1969), "The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction", em Hannah Arendt (ed.) *Illuminations*. Nova Iorque: Schocken Books.
- Benjamin, Walter (2008), *The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction*, Londres, Penguin Books.
- Berger, Peter L.e Thomas Luckman (1998), *A Construção Social da Realidade*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Bernstein, Elizabeth. (2001), "The Meaning of the Purchase: Desire, Demand and the Commerce of Sex", *Etmography*, 2 (3), 389-420
- Bernstein, Elizabeth (2007a), *Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity, and the Commerce of Sex*. Chicago, University of Chicago Press.
- Bernstein, Elizabeth (2007b), "Sex Work for the Middle Classes", *Sexualities*. 10 (4), 473-488.
- Bertaux, Daniel e Paul Thomson (1997), *Pathways to Social Class: A Qualitative Approach to Social Mobility*, Oxford, Oxford University Press.
- Bertaux, Daniel (1980), "L'Approche Biographique: Sa Validité Méthodologique, ses Pontencialités", *Cahiers Internacionaux de Sociologie*, LXIX, 197-225.
- Bertaux, Daniel (1981), "From Life-History Approach to the Transformations of Sociological Practice", em Daniel Bertaux (org.) *Biography and society: The Life History Approach in the Social Sciences*, Londres, Sage.
- Bertaux, Daniel (1986), "L'Imagination Méthodologique", *Revista Internacional de Sociologia*, 44 (3), 265-275.
- Bertaux, Daniel (1993), "Mobilité Sociale: L'Alternative", *Sociologie et Sociétés*, 21 (2), 211-222.
- Bertaux, Daniel (2014), "A Vingança do Curso de Ação Contra a Ilusão Cientificista", *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, 14 (2), 250-271.

- Bhaskar, Roy (1989), *Reclaiming Reality: A Critical Introduction to Contemporary Philosophy*, Londres, Verso.
- Bird, Sharon R. (1996), "Welcome to the Men's Club: Homosociality and the Maintenance of Hegemonic Masculinity", *Gender and Society*, 10 (2), 120-132.
- Bland, Lucy (1996), "The Shock of the 'Freewoman' Journal: Feminists Speaking on Heterosexuality in Early Twentieth-century England", em J. Weeks e J., Holland (orgs.) *Sexual Cultures: Explorations in Sociology*, Londres, Palgrave Macmillan.
- Bland, Lucy (2002), *Banishing the Beast: Feminism, Sex and Morality*, Londres, IB Tauris.
- Bourdieu, Pierre e Loiq Wacquant (1992), *An Invitation to Reflexive Sociology*, Chicago, University of Chicago Press.
- Bourdieu, Pierre (1979), *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*, Paris, Editions Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- Bourdieu, Pierre (1998), *O Que Falar Quer Dizer*, Lisboa, Difel.
- Bourdieu, Pierre (1999), *A Dominação Masculina*, Oeiras, Celta.
- Bourdieu, Pierre (2001), *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*, Oeiras, Celta.
- Bourdieu, Pierre (2002), *Esboço de Uma Teoria da Prática*, Oeiras, Celta.
- Bourdieu, Pierre (2004), *A Economia das Trocas Simbólicas*, São Paulo, Perspectiva.
- Bourdieu, Pierre (2006), "Le capital social. Notes provisoires", em Antoine Bevort (org.), *Le capital social: Performance, équité et réciprocité*. Paris: La Découverte.
- Bozon, Michel (1999), "Les significations sociales des actes sexuels", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 128, 2-23.
- Bozon, Michel (2004), *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas,
- Brante, Thomas (2001), "Consequências do Realismo na Construção de Teoria Sociológica", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 36, 9-38.
- Brents, Barbara G. e Kathryn Hausbeck (2007), "Marketing Sex: US Legal Brothels and Late Capitalist Consumption", *Sexualities*, 10 (4), 425-439.
- Brents, Barbara G. e Kathryn Hausbeck (2005), "Violence and Legalized Brothel Prostitution in Nevada: Examining Safety, Risk, and Prostitution Policy", *Journal of Interpersonal Violence*, 20 (3), 270-295.
- Brewis, J. e S. Linstead (2000a), *Sex, Work and Sex Work*, Londres, Routledge.
- Brewis, J. e S. Linstead (2000b), "'The Worst Thing is the Screwing' (2): Context and Career in Sex Work", *Gender, Work and Organization*, 7 (3), 168-180.
- Brooks-Gordon, Belinda (2006), *The Price of Sex: Prostitution, Policy and Society*, Cullompton, Willan.
- Bryant, Clifton e Eddie Palmer (1975), "Massage Parlors and 'Hand Whores'", *Journal of Sex Research*, 11, 227-241.
- Burgess, Robert G. (1997), *A Pesquisa de Terreno: Uma Introdução*, Oeiras, Celta.
- Butler, Judith (1990), *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, Nova Iorque: Routledge.
- Butler, Judith (2004), *Undoing Gender*, Nova Iorque, Routledge.
- Capucha, Luís (2005), *Desafios da Pobreza*, Oeiras, Celta.
- Caria, Telmo H. (2002), "A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras", em Telmo H. Caria (ed.) *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento.
- Casaca, Sara Falcão (2012), *Trabalho Emocional e Trabalho Estético*, Porto, Afrontamento.
- Casanova, José Luís (2004), *Naturezas Sociais: Diversidade e Orientações Sociais na Sociedade Portuguesa*, Oeiras, Celta.
- Castells, Manuel (1996), *The Rise of the Network Society*, Oxford, Wiley-Blackwell.
- Castells, Manuel (1998), *The End of Millenium*, Oxford, Wiley-Blackwell.
- Castells, Manuel (2001), *The Internet Galaxy: Reflections on the Internet, Business, and Society*, Oxford, Oxford University Press.
- Certeau, Michel de (1998), *A Invenção do Quotidiano 2 vols*, Petrópolis, Vozes.
- Chapkis, Wendy (1997), *Live Sex Acts: Women Performing Erotic Labour*, Nova Iorque, Routledge.
- Chapkis, Wendy (2000), "Power and Control in Commercial Sex Trade", em Ronald Weitzer (ed.), *Sex for Sale: Prostitution, Pornography, and the Sex Industry*, Nova Iorque, Routledge.
- Coelho, Bernardo (2009a), *Corpo Adentro: Prostitutas Acompanhantes em Processo de Invenção de Si*, Lisboa, Difel.
- Coelho, Bernardo (2009b), "Erotization of leisure or the escape from everyday intimate life", *CIES e-Workin Paper* 80/2009.
- Cohen, Stanley, e Laurie Taylor (1998), *Escape Attempts: The Theory and Practice of Resistance of Everyday Life*, Londres, Routledge.
- Collins, Randall (2004), *Interaction Ritual Chains*, Princeton, Princeton University Press.
- Conde, Idalina (1993a), "Falar da Vida (I)", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 14, 199-222.

- Conde, Idalina (1993b), "Problemas e Virtudes na Defesa da Biografia", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 13, 39-57.
- Conde, Idalina (1994), "Falar da Vida (II)", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 16,41-74.
- Connell, R.W. e James W. Messerschmidt (2005), "Hegemonic masculinity: rethinking the concept", *Gender and Society*, 19(6), 829-859.
- Connell, R.W (1987), *Gender and Power: The Society, The Person, and Sexual Politics*, Stanford, Stanford University Press.
- Connell, R.W. (1995), *Masculinities*, Cambridge, Polity Press.
- Connell, R.W. (1998), "Masculinities and Globalization", *Men and Masculinities*, 1 (1), 3-23.
- Connell, R.W. (2002), *Gender*, Cambridge, Polity Press.
- Connell, R.W. (2012), "Masculinity Research and Global Change", *Masculinities and Social Change*, 1 (1), 4-18.
- Cooper, A., I. P. McLoughlin e K. M. Campbell (2000), "Sexuality in cyberspace:Update for the 21st century", *CyberPsychology and Behavior*, 3(4), 521-536.
- Corbin, Alain (1978), *Les Filles de Noce: Misère Sexuelle et Prostitution au 19e et 20e Siècles*, Paris, Aubin Montaigne.
- Corbin, Alain (1990), *Women for Hire: Prostitution and Sexuality in France after 1850*, Cambridge, Harvard University Press.
- Costa, António Firmino da, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2007), "Classes Sociais e Recursos Educativos: Uma Análise Transnacional", em António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e Patrícia Ávila (eds.) *Sociedade e Conhecimento (Portugal no Contexto Europeu, vol.II)*, Lisboa, Celta Editora.
- Costa, António Firmino da, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2000), "Classes Sociais na Europa", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34, 9-43.
- Costa, António Firmino da (1986), "A Pesquisa de Terreno em Sociologia", em Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta.
- Costa, António Firmino da (2012a), "Desigualdades Globais", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 68, 9-32.
- Costa, António Firmino da (2012b), *Desigualdades Sociais Contemporâneas*, Lisboa, Mundos Sociais.
- Crossley, Nick (2001), *The Social Body: Habit, Identity and Desire*, Londres, Sage.
- Crossley, Nick (2006), *Reflexive Embodiment in Contemporary Society: The Body in Late Modern Society*, Maidenhead, Open University Press.
- D'Emilio, John. (1992), *Sexual Politics, Sexual Communities: The Making of a Homosexual Minority in the United States 1940-1970*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Danermark, Berth, Mats Ekstrom, Lisoete Jakobsen e Jan Ch. Karlsson (2002), *Explaining Society: Critical Realism in the Social Sciences*, Nova Iorque, Routledge.
- Davies, Charlotte Aull (2005), *Reflexive Ethnography: A Guide to Researching Selves and Others*, NewYork: Routledge.
- Davies, Kingsley (1937) "The Sociology of Prostitution", *American Journal of Sociology*, 2 (5), 744-755.
- Day, Sophie (1994), "What Counts as Rape? Physical assault and broken contracts: contrasting viewa of rape amongst London sex workers", em P. Harvey and P. Gow (eds). *Sex and Violence: Issues in Representation and Experience*, Londres, Routledge.
- Day, Sophie (2007), *On the Game: Women and Sex Work*, Londres, Pluto Press.
- DiMaggio, Paul, e John Mohr (1985), "Cultural Capital, Educational Attainment, and Marital Selection", *American Journal of Sociology*, 90 (6), 1231-1261.
- Ditmore, Melissa (2005), "Trafficking in Lives: How Ideology Shapes Policy", em Kempadoo, K. (ed.) *Trafficking and Prostitution Reconsidered: New Perspectives on Migration, Sex Work and Human Rights*, Boulder, Paradigm
- Dubar, Claude (1998), "Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos", *Educação e Sociedade*, 19 (62), 13-30.
- Dubet, François, Martuccelli, Danilo (1998), *Dans quele société vivons-nous?*, Paris, SEUIL
- Dubois, Ellen C. e Linda Gordon (1983), "Seeking Ecstasy on the Battlefield: Danger and Pleasure in Nineteenth-Century Feminist Sexual Thought", *Feminist Studies*, 9 (1), 7-25.
- Duggan, Lisa, e Nan D. Hunter (1995), *Sex Wars: Sexual Dissent and Political Culture*, Nova Iorque, Routledge.
- Duncombe, Jean, e Dennis Marsden (1996), "Whose Orgasm Is This Anyway? Sex Work in Long-term Heterossexual Couple Relationships", em Jeffrey Weeks e Janet Holland (eds.), *Sexual Cultures: Communities, Values, and Intimacy*, Nova Iorque, St. Martin's Press.
- Durkheim, Émile (2002), *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, Oeiras, Celta.
- Dworkin, Andrea (1981), *Pornography: Men Possessing Women?* Londres, Womens's Press.

- Dworkin, Andrea. (1993), "Prostitution and Male Supremacy", *Michigan Journal of Gender and Law*, 1 (1), 1-12.
- Dworkin, Andrea (1997) *Life and death: unapologetic writings on the continuing war against women*, Londres, Virago
- Earle, S. e K. Sharp (2007), *Sex and Cyberspace: Men Who Pay for Sex*, Aldershot, Ashgate.
- Eder, Klaus (1993), *The new politics of class: social movements and cultural dynamics in advanced societies*, Londres, Sage.
- Edlund, Lena e Evelyn Korn (2002), "A Theory of Prostitution", *Journal of Political Economy*, 110 (1), 181-214.
- Ehrenreich, Barbara, e Arlie Hochschild (2002), *Global Woman: Nannies, Maids, and Sex Workers in the New Economy*, Nova Iorque, Metropolitan Books.
- Ehrenreich, Barbara, Elizabeth Hess, e Gloria Jacobs (1986), *Re-Making Love: The Feminization of Sex*, Nova Iorque, Anchor Books.
- Elder, Glen H. (1985), *Life Course Dynamics: trajectories and transitions, 1968-1980*, Nova Iorque, Cornell University Press
- Elder, Glen H. (1994), "Time, Human Agency, and Social Change: Perspectives on the Life Course", *Social Psychology Quarterly*, 57(1), 4-15.
- Elder, Glen H. e Angela M. O'Rand (1995), "Adult lives in a changing society", em K.S. Cook, G.A. Fine e J.S. House (eds), *Sociological perspectives on social psychology*, Boston, Allyn and Bacon
- Elias, Norbert e John L. Scotson (1994b), *The Established and the Outsiders: A Sociological Enquiry into Community Problems*, Londres, Sage.
- Elias, Norbert (1990), *O Processo Civilizacional 2 vols*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Elias, Norbert (1994a), *A Sociedade dos Indivíduos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Elias, Norbert (2001), *A Sociedade de Corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Elias, Norbert (2006), *Escritos e Ensaio: Estado, Processo, Opinião Pública*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Elias, Norbert (2008), *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Edições 70.
- Engels, Friedrich (1964), *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, Rio de Janeiro, Editorial Vitória.
- Erikson, Erik H. (1994), *Identity: Youth and Crisis*, Nova Iorque, W. W. Norton & Company.
- Erikson, Robert e John H. Goldthorpe (1992), *The Constant Flux: A Study of Class Mobility in Industrial Societies*, Oxford, Clarendon Press.
- Faludi, Susan (1993), *Backlash: The Undeclared War Against Women*, Londres, Vintage.
- Farley, Melissa e Vanessa Kelly (2000), "Prostitution: A Critical Review of Medical and Social Sciences Literature", *Women and Criminal Justice*, 11 (4), 29-64.
- Farley, Melissa (2004), "'Bad for the Body, bad for the Heart': Prostitution Harms Women Even if Legalized or Decriminalized", *Violence Against Women*, 10 (10), 1087-125.
- Farley, Melissa (2005), "Prostitution Harms Women Even if Indoors", *Violence Against Women*, 11 (7), 950-964.
- Fass, Paula (1977), *The Damned and the Beautiful: American Youth in the 1920's*, Oxford, Oxford University Press.
- Ferguson, Ann, Ilene Philipson, Irene Diamond, Lee Quinby, Carol S. Vance, and Ann Barr Snitow (1984), "Forum: The Feminist Sexuality Debates", *Signs* 10(1), 106-35.
- Fernandes, Luís (2002a), *O Sítio das Drogas*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Fernandes, Luís. (2002b), "Um Diário de Campo nos Territórios Psicotrópicos: As Facetas da Escrita Etnográfica", em Telmo H. Caria (ed.) *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento.
- Ferraroti, Franco (1980), "Les Biographies comme Instrument Analytique et Interprétatif", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXIX, 227-248.
- Florida, Richard (2002), *The Rise of the Creative Class*, Nova Iorque, Basic Books.
- Foltz, Tanice (1979), "Escort Services", *California Sociologist*, 2, 105-133.
- Foote, N. N. (1954), "Sex as Play", *Social Problems*, 159-163.
- Foote-Whyte, William (1993), *Street Corner Society: The Social Structure of an Italian Slum*, Chicago, University of Chicago Press.
- Ford, Clelland S. e Frank A. Beach (1951), *Patterns of Sexual Behavior*, Nova Iorque, Harper and Brothers.
- Foucault Michel (1988), "Technologies of the self", em L H Martin, H Gutman and P H Hutton (eds) *Technologies of the self*, Amherst, University of Massachusetts Press.
- Foucault, Michel (1994), *A História da Sexualidade 3 vols.*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Freire, João, (1998), *Sociologia do Trabalho: Uma Introdução*, Porto, Afrontamento.
- Freud, Sigmund (2000), *Three Essays on the Theory of Sexuality*, Nova Iorque, Basic Books.
- Friedan, Betty (2001), *The Feminine Mystique*, Nova Iorque, W.W. Norton & Company.

- Furlong, Andy e Fred Cartmel (1997), *Young People and Social Change: Individualization and Risk in Late Modernity*, Buckingham, Open University Press.
- Gagnon, J. H. (2004), *An Interpretation of Desire: Essays in the Study of Sexuality*, Chicago, University of Chicago Press
- Gagnon, J. H., e Simon, W. (1987) “The scripting of oral genital sexual conduct”, *Archives of Sexual Behavior* 16, 1–25.
- Gagnon, J. H., e Simon, W. S. (1973) *Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality*, Chicago, Aldine.
- Galland, Olivier (1995) “Youth in France”, em Alessandro Cavalli e Olivier Galland (orgs.), *Youth in Europe*, Londres, Pinter.
- Geertz, Clifford (1993), *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*, Waukegan, Fontana Press.
- Giddens, Anthony (1973), *The Class Structure of the Advanced Societies*, Londres, Hutchinson University Library.
- Giddens, Anthony (1976), *New Rules of Sociological Method: a Positive Critique of Interpretative Sociologies*, Londres, Hutchinson.
- Giddens, Anthony (1984), *The Constitution of Society: Outline of The Theory of Structuration*, Cambridge, Polity Press
- Giddens, Anthony (1995), *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor, e Erotismo nas Sociedades Modernas*, Oeiras: Celta Editora
- Giddens, Anthony (2000), *Dualidade da Estrutura: Agência e Estrutura*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2001) *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta.
- Giddens, Anthony (1992), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta.
- Gil, Françoise (2008), “La Prostituée: Une Invention Sociale”, *Sociétés*, 99 (1), 21-32.
- Gill, Rosalind (2007), “Postfeminist Media Culture: Elements of a Sensibility”, *European Journal of Cultural Studies*, 10 (29), 147-166.
- Gill, Rosalind (2003), “From sexual objectification to sexual subjectification: the resexualisation of women's bodies in the media”, *Feminist Media Studies*, 3 (1), 100-106.
- Gilmore, David D. (1990), *Manhood in the Making: Cultural Concepts of Masculinity*, New Haven, Yale University Press.
- Glaser, Barney G. e Anselm L. Strauss (1967), *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*, Nova Iorque, Aldine Publishing Company.
- Goffman, Erving (1967), *Interaction ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*, Nova Iorque, Anchor Books.
- Goffman, Erving (1969), *Strategic Interaction*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Goffman, Erving (1983), “The interaction order: American Sociological Association, 1982, Presidential Address”, *American Sociological Review* 48 (1), 1-17
- Goffman, Erving (1988), *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro, LTC.
- Goffman, Erving (1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Goffman, Erving (1999), “A ritualização da feminilidade.” em Yves Winkin (org.), *Os Momentos e os Seus Homens: textos escolhidos e apresentados por Yves Winkin*, Lisboa, Relógio D'Água.
- Goode, William (1959), “The Theoretical Importance of Love”, *American Sociological Review*, 24 (1), 38-47.
- Gray, Diana (1973), “Turning-Out: A Study of Teenage Prostitution”, *Urban Life and Culture*, 1 (4), 401-425.
- Guerreiro, Maria das Dores e Pedro Abrantes (2004), *Transições Incertas: Os Jovens Perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, CITE.
- Hakim, Catherine (2011), *Erotica Capital: The Power of Attraction in the Boardroom and the Bedroom*, Nova Iorque, basic Books.
- Hall, Edward T. (1989), *The Dance of Life: The Other Dimension of time*, Nova Iorque, Anchor Books
- Hammersley, Martyn e Paul Atkinson (2007), *Ethnography: Principles in Practice*, Londres, Routledge.
- Hart, Angie (1998), *Buying and Selling Power: Anthropological Reflections on Prostitution in Spain*, Oxford, Westview Press.
- Harvey, L. e R. Gill (2011), “Spicing it up: Sexual entrepreneurs and The Sex Inspectors”, em R. Gill e C. Scharff (eds.), *New Femininities: Postfeminism, Neoliberalism and Subjectivity*, Nova Iorque, Palgrave.
- Hausbeck, Kathryn e Barbara Brents (2000), “Inside Nevada's Brothel Industry”, em Ronald Weitzer (ed.), *Sex for Sale; Prostitution, Pornography, and the Sex Industry*, Nova Iorque, Routledge.
- Heaphy, Brian (2008), “The Sociology of Lesbian and Gay Reflexivity or Reflexive Sociology?”, *Sociological Research Online*, 13(1), <<http://www.socresonline.org.uk/13/1/9.html>>
- Heilborn, Maria Luiza (1999), “Construção de si, Gênero e Sexualidade”, em Maria Luiza Heilborn (org.), *Sexualidade: O Olhar das Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Héritier, Françoise (1998), *Masculino/Feminino: O pensamento da diferença*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Heyl, Barbara (1977), “The Madam as Teacher: The Training of House Prostitutes”, *Social Problems*, 24, 545–555.
- Heyl, Barbara (1979a), *The Madam as Entrepreneur*, New Brunswick, Transaction Books.

- Heyl, Barbara (1979b) "Prostitution: An Extreme Case of Sex Stratification". em F. Adler e R. Simon (eds.), *The Criminology of Deviant Women*, Boston, Houghton Mifflin.
- Hochschild, Arlie (1983), *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*, Berkeley, University of California Press.
- Hochschild, Arlie (2003), *The Commercialization of Intimate Life: Notes From Home and Work*, Berkeley, University of California Press
- Hodgson, Geoffrey (1999), *Economics and Utopia: Why the Learning Economy is Not the End of History*, Londres, Routledge.
- Hoigard C. e L. Finnstad (1992), *Backstreets: Prostitution, Money and Love*, Cambridge, Polity.
- Holland, Janet, Caroline Ramazanoglu, Sue Sharp e Rachel Thomson (1990), "Sex, gender and Power: Young Women's Sexuality in the Shadow of AIDS", *Sociology of Health and Illness*, 12 (3), 336-350.
- Holland, Janet, Caroline Ramazanoglu, Sue Sharp e Rachel Thomson (1994), "Power and Desire: The Embodiment of Female Sexuality", *Feminist Review*, 46 (1), 21-38.
- Holland, Janet, Caroline Ramazanoglu, Sue Sharp e Rachel Thomson (1998), *The Male in the Head: Young People, Heterosexuality and Power*, Londres, The Tufnell Press.
- Holzman, H. e S. Pines (1982), "Buying Sex: the Phenomenology of Being a John", *Deviant Behaviour*, 4 (1), 89-116.
- Hubbard, P., R. Mathews e J. Scoular (2008), "Regulating Sex Work in the EU: Prostitute Women and New Spaces of Exclusion", *Gender, Place and Culture*, 15 (2), 137-152.
- Hwakes, Gail (1996), *Sex and Pleasure in Western Culture*, Cambridge, Polity Press.
- Illouz, Eva (1997), *Consuming the Romantic Utopia*, Berkeley, University of California Press.
- Illouz, Eva (2007), *Cold Intimacies: The Making of Emotional Capitalism*, Cambridge, Polity Press.
- Irigaray, Luce (1985), *This Sex Which is not One*, Nova Iorque, Cornell University Press.
- Iwawaki, S., e G. D. Wilson (1983), "Sex fantasies in Japan", *Personality and Individual Differences*, 4(5), 543-545.
- Jackson, Stevi (1999a), *Heterosexuality in Question*, Londres, Sage
- Jackson, Stevi (1999b), "Feminist Sociology and Sociological Feminism: Recovering the Social in Feminist Thought", *Sociological Research Online*, 4 (3), 1-14.
- Jackson, Stevi (2001), "Why a Materialist Feminism is Still Possible (and Necessary)", *Women's Studies International Forum*, 24(2-3), 283-93.
- Jackson, Stevi (2005), "Sexuality, Heterosexuality and Gender Hierarchy: Getting our Priorities Straight", em C. Ingraham (ed.) *Thinking Straight: New Work in Critical Heterosexuality Studies*, Nova Iorque, Routledge
- Jackson, Stevi (2006), "Gender, Sexuality and Heterosexuality: The Complecity (and Limits) of Heteronormativity", *Feminist Theory*, 7 (1), 105-121.
- Jackson, Stevi (2007), "Rethinking the Self: Constructions of Gender and Sexuality in Late Modernity", em M. Kimmel (ed.), *The Sexual Self: The Construction of Sexual Scripts*, Nashville, Vanderbilt University Press.
- Jackson, Stevi (2008), "Ordinary Sex", *Sexualities*, 11 (1-2), 33-37.
- Jackson, Stevi (2011) "Heterosexual Hierarchies: A Commentary on Class and Sexuality", *Sexualities*, 14 (1), 12-20.
- Jackson, Stevi e Sue Scott (2004), "Sexual antinomies in Late Modernity", *Sexualities* 7(2), 233-248.
- Jackson, Stevi e Sue Scott (2010), *Theorizing Sexuality*, Berkshire, Open University Press/McGraw-Hill
- James, J. (1977), "Prostitutes and prostitution", em E. Sagarin and F. Montanino (eds.) *Deviants: Voluntary Actors in a Hostile World*, Morristown, General Learning Press.
- James, J. e Meyerding, J. (1977), "Early sexual experience and prostitution", *American Journal of Psychiatry*, 134, 1382-1385.
- Jamieson, Lynn (2005) *Intimacy: Personal Relationships in Modern Societies*, Cambridge, Polity Press.
- Jeffreys, Sheila (2008), *The Industrial Vagina: The Political Economy of the Global Sex Trade*, Londres, Routledge.
- Jeffreys, Sheila (1997), *The Idea of Prostitution*, Melbourne, Spinifex Press.
- Kaufmann, Jean-Claude (2001), *Ego: Pour une Sociologie de l'Individu*, Paris, Nathan
- Kaufmann, Jean-Claude, (2002), *Premier Matin: Comment Nait une Histoire d'Amour*, Paris, Armand Colin.
- Kaufmann, Jean-Claude (2004), *L'Invention de Soi: Une Théorie de l'Identité*, Paris, Armand Colin
- Kelley, Kathryn (1985), "Sexual Fantasy and Attitudes as Functions of Sex and Content of Erotica", *Imagination, Cognition and Personality*, 4 (4), 339-347.
- Kempadoo, Kamala e Jo Doezuma (eds). (1998), *Global Sex Workers: Rights, Resistance, and Redefinition*, Nova Iorque, Routledge.
- Kempadoo, Kamala, e Jyoti Sanghera, Bandana Pattanaik (2005), *Trafficking and Prostitution Reconsidered: New Perspectives on Migration, Sex Work and Human Rights*, Londres, Paradigm Publishers.

- Kempadoo, Kamala (2004), *Sexing the Caribbean: Gender, Race, and Sexual Labor*, Nova Iorque, Routledge.
- Kempadoo, Kamala (2005), “Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres”, em *Cadernos Pagu*, 25, 55-78
- Kempadoo, Kamala (1994), *Exotic Colonies: Caribbean Women in the Dutch Sex Trade*, Tese Doutorado, University of Colorado.
- Kesler, K. (2002), “Is a Feminist Stance in Support of Prostitution Possible? An Exploration of Current Trends”, *Sexualities*, 5 (2), 219-235.
- Kimmel, Michael S. (1994), “Masculinity as Homophobia: Fear, Shame and Silence in the Construction of Gender Identity”, em Harry Brod e Michael Kaufman (orgs.). *Theorizing Masculinities*, Londres, Sage.
- Kimmel, Michael S. (1996), *Changing Men: New Directions on the Study of Men and Masculinity*, Newbury Park, Sage.
- Kimmel, Michael e Rebecca F. Plante. (2005), “The gender of desire: the sexual fantasies of women and men”, em Michael Kimmel, *The Gender of Desire: Essays on Male Sexuality*, Albany, State University of Nova Iorque Press.
- Kimmel, Michael (2000), “Fuel for Fantasy: The Ideological Construction of Male Lust,” em Kerwin Kaye et al, *Male Lust: Power, Pleasure, and Transformation*, Nova Iorque, Haworth.
- Kimmel, Michael (2005a), “Gendering Desire”, em Michael Kimmel, *The Gender of Desire: Essays on Male Sexuality*, Albany, State University of New York Press.
- Kimmel, Michael (2005b), “Masculinity as homophobia: fear, shame, and silence in the construction of gender identity”, em Michael Kimmel, *The Gender of Desire: Essays on Male Sexuality*, Albany, State University of New York Press.
- Kimmel, Michael (2012), *Manhood in America: A Cultural History*, Oxford, Oxford University Press.
- Kinnel, H. (2006), “Clients of Female Sex Workers: Men or Monsters?” em R. Campbell e M. O’Neill (orgs.). *Sex Work Now*, Cullompton, Willan.
- Kinnel, H. e R.K. Griffiths (1989), “Male clients of female prostitutes in Birmingham. England: A bridge for transmission of HIV ?” *Central Birmingham Health Authority*, Department of Public Health.
- Knafo, D. e Y.Jaffe (1984), “Sexual Fantasizing in Males and Females”, *Journal of Research in Personality*, 18(4), 451-462.
- Koken, Juline (2010), “The meaning of the ‘Whore’: How Feminist Theories on Prostitution Shape Research on Female Sex Workers”, em M. Ditmore, A. Levy e A. Willman (orgs.), *Sex Work Matters: Power and Intimacy in the Global Sex Industry*, Londres, Zed Books.
- Koken, Juline (2012), “Independent Female Escort’s Strategies for Coping with Sex Work Related Stigma”, *Sexuality and Culture*, 16 (3), 209-229.
- Korzeniewicz, Roberto Patricio, e Thimoty Patrick Moran (2009), *Unveiling Inequality. A World-Historical Perspective*, Nova Iorque, Russel Sage Foundation
- Kovacs, Ilona (2006), “Novas Formas de Organização do Trabalho e Autonomia no Trabalho”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 52, 41-65.
- Lahire, Bernard (1998), *L’Homme Pluriel: Les Ressorts de l’Action*, Paris, Nathan.
- Lahire, Bernard (2002), *Portraits Sociologiques: Dispositions et Variations Individuelles*, Paris, Nathan.
- Lahire, Bernard (2004), *La Culture des Individus : Dissonances Culturelles et Distinction de Soi*, Paris, La Découverte.
- Lahire, Bernard (2005), “Patrimónios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 11-42
- Lash, S. e J. Urry (1994), *Economies of Signs and Space*, Londres, Sage.
- Lash, Scott (2000), “A Reflexividade e os seus Duplos”, em Ulrich Beck, Anthony Giddens e Scott Lash, *Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*, Oeiras, Celta.
- Laumann, E.O. e J.H.Gagnon (1995), “A Sociological Perspective on Sexual Action.” In: Parker, R.G. and Gagnon, J.H. (Eds), *Conceiving Sexuality: Approaches to Sex Research in a Postmodern World*, Nova Iorque, Routledge.
- Laumann, E.O., J.H.Gagnon, Robert T. Michael e Stuart Michaels (1994), *The Social Organization of Sexuality: Sexual Practices in the United States*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Law, John (2004), *After Method: Mess in Social Science Research*, Londres, Routledge.
- Lever, Janet, Dolnick, Deanne (2000), “Clients and Call-Girls: seeking sex and intimacy”, em Ronald Weitzer (ed.). *Sex for Sale: Prostitution, Pornography, and the Sex Industry*, Londres, Routledge.
- Louçã, Francisco (org.) (1999), *Perspectives on Complexity in Economics*, Lisboa, UECE-ISEG.
- Louçã, Francisco e Chris Freeman (2002), *As Time Goes By: From Industrial Revolutions to the Information Revolution*, Oxford, Oxford University Press.
- Louçã, Francisco (1997), *Turbulência na Economia*, Porto, Afrontamento.
- Luhmann, Niklas (1991), *O Amor como Paixão: Para a Codificação da Intimidade*, Lisboa, Difel.
- MacKinnon, Catharine (1982), “Feminism, Marxism, Method and the State”. *Signs*, 7, 3-13.

- MacKinnon, Catharine (1987), *Feminism Unmodified: Discourses on Life and Law*, Cambridge, Harvard University Press.
- MacKinnon, Catharine (1989), *Toward a Feminist Theory of the State*, Cambridge, Harvard University Press.
- Macleod, E. (1982), *Working Women: Prostitution Now*, Londres, Croom Helm.
- Månsson, Sven-Axel (2001), "Men's Practices in Prostitution: The Case of Sweden", em Bob Pease e Keith Pringle (eds.) *A Man's World? Changing Men's Practices in a Globalized World*, Londres Zed Books.
- Månsson, Sven-Axel (2006), "Men's Demand for Prostitutes", *Sexologies*, 15, 87-92
- Marcuse, Herbert (1955), *Eros and Civilization: a Philosophical Inquiry Into Freud*, Oxford, Beacon Press.
- Marcuse, Herbert (2007), *One-Dimensional Man: Studies in the Ideology of Advanced Industrial Societies*, Londres, Routledge.
- Marttila, Anne-Maria (2003), "Consuming sex", *Paper presented at the Gender and Power in the New Europe: 5th European Feminist Research Conference*, Lund University, Sweden.
- Marttila, Anne-Maria (2008), "Desiring the 'Other': Prostitution Clients on a Transnational Red-Light District in the Border Area of Finland, Estonia and Russia", *Gender, Technology and Development*, 12 (1), 31-51.
- Massey, Douglas S. (2007), *Categorically Unequal: The American Stratification System*, Nova Iorque, Russell Sage Foundation.
- Massey, Douglas S. e Joaquin Arango, Graeme Hugo, Ali Kouaouci, Adela Pellegrino, J. Edward Taylor (1993), "Theories of International Migration: A Review and Appraisal", *Population and Development Review*, 19 (3), 431-466.
- May, T. (1997), *Social Research: Issues, Methods and Process*, Buckingham, Open University Press.
- McAdams, Dan P. (1997), *The Stories We Live By: Personal Myths and the Making of the Self*, Nova Iorque, Guilford Press.
- McAdams, Dan P. (2001), "The Psychology of Life Stories", *Review of General Psychology*, 5 (2), 100-122.
- McDermott, Elisabeth (2010), "'I wanted to be totally true to myself': class and the making of the sexual self", em Yvette Taylor (ed.), *Classed Intersections: Spaces, Selves, Knowledges*, Farnham, Ashgate.
- McDermott, Elisabeth (2006), "Surviving in Dangerous Places: Lesbian Identity Performances in the Workplace, Social Class and Psychological Health", *Feminism and Psychology*, 16(2), 193-211.
- McDermott, Elisabeth (2011), "The world some have won: sexuality, class and inequality", *Sexualities*, 14 (1), 63-78
- McIntosh, Mary (1978), "Who Needs Prostitutes: The Ideology of Male Sexual Needs", em Carol Smart e Barry Smart (eds.), *Women, Sexuality, and Social Control*, Londres, Routledge.
- McKeganey, Neil e Marina Barnard (1996), *Sex Work on the Streets*, Buckingham, Open University Press.
- McLeod, Eileen (1982), *Working Women: Prostitution Now*, Lodon, Croom Helm.
- McNair, Brian (1996), *Mediated Sex: Pornography and Postmodern Culture*, Londres, Arnold.
- McNair, Brian (2002), *Striptease Culture: Sex, Media and the Democratization of Desire*, Londres, Routledge.
- McNay, L. (1992), *Foucault and Feminism: Power, gender and the Self*, Cambridge, Polity Press.
- McNay, L. (2000), *Gender and Agency: Reconfiguring the Subject in Feminist and Social Theory*, Cambridge, Polity Press.
- Mead, George Herbert (1963), *L'Esprit, le Soi et la Société*, Paris, PUF.
- Merleau-Ponty, Maurice (2003), *Phenomenology of Perception*, Londres, Routledge.
- Merton, R. K. (1981), "Remarks on Theoretical Pluralism." em P. M. Blau e R. K. Merton (eds.) *Continuities in Structural Inquiry*, Londres, Sage.
- Merton, Robert K. (1987), "Three Fragments From a Sociologist's Notebooks: Establishing the Phenomenon, Specified Ignorance, and Strategic Research Materials", *Ann. Rev. Sociol.* 13: 1-28.
- Merton, Robert K. (1988), "The Matthew effect in science, II: cumulative advantage and the symbolism of intellectual property", *Isis*, 79 (4), 606-623.
- Merton, Robert K. (1973), *Sociology of Science: Theoretical and Empirical Investigations* (ed Norman W. Storer), Chicago, The University of Chicago Press.
- Milanovic, Branko (2007), "Globalization and inequality", em David Held e Ayse Kaya (orgs.), *Global Inequality*, Cambridge, Polity Press.
- Milanovic, Branko (2011), *The Haves and the Have-Nots. A Brief and Idiosyncratic History of Global Inequality*, Nova Iorque, Basic Books.
- Millet, K. (1971), *Sexual Politics*, Londres, Sphere Books.
- Mills, C. Wright (1940), "Situated actions and vocabularies of motive", *American Sociological Review*, 5 (6), 904-913.
- Mills, C. Wright (2000), *The Sociological Imagination*, Oxford, Oxford University Press.
- Moffatt, P. G., Peters, S. A. (2004), "Pricing personal services: an empirical study of earnings in the UK prostitution industry", *Scottish Journal of Political Economy*, 51 (5), 675-690.
- Monto, Martin A. (2000), "Why Men Seek Out Prostitutes", em R. Weitzer (ed.). *Sex for Sale: Prostitution, pornography and the sex industry*, Nova Iorque, Routledge.

- Monto, Martin A. (2004), "Female Prostitution, Customers, and Violence", *Violence Against Women*, 10 (2), 160-188.
- Monto, Martin A. (2010), "Prostitutes' customers: Motives and misconceptions", em R. Weitzer (Ed.), *Sex for sale: Prostitution, pornography and the sex industry* (2ª edição), Nova Iorque, Routledge
- Mouzelis, Nicos P. (2008), *Modern and Postmodern Social Theorizing: Bridging the Divide*, Cambridge, Polity Press.
- Myrdal, Gunnar (1969), *Objectivity in Social Research*, Londres, Random House.
- Nagle, Jill. (ed.) (1997), *Whores and other feminists*, Nova Iorque, Routledge.
- Nencel, Lorraine (2001), *Ethnography and Prostitution in Peru*, Londres, Pluto Press.
- Nico, Magda Lalanda (2011), *Transição Biográfica Inacabada: Transições para a Vida Adulta em Portugal e na Europa na Perspectiva do Curso de Vida*, Tese de doutoramento, Lisboa, ISCTE-IUL.
- O'Connell Davidson, Julia (1998), *Prostitution, Power, and Freedom*, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- O'Connell Davidson, Julia (2002), "The Rights and Wrongs of Prostitution". *Hypatia*, 17 (2), 84-98
- O'Neill, Maggie (1995), "Prostitution and violence: towards a feminist practice", em M. Hester, J. Radford, L. Kelly (eds.). *Women, Violence and Male Power*, Londres, Routledge.
- O'Neill, Maggie (1997), "Prostitute women now", em Graham Scambler e Anette Scambler (eds.). *Rethinking Prostitution*, Londres, Routledge.
- O'Neill, Maggie (2001), *Prostitution and Feminism: Towards a politics of feeling*, Cambridge, Polity Press.
- Oerton, S. e J. Phoenix (2001), "Sex/Body Work: Discourses and Practices", *Sexualities*, 4 (4), 387-412.
- Oliveira, Alexandra e Bernardo Coelho (2010), "As prostitutas não são coisas que se metam na cama: subjectividade e poder em acompanhantes e prostitutas de rua", Em António Dornelas, Luísa Oliveira, Luísa Veloso e Maria das Dores Guerreiro (orgs.), *Portugal Invisível*, Lisboa, Mundos Sociais.
- Oliveira, Alexandra (2004), *As Vendedoras de Ilusões: Estudo Sobre Prostituição, Alterne e Striptease*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Oliveira, Alexandra (2011), *Andar na Vida: Prostituição de Rua e Reação Social*, Coimbra, Almedina.
- Overall, Christine (1992), "Whats wrong with Prostitution? Evaluating Sex Work". *Signs*, 17 (4), 705-724.
- Pais, José Machado (1990), "Lazeres e sociabilidades juvenis: um ensaio de análise etnográfica", *Análise Social*, XXV (108-109), 591-644.
- Pais, José Machado (1996), *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pais, José Machado (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto, Âmbar.
- Pais, José Machado (2002), *Sociologia da Vida Quotidiana*, Lisboa, ICS.
- Pais, José Machado (2003), "The Multiple Faces of the Future in the Labyrinth of Life", *Journal of Youth Studies*, 6 (2), 115-126.
- Pakulski, Jan e Malcom Waters (1996), *The Death of Class*, Londres, Sage.
- Parkin, Frank (1979a) "Social closure as exclusion", em *Marxism and Class Theory: A Bourgeois Critique*. Londres, Tavistock
- Parkin, Frank (1979b), "Social closure as usurpation", em *Marxism and Class Theory: A Bourgeois Critique*. Londres, Tavistock
- Parkin, Frank (1979c), "Dual closure" Em *Marxism and Class Theory: A Bourgeois Critique*, Londres, Tavistock.
- Pateman, Carole (1980), "Women and Consent", *Political Theory*, 8 (2), 149-168.
- Pateman, Carole (1983), "Defending Prostitution: Charges Against Ericsson", *Ethics*, 93, 561-565.
- Pateman, Carole (1988), *The Sexual Contract*, Stanford, Stanford University Press.
- Pateman, Carole (1999), "What's Wrong with Prostitution?", *Women's Studies Quarterly*, 27(1/2), 53-64.
- Peixoto, João, António Goucha Soares, Paulo Manuel Costa, Susana Murteira, Sónia Pereira e Catarina Sabino (2005), *O Tráfico de Migrantes em Portugal: Perspectivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas*, Lisboa, ACIME.
- Peixoto, João (1999), *A Mobilidade Internacional dos Quadros: Migrações Internacionais: Quadros e Empresas Transnacionais em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Peixoto, João (2007), "Tráfico, Contrabando e Imigração Irregular: os Novos Contornos da Imigração Brasileira em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 53, 71-90.
- Pheterson, Gail (1996), *The Prostitution Prism*, Amsterdam, Amsterdam University Press.
- Phoenix, Joanna (2000), "Prostitute Identities: Men, Money and Violence", *British Journal of Criminology*, 40 (1), 37-55.
- Phoenix, Joanna (2001), *Making Sense of Prostitution*, Nova Iorque, Plagrave.
- Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1970), *La reproduction: Eléments pour une Théorie du Système d'Enseignement*, Paris, Minuit.
- Pires, Rui Pena (2003), *Migrações e Integração: Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*, Oeiras, Celta.
- Pires, Rui Pena (1988), "A Teoria da Estruturação de Anthony Giddens: Apresentação e Bibliografia", *Sociologia Problemas e Práticas*, 4, 231-236.

- Piscitelli, Adriana (2004), "On Gringos and Natives, Gender and Sexuality in the Context of International Sex Tourism", *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, 1, 87–114.
- Piscitelli, Adriana (2009), "Tránsitos: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial", *Horizontes Antropológicos*, 15 (31), 101-136.
- Pleck, Joseph H. (1995), "The gender role strain paradigm: An update", em R. F. Levant e W. S. Pollack (orgs.), *A new psychology of men*, Nova Iorque, Basic Books.
- Plummer, Ken (1996) "Intimate citizenship and the culture of sexual story telling", em Jeffrey Weeks, Janet Holland (eds.), *Sexual Cultures: Communities, Values and Intimacy*, Nova Iorque, Routledge.
- Plummer, Ken (1997), *Telling Sexual Stories: Power, Change and Social Worlds*, Londres, Routledge.
- Plummer, Ken (2001), *Documents of Life 2: An Invitation to a Critical Humanism*, Londres, Sage.
- Plummer, Ken (2008), "Studying Sexualities for a Better World? Ten Years of *Sexualities*", *Sexualities*, 11 (1/2), 7-22.
- Poulantzas, Nicos (1975), *Political Power and Social Classes*, Londres, Verso.
- Poulantzas, Nicos (1978), *Classes in Contemporary Capitalism*, Londres, Verso.
- Pryen, Stéphanie (1999), *Stigmate et Métier*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.
- Putnam, Robert D. (2000), *Bowling Alone: The Collapse e Revival of American Community*, Nova Iorque, Simon & Schuster.
- Radner, Hilary (1993), "Pretty as Pretty Does: Free Enterprise and the Marriage Plot", em H. Collins, H. Radner e A. Preacher (eds). *Film Theory Goes to the Movies*, Nova Iorque, Routledge.
- Radner, Hilary (1999), "Queering the Girl", em H. Radner e M. Luckett (eds). *Swinging Single: Representing Sexuality in the 1960s*, Minnesota, Minnesota University Press.
- Rahaman, Momim e Stevi Jackson (2010), *Gender and Sexuality: Sociological Approaches*, Cambridge, Polity Press.
- Reich, Robert B. (1993), *The Work of Nations: Preparing Ourselves for 21st Century Capitalism*, Londres, Simons and Schuster.
- Reich, Wilhelm (1971), *The Invasion of the Compulsory Sex-Morality*, Nova Iorque, Farrar, Straus and Giroux.
- Reich, Wilhelm (1974), *The Sexual Revolution: Toward a Self-Regulating Character Structure*, Nova Iorque, Farrar, Straus and Giroux.
- Ribeiro, Fernando B., Octávio Sacramento. 2005. Violence against prostitutes: findings of research in the spanish-portuguese frontier region. *European Journal of Women's Studies*, 12 (1), 61-81.
- Ribeiro, Manuela, Manuel Carlos Silva, Johoanna Schouten, Fernando B. Ribeiro e Octávio Sacramento (2008), *Vidas na Raia: Prostituição Feminina em Regiões de Fronteira*, Porto, Afrontamento.
- Ribeiro, Manuela; Octávio Sacramento (2002) "Prostituição feminina no espaço transfronteiriço ibérico: um caso muito particular de circulação de pessoas", *Sociedade e Cultura 4, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia*, 18 (1/2), 205 - 227.
- Richardson, Diane (2000a), *Rethinking Sexuality*, Londres, SAGE
- Richardson, Diane (2000b) "Constructing sexual citizenship: theorizing sexual rights", *Critical Social Policy*, 62 (1), 105-135.
- Richardson, Diane. (2007), "Patterned fluidities: (Re)imagining the relationship between gender and sexuality", *Sociology*, 41(3), 457–474.
- Richardson, Diane (2017), "Rethinking Sexual Citizenship", *Sociology*, 51(2), 208–224.
- Roberts, Nikki (1992), *Whores in History: Prostitution in Western Society*, Londres, Harper Collins.
- Ronai, C. e C. Ellis (1989), "Turn-On's for Money: Interactional Strategies of the Table Dancers", *Journal of Contemporary Ethnography*, 18 (3), 271-298.
- Roseneil, Sasha (2007), "Queer Individualization: The Transformation of Personal Life in the Early 21st Century", *NORA – Nordic Journal of Feminist and Gender Research*, 15 (2/3), 84-99.
- Rubin, Gayle. (1975), "The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex", em Rayna R. Reiter (ed.) *Toward an Anthropology of Women*. Nova Iorque: Monthly Review Press.
- Rubin, Gayle (1984), "Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality", em C. Vance (org.), *Pleasure and Danger*, Boston, Routledge.
- Sacramento, Octávio e Filipa Alvim (2016), "De Emigrantes a Vítimas de Tráfico: Mobilidades e Prostituição no Espaço Transatlântico", *Revista Antropológica*, 41, 357-389.
- Sacramento, Octávio (2006), "Amor contrafeito: a emoção e a sua instrumentalização no meio prostitucional", *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 5 (14/15), 147 - 169.
- Sacramento, Octávio; Ribeiro, Fernando B. (2010), "Mulheres que trabalham, homens que se envolvem: género, estratégias e práticas na prostituição abrigada", em Manuel Carlos Silva e Fernando Bessa Ribeiro (eds.). *Mulheres da Vida, Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Políticas*, Famalicão, Húmus.
- Saïd, Edward W. (2004), *Orientalismo*, Lisboa, Cotovia.
- Sanders, Teela, Maggie O'Neill e Jane Pitcher (2009), *Prostitution: Sex Work, Policy and Politics*, Londres, Sage.

- Sanders, Teela. 2002. "The Condom as Psychological Barrier: Female Sex Workers and Emotional Management", *Feminism and Psychology*, 12 (4), 561-566.
- Sanders, Teela (2004a), "Controllable Laughter: Managing Sex Work Through Humour", *Sociology*, 38 (2), 273-291.
- Sanders, Teela (2004b), "Researching the Online Sex Work Community". em C. Hine (ed.). *Virtual Methods in Social Research on the Internet*, Oxford, Berg.
- Sanders, Teela (2005a), *Sex Work: A Risky Business*, Cullompton, Willan Publishing.
- Sanders, Teela (2005b), "It's Just Acting: Sex Workers' Strategies for Capitalising on Sexuality", *Gender, Work and Organization*, 12 (4), 319-342.
- Sanders, Teela (2005c), "Researching the Online Sex Work Community", em C. Hine (ed). *Virtual Methods in Social Research on the Internet*, Oxford, Berg.
- Sanders, Teela (2008), *Paying for Pleasure: Men Who Buy Sex*, Cullompton, Willan
- Santos, Boaventura de Sousa, Conceição Gomes, Madalena Duarte e Maria Ioannis Baganha (2007) *Tráfico de Mulheres em Portugal para Fins de Exploração Sexual*, Lisboa, CIG.
- Sassen, Saskia (2005), "New global classes: implications for politics", em Anthony Giddens e Patrick Diamond (orgs.) *The New Egalitarianism*. Cambridge, Polity Press.
- Satz, Debra (1995) "Markets in Women's Sexual labor", *Ethics*, 106, 63-85.
- Saunders, Peter (1990), *Social Class and Stratification*, Londres, Routledge.
- Scambler, Graham e Anette Scambler (1997), "Understanding prostitution", em Graham Scambler e Anette Scambler (eds.), *Rethinking Prostitution*, Londres, Routledge.
- Scambler, Graham (1997), "Conspicuous and inconspicuous sex work", em Graham Scambler e Anette Scambler (eds.), *Rethinking Prostitution*, Londres, Routledge.
- Schneider, Jane (1971) "Of Vigilance and Virgins: Honor, Shame and Access to Resources in Mediterranean Societies", *Ethnology*, 10 (1).
- Schutz, Alfred (1967), *The Phenomenology of the Social World*, Evanston, Northwestern University Press.
- Scott, John (1996), *Stratification and Power: Structures of Class, Status and Command*, Cambridge, Polity Press.
- Scott, John (2007) "Power, Domination and Stratification: Towards a Conceptual Synthesis", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 55, 25-39.
- Scott, John (2002), "Social Class and Stratification in Late Modernity", *Acta Sociologica*, 45 (1), 23-35.
- Scoular, J. (2004), "The 'Subject' of Prostitution: Interpreting the Discursive, Symbolic and Material Position of Sex/Work in Feminist Theory", *Feminist Theory*, 5 (3), 343-355.
- Sedas Nunes, Adérito (1968), *Sociologia e Ideologia do Desenvolvimento*, Lisboa, Moraes Editores.
- Sedas Nunes, Adérito (1980), *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença
- Segal, L. e M. McIntoch (eds.) (1992), *Sex Exposed: Sexuality and Pornography Debate*, Londres, Frank Cass.
- Segal, Lynne (2015), *Straight Sex: Rethinking the Politics of Pleasure*, Londres, Verso
- Seidler, Victor J. (org.) (1992), *Men, Sex and Relationships*, Londres, Routledge.
- Seidler, Victor J. (1989) *Rediscovering Masculinity: Reason, Language and Sexuality*, Londres, Routledge.
- Seidler, Victor J. (1994), *Unreasonable Men: Masculinity and Social Theory*, Londres, Routledge.
- Seidler, Victor J. (1997), *Man Enough: Embodying Masculinities*, Londres, Sage.
- Seidler, Victor J. (2006), *Transforming Masculinities: Men, Cultures, Bodies, Power, Sex and Love*, Londres, Routledge.
- Seidman, Steven (1991), *Romantic Longings*, Nova Iorque, Routledge.
- Seidman, Steven (2011), "Theoretical Perspectives", em Steven Seidman, Nancy L. Fisher e Chet Meeks (orgs), *Introducing the New Sexuality Studies*, Londres, Routledge.
- Sennet, Richard (1988), *O Declínio do Homem Público: As Tiránias da Intimidade*, São Paulo, Companhia das Letras.
- Sharp K, Earle S. (2003), "Cyberpunters and cyberwhores: prostitution on the Internet", em Y. Jewkes (ed.), *Dot.Cons: Crime, Deviance, and Identity on the Internet*, Portland, Willan.
- Sheff, Elisabeth (2005), "Polyamorous Women, Sexual Subjectivity and Power", *Journal of Contemporary Ethnography*, 34 (3), 251-283.
- Shrage, Laurie (1994), *Moral Dilemmas of Feminism: Prostitution, Adultery, and Abortion*, Nova Iorque, Routledge.
- Silva, Manuel Carlos e Fernando B. Ribeiro (eds.) (2010) *Mulheres da Vida, Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Políticas*, Famalicão, Húmus.
- Silva, Manuel Carlos (2009), *Classes Sociais: Condição Objectiva, Identidade e Acção Colectiva*, Famalicão, Húmus.
- Silverman David (2013a), *A Very Short, Fairly Interesting, Reasonably Cheap Book about Qualitative Research (second edition)*, Londres, Sage.
- Silverman David (2013b), *Doing Qualitative Research: A Practical Handbook*, Londres, Sage.

- Simmel, Georg (1969), *Cultura Feminina*, Alfragide, Galeria Panorama.
- Simmel, Georg (1995), "O cruzamento dos círculos sociais", em Manuel Braga da Cruz (org.), *Teorias Sociológicas I*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Simmel, Georg (1999) "On the Sociology of the Family", em Mike Featherstone (org.) *Love and Eroticism*, Londres, Sage.
- Simmel, Georg (2006a), "Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro", em Georg Simmel, *A Filosofia do Amor*, São Paulo, Martins Fontes.
- Simmel, Georg (2006b), "O papel do dinheiro nas relações entre os sexos - fragmento de uma filosofia do dinheiro", em Georg Simmel, *A Filosofia do Amor*. São Paulo, Martins Fontes.
- Simmel, Georg (2008), *Filosofia da Moda e Outros Escritos*, Lisboa, Edições Texto Grafia.
- Simmel, Georg (2009), "The intersection of social circles", In: G. Simmel *Sociology: Inquiries Into the Construction of Social Forms*, Boston, Brill.
- Simon, William e John H. Gagnon (1999), "Sexual scripts", em R. Parker & P. Aggleton (eds.), *Culture, Society and Sexuality: A Reader*, Londres, University College London Press.
- Simon, William e John H. Gagnon (1986), "Sexual Scripts: Permanence and change", *Archives of Sexual Behavior*, 15 (2), 97-120.
- Simon, William, (1996), *Postmodern Sexualities*, Londres, Routledge.
- Skeggs, Beverley (1997), *Formations of Class and Gender*, Londres, Sage.
- Skeggs, Beverley (2004), *Class, Self, Culture*, Londres, Routledge.
- Sommers, Christina Hoff (1995), *Who Stole Feminism?* Nova Iorque, Touchstone.
- Sørensen, A. B. (2000), "Toward a sounder basis for class analysis", *American Journal of Sociology*, 6 (105), 1523-1558.
- Spradley, James P. (2016), *The Ethnographic Interview*. Long Grove, Waveland Press.
- Stanley, Liz. (1995), *The Auto/Biographical I: The Theory and Practice of Feminist Auto/Biography*, Manchester, Manchester University Press.
- Stanley, Liz. (1993), "On Auto/Biography in Sociology", *Sociology*, 27 (1), 41-52
- Stein, Martha L. (1974), *Lovers, Friends, Slaves*, Nova Iorque, Berkeley.
- Sullivan, Barbara (1995), "Rethinking Prostitution", em B. Caine and R. Pringle (eds) *Transitions: New Australian Feminisms*, Sydney, Allen and Unwin.
- Tavares, Manuela (2011), *Feminismos: percursos e desafios (1947-2007)*, Lisboa, Texto.
- Taylor Yvette (2013), "The Ties That Bind: Intimacy, Class, Sexuality", em: Sanger T. e Yvette Taylor (orgs.) *Mapping Intimacies*, Londres, Palgrave Macmillan.
- Taylor, Charles (2002), *Sources of the Self: The Making of the Modern Identity*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Taylor, Yvette (2010), "Privileged Locations? Sexuality, Class and Geography", em Yvette Taylor (ed.). *Classed Intersections: Spaces, Selves, Knowledges*, Farnham: Ashgate.
- Taylor, Yvette (2011), "Sexualities and Class", *Sexualities*, 14 (1), 3-11.
- Thomas, William, Znaniecki, Florian (1958), *The Polish Peasant in Europe and America: A Classic Work in Immigration History*, Nova Iorque, Dover Publications.
- Thukral, J., M. Ditmore, e A Murphy (2005), *Behind closed doors: An analysis of indoor sex workers in New York City*, Nova Iorque, Urban Justice Center Report.
- Tilly, Charles (2005), "Historical perspectives on inequality", em Mary Romero e Eric Margolis (orgs.), *The Blackwell Companion to Social Inequalities*, Malden, Blackwell.
- Torres, Anália (1987) "Amores e Desamores: Para uma Análise Sociológica das Relações Afectivas", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 3, 21-33.
- Torres, Anália (2001), *Sociologia do Casamento: A Família e a Questão Feminina*, Oeiras, Celta.
- Torres, Anália. (2002). *Casamento em Portugal: Uma Análise Sociológica*, Oeiras, Celta Editora.
- Torres, Anália. (2004), "Amor e Ciências Sociais", *Travessias*, 4/5, 15-45
- Torres, Anália. (2010), *Sociologia da Família: Teorias e Debates. Provas de Agregação*, Lisboa, ISCTE-IUL.
- Torres, Anália, Bernardo Coelho, Dália Costa, Diana Maciel e Paula Campos Pinto (2018), *Igualdade de Género ao Longo da Vida*, Lisboa, FFMS.
- Vance, Carole (org.) (1984), *Pleasure and Danger: exploring Female Sexuality*, Londres, Pandora Box.
- Velho, Gilberto (1999), "Estudo Sobre o Comportamento Desviante", em Gilberto Velho (org.). *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Velho, Gilberto (2002) *Individualismo e Cultura: Notas Para Uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Vieira, Maria M. (2003), *Educar Herdeiros: Práticas Educativas da Classe Dominante Lisboaeta nas últimas Décadas*, Lisboa, FCG.
- Wagner, Anne-Catherine (2007), *Les classes sociales dans la mondialisation*, Paris, La Découverte.

- Warr, D. J. e P. M. Pyett (1999), "Difficult Relations: Sex work, Love and Intimacy", *Sociology of Health & Illness*, 21(3), 290–309.
- Weatherall, Ann., e Anna Priestley (2001), "A feminist discourse analysis of sex 'work'", *Feminism & Psychology*, 11(3), 323-340.
- Weber, Max. (1992), *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, Londres, Routledge.
- Weber, Max. (1999), *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Vol. 2*, Brasília: UNB
- Weber, Max. (2005), *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Vol. 1*, Brasília: UNB
- Weeks, Jeffrey (1985), *Sexuality and its Discontents: Meanings, Myths and Modern Sexualities*, Londres, Routledge.
- Weeks, Jeffrey (1995), *Invented Moralities: Sexual Values in an Age of Uncertainty*, Cambridge, Polity Press.
- Weeks, Jeffrey (2007), *The World We Have Won*, Londres, Routledge.
- Weitman, Sasha (1999), "On the Elementary Forms of Socioerotic Life", em Mike Featherstone (ed.). *Love and Eroticism*. Londres: Sage.
- Weitzer Ronald (2007), "Prostitution: Facts and Fictions", *Contexts* 6:28–33
- Weitzer, Ronald (2000b) "The Politics of Prostitution in America", em Ronald Weitzer (ed.) *Sex for Sale: Prostitution, Pornography, and the Sex Industry*, Nova Iorque, Routledge.
- Weitzer Ronald (2005), "Flawed theory and method in studies of prostitution", *Violence Against Women* 11: 934–49.
- Weitzer, Ronald (2000a), "Why We Need More Research on Sex Work", em Ronald Weitzer (ed.) *Sex for Sale: Prostitution, Pornography, and the Sex Industry*, Nova Iorque, Routledge.
- Weitzer, Ronald (2010), "Sex Work: paradigms and Policie", em Ronald Weitzer (ed.). *Sex for Sale: Prostitution, Pornography, and the Sex Industry. Second Edition*, Nova Iorque, Routledge.
- Whelehan, Imelda (2000), *Overloaded: Culture and the Future of Feminism*, Toronto, The Women's Press.
- Willman, Alys (2008), "Safety first, then condoms: Commercial sex, risky behavior, and the spread of HIV /AIDS in Managua, Nicaragua", *Feminist Economics*, 14(4),37–65.
- Willman, Alys (2010), "Let's Talk About Money", em M. Ditmore, A. Levy e A. Willman (orgs.), *Sex Work Matters: Power and Intimacy in the Global Sex Industry*, Londres, Zed Books.
- Wilson, G. D. (1997), "Gender differences in Sexual fantasy: An Evolutionary Analysis", *Personality and Individual Differences*, 22, 27-31.
- Wilson-Kovacs, Dana (2010), "Class and sexual intimacy: an everyday life perspective", em Yvette Taylor (ed.). *Classed Intersections: Spaces, Selves, Knowledges*, Farnham, Ashgate.
- Wright, Erik Olin (1997), *Classes*, Londres, Verso.
- Wright, Erik Olin (2015), *Understandig Class*, Londres, Verso.
- Zelizer, Viviana (2002), "The Purchase of Intimacy", *Law and Social Inquiry*, 25, 817–44.
- Zelizer, Viviana (2005), *The Purchase of Intimacy*. Princeton, Princeton University Press.

CURRICULUM VITAE

Informação Pessoal

Nome Bernardo Marques Soares da Cruz Coelho
Contacto ++ 351 926361058
Endereço eletrónico bernardosoarescoelho@gmail.com
Nacionalidade Portuguesa
Data nascimento 20 Dezembro 1977

Formação

Doutorando no Programa de Doutoramento em Sociologia do ISCTE-IUL (parte curricular concluída, 17 valores).
Licenciatura com distinção em Sociologia e Planeamento, pelo ISCTE-IUL (16 valores).

PERCURSO PROFISSIONAL

Atividade docente

Ano lectivo **2018-19 | 2019-20**
Professor Auxiliar Convidado ISCSP-ULisboa
Pós-Graduação em Igualdade de Género U.C: Corpo, Sexualidade e Identidades. Pós-Graduação em Igualdade de Género, IEPG/ISCSP-ULisboa.

Ano letivo **2017-18 | 2018-19 | 2019-20**
Professor Auxiliar Convidado ISCSP-ULisboa
Licenciatura em Sociologia U.C: Sociologia do Género
U.C: Teorias Sociológicas Contemporâneas
U.C: Classes, Mobilidade e Estratificação Social
U.C: Métodos e Técnicas de Investigação Sociológica I e II

Ano letivo **2015-16 | 2016-17**
Professora auxiliar Convidado ISCSP-ULisboa – título gracioso
Licenciatura em Sociologia U.C: Sociologia do Género
U.C: Métodos e Técnicas de Investigação Sociológica I e II

Atividade de formador

Curso executivo **2017-2018 | 2018-2019**

Curso executivo “Auditorias de género e planos de igualdade”, coord. Sara Flacão Casaca, ISEG-ULisboa, sessão dedicada ao tema: ‘integridade e dignidade das pessoas trabalhadoras: ambientes de trabalho livres de assédio moral e sexual’. Duas edições.

Cursos especializados **2019**

Curso de Formação Especializada em Igualdade de Género direcionado para a Marinha Portuguesa.

Curso Especializado em Igualdade de Género CIEG/ISCSP-ULisboa e IFOR/ISCSP-ULisboa (três edições), módulos: Violência de Género; Assédio Moral e Sexual; Igualdade de Género, Trabalho, Família, Vida Pessoal e Cidadania.

Outros cursos de formação **2016**

Formador responsável pelo módulo “Respeito pela integridade e dignidade das pessoas trabalhadoras: ambientes de trabalho livres de assédio moral e sexual” no âmbito do “Projecto Igualdade de Género nas Empresas (Break Even)”, ISEG, CIEG, CESIS, coordenado por Sara Falcão Casaca, financiado por EEA Grants.

2015

Formação: Prevenção e Combate ao Assédio Moral e Sexual no Local de Trabalho, CML, no âmbito do projeto Assédio Moral e Sexual no Local de trabalho, coord. Anália Torres, CIEG/ISCSP-ULisboa.

Co-autor com Anália Torres da sessão de formação “Caracterização do assédio moral”, Acção de Formação Europeia, European Trade Union Institute, ETUI com a CGTP-IN Formador no âmbito do assédio moral no local de trabalho (co-autoria com Anália Torres) CGTP

Atividade de investigador

2003 -

Experiência como membro de diversas equipas de investigação em projectos de âmbito nacional e internacional (especificado em ‘Projetos de investigação’).

1999-2003

Participação como tarefeiro em diversos projectos de investigação.

Atividade de consultor/perito

2016 -

Consultor de instituições nacionais e internacionais no âmbito a igualdade de género, das relações sociais de género e mainstreaming de género (especificado em ‘Outras actividades científicas’).

	2015
	Perito convidado: The European Network on Prostitution (COST Action ProsPol)
INVESTIGAÇÃO	
Domínios de investigação	<p>Sociologia da família, articulação trabalho-família, relações sociais de género, relações íntimas e sexualidade.</p> <p>Planeamento e avaliação.</p> <p>Knowledge transfer.</p>
Projetos de investigação	
	2019-2022
Internacional	Projeto Igualdade de Género no Ensino Superior (GE-HEI - Gender Equality In Higher Education Institutions), CIEG/ISCSP-ULisboa, financiado EEA Grants (coord. Anália Torres).
	2016-2018
Nacional	Membro da equipa de investigação: do projeto: Igualdade de Género ao Longo da Vida, CIEG/ISCSP-ULisboa, financiado FFMS (Coord. Anália Torres)
	2014-2016
Internacional	Membro da equipa de investigação: Estudo de Diagnóstico do Assédio Sexual e Moral nas Relações de Trabalho em Portugal”, CIEG/ISCSP-ULisboa, financiado por EEA Grants (coord. Anália Torres).
	2013
Nacional	Membro da equipa de investigação: Estudo de Avaliação do IV Plano para a Igualdade, Género, Cidadania e Não Discriminação, CIEG/ISCSP-ULisboa (Coord. Anália Torres).
Nacional	Membro da equipa de investigação: Estudo de Avaliação II Programa de Acção para a Eliminação da Mutilação Genital Feminina, CIEG/ISCSP-Lisboa (Coord. Anália Torres).
Nacional	Membro da equipa de investigação: Estudo de Avaliação do Plano nacional de Acção para a Implementação da Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas nº 1325, CIEG/ISCSP-ULisboa (Coord. Anália Torres).
	2011-2013
Nacional	Membro da equipa de coordenação científica do projecto: “Sociology Inside

Financial markets: system architecture, societal impacts, forms o rationality, dispositional and contextual plurality”, financiado pela FCT. CIES/ISCTE-IUL.

2010-2012

Internacional Membro da coordenação da equipa portuguesa do projecto internacional Workcare Synergies, CIES/ISCTE-IUL, financiado pelo FP7 da Comissão Europeia (Coord. Anália Torres).

2006-2008

Internacional Membro da equipa de investigação do projecto “Social Quality and Changing Relationships between Work, Care and Welfare in Europe (Workcare)”, CIES/ISCTE-IUL, coord. Anália Torres.

2006

Nacional Coordenador Executivo da Equipa Operacional do projeto: Estudo de Intervenção sobre o Vale da Amoreira – Iniciativa Bairros Críticos, CET/ISCTE.

2003-2006

Nacional Bolseiro de investigação no projeto: Avaliação e acompanhamento de programas de luta contra a droga e a toxicoddependência”, CET/ISCTE.

2004

Nacional Colaboração no projeto: “Avaliação nacional do programa rede social”, CET/ISCTE (realização de entrevistas e focus group).

2000-2001

Nacional Recolha de informação sobre “Festas Académicas”, para projecto de investigação do Prof. José Machado Pais.

1999-2000

Nacional Participação no projeto (realização de entrevistas): Formação e instalação dos casais e modelos de conjugalidade. Estudo sócio-biográfico, Grupo de Estudos de População (GREP).

PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Publicações

Livros co-autoria

2018

Torres, Anália, Paula Campos Pinto, Dália Costa, Bernardo Coelho, Diana Maciel, Tânia Reigadinha, Ellen Theodoro (2018), Igualdade de Género ao Longo da Vida: Portugal no Contexto Europeu, Lisboa: FFMS

Costa, D., Sant'Ana, H. e Coelho, B. (2018). Sexual and moral harassment at work in the international society. In Durán y Lalaguna, P., Morán Blanco, M. e Díaz Barrado, C. (Ed.). Sustainable development goals. Goal 5th: gender equality (Chapter 13), p. 491-528. Madrid: Editorial Aranzadi.

Torres, Anália (Coord.), Paula Pinto, Dália Costa, Bernardo Coelho, Diana Maciel, Ellen Theodoro, Tânia Reigadilha (2018), Género, infância e juventude: educação, trabalho e condições de vida em Portugal e na Europa (Booklet), Lisboa: CIEG/ISCSP-ULisboa, 73 páginas, ISBN 978-989-8943-34-7

Torres, Anália (Coord.), Paula Pinto, Dália Costa, Bernardo Coelho, Diana Maciel, Ellen Theodoro, Tânia Reigadilha (2018), Género na rush hour of life: trabalho, família e condições de vida em Portugal e na Europa (Booklet), Lisboa: CIEG/ISCSP-ULisboa, 74 páginas, ISBN 978-989-8943-35-4

Torres, Anália (Coord.), Paula Pinto, Dália Costa, Bernardo Coelho, Diana Maciel, Ellen Theodoro, Tânia Reigadilha (2018), Género na fase tardia da vida ativa: trabalho, família e condições de vida em Portugal e na Europa (Booklet), Lisboa: CIEG/ISCSP-ULisboa, 74 páginas, ISBN 978-989-8943-36-1

Torres, Anália (Coord.), Paula Pinto, Dália Costa, Bernardo Coelho, Diana Maciel, Ellen Theodoro, Tânia Reigadilha (2018), Género e idades da vida: educação, trabalho, família e condições de vida em Portugal e na Europa (Booklet), Lisboa: CIEG/ISCSP-ULisboa, 101 páginas, 978-989-8943-33-0

2016

Torres, Anália, Dália Costa, Helena Sant'Ana, Bernardo Coelho e Isabel Sousa, Assédio Sexual e Moral no Local de Trabalho em Portugal, Lisboa: CITE / CIEG/ISCSP-ULisboa

Torres, Anália, Dália Costa, Helena Sant'Ana, Bernardo Coelho e Isabel Sousa (2016), Bulling and sexual harassment at the workplace in Portugal, Lisboa: CITE/CIEG/ISCSP-ULisboa

Capítulos em livros

2019

Costa, Dália, Anália Torres, Helena Sant'Ana e Bernardo Coelho (2019) "Sexual and moral harassment at work in the international society", in Paloma D. Lalaguna, Sagrario M. Blanco, and Cástor M. D. Barrado (Eds), Sustainable Development Goals. Goal 5: Gender Equality (pp. 491-528). Navarra: Editorial Aranzadi.

2018

Anália Torres, Dália Costa, Diana Maciel e Bernardo Coelho, "Metodologias mistas na avaliação de políticas públicas" in João Ferrão e J. M. Pinto Paixão (Orgs.), Metodologias de avaliação de políticas públicas, Lisboa, Imprensa da Universidade de Lisboa, 2018, pp. 203-239, ISBN 978-989-8928-0

	2014	Torres, Anália, Bernardo Coelho e Miguel Cabrita, "Bridge over troubled waters: family, gender and welfare in Portugal in the European context", in Moreno-Fuentes, Francisco Javier and Mari-Klose, Pau (Orgs.), <i>The Mediterranean Welfare Regime and the Economic Crisis</i> , London, Routledge
	2010	"As prostitutas não são coisas que se metam na cama: subjectividade e poder em acompanhantes e prostitutas de rua.", in António Dornelas, Luísa Oliveira, Luída Veloso e Maria das Dores Guerreiro (orgs.), <i>Portugal Invisível</i> , 2011, Lisboa: Mundos Sociais/FCG (com Alexandra Oliveira).
		"Mercados Financeiros: Instituições Ocultas e Dinâmicas Invisíveis", in António Dornelas, Luísa Oliveira, Luída Veloso e Maria das Dores Guerreiro (orgs.), <i>Portugal Invisível</i> , 2011, Lisboa: Mundos Sociais/FCG (com Sofia Terlica)
Livros primeiro autor	2016	Coelho, Bernardo, Anália Torres, Dália Costa e Helena Sant'Ana (2016), <i>Manual de Formação para Prevenir e Combater o Assédio Sexual e Moral no Local de Trabalho: trilhos para a tolerância zero</i> , CITE / CIEG/ISCSP-ULisboa
	2009	Coelho, Bernardo, <i>Corpo Adentro: prostitutas acompanhantes em processo de invenção de si</i> , Difel, 2009, 265pgs.
Artigos científicos	2013	Torres, Anália, Bernardo Coelho e Miguel Cabrita, "Bridge over troubled waters: family, gender and welfare in Portugal in the European context", in <i>European Societies</i> , volume 15, Sept. 2013, pp: 535-556.
	2012	Torres, Anália, Bernardo Coelho, Inês Cardoso e Rui Brites, "A Mysterious European Threesome: Work-care Regimes, Policies and Gender", in <i>International and Multidisciplinary Journal of Social Sciences</i> , 1 (1), July 2012, pp: 31-61.
	2006	Afonso, João e Bernardo Coelho, "Sociologia em duplo-hélice: entre conhecer e actuar em contexto de políticas públicas", in <i>Cidades – Comunidades e Territórios</i> , nº 12-13, pp: 53-68 .
Working-papers	2009	Coelho, Bernardo, <i>The erotization of leisure or the escape from everyday intimate life</i> , CIES e-Working Paper Nº 80/2009, Lisboa, CIES, ISCTE-IUL
		Coelho, Bernardo, "Olhar os quadros que no enquadram a visão: perspectivas teóricas sobre a prostituição e as prostitutas", CIES-e-working-paper, nº 66/2009, Lisboa: CIES-ISCTE.

2008

Coelho, Bernardo, “De Johnny Guitar à incerteza implícita no novo: a vida de todos os dias como compasso da mudança das relações de género na família”, CIES-ISCTE WorkingPaper Lisboa: CIES-ISCTE.

Actas **2008**

“Erotization of leisure or the escape from everyday intimate life”, in Actas Fisrt ISA Forum of Sociology, Barcelona: ISA.

Relatórios **2016**

Coelho, Bernardo (2016), Avaliação de Género nos Projectos de Investimento Público: Base para o Roteiro para a Integração da Igualdade de Género, Luanda: BAD/DNIP-MPDT.

Coelho, Bernardo (2016), Género nos Projectos de Investimento Público: uma visão integrada, Luanda: BAD/DNIP-MPDT.

Coelho, Bernardo (2016), Roteiro para a Integração da Igualdade de Género nos Projectos de Investimento Público, Luanda: BAD/DNIP-MPDT.

Coelho, Bernardo (2016), Instrumento Formativo para a Integração da Igualdade de Género nos Projectos de Investimento Público, Luanda: BAD/DNIP-MPDT.

2014

“Sociology Inside Financial markets: system architecture, societal impacts, forms of rationality, dispositional and contextual plurality”, 2014, Relatório final do projecto.

2008

Torres, Anália, Bernardo Coelho, Inês Cardoso e Rui Brites, “Mapping Orientations to work and Family in Europe”, in Social Quality and Changing Relationships between Work, Care and Welfare in Europe (Workcare) Final Report.

2006

Afonso, João e Bernardo Coelho, Operação Vale da Amoreira: plano de acção e modelo de gestão, Lisboa, CET/INH.

Afonso, João e Bernardo Coelho, Operação Vale da Amoreira: diagnóstico, Lisboa, CET/INH.

Comunicações

Comunicações por convite

2019

Sessão semi-plenária: Identidades, diversidade sexual e sexualidades, II Congresso internacional do CIEG - Estudos género, feministas e sobre as mulheres: reflexividade, resistência e ação, Lisboa, ISCSP, 24 a 26 Julho.

2018

“Prostitutas acompanhantes e clientes: indivíduos e vidas para lá das representações”, Conferência VI Aniversário CIEG: Género e Interseccionalidades, Lisboa, ISCSP, 24 Maio.

2017

“Assédio sexual e moral no local de trabalho: o que é que o género tem a ver com isto?”, Conferência VI Aniversário CIEG: Género, Organizações e Poder, Lisboa, ISCSP, 26 Maio.

2016

Discussant Mesa Redonda ‘Género e Corpo’, Congresso Internacional do CIEG: Estudos de Género em Debate- percursos, desafios e olhares interdisciplinares, ISCSP-ULisboa, 27 Maio, 2016.

Relator e moderador do Seminário Bilateral Portugal – Suécia, “Empoderar as mulheres através do reforço das organizações de direitos das mulheres: o caso do governo feminista sueco”, Lisboa, 10 de Março 2016, organizado por PPDM e Embaixada do Reino da Suécia.

2015

“Contradicting imaginative prostitution: escort-girls, clients, life modes, intimacy and love”, inspirational talk, The European research network on prostitution (COST Action ProsPol), Work Group 3: Sex Money & Society, Faculty of Psychology and Education of the University of Porto, 22 September 2015.

2014

“Assédio sexual e moral no local de trabalho”, Conferência II Aniversário do CIEG: Celebrar a investigação em estudos de género, Lisboa, ISCSP, 21 de Maio.

2013

“Europa em contexto de crise: igualdades e desigualdades de género na família”, com Anália Torres, Conferência I Aniversário do CIEG, Lisboa, ISCSP, 24 Maio.

“What’s Love Got to do With It?”, in Interdisciplinary Conference, The intimate, the private and the public: bridges and ambiguities, CIES-IUL, Nov. 2013: Lisbon.

“Prostitution, equality, intimacy, interests and love”, in International Seminar, Gender, Sexuality and the Body: Critical Perspectives, ICS-UL, Jul. 2013: Lisbon.

“Igualdade, intimidade e amor: palavras que se estranham mas que se entranham na prostituição”, in Seminário Em que Posso Servilo/a? Condições e Realizações de Trabalho nos Serviços Interpessoais, SOCIUS-ISEG, Mar. 2013: Lisboa.

“Perspectivas igualitárias sobre a família na Europa: evolução em contexto de crise”, in European Social Survey XIII Seminário de Apresentação de Resultados, ICS-UL, Fev. 2013: Lisboa (com Anália Torres e Diana Carvalho).

2011

“Most of the time: a busca de intimidade e os amores acidentais entre acompanhantes e clientes”, in Sociologia às 5ª Feiras, ISCSP: Lisboa.

“Fertility and mother’s activity in Europe: a positive correlation”, in Low Fertility, Families and Public Policies, International Seminar. 14 Julho 2011, ICS-UL: Lisboa (co-autoria com Anália Torres e Diana Carvalho)

“Portugal sob pressão: mercados financeiros, dinâmicas ocultas e efeitos visíveis”, in Sociologia às 5ª Feiras, ISCSP: Lisboa.

2009

“Amores e sexualidades: novos padrões normativos e de experimentação”, III.ªs Jornadas de Sociologia da Universidade do Algarve, O Amor na Sociedade Contemporânea

2008

“Prostitutas acompanhantes desiguais entre si” – Fórum de Pesquisas CIES: Desigualdades Sociais em Portugal, sessão: classes sociais e estilos de vida, ISCTE.

“Prostitutas acompanhantes e seus clientes: normatividade(s) na atracção, sedução e prazer” - As Regras da Atracção, Lisboa, Conferência Internacional Culturgest.

2007

“Novos e velhos sentidos da família: uma perspectiva europeia” – Seminário European Social Survey 2004, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (co-autoria com: Anália Torres, Rui Brites e Inês Cardoso).

Outras comunicações

2019

“The Persistence of gender inequalities over the life course: Portugal in the European Context”, com Paula Campos Pinto, Anália Torres, Dália Costa, Diana Maciel, II Congresso internacional do CIEG - Estudos género, feministas e sobre as mulheres: reflexividade, resistência e ação, Lisboa, ISCSP, 24 a 26 Julho.

“Igualdade de género e idades da vida: educação, trabalho e família em Portugal e na Europa”, com Diana Maciel, Anália Torres, Paula Campos Pinto, Dália Costa, II Congresso internacional do CIEG - Estudos género, feministas e sobre as mulheres: reflexividade, resistência e ação, Lisboa, ISCSP, 24 a 26 Julho.

“De que morrem os/as jovens? Um estudo sobre as principais causas de morte através de uma perspectiva de género”, com Ellen Theodoro, Anália Torres, Paula Campos Pinto, Dália Costa, Diana Maciel, II Congresso internacional do CIEG - Estudos género, feministas e sobre as mulheres: reflexividade, resistência e ação, Lisboa, ISCSP, 24 a 26 Julho.

“Estratégias de prevenção e combate ao assédio sexual e moral: o caso de Portugal”, com Dália Costa e Anália Torres, II Congresso internacional do CIEG - Estudos género, feministas e sobre as mulheres: reflexividade, resistência e ação, Lisboa, ISCSP, 24 a 26 Julho.

“Occupational and educational gender inequalities in Europe: a comparative perspective”, com Anália Torres, Paula Campos Pinto, Dália Costa, Diana Maciel, II Congresso internacional do CIEG - Estudos género, feministas e sobre as mulheres: reflexividade, resistência e ação, Lisboa, ISCSP, 24 a 26 Julho.

2016

“Assédio Moral e Sexual no Local de trabalho em Portugal”, co-autoria com Anália Torres, Dália Costa e Helena Sant’Ana, Conferência final do projecto “Estudo de Diagnóstico do Assédio Sexual e Moral nas Relações de Trabalho em Portugal”, CEJ, 9 de Março 2016.

“Assédio Moral e Sexual: a experiência da formação”, co-autoria com Anália Torres, Dália Costa e Helena Sant’Ana, Conferência final do projecto “Estudo de Diagnóstico do Assédio Sexual e Moral nas Relações de Trabalho em Portugal”, CEJ, 9 de Março 2016.

2015

“Harassment in the workplace: Portuguese and Norwegian situation in perspective”, co-author with Anália Torres, Dália Costa, Helena Sant’Ana, 12th Conference of the European Sociological Association, Prague, 25 – 28 August 2015.

“Assédio Moral e Sexual no Local de trabalho: resultados preliminares”, co-autoria com Anália Torres, Dalia Costa e Helena Sant’Ana, Seminário Internacional Assédio Sexual e Moral no Local de Trabalho, ISCSP ULisboa, 3 Junho 2015.

2011

“Most of the time: a quest for intimacy between clients and escort-girls”, in European Sociological Association 10th Conference, Set. 2011: Geneve.

“It’s still a story without an ending: fertility, public policies and working mothers in Europe”, in European Sociological Association 10th Conference, Set. 2011: Geneve (co-autoria com Anália Torres e Diana Carvalho).

“Money and romance: the construction of romantic relations between escort-girls and their clients”, in European Sociological Association 10th Conference, Set. 2011: Geneve.

2010

“Family and gender in Europe: trends of convergence and divergence comparing countries”, XVII ISA World Congress of Sociology - Sociology on the Move, Gotemburgo, 11-17Julho de 2010 (com Anália Torres, Inês Cardoso e Rui Brites).

“A mysterious European threesome: work-care regimes, work-family pressure and gender”, XVII ISA World Congress of Sociology - Sociology on the Move, Gotemburgo, 11-17Julho de 2010 (com Anália Torres, Inês Cardoso e Rui Brites),

2009

“An ethnographic look at survey questions” – III European Survey Research Association (ESRA) International Conference, Warsaw (co-autoria com: Anália Torres e Rui Brites).

“Women’s work and care orientations in Europe” III European Survey Research Association (ESRA) International Conference, Warsaw (co-autoria com: Anália Torres, Rui Brites e Inês Cardoso).

2008

“Erotization of leisure or the escape from everyday intimate life” – presentation, Fisrt ISA Forum of Sociology, Barcelona.

“Família na Europa: entre novos sentidos e velhas tensões”, Congresso Português de Sociologia, “Mundos sociais: saberes e práticas”, Lisboa, FCSH-UNL.

“A paternidade como exercício: o ginásio como cenário improvável para a produção da paternidade”, Congresso Português de Sociologia, “Mundos sociais: saberes e práticas”, Lisboa, FCSH-UNL.

“O sexo está no meio de nós: aproximação sociológica a prostitutas acompanhantes” – Workshop CIES-ISCTE, Lisboa.

2007

“Do corpo individual ao corpo colectivo: resignificação do corpo na família em caso de doença crónica” – II Congresso Família, Saúde e Doença: Modelos, Investigação e Prática em Diversos Contextos de Saúde, Braga.

“A emergência de novos sentidos da família e a importância dos contextos institucionais” – II Congresso Família, Saúde e Doença: Modelos, Investigação e Prática em Diversos Contextos de Saúde, Braga (co-autoria com: Anália Torres, Rui Brites e Inês Cardoso).

“New meanings of the family: an European overview” – 8th Conference of the European Sociological Association, Glasgow (co-autoria com: Anália Torres, Rui Brites e Inês Cardoso).

“Work family tension among European couples: a source of domestic conflict?” - 8th European Sociological Association, Glasgow (co-autoria com: Anália Torres, Rui Brites e Inês Cardoso).

“New meanings of the family on the swing with work: na european overview” – II European Survey Research Association (ESRA) International Conference, Prague (co-autoria com: Anália Torres, Rui Brites e Inês Cardoso).

“Women’s and men’s attitudes towards work and family: similarities, differences and contradictions” – Community, Work and Family II International Conference, Lisbon: ISCTE (co-autoria com: Anália Torres, Rui Brites e Inês Cardoso).

2006

“Conhecer para Actuar: exercício auto-reflexivo e a construção teórica em sociologia em contexto de formulação de políticas públicas” – Seminário (In)certezas do Terceiro Sector em Portugal, organizado pela Associação Nacional de Estudantes de Sociologia (ANES)

OUTRAS ATIVIDADES CIENTÍFICAS

Membro da Comissão Coordenadora da Secção Temática Sexualidade e Género da Associação Portuguesa de Sociologia (APS)

Investigador do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG/ISCSP-ULisboa).

Membro fundador do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG/ISCSP-ULisboa).

Organização de encontros científicos

Encontros internacionais	<p>2018-2019</p> <p>Membro da Comissão Executiva do II Congresso Internacional do CIEG - Estudos de Género, Feministas e sobre as Mulheres: Reflexividade, resistência e acção, Lisboa, ISCSP-ULisboa, 24 – 26 Julho 2019.</p> <p>2015-2016</p> <p>Membro da Comissão Executiva do I Congresso Internacional do CIEG - Género, Estudos de género em Debate: percursos, desafios e olhares interdisciplinares, Lisboa, ISCSP-ULisboa, 25 – 27 de Maio 2016.</p> <p>2014-2015</p> <p>Membro do Scientific Committee of the 1st Non-Monogamies and Contemporary Intimacies Conference co-organized by CES - Center for Social Studies and CICS.NOVA, Faculty of Social and Human Sciences of the New University of Lisbon, on September 25th-27th 2015.</p> <p>2008</p> <p>Seminário Internacional, “Amar e Trabalhar na Europa” – Lisboa, ISCTE.</p>
<p>Consultoria científica</p> <p>Consultoria científica internacional</p>	<p>2016</p> <p>Consultor do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) para a área da igualdade de género e relações sociais de género: mainstreaming de género nos projectos de investimento público, 2016.</p> <p>Consultor do Ministério do Planeamento e do Desenvolvimento Territorial da Republica de Angola para a área da igualdade de género e relações sociais de género: mainstreaming de género nos projectos de investimento público, 2016.</p> <p>2015</p> <p>Perito convidado - The European research network on prostitution (COST Action ProsPol), Work Group 3: Sex Money & Society, Porto.</p>
Consultoria científica nacional	<p>2017</p> <p>Consultor para a elaboração da Estratégia Nacional para a Igualdade de Género (ENIG), CIG / SECI.</p> <p>Perito ouvido (com Anália Torres) pelo Grupo de Trabalho da 10.ª Comissão Parlamentar – Assédio no Local de Trabalho, na Assembleia da República, a 27 de abril de 2017.</p>
<p>Atividade de transferência de conhecimento e de promoção de cultura científica</p>	<p>2019</p>

Participação no Programa Opinião Pública SIC Notícias sobre assédio moral no trabalho

2018

Participação programa Rádio Renascença – debate sobre a nova lei do assédio trabalho

Participação programa Rádio Renascença/FFMS – lançamento do livro: Torres, Anália, Paula Campos Pinto, Dália Costa, Bernardo Coelho, Diana Maciel, Tânia Reigadinha, Ellen Theodoro (2018), Igualdade de Género ao Longo da Vida: Portugal no Contexto Europeu, Lisboa: FFMS

PodCast jornal Público sobre o estudo ‘Igualdade de género ao longo da vida’, com Anália Torres e Diana Maciel.

2017

Entrevista no Programa 360 da RTP 3 sobre assédio moral e sexual no trabalho

Entrevista na SIC Notícias sobre assédio moral e sexual no trabalho

2016

“Policy Brief - Assédio Sexual e Moral no Local de Trabalho em Portugal”, co-autor com Anália Torres, Dália Costa, Helena Sant’Ana e Isabel Sousa, Lisboa: CITE, CIEG/ISCSP-ULisboa

2015

Artigo de opinião na Revista Cais, “Legalização da prostituição, sim ou não?”

2013

Comunicação na conferência organizada pela Associação Corações com Coroa: Como se esconde a desigualdade em Portugal, Out. 2013: Lisboa.

Participação na Universidade Feminista organizada pela UMAR (ONG): sessão de dedica da ao tema da prostituição e trabalho sexual, UMAR, Abr. 2013: Lisboa

2012

‘Workshop para especialistas: Por onde passa a Igualdade de Género e o Trabalho Não Pago’, in Universidade Feminista organizada pela UMAR (ONG), Lisboa.

2010-2012

Actividades a acções de disseminação e knowledge transfer no do projecto internacional Workcare Synergies, financiado pelo FP7 da Comissão Europeia.

Nomeadamente:

- i. tradução de resultados de pesquisa e adequação da sua linguagem ao público em geral e a públicos específicos (media, decisores políticos, empresários, organizações patronais, sindicatos, organizações não-governamentais, etc.);
- ii. produção de videos e pequenos de disseminação de resultados de

- pesquisa;
- iii. organização de encontros e seminários de debate e transferência de conhecimento,
- iv. produção de site específico para disseminação de resultados e transferência de conhecimento.

2008

“Prostitutas acompanhantes e homens acompanhados”, Jornal Meia Hora, 21/04/2008

“Vem experimentar a sociologia”, Semana da Ciência e da Tecnologia, Dia Nacional da Cultura Científica, CIES-ISCTE.

Ocupação Científica dos Jovens nas Férias, CIES-ISCTE.

2007

“Vem experimentar a sociologia”, Semana da Ciência e da Tecnologia, Dia Nacional da Cultura Científica, CIES-ISCTE.

Ocupação Científica dos Jovens nas Férias, CIES-ISCTE.

Informação adicional

(Conhecimentos de informática)

Bons conhecimentos na óptica do utilizador de diversas aplicações, em particular Excel, Word, Powerpoint, MaxQda e SPSS.

(Conhecimentos de líguas estrangeiras)

Bom domínio oral e escrito das líguas: inglesa, norueguesa e francesa